This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

HW 3AAW H

OBRAS

DE

ARNALDO GAMA

UM MOTIM HA CEM ANNOS

Nº 627
60$000
Ram
João Amorim Bravo
Porto 26/1/919

OBRAS DE ARNALDO GAMA

I

UM MOTIM HA CEM ANNOS

Obras de Arnaldo Gama

I — Um motim ha 100 annos, 1 volume.

A SEGUIR:

O segredo do Abbade, 1 volume.
A ultima dona de S. Nicolau, 1 volume.
O Bailio de Leça, 1 volume.

Arnaldo Gama

ARNALDO GAMA

Um motim
A CEM ANNOS

(CHRONICA PORTUENSE DO SECULO XVIII)

3.ª EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1896

KE15952

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY

LISBOA
Typographia e Stereotypia Moderna
11 — Apostolos — 11
1896

UM MOTIM HA CEM ANNOS

INTRODUCÇÃO

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Vir-me-ão ver os meus amigos,
Ao sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos;
E depois dos mezes mil,
Quiçaes que inda dirá alguem,
Olhando este meu covil,
Por aqui cantava Gil
Sem queixia de ninguem.

SÁ DE MIRANDA, ECLOGA VIII.

O MEU amigo Gonçalo Antunes é um antiquario de primeira plana; se não fôra ter medo de assanhar por ahi alguma summidade injustamente desconhecida, chamava-lhe, decerto, principe dos antiquarios.

Grandes desejos me abafam, em verdade, de o apresentar ao leitor com todas as honras de uma descripção minuciosa; não o farei, porém, porque além de saber ao certo quanta desconsolação receberia aquelle bom homem de vêr-se desentranhado de todo para fóra da sua deliciosa e pacifica obscuridade; accresce mais que Gonçalo Antunes é um d'esses vultos, de quem se póde dizer, com o illustre Ariosto,

Che'l sciocco vulgo non gli vuol dar fede,
Se non le vede e tocca chiare e pianne. (*)

e, por conseguinte, é, quanto a mim, indescriptivel.

O meu amigo antiquario é typo tão original, que passa as raias do possivel. Uma pintura, portanto, mediocre, um retrato que não tocasse a perfeição a ponto de o apresentar diante dos olhos do publico, em tão fundo e alto relevo, que affigurasse um ente de carne e osso, que se vê, e que se apalpa, seria vã e inutil para o fim para que se fizesse. Com os olhos n'ella, o leitor não acreditaria decerto na existencia da personalidade de Gonçalo Antunes; e desgraçadamente Gonçalo Antunes é tal que estou em asseverar que não ha ahi alguem tão ousado, que, conhecendo-o, se atreva a emprehender-lhe o retrato com a consciencia de que o ha de acabar com todas aquellas condiçoens, que são necessarias para o publico acreditar na existencia do modêlo. Pelo menos, de mim sei de certo que nunca o tentarei, pelo muito poderoso motivo de que me não sinto Homero sufficiente para tamanho Achilles.

Isto, porém, não é razão que possa dar-se para baldar ao leitor o direito que tem a saber os motivos, porque, sem mais nem mais e assim á queima-roupa, o disparo sobre o publico com o pomposo titulo de principe dos antiquarios. D'este ponto não me esquivo, nem posso nem devo esquivar-me. É á profunda erudição do meu amigo e ás suas vigorosas investigaçoens historicas, que devo a vida intima da minha narrativa; e, por isso, é preciso que diga ao leitor a razão, porque acreditei tão implicitamente, e quero que elle acredite de olhos fechados, n'esta authoridade até hoje desconhecida.

Os titulos de Gonçalo Antunes á dignidade de principe dos antiquarios são inquestionaveis. É profundamente erudito em chronicas, em lendas, em pergaminhos, e em historias em gothico; e é possui-

(*) ARIOSTO. Orl. fur. Canto VII, est. I.

dor d'uma bibliotheca riquissima de primeiras ediçoens e d'um museu copiosissimo de raras e curiosas velharias. Se isto não é ser principe dos antiquarios, declaro francamente que não sei quem o seja.

Gonçalo Antunes tem lido todos os famosos escriptores de archeologia. Desde Beroso até Cassaneu conhece-os todos, exceptuando unicamente o *inter magnos* famigerado Laimundo, conhecido com tanto proveito publico pelo não menos douto frei Bernardo de Brito. Laimundo é o sonho mau do meu amigo antiquario, que sente incompleta a sua vasta erudição em consequencia de lacuna tão essencial. Antunes tem feito todos os esforços humanamente possiveis para haver á mão a preciosidade, que deliciou a imaginação do talentoso monge de Alcobaça. Debalde, porém: Laimundo continua a teimar em não se deixar vêr de segundo depois do imaginoso bernardo. Apesar d'isso, o meu amigo não desesperou ainda de, mais cedo ou mais tarde, lhe pôr os olhos em cima.

A bibliotheca do antiquario é um prodigio de livros rarissimos e de primeiras ediçoens dos nossos classicos. Tem-lhe ficado a peso de oiro, mas tem-n'as nas estantes, para desdoiro eterno dos ignaros, que se contentam com as segundas, as quaes, apesar de conterem toda a materia das primeiras, são de pouco valor por já não terem os erros da *princeps*, e por serem muitas vezes revistas pelo author. D'estas preciosidades notarei, para consolação e edificação dos amadores, as obras seguintes:—Uma collecção completa dos primeiros Elzeviros; a biblia latina, chamada *a das quarenta e duas linhas*, publicada em Strasburgo, em 1450, por Guttemberg e Fust: um exemplar da *Vita Christi* de frei Bernardo de Alcobaça; outro perfeitissimo do *Cancioneiro* de Rezende; e, sobretudo, uma *Camoniana* completa, pela qual deu nada menos que 800$000 réis. Além d'estas obras, tem milhares de livros em gothico, que basta pôr os olhos na letra para um homem ficar de boca aberta; e tambem outras obras mais re-

centes, mas estimadissimas pela sua raridade, como, por exemplo, a *Arithmetica* de Antonio Garrido, pela qual deu trinta moedas sem mesmo engulir em sêcco, com receio de que o tempo preciso para isso, fosse aproveitado por algum outro amador para lhe bifar a preciosidade. — «O livro não vale trinta réis — disse-me elle, mostrando-m'o — mas, emfim, é raro.»

De museu possue a mais bella collecção, que espero vêr em dias de vida. Dizer tudo o que elle me tem lá mostrado, cento e uma vez e peça por peça, seria um nunca findar. Para que o leitor dê o apreço devido áquelle amontoado de preciosidades, basta que lhe diga que Gonçalo Antunes é senhor do punho da espada, com que se matou Mithridates, objecto por que deu duzentas libras a um bulfarinheiro italiano. Ao mesmo comprou, tambem por grande preço, a taboleta d'um *prostibulum* de Pompea; umas arrecadas de Cleopatra; e um burzeguim de Julio Cezar, o qual, segundo o mencionado italiano, esqueceu ao famoso conquistador na alcova da bella filha dos Ptolemeus, quando a visitou em Alexandria. Mais modernos, possue o copo de chifre por onde bebia o papa S. Damaso; o cinto da espada de Godofredo de Bulhoens; a sobrepelliz, de que usava D. Affonso Henriques para cantar no côro com os frades de Santa Cruz; um par de botas de Henrique VIII de Inglaterra; um dito de ceroulas de D. João IV, e, emfim, outras muitas curiosidades dignissimas de figurar no museu de tão grande admirador de antiguidades. Merece tambem menção especial o esqueleto do cavallo, em que montava André de Albuquerque na batalha das linhas de Elvas, e o craneo e o fémur direito d'um alentado rafeiro, que acompanhou Vasco da Gama na descoberta da India.

O medalheiro é um prodigio. Possue batalhoens e batalhoens de moedas de todas as qualidades, de todas as naçoens e de todas as épocas, desde Adão até nós. Possue até o unico especimen que existe, segundo elle diz, da famosa moeda de sola, cuja exis-

tencia tem sido redondamente negada por secribleros ignorantes e audaciosos. O sobredito especimen é um bocado de coiro carcomido e com certos vestigios de impressão, que são, na opinião d'elle, os signaes do lemma e do emblema da moeda. Dizendo isto, creio ter dito tudo para que o leitor dê o apreço devido a tão rico e copioso medalheiro.

Tal é a erudição, a bibliotheca, o museu e o medalheiro do meu amigo Gonçalo Antunes. Persuado-me que á vista de tudo isto o leitor não poderá pôr em duvida o direito, que elle tem, ao titulo que lhe dei de principe dos antiquarios, e não se recusará a acredital-o com tanta fé cega e cerrada, como eu o acreditei. Quem possue tantas e tão raras e preciosas coisas antigas, é incontestavelmente um evangelho de antiguidades.

Gonçalo Antunes habita, ha dous annos, no hospital da ordem do Carmo, a favor da qual já fez testamento de cabedaes mais que medianos, e onde, mediante certa prestação annual, tem duas boas salas, meza, cama e roupa lavada. Talvez que alguns mal intencionados queiram tirar d'aqui argumento contra a authoridade do meu amigo. Enganam-se, porém; esta é mais uma prova de bom senso e de juizo maduro. Gonçalo Antunes resolveu recolher-se ao Carmo por duas rasoens:—primeiro, para livrar-se da praga dos parentes e dos carinhos, consequencias das esperanças de uma avultada herança; segundo, para se esquivar totalmente ao incommodo de pensar no que havia de comer, no que havia de vestir, no arranjo da casa, em tudo aquillo, emfim, que amesquinha todo o homem que, diz elle, não nasceu para mordomo, mas para antiquario.

Eu costumo visital-o frequentes vezes, e é de uma d'essas visitas que vou fallar ao leitor, porque foi ella quem me fez emprehender a historia que mais adiante ha-de lêr.

Aqui ha mezes fui vel-o, segundo o costume. Depois de subir umas poucas de escadas e de atravessar umas poucas de salas, cheguei, por fim

áquella que serve de bibliotheca, de museu e de medalheiro ao antiquario. É de saber que o meu amigo não tem estas coisas como toda a gente costuma têl-as. Os livros tem-n'os, parte em saccos encostados ás paredes, e parte a granel sobre as cadeiras. Os objectos de museu estão, uns pendurados pela parede, outros espalhados aqui e acolá, pelo chão, sobre os livros, sobre as cadeiras e sobre uma commoda de pau preto com columnellos e lavrados que annunciam o luxo faustuoso dos meados do seculo XVII; as moedas sobre uma meza de pinho por pintar, outras debaixo d'ella em saccos e cartuxos e algumas soltas até. Aqui está pendurado da parede o craneo e o fémur do cão de Vasco da Gama, e ali, junto da janella e com o focinho a sahir por um vidro quebrado fóra, o esqueleto do cavallo de André de Albuquerque; acolá estão dous arcabuzes do seculo XVI; mais alem não sei quantos alfanjes mouriscos; mais cá um montante; mais lá um estoque de armas, lanças, escudos, arnezes, braçaes, grevas, laudeis, morrioens, bacinetes, etc., etc. E tudo isto coberto por uma espessa camada de pó, que tem ido engrossando desde o tempo, em que Gonçalo Antunes recolheu ao Carmo. Diga-se, porém, em abono dos serventuarios da casa, que, se este pó existe, não é por descuido nem incuria d'elles, mas porque o antiquario, com receio de que lhe perturbem a ordem das suas preciosidades, não consente que lhe varram o quarto, e elle é incapaz de o varrer ou sequer de comprehender a inconveniencia de aquelle sujo estado de coisas.

Atravessei com toda a cautella por entre este preciosissimo chaos, porque a não fazel-o assim arriscava-me a levantar tal nebrina de pó, que me cegaria para todos os dias da vida. Depois empurrei sem ceremonia a porta que se vê ao fundo da sala, e entrei na immediata que serve de quarto de dormir, de sala de jantar e de gabinete de estudo do antiquario. É um vasto repartimento quasi quadrado. Ao fundo, a um canto, vê-se uma antiga cama de

pau preto, de finas columnas modeladas em espiral, sobre as quaes poisa um sobreceu rematado por uma corôa ducal; a cabeceira é lavrada em relevo e com embutidos de prata. Segundo Gonçalo Antunes, esta cama pertenceu á casa de Aveiro. Ahi junto está uma grande arca de pau brazil, fimbrado de buxo affeiçoado em ondulaçoens, e a tampa lavrada em arabescos. Do mesmo lado, porém mais chegado á janella, está espetado na parede um prego de cinco réis, do qual pende por um bocado de barbante um triste espelho de pataco, collocado a tal altura que, nem em bicos de pés, pude nunca ageitar a elle o cabello. Defronte está uma grande meza de castanho com os cantos carcomidos e toda ella fundamente arranhada pelo caruncho; os pés, grosseiramente fabricados, fingem globos sobrepostos uns aos outros. As cadeiras são de varias ediçoens mais ou menos antigas.

A esta meza estava sentado o antiquario n'uma velha poltrona de braços, feita de nogueira e forrada de coiro da Bohemia, com relevos doirados e cravado por botoens de metal amarello. Gonçalo Antunes tinha na cabeça um barrete de seda verdegaio, que lhe tapava as orelhas, e do alto do qual descia pelas costas abaixo um longo rabicho, em que se enfiavam symetricamente, de espaço a espaço, pequenas borlas escarlates de sêda avelutada. Tinha vestida uma tunica de chita e nos pés uns sapatos de marroquim vermelho. Segundo elle diz, a cadeira pertenceu ao famoso João Pinto Ribeiro; sobre a meza decidiu Colombo o espirituoso problema do ovo; e o grande tinteiro de prata, que sobre ella estava, adornado de quatro pennas de pato, cuja rama de um branco sujo denunciava o indecoroso comportamento das moscas, serviu ao marechal de Berwick para participar a victoria do Almanza.

Gonçalo Antunes estava todo curvado sobre uma folha de papel cartão, na qual rabiscava com um lapis. Era tal a attenção, que prestava ao trabalho, que cheguei perto d'elle sem que désse conta de mim,

apesar de todo o barulho que fiz para lhe annunciar que chegava. Lancei então os olhos para o papel, em que desenhava, e, pelos rabiscos, conheci que era uma planta topographica, pertencente a uma grande collecção de mappas, em que o meu amigo trabalha ha mais de oito mezes, com o fim de demarcar precisamente as differentes transformaçoens materiaes do Porto desde a época provavel da sua fundação até nós. Depois de observar por alguns minutos aquelles embelecos, toquei levemente no hombro do seu author.

O antiquario encolheu-se como sensitiva, e deixou cahir da mão o lapis, com que rabiscava. Depois voltou-se, e fitou-me uns olhos, que demonstravam cabalmente o desprazer, que lhe causava aquella surpreza, exercida de sobresalto sobre a sua delicada constituição nervosa.

—Peço-lhe perdão, meu caro senhor Antunes —disse-lhe eu, desculpando-me—mas o creado deixou-me á porta da sua bibliotheca e, apesar do ruido que fiz, não pude despertar-lhe a attenção.

—Estou trabalhando nas minhas cartas topographicas do Porto—respondeu elle, satisfeito de ter com quem communicar mais uma vez a existencia d'aquelle seu trabalho querido.

—Ah! sim. E a que época pertence essa?—perguntei, dando á voz toda a expressão de amador, que me foi possivel arranjar.

—Mil setecentos e cincoenta e sete—replicou elle laconicamente.

—Mil setecentos e cincoenta e sete—tornei eu sem perceber palavra, mas ancioso por lhe adivinhar a ideia, porque desejava não lhe dar nem o mais leve motivo de desgosto. Mil setecentos e cincoenta e sete! Mas, se bem me recordo, snr. Antunes, todas as suas cartas são adaptadas a épocas e não a annos.

—Mil setecentos e cincoenta e sete—replicou elle—vale uma época, e por isso merece uma carta especial.

Fiquei sem saber o que havia de dizer, e elle, depois de esperar alguns minutos, a ver se eu dizia alguma coisa, continuou:

— Mil setecentos e cincoenta e sete é anno memoravel para o Porto; é anno digno de ser notado com pedra preta para escarmento de precipitaçoens inconsideradas, e de confianças imprudentes.

> Quæque sequenda forent, et quæ vitanda vicissim,
> Illa prius creta, mox haec carbone notasti. (1)

como diz Persio. Foi n'esse anno que o marquez de Pombal, que ainda não era então mais que Sebastião José de Carvalho e Mello, ministro de el-rei D. José, mandou fazer n'esta cidade a carnificina atroz, com que puniu, como alevantamento formal, o ridiculo motim, que *falso nomine* chrismaram depois — *Revolução contra a Companhia dos Vinhos do Alto Douro.*

— Porém, sr. Antunes...

O antiquario franziu gravemente as sobrancelhas, fez com a mão o meneio de quem impõe silencio a um ignorante, e continuou:

— N'esse anno foi que Sebastião José de Carvalho, concitado pelas falsas informaçoens, que lhe deu um malvado ambicioso, mandou ao Porto a famosa alçada que sentenciou atrocidades, que cobriram de horror e de luto toda a cidade. No primeiro repellão foram encarceradas quatrocentas e setenta e oito pessoas, das quaes escaparam ao rigor da alçada apenas duzentas e onze. As outras, em numero de duzentas e sessenta e sete, todas soffreram mais ou menos. Foi uma atrocidade como nunca se viu! A alçada condemnou a morrer na forca vinte e um homens e cinco mulheres; e effectivamente foram enforcadas dezesete pessoas, e só estas, porque oito homens tinham d'ante mão fugido, e uma das mulheres foi alliviada por então do rigor

(1) Persio, Satyra v. 105.

da sentença, porque se achava gravida. Todos os outros foram condemnados a degredo, a confiscação e a açoites. Até nem as crianças escaparam! Nada menos de dezesete foram condemnadas a differentes castigos. E isto para que? Para castigar um verdadeiro arruido de feira, uma algazarra de mulheres e de crianças, concitadas pelas ideias asnaticas de meia duzia de alarves! Nunca tal se viu! E' facto unico na historia. [1]

O antiquario calou-se como recolhendo-se na intima meditação d'aquelle acontecimento funesto, e assim ficou alguns minutos em silencio e com os olhos pregados em mim. Como vi que não se resolvia a continuar, entendi que era dever meu dizer alguma coisa.

—Coisas do marquez de Pombal—disse, pois, para fallar.—Dizem que D. João V, quando fallava d'elle, costumava dizer que Sebastião José de Carvalho *tinha pellos no coração*. D. João V tinha razão; esses factos e outros similhantes são a prova incontestavel d'aquellas palavras do rei. Sebastião José de Carvalho é entre nós o symbolo da tyrannia feroz. A historia do mundo antigo commemora...

—Silencio, senhor! O marquez de Pombal foi um grande homem—bradou aqui o antiquario com os olhos arregalados, e interrompendo desagradavelmente o fio de muitas coisas eruditas, que eu tencionava allegar, tiradas da historia antiga—Sebastião José de Carvalho foi um grande estadista, um grande reformador e um grande talento administrativo. Se Portugal ainda existe, agradeçamol-o á memoria d'elle, que o sustou com mão de ferro á beira do abysmo, para onde o tinham ido empurrando pouco e pouco, primeiro o descuido vanglorioso dos nossos tempos de grandeza, depois as guerras inuteis e impoliticas, e por ultimo a mocidade dissipadora do rei de Mafra e a sua não menos perigosa velhice fanatica. O marquez de Pom-

[1] Vid. Nota 1, no fim do volume.

bal foi um grande homem, repito—continuou Gonçalo Antunes, com os olhos cada vez mais accendidos e trovejando cada vez mais.—Foi elle quem abriu as portas á civilisação portugueza, esmagando a inquisição e os jesuitas; foi elle que restaurou as sciencias e as letras; foi elle que deu forças ao commercio para estender as azas por horisontes esperançosos e vastos; foi elle que implantou entre nós a industria; foi elle que deu vida á nossa agricultura que vivia até ahi vida miseravel e rachitica; foi elle, emfim, o unico homem, desde que deixamos de ser a primeira nação maritima do mundo, que obrigou a Europa a olhar-nos com respeito e com veneração. O marquez de Pombal foi severo e cruel; mas se o não fôra, nunca podéra fazer o que fez, porque os seus inimigos eram poderosos e tenazes, e porque tinha a luctar contra o obscurantismo e os interesses particulares, que o fomentavam, e que estavam tão arreigados no solo portuguez, que era impossivel suffocar-lhes as forças, sem lhes deitar bem fundo o machado ás raizes. O marquez de Pombal era homem e, por isso, sujeito a errar; mas ninguem reparava mais lealmente os seus erros, ninguem fazia justiça mais inteira, ninguem era mais portuguez do que elle era.

O antiquario parou esfalfado, e depois d'um minuto de pausa, continuou:

--E' verdade que foi com assenso d'elle que em 1757 se praticaram no Porto as atrocidades da alçada; mas se as consentiu, foi porque o enganaram, foi porque o illudiram. O marquez de Pombal era cioso da authoridade absoluta do rei, porque d'ella dependia a realisação das suas grandes reformas, porque era o meio que tinha para suffocar os obstaculos, que todos os grandes reformadores encontram diante de si. Queria, portanto, que a respeitassem com cega obediencia, com veneração como de coisa quasi sagrada. Para aquelle homem o *posso e quero* d'el-rei era indiscutivel. A palavra que sahia d'aquella bôca, que elle proclamava infallivel e se-

nhora essencialmente absoluta, todas as vontades se deviam curvar, todo o livre arbitrio se devia arrastar pelo chão. O mais leve signal de duvida era desacato imperdoavel. Que queria, pois, que fizesse um homem assim, quando lhe pintaram o motim da plebe do Porto como revolução em fórma, como demonstração de rebeldia tão altanada e tão sôlta, que ousára até ameaçar a propria authoridade real, o idolo sacrosanto e intangivel do pensamento politico do marquez de Pombal? Foi verdadeiro abuso de confiança, verdadeira traição que commetteram contra elle. O crime não ficou, porém, impunido: o miseravel que ousou sacrificar á sua ambição desmarcada os mais sagrados deveres da humanidade, e que se atreveu a conspurcar os annaes de el-rei D. José e a memoria do seu grande ministro, teve o castigo digno da infamia que commetteu, e digno, sobretudo, de justiça severa, mas inteira, de Sebastião José de Carvalho. Isto é o que pouca gente sabe, é o que a maior parte ignora.

—Nem todos teem a sua erudição, meu caro snr. Antunes—disse eu, aproveitando o ensejo de o pacificar e dispôr a meu favor.

As feiçoens do antiquario desenevoaram-se, e espaireceram n'um sorriso d'amor proprio satisfeito.

—Sabe o que eu estava pensando quando entrou?—disse-me, por fim.—Ao traçar sobre esta carta o estado topographico do Porto em 1757, passava-me pela imaginação tudo o que aconteceu dentro d'estes muros n'aquella occasião memoravel. Ao mesmo tempo malucava commigo mesmo o desejo de vêr passar para letra redonda aquelle acontecimento importante, não como foi officialmente publicado, mas como na realidade aconteceu.

—Então porque o não escreve?

—Eu! Sabe muito bem que não estou habituado a escrever. Demais eu não o queria narrado no estylo sevéro e sêco, em que se escreve a historia; queria-o de maneira que todos o lêssem, que instruisse deleitando, *utile dulci*; uma coisa assim a

modo de novella, de conto, de romance. Queria... queria uma novella, um romance historico, que toda a gente lêsse, que toda a gente quizesse lêr; porque emfim, meu caro amigo, estou convencido que a maneira de ensinar a historia áquelles que não se applicam aos livros, áquelles cuja profissão os arréda de poder fazer estudos sérios e seguidos, é o romanceal-a, dialogando-a, e dando vida á época, dando vida aos personagens, dando vida ás localidades; mas a vida que lhes é propria, a vida da época, resuscitando-a no estylo da conversação, nos usos e costumes, nos trajes, nas ideias e nas localidades. Isto torna a historia interessante e amêna, despe-a d'aquella severidade grandiosa, mas fria e veneranda, que a affigura estatua magestosa de velho imperio que morreu—o que é por si só motivo bastante para arredar todos os que não são litteratos, de junto da tribuna, d'onde ella ensina as multidoens. É, pois, uma novella o que eu scismava, é no estylo d'ellas que eu desejava vêr historiado o motim da Companhia... E sabe que mais?—continuou, interrompendo-se—lembrei-me de si para isso.

—De mim! Porém, meu caro snr. Gonçalo Antunes, para isso é preciso conhecer bem a época, é preciso ter conhecimentos historicos, a que estou de todo baldo...

—E então não estou eu aqui?—interrompeu o antiquario com ares de enfadado.

—Pois sim—acudi eu—mas é que a sua cabeça não é a minha. Não tenho os seus conhecimentos archeologicos, nem paciencia para me pôr agora a estudar antiguidades.

O antiquario empertigou-se levemente, e deixou vêr um sorriso de satisfação.

—Olhe, meu caro amigo—disse, por fim—se não emprehende a obra por falta de vontade, mas por não ter tintas na palheta para colorir o quadro convenientemente, prepare a téla e os pinceis, que das côres encarrego-me eu. Em duas palavras digo-lhe tudo o que precisa saber para escrever o roman-

ce, e para que os leitores o entendam. Ora chegue-se para cá.

Cheguei a cadeira para junto d'elle.

Gonçalo Antunes metteu os dedos uns pelos outros, aprumou o pescoço, recostou-se para traz, e fitou-me distrahido.

—Sabe que mais?—disse por fim—estou tão farto de ouvir dizer ignorancias ácerca do antigo Porto, que já quasi arrevéço de nojo, quando mais alguma me cae, porventura, debaixo da vista. O Porto dos tres seculos XVI, XVII e XVIII não era, em verdade, o Porto de hoje; mas parecia-se muito mais com elle do que com essa coisa de capote de camellão, rabona de briche e chinellos de bezerro branco, em que por ahi o leio mascarado pela imaginação dos que... dos que escrevem historia por sua conta. Olhe que, sobretudo, depois do meado do seculo XVII, o Porto andou sempre a par com a civilisação portugueza da época. Aqui havia em alta escala o que modernamente se chama *sociedade*. O luxo era grande, não só na classe nobre, mas, e ainda mais que n'ella, na burguezia, na classe commercial e até na gente popular. Os passatempos, os bailes e as partidas eram frequentes; os passeios para o campo vulgarissimos, e as festas pelo rio acima, que desde os fins do seculo XVII se começaram a chamar *furias do rio*, nome totalmente ignorado hoje, eram habituaes. Aqui vivia-se commodamente: havia franqueza, convivencia e sociabilidade. As casas não eram tócas, nem covis, eram casas; os homens não eram gatos bravos, eram homens. Este era o Porto em geral; particularmente considerado, havia muito homem, assim como os ha hoje, aqui e em toda a parte, que não nasceu para homem, mas para bicho; muita familia que não nasceu para a sociedade, mas para o deserto, para a tóca, para o covil. Este era o antigo Porto, meu caro, e não o que por ahi se tem dito d'elle. Consulte os contemporaneos e remexa no archivo da camara em busca das leis sumptuarias, que se fize-

ram privativamente para restringir o luxo portuense; e verá que a vida, que se vivia no Porto, era tal que foi com rasão que no seculo passado o author do *Estado presente de Portugal* disse estas poucas palavras—*vive-se no Porto com muito mais gosto e commodidade que em Lisboa.*—Este era o antigo Porto, torno a dizer, e não isso que por ahi ignorantes dizem que era. Ai, Deus de minha alma, que de toleimas e alarvidades se teem escripto a respeito d'esta pobre terra! Até o senhor n'aquelle seu livro chamado o *Genio do Mal,* no principio do capitulo que tracta do *Café Pepino,* disse baboseiras que, reduzidas a madeira, davam lenha para queimar um milhão de judeus. Tenha paciencia—accrescentou o antiquario, vendo-me encolher debaixo da saraivada—mas esta é a pura verdade, e como diz Sophocles, na traducção de João Lalemant, folhas *mihi* 185—continuou, fechando os olhos e em voz de veneração religiosa—na preciosa edição mandada fazer em Pariz, em 1557, por Miguel Vascosano, *via jácobea, ad insigne fontis,* e impressa pelo celebre Simão de Colines, como o demonstra a vinheta do frontespicio, que representa o Tempo com pés de fauno, nas mãos uma foice de cabo esgalhado, e pela bôca fóra a sahir-lhe uma grande fita com o ditado *Hanc aciem sola retundit virtus*, vinheta que servia de marca a todos os livros sahidos da sua typografia... Digo esta é a pura verdade—e aqui abriu os olhos, e fallou naturalmente—e, como diz Sophocles na dita preciosa traducção,

> Simplicissima semper et rectissima
> Veritas fuit..... [1]

---

[1] Sophoclis, tragicorum veterum facile principis, tragœdiæ, quotquot extant, septem. Ajax, Electra, Œdipus Tyrannus, Antigone *(d'esta é a citação do antiquario)* Œdipus in Colono, Trachiniæ, Philoctetes. Nunc primum latinæ factæ, et in lucem emissæ per Joannem Lalamantium apud Augustudunum Heduorum Medicum, Lutetiæ, apud Michaelem Vascosanum, via Jacobea, ad insigne Fontis. M. D. LVII. Cum privilegio regis.

E eu cá digo sempre o que sinto e o que me parece verdade, sem attender a conveniencias. O pau é pau e a pedra é pedra. Quando digo a verdade pouco me importa offender os que me ouvem, se porventura, o rigor d'ella os alcança. Em relação a mim se poderá dizer que

> Em poucas bôcas as verdades cabem,
> Terão ás vezes a culpa os ouvidos. [1]

Esta trovoada de citaçoens que, pelo tom em que o antiquario as dizia, ameaçava continuar, trouxe-me aos labios um sorriso de escarneo que me vingou d'elle amplamente. Ao vêl-o, Gonçalo Antunes córou, parou de repente, tossiu, e mudou de conversa.

—Mas vamos ao que serve—continuou, cortando abruptamente a declamação—encarrega-se ou não do romance?

—Porém, meu amigo, já lhe disse...

—Não tem que dizer; forneço-lhe tudo o que precisa para escrever conscienciosamente a parte historica do livro.

—N'esse caso... visto querer... para o obsequiar...

—Muito bem, muito bem... Muito obrigado—retrucou o antiquario, esfregando as mãos.—Ora chegue-se mais para cá.

Eu estava chegado o mais que podia, mas fiz com a cadeira menção de approximar-me.

Gonçalo Antunes fitou os olhos primeiro na mappa, depois em mim, e continuou em seguida:

—Eu não quero preleccionar-lhe sobre a historia completa do Porto. Não vem a pêlo aqui, e mesmo, para o fazer, seriam precisos muitos dias, e fallar materia para encher uns poucos de volumes. O que pretendo é dar-lhe os esclarecimentos indispensaveis para escrever o romance, que me prometteu.

---

[1] ANT. FERREIRA, Liv. II. Carta 2.

Para isso precisa de tres coisas—primeiro, conhecer topographicamente o Porto de 1757, n'aquellas localidades, por onde o seu trabalho tem de caminhar; segundo, os costumes e usos dos portuenses d'essa época; e terceiro, a verdade dos factos, que hão-de ser a base do enredo da novella. Ora vamos a isto; comecemos pelo primeiro ponto.

Gonçalo Antunes parou um momento, e depois continuou, apontando para uma linha mais negra e mais larga que se via desenhada no mappa:

—Vê aqui esta linha escura, que affigura polygono irregularissimo, dentro do qual estão desenhadas casas, torres, egrejas, etc., etc.? São os muros do Porto.

—Os muros do Porto!—balbuciei eu, olhando o risco apontado.

—Sim, os muros do Porto; não os muros primitivos, mas os muros principiados por Affonso IV, continuados por Pedro I, e acabados por seu filho el-rei Fernando. Afóra algumas portas, que se abriram posteriormente, a obra dos fundadores está ainda de pé, e tal qual elles a edificaram. O demolimento da muralha principiou muitos annos depois, começou verdadeiramente nos principios d'este seculo. Sigamos, portanto, a obra no estado em que ella se achava em 1757. Tomemos um ponto de partida. Seja este. Aqui está a rua de Cima de Villa, tortuosa e estreita como todas as ruas das povoaçoens da idade média, sobretudo aquellas que desembocavam nas portas das terras afortalesadas. O antigo systema de defeza assim o exigia. A rua de Cima de Villa attesta pelo aspecto a sua antiguidade. Para traz d'ella fica a velha cidade dos bispos e dos villoens, mais tarde infançoens da afidalgada behetria do Porto. Se Deus me der vida e saude, ainda espero explicar-lhe mais detidamente este ponto curiosissimo da historia portuense, com o fim, já se vê, de o obrigar a escrever outras novellas sobre a historia da nossa, em todas as épocas, patriotica cidade. A rua de Cima de Villa tem, pois, na rectaguarda a

cidade velha, e na frente a praça da Batalha, que, pelo aspecto moderno e maior regularidade que as ruas apresentam d'ahi por diante, attesta evidentemente que o que hoje fórma a maior e a melhor parte da cidade, era, no tempo de Fernando I, um grande despovoado, gravemente accidentado, onde existiam apenas uma ou outra capella, uma ou outra choupana, habitada por quem não tinha que perder, e que, por isso, escusava de viver ao abrigo da muralha.

No logar, onde a velha rua desemboca na praça moderna, havia tres portas e sobre ellas uma grande torre quadrada. Chamavam-se a torre e as portas de Cima de Villa ou da Batalha. D'uma d'ellas descia em outros tempos a ponte levadiça, que dava passagem sobre o fosso ou cava, como então se chamava vulgarmente. Em 1757 já nenhuns signaes havia d'estas coisas. D'ahi, seguindo pela esquerda das portas, principiava a muralha a descer a montanha, sobre que ficava quasi a prumo, pela calçada da Thereza abaixo, hoje rua da Madeira — nome pomposo que lhe deram, depois que se abriu a rua de Santo Antonio, e as trazeiras das casas do lado sul d'esta rua formaram, com a muralha que lhes fica fronteira, o bêco tortuoso e escorregadio, que ainda hoje se vê. A calçada da Thereza é tambem de época posterior ás muralhas. Póde dizer-se que appareceu, quando o aperfeiçoamento da arte da guerra, desauthorisando a utilidade dos muros, que cercavam as grandes cidades, deixou entulhar a cava, fundar casas pegadas aos muros, e inspirou, em 1518, a el-rei D. Manoel, a ideia de aproveitar a velha muralha de Fernando I para paredão da cêrca do convento das freiras benedictinas, que junto d'ella mandou então fundar. Na aba do monte a pequena distancia da calçada da Thereza, a muralha tinha outra porta, chamada a porta dos Carros. Foi aberta no reinado de D. Manoel, em 1521, pelo corregedor Antonio Correia, que a fez abrir mesmo em frente da porta d'uma pequena capella de Santo Antonio,

sobre a qual os congregados de S. Fillipe Nery levantaram, em 1680, o seu convento. Antonio Correia abriu esta porta para dar sahida á rua das Flores, tambem obra sua, e por elle aberta sobre o estreito bêco que do largo de S. Domingos conduzia pelas trazeiras do hospital de Santa Maria de Rocamador, até á rua dos Caldeireiros, então continuação da rua do Souto, e d'ahi até á porta de Santo Eloy, a segunda que havia na muralha, antes da abertura da dos Carros, a contar da torre de Cima de Villa para baixo. Da porta dos Carros a muralha seguia pelo lado sul da praça nova das Hortas, actualmente praça de D. Pedro, pela localidade onde, nos principios d'este seculo, os frades de Santo Eloy levantaram a magnifica fachada do seu convento, que é hoje o bello edificio, propriedade da viuva Cardoso. Este convento estava ainda em 1757 retrahido por traz do muro, no local onde tinha sido fundado em 1491, e apesar de ser o mais opulento em rendas, era o mais miseravel e pobre de construcção, que havia na cidade. Tão velho e tão em ruinas estava, que os frades se decidiram a pedir licença para derribar o lanço da muralha que lhes ficava pegado, e a levantar sobre os cimentos d'ella as obras magnificas, cujo remate mal pensavam elles que havia de ser posto, quarenta e tantos annos mais tarde, pela mão de um proprietario secular. Ao lado do convento abria-se a porta de Santo Eloy, quasi fronteira á actual rua do Almada. D'ahi a muralha principiava a subir pelo lado meridional da calçada da Natividade, hoje rua dos Clerigos, e ia abrir-se de novo no alto do monte, na porta do Olival, onde havia uma torre, tão formosa e tão alta como a de Cima de Villa. D'essa continuava a muralha faceando com o campo da Cordoaria, e, passando por traz da egreja de S. José das Taipas, seguia pelo lado esquerdo da rua do Calvario, onde ha ainda hoje vestigios d'ella, até ir abrir-se de novo na porta das Virtudes, sobre a qual havia outra torre fortissima. Esta porta estava situada no local por onde depois se abriu communi-

cação entre a rua das Taipas[1] e a do Calvario, que ainda então não existia. O lado direito d'esta rua ainda não tinha casas; as que hoje tem, com as frentes para a alameda das Virtudes, principiaram a fundar-se depois que, em 1758, se acabou de levantar o alto paredão que sustenta o terraço d'este passeio. Esta muralha que, pela sua grande altura, tem dado ao *muro das Virtudes* a triste nomeada da parte mais elevada dos Arcos das aguas livres de Lisboa, foi obra de Rodrigo Antonio de Abreu de Lima, n'essa época juiz d'alfandega do Porto e inspector da marinha do Douro.

O antiquario tomou aqui fôlego, e continuou corajosamente. Não sei, porém, se o leitor o continuará a ouvir com a mesma paciencia e resignação, com que eu o ouvia.

—Da porta das Virtudes o muro seguia pelo lado esquerdo da rua da Esperança, onde serve ainda hoje de trazeiras a algumas das casas d'ella, e ia abrir-se de novo na porta do mesmo nome, que ficava ao lado das escadas. D'ahi continuava por ellas abaixo, como se vê dos restos que ainda existem d'elle, até que ao fundo da montanha, lá em baixo, perto do rio, novamente se abria na Porta Nova que, para vergonha nossa, ainda hoje está de pé. Ahi, no angulo da muralha, mandou D. Manoel construir o fortim, de que existem apenas os restos desmantelados. D'elle continuava a muralha por Cima do Muro fóra, até começar a subir pelos Guindaes acima. N'este espaço havia differentes portas e postigos, os quaes eram portas de importancia mais somenos. Junto d'uma d'estas portas, a da Ribeira, estavam d'um lado a forca e do outro o pelourinho da cidade, terriveis insignias da idade média, permanentemente de pé em todas as terras importantes. As duas ultimas portas, Ribeira e Postigo do Peixe, muito proximas uma da outra, desappareceram, quando se derribou a muralha para desafogar a rua Nova de S. João, que se

[1] Vid. Nota II.

começou a abrir em 1756, e que, n'este anno de 1757, estava ainda em construcção. A muralha subia pelos Guindaes acima, deixando á direita o local das escadas actuaes, e depois erguia-se sobranceira sobre a montanha, levantando, orgulhosamente e quasi a prumo sobre a margem do rio, a primeira das torres, que são hoje propriedade do convento das freiras de Santa Clara. D'ella continuava como ainda hoje continua, até ao Postigo do Sol,[1] servindo de muro da cêrca do mosteiro. Do Postigo do Sol cortava em linha recta, por onde é hoje o edificio do governo civil e theatro de S. João, até ir fechar no lado direito da torre de Cima de Villa, deixando do lado exterior a celebrada capellinha da Batalha.

Gonçalo Antunes tomou aqui um longo fôlego, e fez uma longuissima pausa.

—Depois d'este passeio longo e esfalfador—disse, por fim—é mister descançar um pouco, amigo. Olhe que andamos de carreira e assim sem mais nem mais perto de tres mil passos, que tanto tinham de circumferencia os muros do Porto. De altura, diz o padre Rebello que tinham trinta pés; eu nunca os medi, mas se ha ahi alguem que tenha o antojo de duvidar da veracidade do reverendo presbytero bracarense, doutor em theologia e cavalleiro professo na Ordem de Christo, tem muito ainda onde verificar a conta. Pela minha parte não me dou a esse trabalho; prefiro acredital-o piamente.

Gonçalo Antunes parou novamente, mas d'esta vez apenas um momento, e logo continuou:

—E agora, se já se acha com forças, mergulhemos ambos por aqui, pela porta do Olival dentro, por onde penetrou a assuada, e sigamol-a por onde ella corre desvairada e gritando *liberdade! morra a Companhia!* D'aqui da porta do Olival, a multidão revoltada, que, n'essa occasião, como lhe direi mais tarde, era apenas formada por meia duzia de viragos, de garotos, de escravos e de vagabundos, espraiou-se

[1] Vid. Nota III.

por junto do miseravel e arruinado pardieiro,[1] que servia de cadeia e Relação. Sobre elle principiou mais tarde Francisco de Almada a levantar, em Janeiro de 1765, o vasto edificio que ahi campêa hoje — terrivel e estupido monumento do seu caracter e do espirito da sua justiça. O motim passou depois pelo convento dos frades de S. Bento da Victoria. Mas aqui paremos, meu amigo, que vale a pena parar, ainda que a demora, que vamos ter, nos obrigue depois a tomar a carreira para alcançar os amotinados, que lá vão com a velocidade do vento. Levante os olhos, e leia aquelle distico, que se vê aberto em pedra sobre a portaria do mosteiro. Vê o que diz? Falla assim:

> Quae fuerat sedes tenebrarum, est regia solis,
> Expulsis tenebris, sol Benedictus ovat.

Entende esse embroglio, esse amphiguri? Sabe o que é essa *sedes tenebrarum* e essa *regia solis?* Entende o que quer dizer *O sol Bento triumpha jubilosamente expulsas as trevas?*

— A fallar-lhe a verdade, snr. Antunes, não percebo bem.

— Nem bem, nem mal, ha-de confessar; mas eu lh'o explico. *Sedes tenebrarum* quer dizer *ali synagoga dos judeus; regia solis* quer dizer *convento de frades benedictinos*, e *sol Benedictus* é S. Bento, que foi, em verdade, grande homem e grande santo, mas que os frades da sua regra puzeram ali assim á laia d'uma grande luminaria. Mais claro, aquillo quer dizer que em 1598 os frades benedictinos deitaram a garra, e transformaram em convento o que até 1496 fôra synagoga e propriedade particular dos judeus. Os nossos reis da primeira raça e os quatro primeiros da dynastia de Aviz seguiam uma politica sensata e de vista clara, que apreciava o caracter laborioso e accumulador dos judeus como grande principio

[1] Vid. Nota IV.

activo da riqueza nacional. Levados por esta maneira de vêr as coisas, cercaram-n'os de leis protectoras, e deram-lhes privilegios, como se vê da ordenação Affonsina, que os arreigaram em Portugal, onde achavam favor com que não eram tratados em parte alguma da Europa. Os judeus gozavam entre nós prerogativas como só ao inglezes concedemos depois. Alem de terem liberdade plena de religião, e de poderem edificar synagogas, tinham conservadorias, tinham tribunaes especiaes seus, onde eram julgados não só por juizes da sua raça e pelos seus usos e costumes, quando não offendiam directamente os costumes e as leis do paiz, mas, o que ainda é mais, onde os christãos os tinham de demandar quando litigavam com elles. Veio depois D. Manoel. Foi este um homem, a quem Deus concedeu o conseguimento de muitas coisas gloriosas, que não quiz conceder ao seu grande antecessor D. João II, que tanto trabalhou para ellas, e que ao morrer, deixou por tal fórma aplanado o caminho que para lá conduzia, que o setimo filho do infante D. Fernando não teve mais que fazer que pôr-se a elle e andar. D. Manoel teve a ambiçãosita de unir Portugal á Espanha, de ser rei de toda a peninsula iberica, e, como para isso era preciso casar com a filha herdeira de Fernando e de Izabel, os dois mais matreiros velhacos da época, cahiu na corriola de sacrificar os judeus, aquelle activissimo principio da riqueza nacional, em condição *sine qua non* do casamento. D. Manoel casou, mas não chegou a ser rei da peninsula; comtudo sabem todos o que continuou a fazer aos judeus. Veio depois D. João III, aquelle argumento vivo contra o principio da hereditariedade, aquelle imbecil fanatico que preparou a nossa ruina; veio, e completou a obra do pai, pedindo de joelhos a *inquisição ao papa*. Dois saltos mais e estamos em Fillipe II. Este nome só por si provoca o horror e o odio. Este foi aquelle miseravel que, pelo *peccado* de mostrar compaixão por uma pobre rapariga que levavam a trucidar n'um auto de fé, deixou sangrar-se e queimar nas foguei-

ras da inquisição uma porção do proprio sangue. Veja quanto este santo e intelligente varão não havia de amar os judeus! Á hora da morte, o assassino de D. João d'Austria, o algoz do proprio filho, o miseravel que ousou insultar as cans de Carlos v; o mau filho, emfim, o parricida, o Caim perverso, o homem carregado d'um milhão de crimes, esperou poder remir aquella vida negra, e alcançar o reino dos justos carregando de dadivas e benesses os frades seus amigos e seus protectores. Aos benedictinos de Portugal tocou a synagoga do Porto, propriedade particular dos judeus. Vem os frades, e que fazem? Escrevem-lhe por cima aquelle distico. Ora diga-me com franqueza: era capaz de entender sem explicação aquelle enigma? Não é elle só por si motivo sufficiente para justificar a extincção dos conventos? Ah bom Joaquim Antonio de Aguiar, nunca as mãos te doam!

Gonçalo Antunes parou, assoou-se, e tomou uma pitada de rapé. Depois continuou:

— Mas sigamos atraz dos revoltosos que lá vão de tropel pelas escadas da Esnoga abaixo... Da Esnoga, termo antiquissimo, que significa *synagoga*, nome que se deu ás escadas por communicarem o bairro baixo com o bairro dos judeus. Lá vai o tropel, lá passa por diante do convento de S. Domingos, que era o mais antigo da cidade e um dos primeiros que a ordem teve na peninsula; mas que ainda assim não remonta mais além do seculo XIII, de 1239, porque até então os liberrimos villoens da ainda liberrima behetria do Porto, tinham o mau gosto de não ter frades dentro dos muros, como mais tarde não quizeram ter fidalgos. A multidão parou aqui no largo, então praça de S. Domingos. A razão porque parou, eu lh'a direi mais tarde. Agora aproveitemos esta demora para examinar a localidade. O tropel rodeia o antigo chafariz, de que de certo se ha-de lembrar, porque a camara, ainda ha poucos annos, o fez desapparecer, substituindo-o pela fonte que construiu mais adiante ao voltar para a rua de Bellomonte, a pequenissima distancia do lo-

cal onde havia o passadiço de pedra conhecido pelo nome do *murinho de S. Domingos*, celebre nos annaes da bisca lambida e dos gallegos e vadios do Porto. Havia tambem ahi um oratorio ou passo, como se diz em lingua devota. Lembra-se?

— Se me lembro! A camara mandou derrubal-o n'um dos primeiros mezes do anno em que fui para a Universidade.

—Foi em 1845.[1] Esse chafariz era um dos muitos que havia no Porto, todos elles pertencentes, na maior parte, aos seculos XVI e XVII. N'essa epoca, o chafariz era luxo, era considerado adorno das cidades. Nas praças e logares mais publicos era pobreza e miseria construir fontes. Levantavam-se chafarizes. O Porto tinha oito publicos: o da Ribeira, o de S. Domingos, o das Taipas, o da porta do Olival, o da Fabrica, o da rua Chã, o de Santo Ildefonso, e o da Sé. Villa Nova de Gaya tinha um na Serra. Alguns conheci eu ainda. Alem d'estes oito chafarizes publicos, tinha doze particulares, um pertencente ao bispo no paço episcopal e os outros em diversos conventos. Muitos d'elles estavam abertos á serventia publica. Hoje poucos tem; actualmente preferem-se as razoens da commodidade ás razoens do luxo.

Mas entretanto que temos estado parolando — continuou Gonçalo Antunes — lá vai a multidão, formidavelmente engrossada, pela rua das Flores adiante. Vamos atraz d'ella. A' entrada da rua, á esquerda, deixamos a egreja e secretaria da Misericordia, obra do seculo XVI. Foi fundada pela irmandade, que para ella a passou em 1555, abandonando então a capellinha da Encarnação, no claustro da Sé, onde, cincoenta e seis annos antes, tinha sido instituida pela rainha D. Leonor, esposa do grande rei D. João II e irmã do infeliz e leviano duque de Vizeu. Em 1757 ainda estava aqui tambem o hospi-

---

[1] Vid. Nota V.

tal real.[1] O magnifico edificio da Cordoaria apenas tinha então os alicerces lançados. Continuando pela rua das Flores adiante, voltemo-nos sobre a esquerda, e saudemos na rua dos Caldeireiros, então continuação da do Souto, o primeiro estabelecimento da roda dos expostos, ali estabelecida em 1688 pela camara municipal, a instancias do padre Manuel Rodrigues Leitão, fundador da congregação dos padres Neris, e do padre Balthazar Guedes, veneravel sacerdote que em 1651 tinha fundado o collegio da Senhora da Graça, em favor dos orphãos desamparados e pobres. Passando adiante, na cóla da plebe amotinada, lancemos os olhos sobre o convento de S. Bento de Ave-Maria, obra de D. Manoel, rei felicissimo. Foi principiado em 1518 e de todo completado em 1535, anno em que D. João III, já então reinante, reuniu dentro d'elle as freiras dos conventos de Tuyas, Rio Tinto, Villa Cóva e Tarouquêlo, que levaram tanto a mal esta resolução e com tão má vontade acceitaram a ordem, que as fazia sahir das suas antigas moradas, que as de Tuyas chegaram ao excesso de despeitorar a quesilia, lançando fogo ao seu convento, do qual ardeu o cartorio quasi inteiro. De junto d'este edificio subamos pela rua do Loureiro, e entremos na velha rua Chã, que foi o principal logar onde se representou o drama burlesco, que mais tarde transformaram em horrivel tragedia, que chamaram castigo da *revolução contra a Companhia dos Vinhos*.

Gonçalo Antunes lançou então os olhos ao mappa, e depois continuou:

— Antes de lhe chamar a attenção para a localidade, onde, ainda ha pouco tempo, existia uma das mais importantes antigualhas do Porto, deixe dizer-lhe duas palavras a respeito do systema de calçar as ruas, usado em 1757. N'esse anno o Porto ainda não tinha a felicidade de ter ruas macadamisadas. Os pobres diabos dos tripeiros ainda não ha-

[1] Vid. Nota VI.

viam tocado aquelle grau de perfeita civilisação, que lhes deu em resultado um systema de pavimentar ruas, que, chovendo, os faz caminhar por entre lama até o joelho, e fazendo vento, cospe de si turbilhoens de poeira, que os suja e que os cega. Em 1757 as ruas do Porto ainda eram calçadas por grandes e lisas pedras do magnifico granito, com que a natureza lhes fecundou o sólo. Era um salão continuado; o pavimento das ruas attestava a opulencia d'esta rica cidade. E assim se conservaram por mais trinta annos seguidos até 1787, em que a camara, em attenção á commodidade das carruagens, substituiu a obra magestosa dos nossos passados por um pavimento de seixos roliços que no Porto se chamavam então *burgos*, e hoje se chamam *bôgos*. D'elle ainda restam vestigios em algumas ruas menos importantes da cidade. Ficou-lhe á camara d'esse tempo o juizo a arder com a lembrança; mas ainda mais lhe arderia a reputação, se as de agora lhe não justificassem o tolo alvitre com o pulverulento macadame. Este então rematou a obra; foi oiro sobre azul. Que os inglezes preconisem o macadame como o mais economico e commodo pavimento de estradas, e que nós lhes abracemos por este motivo a ideia, vá; é justo, é sensato. Que as naçoens, que não teem granito para pavimentar as ruas, as cubram de macadame tão perfeitamente combinado, que consigam por esta fórma empedral-as artificialmente, é natural, naturalissimo. Mas que nós, que abundamos em granito, que o trazemos ahi a pontapés diante de nós, macadamisemos as nossas ruas só por tolo espirito de imitação, isto brada ao ceu. E dizem que é por causa das carruagens e das bestas que as puxam! Pois a commodidade de cem, dusentos, mil trens, se quizerem, vale porventura a pena de estragar uma grande cidade e de incommodar uma população de cem mil habitantes? Que lucram elles com a commodidade de tresentas ou quatrocentas pessoas que podem andar de sege? E que direito teem, os que podem ter a commodidade

d'uma sege, a incommodar as cem mil pessoas que não a podem ter, unicamente com o fim de juntar ao commodo de ser levados nas pernas de outrem o gôso de ser doce e suavemente levados? Ah! bom arrocho! E depois dizem que é por philantropia, por amor pelos pobres animaes que arrastam as seges! Esta humanidade exemplar pela commodidade das bestas é perigosa para a reputação dos caridosos camaristas. Que homens! Que cabeças! A ideia faz-lhes honra; em nome d'ella a posteridade ha-de decretar-lhes as glorias do pantheon da asneira.

O antiquario parou de novo, meneando gravemente a cabeça.

—Desafogada—continuou, finalmente— esta minha justa indignação... (justa e justissima porque sou uma das victimas mais offendidas do maldito macadame, em rasão d'uma ophtalmia que, por causa d'elle, soffri um anno a fio, e que me deixou, como vê, sem metade das pestanas que tinha nas palpebras)... permitta-me, meu caro senhor, que o faça recordar de que estamos na velha rua Chã, e proximos do local, onde, ha pouco tempo ainda, se via de pé uma das mais venerandas antigualhas do Porto. Fallo do arco de Vandoma. Esse arco, abobadado, estreito e extenso, era, nos fins do seculo x, a porta principal do burgo do Porto. O Porto d'essa época era apenas um retalho do Porto de Affonso IV; e em relação ao Porto de hoje, isso nem falemos. Segundo as melhores opinioens, a muralha de então abrangia dentro em si o antiquissimo, feio e sujo bairro do Berredo, e a margem do rio que dista desde as escadas do Codeçal até ao principio do caes da alfandega. Parece que essa primeira muralha partia do arco de Vandoma, aproveitando o alto da montanha da Sé até o arco de Santa Anna, cuja destruição inspirou a Garrett a pagina chistosa, que tornou immortaes as fórmas anafadas do memoravel José U. D'aqui partia direita por traz da rua dos Mercadores, e d'ahi ao rio. A outra parte da muralha, que sahia do lado direito da porta de

Vandoma, corria pela viella da Cadeia, encostando-se sempre sobre a direita, e depois, fazendo um pequeno quarto de circulo, descia pela montanha do Codeçal abaixo. D'essa muralha destruiram-se ainda ha pouco os dois unicos vestigios de localidade incontrovertivel: o arco de Santa Anna que foi derribado depois de 1820, e o de Vandoma, que o foi já depois de ter principiado a segunda metade d'este seculo. Sobre este viam-se ainda os restos d'uma grande e fortissima torre, em cuja frontaria havia um velho oratorio, dentro do qual estava uma tôsca e grosseira imagem da Virgem. Eis o que diz a tradição a respeito d'ella e do arco.

O bellicoso Ordonho II reinava em Leão e o não menos guerreiro Abderrahman era kalifa de Cordova. Era isto pelos annos de 917. N'este anno Ordonho invadiu o territorio mussulmano, e chegou victorioso até ás margens do Guadiana. O terror das suas armas apavorou a mourisma d'entre este rio e o Tejo, bem como a da Estremadura e do Algarve, que, para lhe conjurar as iras, rendeu-se-lhe submissa, e comprou a paz a peso de oiro. O rei de Leão deixou por isso de continuar a conquista, e recolheu-se a Oviedo. O kalifa de Cordova soube então das victorias de Ordonho e da submissão dos povos do Guadiana e do Algarve. Sabel-as e em nome do profeta concitar á revolta os vencidos, foi tudo um. A' voz d'elle, as provincias subjugadas revoltaram-se, e negaram a obediencia jurada. Ordonho marchou immediatamente contra ellas, e o kalifa sahiu ao mesmo tempo de Cordova, levando-lhes soccorro. Os dois exercitos encontraram-se nas planicies de Talavera. A batalha durou um dia inteiro, mas no fim d'elle o kalifa fugiu desbaratado. Uma derrota não era, porém, sufficiente para desanimar Abderrahman; chamou em seu auxilio os moiros de Africa, reuniu novo exercito, e invadiu os dominios de Ordonho. Pelejou-se então a batalha de Santo Estevão de Gormaz, em que os escriptores christãos dizem que Ordonho ficou victorioso,

e os arabes que a victoria ficou aos sarracenos. Seja, porém, como fôr o que é certo é que, depois d'esta batalha, os dois exercitos não se acharam em estado de nenhum d'elles seguir o alcance das vantagens conseguidas. Os dois monarchas recolheram ambos ás suas respectivas capitaes. Seguiram-se novas e novas invasoens do kalifa; de todas as vezes perdia uma batalha e um exercito, mas nem por isso descontinuava a guerra. Como á hydra de Lerna, de cada cabeça que lhe decepavam, brotava immediatamente outra. Em 920 reuniu novo exercito, invadiu as terras portuguezas, e assolou tudo a ferro e fogo até ás muralhas do Porto. N'ellas encontrou a verdadeira resistencia.

Dentro do Porto estava o conde Hermenegildo, esforçado capitão de Ordonho. Abderrahman empenhou-se em tomar a praça e elle em defendel-a. Os assaltos succediam-se inutilmente uns aos outros; a tenacidade da defeza protrahia desesperadamente o cêrco. N'este tempo o kalifa teve noticia de que Ordonho avançava a marchas forçadas a soccorrer o conde do Porto. Entre a nova e o apparecimento do exercito leonez medearam horas apenas. Abderrahman não descoroçoou; deixou a praça vigiada por um forte corpo de tropas, e avançou com o grosso da hoste ao encontro de Ordonho. Os dois exercitos avistaram-se no logar que hoje se chama Rio Tinto, e o kalifa foi inteiramente desbaratado, ajudando a completar-lhe a derrota os homens de armas de Hermenegildo, que, abrindo de repente as portas do Porto, passaram como a ira de Deus sobre as tropas que lhes faziam frente, e cahindo depois sobre a rectaguarda do exercito sarraceno, apressaram a victoria sanguinolenta do rei leonez. Foi tal a mortandade, que o ribeiro que atravessa junto do campo onde foi a batalha, correu, durante horas, côr de sangue, sendo d'esta circumstancia, diz a tradição, que lhe veio o nome de Rio Tinto, que ainda hoje conserva.

O kalifa fugiu. Mas em 921 a victoria abandonou as armas de Ordonho, que foi vencido pelos

sarracenos na batalha do Valle de Junquera, combatendo ao lado e a favor de D. Garcia Sanches Ariga, rei da Navarra. O kalifa aproveitou a occasião de vingar-se da derrota de Rio Tinto e da affronta que tinha soffrido junto das muralhas do Porto. Invadiu Portugal, e veio acampar junto da praça, contra que nutria tão profundo rancor. D'esta vez, porém, a resistencia foi inutil; depois d'uns poucos de combates e d'uns poucos de mezes de cêrco, a cidade foi levada de assalto. Abderrahman vingou-se cruelmente as muralhas foram arrasadas, o burgo incendiado e os habitantes passados á espada. C Porto ficou um deserto. Ordonho vingou no anno seguinte, em 922, esta affronta; mas todas as batalhas que venceu, a ponto de chegar victorioso até ás muralhas de Cordova, de nada serviram á terra sacrificada ás suas contendas com Abderrahman. A cidade continuou a ser o montão de ruinas, a que no anno anterior a tinha reduzido o kalifa.

Setenta e dois annos mais tarde, as ruinas do Porto serviam de asylo e de reparo a uns poucos de homens esforçados, cujos senhorios tinham sido invadidos pelos moiros. Esses homens eram D. Moninho Viegas, rico-homem de Riba-Doiro e poderoso senhor na comarca de Entre Doiro e Minho, seu irmão D. Sesnando, e seus filhos D. Egas e D. Garcia Moniz. Estes homens illustres acharam, por fim, occasião de vingar-se. Quer os gascoens aportassem casualmente ao Doiro, como dizem uns, quer elles mandassem á Gasconha a convidal-os a vir combater os moiros da Espanha, como dizem outros, e como parece mais provavel, o que se afigura certo é que em 988 D. Moninho e seus irmãos achavam-se á frente de uma hoste composta dos seus homens de armas e de gascoens, sufficiente não só para as azarias e fossados, mas, o que é mais, para emprehender qualquer empreza de vulto. Dos fidalgos que commandavam os gascoens, o unico de que se sabe o nome é D. Nonego, bispo de Vandoma, e que depois o foi do Porto, ignoran-

cia que parece favorecer a opinião d'aquelles que dizem que os gascoens não vieram casualmente, ao correr d'uma empreza aventureira, de outra sorte trariam como era costume chefes distinctos, cujos nomes não esqueceriam; mas foram trazidos da Gasconha pelo proprio D. Moninho, que lá os foi buscar, e que, auxiliado por D. Nonego, que como bispo tinha á sua disposição toda a influencia da egreja, pôde reclutar numero sufficiente para a empreza que meditava. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que D. Moninho e os gascoens apoderaram-se do Porto, depois d'uma victoria sobre os sarracenos, ganha, segundo dizem, onde hoje é a praça da Batalha, e commemorada pela capellinha que ainda lá existe. Depois d'esta batalha, D. Moninho e os francezes trataram de reedificar o Porto. Ergueram as antigas e fortes muralhas, e na parte mais elevada da cidade fundaram um alcacer acastellado e bem afortalecido que, depois do conde Henrique, serviu de habitação dos bispos, aos quaes foi doado. A torre e a porta principal foram obra de D. Nonego, que, em memoria da patria, a nomeou porta de Vandoma, e que na frontaria da torre fez erguer o sanctuario, onde metteu a imagem de Nossa Senhora, que ou já trouxera comsigo de França, ou mandou cinzelar cá, em gratidão das victorias que attribuia á sua efficacia e protecção. Manoel de Faria e Sousa diz que era *una imagen de Nuestra Señora, de escultura mas abultada que polida, y no tan poco pulida que se haga estimable por la arte como se hace decorar por la magestad (y aun sin ella) que está representando. Tiene embrazado el niño.*[1]

— Isto é o que diz a tradição ácerca do arco de Vandoma — continuou Gonçalo Antunes — e este em 1757 o estado das localidades do Porto, por onde tem de fazer atravessar a revolução, que é assumpto

---

[1] Faria e Souza. Europa. V.e I P.e IV. Cap. XVI. § IX. Vid. Nota VII.

principal do seu romance. Para completar o estudo que precisa fazer, resta-nos examinar aquellas que estanceiam entra a porta do Olival e a dos Carros. Do lado do sul já sabe que fica a velha muralha de Affonso IV. O lado norte da rua dos Clerigos estava então quasi que devasso, pois que apenas se tinham principiado a edificar algumas casas, que mais tarde deviam ser substituidas pelas que hoje constituem essa face da rua. No alto via-se a egreja de Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente chamada dos Clerigos, que tinha sido acabada em 1748, mas cujas obras interiores estavam ainda por tal fórma atrasadas, que só pôde ser sagrada vinte e dois annos depois, em 1779. A sagração foi officiada por D. João Raphael de Mendonça, da casa de Val-de-Reis, bispo então do Porto, e celebre por ter sido fundador do actual paço episcopal. No baixo via-se a praça de D. Pedro, ou praça nova das Hortas,[1] como então se dizia, onde se faziam os exercicios militares, e onde havia mercado diario. N'essa época a rua das Hortas ainda não era coisa que valesse a pena notar-se; só o foi mais tarde alguns annos, quando Francisco de Almada traçou, por ella fóra até á Lapa, a compridissima fita de nastro que hoje se chama rua do Almada. A praça tinha no meio, em semi-circulo, aquelle emmaranhado labyrintho de sujas barracas de pau, chamado a Natividade, do qual só foi totalmente desaffrontada em 1834. Do lado do nascente, erguia-se a cavalleiro da Natividade, que ainda por ahi se estendia, o bello convento dos padres Neris; do norte tinha o palacio dos Amorins, e o edificio onde então se reunia a Relação, e que hoje pertence á camara, que n'essa época funccionava de emprestimo no Collegio dos meninos orphãos.[2]

Gonçalo Antunes tomou aqui fôlego, e depois de me historiar mais algumas antiguidades curiosas

---

[1] Vid. Nota VIII.

[2] Vid. Nota IX.

de differentes localidades, passou em seguida a pintar-me o Porto pelo lado moral e pelo lado politico. Disse-me como el-rei D. Diniz foi o primeiro que garantiu por lei especial, e tornou privilegio da cidade o accordão, lavrado annos antes pela camara, no qual era prohibido a fidalgos, escudeiros e abbades benedictinos o viverem ou poisarem na cidade mais que tres dias, isto não só para facilitar aos pundonorosos negociantes o poderem emprehender as longas viagens, em que de continuo andavam, sem receio de deixar suas mulheres e suas filhas sujeitas ao desenfreamento brutal dos poderosos de então; mas tambem para terminar as brigas que tinham logar entre os nobres, que reputavam o commercio trato villão e despresivel, e os altivos e laboriosos burguezes, que lhes não soffriam submissos a soberba e o despreso. Disse-me depois como este privilegio foi derogado em 1503 por el-rei D. Manoel, que, pretendendo fazer prevalecer na segunda cidade do reino a classe nobre, em que então se baseava o despotismo dos reis, sobre o espirito municipal que garantia a liberdade do povo, abriu aos fidalgos as portas da velha cidade liberal, dando a esta em troca uma casa dos vinte e quatro, que por muito livre que fôsse, nunca podia egualar os fóros antigos, mas que instituida, como foi, era um escarneo que illudia a liberdade.[1] Provou-me depois que o primeiro nobre que se estabeleceu no Porto, foi João Martins Ferreira, fidalgo da casa do infante D. Fernando, que em 1492 tinha instituido o morgado dos Ferreiras, de que é hoje representante o meu amigo Alvaro Ferreira Girão, visconde de Villarinho de S. Romão. Eu escutei isto com curiosidade e com prazer, porque dizia respeito á familia de um homem que estimo *ex-corde*, e que além d'isso é irmão de um dos meus mais caros amigos, do meu velho Antonio Girão. Em seguida fallou-me da celebre pendencia, que, ácerca do privilegio da isempção de fidalgos,

[1] Vid. Nota x.

houve entre os burguezes do Porto e o primeiro duque de Bragança, filho illegitimo de D. João I, a qual se acha amplamente historiada na altiva e grave representação, que em 1436 fizeram a el-rei D. Duarte e na digna e nobre resposta d'el-rei. E' um documento curiosissimo que prova incontestavelmente duas circumstancias importantes para a historia e igualmente honrosas para o Porto: — primeira, que a gente do Porto herdou dos rudes burguezes do seculo XV o espirito liberal e o caracter independente, aberto e leal que actualmente os distingue; — e segunda, que se não fôssem os patrioticos villãos d'esta gloriosa behetria, a nossa independencia não teria, porventura, sido resultado da revolução de 1383, ou, pelo menos, a raça de Aviz não se teria sentado no throno de Affonso Henriques.

O antiquario disse-me depois como este caracter altivo e independente dos habitantes do Porto soffria mal a vara despotica do marquez de Pombal. Fallou-me das partidas, saraus e assemblêas continuadas que havia no Porto, e no grande luxo que n'elle se ostentava. Em seguida apontou-me precisamente o local, onde era, no Corpo da Guarda, o theatro em que se representavam aquellas mascavadas traducçoens de Goldoni, de Metastasio e de Calderon, que de mistura com as galhofeiras comedias do desgraçado e talentoso Antonio José, e com as insipidas e intoleraveis composições de Luiz Alvares e Azeredo, Nuno José Columbina, Antonio Gomes Silva Leão e outros quejandos dramaturgos da época, fizeram por muito tempo as delicias dos nossos avós. Disse-me depois como os portuenses do seculo XVIII usavam, como os de hoje, ir passar o verão no campo, ou na Foz ou em Leça da Palmeira; d'onde se prova que os banhos do mar não são de data recente, e que o nervoso das mulheres é coisa mais antiga do que se pensa. E depois de me contar estas e outras muitas coisas, rematou por me descrever um dos passatempos mais queridos dos portuenses d'aquella época. Este passatempo

era conhecido pelo nome de *furias do rio*, de que são hoje modesto arremêdo os jantares e os piqueniques pelo rio acima. N'aquelle tempo eram festas sumptuosas, que occupavam quatro ou mais barcaças, toldadas de seda e embandeiradas com flammulas e galhardetes, acompanhadas por bandas de musica — festejos, emfim, onde se reuniam todas, ainda as mais pequenas, condiçoens de commodidade, que eram precisas para passar agradavelmente um dia inteiro no rio e nas margens.

— Resta-me agora contar-lhe a verdadeira historia do motim de 1757 — disse-me em seguida o antiquario.

Mas aqui ponho ponto final a esta introducção, meu caro leitor; porque o que me elle contou a este respeito, reservo-o eu para narrar nos seguintes capitulos, a quem tiver a pachorra de me seguir d'aqui por diante.

Entretanto pede a justiça que eu faça agora uma declaração.

Gonçalo Antunes foi para aqui trazido por mim sem que elle tivesse vontade de vir, sem mesmo ter sido consultado para isso. Apesar, portanto, de ser d'elle que recebi os esclarecimentos precisos para elaborar o romance, ainda assim nenhuma parte lhe devem imputar da responsabilidade dos defeitos d'elle:

Me, me adsum qui feci, in me convertite ferrum

A verdade historica, que é sempre verdade, pertence-lhe a elle; a contextura da novella, a pintura dos caracteres, a descripção e o colorido das scenas e das localidades, isso tudo é meu, e d'isso só é exclusivamente responsavel a minha pobre capacidade.

I

D'esta maneira sendo tomadas
Todalas forças com todo poder,
Que, se me não vale quem póde valer,
Serão minhas dôres por morte acabadas.

REZENDE — *Cancioneiro.*

O dia 1.º de Fevereiro de 1757 foi uma terça feira.

Apesar de ser no coração do inverno, o dia estava amêno e formosissimo —tão amêno e tão formoso que se podia trocar sem remorsos por qualquer dos melhores, que temos hoje nas duas estaçoens, que só por teima é que se continuam a chamar primavera e estio. O leste que soprára rijo de madrugada, tinha varrido de cima do Porto a nebrina, com que o Douro o amortalha todas as noites; e o sol, levantando-se depois resplandecente e radioso n'um ceu purissimo e de azul transparente, temperára o frio proprio da estação, e entepidecêra a atmosphera. Dizem os velhos que d'antes havia como este muitos dias no Porto: hoje são apenas de memoria tradicional, perdeu-se-lhes a raça, e creio que se perdeu, infelizmente, para sempre.

A terça feira foi sempre, desde tempos immemoriaes, dia de multidão incommoda nas ruas do Porto, sobretudo nas ruas commerciaes. É o dia em que os aldeãos dos arredores costumam vir feirar á cidade. Logo de madrugada, invadem-n'a em turba por todas as avenidas conhecidas, atroando-a com o borburinho do palavriado vasconço e com o estrépito infernal de cincoenta mil tamancos e sócos. Depois a multidão espraia-se pelas ruas, e agita-se aqui e ali; vae e vem em mil direcçoens oppostas, e redemoinha aos encontroens entre o zumbido atroador e confuso de homens e mulheres e creanças, uns descalços e outros calçados, uns a pé e outros a cavallo, e uns caminhando e outros parados a admirar com espanto parvôo o painel de cavallinhos ou a carapuça vermelha que o adélo pendurou por chibantaria na porta. Este espicaça aqui a mula ronceira e felpuda com espora de ferro capaz de abrir d'um só golpe um penedo; ali um moço de lavoira, sujo e asselvajado, puxa pela soga d'uns bois, que, a despeito de todo o incitamento, tiram com a natural pachorra um carro carregado até os telhados: acolá uma *cachopa* menos mal assombrada do corpo e de feiçoens, — de chinélas nos pés, sáia de rofêgos, collête maiato, lenço cahido para traz das costas, compridas arrecadas de oiro nas orelhas, e ao pescoço dois ou tres cordoens tambem de oiro com gigante coração de filagrana do mesmo metal, — estira se, já lagrimejante, a puxar pela arreata da égoa alentada, que, de focinho no ar, orelha tesa, e passo de tenteio, cede com repugnancia aos aturados esforços da triste. Aqui este cobre com o abarracado guarda-sol de panninho vermelho a anafada companheira, que carrega com as compras do dia; est'outro vae ali açodado com o guarda-sol debaixo do braço; e acolá aquelle, de varapau ao hombro, rodeia-se conversando, sem lhe importar se algum olho menos cautelloso passa a geito de soffrer com aquelle modo de fazer uso das bengalas da aldeia. E tudo isto a agitar-se, a caminhar e a redemoinhar aos encon-

troens nas ruas do Porto. E ali uma padeira de Avintes ou Crestuma, abrindo caminho aos cotovelloens por entre o povo, carregando com o cesto das borôas á cabeça; e acolá uma mula de Vallongo com as alterosas canastras bifurcadas no dorso, e a padeira sentada sobre a alta bifurcação, a romper irresistivelmente por entre o gentio, com quem arremette denodada, como os malaios de Calecut arremettiam, nos elephantes encastellados, contra os portuguezes de Cachin.

Estas scenas repetem-se irrevogavelmente todas as terças-feiras. E o que é hoje, era já em 1757. N'esses dias fataes as aldeias circumvisinhas vasam-se litteralmente no Porto. Vêm todos, vêm até aquelles que nada pretendem comprar, mas que vêm unicamente porque é costume vir, nas terças-feiras, á cidade. Aqui param, acolá vão ávante: n'esta loja regateiam impertinentemente uma fazenda que desejam comprar; n'aquella derriçam por um mercador conhecido que os tem enganado cento e uma vez, apezar da profunda convicção que os lisonjeia, de que os verdadeiros finorios são elles.

O dia 1.º de Fevereiro de 1757 era pois um d'esses dias incommodos. Ás tres horas da tarde a cidade já estava quasi despejada, mas ainda assim, nas ruas commerciaes, a concorrencia era mais do que ordinaria. A essa hora desembocava da rua das Flores, no largo de S. Bento, um homem que, já pelo porte, já pelo vestuario, attrahia a attenção de todos os que passavam por elle. Caminhava a passo lento, de cabeça alta, mãos nas ilhargas, e rodeando por toda a parte a vista com maravilhosa indifferença e serenidade.

Figure-se o leitor um homem alto, magro, elegante de fórmas e de corporatura esforçada e nervosa. A tez era morena e sobre morena crestada; os olhos negros e de vista energica e penetrante. Em logar de cabelleira usava os proprios cabellos, já entremeados de algumas brancas; e no labio superior tinha um enorme e espesso bigode, que não condi-

zia com o traje civil de que usava, e que por isso, o fazia olhar pela multidão como pessoa de pouco mais ou menos. N'essa época, homem com bigode era reputação perdida; usal-o era impudencia e quasi que stygma. Usavam-n'o por obrigação os soldados, e d'esta obrigação — tal era o odio que a época votava aos bigodes! — tinha el-rei remittido os officiaes por graça especial, e remittiu mais tarde os cadetes, pelo alvará de 16 de março d'este anno de 1757. Usava-o, porém, o homem de que fallo ao leitor; e ficava-lhe bem, dava-lhe até um certo pico ás feiçoens naturalmente marciaes, aos meneios que eram soberanos, ao passo que era cheio e firme, e ao olhar que exprimia a impassibilidade magestosa do homem costumado a passear o mundo, a atravessar com firmeza por entre as multidoens, e a passar por sobre os perigos com a consciencia de que é superior a elles.

Se a figura d'este homem o fazia notavel, o vestuario não o tornava menos. O typo era o geral da época, mas o talhe e a fórma eram irregulares e extravagantes. Trazia na cabeça um grande chapeu tricornio, chamado *á malteza*, ainda então pouco usados em Portugal, de pello e a aba de traz a prumo e muito alta. Este chapeu, já ruço e avelhado, era apresilhado por uma magnifica presilha de fio de oiro, que abotoava n'um botão do mesmo metal, o qual, apesar da pragmatica de 1749, era cravejado de diamantes. Cobria-lhe o pescoço uma alva e fina gravata de cambraia de linho, cujas pontas cobertas de rendas cahiam sobre a camisa de bretanha, a qual, bem como os punhos, era tambem franjada de rendas. Vestia uma casaca de panno esverdeado e já velho, tão larga que lhe dançava no corpo como se fôra feita para homem de corporatura mais reforçada que a d'elle. O collete era de sêda azul adamascada, compridissimo e com dois enormes bolços ao uso da época; de debaixo d'elle descia de cada lado uma comprida e grossa corrente de oiro com grandes sinetes de rubis, que ao baloi-

çar-se tirlintavam uns contra os outros. Os calçoens eram de panno amellado, tambem já usado; as meias, que trazia um pouco enrugadas, eram de seda de côr *gris de fer* ou *grudifé*, como então se dizia aportuguezando a palavra, e nos sapatos trazia umas grandes fivélas de oiro, que se recurvavam no peito do pé, tocando de sola a sola. A tiracollo, por debaixo da casaca, trazia solto, da direita para a esquerda, um talabarte de anta, com vestigios de bordadura de sêda vermelha, do qual pendia, a bater-lhe a compasso nas barrigas das pernas, uma comprida espada, d'aquellas de larga folha de dois gumes, com que os nossos antepassados enxotaram os castelhanos no Ameixial e no Montijo.

Este homem, como já disse, caminhava lentamente e de mãos nas ilhargas. Ao desembocar da rua das Flores, encaminhou-se pelo largo de S. Bento acima, em direcção á porta dos Carros. De quando em quando parava, olhava com insolencia em derredor de si, passeava os olhos com compaixão burlesca pelos que o contemplavam pasmados, e depois encrespava os labios com ironia, e resmungava em tom, que se percebia distinctamente a distancia:

—Por vida minha! Que basbaques!... A modo que esta pasmaceira não faz muito invejavel a honra de ser natural da sempre leal cidade da Virgem.

Depois proseguia ávante, sempre com o mesmo passo, com os mesmos meneios e com a mesma serenidade, lançando de quando em quando, sobre os circumstantes, olhares firmes e perscrutadores.

Ao chegar debaixo da porta dos Carros parou, arqueou mais os braços, e depois d'um minuto de pausa balbuciou, como a fallar comsigo:

—Mas, por Deus! onde o acharei agora?

Em seguida lançou a vista pela praça nova das Hortas fóra e pela calçada da Natividade acima; depois voltou-se, e olhou, ao longo da muralha, pela calçada da Thereza até ao alto da Batalha. Nem

d'um nem d'outro lado encontrou o que queria; então cravou abstracto os olhos no convento dos padres Neris, que lhe ficava fronteiro e poz-se a assobiar, batendo o pé a compasso, com ares de impacientado. Esteve assim dois minutos a resolver comsigo mesmo o que devia fazer, e, por fim, exclamou irritado:

—Mas onde, diabo, o encontrarei agora?... Ah! por vida minha!...—accrescentou, passado um instante; e dirigiu-se a passo rapido para a praça nova das Hortas.

Por meio d'ella vinha atravessando um sargento da guarnição da cidade. Parecia ter pouco mais ou menos vinte e seis ou vinte e sete annos de idade. A figura era esbelta e donairosa, o passo firme e decidido e os meneios graciosos e senhorís. A farda comprida, o bigode, a que era obrigado, e até a pequena cabelleira de rabicho, levemente empoada, davam-lhe ao todo certa expressão sympathica e graciosa.

—Olé! psiu!—bradou o homem do grande chapeu, aligeirando o passo.—Volta a prôa cá para barlavento, Manoel. Onde vaes tão apressado que nem mesmo vês os amigos?

O sargento voltou-se, e ao dar com os olhos n'elle, deitou a correr, e veio lançar-se-lhe nos braços.

—Chegaste emfim, Alvaro—balbuciou commovido.—Foi Deus que te trouxe. Pensei que não tornava a vêr-te, que não tornava a abraçar-te.

—Como! *Per Baccho!*—replicou o outro, tentando abafar em galhofa a profunda commoção, que lhe arrasára os olhos d'agoa.—Parti ha seis mezes apenas!... Ah! por vida minha! tão velho te reputas tu já, que seis miseraveis mezes te façam receiar breve a hora fatal do por esta me sirvo para melhor vida?

—Não o digo por isso... mas, emfim, o homem é mortal. Demais, quem sabe? Ha presentimentos... Mas dize-me? — continuou o moço sargento,

mudando repentinamente do tom melancolico, em que tinha deixado caír aquellas palavras—como chegaste?

Alvaro Martins, o homem do chapeu gigante, cravou olhar ancioso e penetrante no rosto melancolico e sereno do moço militar; depois respondeu no mesmo tom de galhofa:

—Sempre o mesmo; para mim não ha tristezas, nem presentimentos; não ha mesmo balas que prestem. Venho o mesmo homem, com os meus cincoenta e dois annos completos, com os meus dois braços e duas pernas, e com todos os dentes na bôca. D'esta vez trago, porém, a maior o debrum ainda verde d'uma cutilada, com que, na abordagem, me teve decepado o braço esquerdo um cão d'um pirata inglez... que Deus haja.

—Então sempre era?...

—Isso é de fé. Quando aquelle homem me manda chamar, certos são os toiros. D'esta vez cheguei, e disse-lhe:—«Então que é preciso?»—Elle reponta a luneta no olho esquerdo, encrespa a sobrancelha, e, pondo uma perna sobre a outra, respondeu:—«El-rei, meu senhor, houve por bem ordenar que te enviasse á Bahia a enforcar um perro d'um pirata inglez, que anda por lá a fazer das suas nos nossos navios mercantes.»—El-rei, meu senhor! interrompeu-se aqui Alvaro Martins com enfado—é sempre a palavra que aquelle homem tem na bôca. Tudo em nome de el-rei, meu senhor! Velhaco! Pois um dia mando-o ao diabo e mais o tal palavriado.

E depois de parar um momento, continuou em seguida:

—«Muito bem—respondi—se não é el-rei D. José, é o seu ministro Sebastião José de Carvalho. É tudo o mesmo. *Via andiamo.* Está tudo prompto?»—«Espera-se só por ti.»—«Adeus.»—Duas horas depois fizemo-nos á véla para a Bahia, e dois mezes mais tarde, amigo, tinhamos enforcado nas vélas o sobredito pirata. Estavam cumpridas as ordens d'el-rei... Sebastião José de Carvalho. Agora

aqui estou de volta e á tua disposição como sempre.

O joven sargento, durante esta narração, tivera os olhos fitos nos d'elle, e olhára-o com ares de quem o attendia, mas de quem ao mesmo tempo revolvia no espirito ideia, que se não andava muito longe do que ouvia, tambem lhe não era inteiramente conjuncta.

— Mas quem és tu? — disse, por fim, cravando no amigo um olhar penetrante — Não és militar, e, comtudo, incumbem-te emprezas militares! Não és coisa alguma, e, todavia, hoje representas de general e ámanhã de almirante; um dia és corregedor, no outro diplomata, e logo representas o poder do ministro em qualquer das provincias do reino!... Para qualquer empreza arriscada, és sempre chamado como o unico homem capaz de se desempenhar d'ella; e entre o peito do valido de el-rei e o punhal dos que lhe querem mal, o teu braço de ferro é o escudo que apára o golpe, e que esmaga debaixo de si o assassino. Quem és tu, Alvaro Martins?

O sargento parou, como homem que o respeito agrilhôa, e acanha diante de outro, mas que, em occasião propicia, deixa-se arrastar pelo impulso de expansão audaciosa, e diz de face a face, tudo o que desejava dizer, mas que a veneração lhe trazia encarcerado dentro dos labios.

As feiçoens de Alvaro Martins tinham-se contrahido ao ouvir as primeiras palavras do moço; os olhos chisparam-lhe com evidentes signaes de anciedade, e brilharam, ao cravar n'elle olhar perscrutador, que parecia querer mergulhar-lhe até ao mais fundo da alma. Depois soltou uma gargalhada estrepitosa, e replicou em tom zombeteiro:

— Ora essa! Que diabo de aranzel estás a fazer, homem? Quem sou!... Pois não o sabes? Sou... sou Alvaro Martins.

— Ou...

— Ou quem?

E então o olhar de Alvaro, apezar de toda a

energia e de toda a firmeza que lhe robusteciam a alma, brilhou com mais anciedade ainda, e fitou-se no joven militar, cada vez mais indagador.

— Alvaro — disse este por fim — preciso de desabafar francamente comtigo. Ha dois annos que ando com vontade de o fazer, mas não o tenho ousado. Hoje, porém, é preciso; é de necessidade fazel-o... Vae-me talvez a vida n'isso, e d'aqui por dois dias será, porventura, já tarde. Vamos d'aqui.

— Vamos para onde quizeres.

O joven sargento parou, indeciso na escolha do logar para onde havia de retirar-se, e depois de pensar um pouco, voltou-se para Alvaro, e disse-lhe em tom de duvida:

— Mas para onde?

— Para onde quizeres.

— O que tenho a dizer-te, não deve ser ouvido senão por nós dois.

— N'esse caso vamos para a torre da porta do Olival. É lá onde estou habitando por aposentadoria, que me deu o illustrissimo senado da camara, por ordem de el-rei Sebastião José de Carvalho... digo, D. José I, que Deus guarde. Se não tens inconveniente... Lá ninguem nos ouve.

— Vamos.

Os dois amigos pozeram-se a caminho — Manoel da Costa, o sargento, melancolico e pensativo, e Alvaro Martins, com as mãos arqueadas nas ilhargas e assobiando em tom marcial o *De saudades morrerei*, modinha então muito em voga em Lisboa. Apezar do assobio, Alvaro Martins não era o menos preoccupado dos dois.

Ao chegar á porta da torre, a noite tinha cerrado inteiramente.

— Espera aqui, que vou buscar a chave — disse Alvaro ao companheiro.

Depois entrou no corpo da guarda, correspondendo com dignidade de grande senhor ás attençoens militares dos soldados, e sahiu em seguida, trazendo

uma chave grossa e pezada, com que abriu a porta da torre.

— Cuidado, que não cáias — disse então ao moço sargento, fechando a porta sobre si. — Isto aqui é um limbo, e a escada parece a do inferno. Eu já navego sem perigo por estas paragens. Apéga-te aqui ás abas da minha casaca, e vem apoz de mim. Estava escripto que eu havia de ser moço de cégo, ao menos uma vez na vida.

Assim dizendo, começou a subir, seguido por Manoel, a escada arruinada, que levava para o primeiro andar da torre. Era este um vasto repartimento quadrado, pavimentado por grossas taboas de castanho secular, e alumiado por seis janellas e quatro séteiras, sem portas nem vidraças. Atravez d'ellas via-se, em panorama pittoresco e vasto, a cidade e Villa Nova de Gaya, que principiavam a ser illuminadas pelos primeiros claroens da lua, que despontava esplendorosa por cima da crista das montanhas, que fecham ao longe, para o nascente, o horisonte do Porto.

— Agora espera aqui; vou accender luz, porque sem ella a ascenção ao meu *sanctum sanctorum* é quasi impossivel para um inexperiente. Aguarda que já te alumio.

Ao dizer estas palavras, já Alvaro ia subindo para o segundo pavimento da torre, com grande admiração de Manoel, que olhava com espanto aquelle prodigio de gymnastica, e talvez que um pouco inquieto por duvidoso de o poder praticar com igual perfeição, e por conseguinte tambem sem perigo. E não era para menos. Imagine o leitor uma altura de oito a nove metros, que tanto ia do primeiro ao segundo pavimento, e lá em cima, no tecto, uma grande abertura quadrangular. Era esta a unica entrada que havia para o aposento de Alvaro Martins, e para ella subia-se por uma robusta escada de mão, que, pelo grande comprimento que tinha, baloiçava cada vez mais, á medida que se iam vencendo os degraus que a formavam. Foi por ella que Alvaro

Martins trepou ao seu quarto com agilidade de macaco, e era por ella que Manoel havia tambem de subir, para satisfazer a velleidade de conversar a sós com elle, e de modo que ninguem os podesse espreitar.

Minutos depois de Alvaro ter desapparecido para dentro do alçapão, que lhe servia de porta de quarto, ouviu-se o tirlintar d'um fusil, viu-se uma luz, e depois appareceu elle no tôpo d'aquella escada monstruosa, como a de Jacob, e talvez tão mysteriosa como ella. Trazia na mão um grande candieiro de ferro, em cujos bicos ardiam dois enormes pavios de linho.

— Sóbe agora, mas tem cautella — disse para o amigo — Estes são os percalços dos que trepam para o ceu. Cuidado, que não vás cahir, e quebrar a cabeça. O salto é mortal. Cautella.

Um instante depois de Alvaro ter pronunciado esta exhortatoria, em voz em que mal podia disfarçar o cuidado com que procedia á perigosa ascenção do amigo, este saltou-lhe para dentro da quasi inaccessivel espelunca.

— Bravo! — exclamou Alvaro Martins — E eu que nunca me lembrei de te alistar na marinha!... Ora bem — continuou, poisando o candieiro — senta-te, e falla sem receio. O mundo ficou todo lá em baixo; aqui só Deus e as corujas nos ouvem.

A habitação do excentrico amigo do valido de el-rei D. José, era uma vasta quadra igual á do primeiro andar; com a parede de quartos de granito, nú e denegrido pelo tempo, e com o mesmo numero de janellas e séteiras, mas aqui resguardadas com portadas de rijo castanho, que pela côr mostravam ser obra de fresco. Sobre a parede, que faceava para a cidade, e que fazia parte da velha muralha, estendia-se pendurado um grande quadro, coberto por uma gaza negra e espessa; defronte havia uma antiga cama de pau preto. No meio da casa estava uma comprida meza de carvalho, rodeada por quatro cadeiras de espaldar, forradas de coiro

imprensado e cravejado por grandes botoens de metal amarello. Sobre a meza estava a um lado a Biblia em latim, mais distante o Koran em arabe, e espalhados aqui e alli, a granel, os Annaes de Tacito, os Commentarios de Julio Cesar, as Cartas philosophicas de Voltaire, a Historia philosophica das duas Indias pelo abbade Raynal, os Pensamentos philosophicos de Diderot, e os quatro primeiros volumes da Encyclopedia. Dois globos, um telescopio, um quadrante de Gunter e alguns mappas geographicos estavam collocados a êsmo, aqui e acolá. A um dos lados da casa via-se uma grande arca de castanho, e uma bilha de Extremoz cheia de agua. Junto da cama, e encostado á travesseira, estava um bacamarte, por cima do qual pendia da parede um tôsco taboleiro de pinho, em que repoisava um magnifico par de pistolas.

Alvaro Martins, mal poisou o candieiro, e disse ao amigo as palavras que o leitor leu acima, apontou-lhe para uma cadeira, e lançou-se sobre outra, olhando para elle com olhar zombeteiro.

Manoel da Costa, depois de observar o logar, onde se achava, aproximou-se distrahido da cadeira, mas não se sentou. Cravou então os olhos em Alvaro, e, depois de o fitar um momento, disse lhe em tom grave e pausado:

— Alvaro, tenho um grande segredo que revelar te, mas, antes d'isso, preciso que respondas com lealdade e com franqueza ás perguntas que vou fazer-te.

— Falla sem trava na lingua, amigo. A'vante e sem rodeios.

— Primeiro que tudo, qual é a rasão da tua intima amizade com o valido de el-rei D. José? Em que se fundamenta o poder que tens de dobrar a todos os teus desejos o homem de ferro, que a nada se curva, e que faz dobrar Portugal a todas as suas vontades e caprichos?

Alvaro soltou uma gargalhada sonóra e retumbante; mas quem estivesse costumado a lêr n'a-

quelles olhos de fogo e n'aquelle rosto que, quando queria, parecia que não tinha musculos, havia de descobrir que a gargalhada occultava uma anciedade pungentissima.

— E' isso tudo o que queres saber! — exclamou, por fim. — Para tão pouco era desnecessario subir tão alto. Lá em baixo, a qualquer canto t'o podia dizer; em voz baixa já se vê, que estas coisas só aos amigos se confiam.

Um sorriso de ironia roçou ao de leve pelos labios de Manuel. Os olhos de Alvaro brilharam ao sentirem-se feridos por aquelle sorriso quasi imperceptivel, e que durára apenas o espaço d'um relampago.

—A rasão é simples, amigo — continuou em seguida — ligam-nos interesses mútuos e importantes. Elle é a cabeça que pensa, eu o braço que executa; elle é o homem que planisa as reformas, eu a sentinella que vigia por aquella intelligencia, de que tanto proveito póde resultar a estes reinos. Um grande reformador tem sempre inimigos poderosos e implacaveis. Sebastião José de Carvalho e Mello tem muito em que pensar, por isso não tem tempo para pensar em si; sou eu que penso, sou eu que vélo por elle. Estas rasoens, e o nunca eu pedir senão o que é rasoavel e justo, são os meios porque obtenho d'elle tudo o que lhe peço.

Um novo sorriso, mas agora mais pronunciado, encrespou outra vez os labios do joven militar. Alvaro sentiu-se esmagado por elle; não deixou vêr cousa alguma no rosto, mas acudiu immediatamente:

—Além d'estas ha outra rasão, ainda mais importante de certo para todos os homens de brio. Pois que assim o queres, vou desviar-te de diante dos olhos uma nesga do veu que te occulta o painel da minha insipida historia. Em 1720, dous moços, um de vinte e sete annos e outro de dezenove, toparam-se em cheio e n'uma situação importante, n'uma rua de Lisboa. Era á meia noite pouco mais

ou menos. O de vinte e sete annos defendia-se com difficuldade d'umas poucas de espadas, com que assassinos assalariados lhe alvejavam ao peito. Casualmente o de dezenove passou pelo sitio. Era elle um temerario e um doido varrido, dotado de força muscular sufficiente para fazer parar um toiro na carreira. Ao vêr aquella covardia de tantos contra um, azedou-se-lhe o animo. Puxou da espada, poz-se diante do de vinte e sete, que já mal podia com a d'elle, e com meia duzia de cutiladas partiu a cabeça a dous dos assassinos e affugentou os outros a todo o correr. Os dois moços estenderam então as mãos um ao outro, e juraram amizade para sempre. Quatro annos mais tarde, o de vinte e sete era secretario da embaixada portugueza em Londres, depois foi embaixador em Vienna, e hoje é ministro do reino, e chama-se Sebastião José de Carvalho e Mello. O outro, o de dezenove annos, era... Ora adivinha lá quem era? Era este teu creado Alvaro Martins com menos trinta e um annos de idade, como não pódes duvidar. E aqui tens uma rasão mais para explicar a influencia que exerço sobre o terrivel ministro; liga-nos laço que nunca se partirá, ligação que todos os homens de brio respeitam.

D'esta vez Manoel não sorriu, e Alvaro respirou desafogado, e fitou-o outra vez com olhar galhofeiro.

—Creio-te porque sei que és incapaz de mentir—disse o sargento—Obrigado, amigo; de hoje por diante não tornarei a sentir os remorsos da duvida, quando te apertar a mão.

—Pois que! Imaginavas?...

—Nada, eu nada imaginava. Não fallemos mais n'isto. E's intimo amigo do valido, e dizer-te o que penso d'elle, seria offender-te. Não fallemos mais n'isto.

Os dous amigos ficaram calados por mais alguns momentos. As feições de Manuel exprimiam cada vez mais tristeza e melancolia.

—Resta-me agora a segunda pergunta—disse,

por fim — e para esta, Alvaro, peço-te pela alma de tua mãi, pela tua honra, e pela tua amisade, que sejas ainda mais franco do que o foste para com a primeira.

Manuel interrompeu-se de novo; os olhos de Alvaro Martins cravaram-se prescrutadoramente n'elle.

— Alvaro — continuou o moço militar — tenho um segredo d'alma que desejo, que preciso revelar-te. Mas para o fazer careço de saber de ti a solução de uma grande duvida, que me atormenta ha muito tempo. Do que souber de ti está dependente o meu procedimento de hoje, está talvez dependente a minha vida futura. Repara bem; do que vou perguntar-te, depende a vida do teu amigo, do filho do teu coração, d'aquelle que estremeces como pai carinhoso. Falla, pois, com franqueza, dize-me sinceramente a verdade. Alvaro Martins, quem sou eu?

Alvaro deu um salto, como se o mordesse uma vibora, e os olhos luziram-lhe, como se lhe tocassem com ferro candente em chaga ainda verde. Dominou-se, porém, de repente, e levando a mão á coxa direita exclamou:

— Fóra com o velhaco do prégo! Maldita seja a cadeira, e quem a fez! Eis o que se lucra em andar a comprar trastes velhos pelos adélos.

Depois soltou uma gargalhada, e continuou:

— Mas repete o que perguntaste; é impossivel que te ouvisse bem.

— Perguntei-te quem sou — respondeu serenamente o moço.

Nova e estridente gargalhada foi o preludio da resposta de Alvaro Martins.

— Ora essa! Com todos os diabos! Só me faltava essa! Tu estás doido, homem. Quem tu és!... Pois tu não sabes quem és?

— Não — replicou o moço com a mesma serenidade.

— Ora esta! Pois se tu não sabes.quem és, quem o ha-de saber? Quanto a mim, salvo melhor opinião, és Manuel da Costa, sargento do regimento de infanteria da guarnição do Porto.

Manuel não se alterou com a resposta; aproximou-se mais do amigo, e replicou, pondo-lhe a mão sobre o hombro:

—Alvaro, por Deus! não zombes commigo. Tu mal sabes quanto n'isto me vae a honra e a vida talvez. Escuta-me — continuou, vendo que o amigo o queria interromper — ouve-me até ao fim, e attende bem ao que te vou dizer.

Manuel parou um momento, mas logo continuou:

—Alvaro, tu foste a primeira pessoa que conheci n'este mundo. Creaste-me como pai extremoso, e foste para commigo o que podia ser a mais carinhosa mãi. Antes de chegar á idade de pensar, nunca me lembrou saber d'onde vinha. Vinha dos teus carinhos, e dos teus affagos: acolhia-me nos teus braços como nos de um pai carinhoso, que ama extremosamente seus filhos. Mas a idade da rasão chegou, e conheci que todos tinham pai e tinham mãi. Quem eram pois os meus? Foi n'essa occasião, que te perguntei de quem era filho. Perguntei-t'o essa e muitas vezes depois. Respondeste-me sempre que o não sabias; que eu era filho de meu pai. Esta resposta burlesca nunca me satisfez. Perguntei-o então á velha Margarida, que me creou, e essa respondeu-me rudemente que o não sabia, e que me não importasse com isso; que eu devia ser filho das minhas acçoens, e que devia preparar dê tal fórma o futuro, que nunca me envergonhasse de ter de o sotopôr a uma corôa de conde. Esta resposta não me esclareceu; e Margarida ou não soube, ou não quiz dizer mais. Aquellas ultimas palavras da velha não se perderam, porém, nos meus ouvidos. Mas como interpretal-as? Lembrei-me muitas vezes que podia ser que tu fosses meu pai. Mas tu não eras nobre... não eras conde...—accrescentou, accentuando fortemente estas palavras e fitando, ao mesmo tempo, os olhos em Alvaro — Annos depois, quando me fizeste passar dos dragoens da Beira para este regimento em que sirvo, aconteceram alguns factos...

tive revelaçoens, que me demonstraram plenamente que não sou o que pareço, e que o meu nome é outro... Alvaro, por Deus, pela tua honra, dize-me quem sou? qual é o meu verdadeiro nome?

Alvaro Martins, que fitára o sargento com viva curiosidade e seguindo-o passo a passo, como quem pretendia perceber-lhe o sentido mais intimo da cada palavra, desannuveou a phisionomia e riu-se novamente com ar zombeteiro.

—Mas tudo isso a que vem?—exclamou, finalmente—Ainda hoje te repito o que te dizia então. Eu sei lá quem tu és! Tu és filho de teu pai.

O rosto do moço soldado contrahiu-se com manifestos signaes de desespêro. Juntou as mãos, e exclamou:

—Alvaro... Alvaro... por Deus! responde-me.

Alvaro Martins fitou-o durante um momento em silencio; depois replicou com modo grave:

—Tenho-te occultado até hoje o pouco que posso revelar-te ácerca do teu nascimento, porque entendia que era melhor trazer-te agitado pelos sobresaltos da esperança, do que sugeitar o teu espirito, tão desgraçadamente susceptivel, á revelação do mysterio, que Deus poz entre ti e os teus como barreira impossivel de ultrapassar. Vejo, porém, que é perigoso continuares n'esta ignorancia esperançosa. Attende-me, pois, que vou dizer-te tudo o que sei do teu nascimento e d'aquelles de quem descendes.

E depois de pensar um momento, continuou:

—Foi em 1730 que vieste para o meu poder, e o modo porque vieste foi assim. Havia quinze dias que eu tinha desembarcado em Lisboa, chegado d'uma viagem de muitos mezes. Era uma noite chuvosa: dirigia-me para casa a passo apressado, para fugir á tempestade, que ameaçava carregar cada vez mais. Ao atravessar por Santa Apolonia, a chuva engrossou por tal fórma, que me vi obrigado a abrigar-me debaixo da soleira d'um portal. Minutos depois senti abrir e fechar de repente uma das janellas

da casa, e em seguida abriu-se tão de subito a porta, a que me encostára, que estive em pontos de cahir estendido sobre as lágeas do portal. — «Por Deus, senhor, se tem coração e alma generosa, ampare esta desgraçada creatura.» — Mal ouvi dizer estas palavras, senti logo um embrulho nos braços. Empurraram-me em seguida para fóra, e fecharam a porta sobre mim. Fiquei atordoado durante um minuto; depois descobri alguns pannos dos que tinha nos braços, e vi um recem-nascido... vi-te a ti. Imagina como fiquei. Que havia de fazer da criança, um homem só e sem familia? Para onde a havia de levar? Não é para que me agradeças, mas dou-te a minha palavra de honra, que nunca me lembrou abandonar-te. — «Sáia o que sahir — disse de mim para mim — o rapaz ha-de criar-se, e, se viver, terei n'elle um amigo para a velhice.» — Examinei bem o local, particularisei bem a casa, e depois parti correndo para onde estava aquartelado. Sabes como foste educado. Resta-me, portanto, contar-te o que fiz para descobrir d'onde é que tu me tinhas cahido tão inesperadamente no caminho da vida. Poderosa razão embargou-me a sahida de casa no dia seguinte; no outro dirigi-me a Santa Apolonia. Lá estava a casa, que a não errei. Olhei-a, examinei-a, e vi-a toda fechada, fechada como casa sem moradores. Não fiquei de bôca aberta a olhar para as janellas. Indaguei dos visinhos, e soube então que morára ali uma dama franceza, que no dia anterior partira para França. Perguntei ácerca d'ella, e disseram-me que era uma senhora muito rica, e de mais de setenta annos de idade. Impossivel!... Uma aventura d'estas e uma Venus de setenta e tantos janeiros no primeiro plano do quadro! Impossivel! dez, vinte mil vezes impossivel! O mysterio, a intriga occulta estava ali diante de mim, evidente, palpavel. Mas onde buscar o fio que me conduzisse atravez d'aquelle labyrinto? Os visinhos não sabiam mais, e a franceza, que possuia de certo a chave do enigma, tinha desapparecido, tinha partido para França. E quem era ella?

Atraz de quem havia de ir ou mandar? Eis em resumo toda a tua historia, Manuel; é isto tudo o que sei de ti.

O moço sargento fitou Alvaro Martins com os olhos resplandecentes de raiva e de desespêro.

—Então—disse, por fim, em voz surda—é tudo o que sabes de mim?

—Tudo... tudo o que posso dizer-te.

—Então chamo-me?...

—Manuel da Costa—replicou maquinalmente Alvaro Martins.

Manuel soltou um rugido abafado e feroz; os olhos incendiaram-se-lhe e as feiçoens contrahiram-se-lhe em expressão diabolica. Assim fitou durante um momento o amigo; depois deu um passo para a frente, e, estendendo os punhos cerrados, rouquejou em voz surda e terrivel:

—Tu mentes; chamo-me tanto Manuel da Costa, como tu te chamas Alvaro Martins, D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal.

Ao ouvir estas palavras, Alvaro levantou-se, hirto e pallido como um cadaver. Correu para o moço, e tomando-lhe o braço com força, exclamou em voz abafada:

—Baixo... falla baixo... Que te não ouçam.

—O mundo ficou todo lá em baixo, D. Francisco da Cunha; aqui só Deus e as corujas nos ouvem—replicou Manuel com ironia terrivel.

—Baixo... baixo... falla mais baixo. Quem te disse esse nome?

O moço sargento desapertou n'um momento a farda, tirou do peito um punhal, e respondeu, arremessando-o para cima da meza:

—Li-o ahi, na lamina d'esse ferro.

—Como o houveste?—balbuciou Alvaro Martins, aferrando d'um salto o punhal, que escondeu de repente no seio, lançando ao mesmo tempo sobre o amigo o olhar chammejante da raiva, que precede o assassinato.

—Encontrei-o debaixo do travesseiro da cama,

onde dormiste a noite que precedeu a tua ultima viagem — respondeu serenamente Manuel — Reparando na largura e no bem temperado da lamina, descobri vestigios de letras que debalde tentaram apagar de todo n'ella. A' força de paciencia consegui decifral-as por fim... e revivel-as. Vê a perfeição com que o fiz; repara como sobresáe o teu brazão, e como se lêem bem as palavras — *Este é o amigo leal e calado do conde do Sardoal, D. Francisco da Cunha.*

Durante estas palavras, Alvaro reconquistára plenamente todo o imperio que tinha sobre si.

— Mas que queres dizer com isso? replicou então — Como ousas duvidar do meu nome, unicamente porque tenho em meu poder um punhal, que pertenceu ao conde do Sardoal?

Manuel sorriu-se desdenhosamente.

— Lembras-te d'aquelle preto velho e mendigo, que esmolava na rua Chã, e a quem usavas dar esmola avultada todos os dias? Oh! se te lembras, D. Francisco da Cunha!... Mas do que te não lembras, o que não sabes, é que passando um dia nós ambos por elle, fiquei eu atraz mais um momento, e ouvi-lhe então distinctamente estas palavras em tom triste e melancolico: — «Ah! sr. D. Francisco, quem o viu e quem o vê!» — Depois que partiste, aquelle preto...

— Que foi feito d'elle?

— Nãe te cances a imaginar vinganças: está a salvo, está onde lhe não podem chegar as garras do teu amigo Sebastião José de Carvalho... Mas nada receies, D. Francisco da Cunha...

— Manuel...

— Mas nada temas, Alvaro Martins — accrescentou com ironia o moço — eu tambem sou teu amigo. O preto está onde lhe não póde chegar o teu poder, mas onde tambem te não póde fazer mal. Antes, porém, de partir, contou-me tudo.

— E que te contou? — balbuciou quasi imperceptivelmente Alvaro Martins.

— Contou-me a historia d'aquella mulher — res-

pondeu o sargento, apontando para o quadro que pendia da parede coberto pela gaza escura.

Alvaro cobriu o rosto com as mãos, e deixou-se cahir na cadeira onde estivera sentado. Minutos depois descobriu de novo o rosto, que estava pallido e macilento ainda, mas sereno e frio, como o do homem que já não tem no coração sentimento, que lhe illumine as feiçoens.

— Senta-te aqui — disse a Manuel — Agora devo, e quero contar-te tudo.

Manoel obedeceu maquinalmente.

— Amei muito... muito aquella mulher — continuou D. Francisco da Cunha, ou antes Alvaro Martins — Amei-a mais que minha mãi, mais que a salvação, mais que Deus... E Deus puniu-me por aquelle amôr excessivo, puniu-me com elle... O ciume entrou-me um dia no coração... Matei-a.

Ao dizer estas palavras, a voz morreu-lhe de todo nos labios; fitou então os olhos no quadro, e d'elles rolaram duas grandes lagrimas pelas faces abaixo.

— Seis dias depois — continuou, finalmente — Sebastião José de Carvalho appareceu junto de mim, e entregou-me as provas da innocencia d'aquelle anjo... Olhei-o fulminado, estupido... sem vida...

— «Se és covarde, aqui tens, mata-te» — disse-me, offerecendo-me uma pistolla engatilhada.

Estas palavras fizeram-me subir a côr ao rosto.

— «Se o não és, ha ainda meio de reparar o que fizeste. Os parentes da condessa são poderosos. Ha seis dias que bradam por vingança aos pés de el-rei, e o fanatico D. João v prometteu-lhes que os havia de vingar. Mas Diogo de Mendonça faz só o que eu mando, e Diogo de Mendonça prometteu-me que el-rei os não vingaria. E' preciso, porém, auxilial-o. Partirás immediatamente para fóra do reino; dentro de um anno pódes voltar. Mas se prezas a honra dos teus passados, se não queres amontoar crimes sobre crimes, e sobretudo se a tua consciencia te exige a

punição do que fizeste, não voltes sem que o teu erro tenha esquecido de todo e com elle de envolta o teu nome. Farei espalhar que morreste; D. Francisco da Cunha deve deixar de existir, desde o momento em que abandonar Portugal com as mãos tinctas pelo sangue d'uma mulher innocente. Passados annos voltarás á patria, mas com outro nome, e com outro rosto, que te hão-de dar o tempo e o soffrimento recalcado no coração. Achar-te-ás só n'esta terra populosa, passarás pelos que conheces sem que elles te conheçam a ti; não terás parentes, amigos, grandezas, nem titulos, serás novo para tudo o que te cercar -- excepto para este ar e para este ceu, que é o ceu e o ar da patria. E não estarás de todo só; se a morte me não levar d'este mundo, aqui estarei eu, aqui te esperarei, o mesmo homem, o mesmo amigo. Escolhe, pois, ou a morte covarde do suicida, ou a expiação do crime pela obscuridade, que esmaga os espiritos altaneiros e ambiciosos.

No dia seguinte parti para a India. Viajei pela Asia, pela America, por todo o mundo conhecido. Entretanto espalhou-se em Lisboa a noticia da minha morte. E choraram-me... choraram-me até os proprios inimigos! O mundo é assim. Dois minutos depois de cerrar os olhos para sempre, todo o homem é heroe mesmo para aquelles que o conheceram. Ao entrar na eternidade, não deixamos apoz de nós senão a lembrança das nossas virtudes. Os homens desejam despedaçar, como féras, o parricida cheio de vida; e choram-n'o, como crianças, vendo-o pendurado da forca. Dizem que isto é humanidade, eu digo que é egoismo. A sympathia, que nos faz elogiar os mortos, é a consciencia de que a morte, aquella suprema e ultima desgraça para a materia, é lei geral da humanidade. Quem elogia as virtudes do homem defunto, não faz mais do que adular os que lhe hão-de sobreviver. E' o egoismo covarde disfarçado em saudade piedosa. Foi o que aconteceu commigo; choraram-me até os proprios inimigos!

Alvaro calou-se então, deixando encrespar os labios por aquelle sorriso de ironia escarnecedora, que lhe era tão habitual. Depois continuou:

— Voltei, por fim, d'aquella longa peregrinação. O tempo, a desgraça e os trabalhos tinham-me transformado completamente, e o pouco que restava ainda do conde do Sardoal esvaeceu-se diante da certeza, com que se annunciára, e fôra recebida a noticia da minha morte. O disfarce completou a transformação; o moço elegante e peralta, o fidalgo cortezão e vistoso transformou-se no que vês. Cheguei emfim a Lisboa; abracei-o a elle... e encontrei-te a ti. Foi mais uma consolação; não fiquei de todo só n'este mundo. Depois vim para aqui, vim viver longe de tudo o que me recordava o que fui, vim viver a sós com as minhas recordaçoens... a pensar n'ella e a velar por ti.

A estas palavras, o rosto de Manuel illuminou-se de esperança radiosa. Levantou-se de repente, correu ao quadro, puxou pela tela, e exclamou, cahindo de joelhos:

— D. Francisco da Cunha... em nome d'este anjo... sou filho d'ella?

— Não — respondeu elle, estendendo o braço solemnemente — juro-t'o por Deus, pela minha honra... juro-t'o por ella.

Estas palavras fizeram profunda impressão em Manuel. Ergueu-se a pouco e pouco, maquinalmente, e com os olhos fitos no amigo:

— Então quem sou eu? — balbuciou.

— Revelei-te quanto podia revelar-te. A teu respeito pouco mais posso dizer. Manuel, tu és resultado d'um crime; o teu nascimento deshonrou aquelles a quem deves o sêr, e causou a morte... d'aquella mulher — accrescentou, apontando para o quadro, e depois em voz mais baixa — e a desgraça do meu nome. Mais do que isto não posso dizer-te. O segredo não é meu, é d'outrem; só elle é que o póde revelar. De mim ninguem o saberá; á hora da morte negal-o-ei até ao proprio sacerdote, que me

assistir ao passamento. De hoje ávante, nem mais palavra sobre isto, amigo.

O rosto do moço militar tornou-se impassivel e frio, como o de estatua cinzelada por esculptor sem sentimento e sem poesia de coração.

— Adeus — disse, por fim; e dirigiu-se á escada.

— Escuta — exclamou Alvaro Martins, correndo para elle — não me deixes assim em face das recordaçoens do meu passado, e a estorcer-me nas incertezas do teu desespêro. Que tens? Que te faz soffrer?

— E' o meu segredo — respondeu friamente Manuel — Guardo-o como tu guardas o teu.

Assim dizendo, desappareceu na abertura do alçapão. Alvaro correu a alumiar-lhe, mas quando chegou ao tôpo da escada, já o não viu. Desceu a correr apoz elle, e encontrou-o a sahir da torre, cuja porta cerrou apoz de si, impellindo-a com força contra o batente.

Alvaro Martins deixou-se cahir sentado sobre um dos degraus da escada. O candieiro escorregou-lhe das mãos, e a cabeça pendeu-lhe para o peito.

— É o meu castigo — balbuciou por fim — E digam que não ha Deus!...

Depois tomou o candieiro, que ardia tombado sobre a escada de pedra, e subiu ao segundo andar da torre.

— Está perdido — murmurou comsigo mesmo — É preciso velar por elle mais do que nunca.

Tomou então a espada e o chapéu, embrulhou-se no forte capote, e sahiu para a rua.

II

Diabo — Eu não sei se me conheces.
Tempo — Fallando com salvanor,
Tu diabo me pareces.

Gil Vicente — Auto da Feira.

Na rua das Flores, á esquina da rua Souto, havia, em 1757, um bello e elegante palacête. No principio d'este seculo um incendio reduziu-o a ruinas. Sobre ellas é que se edificaram, annos depois, as casas que hoje occupam o local, que era então occupado por elle.

Este palacete, cuja entrada principal abria sobre a rua das Flores, e cujas trazeiras cahiam sobre a praça de S. Roque, era propriedade de D. Bartholomeu de Pancorvo, rico negociante de vinhos.

D. Bartholomeu de Pancorvo era hespanhol, natural de S. Sebastião de Biscaia. Tinha vindo aos dez annos para o Porto; aos trinta estabelecera-se por sua conta, e aos sessenta e dois, em que nos en-

contramos com elle, era um dos negociantes mais ricos e mais acreditados da praça. Era homem cordato e rigorista em assumptos commerciaes. A sua reputação de homem honrado e de consciencia era bem merecida e assentava em baze solida. Tinha a estatura apessoada; as feiçoens eram graves, mas cheias de bondade; a fronte alta e espaçosa, revelando altas qualidades de pensador profundo e intelligente.

A sua casa era talvez a mais commoda, e sem duvida a mais elegantemente mobilada de toda a cidade do Porto. As muitas viagens, que motivos commerciaes o tinham obrigado a emprehender por Inglaterra, por França, e por Italia, haviam-lhe apurado o gôsto naturalmente bem qualificado. Assim D. Bartholomeu tinha transportado para a sua casa do Porto tudo o que vira de mais commodo e mais garboso lá pelas terras, por onde andára. Os espelhos, que lhe adereçavam as salas eram dos mais ricos e mais perfeitos que fabricava Veneza; os moveis eram de magnificas madeiras, primorosamente molduradas nos milhares de lavores donairosos, em que a época primava caprichosamente; tudo eram tapetes, pannos de armar, cristaes, pratas e mais adereços, tão ricos como elegantemente escolhidos e laborados. Os fogoens das salas, que n'essa época eram commodidade indispensavel nas casas grandes, eram na d'elle espelhados de magnificos marmores de Italia, construidos e lavrados pelo risco esplendido dos fogoens da época de Luiz XIV. Tudo em casa de D. Bartholomeu era rico e de bom gôsto. Além d'isto, era elle quem dava os bailes mais apparatosos, as assembleias ou partidas mais agradaveis, e as *furias do rio* mais esplendidas, que se faziam pelo Douro acima.

A estas prendas, alta e devidamente apreciadas pelas damas, pelos ociosos e pelos peraltas, reunia D. Bartholomeu excellentes dotes moraes, e, apesar de estrangeiro, extremado amor pela terra, onde ganhára a sua grande fortuna. Este amor e as ne-

cessidades do commercio, a que especialmente se dedicava, foram que lhe inspiraram a primeira ideia [1] da *Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro*, pensamento que tinha por fim restaurar o credito dos nossos vinhos nos differentes mercados da Europa, e dar ao agricultor os meios precisos, para libertar-se das garras do monopolio que o esmagava. Por essa época o commercio dos vinhos do Douro era quasi que propriedade exclusiva dos negociantes da feitoria ingleza. O furor da especulação tinha-os levado a tentar imprudentemente o paladar do consumidor britannico com milhares de invençoens de qualidades de vinhos, resultantes de preparos exquisitos. Esta imprudencia produziu o que logicamente devia produzir, o que produz sempre e em todas as épocas — depravou o gôsto, e obrigou á depravação dos vinhos. D'aqui seguiu-se naturalmente o descredito, e d'elle a diminuição do consumo. De fórma que o desgraçado agricultor, além de se vêr obrigado a vender o genero pelo preço que lhe impunham aquelles que se incumbiam de o levar ao mercado, via de mais a mais escacear o consumo em resultado da adulteração, a que o obrigavam aquelles, por quem se communicava com os consumidores. O mal aggravou-se de fórma que os proprios negociantes da feitoria chegaram a receiar por si. Desandaram então em queixumes contra os lavradores, aos quaes achacavam os males de que elles sós eram causa. D'esta cegueira, porém, desvendaram-nos os seus proprios commissarios no Douro, dizendo-lhes francamente a verdade na resposta que, por escripto, lhes deram ás queixas, que sobre este assumpto alta e ruidosamente faziam. Este documento importante, que o marquez de Pombal fez publicar, como razão justificativa da instituição da Companhia, acha-se no primeiro volume da legislação josephina, precedendo os estatutos de 1756.

---

[1] Vid. Nota XI.

Para obviar a estes males, D. Bartholomeu de Pancorvo, negociante emprehendedor e intelligente, ideou a Companhia da *agricultura dos vinhos*, que mais tarde se transformou em Companhia de *negocio de vinhos*. Formulou o plano e communicou-o ao seu amigo fr. José de Mansilha, frade dominico, homem ambicioso e amigo de ter valia, que, depois de discutido, o levou a Sebastião José de Carvalho, então rei de el-rei D. José. O ministro achou boa a ideia, meditou-a, fez os estatutos de 1756, e creou a Companhia. Os estatutos de D. Bartholomeu eram muito mais simples, e muito mais modestos; não tinham privilegios odiosos, e colleccionavam unicamente as garantias precisas a um verdadeiro banco rural, a quem juntamente se encarregava a missão de desacreditar os desacreditadores, concorrendo franca e lealmente com elles. Os estatutos de 1756 foram resultado das alteraçoens que o ambicioso dominicano inspirou á ancia, que o ministro tinha de ver realisado o pensamento. Mais tarde soube elle aproveitar ensejos favoraveis para lhe extorquir novos privilegios, que depois ainda centuplicou com menos difficuldades, durante o governo tibio e pouco cordato dos ministros, que aconselhavam a senhora D. Maria I.

Esta é em resumo a historia da Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro. A razão porque D. Bartholomeu não assignou os estatutos offerecidos pelo ministro á approvação de el-rei, essa já o leitor a póde adivinhar; e se não quizer dar-se a esse levissimo trabalho, dê-se ao de continuar a lêr este capitulo, que por elle fóra a ha-de certamente encontrar.

Tres dias depois d'aquelle, em que Manuel da Costa se encontrou com Alvaro Martins na torre da porta do Olival, passava-se a seguinte scena em casa de D. Bartholomeu de Pancorvo, ás seis horas e meia da tarde.

N'uma das salas de receber do seu elegante palacête, D. Bartholomeu estava sentado diante do

fogão, no qual ardia um pedaço de uma raiz de carvalho. Tinha diante de si uma meza de pau preto fimbrado de marfim, e sobre ella aberto um livro manuscripto, encadernado em pergaminho e com fechos de prata, sobre o qual estava inclinado e lendo, á luz que jorrava d'um magnifico candelabro. Encostado á meza, de ilharga e olhando por cima do hombro para o honrado biscaínho, estava um homem de preto, de sessenta annos de idade, baixo, gordo, barrigudo e vermelho: de cara intelligente, mas de olhar velhaco e tençoeiro. Olhava, como disse, de nesga sobre D. Bartholomeu, com os olhos semi-fechados, e nos labios um certo sorriso que lhe era habitual, e que nunca se pôde saber ao certo o que dizia. Tinha os braços erguidos á altura do estomago, e como que apoiados na saliencia barrigal; e nas mãos uma enorme caixa de prata, que, de quando em quando, estendia aberta ao companheiro, e de que tomava em seguida e methodicamente uma pitada. Vestia o habito dos dominicos.

Este frade era, como se vê, fr. José de Mansilha, chegado havia dias de Lisboa, onde residia como procurador da Companhia. Viera ao Porto, para conferenciar com o provedor e deputados sobre o melhor meio de segurar os privilegios, que tinha extorquido a Pombal, em nome da difficuldade de reunir, sem elles, capitaes sufficientes para tamanha empreza. O ministro, porém, que tinha concedido tudo ou quasi tudo antes da formação d'um estabelecimento, que reputava de tão alto interesse nacional; agora, que o via definitivamente organisado e prompto, começava a mostrar signaes clarissimos de que estava disposto a reduzir os privilegios áquillo que rasoavelmente entendia que era preciso que fôssem. Para combinar os meios de conjurar a tempestade imminente, é que fr. José viera ao Porto.

Reinava silencio, havia alguns minutos; por fim D. Bartholomeu levantou a cabeça, e, batendo com o dedo em certo logar do manuscripto, que nada menos era que os estatutos da Companhia, exclamou, voltando-se para o frade:

— E' aqui; é aqui onde está o perigo; é isto que se deve reformar de prompto e primeiro que tudo.

— Bem sei — respondeu o frade, sempre de esguelha e revirando apenas o canto do olho para a passagem indicada — bem sei; é o paragrapho 28, que trata do privilegio das tabernas. Tambem está mais adiante, paragrapho 32. Sabe que mais, meu caro snr. D. Bartholomeu — continuou, avivando mais o sorriso e batendo com os nós dos dedos duas pancadas compassadas na tampa da caixa — Sabe que mais? sempre me quiz parecer que vm.ce era muito assustadiço.

— *Hombre! por Dios!...* — exclamou D. Bartholomeu, atirando-se para o espaldar da cadeira, e esquecendo, na força da crispação dos seus nervos de biscaínho, que estava em Portugal, e que fallava correntemente portuguez.

— Queira desculpar, mas como sabe, detesto rodeios. *Odit natura fucos.* Tudo o que me tem estado a dizer não vale dois caracoes.

— *Hombre! por la Virgen!...*

— Pois que importa que a plebe não queira o privilegio, se el-rei, nosso senhor, o quer?

— Mas, fr. José, não o digo por isso; mas vai de certo haver grande levante, o que é descredito para o estabelecimento.

— Qual descredito, nem meio descredito, snr. D. Bartholomeu! *Ad populum phaleras*, meu amigo. Pois que tem o credito da Companhia com as ameaças de meia duzia de bebados?...

— Mas olhe que não são meia duzia de bebados, fr. José; são homens que valem alguma cousa, e o povo...

— Pois não me disse que eram tres taverneiros e não sei quantos *infima de gente...*

Aut ursum, aut pugiles; his nam plebecula gaudet [1]

---

[1] Horat. Epist. Lib. II. epist. I. vers. 186.

— Boa vai ella! Se vm.ce está sempre a interromper-me, e, de mais a mais, falla-me em latim!...

— Faça favor de desculpar. São escorregadellas de velho prégador; se me não entende, a culpa é sua que não aprendeu a lingua dos sabios. Mas prometto emendar-me. Ora vá, exponha todo o caso.

A estas palavras, o frade lançou á surrelfa um olhar de escarneo sobre D. Bartholomeu, avivando ao mesmo tempo mais o seu sorrisinho enigmatico. O honrado biscaínho nem deu por tal, absorvido como estava na ideia, que era assumpto da discussão entre elle e fr. José de Mansilha. Assoou-se estrepitosamente a um magnifico lenço de sêda da India, e, depois de fungar meia pitada de rapé, que tomou da caixa do frade, continuou:

— Como lhe ia dizendo...

— Faça favor, em cortezia — interrompeu fr. José, acenando com a mão espalmada — queira começar a narração *ab ovo*... quero dizer, desde o principio. Preciso de saber tudo para avaliar devidamente.

D. Bartholomeu fez um movimento de impaciencia.

— Ainda ante-hontem...

— Desde outubro passado, snr. D. Bartholomeu, desde outubro passado.

— Então quer que principie d'ahi?

— Está claro; a isso é que eu chamo o principio.

— Pois bem, queira dar-me attenção, e não me interrompa.

— Ora vamos lá — replicou o frade, sentando-se commodamente, e levando ao nariz a caixa de rapé aberta, com o fim de occultar um accesso invencivel do tal sorriso, que, mau grado seu, lhe confrangia mais ostensivamente os labios.

— Vm.ce sabe muito bem, fr. José — disse então o biscaínho — sabe muito bem que esta plebe do Porto não é para graças. É pacifica e inimiga de desordens; mas é naturalmente contraria a novidades, sobretudo se lhe tocam na bolça ou nos costumes. Então se lhe chega a mostarda ao nariz vai tudo pelo

pó do gato; é capaz de armar terramoto peior do que o acontecido ha dois annos. Sabe que mais, amigo fr. José — continuou, inclinando-se para o frade e abaixando a voz — quando vejo certas leis do snr. Sebastião José de Carvalho, arrepiam-se-me as carnes de medo, porque me receio de que, mais dia menos dia, se rocem mais de perto pela opinião e pelos interesses d'esta gente, e olhe que então o caso é serio.

— Mettam-se com elle — resmungou o frade, abanando compassadamente a cabeça e fazendo resoar uma risadinha saltada.

— Eu sei lá, homem, eu sei lá — replicou o biscaínho, em tom de quem não queria duvidar, mas que ao mesmo tempo não podia resistir á duvida — Eu sei lá o que será, fr. José. Bem conheço que o ministro não é homem para graças, e el-rei faz só o que elle diz que se faça; mas, emfim, esta gente é gente do diabo. Se embirra, tem o geito dos touros agarrochados; vai céga para a frente, sem lhe importar com as consequencias. N'um momento levantam um exercito, porque, dentro em oito dias, cada homem é um bom soldado. E depois bem vê que a cidade já não é tão pequena como isso; já tem perto de sessenta mil habitantes...

— Que as aguentam como quaesquer outros, amigo D. Bartholomeu — interrompeu o frade, repetindo a sua risadinha sêca e saltitante.

— Homem, não é tanto assim; e demais esta das tavernas toca-lhes muito no vivo...

— Ora diga-me cá; não é verdade ter a camara feito não sei quê a esse respeito?...

— É verdade. Mas d'ahi que succedeu? A camara fez um acto de vereação, ha dois annos, pelo qual reduziu a numero certo as tavernas. Este acto de vereação foi approvado por uma provisão régia; mas...

— Mas o que? Aguentaram-n'o.

— Engana-se... Fizeram corrilhos, armaram parcialidades, contribuiram com muito dinheiro para de-

mandar a camara sobre isso, e depois pozeram tal medo ao senado com ameaças, com brados e com insultos, que ficou tudo em aguas mórnas.

— Pois a provisão não se cumpriu?...

— Quem falla em cumprir a provisão? Com esta gente não se anda assim tão de vêrga d'alto, como vm.ce pensa, fr. José. A camara calou-se, e olhe que se o negocio não passou a mais, foi porque não era juiz do povo o Lisboa. Elle ao menos gaba-se d'isso.

— E quem é esse Lisboa?

— É um taverneiro que mora na praça de S. Domingos. Chama-se José Francisco da Silva: Lisboa é por alcunha.

— Bem sei, bem sei. Um velho sonso, um velhaco de cabellos brancos, muito insolente e muito matreiro... Pois olhe que, apesar de ser agora juiz do povo, hão-de roel-a. D'esta vez o caso não é com o senado da camara do Porto; é com Sebastião José de Carvalho, ministro d'el-rei D. José.

— Pois sim, sim; mas olhe que o caso não é agora o mesmo. Então era reduzir o numero das tavernas e obrigar os taverneiros a tirar licença; agora é a total extincção d'ellas, é tiral-as ao povo para as dar de presente á Companhia.

— Mas se o ministro o quer...

— Quer o ministro, mas não quer o povo, fr. José. O ministro é duro, mas a gente do Porto é cabeçuda. D'isto é que eu me têmo. E para que veja o caso que fazem da vontade do ministro, olhe o que fizeram em outubro passado, o que têem feito depois, e o que andam a tramar agora.

— Ora diga.

— Mas, por Deus, não me interrompa.

— *Verba volant.* Ora diga.

E aqui fr. José de Mansilha offereceu, e tomou nova pitada, cruzou os braços sobre a barriga, e fechou os olhos como homem inteiramente resignado a ouvir d'esta vez em silencio a narração.

— Este privilegio das tavernas ha-de dar que fallar, fr. José...

— Póde muito bem ser — rosnou o frade, sem se mexer.

— Mal appareceu, o povo poz-se logo em bicos de pés contra elle. Os taverneiros gritaram a bom gritar, e começaram logo a combinar um levante. Um d'elles, um tal Caetano Moreira da Silva, principiou immediatamente a reunir os interessados no seu armazem. Decidiram então dar cabo da Companhia, fazendo um levantamento geral do povo. Chegaram até a reunir-se para isso na praça de S. Domingos, a 10 de outubro do anno passado. E sabe porque o não levaram a effeito?

— Foi porque não confiaram n'um tal Manoel de Sequeira, que era então juiz do povo. Quem deu o conselho para protrahir o levante, foi um certo Manoel Pereira, que era então e ainda é hoje escrivão do povo.

— Isso mesmo. Eu já lh'o tinha dito?

— É natural — respondeu o frade, fungando a pitada.

— Por conselho do Pereira tentaram então subornar os votos a favor do meu compadre Thomaz Pinto...

— Esse Thomaz Pinto não é um homemzarrão, taverneiro ahi para as bandas da rua Chã?

— E' esse mesmo. Móra defronte de Luiz Belleza.

— E' homem solteiro e turbulento. Olhe que é boa rez o tal seu compadre. Póde gabar-se do conhecimento. Bem sei; foi elle que concitou, ha annos, o povo da Maia a uma assuada contra a camara por ter deferido a um requerimento das freiras de Vairão.

— E' o proprio — replicou D. Bartholomeu, fitando o frade com desconfiança — Eu já lh'o tinha dito?

— E' natural — retrucou fr. José, acabando de sorver a pitada.

— Pois em consequencia do conselho do escrivão do povo — continuou D. Bartholomeu — tentaram subornar os votos dos Vinte e quatro a favor

do meu compadre. Vendo, porém, que o não conseguiam, voltaram-se para o Lisboa, que já estava na combinação do levante, e o proprio Thomaz Pinto ajudou a fazer o subôrno.

—E foi eleito o Lisba... como se vê.

—Empatou com um certo Manuel Alvares Pereira, oleiro, alcunhado o brazileiro; mas tanto trabalharam, tanto se empenharam, tanta gente metteram no negocio que, por fim, o Lisboa venceu a demanda, que poz sobre o caso ao brazileiro.

—E depois?—disse muito naturalmente o frade, sem abrir os olhos, e sem se voltar para D. Bartholomeu.

—Depois—continuou este sem se atrapalhar—mal o Lisboa tomou conta da vara, principiaram a maquinar desesperadamente. Reunem-se todas as noites em casa do meu compadre Thomaz, ou em casa do Caetano, e mais frequentemente em casa d'um certo José Antonio, que é taverneiro, estanqueiro e alfaiate, tudo ao mesmo tempo. Dizem-se lá improperios contra o ministro e contra a Companhia, e juram que antes entregarão a cidade a mouros, do que soffrerão tal vexame. Se o que planisam se realisa, está tudo mal, muito mal.

—Ora diga-me; quantos são ao todo?

—De interessados, entre homens e mulheres, mais de cem.

—Tambem mulheres!...

—E são as peiores. Nas reunioens concitam os maridos com palavriado violento; e cá por fóra são as campainhas que tocam continuamente a rebate, chamando o povo á revolta.

—Santissima Virgem do Rosario!—exclamou o frade, fingindo-se aterrado.—Sabe-me dizer se é verdade que anda um advogado mettido na empreza?

—Até nem isso lhes escapou, fr. José.

—Disseram-me que é um tal Nicolau da Costa Araujo. Segundo me informaram, o homem tem-lhes mettido mil tolices nas cabeças. Tem-lhes dito, por exemplo, que a revolta ha de ir ávante por força,

porque, emfim, el-rei ha de temer-se de que o povo peça ao papa outro rei. Outro rei e ao papa!—accrescentou o frade, soltando uma gargalhada—Pois o conselho de que a revolta deve principiar pelas mulheres, porque ellas não pódem ser enforcadas! Forte asno! Sempre mostra que é doutor das duzias. O caso é que o tal advogado é um dos mais exaltados.

—Ha de perdoar, fr. José, mas n'essa supposição engana-se redondamente—replicou o biscaínho—Todas essas sandices não são mais que confortativos, que a gentalha emprega, para robustecer o animo dos menos resolutos. O advogado não tem sido senão advogado. Sei-o de boa parte. Foram consultal-o uns poucos de homens desconhecidos, perguntando-lhe se podiam requerer a el-rei contra a Companhia, disse-lhes que sim, e, como lhe pagaram, fez o requerimento.

—Que por signal é um acto insolentissimo de rebellião. Eu já o li.

—Já o leu! Pois vm.ce sabia d'isso?...

—Eu sei muita cousa que vm.ce ignora, snr. D. Bartholomeu, apesar do tal homem, que me diz, que o informa de tudo. Aposto que não sabe que estão resolvidos a ir ter com a feiticeira da Torre da Marca [1] para que ella lhes ensine não sei que oração ao diabo, que tem a virtude de matar quem se quer morto, e com a qual tencionam dar cabo do ministro, e até de vm.ce que foi quem ideiou o estabelecimento d'ella.

—*Virgen! madre de Dios!*—exclamou o biscaínho, espantado—Eis-ahi está para que o senado da camara consente em aposentar n'uma casa, que é sua, aquella maldita velha, contra todas as rasoens de decencia, e a despeito da veneração que se deve ao tribunal da santa inquisição.

—Se ella lá está não é por vontade do senado—replicou gravemente fr. José de Mansilha—Da se-

[1] Vid. Nota XIII.

cretaria das mercês baixou um aviso régio, mandando que se lhe désse aposentadoria na casa arruinada da Torre da Marca.

—Homem, que me diz!...

—Digo-lhe isto. A feiticeira é protegida por Alvaro Martins.

—Por Alvaro Martins!...

—Sim; conhece-o?

—Se o conheço! Ando até em conferencias com elle sobre vastos planos de fabricas, que Jacome Ratton lhe encarregou de me communicar. Pois elle pôde fazer baixar da secretaria das mercês tal aviso, fr. José! Então quem é Alvaro Martins?

—Quem é Alvaro Martins?—replicou o frade, estirando syllaba por syllaba estas palavras e aproximando ao mesmo tempo a caixa do rapé para os dois dedos, que D. Bartholomeu de Pancorvo estendia para elle em acto preparatorio de pitada—Quem é Alvaro Martins, pergunta vm.ce? Sei eu lá? Alvaro Martins é... Alvaro Martins. É homem que todos conhecem, e de quem todos perguntam quem é. Tem má catadura, grandes bigodes, más fallas, e ruim vestido. Entra de chapeu na cabeça em casa de Sebastião José de Carvalho, cóme com elle á meza, trata-o por tu, e faz d'elle quanto quer. Mas por fim de contas que pensa vm.ce de tudo o que me tem estado a dizer?

Ao ouvir estas palavras, D. Bartholomeu, que attendia com toda a curiosidade ao que o frade dizia ácerca de Alvaro Martins, atirou-se de repente para o espaldar da cadeira, e replicou depois de um momento de silencio:

—Penso que vai haver muito que vêr, se se não modifica este privilegio. Tudo mostra que o povo está decidido ao levante, e como cada dia a resolução toma maior fôlego, em rasão dos muitos motivos que esforçam cada vez mais o espirito, que a inspira, sou de opinião que, a não se tomar o expediente de applacar a plebe, riscando dos estatutos este privilegio, tudo isto redunda em ser a morte da Companhia.

O frade soltou uma grande gargalhada.

—Muito assustadiço é vm.ce, D. Bartholomeu! —disse, por fim, batendo com a caixa sobre a meza em plena expansão da hilaridade que o tomara.

E depois de rir e rir a fartar, continuou:

—Pois eu sou de opinião de que tudo isto redunda em ser o vigor, a consolidação a estabilidade da Companhia.

—Homem, vm.ce está zombando?

—Não zombo, D. Bartholomeu. Deus queira que o levante rebente, e que rebente com bem força. Se a plebe o não fizer, é preciso que nós o façamos.

—Por Deus, fr. José...

—Não me entende, bem se vê.

Rex, nisi dormieris, non potes esse meus. [1]

É pena, porque me poupava explicação. Ora diga-me, conhece Sebastião José de Carvalho?

—Não conheço... quero dizer, conheço-o apenas de vista.

—Pois d'ahi é d'onde vem o mal; por isso é que me não entende. Ora oiça.

O frade tossiu, escarrou, e continuou:

—Sebastião José de Carvalho é dotado d'uma grande perspicacia e d'um grande talento administrativo; é emprehendedor e capaz de fazer com que estes reinos se voltem com o de dentro para fóra. Mas é altivo, despotico e cioso da sua authoridade, e, com quanto seja homem que attende ás opinioens alheias, depois de tomar qualquer resolução, é teimoso e aferrado tenazmente á sua. Se o contrariam, ou se lhe negam obediencia indiscutida e humilde, a energia e o despotismo, que lhe são as qualidades essenciaes do caracter, incitam-n'o, e cegam-n'o, a ponto de caprichar em fazer medidas, de cuja inconveniencia já se chegou a persuadir. O que era reforma e disposição calculada pelo mais sagaz tino administrativo,

[1] Martialis Epigr. Lib. v. 23.

to·na-se capricho violento de despotismo feroz, se por ventura encontra pela frente quaesquer assômos de opposição. *Quero e mando, e tanto basta.*

Hoc voleo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas, [1]

como diz o poeta. Eis a base fundamental do seu systema governativo. E' o principio de authoridade exagerado até á tyrannia. Para realisar esta theoria não vacilla em empregar todos os grandes meios, de que dispõe, porque o principal defeito d'este homem de estado é o ser capaz de sacrificar Portugal ao acatamento e obediencia, que exige para as suas determinaçoens.

Aqui fr. José fez pausa de mais de minuto com grave desgosto de D. Bartholomeu, que o escutava attentamente.

— A Companhia é uma especulação vantajosissima — continuou finalmente o frade — mas, aqui para nós, o ministro foi liberal de mais para com ella. Não creia que o foi por tolo, nem por generoso; não, senhor, foi-o por velhaco. Queria a Companhia fundada, e para que a fundassem, foi amabilissimo para com todos que se prestavam a isso. Mas a Companhia está organisada, e, o que é mais, está constituida. Já não é preciso ser amavel, e Sebastião José de Carvalho principia, portanto, a manifestar os primeiros symptomas de querer reduzil-a ao que lhe suppõe estrictamente preciso, para se manter com prosperidade. Ora este não é dos homens que ficam com qualquer pensamento em projecto; e, assim, mais tarde ou mais cedo, cerceia lhe os privilegios, e monda-lhe as prerogativas. Grande tormenta se está acastellando, portanto, sobre o horisonte da nossa magnifica especulação; e, para a conjurar, não ha mais que um meio — é a revolta da plebe do Porto. Eu me explico — accrescentou o frade, vendo manifestos signaes de

---

[1] Juvenal. Satyra VI. Vers. 222.

impaciencia no rosto e nos gestos de D. Bartholomeu — eu me explico mais claramente. Sebastião José de Carvalho disse pela bôca da authoridade absoluta do rei «eu quero a Companhia assim»: e o povo do Porto «pois eu não a quero». Aqui temos a vontade do ministro em opposição á vontade do povo. Mas Carvalho não admitte senão a primeira: a manifestação da segunda é crime, segundo as theorias d'elle. Para provar a verdade d'ellas o ministro hade conservar á força a Companhia, tal qual é, com os seus estatutos, com os seus privilegios, com as suas prerogativas. Pois que é a vontade d'elle hade impôl-a sem falta d'uma virgula, tal qual eu e elle a fizemos, tal qual o povo a não quer. D'esta maneira prova que a vontade absoluta do rei, ou antes a d'elle, é quem manda, é quem governa, é quem tem o direito de dizer quero ou não quero. E assim adeus projecto de lhe diminuir os privilegios. Ora aqui tem o motivo, snr. D. Bartholomeu de Pancorvo, porque lhe acabei de dizer que o levante será a consolidação e a vida da Companhia. Entende-me agora?

— Muito bem... muito bem — disse gravemente D. Bartholomeu — A combinação é engenhosa; mas que meios!... e que desgraças não vão elles produzir!

O frade fez então signal de aborrecido.

— Que desgraças nem meias desgraças, D. Bartholomeu? Que temos nós com isso? Quem quer os fins não olha á escolha dos meios, não olha para a direita, nem para a esquerda, vai resolutamente para a frente. O homem que está dentro da casa, que arde por todos os quatro cantos, está perdido, se, para fugir, repara onde hade pôr os pés. O caso é sahir para fóra d'ella, embora careça de atravessar por cima de carvoens accêsos ou por cima de ferro candente.

Depois soltou uma gargalhada, e exclamou, batendo familiarmente no hombro do honrado biscaínho:

— Bem lh'o dizia eu, D. Bartholomeu: vm.ce é

muito assustadiço. Olhe que ha muito tempo que faço de si este conceito.

—Muito obrigado; não pensava dever-lhe tantos favores.

—Não se escandalise; mas esta é a pura verdade. E como quer vm.cê que eu pense de outra fórma? Não se recusou vm.cê a assignar os estatutos redigidos pelo ministro? E pelo quê? Isto n'outro era de reparar, mas em vm.cê, que foi quem ideiou o estabelecimento, que deve reconhecer-lhe as vantagens...

—Por isso mesmo é que me recusei. Em quanto ás vantagens... veremos.

—Creio que está zombando, D. Bartholomeu.

—Não zombo, fr. José. Não assignei, porque o que se me apresentou, não foi a empreza que imaginei; e porque entendi que, na minha qualidade de estrangeiro, tinha obrigação de recusar o meu nome a uma especulação, que vae causar a desgraça do paiz, que me acolheu. De mais, o seu estabelecimento, apezar de todas as apregoadas vantagens, tem n'elle mesmo todos os elementos da propria destruição.

O frade fez saltar por escaloens a sua risadinha enigmatica, e tirou pachorrentamente uma pitada da caixa, que tinha recostada na proeminencia do anafado abdomen.

—Vê o que está acontecendo aos associados da feitoria ingleza, fr. José?—continuou D. Bartholomeu—É o que, mais cêdo ou mais tarde, hade acontecer á sua Companhia. Desperte ou não desperte Sebastião José de Carvalho da leviandade do capricho, que vm.cê lhe quer inspirar; o que é certo é que logo que em Portugal appareça um governo que olhe, como deve, para os interesses da nação, a Companhia, que fundaram, será sentenciada como principal inimigo do ramo mais importante do commercio portuguez. O que eu tinha imaginado era um estabelecimento patriotico, que salvava o Douro e o commercio de vinhos, restabelecendo-lhe o credito

nos mercados estrangeiros. Era um estabelecimento desambicioso, que, auxiliado pelo governo, fornecia ao agricultor os meios de sahir da desgraça em que vive, sem necessidade de recorrer á usura, nem precisão de sujeitar-se aos caprichos da especulação ignobil. Era um negociante em grande, que o governo favorecia, para poder apparecer com vinhos puros e genuinos em todos os mercados da Europa, a concorrer com os torpemente preparados pelos especuladores, que tratam só de enriquecer, sem lhes importar se deixam atraz de si destruida a fonte d'onde derivam os lucros, que os enriquecem. Isto era o estabelecimento que imaginei, e que imaginei por tal fórma que não podia ser mais do que isto. E que fizeram vm.cê e o ministro, fr. José? Sobre as bases do estabelecimento liberal que planisei, levantaram um estabelecimento-monopolio, que com um braço esmaga a agricultura, e com o outro suffoca o commercio particular. E é isto que vm.cê chama as vantagens da sua Companhia, amigo fr. José?

O frade abanou a cabeça, sorrindo-se.

—E, por ventura, não o serão, D. Bartholomeu?—respondeu elle—Pois não dará grandes resultados o exclusivo do commercio dos vinhos da America, se nos virmos obrigados a tratar seriamente d'elle?

—E quem o duvida?

—Pois não será de magnificos resultados o exclusivo das tavernas dentro da cidade do Porto e seus arrabaldes?

—Mas isso é matar a industria particular e sugeitar despoticamente o consumidor aos caprichos do monopolio!

—Pois não será vantagem radical o privilegio das aguas-ardentes, o direito á prioridade da compra dos vinhos e á prioridade da exportação... sobretudo com aquella bemaventurada taxação do preço maximo, porque sômos obrigados a pagal-os?

—Mas isso é esmagar o commercio particular, é assassinar a agricultura!...

— O ter uma alçada especial — continuou fr. José sem attender ao amigo — o ter um juiz conservador que é o unico que sentenceia os pleitos da Companhia, que até assiste em Relação...

E fr. José continuou por ahi abaixo a enumerar a grande ladainha de privilegios, com verbosidade digna do principal redactor dos estatutos de 1756.

D. Bartholomeu ouviu-o pacientemente, e sem mais pretender interrompel-o.

— Acabou? — disse, por fim, vendo que o frade tomava o longo fôlego do ponto final — Ora eu lhe digo a que se reduzem todas essas monstruosas vantagens — a tyrannisar a agricultura, ainda mais do que está hoje pela gente da feitoria, e a acabar com o commercio particular, embaraçando-lhe a concorrencia. Todas estas são vantagens, são-o devéras para o presente. Mas agora quer vêr o que será o futuro? A Companhia ficará em verdade só no campo — só como comprador e como vendedor. Os privilegios preencherão o fim para que os imaginou, fr. José; matarão a concorrencia quer para a compra quer para a venda. Ahi fica a Companhia só no campo. Mas depois? Achando-se só a comprar, esmagará o vendedor, que não terá outro meio para effectuar a troca do producto: achando-se só a vender, levará ao mercado o que quizer, o que lhe ficar mais barato, porque não receiará o confronto, que desperta o disvélo, que obriga o aperfeiçoamento. Definhar-se-á então a agricultura, e a magnifica producção do Douro portuguez cahirá na ruina total. Que se póde esperar que faça então um governo que pretenda restaurar a prosperidade da nação? O primeiro passo será destruir esse corpo anormal, em quem os privilegios fizeram chegar a corrupção até á medula dos ossos. Eis-aqui o futuro da sua Companhia, fr. José de Mansilha. Póde gabar-se d'elle.

O frade tinha escutado D. Bartholomeu com a cara voltada para o ar e a tamborinar com a ponta dos dedos na tampa da caixa. Por fim despregou

outra vez a sua risadinha caracteristica, e respondeu:

— Futuro!... Futuro!... Ora vm.ce sempre tem coisas, D. Bartholomeu! Dar-se-á o caso de se lhe ter mettido em cabeça chegar á edade de Mathusalem? *Hui! Homunculi, quanti estis!*... Futuro? Que quer dizer *futuro?* O futuro d'um mortal é a vida eterna, e não consta que lá se commerceie em vinhos do Porto. Futuro!... Ora esta!... Se nós não sômos senão do presente... Portanto o melhor é tratar d'elle, e deixar ao futuro que trate de si. Sabe que mais, D. Bartholomeu, se até agora lhe dizia que era muito assustadiço, agora accrescento que é imaginativo de mais para negociante.

D. Bartholomeu ia a responder, mas a porta da sala abriu-se com estrondo, e um criado disse, do limiar d'ella:

— O snr. doutor José Mascarenhas Pacheco Pereira.

III

Com bom bicho
Se meteu o pobrete; tu bem sabes
Que tenho o cabedal todo em palavras,
Que não sou, quando importa, d'elle avaro:
Taes coisas lhe direi, taes valentias,
Que o pobre ficará co'a bôca aberta.

DINIZ—O FALSO HEROISMO: II, 1

O dr. José Mascarenhas Pacheco Pereira de Mello era homem de trinta e oito para trinta e nove annos de idade. Era alto e espadaúdo, mas de figura esbelta e senhoril. Trajava em todo o rigor da moda e com a mais perfeita elegancia.

José Mascarenhas era filho segundo de João Pacheco Pereira de Vasconcellos, desembargador do paço, homem nobre de geração e nobremente aparentado. Apezar de todo o garbo, com que a natureza lhe talhára a corporatura e de toda a belleza varonil, com que lhe modulára as feiçoens, o novo hospede de D. Bartholomeu de Pancorvo era um d'esses homens, sobre quem basta olhar uma vez, para se descobrir um grande perverso. E de facto a impressão, que produziam aquelle olhar negro e scintillante, aquella soberba satanica que lhe irradiava do rosto e dos meneios, e aquelle fallar aspero e impe-

rioso, não era desmentido pelos factos. José Mascarenhas tinha todas as más qualidades, que perderam o magestoso Satanaz do poema de Milton, sem comtudo possuir nenhum dos nobres predicados, pelos quaes o grande poeta nos chega a fazer sympathisar com o diabo. Era vingativo, cruel, despotico e soberbo para com os pequenos e para com os que dependiam d'elle; mas baixo, villão e rasteiro para com os grandes, e sobretudo para com aquelles de quem suppunha dependente a satisfação da ambição imperiosa e feroz, que o dominava.

Sebastião José de Carvalho tinha asco d'elle; mas, apezar de lhe desprezar o espirito perverso e traiçoeiro, não o desfavorecia inteiramente, porque o baixo servilismo de que o reconhecia dotado, a energia e a fereza de caracter que lhe eram essenciaes, faziam com que o grande estadista o olhasse como muito capaz de ser agente submisso e inabalavel, e por isso muito conveniente para ser empregado em qualquer occasião de aperto. Apezar, porém, de todas as adulaçoens com que bajulava o ministro, e da deferencia com que era por elle tratado, e, apezar tambem de toda a influencia do pai, Mascarenhas ainda não tinha podido alcançar nenhuma d'aquellas mercês especiaes, com que então costumavam ser agraciados os filhos dos nobres e dos altos magistrados.

Mal o criado lhe annunciou o nome á porta da sala, appareceu elle, e, passando pelo pobre diabo soberbamente e sem mesmo o olhar, entrou com passo altivo e desembaraçado, forçando ao mesmo tempo as feiçoens duras e soberbas a tomarem a expressão d'um sorriso prazenteiro. D. Bartholomeu, apenas o viu, ergueu-se, e dirigiu-se a elle cortezmente; o frade deixou-se ficar sentado, mas enrugou todo o rosto em rofegos de satisfação, a qual manifestou ao mesmo tempo, fazendo soltar uma graciosa risada por dez ou doze escaloens gradualmente afinados pelo tom do intimo contentamento.

— Seja v. s.ª muito bem chegado, snr. doutor

Mascarenhas — disse D. Bartholomeu, fazendo uma profunda cortezia.

— Ora seja muito bem vindo a minha nata dos doutores — disse o frade — Salvé, amigo.

Qui meruit nugas primus habere meas.[1]

José Mascarenhas avançou a perna direita para a frente, retirou a esquerda um palmo á rectaguarda, pôz o pé em ar de dança e fez então com a cabeça um leve acêno de amizade ao dominico e depois uma profunda mesura ao biscaínho.

— Fr. José, ao seu dispôr: snr. D. Bartholomeu, beijo as mãos de vm.cê Acabo de chegar de Lisboa; depois de chegar, demorei-me apenas o tempo sufficiente para mudar de trage e comprimentar o meu hospede e amigo Luiz Belleza, e corri logo a participar a vm.cê que tem outra vez mais um amigo no Porto.

— Muito obrigado, snr. dr. Mascarenhas, beijo-lh'as mil vezes — respondeu o biscaínho — tudo são finezas proprias da sua fidalguia, e para as obrigar mais, queria de v. s.ª, que continuasse a servir-se d'esta casa como de coisa muito sua.

— Aprecio como devo os seus favores, snr. D. Bartholomeu — replicou Mascarenhas, fazendo nova cortezia.

N'este entretanto, e no tempo que gastaram nos outros comprimentos costumados, D. Bartholomeu tinha tomado o chapeu do doutor, que lh'o recusava de puro cortez, tinha-o poisado sobre uma das mezas, e por fim convidou-o a assentar-se. Fr. José de Mansilha, aproveitara estes quatro ou cinco minutos a aconchegar-se commodamente n'uma poltrona, dando ao mesmo tempo evidentes signaes de estar contente de si e das circumstancias. Depois que os dois se sentaram, o frade bateu com os nós dos dedos na

---

[1] Martialis Epig. Lib. IV. 10.

tampa da caixa, e, estendendo-a aberta para Mascarenhas, disse com ar jovial:

—Então meu caro doutor, que noticias da nossa Lisboa?

—Nada de novo, fr. José. Tudo como vm.ce o deixou ha oito dias. A proposito, muitas encommendas de s. exc.a o snr. ministro das mercês.

—Estimo-as como devo. E elle como ficou?

—Bom como sempre, com a mesma energia e robustez, e sempre com os mesmos habitos. De manhã nas secretarias a tratar dos negocios do estado, á noite a vêr as obras que el rei, nosso senhor, fez de dia ao torno, e de tarde a passeiar encostado ao braço do Lopes ou de fr. Manuel de Mendonça. Parece incrivel!

—Se o diz pela conhecida estupidez do bom do geral dos bernardos, não se espante d'isso, meu doutor. Disse-me José Basilio da Gama... Conhece-o?

—Se conheço! o author do *Uruguay*! Sou muito seu affeiçoado.

—Esse, tal e qual; bom poeta e excellente homem. Deus lhe dê muitos annos de vida para proveito seu e gloria da patria. Mas como ia contando, disse-me elle que nunca o ministro lhe dicta melhor as coisas que n'aquellas noites, em que chega de passear com o padre Mendonça. D'onde infiro—continuou fr. José de Mansilha, sorvendo suavemente a pitada—que o ministro serve-se d'elle e d'outros quetaes, como de almofadas para recostar-se em quanto que pensa. Como são nescios, o que dizem não lhe desvia o pensamento dos grandes negocios, em que traz sempre empregada a cabeça; e ao mesmo tempo servem-lhe tambem como de espantalhos, para arredar importunos durante os passeios, que a hygiene lhe ordena que faça. Olhe que é um grande homem este Sebastião José de Carvalho, snr. D. Bartholomeu!

—E um grande ministro—accrescentou Mascarenhas com ares de profundo respeito e convicção.

—Um grande ministro e um grande homem—

exclamou fr. José em tom de enthusiasmo — Para que vm.cê faça uma ideia de quanto elle póde, dê-me licença, que lhe quero contar um facto ainda ha pouco acontecido. Um certo fulano, mercador em Lisboa, homem emprehendedor e honrado, soffreu de repente taes perdas, que entendeu que era de sua honra convocar os credores que tinha. Antes, porém, de o fazer, avistou-se com o ministro, e pediu-lhe que lhe mandasse tomar contas de certos fornecimentos de fazendas para a tropa, dos quaes se havia encarregado. Ouviu-o Carvalho, e examinou as contas; e pezaroso de que homem tão honrado se achasse em tão más circumstancias, desapprovou-lhe a resolução de se dar por fallido, e perguntou-lhe porque não appellava para o credito, que tinha na praça. Respondeu-lhe elle que lhe repugnava arriscar o dinheiro alheio ás incertezas da fortuna, sómente com o fim de vêr se remediava a sua; e que, além d'isso, as perdas que tivera eram já tão conhecidas, que era mais que provavel que ninguem quizesse confiar agora d'elle um ceitil. Então Carvalho, depois de considerar um pouco, disse-lhe: — «Homem, não dê vm.cê passo algum, sem primeiro fallarmos; póde ser que antes d'isso se lhe restabeleça o credito.» E com isto o despediu. Sahiu elle, perplexo e sem saber a que ater-se, porque não podia atinar com o sentido das palavras do ministro. Á tarde Sebastião José de Carvalho metteu-se na sége, e mandou guiar para onde morava o mercador. Chegando-lhe á porta fez parar. Acudiu elle, e Carvalho, vendo que os donos das lojas visinhas estavam espreitando, chamados pela curiosidade de o vêr parado defronte d'um negociante fallido, disse alto e de modo que todos o ouvissem: — «Aquelle dinheiro que vm.cê sabe está prompto, e se mais fôr preciso, peça com franqueza. O erario está todo á sua disposição; el-rei meu senhor, folga com proteger os homens honrados.» — E partiu. Ora sabe o que resultou d'aqui, D. Bartholomeu? — continuou o frade, enthusiasmando-se — Eu lh'o digo. Meia hora depois, o homem que não tinha

quem d'elle fiasse vintem, arrenegava de si e da fortuna, perseguido como se via por todos os homens endinheirados do bairro, que o affligiam mui piedosamente, rogando-lhe com mil encarecimentos que fôsse servido tomar de cada um d'elles o dinheiro que precisava, ainda que fôsse sem juros. Heim! E que diz vm.cê a esta?

—Bravo!... bravissimo!—exclamou D. Bartholomeu, esfregando as mãos e com as lagrimas a brilhar-lhe nos cantos dos olhos.

—E a do Duarte Lopes Rosa, fr. José?...—disse do lado José Mascarenhas, cravando intelligentemente os olhos no frade.

—Essa então é outros quinhentos—exclamou elle—Ha-de vm.cê ouvil-a, tambem, esta historia, D. Bartholomeu. Quero que se convença fundamente de quanto póde o sr. Sebastião José de Carvalho. Homem é elle que não precisa mandar, basta indicar para ser obedecido. Vm.cê conhece Duarte Lopes Rosa?

—O contractador do tabaco? Conheço perfeitamente: sou seu correspondente n'esta cidade.

—É esse mesmo; muito bem. Pois o Rosa mandou fazer, junto da ponte de Alcantara, umas tercenas para coisas do seu negocio. Não sei pelo que, mas o que é certo é que D. Luiz da Cunha, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, embirrou com elle, e começou a fazer-lhe certas vexaçoens, que o Rosa entendeu não dever supportar. Foi ter com o ministro do reino, e queixou-se-lhe. Carvalho ordenou-lhe que sobreestivesse por emquanto nas queixas, e á tarde foi por casa de D. Luiz da Cunha, e a titulo de passeio, metteu-o comsigo na sége, e foi com elle para a ponte de Alcantara. Ahi parou, e pôz-se a fallar dos predios, que se avistavam; e discorrendo, chegou ás tercenas, e disse:—«Aquellas obras são do meu compadre Duarte Lopes Rosa. São feitas sobre chão de moinho de maré, o qual me tomou de renda, para pagar pelo rendimento.»—E mandou andar. Tanto foi bastante para o Rosa não

soffrer mais vexaçoens. E que lhe parece esta, D. Bartholomeu?[1]

O biscainho abanou gravemente a cabeça, como quem admirava o poder que tinha o homem, que sabia fazer milagres d'estes. Então o frade, curvando-se para elle, disse-lhe em tom de confidencia:

— Ora veja lá se o ministro, a quem el-rei, nosso senhor, obedece, e a quem os colleges respeitam d'esta maneira, é homem para ter medo das ameaças da plebe do Porto.

— Como ameaças!—atalhou aqui o Mascarenhas.

— É que antes de v. s.ª chegar, doutor — respondeu o frade — estava eu discorrendo, aqui com o nosso amigo, ácerca dos resultados provaveis do levante, que a plebe quer fazer, e de que elle diz que tem grande medo.

— Levante!... E porque?

— Porque não quer a Companhia — replicou naturalmente fr. José de Mansilha.

José Mascarenhas deu um pulo na cadeira, e as feiçoens tomaram-lhe a expressão feroz da soberba contrariada.

— Não quer a Companhia! — balbuciou elle, cravando os olhos scintillantes no frade — Por vida minha! — bradou, batendo com o punho cerrado na meza — Pois a canalha já se atreve a dizer que não quer!... E no Porto não ha forca, não ha pelourinho, fr. José?

— Se v. s.ª se dignasse reparar bem, doutor — respondeu serenamente o frade — havia de vêr uma e outra coisa quando entrou pela porta da Ribeira.

— E não ha cordas? não ha carrasco? — continuou ferozmente Mascarenhas — É preciso informar d'essa desobediencia o ministro. Eu lhe juro, por quem sou...

— É melhor proceder com brandura, snr. Mascarenhas — observou do lado o honrado D. Bartholomeu.

---

[1] Vid. Recordaçoens de Jacome Ratton.

—Com brandura, snr. D. Bartholomeu!... Por vida d'el-rei nosso senhor...

—Diga-me cá—atalhou aqui fr. José—Então sempre foi nomeado juiz conservador da Companhia?

—O snr. Sebastião José de Carvalho ordenou-m'o... E, pela honra da minha familia, entretanto que o fôr, a Companhia não soffrerá quebra em sua authoridade, e as ordens d'el-rei serão cumpridas. Vou já mandar um proprio ao ministro.

—*Paulatim... paulatim*, amigo doutor. Havemos de conversar primeiro sobre o caso.

—Como! É preciso fazel-o já—replicou ferozmente Mascarenhas—é preciso dar ao ministro o tempo necessario para mandar affeiçoar os paus dos triangulos e dar de beber ao carrasco.

—*Paulatim, paulatim*, já lhe disse. N'estes negocios da Companhia v. s.ª ha de fazer o que lhe mandarem, sr. juiz conservador.

José Mascarenhas fitou rapidamente o padre com olhos que pareciam chammejar de raiva, e do rosto irradiou-se-lhe a expressão feroz da soberba satanica, dolorosamente contrariada pela consciencia de que ha de abater-se por força.

Fr. José de Mansilha recostou-se commodamente na cadeira, abriu a caixa do rapé, offereceu com toda a placidez uma pitada ao doutor, fitando-o ao mesmo tempo com serenidade, mas repetindo em voz baixa e em tom de escarneo:

Ira, quae tegitur, nocet;
Professa produnt odia vindictae locum [1]

A este epigramma disfarçado, José Mascarenhas correspondeu medindo o frade com desprezo feroz e ameaçador. Fr. José fitou-o com um olhar de compaixão ironica, encolhendo os hombros, e, confrangindo os labios com o seu sorrisinho equivoco, disse mais alto, mas como fallando comsigo:

---

[1] Séneca. Medêa, acto II.

— *Ad minus sustine patienter, si non potes gaudenter.*[1]

A esta trovoada de textos D. Bartholomeu não pôde segurar por mais tempo a paciencia. Do rosto dos dois conhecera elle que se interpuzera na conversação motivo de desgosto e de offensa; mas o maldito latim do frade prégador e o silencio empanturrado do juiz conservador da Companhia deram-lhe com o nariz para traz na justissima curiosidade, com que pretendia esclarecer-se sobre o caso. D. Bartholomeu arrenegou-se devéras. A bondade do genio, que Deus lhe déra, não lhe consentiu despeitorar a zanguinha em palavras; mas mentalmente amaldiçoou de todo o coração a lingua dos cesares, e, sobretudo, fr. José de Mansilha que tinha a barbara mania de abusar d'ella com grave damno da curiosidade do proximo.

Receioso, porém, da continuação da saraivada, e conscio da triste figura, que faria, se o tiroteio se declarasse entre os dois eruditos, apressou-se a levantar-se e a dizer:

— Com sua licença, senhores; vou dar parte a minha mulher de que nos fazem a honra de tomar hoje o chá comnosco.

— Faça vm.ce a sua vontade, snr. D. Bartholomeu — responderam os dois levantando-se em mesura — que é tudo muita honra para nós.

D. Bartholomeu apressou-se a sahir da sala, acossado pelo receio de mais latim; mas apenas transpozera a porta, a scena mudou repentinamente.

José Mascarenhas aproximou-se então do frade, e disse em voz baixa e á pressa:

— E o meu negocio, fr. José?

— O seu negocio navegará como v. s.ª tiver tino para o fazer navegar.

— Então?...

— Então, á indifferença com que D. Laura o tra-

---

[1] De imitatione Christi lib III. cap. 57. § 2.

tava ha dois mezes, accrescem agora certos namoricos...

—Como assim, fr. José! Pelo inferno! Quem é o preferido?

Fr. José cruzou com toda a pachorra as mãos sobre a proeminencia abdominal; encostou-se para traz na cadeira, e disse com toda a serenidade:

—Esse seu genio arrebatado ha de perdel-o, meu doutor. Tenho-lh'o dito muitas vezes, e torno agora a dizer-lh'o. V. s.ª tem eminentes qualidades para vir a ser um grande homem de estado; mas com esse seu genio assomado, arrisca-se a não poder ser coisa alguma. Os negocios, meu amigo, não se tratam assim. A serenidade do animo, o dom de esperar e a paciencia para soffrer quando é preciso soffrer, são qualidades essenciaes para se levar a cabo os grandes negocios; e infelizmente v. s.ª não possue nenhuma d'ellas. É necessario adquiril-as. Uma posição eminente no governo e uma mulher bonita com dote de quinhentos mil cruzados são coisas que valem a pena de por ellas se sacrificar um genio orgulhoso e violento á acquisição de predicados de espirito, sem os quaes se não dá passada segura n'este valle de lagrimas... como lhe chama engenhosamente a *Salve, rainha.*

E aqui o frade persignou-se, e fez mesura.

—Mas que quer vm.cê dizer com isso, fr. José? exclamou o doutor impacientado.

—Quero dizer que se v. s.ª pretender levar a coisa á valentona, não alcançará a mão da sobredita senhora nem os sobreditos quinhentos mil cruzados; e que ademais póde encontrar pela frente qualquer valentão de má morte, que lhe acabe, d'uma estocada, com todos os seus sonhos de ambição. Pelo contrario...

—Mas quem é esse valentão?

—Pelo contrario—continuou o frade sem fazer caso—se souber contemporisar com os acontecimentos e conduzir as coisas com finura e com a prudencia e serenidade, que o bom senso aconselha,

ha de conseguir tudo o que quer, porque a intelligencia bem applicada vence ainda os maiores obstaculos.

José Mascarenhas fitou o frade com olhar distrahido; por fim replicou:

— Vm.cê tem razão, fr. José. Dou-lhe a minha palavra de que hei de seguir os seus conselhos. Mas ha de conceder que, para me prevenir, é preciso conhecer o meu rival.

— Certamente. Ora diga-me, lembra-se d'um rapaz, sargento de dragoens da Beira, que o anno passado veio para a infanteria d'esta cidade, e que, ao chegar, lhe entregou uma carta de seu primo o sr. D. Antonio Manuel de Vilhena?

— Perfeitamente.

— Pois ahi tem o seu rival.

— Como assim?...

— É como lhe digo. É o mesmo em corpo e alma; é o sargento Manoel da Costa, moço galhardo, esbelto...

— Um canalha!... Um homem da plebe!... Que me diz, fr. José!

— E v. s.ª sempre no mesmo estado! Ainda agora me prometteu ter bom senso, e logo sahe com esses despropositos. Um canalha!... Um homem da plebe!... Que quer dizer isso? Essa sua soberba ha de perder-lhe o negocio. Olhe que no Porto não se dá tanto valor a isso como em Lisboa. Um canalha!... Um homem da plebe!... V. s.ª sempre tem despautérios! E então? Sim, senhor; um canalha, um homem da plebe, que conseguiu agradar a uma mulher que tem quinhentos mil cruzados de dote, o que v. s.ª não pôde conseguir apezar da sua fidalguia e da sua soberba.

— Mas, por vida minha! D. Bartholomeu não ha de consentir...

— D. Bartholomeu é um asno. Não se mette n'isso, mas, se se mettesse, não é homem para despersuadir D. Laura, unicamente porque o sargento não passa de ser um sargento.

— Mas a ordenação do reino é expressa ácerca dos casamentos entre nobres e plebeus...

— Mas D. Laura está a fazer vinte e cinco annos, e a ordenação não a prohibe de casar com quem lhe dér na vontade de casar. Além d'isso, olhe que este sargento não é homem tão desprotegido como lhe parece, meu doutor. Se quizer casar com D. Laura, ha de casar; e, se tanto fôr preciso, alcançará um aviso de el-rei para o fazer.

— Um aviso de el-rei... Um aviso regio, fr. José!...

— Um aviso regio, sim senhor. Admira-se? Pois olhe que não tem de quê. O rapaz é protegido de Alvaro Martins, qne o creou desde pequeno, e de quem as más linguas dizem que realmente é filho. Entende-me agora?

— Pelo inferno!... Ainda mais esse obstaculo!...

— Que se vence, tendo-se paciencia, juizo... e alguma finura. Deixe o negocio por minha conta; tenha confiança em mim.

N'esta occasião a porta da sala abriu-se, e D. Bartholomeu entrou dois passos para dentro d'ella.

— Façam favor de entrar, meus senhores — disse elle aos dois colligados.

— Prudencia e juizo, doutor — rosnou o frade ao ouvido de Mascarenhas, quando se levantavam.

E os dois ergueram-se, e atravessaram a porta, cortejando D. Bartholomeu, que alli os aguardava, e que seguiu immediatamente apoz elles.

IV

Vereis barcos ir á vella,
Uns que vão, outros que vem,
Como que se desavem
Com uma viração singela:
Tanta força a arte tem.

SÁ DE MIRANDA — Carta II. est. 77.

A familia de D. Bartholomeu de Pancorvo, á parte os creados, reduzia-se a tres pessoas apenas — elle, D. Beatriz sua mulher, e D. Laura de Abranches sua filha.

Do honrado biscainho já o leitor sabe o preciso, para o poder apreciar devidamente; das duas senhoras é que é preciso dizer alguma coisa, — o que passo a fazer antes de apresentar diante d'ellas José Mascarenhas e o padre Mansilha.

D. Beatriz de Pancorvo pertencia áquella ordem de pessoas modestas e inoffensivas, cuja vida obscura e desobresaltada de factos importantes, desesperam o historiador por mais imaginoso que seja. Era alta e magra, e tinha o corpo já reclinado n'aquella especie de meia curvatura, que em algumas pessoas denuncia idade provécta, mas que n'outras é apenas resultado da imbecilidade physica e grande debilidade

moral. Das feiçoens irradiava-lhe a bondade das santas. O rosto tinha a brancura da cêra virgem, e apanhava-se-lhe regularmente nos amplos, mas suaves, rofêgos, que são proprios das constituiçoens puramente lymphaticas, que passam por este mundo, desconhecendo os terriveis abalos das paixoens e das outras desgraças da vida. D. Beatriz era d'estas pessoas incapazes de fazer mal, mas tambem incapazes de fazer bem; porque em qualquer lance de afflicção e de apêrto não achava em si forças para mais, do que para chorar e resar pelos affligidos. Boa senhora, mas inutil para tudo que não fôsse viver a vida placida e obscura, que tinha sempre vivido.

Esta bondosa creatura já passava dos sessenta annos de idade, mas parecia que tinha mais, porque devéras, não pertencia áquella classe de mulheres, de quem Marcial se atrevia a esperar que apesar dos annos, pareceriam sempre novas aos maridos.[1] Já se vê que a historia d'esta senhora, se porventura historia se póde chamar, não póde deixar de contar-se em muito poucas palavras. A snr.ª D. Beatriz era filha d'um rico negociante do Porto, que a casou com D. Bartholomeu de Pancorvo, dando-lhe cem mil cruzados de dote.[2] Desde o berço até á idade de quarenta e dois annos, em que tomou estado, tinha passado a vida a fazer a ventura da existencia dos seus progenitores e na prática de varios actos de piedade, taes como vias-sacras, novenas e ladainhas, e outros entretenimentos igualmente santos, uteis e louvaveis. Depois de casada, passava-a a cuidar das commodidades do marido, a educar e a ensinar D. Laura, que amava e estremecia, tanto mais que Deus lhe não concedera filhos de lavra propria.

Em quanto a Laura, essa sim, essa tinha historia e historia curiosa e romanesca.

---

[1] Diligat ipsa senem, quondam; sed ipsa marito,
Tunc quoque, cum fuerit, nom videatur anus.
MARTIAL. EPIG. LIB. IV 13.

[2] Vid. Nota XIII.

Laura era uma linda menina, que estava em todo o vigor da idade da formosura; de corporatura alta, esbelta e graciosa, e de feiçoens resplandecentes de toda a inspiração do amor imaginoso dos romances. Os olhos eram grandes, negros e franjados de compridas pestanas avellutadas, ora scintillantes de vida e de energia, ora languidos e sonhadores como reflectindo o vago scismar d'uma alma poeta. O nariz era aquilino e formosamente talhado, a bôca pequenina e encarnada, e o rosto sobre o comprido, pallido e ligeiramente moreno. A fronte era alta e espaçosa, era fronte fidalga *(a lordly fore-head)*, como diz Walter Scott, qualidade que sobresahia n'ella com todo o primor que a natureza lhe déra, em rasão do penteado da época, que lhe riçava em montanha sobre a cabeça o cabello escuro e assetinado, deixando-lhe apenas por adorno dos temporaes alguns anneisinhos formados pelo cabello mais brando e mais curto. Tinha as mãos compridas e estreitas como verdadeira aristocrata que era.

Laura da Cunha Coelho d'Abranches era filha de um filho segundo d'uma casa nobilissima do Minho, que, tendo sido despachado governador d'uma das capitanias da nossa America, arranjára por lá uma fortuna de quasi um milhão de cruzados. Voltando a Portugal, Pero Coelho de Abranches casou-se com uma senhora, filha d'uma das casas mais nobres de Lisboa, e dissipou, em dez annos que viveu depois d'isso, cêrca de metade da sua fortuna. Se morresse alguns annos mais tarde é provavel que deixasse Laura litteralmente mendiga. Quando se viu chegado á hora extrema, Pero de Abranches encarou com anciedade o futuro da orphansinha de oito annos que deixava atraz de si. Não lhe receiava a pobreza, porque, além de lhe deixar ainda um dote de quinhentos mil cruzados, Laura era já n'essa época senhora d'uma corôa de conde e d'um rico morgado, que herdára como representante de sua mãi, a quem elle tocava por morte do irmão mais velho. Receiava-lhe, porém, outra coisa, receiava-se do abandono em que

a ia deixar e temia-se dos parentes em cujo poder ia cahir, e que eram tão dissipadores como elle. Abranches comprehendeu que os parentes haviam de completar a obra principiada por elle, e que Laura, pelo menos, ficaria em poucos annos sem os quinhentos mil cruzados, resto das economias, que elle tinha feito na America. Para conjurar a desgraça, entregou-se todo á amizade provada e á generosidade de D. Bartholomeu de Pancorvo. Nomeou-o tutor. Depois de ter conseguido licença do amigo e de ter feito testamento, Abranches morreu descançado e até convencido de que morria muito a tempo em favor do futuro da filha.

D. Bartholomeu tinha então trinta e dois annos de idade, estava solteiro e sem nenhumas tenções de casar. Esta tutoria, que de subito lhe cahiu sobre as costas, alterou-lhe completamente o plano de vida. Se o pupillo fosse rapaz, pouco ou nada lhe importaria; porque emfim um rapaz de oito annos de idade passa a maior parte do tempo na escola, e o resto gasta-o a comer e a dormir. Depois da escola, a educação era igualmente facil e comesinha; como fidalgo e rico bastava que soubesse jogar a espada preta, atirar á pistola, jogar a barra, montar perfeitamente e ser grande sabedor das qualidades e manhas do gado cavallar. A isto, quasi que exclusivamente, se reduzia n'essa época a educação d'um fidalgo minhoto, e para isso era elle mais que sufficiente. Para cumprir á risca a sua missão de tutor do joven fidalgo, bastava-lhe estipendiar mestres e comprar muitos cavallos.

Mas uma menina era outra cousa. Uma menina carece de affagos e de educação, que lhe preparem o espirito para vir a ser boa senhora de casa e mãi de familia carinhosa e temente a Deus. Para isto é que D. Bartholomeu se sentia de todo insufficiente. O modo de vida que tinha, deixava-lhe pouco tempo para servir de pai e de mãi á sua pupilla; e demais D. Bartholomeu peccava um pouco de materialista —defeito geral dos homens illustrados da época,

sobretudo d'aquelles que estavam em contacto directo com a França, onde os encyclopedistas preparavam, com todas as forças, a época tremenda de 1789 — a época que derribou os altares de Jesus, para sobre as ruinas d'elles levantar os da deusa da Razão.

Por causa de tudo isto, D. Bartholomeu tomou a resolução de casar-se, e, dois mezes depois de a tomar estava casado, e quinze dias depois de casado, trouxe para a companhia da snr.ª D. Beatriz Martins, sua esposa, D. Laura de Abranches, sua pupilla e filha do seu intimo e querido amigo Pero Coelho de Abranches.

Beatriz affeiçoou-se a Laura, e de tal sorte se affeiçoou, que, não a amava, estremecia-a. O leitor póde bem adivinhar a educação que lhe deu; deu-lhe a educação beata e fanatica que lhe tinham dado a ella, que, apezar de filha de plebeu, era n'este ponto verdadeiramente fidalga. Laura deixou-se embalar até aos dezeseis annos nos santos e devotos preconceitos da sua segunda mãi; desde essa idade principiou pouco e pouco a desfazer-se d'elles, sem comtudo lhe dar motivos de afflicção, e sem mesmo lhe deixar presentir a mudança.

Não se pense, comtudo, que Laura conseguia illudir a boa fé de D. Beatriz por meios velhacos e hypocritas. A nobre menina assistia sem constrangimento e com seriedade ás devoçoens quotidianas da sua tutora; resava e resava com fervôr, porque, apezar de alguns sarcasmos inconvenientes soltados por D. Bartholomeu e de alguns livros tambem imprudentemente fornecidos por elle, Laura cria em Deus, e d'elle esperava confiadamente a sua felicidade futura. O que ella não tinha, era aquella cegueira fervorosa, que obrigava D. Beatriz a acreditar nas mil extravagancias fanáticas e quasi pagans, que illudem muita gente. A seriedade, porém, e a assiduidade com que assistia aos actos religiosos, na egreja ou em casa, faziam com que D. Beatriz acreditasse que as crenças religiosas de Laura tinham attingido n'este ponto a céga convicção das d'ella.

Mal começou a apparecer mulher, a filha de Pero Coelho teve logo um sem numero de pretendentes, quer fidalgos quer negociantes. Os d'esta ultima classe foram, porém, radicalmente repellidos por D. Bartholomeu; não porque os casamentos entre nobres e plebeus fôssem, já n'essa época, coisa desconhecida e rara no Porto; mas porque a lealdade do honrado biscaínho fazia-lhe parecer que um casamento d'estes affiguraria protecção parcial pela classe, a que elle pertencia, e protecção auxiliada pelo abuso da posição em que estava para com a filha do fidalgo, que a havia confiado á sua generosa elevação d'alma.

Os pretendentes fidalgos ficaram, pois, sós no campo. Na selecção d'estes, porém, a severidade de D. Bartholomeu chegou tão longe, como naturalmente se deve suppôr que chegaria, visto que n'ella é que o seu orgulho de plebeu achava compensação da dureza, com que se julgava obrigado a tratar os seus iguaes. Poucos fidalgos do Porto conseguiram cruzar com este sentido as portas da sua casa, e mesmo dos eleitos muito poucos foram os escolhidos. Entre todos o preferido por D. Bartholomeu era um joven morgado, capitão no regimento de dragoens da Beira.

D. Manoel de Lancastre, que assim se chamava o predilecto de D. Bartholomeu, era senhor d'uma das mais antigas e mais opulentas casas da Beira. Além d'isto, era corajoso como um leão, e franco, honrado e leal como D. Bartholomeu, cujas ideias politicas partilhava, ainda com muito menos preconceitos do que elle a respeito de fidalguias. Todas estas razoens faziam com que o honrado biscaínho se achasse com elle á vontade, e em pleno desembaraço na expansão de toda a franqueza propria do seu excellente caracter. A preferencia, portanto, que lhe dava, era illimitada, e, quando scismava em marido para Laura, desejava que a escolha d'ella recahisse no seu querido e particular amigo D. Manoel de Lancastre.

Laura partilhou sempre das ideias de D. Bartholomeu ácerca de D. Manoel; mas Laura era uma d'essas mulheres imaginativas e romanescas, que, no primeiro palpitar do amor, criam na imaginação um typo materialmente impossivel, apoz do qual se arremessam, e perdem-se até, deixando atraz de si a realidade. Ora D. Manoel nunca tivera occasião de praticar diante de Laura facto algum, que o approximasse do tal sobredito typo. Em razão d'isso, ao principio, a imaginadora rapariga mostrava por elle maior sympathia do que por outro qualquer, mas não apresentava maiores symptomas de amor O tempo foi, porém, fazendo esvaecer pouco a pouco aquelle mytho das primeiras imaginaçoens, e Laura chegou a amar D. Manoel com todas as forças do seu caracter romanesco. O joven morgado tocou então n'isso a D. Bartholomeu; mas elle fez-lhe vêr a inconveniencia de em tal fallar a Laura, antes que ella tivesse vinte e cinco annos, antes que estivesse de todo independente da vontade do seu tutor. D. Manoel teve a ingenuidade de dizer á amante tudo o que passára com D. Bartholomeu. Ella approvou a delicadeza e a lealdade do seu tutor, e declarou ao morgado que não casaria senão depois da idade da maioridade legal. D. Manoel impacientou-se, mas não teve remedio sénão esperar, e consta que chegou a convencer-se de que a demora lhe não era damnosa a elle, que tinha então apenas vinte e sete annos, e era ainda novo de mais para abandonar a vida de rapaz.

O namoro durava, pois, havia dois annos, quando D. Manoel teve a lembrança desastrada de ir desafogar não sei que arrufos impertinentes na sua casa da Beira. Esta resolução deu azo a acontecer um facto, que, em razão da leviandade e da inconstancia propria das raparigas imaginativas, esteve em pontos de transmudar o futuro dos dois amantes quasi-noivos. Foi o caso.

Aquelle famoso taverneiro Thomaz Pinto, de que o leitor já ouviu fallar, tinha relaçoens com D. Bar-

tholomeu, porque dos armazens d'elle fornecia a taverna, quando se lhe acabava o vinho, que usava comprar por conta propria no Douro. Este homem possuia um quintalejo ahi para a Ramada Alta, no qual Laura costumava ir folgar ás vezes, quando tinha antojos de distracçoens semi-bucolicas. Durante o tempo que D. Manoel foi passar á Beira a fim de acalmar aquella caprichosa irritação dos arrufos, Laura, para matar saudades, deu-se a frequentar com mais assiduidade o quintal de Thomaz Pinto. Um dia, que estava a uma das janellas que, sobre a rua, se abriam na parede d'aquella horta, que esteve para ser horto d'aquelles amores, como o leitor vai saber, Laura viu passar certas inglezas em airosa e pittoresca cavalgada. Vêl as, e ter desejos de se vêr n'aquellas hombridades romanescas foi tudo um, e tamanha foi aquella vontade que até chorou algumas lagrimas em sacrificio á convicção de que era mais que provavel que nunca teria occasião de se metter em tão altas cavallarias. Pascôa Angelica, filha do taverneiro e favorita de Laura, com quem passava muitos dias em casa de D. Bartholomeu, era rapariga façanhuda e remechedora. Vendo chorar a amiga, resolveu-se desde logo a acalmar os perigosos fervores d'aquelle desejo. Para o conseguir, metteu-se de mão com uma sua igual, que andava de amôres com certo dragão do destacamento, e por via d'elle conseguiu um cavallo e um selim, que fez conduzir ao quintal da Ramada Alta. No dia aprasado, participou-o a Laura, que bateu as palmas, e correu logo lá. Ver o cavallo, e montal o com o auxilio de Pascôa, foi tudo o mesmo. Os cavallos da cavalleria de então eram cavallos e não azémolas; mas eram igualmente bem ensinados e práticos. Animada pela mansidão do animal, Laura ousou chibatar-lhe a anca com uma vergasta, que Pascôa lhe déra para a mão. O nobre animal, sobresaltado por aquelle chibateamento, arremeçou-se de repente a galope, e ahi vai Laura aos gritos, equilibrando-se por milagre. O cavallo, reconhecendo a impericia e a covardia da ca-

valleira, e incitado pelos brados que ella soltava, redobrou a furia da carreira. Sabe Deus como acabaria aquelle antojo leviano da filha de Pero Coelho, se uma temeridade imprevista se lhe não atravessára no caminho. Um homem, que passava casualmente, vendo a desgraça que ameaçava a triste, arrojou-se para a frente do cavallo, soltando um brado temeroso. O cavallo, aterrado, sustou de repente a carreira; então aquelle homem temerario atirou se-lhe d'um salto ao pescoço, cravou-lhe os dedos nas ventas, e, tirando-o para si, fêl-o ajoelhar, ou porque o animal não pôde soffrer a dôr que sentiu, ou porque as forças fisicas do homem eram superiores ás do bruto. Laura cahiu desmaiada nos braços do seu salvador.

Quando acordou, achou-se com a cabeça reclinada sobre o peito d'um moço, que a contemplava com anciedade e com amor. Era um joven militar, cuja farda não era tão pomposa como a de D. Manoel de Lancastre; mas que era bello e elegante como elle, e que tinha mais do que elle o haver praticado um feito, que o assimilhava ao ente romanesco dos primeiros sonhos de amor, que Laura havia sonhado. A filha de Pero Coelho córou, baixou os olhos, e agradeceu com timidez áquelle famoso heroe. Depois dirigiu-se, acompanhada por elle, ao quintal de Thomaz Pinto, em cujo caminho encontrou Pascôa Angelica, que corria, como doida, apoz o cavallo, que levava a linda Laura á desfilada.

Laura contou o que tinha acontecido. Pascôa depois de serenada, pôz os olhos com mais curiosidade no heroico salvador, viu-o moço de bella presença, viu-lhe a farda de sargento de infantéria da guarnição do Porto, e então fitou-o com alguma ideia mais do que simples agradecimento, e até do que profunda admiração.

Manoel da Costa (que já de certo o leitor adivinhou que era elle) era moço sentimental, romanesco como Laura, e cuja imaginação andava, ha muito, alterada por fantasiosos castellos no ar, inspirados

pelos misterios que o cercavam desde o berço. Além de que a figura reforçada de Pascôa não podia competir com o gracioso senhorîl de Laura, os altos espiritos e as altas imaginaçoens de Manoel não davam logar a que as olhadellas amorosas da filha de Thomaz Pinto lhe fizessem deslembrar o casto e pudibundo olhar da gentil filha de Pero Coelho de Abranches.

Para abreviar a historia, seguiu-se apoz tudo isto um amor verdadeiramente romantico, em que Laura e Manoel representavam os primeiros papeis, e Pascôa, o de confidente, ao que se prestava com paciencia, não só por dedicação por Laura, mas tambem pela esperança de que mais tarde ou mais cêdo a caprichosa fidalga havia de despedir o pobre diabo plebeu, e n'esse conflicto ficava ella com direitos adquiridos para a substituir honradamente.

Durante mez e meio, que D. Manoel se demorou imprudentemente na Beira, tiveram logar mais dois encontros no quintal da Ramada Alta, e vinte entrevistas, pelo menos, das janellas do palacête da rua das Flores abaixo. Os dois namorados mostravam igual amor um pelo outro; mas no fundo a coisa era muito differente. O amor de Manoel era verdadeiro e sincero, nascia do coração; o de Laura era puro devaneio de rapariga romanesca, simples enthusiasmo de imaginação, mas enthusiasmo como ellas os costumam ter, enthusiasmo que adormenta todas as potencias da alma a ponto de o tomarem por verdadeiro amor. N'este tempo chegou D. Manoel, e o coração de Laura despertou do somno profundo, que a imaginação o obrigára a dormir. Aqui pede-se humildemente ao leitor, que faça ideia dos trances porque passou a pobre menina, repartida entre o amôr com que idolatrava o bello e fidalgo capitão de dragoens, e o enthusiasmo com que se recordava do joven e famoso heroe do feito da Ramalda Alta.

Depois de fallar com D. Manoel, Laura reconheceu toda a profundidade do compromettimento, em que a leveza da cabeça d'ella a tinha despenha-

do. Era-lhe, porém, impossivel esquecer de todo a heroicidade temeraria do romanesco sargento. Lutou assim algumas horas, chorou, e chorou muito, mas, por fim, o coração venceu, como era de razão, e Laura resolveu desfazer-se de Manoel, mas de modo condigno da alta admiração que sentia por elle. Os encontros da Ramada Alta cessaram de todo; mas as entrevistas continuavam, porém menos frequentes. Manoel não sabia como explicar esta mudança repentina. Pascôa Angelica, a quem Laura tinha confiado a resolução que tomára, e que, como é de suppôr, a tinha ardentemente appoiado, não queria desenganal-o de golpe, receiosa de que na volubilidade da ama naufragassem de envolto os seus interesses futuros. Assim ia contemporisando e embalando Manoel com mil desculpas inventadas *ad hoc*, em que o pobre acreditava, porque nas raras entrevistas que tinha com Laura, o enthusiasmo fazia esquecer á romanesca menina a resolução, que tomára, e inspirava-lhe palavras que não desvendaria o mais perspicaz namorado do mundo. Mas depois d'estas entrevistas, Laura soffria e soffria muito, porque o coração e a prudencia reprehendiam-lhe severamente a leviandade, com que as concedia, e com que se portava n'ellas. Determinou-se por fim a acabar com aquelle martyrio, e depois de meditar na maneira de o fazer sem offender Manoel, resolveu-se a empregar o meio, que elle proprio lhe havia fornecido. O pobre sargento, n'um momento de expansão, tinha-lhe communicado o misterio da sua genealogia e todas as phantasias que a este respeito lhe alteravam a imaginativa. Laura, pois, na ultima entrevista que lhe concedeu, declarou-lhe que a honra lhe não permittia continuar n'aquella incerteza, e que, portanto, não tornasse a apparecer diante d'ella, sem lhe poder dizer verdadeiramente de quem era oriundo. Manoel quiz reagir contra esta exigencia inesperada, mas Laura deixou cahir algumas lagrimas, e dizendo a soluçar—«é preciso»—fechou a janella, e desappareceu.

Durante vinte dias o pobre sargento andou como louco a imaginar expedientes para conseguir a satisfação d'aquella exigencia tyranica. Dirigiu-se primeiro á velha feiticeira da Torre da Marca, que era a mulher que o havia creado; encontrou-se depois com Alvaro Martins, mas tudo debalde, porque ficou na mesma ignorancia que d'antes. O que d'aqui resultou o leitor o saberá mais para diante; por agora basta que lhe diga que as entrevistas cessaram de todo, e que Laura, n'estes vinte dias que teem decorrido desde a ultima, esqueceu inteiramente o pobre sargento, deslumbrada pelos carinhos e pela presença do seu futuro esposo D. Manoel de Lancastre.

Aqui fica, pois, esboçado o caracter de D. Beatriz e a historia de Laura. Agora retomarei a narrativa no ponto em que a interrompi, ao findar o capitulo passado.

A sala, para onde D. Bartholomeu fez entrar os seus dois hospedes, estava ricamente mobilada. Os moveis e os ornatos compendiavam tudo o que a França de Luiz XIV tinha produzido de mais gracioso e de mais commodo. Não farei a descripção para não impertinenciar os leitores. Peço, perém, licença para notar um instrumento musico, que hoje é vulgarissimo em toda a parte, mas que n'aquella occasião era indubitavelmente o unico que havia no Porto. Este instrumento, que se via ao fundo da sala, a par, mas distanciado, d'um riquissimo cravo de pau setim, a que estava encostada uma guitarra, era nada menos que um piano. Era a maior prova do luxo e do bom gosto, com que D. Bartholomeu tinha adornado a sua casa. Um piano em 1757 era coisa desconhecida entre nós, e este, que era dos aperfeiçoados, em 1750, pelo allemão Silbermann, tinha ficado a peso de oiro a D. Bartholomeu, que o comprára ao proprio author, n'uma viagem que fizéra a Hamburgo em 1755. Como, porém, ainda então não havia no Porto quem o ensinasse a tocar, este piano era litteralmente traste de luxo na sala

do rico biscaínho. Quando a sós, Laura usava ensaiar n'elle a sciencia que tinha do cravo; mas como reconhecia que lhe não sabia aproveitar os recursos, era com este ultimo instrumento, que, em dias de assembléa, costumava deliciar os amantes de musica, que concorriam em casa de seu bondoso tutor. Por esta razão é que achamos agora o piano fechado, e aberto o cravo e com musica sobre a estante, como preparado para o que as exigencias dos convivas podessem pedir á formosa musa d'elle.

A sala estava illuminada por quatro grandes serpentinas de prata. Não era dia de partida regular em casa de D. Bartholomeu. Na sala achavam-se apenas as senhoras de duas familias que conviviam com elle familiarmente, e cujos chefes eram parceiros forçados e infatigaveis, elles e um outro honrado negociante, velho e celibatario, da partida de whist, que D. Bartholomeu não podia deixar de jogar todas as noites.

Junto da meza do whist, que já se achava desdobrada e preparada com as luzes, cartas e tentos necessarios, estavam em grupo os tres velhos, de pé, mãos atraz das costas, discutindo gravemente certos casos difficultosos, que tinham acontecido na partida da noite anterior. D. Beatriz e as duas outras mães de familias, estavam a distancia, sentadas junto da parede, conversando em arranjos de casa e lamentando a alta do preço de alguns generos de primeira necessidade domestica; e as filhas, em numero de cinco, todas no viço da juventude, rodeavam Laura, que estava sentada n'uma poltrona, junto da qual se via de pé D. Manoel de Lancastre, que esgotava todos os recursos da sua rhetorica de salão, para entreter as meninas com as frivolidades do estilo.

Quando a porta da sala se abriu, e D. Bartholomeu entroduziu os seus dois hospedes, os tres parceiros enfileiraram-se, as mães callaram-se, e as meninas aprumaram-se nas cadeiras, segundo era ordenado pela etiqueta da época. Depois seguiu-se uma mesura geral. Então o frade e o doutor adiantaram-

se para o meio da casa, cortejaram particularmente os tres velhos, e avançaram para a senhora da casa, a quem fizeram uma respeitosa cortezia. Em seguida déram um passo para a frente, arquearam os braços, avançaram a perna direita, pozeram o pé esquerdo em posição enviezada, e fizeram outra profunda cortezia para as meninas.

— Minha senhora D. Beatriz — disse o frade, curvando-se — beijo os pés de v. s.ª [1]. Minha senhora D. Laura, permitta-me v. exc.ª que renda á sua formosura a respeitosa homenagem da minha profunda admiração.

Mascarenhas cortejou outra vez, lançando rapidamente um olhar negro e perscrutador sobre D. Manoel de Lancastre, cuja familiaridade com Laura nunca podéra perceber antes da sua altima partida para Lisboa.

Laura correspondeu á lisonja do frade e ao cumprimento de Mascarenhas com mesura feita secamente, e de modo que revelava a antipathia que lhe inspiravam.

— Seja vm.cê muito bem vindo, snr. fr. José de Mansilha — disse ella.

Depois voltou-se de novo para D. Manoel a quem dirigiu algumas palavras, como em continuação do que lhe tinha estado a dizer.

O frade não era, porém, homem para descoroçoar com a frieza d'aquelle cumprimento. Abriu mais os labios n'um sorriso que não pôde deixar de parecer equivoco, apezar dos esforços visiveis que fazia para se affigurar amavel, arqueou mais os braços, e, mesurando mais dois passos para a frente, disse em tom açucarado e no estilo gongorico, que, ou por habito ou por ironia, costumava fallar com damas:

— A minha bella inimiga ha de conceder-me que lhe exore permissão para a interromper na sua intimidade. Pouco tempo, porém, lhe quero roubar... a brevidade d'um momento... o espaço preciso para

---

[1] Vid. Nota XIV.

despennar com um raio brilhante dos seus dois formosos sóes este meu amigo, rendido admirador da sua belleza, a quem a obrigação traz ha tantos seculos desterrado das graças da sua formosura.

E, assim dizendo, o frade apontava para José Mascarenhas, que, recalcando no peito a soberba, se havia approximado d'elle.

—A snr.ª D. Laura—disse então o doutor, mal podendo refrear os impetos do orgulho e da raiva satanica que o assoberbavam—ha de conceder-me licença de renovar a sincera homenagem da veneração, que já por mais de uma vez tenho tido a honra de apresentar-lhe.

Laura voltou-se então soberanamente para elle, e deixou ver no rosto manifestos signaes de desprezo senhoril, com que recebia um cumprimento, que parecia querer recordar-lhe o cortejo, que, antes de partir para Lisboa, Mascarenhas, tentára fazer-lhe. D. Manoel tambem o fitou, mas com um d'estes olhares que ameaçam, e que escarnecem ao mesmo tempo.

—O snr. D. Bartholomeu já ha de ter dito a v. s.ª quanto é festejada a sua vinda n'esta casa... que é d'elle—disse Laura com altivez, mas serenamente.

—Rendo a v. exc.ª as graças—replicou orgulhosamente Mascarenhas.

—E eu as reforço affectuoso—acudiu fr. José, redobrando em amabilidade—por mim e por elle o digo, snr.ª D. Laura. Póde v. exc.ª estar certa, que n'esta jornada, nem o mais ligeiro alipede...

—N'esse ponto penso tambem como tu, Anninhas. Prefiro Piccini a Gluck. Tenha paciencia, D. Manoel—disse então Laura, dirigindo-se, sem fazer caso do frade, a uma das meninas que estavam em roda d'ella.

—Eu não questiono o bom gosto da minha opinião. Disse apenas o que sentia, D. Laura—acudiu então o morgado.

—Mas v. s.ª deve-nos dar a razão d'ella, snr. D. Manoel—disse a menina a quem Laura se tinha

dirigido. — Quem prefere Gluck a Piccini precisa de justificar-se.

— Muito mais — accrescentou Laura — quando o defensor de Piccini é uma senhora. N'este ponto D. Manoel, não deve recusar-se a reconhecer a superioridade das nossas apreciaçoens.

— D. Manoel!... D. Laura!... Que diabo é isto? A rapariga é o mafarrico, doutor! Um capitão e um sargento! — disse então o frade ao ouvido de José Mascarenhas.

— Não o nego, minhas senhoras — continuou D. Manoel — talvez que até seja por isso que dou a preferencia a Gluck. A sensibilidade é sempre muito menos perfeita nos homens; por isso não é de admirar que eu prefira o estilo grandioso de Gluck á delicadeza sentimental de Piccini.

— Oh! que triste razão! — disse Laura, fitando com terna reprehensão o amante.

— Diga aqui alguma coisa, doutor — murmurou fr. José ao ouvido do seu protegido.

— Deixe-me, com seiscentos diabos? — replicou este, impando de soberba e de raiva.

— Triste? Tristissima, Laura — disse então a defensora de Piccini. — O snr. D. Manoel não é de certo sincero — accrescentou, fitando-o com um olhar malicioso, que revolveu, ao mesmo tempo, sobre Laura.

— Sincero sou, minha senhora. O que de certo estou é em erro, pois que v. s.ª e D. Laura são contra a minha opinião.

— Mas preferir o grandioso ao sentimental, snr. D. Manoel! Preferir a cabeça ao coração!...

— Em musica nós os homens sômos naturalmente assim, minha senhora. Deixamos-n'os arrastar mais pelo que é grande do que pelo que é mavioso. Mas a musica é apenas um enlêvo dos sentidos, não é a vida real. E n'esta temos nós muitas occasioens, em que sômos inteiramente senhoras. De mim assevero a v. s.ª que posso perfeitamente designar, e que julgo serem as horas mais ditosas da minha vida, aquellas em que prefiro ouvir cantar a musica de

Piccini, que me faz então esquecer totalmente todas as melodias grandiosas de Gluck.

E, dizendo estas palavras, fitou um olhar expressivo em Laura, que lhe correspondeu com amor e com reconhecimento.

—Se v. s.ª me dá licença de dizer a minha opinião, snr. D. Manoel — disse então o frade — confesso sinceramente que não posso deixar de me enfileirar do lado das senhoras.

— E tem vm.cê muita razão; snr. fr. José: escolheu a melhor parte.

— E mais razão do que v. s.ª pensa, snr. D. Manoel. Quando estive em Italia, tive occasião de ouvir cantar a *Finta pazza* de Strozzi, *La Clemenza di Tito* e *Il Ciro reconosciuto* de Leo e outras operas de distinctos authores. Todos eram applaudidos com delirio; Gluck, porem, era apenas conhecido, apezar de ser escrevinhador infatigavel. Piccini começava então, e comtudo já era tido pelo rei dos compositores italianos.

—Mas Gluck tem hoje reputação européa; em Paris souberam-n'o apreciar.

— Oh! Paris! Paris! Com perdão de v. s.ª, snr. D. Manoel, os ouvidos dos francezes não se pódem comparar com os dos italianos. Que lhe parece, snr. doutor Mascarenhas? a quem dá a preferencia — a Gluck ou a Piccini?

—Não gosto de nenhum d'elles — replicou Mascarenhas, esforçando-se por disfarçar a irritação, em que tinha a arder o espirito. — Eu dou a preferencia a Leo.

—É tambem uma opinião — disse seccamente D. Manoel — e, por ser nova, tem o merecimento de censurar as duas que até agora se discutiam. É pena que não tenha a sancção dos entendedores.

—Apesar d'elles, Leo foi mestre de Piccini — disse com azedume José Mascarenhas.

— O que não faz com que não seja muito inferior ao discipulo — replicou altivamente D. Manoel.

—Ahi vem quem póde despartir a questão —

acudiu aqui fr. José de Mansilha, aproveitando o ensejo de apagar a polemica, da qual principiava a receiar que resultassem consequencias sérias.

Ao tempo que fr. José de Mansilha disse estas palavras, assomou á entrada da sala um homem, cuja chegada foi festejada com enthusiasmo não só pelas damas, mas até pelos proprios jogadores do whist, que, indo n'essa occasião a principiar novo rober, largaram as cartas e a meza, como quem as ia trocar por mais delicioso entretenimento. D. Bartholomeu, como dono da casa, foi quem demonstrou mais amplamente o quanto era estimada a vinda do novo personagem. Correu para elle, cobriu-o de amabilidades, e apregoou como felicidade extraordinaria a entrada d'elle na sala.

O recem-chegado era um padre — mas um padre que, pelo traje e pelas maneiras aperaltadas, podia muito bem servir de modêlo para aquelle

Abbé, que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas meias,
E presidindo em matinas,
Vai depois ás assembleias,
Cantar modas co'as meninas.

A batina que usava, á franceza, sem capa e com um pequeno cabeção, que lhe descia apenas até metade do antebraço, era de finissima lilla, e as meias eram de sêda, lustrosas e bordadas. Os sapatos, de salto e primorosamente apurados, eram adornados por umas enormes fivelas a *la Chartre*, feitas de puro oiro. Uma larga e comprida facha de sêda preta, de cujas extremidades pendiam dnas grandes bórlas, cingia-lhe a batina sobre a cintura. Na cabeça tinha uma elegante cabelleira, sufficientemente empoada, e trazia na mão um chapéu de pêllo de castor, talhado pelo ultimo rigor da moda.

Ao entrar para dentro da sala, cumprimentou cordialmente D. Bartholomeu, que o sahira a receber, cortejou os homens, depois avançou para as senhoras,

que o recebiam com mil sorrisos, e, curvando-se para a direita e para esquerda, cortejou-as,

Pé atraz, segundo a moda,

e com todo o rigor da mais aperaltada ceremonia. Em seguida beijou a mão de Beatriz, e d'ella dirigiu-se a Laura, a quem fez a mesma ceremonia, com peraltismo, porém, mais requintado. Então endireitou-se, e estendeu familiarmente a mão a D. Manoel, que lh'a apertou, sorrindo affectuosamente e com signaes de verdadeira amizade.

O nosso padre era, pois, um padre peralta, um pintalegrete, um verdadeiro janota, como se diz na actualidade. Aqui estou eu vendo os leitores confrangerem os labios em sorriso de escarneo... Não se riam, porém, que diante de si teem nada menos que o celebre poeta Paulino Cabral, um dos mais distinctos poetas portuguezes da época, a flor e a nata dos bardos do Porto — notavel pela elegancia dos conceitos, pelo colorido brilhante com que os revestia no metro, pela mordacidade satirica, ora fina e delicada, ora aspera e pungente, e notavel tambem pela pureza da linguagem e pela correcção classica do estilo, que fez com que Bocage lhe désse a honra de o jungir comsigo n'aquelle celebre soneto, em que, para flagellar o pobre doutor Quintanilha, poem na bôca d'este a critica asselvajada, de que pertence ao nosso poeta o verso

Trascala aos seiscentistas, o Paulino.

Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente, estava então no vigor da vida. Tinha trinta e tres para trinta e quatro annos de idade. Era de figura apessoada e donairosa; as feiçoens formosamente modeladas, a testa espaçosa e alta, e os olhos vivos e scintillantes de esplendor, que harmonisava com o sorriso de ironia, fina e delicada, que lhe pairava ao de leve, mas permanentemente nos labios.

Paulino Cabral era ademais dotado de todas as qualidades precisas para ser o benjamin das assembleias da época, sem as quaes elle tambem não podia viver, que eram o seu encanto, que eram o seu enlêvo. O poeta, satirico por natureza, peccava porém por um sestro que lhe amordaçava a má lingua. Tinha o peraltismo no sangue, nos nervos, nas medullas, em todo o organismo emfim. Quando ia a Jazente, o que raras vezes fazia então, chorava, lastimava-se, suspirava pelas assembleias do Porto, pelos encontros com a ronda, pelas entrevistas amorosas, pelos assaltos ás janellas, e fazia-o em prosa e verso, e de toda a maneira. Quando estava no Porto onde consumia as rendas da sua pingue abbadia, dançava, cantava, fazia a côrte ás damas, e, nas horas de mau humor, despeitorava toda a bilis do ridiculo, que se lhe ia accumulando no peito, em sonetos contra as assembleias, contra as danças, contra as modinhas, contra as senhorias, e contra tudo, emfim, que a sociedade tinha de ridiculo, mas sem o que elle não podia viver, e de que era o actor mais activo e mais conspicuo.

Tal era Paulino Cabral, abbade de Jazente. Depois de ter feito os cumprimentos do estilo e de ter passado com duas banalidades sem significação por cima da pergunta que fr. José lhe fizéra á queima-roupa ácerca da preferencia entre Gluck e Piccini, poz-se a dar novidades ás damas, fallou das novas modas de Paris, projectou contradanças para depois do chá, respondeu a esta, fallou áquella, elogiou a maestria com que Laura tocava e cantava, pediu as novas arias que estavam em moda, emfim absorveu em si toda a attenção da pequena sociedade, que, n'aquella occasião estava reunida em casa de D. Bartholomeu de Pancorvo. As damas riam-se, agitavam-se nervosamente apesar da etiqueta, e auxiliavam todas á uma a tagarelice do poeta. A meza do whist estava deserta. D. Bartholomeu revia-se no seu hospede, José Mascarenhas não sabia se o havia de dar ao diabo se não, fr. José de Mansilha sorria-se mali-

ciosamente, vendo a facilidade com que Laura esquecera o elegante capitão de dragoens, para se deixar redemoinhar nas azas da fascinação, que exercia o aperaltado abbade poeta.

A conversação começava a descahir visivelmente, quando Paulino Cabral exclamou:

—Mas é verdade, snr. fr. José de Mansilha, e eu que me tinha esquecido, de que fui citado por vm.cê para decidir ácerca da preferencia entre Piccini e Gluck! Snr.ª D. Laura, peço a v. exc.ª a mercê de nos dar o prazer de lhe ouvir cantar algumas das arias d'estes dois insignes professores. De outra maneira não poderei julgar conscienciosamente.

—Com muito praser, snr. abbade. Mas em primeiro logar diga-me v. s.ª, esqueceu-se de nos trazer o final do seu *Pomo de oiro*, que nos prometteu de lêr a primeira vez que voltasse a esta sua casa?

—Não, minha senhora. Deixei-o n'uma pasta na sala contigua. Está lá á espera das ordens de v. exc.ª

—Oh! que felicidade! Então peço-lhe que principie já a leitura.

—O primeiro logar pertence á voz harmoniosa de v. exc.ª, o segundo será então para os meus versos, visto que se lhes quer fazer tanta honra.

—Promette?

—Prometto, minha senhora.

—N'esse caso vou cantar.

Laura levantou-se, e deu a mão ao poeta, que a conduziu com toda a cerimonia até junto do cravo, a que a sentou, depois de lhe ter preparado, com toda a solicitude, os coxins da cadeira.

—Que diabo será o tal *Pomo de oiro?*—perguntou o frade ao ouvido de José Mascarenhas, que estava sentado á direita d'elle.

—Eu sei lá—respondeu o doutor com mau modo.

—Vm.cê sabe-me dizer o que é o *Pomo de oiro?* —reperguntou fr. José ao ouvido d'um repolhudo parceiro do whist, enthusiasta admirador do abbade de Jazente, que de bôca aberta e de mãos espalma-

das sobre as duas anafadissimas coixas, não perdia nenhum dos movimentos, nem as mais simples palavras do poeta.

O interrogado deu um salto, e fitou espantado o bom do frade.

—Como! Pois é possivel que alguem o ignore! —Depois, abanando a cabeça e como compadecido da ignorancia ignominiosa de fr. José de Mansilha, accrescentou: —É uma mimosa composição scenica e musical, que o meu illustre amigo e grande poeta, anda compondo para a festa do abbadeçado de S. Bento de Ave-Maria, em que vai ser eleita prelada a snr.ª D. Leonor do Cenaculo. Ah! snr. fr. José, quanto não devemos á snr. D. Laura por obrigar a modestia do grande poeta...

—E esta!—exclamou fr. José, curvando-se de novo para o ouvido de José Mascarenhas, e em tom de quem já se lastimava em razão da massada impendente.

Devo, porém, advertir ao leitor, que a interrupção que nota na resposta do admirador de Paulino Cabral, não foi resultado da exclamação de fr. José de Mansilha, mas sim de Laura ter corrido os dedos por cima do teclado do cravo, o que fez parar a palavra na bôcca do enthusiasta elegiador.

Laura depois de dedilhar um minuto, parou, e voltou-se para Paulino Cabral.

—V. exc.ª escolherá: Piccini ou Gluck?—perguntou elle então.

—Nem um, nem outro, snr. abbade. Antes um minuete... É verdade, o seu ultimo minuete, que tão lindo é.

—Oh! minha senhora!... Pelo amor de Deus!... Preferir a minha musica á dos grandes mestres!... E demais quem ha de fazer a segunda parte?

—Eu, se me não acha indigna de cantar a sua musica.

—Oh! minha senhora!... V. exc.ª confunde-me com tantos favores!...

O abbade de Jazente empertigou-se n'um d'a-

quelles accessos de vaidade de peralta, durante os quaes se deslembrava de todo de que era o satirico poeta Paulino Cabral. Laura preludiou alguns minutos; então elle, acudindo de repente ao compasso, rompeu n'uma formosa voz de tenor o seguinte seu conhecido minuete, a que Laura se reuniu brevemente com uma bellissima e harmoniosa voz de soprano.

MINUETE

Ah! não é certo
Que algum tormento
Acabamento
A' vida dá.

Pois que a saudade,
Que esta alma chora
Inda atégora
Vivo me traz.

Se a dôr matasse,
Eu sem conforto
Ha muito morto
Seria já.

Pois que a saudade,
Que o peito sente,
E' mais vehemente
Que todo o mal.

REMATE

Aquelle dia
De eu vêr a Nize,
Saudade, dize
Quando será?

E com este remate, cantado a duas vozes, Laura e Paulino Cabral déram por acabado o minuete do poeta, que, além de poeta, era musico — musico harmonioso de modinhas, minuetes, cantigas e outras frioleiras muito estimadas n'aquella época.

Um bravo enthusiasta retumbou em toda a sala, tornando-se sobre maneira salientes o admirador de Paulino e fr. José de Mansilha.

Em seguida, o abbade exigiu de Laura, como condição para a leitura do *Pomo de oiro*, que ella cantasse uma das arias da *Dido*, de Piccini, que principiava a tornar-se então conhecido na Europa. Laura cantou, e depois de cantar, levantou-se entre immensos e estrepitosos applausos, e foi conduzida novamente pelo poeta até á cadeira, em que estivera sentada.

Paulino Cabral cortejou então, e, recuando dois ou tres passos atraz, bateu ao de leve com a mão uma na outra, e, depois de pensar um momento, recitou em voz assucarada a seguinte décima, por elle improvisada repentinamente:

Presidente da harmonia
Hoje vos fez o destino,
Porque logar tão divino
Sómente a vós competia.
A aula da melodia
Assim chegaes a illustrar;
Pois vossa voz singular,
Quando no canto se engólfa,
Dá nova doçura á solfa,
Dá novo lustre ao logar.

Este improviso foi recebido por um sem numero de palmas e bravos enthusiasticos: e creio que foi em razão dos applausos recebidos n'esta occasião, que os compiladores das poesias do célebre poeta publicaram depois esta verdadeira banalidade metrica a par dos magnificos sonetos, que colleccionaram nos dois volumes das obras d'elle.

—Snr.ª D. Laura—disse então uma das senhoras mais edosas—peça agora ao snr. abbade o cumprimento da promessa que nos fez.

—Sem duvida, snr.ª D. Gertrudes. Agora, snr. Paulino Cabral, pertence-lhe mimosear-nos com a leitura do seu *Pomo de oiro*.

—Com muito gosto, minha senhora; mas peço que primeiro dancemos uma contradança.

Seguiu-se renhidissimo combate de banalidades entre as damas e o poeta. Elle queria que se dançasse; ellas que elle lêsse. Foi verdadeira trovoada de amabilidades. Mas, apesar das contradanças reinarem então sobre o enthusiasmo das assembleias com todo o rigor de moda recente, o desejo de ouvir a opereta, que se tinha de cantar no abbadeçado de S. Bento, era mais forte do que ellas. Depois de resistir com todas as forças, Paulino Cabral começou a enfraquecer com grande despeito de fr. José de Mansilha, que

via approximar-se o terrivel momento da leitura. D. Bartholomeu apressou ainda mais. Vendo a tenacidade da resistencia do poeta, tomou uma das serpentinas, e, acompanhado pelo admirador de Paulino, correu á sala visinha em procura da pasta que encerrava o precioso *Pomo de oiro.*

Os dois reappareceram, um momento depois, novamente na sala.

—Eil-a aqui, eil-a aqui—exclamou o admirador, levantando triumphalmente acima da cabeça uma rica pasta de velludo azul bordada a oiro, que trazia nas mãos.

Laura empolgou victoriosamente a pasta, mas quando ia a desatar as fitas de sêda que a fechavam, dois creados entraram na sala, tomaram uma das mezas que estavam ao fundo, e conduziram-n'a para junto de D. Beatriz, deante de quem a desdobraram.

Depois pozeram sobre ella uma grande urna de prata com agua a ferver, um bule, um taboleiro com chicaras, emfim todos os aprestes necessarios para tomar o chá. A leitura do *Pomo de oiro* ficou, portanto, adiada, fr. José respirou, e D. Beatriz, como dona da casa, procedeu a fazer o chá com todas as etiquetas, a que a moda reinante sujeitava este simplicissimo processo. O abbade de Jazente collocou-se logo ao lado d'ella, auxiliando a com todo o desempêno da peraltice, em que era consummadissimo professor.

Acabado o chá, que durou tres quartos de hora pelo menos, Paulino Cabral foi de novo rigorosamente assaltado sobre o assumpto da leitura. Agora não havia que resistir. O poeta tomou a pasta, e tirou d'ella as folhas de papel que encerravam o *Pomo de oiro.* Entretanto fr. José soltava profundo suspiro, como de quem se resigna com a hora da morte, porque não a póde embaraçar; poisou sobre a barriga as mãos encruzadas, e cerrou os olhos em ar de martyr que entrega o pescoço ao algoz, mas que não quer presenceiar a descida do cutélo.

Paúlino Cabral, depois de ageitar o papel, de se

collocar com elegancia, aflautar a voz e de fazer pelo menos dez tregeitos aperaltadamente impertinentes, principiou por esta fórma a leitura:

SEGUNDA PARTE

SCENA I

Jardim das Hesperides, onde se vê a planta de oiro

MARTE E SEGREDO

SEGREDO

Não te enfureças, Marte,
Venus te ad ›ra, e busca em toda a parte.
(A's avessas.)

MARTE

Pois como
Nunca pude encontral-a,
Correndo todo o monte a procural-a?

SEGREDO

(Finjâmos.) Como Venus
Te procura tambem, talvez por isso
Vagos vos desviaes.

MARTE

Pois vai, e corre,
Ao meu violento amor prompto soccorre:
Dize-lhe...

Um alarido estrepitoso de vozes invadiu então repentinamente a sala visinha, cortando desagradavelmente a leitura, e aliviando o desgraçado fr. José, que, já não podendo com tanta poesia, soltára n'essa occasião grosso e profundissimo suspiro, d'estes capazes de compadecer um penhasco.

O alarido augmentou, e approximou-se de repente. Por sobre elle sobre-sahiam distinctamente as seguintes palavras, pronunciadas estentoriamente no tom

peremptorio e imperioso do nosso conhecido Alvaro Martins:

— Como, estupidos alarves!... A mim!... Deixarem-me á porta mais de meia hora, a infernarem-me a paciencia, sem m'a abrirem immediatamente! Arredar para o lado, se não querem que os leve a bico de sapato na frente.

— S. Jeronymo, advogado das tempestades¡ — exclamou, ao ouvil-o, fr. José de Mansilha. Depois, curvando-se para o ouvido de José Mascarenhas continuou mais baixo:

.....ac venti, agmine facto,
Quae data porta, ruunt, et terras turbine perflant. [1]

Por esta não esperava eu, doutor. Seja tudo pelo amor de Deus! Ao menos ficamos livres d'este maldito poeta!...

O leitor não terá difficuldade em acreditar que o resto da assembleia era de opinião inteiramente opposta á de fr. José de Mansilha, e que por isso a insuave trovoada formada por Alvaro Martins foi mal recebida por ella.

Entretanto Paulino Cabral interrompeu a leitura, e guardou os papeis na pasta, dizendo para as damas:

— Recolhâmos-n'ós do aguaceiro, minhas senhoras. A leitura terminou por hoje. O meu amigo Alvaro Martins é inimigo capital de versos, e verdadeiro Herodes de poetas.

---

[1] Virg. Eneid. Lib. I. vers. 86.

V

O fraca natureza, ó saber fraco
De todos os mortaes, ó amor cego,
Que por seguir um vicio perca o homem
O bem que só para elle está guardado!
Triste miseria humana, que não sente
N'uma dôce apparencia a morte amarga,
E em verdes frescas ervas a serpente
Venenosa e cruel não vê escondida!

CORTE REAL. *Naufragio de Sepulveda*, CANT. VI.

O abbade de Jazente acabava apenas de proferir as palavras que rematam o capitulo antecedente, quando a figura excentrica do morador da torre do Olival entrou para dentro da sala de D. Bartholomeu de Pancorvo.

Alvaro Martins trazia o mesmo vestuario, com que o leitor já o viu — a mesma casaca, o mesmo chapéu, os mesmos calçoens, e até o mesmo espadão a açoitar-lhe as barrigas das pernas.

A sua entrada na sala foi acolhida, como era de esperar que o fôsse a chegada do homem, cuja presença tornava impossivel a leitura do *Pomo de oiro*. Reinou silencio profundo, e em todos os rostos transpareceu a frieza glacial, que intíma á queima-roupa o desgosto e a má vontade. Até o proprio D. Bartholomeu, cuja bondade era quasi inalteravel, não pôde ser superior a este sentimento geral Sahiu, é verdade, a receber Alvaro á porta da sala, com toda

a ceremonia e com um sorriso nos labios; mas o sorriso era evidentemente forçado, e as maneiras ceremoniosas de mais e da ordem d'aquellas que indicam, que se não quer offerecer a qualquer mais do que o estrictamente ordenado pela civilidade.

Alvaro Martins não era, porém, homem que se perturbasse com estas ninharias. Rodeando pela sala aquelle olhar de aguia, com que a natureza o dotára, conheceu perfeitamente a indisposição que havia para com elle. Os labios encresparam-se-lhe então com um d'estes sorrisos sarcasticos, que demonstram o prazer que se sente em provocar e desafiar o desgosto dos outros. Avançou para junto das damas, que cortejou com toda a galanteria e desempêno de homem habituado á alta sociedade, mas sem os tregeitos ridiculamente affectados dos peraltas da época. Depois voltou-se para os homens, que cumprimentou com civilidade, fazendo, porém, notar signaes de intimidade para com D. Manoel, e para com o abbade de Jazente.

O silencio glacial, no meio do qual Alvaro Martins tinha feito os seus cumprimentos, continuou ainda depois d'elle os ter acabado. Alvaro achou-se d'esta fórma como que exposto aos olhos de todos, porque por um movimento verdadeiramente instinctivo, os homens tinham recuado até ás cadeiras, deixando-o só no meio da sala.

Ao dar por isto, Alvaro olhou em derredor com um sorriso provocador, carregou um pouco as sobrancelhas, e disse para D. Bartholomeu, com ar prasenteiro, mas altivo:

— Parece-me, snr. D. Bartholomeu, que a minha chegada desagradou á assembleia. Affigura-se-me que vim ser n'ella assim a modo de alma do outro mundo, que atérra e fulmína toda a alegria. Com franqueza, a minha presença é desagradavel aqui?

D. Bartholomeu balbuciou algumas palavras de civilidade, mas, felizmente para elle, D. Manoel interrompeu-o, dizendo com modo severo e de quem se sentia offendido:

— Sinto, Alvaro, que imagines a impossibilidade de teres quem aprecie a tua companhia, estando eu presente.

— Eu creio ter tambem direito a dizer o mesmo — accrescentou o abbade de Jazente com ares de resentido.

— Não o digo por vós, meus amigos — replicou Alvaro Martins, endireitando-se com altivez — mas o que estou vendo, faz-me suspeitar que sou mal acolhido. E eu não comprehendo — continuou com soberba, carregando as sobrancelhas e com voz soberanamente entoada — não comprehendo que uma pessoa de bem possa ser mal acolhida em parte alguma se não por ser indigno, ou então por capricho de quem o acolhe. No primeiro caso costumo responder como quem sou; se acaso ha ahi alguem que mereça resposta — accrescentou, poisando a mão no punho da espada: — no segundo respondo ao capricho com o capricho; fico por teima e para vêr se encontro, entre os que me recebem mal, quem se incumba de me obrigar a sahir.

Estas palavras foram pronunciadas n'um tom, em que o leitor ainda não teve ensejo de ouvir falar quem as dizia. O galhofeiro e sarcastico Alvaro Martins, o misterioso e plebeu morador da torre do Olival, transformára-se repentinamente no altivo D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal — orgulhoso porque representava a prosápia de trinta avós gloriosos, e soberbo porque tinha a consciencia de que era valente como muito poucos podiam mostrar que o eram.

Havia tanto orgulho e tanta soberba na entoação da voz, em que aquellas palavras foram proferidas, que a alma generosa de D. Manoel, apesar de reconhecer que nada tinham com elle, sentiu-se, para assim dizer, arrepiar; e o nobre e corajoso mancebo endireitou-se soberbamente, encostado como estava ao espaldar da cadeira, em que Laura estava sentada. Dos outros ninguem julgou conveniente responder, e, ainda que o quizessem, não teriam tempo

para isso, porque D. Bartholomeu acudiu logo, como envergonhado do seu procedimento anterior:

— Oh! snr. Alvaro Martins... Pelo amor de Deus! Não me faça a offensa de suspeitar que a sua presença não é sempre muito estimada n'esta casa, que muito do coração é sua.

— O snr. Alvaro está de certo zombando — accrescentou fr. José de Mansilha, fazendo saltar a sua risadinha equivoca, e estendendo para elle, como meio de conciliação, a caixa do rapé aberta.

— Estimo encontral-o por fim, snr. D. Bartholomeu — disse Alvaro com altivez — Não gasto, snr. fr. José de Mansilha — continuou, mudando ao mesmo tempo para um tom jovial — mas visto ser sua a caixa, não me atrevo a recusar.

Alvaro tirou da caixa a pitada, que fingiu levar ao nariz, e ficou, por alguns segundos mais, no meio de silencio egual ao com que fôra recebido, mas agora como verdadeiro dominador de toda a scena. Depois, por um d'estes esforços de vontade, de que são capazes os caracteres energicos como o d'elle, aquella altivez e aquella soberba provocadora desappareceram, deixando o logar á jovialidade que lhe era habitual, acompanhada agora, não do tom motejador e satirico de que sempre andava revestida, mas da mais perfeita amabilidade, tão franca e ingenua, que parecia querer metter todos no coração.

— Sinto, minhas senhoras — disse então, dirigindo-se ás damas, com um sorriso delicado nos labios — sinto de véras ter vindo interromper não sei o quê, mas que de certo era muito agradavel a v. s.as Amigo Paulino Cabral — continuou, voltando-se para o poeta — se me não enganou o ouvido, eras tu que estavas falando, quando entrei para dentro da sala. Queres fazer-me a mercê de dizer-me qual era o divertimento delicioso, que vim interromper, para saber de que hei de pedir perdão?

O poeta sorriu-se maliciosamente, e ia a lançar mão da pasta; mas Laura, a quem o tom prasenteiro de Alvaro dava tanto animo, como o tom

ameaçador pozera mêdo, metteu-se de per meio, e respondeu por elle.

—Quando vm.cê chegou, snr. Alvaro Martins, o snr. Paulino Cabral estava honrando a assembleia com a leitura do seu *Pomo de oiro.*

—E interrompeu-a por eu chegar, minha senhora!... Foi verdadeira traição que me fizeste, Paulino. Provocares assim sobre um innocente a cólera das damas!... Ora, snr.ª D. Laura, desaffronte-me v. exc.ª Rogo-lhe a mercê de ordenar-lhe que continúe a leitura, porque, a falar sem rodeios, não sei porque a minha chegada podesse ser reputada motivo sufficiente para privar a assembleia do prazer que estava sentindo.

—A leitura interrompeu-se por um acto de civilidade para com o snr. Alvaro Martins. Disseram que vm.cê não gostava de versos nem de poetas. Por ventura é possivel que seja assim?

Alvaro sorriu-se com ar prasenteiro, e respondeu inclinando a cabeça:

—Infelizmente não o posso negar, minha senhora.

—Pois não gosta de versos! É inimigo dos poetas!

—Em quanto a versos, snr.ª D. Laura, não gosto d'elles, porque são fogos fátuos sem significação e sem utilidade; e eu não gosto de coisas inuteis e cuja unica serventia é ser pasto da gente ociosa.

—Que diz, snr. Alvaro!

—Em quanto aos poetas... detesto-os.

—Detesta-os! — exclamou Laura, lançando os olhos sobre o abbade de Jazente, que se estava sorrindo.

—Detesto-os... quero dizer, nem os detesto, nem deixo de os detestar. Isto de poetas é coisa sobre que se não póde exercer sentimento algum, porque não existem por que são como os hipogrifos e os leoens encantados dos romances de cavallaria.

—Os poetas não existem!—exclamou Laura, tornando a fitar os olhos no abbade de Jazente, que

continuava a sorrir, encostado aos coxins do espaldar da sua elegante poltrona.

— Bem sei o que v. exc.ª me quer lembrar — respondeu Alvaro Martins — mas por isso mesmo é que me empenho em provar que é verdade tudo o que digo. Paulino Cabral, appéllo de ti *poeta* para ti homem de bom senso e observador. É ou não verdade, que isto de poetas é coisa que não existe?

Paulino Cabral mexeu-se na cadeira, e respondeu, sorrindo:

— Declaro-me incompetente para sentenciar este pleito, amigo; e demais toda a discussão sobre elle é impossivel entre nós.

— E porquê, se fazes favor de dizer?

— Porque cada um de nós avoeja em regioens diametralmente oppostas. Eu creio no mundo do espirito, acredito na existencia moral dos sentimentos que dominam o mundo da materia, e que são o fogo que incendeia as imaginaçoens privilegiadas... sou infelizmente poeta. Tu não; tu pertences á Encyclopedia, és sectario da philosophia que tudo materialisa, que tudo reduz ás vulgarissimas proporçoens do mundo da materia, és emfim admirador de Diderot e de d'Alembert, e és intimo amigo de Arouet de Voltaire.. e de todos aquelles — continuou, accentuando estas palavras — que o veneram e idolatrisam de todos os modos e em todas as posiçoens. Estamos, como vês, a tal distancia um do outro, que toda a discussão é impossivel entre nós, porque até as nossas vozes não poderiam atravessar o immenso intervallo, que medeia entre os nossos dois distantissimos polos.

— E abençoada, portanto, essa distancia, amigo Paulino — replicou sorrindo Alvaro Martins — a abrigo d'ella tenho a certeza de que me não ouves, e por isso posso dizer bem alto e sem receio de te offender — que isto de poetas não passam de meia duzia de regrinhas rabiscadas com tinta de Nankin em papel assetinado.

— Diz, diz o que quizeres — redarguiu Paulino

Cabral — Não me offende essa franqueza, antes a estimo, porque o encontrar-se um homem

> Co'um urso que se erga em pé,
> Certo que menos mal é

como diz o poeta, do que achar-se á cara com tençoens refolhadas, que deante de gente tudo são lisonjas e cumprimentos, e nas costas tudo são maldiçoens e rasgar pela pobre da pelle do elogiado.

— Malicioso! Eu me pagarei do epigramma — replicou Alvaro Martins — Snr.ª D. Laura, dê-me v. exc.ª attenção por um momento, entretanto que devasso a realidade d'estes hipogrifos altaneiros da imaginação, que vulgarmente se chamam poetas.

— Hipogrifos! — murmurou o abbade de Jazente, sorrindo,

— Não o digo á má parte, nem para desdoirar a classe, com perdão teu, Paulino. Se o hipogrifo era metade cavallo, era tambem metade grifo, e tinha azas; era animal impossivel, e portanto muito proprio para ser tomado para termo de comparação por quem não acredita na possibilidade da existencia dos poetas. Demais se tu empregas os ursos do teu Sá de Miranda para designar os que não crêem nos poetas, porque não havemos nós de aproveitar os hipogrifos dos romances fabulosos para indicar aquelles entes puramente de imaginação?

Paulino Cabral continuou a sorrir-se, mas não respondeu. Alvaro Martins, depois de esperar um minuto, proseguiu, voltando-se para Laura:

— Agora vou provar a v. exc.ª, snr.ª D. Laura, que os poetas não existem, que são puramente sêres imaginarios. V. Exc.ª tem de certo lido muitos milhares de regrinhas rimadas, em que esses que se chamam poetas, se pintam arrebatados por sentimentos superiores ao vulgar dos homens, e sobretudo por um amor tão acrisolado, tão puro, tão essencial, por um amor que diz taes coisas, que é mesmo para uma pessoa se sentir perdidinha por elle. A' vista de

tudo isso, que tem lido, que lhe parece que deve ser um poeta? Creio que todos concordarão comigo n'este ponto. Amor que inspira palavras d'aquella força; que, ao passar para o mundo dos factos, se vasa em expressoens da ordem das que os poetas empregam, deve necessariamente ser a essencia, ser o caracter especial de quem elle anima: sentimentos que se traduzem em phrases que resumbram tanta pureza e tanta heroicidade, que, tomadas a sério, seriam censura altaneira e insolente de quem as não sabe dizer, não pódem deixar de ser a constituição essencial de quem as escreve. De outra fórma não se comprehenderiam, não teriam razão de ser; porque coisas assim, porque palavras, que ditas e não escriptas, seriam prova juridica de verdadeira loucura, ninguem de certo se atreveria a lançal-as ao publico, se não fossem inspiradas por impulso moral, por intima convicção, se n'uma palavra não nascessem e brotassem espontaneamente lá de dentro. Quero dizer, se dos versos se deve concluir a existencia dos poetas, um poeta é um ente dotado de heroicidade a toda a prova, de honradez immaculada, de candura e pureza de pomba, de sensibilidade tão extraordinaria que lhe domina todos os instinctos, um homem, emfim, que anda por fazer favor n'este mundo, onde vive por tal fórma alheio de tudo o que é humano, que parece que anda, pelo menos, com meio corpo mettido entre as nuvens.

Aqui Paulino Cabral deu uma gargalhada, e disse, accommodando-se cada vez mais na poltrona:

— Sempre tens coisas, Alvaro!...

— Parece-me que o não pódes negar, Paulino Cabral. Se ha poetas, porque ha versos, creio que ninguem contestará que é em vista d'elles que se hade definir o que é um poeta. E d'elles que se póde concluir? Peço-te que me contraries, se podéres, Paulino. D'elles conclue-se que o poeta é homem, por favor; mas homem que não come, nem bebe, nem dorme; leão pela heroicidade, Catão pela honradez, e na amizade e no amor um prodigio, milagre desde

o berço até á sepultura, porque desde que nasce até que morre não sahe um só instante para fóra d'aquella radiosa atmosphera.

Alvaro Martins parou aqui, e soltou escarnecedora gargalhada. Depois continuou em voz de zombaria, e dirigindo-se a Laura:

— Pois snr.ª D. Laura, apezar dos versos os poetas são homens como os outros. Comem, bebem e dormem; a maiorissima parte d'elles foge quando as coisas não estão nos melhores pontos de segurança fisica; prégam o seu calote quando a necessidade os aperta; no amor são mais borboletas do que os outros; e na amizade é pelo menos licito dizer que não teem a dedicação extremosa do cão. Aqui tem v. exc.ª os poetas reduzidos ao que são verdadeiramente. São homens como os outros; mas como pelo que demonstram os versos, devem ser outra casta de gente, temos, portanto, de concluir que não existem poetas, ou se existem é unicamente no papel. Mas eu ainda quero explicar-me melhor, minha senhora. — continuou Alvaro Martins, cada vez mais zombeteiro. — Entre os que se dizem poetas, distinguem-se evidentemente duas classes de individuos. Ha poetas fidalgos e poetas plebeus. Estes, os plebeus, são uma certa raça de ociosos, que andam sempre sem vintem na algibeira, rotos e esfarrapados, mas que se persuadem que o rimar palavras lhes dá direito a chamarem-se poetas, e que este titulo lhes justifica a ociosidade com que passam toda a vida a flaino, e impõem aos ricos a obrigação de os aturar parasitas insolentes, e ás freiras a de os soffrer comiloens insaciaveis nas funcçoens e nos outeiros. A plebe do mundo dos poetas, snr.ª D. Laura, não provoca a indignação; causa dó e incita o nôjo.

— A aristocracia poetica — continuou Alvaro Martins — essa é outra qualidade de gente. Não vão aos outeiros matar a fome, porque a não tem; pelo contrario, se lá comem, é tudo por fazer favor ás freiras, e escolhendo, para debicar, o que ha de mais delicado e mais mimoso. A meza dos grandes sen-

tam-se por obsequio: e entram nas salas entapetadas, saudados pela admiração obrigada dos convivas. O poeta aristrocata é rico e por isso excessivamente peralta. A versalhada não lhe peja, como ao plebeu, as vastas algibeiras ensebadas, d'onde sahe em rôlos monstruosos e ameaçadores; mas é conduzida por um escudeiro em pasta de velludo bordada a oiro,

Presente de certa senhora,

como diz, sobre outro assumpto, o meu amigo Nicolau Tolentino, o mais engenhoso má lingua que conheço, e que só pelo habito de dizer mal de tudo, é que a si mesmo se chama poeta. O poeta fidalgo, que não é carrejão dos seus papeis, que se cobre de rendas e perfumes, que obsequeia com um sorriso, e que se apresenta como homem superior entre os outros, não tem os defeitos parasitas do poeta pobre: mas é mais do que elle perigoso, pela mania congenita a todos os que tratam a poesia. Quer uns quer outros, se um homem tem a desgraça de os encontrar no caminho, ás duas primeiras palavras, o aristocrata arranca a pasta da mão do lacaio, e o plebeu desmergulha os papeis de dentro da algibeira, e impingem á queima roupa os seus versos, chegando a desgraça a tanto, que se persuadem que os outros os aturam com prazer. Com prazer!... Deus de misericordia! Se nem mesmo elles se pódem aturar uns aos outros! Mas esta mania é mais perigosa no fidalgo do que no plebeu. A este volta-lhe um homem as costas, e o mais que póde acontecer é vêr-se perseguido por elle, que o segue de papeliço em punho, ainda que se deite a correr ligeiro como um veado. Mas o aristocráta!... O aristocráta tem um homem obrigação de o aturar desde o principio até ao fim, e se tem a infelicidade de se deixar vencer do somno, dá-lhe direito á impunidade de pregar uma descompostura, na qual os insultos mais lisonjeiros são os epithetos de barbaro e de insipiente. Estas são as duas classes de poetas que existem, snr.ª D. Laura; e examinadas ellas con-

scienciosamente como fiz, têem por ventura alguma similhança com aquelles seres sentimentaes, abstractos, puro alfenim, legitima ambrosía, que se nos afiguram nos versos? Eu sei de poeta — continuou sorrindo maliciosamente para Paulino Cabral — que ama vinte mulheres por mez, e no fim d'elle, tem promptos vinte ou trinta sonetos, todos dirigidos a Analia, que por fim de contas e reduzidas as coisas ao que verdadeiramente foram na pratica, não passa a sobredita senhora de ser a individualisação, o compendio de todos os namoros que elle teve. Portanto, minha senhora, se os que se dizem poetas, não são na vida pratica o que são na vida métrica, creio que tenho toda a razão em dizer, que não ha poetas, que são sêres puramente imaginarios, verdadeiros hipogrifos fabulosos, embora incorra no epitheto de urso, com que ha pouco me mimoseou o meu amigo e... poeta, Paulino Cabral.

Este discurso que, apesar de ser pronunciado quasi em familia, não estava ainda muito em harmonia com os rigores da etiqueta da época, foi recebido, por ser do excentrico Alvaro Martins, com signaes e manifestaçoens cordeaes de prazer e de approvação. Entretanto que a pequena sociedade, reunida na sala de D. Bartholomeu, ria e commentava os epigrammas do homem que ha pouco a amedrontára, mas com quem agora se mostrava inteiramente reconciliada, o abbade de Jazente baloiçava-se brandamente, recostado na sua commoda poltrona.

— Então, snr. Paulino Cabral, que responde ao seu amigo? — disse Laura, que mal podia abafar o riso de todo.

— Eu, minha senhora!... Eu não digo nada; já disse que nada quero com elle. Comtudo, como me acho incurso na pena de excommunhão, que de certo foi fulminada contra os que lhe ouviram com satisfação todas aquellas chistosas heresias, proponho que, para a levantar, dancemos uma contradança.

— É verdade; o snr. Alvaro Martins não gosta de poetas, mas gosta de certo de contradanças.

— De contradanças! — exclamou Alvaro — Santo Deus! Antes versos e até uma legião de poetas.

— E porquê? — exclamaram as damas todas á uma, e como não podendo acreditar no que ouviam.

— Porque não sou homem para ser governado por uma rabeca ou por uma guitarra. Eu dançar! Pelo amor de Deus!... Eu não nasci para manequim, que obedece ao compasso, que lhe marcam nas cordas de qualquer instrumento. O unico senhor dos meus movimentos sou eu.

— Então de que gosta?

— De que gosto!...

— Sim: que faz o snr. Alvaro Martins n'uma assembleia?

— Durmo, minha senhora.

— Dorme!

Alvaro soltou uma gargalhada, e tornou-se de repente o mesmo motejador galhofeiro e sarcastico, que o leitor conheceu no principio d'esta historia.

— Durmo, sim — replicou então — e como durmo muito mais commodamente em minha casa, é essa a razão porque raras vezes vou a partidas.

E, depois d'um momento de pausa, continuou cada vez com mais sarcasmo:

— E que teem as partidas para despertarem do somno um *homem?* (E accentuou com emphase esta palavra.) Em nome do que tem a humanidade, n'ellas reunida, direito a dizer a qualquer — acorda, não durmas, presta-me attenção, mistura-te commigo? Que offerecem ellas digno de attenção? Versos, contradanças, frioleiras, chá e fatias? Por vida minha! Ponderosas rasoens para que um homem de bom senso tenha os olhos abertos, para que abandone o unico estado com que se póde accommodar, porque n'elle não sente a injustiça, que lhe fez o acaso, de o vasar traiçoeiramente n'este paraizo de parvos, onde, se fôra consultado, por fórma alguma consentiria em apparecer.

O modo sacudido, e a voz dura e tom sarcastico, com que Alvaro Martins pronunciou estas pala-

vras, mostravam evidentemente que elle se alheára de todo do logar em que estava, seguindo apoz da convicção enraizada que lh'as inspirára. De repente parou, e continuou em tom de apología:

— Peço perdão das heresias que estive a vociferar. Este desgraçado costume que tenho de falar só, faz-me muitas vezes esquecer do logar em que estou, e dizer coisas que não devia dizer. Mas para me punir d'estes esquecimentos, devo declarar francamente que o que acabei de dizer, o digo muitas vezes quando falo só, e que o faço com o fim de me desculpar d'esta minha insociabilidade, d'esta antipathia que tenho para com os divertimentos, com que a humanidade se regosija.

Depois fitou os olhos em Laura, e continuou em tom melancolico e visivelmente impressionado:

— V. exc.ª está muito indisposta contra mim, snr.ª D. Laura, não é assim? Não o negue, minha senhora; o que tenho estado a dizer indispõe naturalmente todos aquelles, cuja candura de espirito vê em cada homem um irmão, que se deve amar e não aborrecer. Não negue que lhe desagradou o que acabei de dizer, snr.ª D. Laura; negal-o seria fazer a si propria gravissima injustiça, em que não quero, nem devo consentir. As desgraçadas palavras, que ha pouco me sahiram involuntariamente dos labios, inspiraram á sua extrema bondade antipathia que, pelo menos, repelle quem as proferiu. Mas eu é que não posso consentir que v. exc.ª antipathise commigo; tenho motivos particulares, que me impõem a obrigação de me justificar deante da innocencia da sua alma. Eu não nasci assim, minha senhora; n'outro tempo fui o homem mais sociavel do mundo, fui a alma das assembleias, onde, em vez de antipathias, grangeava amizades affectuosas e até sinceras. Mas esse tempo passou infelizmente. Ha muitos annos que trago o espirito agitado por cogitaçoens, que costumam matar a alegria em todos os caracteres, por mais levianos que sejam. A minha vida tem decorrido por entre acontecimentos, que fazem perder aquella condescen-

dencia, que, mesmo contra o proprio gosto, nos leva a partilhar d'aquillo em que os outros encontram prazer. A vida que, ha muitos annos, tenho vivido, tem sido rude e tormentosa. O meu caracter tomou portanto a feição d'ella. Ainda assim eu não sou mau, snr.ª D. Laura: é verdade que as lagrimas nunca me assomam nos olhos, mas o coração verte-m'as deante da desgraça dos outros, e não ha perigo que seja capaz de n'elle suffocar o impulso, que me arrebata em auxilio de quem soffre, ainda mesmo que esse perigo seja de morte. Se sou assim duro, se pareço que já não tenho alma que se compadeça, é porque na minha triste peregrinação sobre a terra tenho adormecido muitas vezes embalado pelas tempestades do mar, tenho assistido á carnificina de muitas batalhas e de muitas abordagens, depois das quaes um desgraçado, como eu, se vê obrigado a dormir sobre o sangue e a par dos cadaveres de amigos e de inimigos. A vida da tarimba é nada a par d'esta. A tarimba faz grosseiro o soldado, o acampamento fal-o duro, embota-lhe o sentimento. A primeira noite, que se dorme sobre um campo de batalha, é noite de insómnia medonha e infernal; a segunda é de desespero e de incommodo; a terceira é egual ás que melhor se passam sobre cama de pennas, e por fim os gemidos dos moribundos e dos agonisantes são quasi que precisos para se adormecer commodamente. Quem vive assim, snr.ª D Laura, quem muitas vezes reclina a cabeça sobre scenas d'esta ordem, sentindo-a ao mesmo tempo incendiada pelo constante pungir da propria desgraça, torna-se duro, faz-se crú, perde pelo menos a expansão maviosa do sentimento. Eu estou n'este caso; não nasci assim, foram os acontecimentos que assim me fizeram. O homem nem sempre é o que parece; na vida do mais descuidado e do que se afigura mais feliz, ha ás vezes misterios que fariam derramar lagrimas ás almas sensiveis e bondosas, que lhe censuram e antipathisam com as apparencias. Snr.ª D. Laura, eu antipathiso com os prazeres da sociedade, mas não nasci assim; não me dou com elles,

mas é porque sinto que já não pertenço ao mundo d'elles. A culpa não é minha, snr.ª D. Laura; e v. exc.ª seria injusta se antipathisasse commigo, unicamente porque a providencia me fadou com este desgraçado destino.

A voz de Alvaro, com quanto firme e sonóra, tinha um não sei quê de tão melancolico no tom, que os olhos das damas se arrasaram de lagrimas, e D. Bartholomeu sentiu-se profundamente commovido. É o condão do infeliz, corajoso e forte, que soffre com valor e sem se deixar esmagar pela desgraça com que luta braço a braço.

— Snr. Alvaro, eu não antipathiso...— balbuciou Laura.

— Alvaro, nunca te ouvi falar assim — murmurou D. Manoel de Lencastre.

Alvaro Martins sorriu-se, e Laura, que se sentia attrahir para aquelle desgraçado, que lhe inspirava sentimento superior ao de simples compaixão, continuou:

— A sua historia é muito triste, snr. Alvaro, mas apesar de a ter narrado apenas nos traços primeiros, ainda assim estou convencida, que grangeou a sympathia de toda a gente que tem coração, e que sabe sentir. Pela minha parte... é verdade que não gostei do que disse ha pouco, mas, creia-me, snr. Alvaro Martins, nunca antipathisei comsigo, e para isso não me é preciso saber quaes são as razoens particulares, porque vm.cê não quer provocar a minha antipathia.

Alvaro sorriu-se tristemente, meneou a cabeça, e replicou:

— Vejo que v. ex.ª está com curiosidade de saber esses motivos, minha senhora, e eu não tenho razão que me obrigue a occultal-os. V. exc.ª é filha d'um homem de quem fui intimamente amigo.

— Vm.cê foi intimo amigo de meu pai?

— Sim, minha senhora.

— Não me lembro de lhe ouvir falar no seu nome. Entre muitas pessoas, que frequentavam a casa de meu pae em Lisboa, ouvi-lhe sempre citar, como

os seus melhores amigos, o snr. conde de Redondo, e meu tio o snr. D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal...

— De tristissima recordação — rosnou do lado fr. José de Mansilha, empinando a barriga para saborear melhor uma pitada.

Alvaro Martins voltou-se com a rapidez de quem se sente picado pela ponta de um punhal.

— E porquê, fr. José? — disse, cravando no frade um olhar severo, e que parecia faiscar.

— Porquê? — replicou o frade, estremecendo. — Todo o mundo sabe o porquê. O conde assassinou injustamente a sua innocente esposa.

— O snr. fr. José de Mansilha ha-de permittir-me licença de lhe recordar que o snr. conde do Sardoal era irmão de minha mãe — disse Laura com soberanía — A desgraça, a que se refere, cobriu de lucto a nossa familia; mas, apesar d'ella o snr. D. Francisco da Cunha nunca deixou de ser reputado pelos seus eguaes como perfeito cavalheiro, cuja elevação e nobreza d'alma estava muito superior ao erro que lhe inspirou a pratica d'aquelle facto desgraçado.

— Comtudo, D. Laura, desculpe-me, mas é que, a falar com franqueza, o snr. fr. José tem razão n'este caso — disse então D. Manoel — O procedimento do conde foi barbaro e cruel...

— E porquê? — disse outra vez Alvaro Martins, voltando-se para elle e fitando-o ainda com mais severidade do que fitára o frade.

— Porquê? — replicou D. Manoel com firmeza — porque é covardia pôr as mãos n'uma mulher, e é crueldade inqualificavel o assassinar, por méras suspeitas, aquella que o amor nos lança nos braços. Admiro-me de que defendas aquelle homem, Alvaro Martins.

O rosto de Alvaro estava pállido como o d'um morto. Em logar de responder a D. Manoel, o desgraçado baixou pensativo os olhos para o chão, soltou algumas palavras em linguagem inintelligivel, e, depois de assim estar um momento, fitou Laura,

e disse-lhe com serenidade, mas com altivez mal disfarçada:

—Snr.ª D. Laura, eu fui o melhor... o unico verdadeiro amigo, que D. Francisco da Cunha teve n'este mundo. Posso, portanto, asseverar-lhe, que a melhor consolação, que seu desgraçado tio podia receber no meio dos seus infortunios, seria ouvir-lhe as palavras que v. exc.ª acaba de dizer. Agradeço-lh'as, pois, em nome d'elle... e agradeço-lh'as de todo o coração... como quem foi condemnado a morrer de fóme n'um carcere, agradece a esmola que lh'a mata furtivamente...

Ao dizer isto, a voz de Alvaro foi-se summindo gradualmente, a ponto que, ao chegar aqui, era quasi um cicío. De repente carregou as sobrancelhas, voltou-se para D. Manoel, e continuou:

—D. Manoel, ainda mesmo que a amizade, que me ligava a D. Francisco da Cunha, me consentisse ficar callado, e me impozesse por dever o respeitar como punição providencial o anáthema, com que o mundo fulmína a memoria d'aquelle desgraçado, n'este momento fôra desairoso o fazel-o. Não foi um qualquer homem, uma alma vulgar que n'esta occasião se fez ecco da sentença iniqua que o mundo passou contra elle, foste tu; não foi em occasião indifferente, em logar sem responsabilidade, que o sentenceaste como o sentenceia o vulgacho, foi aqui, na presença d'uma senhora, que tem a obrigação de o defender, porque foi a herdeira do seu nome, dos seus titulos e da sua riqueza, mas que por ser mulher não o póde convenientemente fazer. Eu fui amigo intimo de D. Francisco da Cunha—continuou em voz mais alta, e rodeando os olhos reluzentes por todos os que o ouviam — repito-o, e não me envergonho de o proclamar. Conheci-o tão bem como a mim proprio, e sei as tristes peripécias d'aquelle drama terrivel. Posso portanto defendel-o como cumpre, e desilludir-te como mereces, D. Manoel.

As feiçoens de Alvaro Martins tinham-se tor-

nado cadavéricas, e a voz toava solemne e com a entoação da voz do ecco, que interrogamos a distancia e durante o silencio da noite.

— D. Manoel — continuou finalmente — não devo nem é preciso contar miudamente a historia de D. Francisco, para te convencer de que o crime d'aquelle infeliz não merece o desprezo dos homens de brio, nem a condemnação absoluta da sociedade. D. Francisco da Cunha era um verdadeiro cavalheiro, verdadeiro amigo, generoso e leal como tu, D. Manoel; e amava sua esposa como tu has-de amar a tua, quando te ligares á escolhida do teu coração. Mas como tu, era tambem homem de brios superiores, homem cuja honra não tolerava mácula por mais ao de leve que fôsse, homem emfim que sacrificava tudo ao seu bom nome, ao direito de levantar o rosto sem vergonha deante dos outros. A snr.ª condessa do Sardoal, a esposa do seu desgraçado tio, snr.ª D. Laura, era um anjo de formosura e de virtudes, era como v. exc.ª; mas tinha um defeito, que peço de todo o coração a Deus, que v. exc.ª nunca venha a ter. Era senhora romanesca e leviana, que se deixava arrebatar nas azas de imaginação sonhadora, e que, confiada na innocencia do seu coração e na consciencia da sua virtude, praticava factos que o mundo, que só julga pelas apparencias, julgava desairosamente, e que por isso mesmo eram bofetadas crudellissimas na honra e na sensibilidade melindrosa do marido, que era homem de brios altivos e incapazes de transigir com a inpunidade. Entre os amigos do conde do Sardoal havia um, que vivia mais intimamente com elle, e com quem tinha amizade de verdadeiro irmão. A ligação, que os prendia, tinha origem romanesca. A imaginação da snr.ª condessa deixou-se enthusiasmar por ella, e a leviandade cegou-a, e não a deixou conhecer os perigos d'aquelle enthusiasmo. O amigo do conde andava então envolvido n'uma intriga, em que a imaginação da snr.ª condessa sonhou perigos para elle e para o marido. Ideou então um romance, em que

ella se sacrificava em holocausto á salvação dos dois e que por fim devia ter um desenlace, em que ella figurava de verdadeira heroina do amor e da amizade. Para pôr em pratica este sonho, saltou, sem reparar, por cima de todas as conveniencias, e apresentou-se aos olhos do mundo de maneira que lhe não cumpria ao decóro d'ella, nem á honra do marido. As apparencias repetiam-se umas apoz outras, e o mundo julgava por elles. Nem o conde nem o amigo sabiam de coisa alguma. Ao acordar d'aquella ignorancia, D. Francisco julgou os factos, como todo o mundo os julgava, como não era possivel deixar de os julgar. Suppôz-se deshonrado, reputou-se trahido. Que faria aqui um homem de brio, um homem incapaz de transigir com a deshonra, e de levantar deante dos outros a face maculada pela infamia d'uma mulher impunida?—continuou com voz mais forte Alvaro Martins—Que farias tu, D. Manoel?

E depois d'um momento de pausa, continuou:

—Aqui tens tu as razoens de que D. Francisco tirou forças para pôr as mãos n'uma mulher, e para assassinar a esposa que adorava.

—E o amigo?—balbuciou Laura machinalmente.

—O amigo?—repetiu Alvaro Martins, inteiramente alheádo.—Ai, sim, o amigo—continnou—O conde, depois de matar sua mulher, procurou-o para o assassinar tambem. Não o achando, provocou-o a um duelo de morte e sem testemunhas... porque D. Francisco, que desejava a luz do sol para todas as suas acçoens, para estas queria o segredo impenetravel das trevas, desejava até de Deus occultar a sua vergonha. Mas o amigo era homem de alma generosa e nobre. Apesar de injustamente insultado, perdoou a D. Francisco, e desvendou-o. O homem, a quem me refiro, era Sebastião José de Carvalho e Mello, actualmente ministro de el-rei o snr. D. José.

Uma exclamação de espanto sahiu de todos os labios. Fr. José de Mansilha tossiu, acabou de fungar a pitada e disse muito senhor de si:

— Por isso o conde julgou prudente sahir para fóra do reino.

Alvaro voltou-se para elle, e fitou-o, sorrindo-se e olhando-o com o desprezo, com que contemplamos o reptil nojento, que ousa farpear-nos a sola das botas, mas cuja miseria nos faz nôjo de lhe punirmos a provocação.

— Vm.cê é dotado d'uma perspicacia admiravel, snr. fr. José! — disse, por fim — Mas dê-me licença de lhe fazer notar, que Sebastião José de Carvalho ainda então não era ministro, e que foi elle proprio, que convenceu D. Francisco da Cunha de quanto fôra criminoso o procedimento do seu ciume arrebatado.

— E que foi feito do conde? — perguntou D. Manoel.

— Sahiu para fóra do reino; eu proprio o acompanhei.

— Snr. Alvaro — disse então Laura — Vm.cê, que mostra que foi tão amigo de meu tio, póde satisfazer-me a duvida que tenho a respeito da sorte d'elle. Que foi feito do snr. D. Francisco da Cunha, depois que sahiu de Portugal?

— Morreu na batalha de Friedberg, minha senhora.

— Bem sei que é essa a razão allegada pelo ministro na carta régia, que me reconheceu successora da casa do Sardoal. Mas este desapparecimento mysterioso, esta morte apregoada apenas pela voz do povo...

— Assevero-o a v. exc.ª, snr.ª D. Laura. Vi-o cahir morto ao meu lado, e fui eu mesmo que lhe fiz dar as honras da sepultura. V. exc.ª póde gosar descançada do titulo e da fortuna de seu tio. D. Francisco da Cunha morreu.

Alvaro Martins proferiu estas palavras em voz firme, mas com entoação tão solemne, que todos se conservaram callados por um longo espaço de tempo.

Mas passada a primeira sensação, Laura rompeu outra vez o silencio com as seguintes palavras,

que compendiavam para assim dizer a profunda impressão, que fizéra n'ella o tom de certeza e de infallibilidade, com que Alvaro Martins dissera tudo o que acabava de referir:

—Parece incrivel, que tendo vm.cê tão intimas relaçoens com a minha familia, eu nunca ouvisse a meu pae pronuncir o seu nome!

—É natural, minha senhora.

—E a figura de meu tio correspondia ao caracter generoso com que vm.cê o pinta, snr. Alvaro? —continuou Laura, dando largas á sua imaginação romanesca.

—Creio que um caracter generoso póde animar todo e qualquer homem, independente da figura, snr.ª D. Laura —disse Alvaro, sorrindo-se —Seu tio era um homem como qualquer outro. Quando eramos rapazes, diziam que nos pareciamos muito.

—É verdade —acudiu D. Bartholomeu de Pancorvo. — Vm.cê dá ainda ares do snr. conde. Na estatura... na voz...

—De certo —disse fr. José de Mansilha — o snr. Alvaro Martins parece-se muito com o snr. conde do Sardoal. Ha, porém, differenças muito notaveis entre os dois. O snr. Alvaro é tostado, o conde era alvo como a neve; o snr. Alvaro usa dos seus cabellos, o conde usava d'uma bella cabelleira de cachos; o snr. Alvaro usa de bigodes *more militum*, o conde barbeava-se todo como legitimo homem de côrte; o snr. Alvaro, com perdão seu, usa da roupa como o alfaiate lh'a talha a olho, o conde era um dos mais apurados pintalegretes do paço; o snr. Alvaro... emfim, o snr. Alvaro, salvas as differenças da edade, parece-se muito com o snr. conde do Sardoal, mas os contrastes, que notei entre os dois, fazem com que a similhança seja a mesma que a que se dá —outra vez com perdão seu —entre um sovereiro e um carvalho. São ambos da mesma familia. Nós todos descendemos de Adão.

Apesar d'esta ultima coarctada e da intenção de deprimir, que sobresahia nos grosseiros epigram-

mas do frade, Alvaro sorriu-se, e respondeu-lhe benignamente:

— Diz muito bem, snr. fr. José; vm.ce é retratista perfeito e exactissimo.

Depois puxou por um dos enormes relogios, consultou-o, e disse para D. Bartholomeu:

— Amigo, snr. D. Bartholomeu, recebi hoje carta do snr. Jacome Ratton ácerca do negocio que sabe. Agora, porém, não é occasião de tratarmos d'elle; ámanhã de manhã falaremos mais de vagar. São horas de retirar.

— Então já, snr. Alvaro? Ainda não deram dez horas.

Alvaro não respondeu; lançou sobre Laura um olhar fugitivo, depois voltou-se para ella, e disse muito naturalmente:

— Este triste incidente ácerca de seu tio, snr.a D. Laura, atormentou-me de véras. Estou affeito a vêr a gentalha remexer-lhe impunemente nas cinzas; mas agora vêl-o accusado por um homem como D. Manoel, e deante de v. exc.a... francamente magoou-me... porque fui muito amigo d'elle. Como ainda não deram dez horas, vou aproveitar o tempo que me resta para contar a v. exc.a uma historia, que lhe póde servir para convencer D. Manoel de que seu tio, o sr. D. Francisco da Cunha, não praticou um acto excepcional e unico; mas que os mesmos factos, influenciados pelas mesmas circumstancias, produzem, em todos os tempos e em todos os paizes, os mesmos resultados, muito mais se d'elles se querem aproveitar um ou dois villãos, que os saibam enredar para fins seus particulares. Ora attenda-me v. exc.a

Alvaro Martins mediu aqui com um relancear de olhos o frade e o doutor Mascarenhas, e continuou em seguida:

— Quando em 1744, o exercito austriaco, commandado por Carlos de Lorena, invadiu a Silesia, que a imperatriz Maria Thereza havia cedido pelo tratado de Breslau ao grande Frederico, eu estava

na Prussia com o conde do Sardoal. O estado moral do conde era tão desgraçado, a melancolia que o opprimia tão negra e tão profunda, que entendi que só o arruido e as terriveis peripécias das grandes batalhas é que o poderiam distrahir. Eu tinha tido a honra de ser recommendado a el-rei por uma carta de Voltaire, e gosava da não menor de possuir a amizade d'elle.

— Este homem tem amigos até no inferno, doutor! — disse aqui o frade ao ouvido de José Mascarenhas.

— Frederico sympathisava com o infortunio do conde do Sardoal, e este sentia muita veneração pelas altas qualidades d'aquelle grande homem. Quando o rei partiu para o exercito, empreguei a influencia que sabia que elle tinha sobre o conde, para o decidir a seguil-o. Acompanhamol-o, portanto, e alistamo-nos de voluntarios n'um regimento de cavallaria. Tempo depois ligamo-nos por amizade com outro voluntario, com o qual o conde se uniu, para assim dizer, por instincto, porque o estado moral d'aquelle homem era precisamente em tudo similhante ao d'elle. O barão de Richestein era representante d'uma das familias mais nobres da Prussia; era joven, rico e valente, e soffria de incommodos moraes, que produziam n'elle a mesma melancolia negra e profunda, o mesmo desespero surdo e apáthico, que minava o conde do Sardoal. Pouco depois de nos relacionarmos, o barão veiu viver de companhia comnosco. Era uma familia singular aquella. Ao principio eu falava, e falava sempre, porque os meus dois companheiros não abriam a bôca senão para dizer o que era estrictamente preciso. Estimavam-se, mas unicamente pelo laço mysterioso que une os que soffrem a mesma infelicidade. De resto estou convencido que nunca se conheceram bem, e que até nunca saberiam como cada um d'elles se chamava, se por ventura me não ouvissem pronunciar os seus respectivos nomes. Eram capazes de estar horas a fio sentados um defronte do outro, sem

darem palavra, e communicando apenas por signaes ou por monosylabos o que lhes era preciso dizer. Eram, no litteral sentido da palavra, dois homens que a desgraça esmagára. Não viviam, vegetavam apenas; e tão verdadeira era a morte moral que os salteára, que, por mais que eu fizesse, nunca me foi possivel alcançar de qualquer d'elles um minuto sequer de expansão, ainda mesmo que fôsse de lagrimas.

—Assim vivemos quasi um anno. A batalha de Friedberg fez desapparecer esta familia silenciosa, privando-me dos meus dois companheiros. O regimento em que serviamos, havia sido postado por detraz de uns edificios arruinados, a pouca distancia da cidade. Ainda assim as balas choviam sobre nós, e uma d'ellas alcançou seu tio pela fronte, e fel-o cahir morto do cavallo abaixo.

— «Descança em fim» — disse o barão de Richestein, serenamente e com manifestos signaes de inveja.

—Eu e elle desmontámos, e collocámos o cadaver ao abrigo das ruinas, para o procurarmos depois da batalha, se por ventura sahissemos d'ella a salvo. O regimento entrou d'ahi a pouco em combate, e, depois de duas cargas consecutivas, occupamos a posição que nos tinham mandado occupar. N'esta occasião o barão levou com uma bala no peito, e cahiu. Lancei-me do cavallo abaixo, vivamente commovido pela fatalidade que me privava dos meus dois amigos, ambos no mesmo dia, e quasi á mesma hora. Tratei então de retirar o ferido para fóra das fileiras. Quando voltou a si, propuz-lhe fazêl-o conduzir para fóra do campo da batalha.

— «É escusado — respondeu-me elle — Sinto approximar-se a morte. Na minha bagagem acharás um pequena mala de jornada, dentro da qual está uma caixa de ébano. A chave, que abre, tenho-a aqui sobre o peito, debaixo da farda. Dentro da caixa está uma carta volumosa e cerrada com tres sêllos. Toma-a, e, quando chegares a Berlim, entrega-a á pessoa a quem está subscriptada. Adeus, amigo; lem-

bra-te algumas vezes de mim, que me vou reunir ao outro, que não devia de ser o unico feliz d'este dia. Adeus.

—Pouco depois de dizer estas palavras, morreu. Desapertei-lhe a farda, e tomei a chave de que me tinha fallado. Depois da batalha fiz enterrar os meus dois amigos ao lado um do outro, e como, dias mais tarde, se proclamou o armisticio, que precedeu o tratado de Dresde, deixei o exercito, e, desgostoso pela dupla perda que tinha soffrido, parti para Berlin, levando commigo a carta do barão de Richestein.

—Era dirigida ao conde de Schleinitz.

—Procurei-o. Era um velho venerando, que empallideceu ao recebel-a. Abriu-a com mão trémula, e, depois de a lêr, cobriu o rosto com as mãos, e chorou.

—D'elle soube tudo. A historia do barão de Richestein era, com pouca differença, a mesma que a do conde do Sardoal. As causas eram perfeitamente eguaes. Estava, portanto, justificada a sympathia verdadeiramente instinctiva, que ligava aquelles dois desventurados.

—O barão tinha amado uma senhora, joven e bella, e além d'isso herdeira d'um nome illustre e de uma grande casa. Estas qualidades eram, porém, desauctorisadas por um terrivel defeito. A amante de Richestein era, como a condessa do Sardoal, romanesca e leviana. Os dois amantes estremeciam-se, e como não havia obstaculos a santificar aquelle amor pelo laço sagrado, o futuro sorria-lhes auspicioso de bem imaginadas felicidades. Um acontecimento imprevisto transformou de repente em nuvem de fumo o que parecia, e na verdade era, edificio sólidamente fundamentado.

—N'uma das vezes—continuou Alvaro Martins, depois de pensar um momento—que o barão foi visitar as suas terras na provincia, Mathilde, que assim se chamava a noiva, commetteu um d'esses excessos de leviandade romanesca, com que a honra, por menos apurada que seja, não póde transigir de

fórma alguma. Sahindo um dia a passear a cavallo pelos arrabaldes da cidade, o cavallo, em que montava, tomou o freio nos dentes, e partia á rédea solta. Um joven soldado, que ia passando, conseguiu, por um rasgo de verdadeira temeridade, soffrear o cavallo na carreira.

Aqui Laura estremeceu.

—Mathilde — continuou Alvaro Martins — em logar de lhe agradecer unicamente, deixou-se arrastar pelo seu caracter romanesco, viu no seu salvador um heroe, e, esquecendo momentaneamente o barão, que era capaz de fazer por ella muito mais que o soldado, deu a este taes motivos de atrevimento, que ousou dizer-lhe que a amava. Ainda aqui era occasião de parar; mas ainda aqui o genio romanesco da desventurada menina a fez caminhar loucamente para a frente. N'esta occasião chegou o barão, e Mathilde sentiu despertar todo o amor que lhe tinha. Ainda, outra vez, era esta a occasião propicia para Mathilde se salvar, a ella e ao desgraçado plebeu romanesco, das consequencias funestas d'aquella ligação impossivel e desatinada. Não teve, porém, a prudencia ou a coragem precisa para o fazer, e, em logar de desenganar o pobre soldado, dizendo-lhe franca e lealmente a verdade, continuou a embalar-lhe a esperança, acceitando-lhe tresloucadamente os sonhos d'uma genealogia apparatosa. Os resultados d'essa leviandade e d'esta imprudencia de Mathilde vae ouvil-a, sr.ª D. Laura—accrescentou Alvaro Martins, fitando-a de modo que a pobre menina empallideceu, como se estivesse em pontos de desmaiar.

Alvaro fitou então os olhos em José Mascarenhas com expressão feroz e sorrindo-se com um sorriso de profundo despreso. Depois voltou-se para Laura, e continuou:

—Havia em Berlin um infame... um miseravel de alma ambiciosa e villã, que de nobre tinha apenas a casualidade de ter nascido fidalgo, que cortejava Mathilde, havia muito tempo, mas sem resul-

tados, tudo com a mira na grande riqueza e no titulo de que ella era legitimamente senhora. Este tinha por confidente e por conselheiro um padre indigno e sem alma, que sabendo casualmente da intriga, avisou-o, e deu-lhe parte de tudo. O ambicioso depravado resolveu-se então a aproveitar-se do que sabia para separar Mathilde e o barão, ou ao menos para vingar-se do despreso, com que tinha sido tratado, e que a soberba lhe não podia soffrer. Informou anonymamente o barão. Este indagou, e soube tudo. Chamou então o soldado a combate, e matou-o. Depois correu a casa de Mathilde, e publicamente, n'um sarau, fez-lhe o maior insulto que se póde fazer a uma senhora, tratou-a como se trata uma prostituta despresivel, cuspiu-lhe aos pés.

Se a historia, e a maneira por que Alvaro a contava, não tivesse presa a attenção de toda a gente, o rosto de Laura atraiçoava-a de certo. Estava cadavérica e com os olhos cheios de medo fitos no narrador.

—E depois?— disseram á uma todos os circumstantes, não podendo soffrer a pausa que Alvaro Martins fizéra n'este ponto da sua narração.

—Depois... O barão de Richestein fugiu para o exercito, e morreu na batalha de Friedberg. Mathilde recolheu-se a um convento, e morreu d'ahi a um anno, mezes antes da morte de seu desventurado amante.

— E o miseravel... o infame?— balbuciou D. Manoel com os olhos chammejantes, cravados em Alvaro.

— O miseravel! O infame!...—respondeu Alvaro Martins, relanceando terrivelmente o doutor— O villão tentou ainda aproveitar-se da infamia que commettera, mas Deus não o quiz. O barão tinha um amigo dedicado que embaraçou a realisação d'aquella villanía, se por ventura era possivel realisar-se. Oh! esse era um homem terrivel e extraordinario. Era um d'esses homens, que Deus prova primeiro com as amarguras das maiores infelicidades,

mas a quem dá em compensação o poder de luctar até com o que se affigura impossivel. Este homem vingou Mathilde e o barão. Agarrou o miseravel pela góla da casaca—exclamou arrebatadamente Alvaro Martins, pondo-se de pé, com os dentes cerrados, os olhos a lampejarem e o braço estendido e tezo como rija barra de ferro—levou-o ao pelourinho da cidade, e do alto d'elle proclamou a infamia d'aquelle villão. Depois esmagou-o... esmagou-o como se devem esmagar os miseraveis—accrescentou, voltando-se para José Mascarenhas.

Quando Alvaro se levantou arrebatado pela força da commoção, todos os homens se ergueram machinalmente e como obedecendo á influencia d'aquelle excesso sobrenatural da paixão. José Mascarenhas fizéra-se verde, os olhos luziam-lhe como os d'um tigre, e os labios tremiam-lhe encrespados por leve sorriso de soberba satánica. Quando Alvaro acabou de falar, e o fitou, Mascarenhas disse em voz ligeiramente trémula:

—A sua historia é admiravel, snr. Alvaro Martins, mas parece-me que só em Berlin podia ter logar. Entre nós, por exemplo, quem poderia representar o papel de homem extraordinario?

—Eu, senhor—respondeu Alvaro em voz de trovão—e se v. s.ª fôsse o miseravel esmagava-o debaixo dos pés, com a consciencia de que fazia o meu dever e um grande serviço á humanidade.

A cólera cegou de todo José Mascarenhas.

—Que querem dizer essas palavras, snr. Alvaro Martins?—bradou elle, não podendo despregar-se do logar, por que fr. José de Mansilha se lhe tinha dependurado das abas da casaca com todo o pezo da sua anafadissima pessoa.

—Estou em casa do snr. D. Bartholomeu de Pancorvo—replicou Alvaro por entre os dentes, mas apparentemente sereno—não pretendo offender pessoa alguma, mas se alguem se acha offendido com o que acabei de dizer, eu vou sahir.

Depois dirigiu-se a Laura e accrescentou:

— Minha senhora, se alguem deante de v. exc.ª offender de hoje ávante as cinzas do conde do Sardoal, conte-lhe esta historia, para provar ao calumniador que o conde perdeu-se por uma razão de honra, pela qual todo o homem de brio se perde; e tu, D. Manoel, não condemnes d'ora ávante a memoria dos mortos, quando não tiveres outras provas mais do que as atoardas estupidas da plébe.

Em seguida cortejou as damas, abaixou levemente a cabeça aos homens, e dirigiu-se á porta.

Ao passar por José Mascarenhas, parou, e disse-lhe:

— Snr. José Mascarenhas, o dito dito; eu vou sahir.

O doutor inclinou-se, sorrindo amavelmente. Fr. José de Mansilha tinha-lhe segredado palavras, que foram mais fortes do que o furor que o tomára, e, que, se lhe não tinham de todo serenado o animo, tinham-lhe dado forças bastantes para apparentar serenidade.

— Peço-lhe humildemente perdão, snr. Alvaro Martins — respondeu elle, pois — confesso que me excedi sem razão. As suas palavras não me deviam ferir, porque eu nunca estive em Berlin, nem figurei na sua admiravel historia. Vm.cê não me offendeu em coisa alguma; eu é que me devo envergonhar do excesso em que me deixei cahir.

Alvaro sorriu-se com desprezo, e sahiu acompanhado por D. Bartholomeu de Pancorvo.

— Safa! — exclamou em voz alta fr. José de Mansilha, sentando-se e extendendo a caixa aberta para o visinho da esquerda — Agora é que vejo a razão do que se diz d'elle em Lisboa. O homem está doudo.

— Furioso — replicou o outro — E que olhos que tinha!

— E depois deu-lhe para os embirrar em mim! — accrescentou o frade, fungando com toda a pachorra a pitada.

— Pois em mim! — disse José Mascarenhas.

D. Bartholomeu, que entrou então na sala, e a

quem se fizeram observaçoens como estas, accrescentou simplesmente que nunca vira o snr. Alvaro Martins tão fóra de si sem motivo. Isto chama-se acquiescer com a opinião dos convivas, e dar-lhes satisfação por meios indirectos.

A historia contada por Alvaro fizéra, porém, terrivel impressão em D. Manuel de Lencastre. Sentiu-se opprimido por sentimento vago e indefinido, que o abafava, sem elle saber pelo quê. Lançou então os olhos para Laura, e viu-a triste e meditabunda. Voltou-se para José Mascarenhas, e pareceu-lhe que elle observava, disfarçadamente e sorrindo de escarneo, o abstracto scismar da desventurada menina. Aquelle receio indefinido augmentou. O espirito irritou-se-lhe com um accesso de orgulho offendido, que elle não podia explicar. Por fim sentiu que precisava de tomar ar novo. Sahiu cumprimentando rudemente a assembleia, e abaixando seccamente a cabeça a Laura, que o seguiu com os olhos até á porta, e cujo rosto manifestou o terror do espirito ao sentir a frieza do cumprimento, com que elle se despedira.

E a pobre menina ficou para aturar a leitura do *Pomo de oiro*, para ouvir as banalidades de fr. José de Mansilha, para contradançar com Paulino Cabral, para emfim dissimular em alegria apparente a agonia, que lhe dilacerava a alma.

Por fim á meia noite, os convidados sahiram. Fr. José e Mascarenhas, acompanhados por creados, que tinham nas mãos archotes accêsos, pararam um momento em frente um do outro.

— Então, fr. José — disse Mascarenhas — dei ou não provas bastantes de que sou tambem homem capaz de vencer as paixoens.

— Pois sim, sim — disse o frade abanando a cabeça — mas o bom foi elle sahir.

— Pois quê? Duvida...

— Eu não duvido de coisa alguma; mas, emfim, como diz o poeta.[1]

---

[1] Pereira de Castro. Ulyssea. Cant. VII est. 55.

As pedras gasta da agua molle dente,
Co'a força não, mas co'o ferir frequente.

Amanhã conversaremos. Boa noite, snr. José Mascarenhas.

— Boa noite, fr. José de Mansilha.

E os dois separaram-se; fr. José tomou o caminho do convento de S. Domingos, e o doutor seguiu para a rua Chã, onde morava Luiz Belleza de Andrade, em casa de quem estava hospedado.

VI

Á meia noite
Não conheço flamengos, vá levando;
Já que é tão insulente, que inquieta
As mulheres honestas e sisudas.

DINIZ. O FALSO HEROISMO. Act. III. Sc. 7.

Mestre Nicolau da Piedade era um honrado e sisudo barbeiro, que, em 1757, vivia na rua Chã um pouco para cá da viella da Cadeia.

Imagine o leitor a figura mais extravagante que podér, faça-a viver até aos sessenta e cinco annos de idade, dê-lhe corpo alto, ossudo, magrissimo e um pouco recurvado para a frente, pés e mãos descarnadas e compridas, cabeça enormemente oblonga, e cara estreita, extensa e terminada por queixo capaz de justificar o epitheto de *cara de agulha de albarda*, alcunha porque o dono era conhecido na rua, e terá a véra effigie do individuo, que, sem sympathia nem interesse, me vejo obrigado a apresentar-lhe, forçado pelos acontecimentos.

Mestre Nicolau exercia os tres officios de barbeiro, dentista e sangrador. A época admittia estas accumulaçoens. O barbeiro, em 1757, era alguma coi-

sa mais que o barbeiro de hoje — pífio official da limpeza dos queixos da ralé, e má lingua e espia das vidas alheias por obrigação imposta pela gente da gravata lavada, que por preguiça ainda deixa escanhoar os queixos por elle. O barbeiro de 1757, se soffresse a desgraça do juizo final acontecer n'este século, punha de certo o Creador na necessidade de o resuscitar duas vezes, porque o desventurado morria outra vez de pejo ao ver os degenerados representantes que tem em 1861 — ainda mesmo aquelles, que para desdoiro das cabeças incautas, se empoleiram no mais lépido officio de cabelleireiro. Em 1757 o barbeiro era por lei membro nato e importante da medicina e da cirurgia. Sangrava e tirava dentes só pela simples qualidade de barbeiro, *ipso facto;* e estas prerogativas, achegando-o tão intimamente á sciencia, inspiravam-lhe a justa vaidade de trepar um degrau mais acima, e de usar, *motu-proprio*, d'um direito, em que lhe succederam por usurpação os boticarios — o direito de curar e de receitar em todas as molestias, desde as hemorrhoydes até á peste bubonica.

Mestre Nicolau da Piedade era dos barbeiros do Porto o que mais dignamente e com mais reputação exercia as funcçoens de Esculapio do bairro. Tinha a prumo sobre a meza de pinho, em que guardava as pomadas e as navalhas, um caixão velho e pintado a ocre amarello, que lhe servia de estante de seis ou sete in-folios, obras dos mais reputados praticos portuguezes do seculo XVIII: e a isto juntava profundo amor e aturado estudo da medicina, caracter taciturno e melancolico, timido e de poucas palavras, e grave e argumentador, como o do mais venerando doutor da Universidade de Coimbra.

Eil-o aqui está. Contemple-o o leitor, mergulhado na profunda meditação da leitura do *Soccorro delfico*, ponderoso in-folio escripto pelo doutor Francisco da Fonseca Henriques — liv. II. cap. 36, que trata *Dos remedios para tirar os dentes sem dôr.* [1]

---

[1] Vid. Nota XV.

Mestre Nicolau está sentado na cadeira pôtro, que o barbeiro, já se vê, colloca, e collocou sempre em todas as épocas, no meio da casa. Tem os bicos dos sapatos fincados no soálho, os tacoens encostados á travessa, que prende as pernas da cadeira, e os joelhos unidos e altos, para approximar mais dos olhos o alentado volume, que tem sobre elles, amparado pelo braço esquerdo, sobre que o recosta á laia de estante. E lê n'elle, como se deve lêr, todo absorvido no assumpto, inteiramente estranho a todas as coisas do mundo, curvado sobre o volume, e seguindo a leitura com o dedo indicader da mão direita.

De repente a porta de vidraças — quero dizer, que foi de vidraças, porque a maior parte dos vidros tinham sido substituidos por folhas de papel pardo, collado a grude, que se pedira de emprestimo a um sapateiro visinho — abriu-se com estrondo, e mestre Nicolau, acordado de sobresalto, viu entrar para dentro da loja um homem alto, de grandes bigodes, grandes espadão e grande chapéu, que fechou a porta com a ligeireza do relampago, aprumou-se com as vidraças, e, voltando-se para elle, disse-lhe com cara de arremetter e perfilando o dedo com ponta do nariz:

— Psiu!...

Mestre Nicolau ficou estupefacto, com cara de asno, a olhar de bôcca aberta, e com o dedo sobre a linha em que lhe fôra interrompida a leitura. O intruso não fez mais caso d'elle; voltou-lhe as costas, procurou um dos poucos vidros, que a porta ainda tinha, e por elle se poz a observar, com ares de anciedade, o que se passava na rua.

Este invasor da propriedade de mestre Nicolau era Alvaro Martins, e a rasão da invasão vou dizel-a immediatamente:

Eram cinco horas da tarde, Alvaro Martins, que tinha sahido pela manhã para fóra da cidade, entrára a esta hora pelo Postigo do Sol [1] e d'ahi dirigira-se

---

[1] Vid. Nota XVI.

pela rua do Cativo, com tençoens de ir falar, á rua das Flores, com D. Bartholomeu de Pancorvo, ácerca dos negocios de Jacome Ratton, ou, melhor, com a ideia de fazer d'elles pretexto para lhe falar sobre outros, que mais de perto lhe interessavam. Ao chegar a metade da rua do Cativo, viu sahir da de Cima de Villa o seu protegido Manoel da Costa, a passo largo, e fazendo com a cabeça meneios de quem observava com curiosidade pela rua Chã adeante.

Parou, e poz se a espreitar. Manoel, apenas chegado junto do chafariz, que havia no meio do largo, parou tambem, e, ao abrigo d'elle, poz-se a vigiar por alli fóra. Minutos depois continuou para deante. Alvaro foi apoz d'elle, seguindo-o a distancia, e reparando em tudo o que pela rua merecia reparo, para vêr se podia explicar a razão d'aquella espreitadella. Nada, porém, lhe desafiava a suspeita. Mas poucos passos adeante do Arco da Cadeia, Manoel parou, e pareceu indeciso se sim ou não devia continuar para a frente. Alvaro, que o seguia cozido com as casas, examinou então o local onde estava. Viu-se junto d'uma porta côr de coive gallega velha, com trinqueta e com vidraças, sobre a qual se baloiçava uma gamella de fôlha de Flandres, pintada a vermelhão grosseiro e arenado, que pendia de torto gancho de ferro ferrugento, chumbado á umbreira superior. Como não queria que Manoel o visse, abriu a porta de repente, e entrou d'um salto para dentro.

O que elle fez já eu disse. Depois poz-se a observar o que se passava cá fóra. A scena tinha-se alterado entretanto. N'uma das tavernas do lado opposto da rua, quasi fronteiras á loja do barbeiro, via-se o dono da casa, homem baixo, gordo, barrigudo e calvo, sorrindo com ares de bonacheirão, e olhando de nêsga para o visinho da porta de cima, que era homem alto, reforçado e espadaúdo, e que estava de calçoens e em mangas de camiza, plantado na soleira da porta da sua taverna, com as mãos nas ilhargas, cara enfurecida, e olhar provocador. Este homem tinha os olhos fitos no logar, onde Alvaro vira parar Manoel, e tos-

sia grossamente e com ares de quem quer insultar alguem.

Alvaro Martins comprehendeu logo que havia alguma coisa entre o sargento e o taverneiro: olhou para as janellas, mas atravez das adufas não pôde distinguir coisa alguma. Depois fitou de novo o homem; este movia a cabeça, como quem seguia com os olhos um objecto que ia caminhando ávante. De repente voltou-se, e disse ao gordo visinho, e em voz alta e ameaçadora, que Alvaro ouviu perfeitamente:

—E que lhe parece o marinello, que me anda rondando a porta?

—A sua ou a minha, compadre?

—A minha, com mil diabos! Pois você não viu?

—A falar-lhe a verdade, só vi quando você lhe tossiu tão de rijo, compadre. A não ser a sua tosse, não via nada.

—Se você é assim, sôr André!... parece que não tem olhos! Pois olhe, quem tem filhas raparigas carece de os ter bem abertos.

—Ora você tem coisas, compadre...

—Tenho coisas tenho...—replicou o assomado, com ar enraivecido, e voltando-se com maus modos para dentro. Momentos depois tornou a apparecer, sahiu ao meio da rua, examinou as janellas da casa e depois recolheu, dizendo para o visinho:

—Ó compadre, careço de iá ir arriba; se o bargantaço voltar por ahi, avise-me.

—Pois sim, sim—respondeu, sorrindo, o pachorento visinho André.

—Mas o taverneiro assomado tinha apenas transposto o curto degrau, que lhe servia de soleira da porta, quando Alvaro o viu de novo virar, plantar-se de novo arremangado, mãos nas ilhargas, labios contrahidos e meneando ameaçadoramente a cabeça, como cão rixoso, que rosna e arreganha os dentes para manifestar que não deixará sem referta o logar, d'onde suspeita que o querem expellir.

N'esta occasião Manoel passou ao longo da porta, d'onde Alvaro estava observando, e minutos de-

pois o taverneiro enfurnou-se de todo para dentro da taverna.

Durante dez minutos não se deu mais acontecimento algum, que podesse prender a attenção de Alvaro Martins. Tinha elle já de todo exgotada a paciencia, e já estava prestes a abandonar o posto, quando Manoel tornou a perpassar por deante da porta de mestre Nicolau. D'esta vez o taverneiro não appareceu; mas a adufa abriu-se rapida e cautellosamente, sahiu d'ella mão de mulher, que depois de se abrir tres ou quatro vezes, recolheu se outra vez de repente.

Passou mais um quarto de hora, e Alvaro não viu mais coisa alguma, nem Manoel tornou a passar. Deu então por acabado o incidente. Era claro que Manoel andava esperando um signal; o signal appareceu, estava arrematado o caso. Mas o que queria dizer aquella mão, abrindo-se e fechando-se? Quem era a mulher que a movia? Quem era o taverneiro?

Alvaro Martins pensou um pouco, depois voltou-se e fitou mestre Nicolau. Este, como verdadeiro philosopho, tinha tomado o expediente de não fazer caso da invasão da sua propriedade, e continuára a leitura. Alvaro approximou-se d'elle, mas o bom do sabio estava tão engolfado na meditação da prodigiosa virtude que tem *uma cigarra tomada no campo, quando estiver cantando, pizada e posta no dente corrupto para o fazer tiar sem dôr*, que não deu conta d'elle, apesar de o ter já cosido comsigo.

— Olá, mestre! — disse Alvaro sacudindo-o pelo hombro.

Mestre Nicolau acordou de sobresalto, dobrou folha, ergueu-se, poisou o livro sobre a meza, e fez profunda e humildissima mesura.

— Ás ordens de vm.cê — disse elle.

Alvaro sentou-se na cadeira que tinha ficado vaga, lançou uma perna sobre a outra, encruzou os braços sobre o peito, e voltando a cabeça para o barbeiro, poz-se a olhar para elle com cara de compaixão.

— Ás ordens de vm.cê — disse de novo mestre Nicolau.

— Como é a sua graça? — retrucou Alvaro Martins.

— Nicolau da Piedade, para o servir.

— Por muitos annos. Ora diga-me cá, vm.cê é homem honrado, como se vê do frontispicio?

— Mercês. Prezo-me d'isso.

— Muito bem. E bom sangrador...

— Em quanto a isso não o ha melhor em toda a cidade do Porto. Os meus aturados estudos...

— Muito bem. Ora diga-me cá — continuou Alvaro Martins, pondo-se de pé, e levando o barbeiro por um braço até á porta — quem móra na casa visinha d'aquella, onde está o homem gordo á porta?

— Na de cima ou na de baixo?

— Na da parte de cima.

— Móra o taverneiro Thomaz Pinto. Benza-o Deus, não é lá dos melhores visinhos... homem rixoso e volteiro. Foi o cabeça dos da assuada da Maia...

— Ah! bem sei. E elle tem filhas?

— Uma unica; boa rapariga, mas ás vezes tem coisas, que bem mostram que é filha de tal pae...

— Ah! pois ella é assim? E em quanto a namoros... hein?

Mestre Nicolau fez cara de dignidade offendida. Sacudiu o braço da presa da mão de Alvaro, e recolheu-se para dentro, dizendo com mau modo:

— Que sei eu lá d'isso, homem? Eu não me metto com as vidas alheias. Vm.cê está enganado. Eu sou homem que se dá ao estudo, e quem trata da sciencia de curar, não cura de ninharias. Procure outro informador.

Alvaro Martins seguiu apoz elle, e sentou-se de novo na cadeira.

— Mestre Nicolau — disse então — vm.cê é o melhor sangrador do Porto, o melhor licenceado sangrador de toda a Europa, e como tal preciso que vm.cê me faça um favor.

— Diga vm.cê.

— Tenho um amigo, que requesta a filha do seu

visinho Thomaz. Qualquer dia temos uma entrevista de janella... A coisa póde ser falada... póde haver pancadaria...

—E n'esse caso quer que eu sangre o seu amigo. Muito bem entendido. Diz o douto...

—Sim sangral-o. Mas não é só isso...

—Diz vm.cê muito bem, não é só isso. É necessario saber como e onde se ha-de sangrar. Mas não tenha vm.cê cuidado. Se as bordoadas forem na cabeça, sangrarei na veia apopletica, que é a que está nas mãos entre o dedo pollegar e o mostrador. Diz o douto Henriques, p.e II, liv. 2.º, cap. 12.º, § 24.º...

—Não é isso, homem, não é isso que quero dizer.

—Como não é isso! Pois vm.cê atreve-se a dizer que não é isso? Diz o douto Henriques, p.e II. liv. 2.º, cap. 12.º, § 24.º, que n'estes casos se deve sangrar na veia cephalica e na apoplectica, que é a que está nas mãos entre o dedo pollegar e o mostrador. E se fôr em mulher, e no caso que haja falta das purgaçoens lunares ou hemorroydaes, sangre-se no braço...

—Homem, por Deus! não é isso.

—Sangre-se no braço, e tenho dito; e não se atreva vmcê a dizer o contrario. Sangre-se no braço, como diz o douto Henriques, seguindo o magno Zacuto, e mau mez para Riverio e Riolano, que mandam sangrar nas jugulares.

—Homem, não quero dizer isso.

—Não quer dizer isso! E que me importa a mim o que vm.cê quer? Diz o douto Henriques...

—Cale-se por Deus ou pelo diabo, mestre Nicolau; senão...—gritou Alvaro, batendo impaciente com o pé na casa—O favor que lhe peço não tem nada com o douto Henriques, nem com Zacuto, nem com o diabo que o carregue. É outra coisa.

—Então exponha vm.cê.

—Ora oiça. Naturalmente ha-de haver pancadaria, ha-de haver homem para sangrar logo logo, e como vm.cê tem o somno muito pesado...

—Está enganado, tenho-o leve como uma penna.

—Tem-n'o muito pesado, digo-lh'o eu, e não me torne a interromper, senão, por esta! que lhe corto as orelhas. Vm.cê tem o somno muito pesado, e como a vida do homem póde perigar com a demora do seu acordar, faz-se mister que vm.cê deixe a sua porta aberta até ás tres horas da noite, por estes oito dias a fio.

—Homem, vm.cê está a zombar commigo?

—Não zombo, estou a falar-lhe muito sério.

—Pois não posso considerar o que diz senão zombaria. Como? Pois hei-de velar até ás tres horas da noite e por oito dias a fio? E onde fica o meu somno? onde fica o descanço preciso a um homem de letras?

—Vm.cê póde deitar-se logo á noitinha.

—E os ladroens? E quem me guarda a vida, e o que tenho dentro de casa?

—Emquanto a isso não tenha cuidado; guardo-lh'o eu. Por sua causa e por amor do meu amigo, farei a ronda da rua até ás tres horas da madrugada.

—N'estes tempos volteiros que vão, e com o que por ahi tenho ouvido rosnar de levante!... Nada, nada; salva tal logar. Sabe que mais meu amigo, eu não sei quem vm.cê é.

Alvaro Martins bateu impaciente com o pé no soalho.

—Homem ou diabo, você tem o espirito da contradicção infernado no corpo. É capaz de fazer perder a paciencia a um santo.

Assim dizendo, metteu a mão na algibeira, e d'ella a tirou cheia de pequenas moedas de dezeseis tostoens, e cruzados novos de oiro, que despejou em cima da meza do barbeiro.

—Tome lá—disse então—já lhe não quero dever favor algum; agora pago-lhe adeantado o serviço.

—Mas, senhor...

—Mas sangrador da paciencia, Iscariote, Mafoma, diabo!—bradou Alvaro Martins de todo impaciente—escuta-me callado, ou abro-te de meio a meio. Olhe vm.cê bem para esta cara, mestre Nicolau,

e considere que o que digo, costumo cumpril-o á risca. Portanto, se durante estes oito dias, desde as seis da tarde até ás tres da madrugada, eu abrir a porta de vidros d'esta sua betesga, e achar a de dentro fechada, na manhã seguinte venho cá e corto-lhe cérce as orelhas com esta que tenho á cinta.

Mestre Nicolau fitou Alvaro Martins com espanto.

—Está bem, está bem—disse por fim.—Eu cá sou homem de letras, não sou homem de espada. Cedo á força maior. Ahi lhe fica a minha casa. Eu recolho desde já ao meu gabinete,

E dizendo, embolçou o dinheiro, sobraçou da esquerda o *Soccorro delphico*, e, tomando uma candeia que estava espetada na parede, enfurnou-se para dentro do tabique, que havia ao fundo da loja, e fechou a porta por dentro. D'ahi a pouco petiscou lume, accendeu a candeia, contou o dinheiro, e por fim pôz-se a lêr no *Soccorro delphico*.

N'essa mesma noite passaram-se na rua Chã as scenas que se seguem.

Pouco depois das onze horas um homem embrulhado n'um capote, com o qual occultava o rosto com ambas as mãos—precaução escusada, visto a escuridão tenebrosa da noite e a solidão completa da rua—descia de Cima de Villa, e, atravessando para o lado direito da rua Chã, foi parar debaixo das janellas do taverneiro Thomaz Pinto. De uma d'ellas pendia, presa pela adufa, uma toalha de mãos. O homem examinou n'um relance as janellas, e, depois de permanecer um momento encostado á umbreira da porta, tossiu ao de leve.

A adufa abriu-se cautelosa, e de traz d'ella soou uma voz de mulher que dizia:

—Snr. Manoel, vm.cê está ahi?

—Estou, Pascôa—respondeu o sargento, que era o homem do capote—Que resposta me traz? Diga, diga depressa.

—A menina... coitadinha! diz que sim. D'aqui a tres dias, á tarde, vai falar-lhe á Ramada Alta.

Manoel encostou-se de novo á umbreira da por-

ta, e calou-se. Pascôa Angelica, que era ella quem falava de dentro, vendo que cinco minutos tinham passado, sem que elle désse palavra, enfastiou-se, e tossiu. Manoel não deu, porém, accordo de si; parecia dormir. Pascôa resolveu-se a romper o silencio.

— Snr. Manoel, se me não quer mais nada, dê-me licença. Muito boa noite. Meu pae está a dormir; mas d'um momento para o outro, póde acordar...

— Impossivel! impossivel de comprehender! — balbuciou então o sargento. E em seguida continuou, dirigindo-se á filha do taverneiro — Pascôa, pelo amor de Deus, peço-lhe que me fale sem rebuço. Vm.cê priva com D. Laura; por isso póde dizer-me, se quizer, os motivos de tudo isto que tem acontecido ha perto de um mez. Por Deus! Pascôa, qual é a razão porque D. Laura me trata agora com tanto rigor? que lhe fiz eu?

Pascôa Angelica soltou profundissimo suspiro.

— Ah! snr. Manoel, se soubesse...

— Mas, por Deus! Diga-me...

— Se soubesse o que a menina tem soffrido por seu respeito!...

— Mas, pelo inferno! o que é? que tem acontecido?

— Não lh'o tenho querido dizer com medo que vm.cê faça por ahi alguma asneira...

Manoel soltou impaciente uma praga.

— Pascôa, não me faça perder de todo a cabeça. Este desespêro em que vivo, é peior do que saber toda a verdade. Fale, fale, sem rodeios. Por Deus ou pelo diabo! tire-me d'este inferno.

Pascôa ficou um momento callada, como se o medo lhe tivesse suffocado a palavra. Mas o que era verdade era que ella não era rapariga que morresse de abafas, e o tempo que Manoel concedeu á supposta reanimação da confidente de Laura, foi por ella empregado em forjar tal mentira, que o começasse a desvendar, sem comtudo lhe deixar antevêr a verdade.

— Olhe, snr. Manoel — disse por fim — vou con-

tar-lhe tudo, mas vm.cê ha de prometter-me ter juizo, porque emfim... a gente não é de pedra... e eu não quero que lhe aconteça alguma desgraça. Antes quero morrer! — accrescentou em voz lacrimosa.

— Diga... diga — replicou Manoel impaciente.

— Pois olhe, a menina é perseguida por um noivo, e este noivo...

— Por um noivo!...

— Sim senhor, por um noivo, que foi recommendado ao snr. D. Bartholomeu... sabe por quem? pelo ministro de Lisboa.

— Maldição do diabo! E quem é esse homem?

— Coitadinha! Tem chorado muito; mas o snr. D. Bartholomeu tem muito medo ao ministro, e o noivo aperta...

— Mas, pelo inferno! quem é esse homem... quem é esse homem, Pascôa?

Pascôa callou-se um momento, e logo replicou:

— Vm.cê conhece o doutor José Mascarenhas?

— Conheço. É elle?

— É elle mesmo: tem havido um inferno lá em casa por causa d'elle. Ante-hontem um tal homem, mal encarado, que por ahi anda, chamado Alvaro Martins...

— Alvaro Martins! — exclamou Manoel, dando um salto como se recebesse uma descarga electrica.

— Conhece-o? Ante-hontem fez lá um arruido dos demonios...

— Alvaro Martins a proteger o doutor Mascarenhas? — balbuciou dolorosamente o sargento.

— Pelos modos parece que não. A menina disse-me que é pelo contrario; que o tal Martins tem asca ao doutor. Disse-lhe coisas muito insultantes, a ponto que estiveram para brigar... mas por fim... Ai, snr. Manoel, retire-se que ahi vem gente.

Estas palavras de Pascôa foram resultado d'um vivo golpe de luz, que brilhára de repente na travessa do Corpo da Guarda, e que fôra progressivamente crescendo, como allumiando gente que se dirigia á rua Chã.

— Pascôa, retire-se para dentro — disse então Manoel — mas volte logo que passe esta gente. Preciso ainda de lhe falar.

Pascôa Angelica deixou cahir a adufa, e Manoel encaretou-se de novo com o capote, e encostou-se á umbreira da porta da casa de Thomaz Pinto, que era quasi a que faz esquina para a travessa do Corpo da Guarda.

N'isto as pessoas, que a luz allumiava, assomaram á bôcca da travessa. Era um lacaio, que trazia na mão direita um varapau ferrado, e na esquerda um archote, com que allumiava ao amo, homem de estatura athletica, e que caminhava embrulhado n'um capote e com porte de tyranno.

Ao sahirem para a rua Chã, a luz do archote deu de chapa em Manoel, que foi por esta razão distinctamente descoberto pelos dois.

O amo parou.

— Thadeu — disse elle em voz rude e soberba — vae vêr quem é aquella sentinella das portas alheias. Diz-lhe que lhe ordeno que diga quem é.

Manoel não se mexeu. O lacaio traçou o varapau, e dirigiu-se para elle; mas, ao approximar-se, deu com os olhos n'uma comprida e luzente espada de dois gumes, cuja folha se estendia para fóra do capote com a ponta voltada para elle. O lacaio parou.

— Segue o teu caminho — disse então Manoel, disfarçando a voz — e diz a teu amo que não lhe importe com a vida de quem nada lhe deve, e nada tem que vêr com elle.

— Então que é isso, Thadeu? — disse o outro, que tinha ficado a distancia.

— Fidalgo, o homem diz... que não quer... e está... armado...

— Como! Não quer?

E assim dizendo, o orgulhoso amo de Thadeu approximou-se, deixando vêr empunhada uma espada egual áquella que Manoel tinha na mão.

— Desembuce-se; diga quem é.

— Passe seu caminho — balbuciou Manoel, abafado em cólera, e aprumando-se para receber o aggressor, se por ventura quizesse continuar na teima de satisfazer um capricho, muito vulgar n'aquella época.

mas ao aprumar-se, uma das bandas do capote fugiu-lhe da mão, e deixou-lhe o rosto a descoberto. O outro, ao conhecel-o, soltou um pequeno grito de pasmo e de raiva, e com o movimento que fez, arredou tambem o capote de deante da cara.

— O sargento! — disse com expressão de cólera e de despreso.

— Oh! é elle... o Mascarenhas! — bradou Manoel; e, deixando cahir o capote, arremessou-se como um tigre sobre o doutor, que fez o mesmo, e recebeu o como bom esgrimidor de espada preta, que era.

Travou-se lucta encarniçada; mas passados alguns minutos, Mascarenhas reconheceu a superioridade, com que Manoel manejava a arma, e viu-se obrigado a recuar alguns passos.

— Thadeu — bradou então — acode aqui com a choupa, e passa-me de lado a lado este villão.

— Infame! — balbuciou Manoel, abafado de raiva.

Depois parou lhe um golpe com tal força, que a espada e o braço do doutor talharam de rijo para o lado, e Manoel, passando de repente a sua para a mão esquerda, cozeu-se d'um salto com elle, e estoirou-lhe com a direita uma bofetada em cheio na cara.

Mascarenhas soltou um grito abafado, que parecia o rugido d'um tigre, deu um salto para traz, depois arremessou-se furioso para o sargento, parando ao mesmo tempo o golpe, que este lhe dirigia de ponta e direito ao peito.

N'este tempo o lacaio encostára o archote a uma pedra, e corria de choupa callada sobre o adversario do amo, mas antes de chegar a elle, destacou de junto do Arco da Cadeia um homem, que alli se achava sem ser visto, e, atravessando, para assim dizer, a rua d'um pulo, agarrou o lacaio pela góla do casa-

cão, e batendo-lhe no peito umas poucas de contoadas com o punho da espada que trazia na mão, arremessou-o depois com tal força de si, que o pobre diabo foi rolar a distancia.

— Aq... aqui d'el-rei, que matam o snr. doutor Mascarenhas! — gritou ao cahir: e continuou regougando e gritando, rolando-se ao mesmo tempo sobre o lagedo da rua, sem forças para levantar-se.

Deixando assim inutilisado o lacaio, o recemvindo correu direito aos dois combatentes, e, metteu de repente a espada entre as d'elles, bradou em voz cheia e em tom de quem está habituado a mandar despoticamente:

— Párem; quem dér mais um passo, atravesso-o com esta.

Era Alvaro Martins.

Ao reconhecel-o, Manoel recuou uns poucos de passos atraz, impellido por certo respeito instinctivo, que tinha pelo homem que o creára, respeito que a grande familiaridade que havia entre os dois, nunca podéra suffocar de todo. Mascarenhas tambem recuou, abalado pelo tom imponente d'aquella voz, que o mandára tão imperiosamente parar; mas, passado o primeiro abalo, endireitou-se soberbamente com Alvaro, e disse em tom de escarneo, e meneando a espada ao de leve:

— Ah! é o snr. Alvaro Martins.

— Eu mesmo, senhor — replicou Alvaro — e o dito dito, se o quer agora.

— A's suas ordens, meu caro senhor homem extraordinario — respondeu José Mascarenhas. E voltando-se depois para Manoel, que se encostára de novo á porta do taverneiro, e que estava immovel e como indifferente a tudo, que o rodeava, accrescentou em tom de raiva e de despreso — Em quanto a ti, meu canalha, mais tarde nos veremos.

E, dizendo, aprumou-se deante de Alvaro, como a provocal-o ao combate. Mas este, ao ouvir-lhe as ultimas palavras, soltou um pequeno grito estridente e cheio de ferocidade.

— Canalha! — balbuciou em voz abafada — canalha e infame és tu. Eu tocar com a espada de um homem de bem na tua, miseravel!

Alvaro não falou estas palavras, ecoou-as, para assim dizer; não mexeu os labios para as proferir, mas sahiram-lhe da garganta, onde a raiva as formára, e d'onde as expellira, com entoação medonha, e que nada tinha que se parecesse com o som da voz do homem. Mal as disse, arremessou de si a espada, e saltou sobre Mascarenhas como o tigre salta sobre presa, cingindo-o contra si entre os dois braços robustos que pareciam querer esmagal-o contra o peito. No primeiro impeto d'aquelle terrivel abraço, Mascarenhas sentiu-se abafar, e largou, sem o querer a espada. Mas o doutor era homem, que em forças pouco tinha que recear da parte de Alvaro; arcou com elle braço a braço, e os dois principiaram a torcer-se em mil rodeios, como duas serpentes que luctam enroscadas uma na outra.

Entretanto, Manoel presenceava esta scena, immovel e como se nada visse deante de si; e o lacaio, que podéra emfim erguer-se sobre os joelhos, amiudava os gritos de á-de-el-rei em voz cada vez mais rija. Alguns dos visinhos já tinham apparecido com candeias ás janellas, eccoando de quando em quando os gritos de soccorro, que o lacaio soltava; e na casa do Arco, onde morava o chanceller interino, Bernardo Duarte de Figueiredo, corregedor do crime e desembargador da Relação, viam-se atravessar luzes por dentro das vidraças, e ouvia-se o barulho que se fazia para abrir a porta da rua, cuja chave, em taes occasioens, quasi sempre ou se perde ou não quer rodar na fechadura. Ao mesmo tempo ouviam-se os passos da ronda, que subia a rua do Loureiro a correr, chamada pela algazarra do lacaio e dos visinhos tresnoitados.

A lucta continuava encarniçada; mas de repente Alvaro lançou a mão esquerda á garganta do doutor, que sentiu asfixiar.

— Larga-me, villão — rouquejou elle, forcejando

por se desprender d'aquelles dedos que pareciam de ferro.

— Villão... tu — balbuciou Alvaro Martins, e apertou com mais força.

O doutor abriu os braços, e os joelhos dobraram-se lhe debaixo do peso do corpo já quasi cadaver. Alvaro tomou-o então pela góla da casaca, escarrou-lhe duas ou tres vezes na cara, depois, batendo-lhe com o punho cerrado em cheio sobre a cabeça, atirou-o com força para longe de si.

N'este ponto a ronda chegou. Alvaro deu um salto para o logar, onde tinha deixado cahir a espada; tomou-a, e de outro collocou-se ao lado de Manoel. Então os dois pozeram as costas contra a porta do taverneiro, firmaram-se bem, e voltaram as pontas das espadas para o semi-circulo formado por nove ou dez quadrilheiros, que os rodearam, callando para elles as partazanas, com que estavam armados.

— Rendam-se da parte de el-rei — disse o alcaide, brandindo com a mão direita a espada, e dirigindo-lhes para a cara a luz da laterna de furta fogo, que trazia na esquerda.

— Aqui de el-rei, que mataram o snr. doutor Mascarenhas! — gritava o lacaio, que se tinha arrastado para junto do corpo quasi asfixiado do amo.

— Aqui de el-rei! — repetiram tambem alguns visinhos mais abelhudos.

— Rendam-se, da parte de el-rei — bradou de novo e repetidamente o alcaide, brandindo a espada e a lanterna.

— Rendam-se — gritavam os quadrilheiros mas sempre a distancia respeitavel.

— Qual rendam-se, nem qual diabo! — disse por fim Alvaro Martins — Isto não passa de brincadeira de namoro. Deixem-nos passar.

— Aqui de el-rei que mataram meu amo! — continuava furiosamente o lacaio.

— Alcaide, prenda todos; que não escape nenhum. Metta tudo na cadeia — gritou de lá da ja-

nella o chanceller, que se levantára estremunhado, e ousára affrontar a intempérie, confiado na impermeabilidade do barrete de dormir.

— Rendam-se, tenho dito — gritou de novo o esforçado alcaide — e se trazem armas de fogo, larguem-n'as ahi no chão.

— Snr. alcaide, tenha juizo; deixe-nos passar, senão vae tudo com trezentos diabos — bradou Alvaro, já um pouco impacientado.

— Prenda tudo, alcaide; que não escape um só — gritava lá da janella o chanceller.

— Quadrilheiros, cerrar o cordão. Sentido! Rendam-se por Deus! senão...

— Manoel, a elles, e segue-me — disse em voz baixa Alvaro Martins, voltando-se para o lado onde estava o seu protegido.

Manoel tinha porém, desapparecido!

O primeiro abalo de Alvaro foi o espanto; mas como não era homem que se deixasse soçobrar por uma casualidade, que em resultado nada mais significava que estar Manoel fóra de perigo, fossem quaes fossem os meios por que d'elle tivesse sahido, decidiu, n'um relampejar da vontade, executar por si só o que meditára fazer conjunctamente com elle.

— Arréda ao lado, quadrilha de ladroens — bradou em voz terrivel, e girando a espada com as duas mãos e com tão pasmosa velocidade, que desnorteou os quadrilheiros, que perderam a fórma, apesar das vozes e dos brados do alcaide.

Alvaro atravessou como raio por entre elles, fazendo ir a terra os dois por quem se roçou com violento encontrão; em seguida arremessou-se sobre o alcaide, cuja lanterna fez voar com um pontapé, e cujo espinhaço mediu com pranchada puxada com tal alma que fez ir focinhos a terra o malfadado official de justiças; depois mergulhou-se nas trévas da rua, correndo para o lado da Sé, e gritando em tom de escarneo:

— Muito boa noite, snr. Bernardo Duarte, desculpe a noitada, honrado chanceller.

Os quadrilheiros lançaram-se como toiros e de alabarda callada na direcção, que Alvaro tomára ao fugir. Demoráram-se por lá boa meia hora, basculharam todos os cantos, mas não acharam nem sequer rasto d'elle. Entretanto o alcaide movêra-se da humilde posição, a que o reduzira a terrivel pranchada, que Alvaro lhe assentára nas costas, e arrastára-se de gatinhas e como podéra para junto d'uma porta, em cuja soleira se assentára derreado, e amaldiçoando o officio, que mais d'uma vez o sugeitava, n'aquella época, a casualidades d'esta ordem. O lacaio, ainda offegante, tratava de auxiliar como podia o doutor, que já tornára a si, e alentava os esforços que fazia com um aqui-de-el-rei de quando em quando.

N'isto chegáram os quadrilheiros; e o chanceller, acompanhado d'um sem numero de luzes, desceu á rua a reconhecer o campo da batalha. Tomaram-se então com energia as medidas convenientes. José Mascarenhas foi conduzido na cadeirinha do chanceller para casa de Luiz Belleza, onde estava hospedado. Do lacaio ninguem fez caso; foi elle proprio que tomou a resolução de seguir atraz do amo, a pé e arrastando-se como podia. O alcaide, esse, apesar de ter o espinhaço n'um bôlo, e de estar com cara lastimosa e de S. Sebastião sem calçoens, levou sevéra reprehensão por ter deixado fugir os malandrinos, e em seguida foi despedido para continuar a ronda. Consta, porém, que, apesar de ouvir submisso as graves palavras do chanceller, não passou d'isso a prova que deu de obediencia. A ronda findou por essa noite. O pobre diabo, derreado e amparado por dois quadrilheiros, dirigiu-se mas foi para sua casa, onde a mulher, laboriosa adéla da rua da Ponte Nova, lhe ungiu in-continente as espáduas com uma emplastrada de vinho e mortinhos, que, vistos os precalços do officio, tinha sempre á mão, e até preparados *ad hoc*.

Alvaro Martins fugira para o lado da Sé, mas só para illudir os quadrilheiros. A pouca distancia,

porém, cozeu-se com as casas, e ao abrigo da escuridade, retrocedeu, e veiu metter-se surrateiro em casa de mestre Nicolau, cuja porta estava ainda aberta pelas razoens expostas acima. Detraz das vidraças d'ella e á luz da illuminação, que o chanceller fizéra na rua, presenciou o resto da scena que acabei de descrever. Depois de serenada a tempestade, sahiu, e foi para a torre do Olival, onde tinha, como é sabido, a sua habitação.

De Manoel da Costa e do seu miraculoso desapparecimento, fallará o auctor no capitulo seguinte.

VII

Qual de vós com vontade está mais prompta,
Que a nova empreza tome á sua conta?

V. M. DE QUEVEDO. AFF. AFRICANO. Cant. I.

Manoel da Costa, ao aprumar-se ao lado de Alvaro, em guarda contra a matilha dos quadrilheiros, ficára collocado junto da umbreira esquerda da porta de Thomaz Pinto. Esta abria-se, dobrando-se em tres partes. O moço sargento firmára o pé esquerdo contra ella, estendêra a perna direita um pouco para a frente, e n'esta posição defensiva aguardava, sorrindo e de espada em punho, o assalto da cáfila ignobil dos esbirros.

Manoel desejava por mais de um motivo, que o arruido terminasse a toda a pressa. Durante a parlamentação raivára de impaciencia, ao vêl-o prolongado por ella. Quando os animos principiaram a azedar-se, e ia chegar finalmente o momento tão vivamente appetecido, Manoel sentiu faltar-lhe de repente o apoio do pé esquerdo, e, ao mesmo tempo, mão robusta agarrou-o pelo hombro, e fêl-o voltear, sobre si mesmo, e puxou-o com força para a frente. Tudo isto

aconteceu com a rapidez do relampago. O moço sargento achou-se em plena escuridão; mas antes de ter tempo de assenhorear-se, appareceu luz, e viu-se então na loja do taverneiro e defronte da reforçada Pascôa Angelica, que ainda ha pouco lhe falava com tantos melindres da janella para a rua

O acontecimento tinha a razão de ser mais simples que se póde imaginar. Pascôa assistira da janella ao combate do doutor, com o homem que amava. Ao ouvir aquelle dar ao lacaio a ordem infame que deu, indignou-se, e correu a buscar um bacamarte que Thomaz tinha sempre carregado até á bôcca, e com elle voltou á janella, decidida a fazer fogo sobre os aggressores. Mas quando chegou, a scena tinha completamente mudado. O lacaio chamava *aqui-d'el-rei*, rebulcando-se no lagêdo da rua, e Mascarenhas luctava braço a braço com um homem, que ella conheceu não ser o seu querido sargento, o qual descortinou em seguida encostado fleugmaticamente á umbreira da sua porta. Quando a ronda chegou, e cercou os dois amigos, Pascôa imaginou de repente atrevidissimo plano para salvar o amado. Correu de dois pulos á loja, escondeu a luz debaixo d'um barril, a que faltava o tampo d'um dos lados, abriu surrateiramente um terço da porta, e depois safou-o do meio da referta assim por um modo que tinha, á primeira vista, seus visos de bruxaria.

—Snr. Manoel, é necessario fugir. Venha commigo — disse ella, tirando o candieiro de latão para fóra das entranhas do barril.

— Fugir, eu! — replicou Manoel, lançando a mão á chave da porta, que Pascôa por precaução, tinha tirado da fechadura, e posto em cima do balcão.

— Fugir, sim; fugir e já — replicou Pascôa na maior anciedade — fugir antes que chegue meu pai, antes que se descubra tudo.

— Eu sáio outra vez para a rua, Pascôa; fez mal em me obrigar a entrar. Um militar não foge, e sobretudo não abandona o amigo, que por causa d'elle se metteu no meio do perigo. A sua loucura

faz-me passar por covarde. Abra a porta, Pascôa Angelica.

Manoel disse estas palavras com accento de auctoridade, tal como Pascôa nunca imaginára que elle fosse capaz de mandar. Fitou-o um momento com os olhos espantados e cheios de medo, depois cahiu de joelhos e, pondo as mãos, exclamou com a maior afflicção:

— Pelo amor de Deus, snr. Manoel, que nos perde!... não a mim, mas á snr.ª D. Laura... Se o prendem, saber-se-ha tudo...

A estas palavras, Manoel estacou indeciso.

— Mas elle... mas Alvaro — balbuciou o pobre moço — matal-o-hão de certo...

— Escute... oiça... Elle fugiu, está tudo acabado.

Com effeito, a estas palavras ouviram-se as ultimas vozes de Alvaro, ouviu-se o arruido dos quadrilheiros correndo atraz d'elle, e por fim as *boas noites*, que elle déra em tom de escarneo ao honrado chanceller. Depois tudo ficou em silencio, interrompido apenas de quando em quando por alguns *aqui-d'el-reis* soltados a meia voz pelo lacaio, e por um ou outro suspiro lastimoso, que as dôres do espinhaço contundido arrancavam involuntariamente ao malaventurado alcaide.

Manoel escutou durante um minuto.

— Deixe-me sahir agora — disse por fim — quero vêr o que se passa na rua.

— Não saia por ora; deixe-me ir espreitar da janella. Eu venho já.

Pascôa subiu ligeira como um relampago, e entretanto Manoel ficou com o ouvido collado á fechadura da porta.

— Não ha um só quadrilheiro na rua — disse ella voltando passados alguns minutos — mas ainda lá estão o Mascarenhas e o creado e outro homem, que todos se lastimam dolorosamente. Parece que um dos doridos é o Zé Cabelleira, o alcaide. Vm.cê não póde sahir por aqui; siga-me que o vou fazer sahir pelo lado das trazeiras.

Pascôa tomou a luz, e Manoel seguiu apoz ella. Da loja passaram para outro armazem, no fundo do qual se via uma porta, a que a rapariga dirigiu o caminho.

Ao chegar a ella, disse para o sargento:

— Esta porta dá para o quintal; vá vm.cê por elle adeante, guiando-se sempre para uma casa de madeira, que está ao fundo. Não pare, ainda que oiça vozes n'ella; siga o seu caminho que logo encontra o muro, e n'elle a cancella que vae para a viella do Monte. Desça por ella abaixo, que a poucos passos estará na rua do Loureiro. Boa noite, snr. Manoel.

O sargento fitou um momento os olhos na rapariga, como indeciso se sim ou não lhe devia dizer o que lhe ia no pensamento.

— Obrigado, Pascôa — disse por fim — sinto não poder corresponder aos seus favores. Emquanto a D. Laura, diga-lhe da minha parte que de hoje a tres dias hade arrematar-se de todo este desgraçado negocio, custe o que custar. Se ella faltar na Ramada Alta, não faltarei eu a procural-a na rua das Flores.

Assim dizendo, abriu a porta com violencia, e sahiu sem fazer caso da triste e mal correspondida namorada.

O quintal da casa de Thomaz Pinto corria, ao principio, parallelo com o lado norte do Largo do Corpo da Guarda; depois descambava para a direita, encostado ao muro do jardim dos Alcoforados. Ao chegar ao cotovello, que se formava n'aquelle sitio, Manoel descobriu, atravez da espessa cerração da noite, a casa de madeira, de que Pascôa lhe tinha falado. Pelas fendas do tabique, mal unido, sahia o reflexo amortiçado de luz, que dentro estava accêsa, e que de certo alumiava não pequeno numero de gente, porque, apesar da distancia a que ainda estava d'elle, o moço sargento distinguiu, desde logo, o sussurro de muitas vozes, que falavam á uma, e que pareciam altercar violentamente.

Manoel encaminhou-se a passos largos para a casa. Quanto mais se approximava, tanto mais se tornava sensivel o alarido da vozearia, e mais intelligiveis as palavras que do meio d'ella resaltavam. Ao chegar alli, sentiu-se espicaçado pela curiosidade. Approximou-se cautelosamente do tabique, e poz-se a espreitar por uma das fendas mais largas.

Dentro da casa viam-se algumas pipas ao longo da parede, deitadas e postas ao alto, e viam-se egualmente outros objectos mais que indicavam, que d'ella fazia o taverneiro armazem, para guardar e trafegar o vinho que tinha em deposito. No meio da casa estava uma comprida e estreita meza de pau de pinho, d'estas de que se faz uso em tavernas, em roda da qual estavam sentadas tres mulheres e dez ou doze homens.

Um dos homens clamava de pé e em tom enfurecido. Era o assomado Thomaz Pinto.

—Quaes requerimentos, nem meios requerimentos—vociferava elle, dirigindo-se a um velho, magro, baixo e cara de sonso, que estava sentado na cabeceira da meza—deixemos-n'os de papelada. Faça-se o levante, e, com Deus ou com o diabo, até quarta feira de cinza ha de ir abaixo a Companhia.

—Mas, Thomaz, venha cá—replicou prudentemente o velho—se se podér fazer a coisa sem se arriscar a vida nem fazenda, como diz o doutor Araujo...

—O doutor é um asno. Tenho dito, snr. Lisboa; isto já não vae senão com grande levante, e vm.cê como juiz do povo póde oppôr-se ás ordens de el-rei.

—Pois sim, sim—disse do lado um outro, homem alto, magro, e de cara taciturna e vista baixa—mas o nosso juiz tem razão. Se as coisas se pódem fazer...

—Por Satanaz!—bradou o turbulento Thomaz Pinto—tambem tu tens medo, Domingos?

O interpellado endireitou-se orgulhoso, e bateu com o punho cerrado violenta punhada sobre a meza.

—Por Deus ou pelo diabo, Thomaz!—bradou,

por fim, em voz de trovão — Eu não tenho medo de coisa alguma, e sou homem para ir pela cidade convocar o povo com uma bozina. Um raio parta a Companhia! Mau mez venha pelo rei de naipes que temos! E mango-me de toda a cáfila dos ministros, que com elle assistem ao despacho! Medo de quê? Se o levante é muito do agrado de todos e tão desejado, que até o clero, frades e freiras hão de vir para o meio da rua; e até, se fôr preciso, hão de pedir ao papa outro rei, que o pódem fazer, como diz o advogado, porque já aconteceu o mesmo em outros tempos na côrte, pondo o papa fóra do reino um mau rei, que houve em Portugal, e dando a corôa ao irmão.

— Tudo isso está muito bem — disse então do lado o pachorrento visinho André, que o leitor já conhece — mas el-rei tem tropas e ministros de justiça, e se as manda sobre nós — depois?

— E que as mande? — gritou cada vez mais exaltado Thomaz Pinto — Que se nos dá a nós dos ministros e das tropas de el-rei? Se as mandar, juntaremos ainda maior levante, e deitaremos fogo ás casas d'aquelles que se não quizerem unir comnosco para nos oppôrmos ás tropas de el-rei. O povo é quem manda, e vm.cê, snr. Lisboa, como juiz do povo, tem direito a oppôr-se ás leis que o povo não quer.

— Lá isso é assim — replicou o velho Lisboa — e você sabe, Thomaz, que não sou pêco para taes actos. Quando foi da provisão da licença para as tavernas, veja lá como lhes fiz engolir o bocado em sêco, que a mim pouco se me dá de camara nem de fidalgos.

— Pois eu cá — bradou Thomaz orgulhosamente — eu cá, bem o sabem elles... Que se mirem na assuada da Maia e no exemplo das freiras de Vairão.

— Mas, em fim, em que ficamos? — disse aqui José Antonio, o *estanqueiro*, um dos mais vivos concitadores do levante.

O Lisboa bateu então uma palmada em cima da meza, como a pedir attenção, e disse em seguida:

— Vamos, emfim, a decidir este caso, que é tarde; está para dar meia noite. O tumulto, como aconselhou o advogado, deve começar por mulheres e rapazes...

— Como por mulheres! — gritou do lado outro dos conspiradores — isso é deshonrar as nossas barbas honradas. Quem tem medo que compre um cão. Pela minha parte já tenho uma pessoa que ha de dar uma boa ronca no levante, e tal ha de ser que se ha de ouvir em toda a cidade.

— Deixa fallar o juiz, compadre Balthazar Nogueira — disse do lado o sonso, mas atrevido Caetano Moreira da Silva, um dos primeiros chefes da revolta — assim vae a coisa bem, porque se a cidade não corresponder...

— Como não corresponder! — gritaram á uma Thomaz Pinto e Balthazar Nogueira — se por causa d'esta negra Companhia a cidade está em termos de se dar aos moiros, ou de procurar outro rei, que tantos ha d'elles por esse mundo de Deus!

— Vamos, homem, deixa falar o nosso juiz. Sempre é bom ir pelo conselho dos que estudaram em Coimbra. Ora diga, sôr Lisboa.

— A revolta deve começar por mulheres e rapazes — continuou então o Lisboa — porque, se formos mal succedidos, diz o advogado que não terá duvida, porque as mulheres nem rapazes não pódem ser castigados, e foi por isso que na revolta do papel sellado não houve castigo algum. Ó sôr José Pinto — continuou, voltando-se para um dos assistentes, que estava vestido com o uniforme do regimento da guarnição da cidade, de que era soldado — você trouxe o rol das vinte e cinco mulheres, que fez em casa do compadre José Antonio, as quaes hão de levantar a assuada?...

— Que rol nem meio rol! — bradou então a snr.ª Micaéla Quiteria, repolhuda e avinagrada matrona, digna esposa de Caetano Moreira — Não é necessario rol para isso. Apparecerão logo mais de cem mulheres, e temos n'ellas roncas capazes para o levante.

Aqui estão a snr.ª Maria Pinta e a snr.ª Izabel Ferreira, que o pódem dizer. Bastam a Bexiga, a Palaia, a Carinha de meio tostão, a Bregeira e a Coimbra para atordoarem toda a cidade. Eu cá não tenho medo de ser enforcada, e, se o fôr, quero-o ser por isso. E tenho muito dinheiro; se ficar culpada, hei de livrar-me; e já estive para dar uma moeda d'oiro ao meu filho para ir com o Missola e outros garotos, juntar uma escóla de rapazes, e com elles e com os arraes do Doiro irem por essas ruas acclamar outro rei; e se fôr preciso...

—Calla-te, mulher—disse gravemente Moreira—snr. juiz, prosiga.

—Qual callo nem qual diabo! Hei de falar—gritou a tia Micaéla.

—Diz muito bem a snr.ª Micaela—ajuntaram logo as outras duas em côro—e aqui estamos nós para o que os barbaças não forem capazes de fazer; e como não podemos ser enforcadas, nós e os rapazes...

—Silencio!—gritou em voz de trovão Domingos Nunes, assentando rija punhada na meza—prosiga, compadre Lisboa.

Thomaz ergueu-se tambem, e fitou no mulherio olhar enfurecido. As mulheres callaram-se.

—As mulheres—proseguiu então o Lisboa—começarão a assuada, com grande numero de rapazes, que os negociantes da Feitoria prometteram fazer juntar com alguns arraes e homens da plébe...

—E os inglezes apparecem?...

—Elles! Essa é boa. Pois se são estrangeiros!... Dizem que se não querem comprometter, e teem razão.

—Com bom arrôcho lhes quizera eu comprometter as costellas—rosnou do lado o rixoso Thomaz Pinto, que nunca viu a Feitoria com bons olhos, graças aos sermoens, que contra ella ouvira prégar por mais d'uma vez ao seu compadre D. Bartholomeu de Pancorvo.

—Assentemos agora qual o dia—continuou o

Lisboa — Parece-me que deve ser antes de entrar a quaresma...

— Qual historia, compadre! — disse do lado Domingos Nunes — Deve ser a propria quarta feira de cinza. Como é dia de procissão, entra na cidade muito povo das aldeias, que nos ha de ajudar ao tumulto.

— É isso mesmo, é isso mesmo, compadre Nunes; diz você muito bem — asseverou do lado Balthazar Nogueira.

— Está dito — replicou o Lisboa — você lembrou bem, compadre. Seja na quarta feira, logo de manhã, quando o povo das aldeias entrar na cidade. E em que logar ha de começar?

Os colligados olharam callados uns para os outros.

— Seja em qual quizerem, com todos os diabos! — bradou então o volteiro Thomaz Pinto.

— Parece-me que deve ser na porta do Olival — tornou de novo Domingos Nunes, o homem dos alvitres — como tem o campo da Alameda defronte, pódem lá andar sem suspeita os rapazes a jogar o chinquillo...

— Pois seja assim — continuou o matreiro Lisboa — depois o povo corre, gritando pelas ruas da cidade, até casa do chanceller, que ahi mora defronte...

— Qual chanceller, nem qual diabo! — interrompeu Domingos Nunes — primeiro vae por sua casa...

— Por minha casa!...

— Sim, por sua casa, para você ir na frente d'elle e acompanhal-o, como juiz do povo que é.

— Ó sôr Lisboa, você tem medo? — bradou aqui Balthazar Nogueira com os olhos a luzirem.

— Eu não tenho medo, já lhes disse — respondeu com mau modo o digno juiz — mas o que não quero é comprometter-me, se o levante se grolar, como se grolou o de outubro do anno passado, em que vocês me iam mettendo em boas.

— Mas não se ha de grolar este, com um milhão de diabos! E você ha de ir por força compadre — exclamou o arremangado Thomaz Pinto.

— Pois irei — replicou o Lisboa — mas como estou escaldado, sempre na terça feira me fingirei doente, para mostrar que vou forçado...

— Iremos buscal-o de cadeirinha; mas ha de ir.

— Pois está dito; vocês levam-me uma cadeirinha, para eu ir. Ora, pois, temos assentado; o levante ha de começar por mulheres e rapazes, na porta do Olival, quarta feira de cinza, e eu vou com vocês, mas de cadeirinha... como doente.

— Será bom — accrescentou Domingos Nunes — que se deem bandeirinhas e ramos de oliveira aos rapazes para chamar mais gente atraz d'elles.

— Diz você muito bem, compadre. Você sempre tem muito boas lembranças!

— Que não esqueça tocar os sinos da Sé e os da Misericordia, e rijo, a rebate.

— Os rapazes é que os hão de tocar. Eu deixo aberta a porta da torre — disse do lado o snr. Bento de Oliveira, que era nada menos que o digno sineiro da cathedral.

— Não esqueça avisarem os amigos para comparecerem.

— E a respeito de dinheiro, sôr Lisboa?

— Ha sessenta moedas em caixa; vinte que vocês me mandaram aqui pelo compadre Caetano, que, por signal m'as levou n'uma caixa de dôce; e quarenta que recebi dos da Feitoria, que, além d'este dinheiro, prometteram-me todo o mais que fôsse preciso. É mais que bastante.

— Ó cunhado — disse então dirigindo-se a Caetano Moreira, um homem baixo e de figura quadrada, que era a cara mais alarve que havia no rancho — torne a lembrar que não seria mau pagar á feiticeira da Torre da Marca, para que nos enfeitice o provedor da Companhia e o doutor Mascarenhas, que é agora o juiz conservador.

— Diz você muito bem, sôr Manoel Ribeiro. É preciso que alguns de vocês vão falar com ella.

— Eu cá não me metto n'isso — disse brutalmente Thomaz Pinto.

—Nem eu—rosnou Domingos Nunes com mau modo.

—Pois eu tambem não—disse então o Negres, soldado da guarnição, homem reforçado e quasi mulato—mas prometto enfeitiçal-os a arrôcho na quarta feira de cinza.

—Deixa estar; iremos nós ambos, Manoel—disse Caetano Moreira ao cunhado, em tom consolatorio.

—Eu tambem vou comtigo, Caetano—acudiu a snr.ª Micaéla—A feiticeira sabe muito boas rézas para quebrantos e feitiços de inimigos. Já lá tenho ido por mais vezes. Quero aprender mais esta oração de cór.

Passados momentos, o Lisboa levantou-se.

—Ora fiquemos com o que se assentou bem firme na memoria—disse então, dirigindo-se aos collegas—que não haja depois algum transtorno. E vamos embora, que são horas... um a um para não dar suspeitas á ronda.

A estas palavras cada um d'elles tomou o capote, que tinha cahido para traz sobre o banco, em que estava sentado.

—Alto—bradou Thomaz Pinto—aqui está rôsca e vinho. Hão de beber antes de sahir, e olhe que este é do colhido antes da creação da tal Companhia, que o inferno confunda!

Thomaz pôz sobre a meza umas poucas de garrafas de vinho, e canecas e copos aquartilhados sufficientes para todos os seus amigos. Depois elle mesmo desarrolhou as garrafas, e encheu os copos.

—Morra a Companhia, e morra o ladrão de Sebastião de Carvalho—bradou então, empunhando uma das canecas, e levando-a in-continente á bocca.

—Morra!—eccoaram todos á uma, esvasiando d'um trago as differentes vasilhas que Thomaz distribuira por elles.

Manoel da Costa não assistiu á ultima parte d'esta scena. Mal viu levantar os conjurados, dirigiu-se a toda a pressa para a cancella, que Pascôa lhe

havia indicado, e pela qual sahiu effectivamente para a Viella do Monte.

Apenas sahido para fóra d'ella, Manoel apreciou n'um relance toda a gravidade da posição em que se achava. Estava de posse de um segredo importante, que, guardado, ameaçava a cidade com o espectaculo de scenas terriveis; e, revelado, era a sentença de morte de uns poucos de chefes de familia, entre os quaes se contava o pae de Pascôa Angelica. O brio mandava-lhe callar o segredo, que traiçoeiramente havia descoberto; o dever de *fiel vassallo* de el-rei, segundo as idéas da época, ordenava-lhe que fôsse dar parte de uma tentativa de crime de alta traição; e a gratidão repellia-lhe o pensamento de perder o pae d'aquella que fôra sempre a dedicada protectora dos seus amores com Laura, e de quem acabava de receber um obsequio importante.

O moço sargento caminhava indeciso e attribulado por estes sentimentos encontrados.

De repente lembrou-se de ter ouvido pronunciar o nome do doutor Mascarenhas a um dos colligados. Este nome suggeriu-lhe um projecto de vingança, cujas consequencias o rancor lhe não deixava prevenir. Sorriu-se com ironia diabolica, e continuou a caminhar, desejando o dia de quarta feira de cinza mais vivamente ainda do que os mesmos inimigos da Companhia dos vinhos.

VIII

Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no sombrio albergue:
Alli Bethyles ha, ha Chelonites,
Coraçoens de toupeiras, ha entranhas
De vãos camaleoens, ha pedras d'ara,
E magicos espelhos; ha cabeças
De mortos animaes, lameiras virgens,
Hypómanes, mandragoras e outras ervas,
Á luz colhidas da nascente lua
Nas campinas do Ponto e da Thessalia.

DINIZ. HYSSOPE. Cant. VIII.

Na noite seguinte, o taverneiro Caetano Moreira, a mulher e o cunhado foram consultar a feiticeira da Torre da Marca. Vamos tambem nós com elles, porque temos necessidade de presenciar alguns factos, que lá hão de acontecer, e que teem relação immediata cem o progressivo desenvolvimento d'esta muito veridica historia.

Se, porém, o leitor imagina que vae assistir a scena egual á que descreve o famoso Elpino, no engenhoso e inimitavel poema, a que pertencem os versos, que servem de epigraphe a este capitulo, engana-se redondamente. Margarida, a feiticeira da Torre da Marca, era bruxa muito mais modesta do que o celebrado Abracadabro. De feiticeira tinha apenas a reputação, que a crença popular lhe creára, baseada na severidade dos modos, na taciturnidade do genio, e em ter ido viver para logar deserto e em casa com pecha de ser assistida pela presença nocturna do

diabo ou de coisa que tinha com elle estreitas ligaçoens e amizade.

Margarida era mulher mais alta do que o vulgar das mulheres, magra, esguia, de rosto comprido e descarnado, de palavras sêccas e de porte sevéro e ríspido. Apesar de passar dos setenta annos, era tesa e direita como rapariga espartilhada de vinte. Nas ligeiras rugas do rosto carregado viam-se os signaes de mágoas, que não tinham podido anniquilar a robustez d'aquelle corpo, mas que tinham penetrado profundamente na alma. Vestia sempre de luto rigoroso; cobria com uma touca escura os cabellos alvos como a neve, e trajava um simples vestido preto de lã, decotado e com a cinta quasi a tocar-lhe debaixo dos braços, segundo o uso da época. Para cobrir o seio, trazia um lenço de sêda preta, cujas pontas escondia por dentro do corpo do vestido, á laia de freira.

Margarida crescêra desde os cinco annos em casa dos condes do Sardoal, e fôra ama sêcca do infeliz D. Francisco da Cunha. Tinha, pois, a austeridade e a inteireza dos velhos creados da nossa antiga nobreza, em cujas casas haviam sempre estes membros supplementares e muito queridos da familia, de cuja fidalguia eram os mais ríspidos e vigilantes defensores e representantes.

Quando a desgraça fulminou o ultimo conde do Sardoal, o *seu querido menino,* como a boa creada lhe chamava, Margarida soffreu talvez mais do que mãe carinhosa podera soffrer. Aquelle corpo de ferro resistiu aos abalos da terrivel mortificação; mas a alma, apesar de se ter retemperado nas virtudes da educação dos antigos fidalgos portuguezes, não pôde deixar de resentir-se dos dolorosos effeitos de uma infelicidade, para solemnisar a qual até as lagrimas se tinham seccado nos olhos d'aquella pobre mulher. Desde então, o rosto de Margarida carregou-se para nunca mais se tornar a desennevoar; fez-se ríspido e fez-se duro, e as funcçoens intellectuaes, ainda que ao de leve, alteraram-se comtudo.

Entretanto que o conde do Sardoal viveu retirado em paiz estrangeiro, Margarida seguiu-o sempre de cá, não com oraçoens, que essas esqueceu-as desde o dia em que Deus pareceu ter abandonado o filho dos seus antigos amos; mas com todas as potencias da alma, com o pensamento que n'elle cogitava, de dia e de noite, a todas as horas e a todos os minutos, constantemente, sempre. Quando D. Francisco da Cunha voltou á patria, e, transformado em Alvaro Martins, veiu viver para o Porto, Margarida seguiu-o, e para que elle não fôsse reconhecido por causa d'ella, foi viver para a Torre da Marca, n'uma casa isolada, onde Alvaro a visitava quasi diariamente, levado, sem o pensar, pela necessidade de gosar a felicidade da familia junto da unica pessoa, que restava da sua. Os rumores que circulavam ácerca da casa em que Margarida foi habitar; a sua figura e as suas maneiras ríspidas, e sobretudo a circumstancia de Alvaro ter apavorado certos homens, que por acaso passáram por alli uma noite fóra de horas, e cujos cabellos já iam arrepiados de vêrem sahir d'aquella casa um vulto, que tinham por essa razão por coisa do outro mundo, começaram desde logo a fazer correr a atoarda do bruxedo de Margarida. Riu-se ella ao principio da toleima dos ignorantes, e despediu desabridamente os primeiros, que a vieram consultar como bruxa. Mas depois, persuadida por Alvaro, consentiu em receber gente, e o habito de passar por bruxa, durante mais de vinte annos, foi por fim callando n'ella a convicção, não de que tinha valor para com o diabo, mas de que as desgraças, por que havia passado, tinham accendido n'ella a previsão do futuro e tinham-lhe dado poder sobre natural capaz de alterar a marcha regular da humanidade.

Tal era Margarida, a feiticeira da Torre da Marca, que, postos de parte os effeitos da vida solitaria e dos abalos das desgraças passadas, pouco ou nada tinha de bruxa, como o leitor bem póde vêr.

A casa em que vivia, era terrea e dividida n'um

vasto salão, dois quartos e uma cosinha. Quando Caetano Moreira e os companheiros entraram n'ella, o salão estava apenas allumiado pelo clarão afogueado de chamma ateada em enorme raiz de carvalho, que ardia sobre uma especie de lar, que estava ao rez do chão encostado á parede. Dos dois lados da fogueira aqueciam-se, commodamente deitados, dois grandes gatos, um maltez e outro amarello. No meio da casa havia uma comprida meza, e junto d'ella uma enorme poltrona, symbolica aos olhos do vulgo, no qual Margarida estava sentada, com os olhos fitos distrahidamente na fogueira, e acariciando machinalmente com a mão direita um anafadissimo gato preto, que rosnava satisfeito com os afagos da ama. Viam-se mais sobre a meza dois baralhos de cartas, um livro, uma tigella cheia de sal, e um grande candieiro de ferro.

Os tres companheiros apresentaram-se inesperadamente diante da velha. Tinham batido umas poucas de vezes á porta, sem terem obtido resposta; pelo que, aconselhados pela abelhuda snr.ª Micaéla, esposa do Caetano, tinham dado volta pelo quintal, levantado a trinqueta, aberto a porta e entrado pela cosinha sem cerimonia alguma. Mas o atrevimento foi pago muito caro. O aspecto de Margarida e a luz, qne allumiava o immenso vácuo do salão, já eram de per si bastantes para causar terror, a quem tinha e convicção de que se achava em local rasoavelmente diabólico; mas a posição e a immobilidade da velha, a rosnadélla do gato e o ruido dos proprios passos, fizeram estopetar os cabellos aos tres atrevidos, que suaram de medo por quantos póros tinham, durante os vinte minutos que estiveram á porta, e que Margarida não deu pela presença d'elles.

Por fim voltou a cabeça, e disse-lhes no tom sêcco e duro, que lhe era habitual:

— Que querem?

As bôcas dos tres abriram-se á uma para fallar, mas o terror paralysou-lhes as linguas, de fórma que ficaram de bôcca aberta a olhar para ella e sem poder proferir palavra.

— Que querem?— repetiu Margarida, carregando as sobrancelhas.

— Tia Margarida, muito boa noite — balbuciou Micaéla para satisfazer ao compromisso, que tinha feito, de que seriam bem recebidos, em razão das relações que se gabára de ter com a bruxa.

— Mas que querem?— reperguntou Margarida impaciente.

— Tia Margarida, nós vinhamos falar-lhe...

— Para quê?

— Queriamos consultal-a — disse Caetano Moreira, quasi cego pelo suor que lhe escorria da fronte.

— Sobre quê?

Aqui a tia Micaéla achou maior porção de fôlego, e disse affoitamente:

— Tia Margarida, nós vinhamos consultal-a... Sim, vm.cê sabe muito bem... sim... sabe de certo que o snr. Sebastião de Carvalho, ministro das mercês...

A estas palavras, Margarida aprumou-se, e fitou n'ella os olhos scintillantes, e que pareciam faiscar.

— Ah! é á cerca d'elle?...

— Sim... snr.ª Margarida — balbuciou Caetano Moreira — é a respeito d'elle... não digo bem... é por que emfim...

— Olhe, tia Margarida — acudiu aqui animosamente a snr.ª Micaéla — olhe, vm.cê não póde levar isto a mal... Porque emfim, isto é coisa que se não póde soffrer. Tirar ao povo a liberdade de comprar e vender o vinho, e mandar que só o compre e só o venda por conta da Companhia, é um desaforo, é uma pouca vergonha. Vm.cê não póde gostar d'isto, tia Margarida; porque emfim o povo está alvoroçado, está resolvido a fazer um levante...

— E tem razão. Que esmague o tyranno — bradou Margarida, pondo-se de pé e com os olhos a reluzirem com todo o rancor, que dois annos mais tarde levou ao cadafalso o duque de Aveiro e os marquezes de Tavora.

— Então, não vos dizia eu?— disse Micaéla, vol-

tando-se para o marido e para o cunhado. Depois continuou, falando para a bruxa — Diz vm.cê muito bem, tia Margarida. É um maroto, um tyranno aquelle ministro; mas o povo não está resolvido a soffrel-o, nem a el-rei que o protege. É como lhe digo, tia Margarida; ou a Companhia ha de ir abaixo, ou o povo do Porto põe fogo a todo o reino. Ja está apparelhado o levante, mas emfim... bem vê... quem tem que perder... Por isso queriamos saber... queriamos que vm.cê nos soubesse por sua arte se seremos bem succedidos, podemos...

— Orgulhos de canalha, sentimentos de plébe! — bradou aqui Margarida — De que vos temeis, gente abastardada? Que receiaes pelos haveres quando a honra vos persuade á empreza? Esmagae o tyranno plebeu, que se atreve a levantar a cabeça entre os que d'antes nem mesmo o enxergavam, tão baixo vivia, tão baixo se arrastava. Andae... destrui o villão que governa o rei, que despresa a nobreza, que persegue a religião e que esmaga o povo. O destino ha de proteger-vos o feito. Mas aguardae. Vou consultar o fado, vou invocar o auxilio dos espiritos superiores...

E, dizendo, a pythonisa tomou arrebatadamente o candieiro, que accendeu, e pôz sobre a meza. Endireitou então rudemente a cabeça, e depois tomou um dos baralhos, traçou a carvão um triangulo sobre a meza, e principiou a distribuir as cartas dentro d'elle, rosnando palavras inintelligiveis e com modos tão rudes e aspecto tão allucinado, que os tres cahiram de joelhos, de braços abertos e com os olhos esgazeados de medo fitos n'ella.

N'isto o gato preto, o favorito, espreguiçou-se de mimoso, e pôz uma das mãosinhas sobre as cartas e dentro do triangulo. Margarida, irritada, tomou pelo gasnête o audacioso, e atirou-o com força para a frente. Ao cahir, o gato bateu com o espinhaço na aresta da taboa da meza; deu então um assôpro mais que sybilino, e, no ardor da fugida, passou d'um salto por cima da cabeça do pateta do cunhado do Caeta-

no, levando-lhe nas garras uns poucos de cabellos da emmaranhada guedelha. O infeliz deu um urro, na persuasão de que estava filado por todos os diabos do inferno, e cahiu atordoado para a frente.

— Victoria! Victoria!— bradou então Margarida — Avante! O levante vingará... O tyranno será esmagado... O povo vencerá... Assim o manda o destino.

A estas palavras o Caetano e a mulher perderam o medo, e até o proprio cunhado ganhou animo sufficiente para se ir levantando pouco e pouco.

— Então, tia Margarida, que nos diz?— exclamaram ambos á uma.

A bruxa misturou as cartas umas com as outras, depois exclamou em tom pythonico e com severidade mysteriosa:

— Em nome dos poderes superiores ordeno-vos que vades ávante. Tende certeza de que gosareis da victoria. Ai de vós se parardes, ai de vós se tremerdes!

Depois callou um momento, e accrescentou em seguida com a rudeza costumada:

— É tudo o que tenho a dizer-lhes; agora pódem retirar-se.

Os dois homens déram volta sobre os calcanhares, e iam a sahir, mas a tia Micaéla ficou.

— Tia Margarida — disse para a feiticeira — permitta-me licença; mas é que eu ainda não acabei o meu recado.

— Que quer mais?

— Queria que vm.cê me ensinasse aquella oração que tem virtude de matar a quem se quer mal...

— Ah! querem-lhe a vida, não é assim?—exclamou a velha, cerrando os punhos, e deixando vêr os olhos allumiados por medonha ferocidade.

— Vm.cê bem sabe que quem seu inimigo poupa...

— Impossivel! impossivel!— bradou aqui a velha, soltando um grito estridente e medonho tambem eu lh'a quero, tambem eu lh'a desejo... Im-

possivel! Aquelle homem tem pacto com poder superior ao meu...

Ao dizer estas palavras, abriu de repente a gaveta da meza, e tirou de dentro uma pouca de cêra, imperfeitamente affeiçoada em fórma humana, e com o peito atravessado por uma agulha muito comprida e delgada.

— Eil-o aqui — bradou ella com os dentes cerrados pela raiva — Eil-o aqui. Impossivel!... Ha dois annos que todos os dias lhe pico o coração sessenta vezes cada hora, uma vez cada minuto, com as terriveis palavras de encanto, que matam os mais fortes em tres dias. Impossivel!... Impossivel! Tem resistido até hoje!

A estas palavras, a velha sentou-se de repente, e pôz-se a picar com a agulha na figura, com raiva concentrada e modos de louca, dizendo ao mesmo tempo estas palavras:

Pelo crime de Abirão
Pela raiva de Dathão,
Pelo mau Absalão,
Eu te pico, e te repico,
Todo o corpo te salpico
Com a minha maldição.
Que de dôr tu arrebentes,
Que a mau frio te arrefentes,
  Que ardas em calma
  No corpo e na alma,
Como arde eternamente
No inferno Absalão.
E por elle e Abirão.
E pelo negro Dathão,
Que morras medonhamente.
  Assim te pico
  E te repico
  Com este bico
Açacalado ao brazeiro,
Que accendi em braço inteiro
  De enforcado
  Amaldiçoado,
Que morreu sem confissão.
  Com este bico
  Pico e repico.
  Esta vae por Caifaz,

Esta vae por Barrabraz,
Esta vae por Satanaz:
Pela primeira
Morra enforcado;
Pela segunda
Morra estoirado:
Pela terceira
Morra raivado
Por dôr cortante,
E n'este instante...
Ávante, ávante.

E a cada uma das imprecaçoens, Margarida tirava da tigella um punhado de sal, que arremeçava ao lume com rosto enfurecido e gestos de doida. Depois callou-se, e esteve mais de um minuto com os olhos brilhantes e rancorosos pregados na figura. Em seguida soltou novo grito, e exclamou:

— Maldito!... Maldito!... Nem um movimento!... nem um signal de dôr!... nem uma centelha sequer de vida n'elle!... Maldito!... Maldito!... Protege-o poder superior ao meu! Impossivel! Impossivel!...

E, dizendo estas palavras, largou das mãos a figura, e poz-se a bater n'ella freneticamente com os punhos cerrados.

N'isto ouviram-se tres pancadas fortes e compassadas na porta da rua. Margarida estremeceu, e poz-se a escutar. Depois atirou com a figura para dentro da gaveta, e gritou aos tres consultantes:

— Sahi, desapparecei por onde viestes.

Os tres companheiros não aguardaram segunda ordem. Amedrontados pelo aspecto da feiticeira e pelo ecco das tres pancadas, que haviam soado sobre a porta da casa deserta, em que, segundo elles, vivia um familiar do diabo, voltaram rapidamente sobre si mesmo, e sahiram a toda a pressa. Margarida tomou então a luz, e dirigiu-se á porta da rua. D'ahi a pouco entrou precedida por Alvaro Martins, ou antes D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal, nome por que n'este logar era unicamente tractado.

Alvaro foi sentar-se na cadeira de Margarida, e esta, depois de poisar o candieiro, veio beijar-lhe primeiro a mão e em seguida a fronte, e ficou de pé em frente d'elle, a olhal-o com expressão de ternura tal que contrastava singularmente com os trejeitos de louca e com a raiva pythonica de ha pouco.

Alvaro esteve uns poucos de minutos com a cabeça encostada á mão, os dedos mettidos entre os cabellos e os olhos fitos distrahidamente na fogueira.

— Manoel veio cá hoje!— disse por fim.

— Não, snr. D. Francisco.

— Quem sahiu agora d'aqui?

— Dois homens e uma mulher que me vieram consultar sobre o futuro de um levante, que a plebe quer fazer contra Sebastião de Carvalho.

Alvaro voltou o rosto para a velha, e fitou-a com olhos de quem recebe uma novidade, mas que dá pouca importancia á noticia.

— E tu que lhes disseste?— perguntou passado um momento.

— Que o fizessem — replicou a velha impassivelmente.

Alvaro sorriu-se.

— Sempre esse rancor, Margarida, sempre esse rancor!

— Aquelle homem foi a ruina da familia de meus amos. Nem no céu, nem no inferno lhe perdoarei — replicou a velha: e os olhos lampejaram-lhe com viva expressão de rancor.

Alvaro encolheu os hombros, e tornou a sorrir-se. Depois mergulhou de novo os dedos nos cabellos, e fitou outra vez abstracto os olhos na fogueira. Por fim voltou-se para a velha, e re-perguntou:

— Manoel veio cá hoje?

— Não, snr. D. Francisco.

— Aquelle rapaz está-me dando grandes cuidados!

Margarida não respondeu.

— É a desgraça que ainda não está satisfeita!

— continuou Alvaro — Ainda restam no calice as fezes, e ella quer que eu o esgote de todo. Seja. Grande crime expia-se com grande punição.

E com estas palavras, ditas com a resignação corajosa das grandes almas, Alvaro tornou a deixar-se cahir na primeira abstracção.

Margarida estava deante d'elle, severa e dura como estatua da austeridade. Os labios não se lhe moveram para soltar uma só palavra de consolação. Não gozava d'aquella mágoa, mas tambem não a confortava, como quem se achava com direito a repellir toda e qualquer partilha d'ella. Por fim moveu os labios, e interrompeu d'esta fórma e com voz dura a meditação de Alvaro.

— Eu previ-o, e avisei-o, snr. conde. D'aquelle lado não nos podia vir senão a desgraça. Tal pae, tal filho. Para que se encarregou de alimentar a vibora, cujo destino era lacerar-lhe, depois de crescer, o coração?

— Margarida!— bradou Alvaro, batendo com o punho cerrado na meza e fitando-a com os olhos incendiados de indignação e de cólera.

A velha nem se moveu; ficou inteira e severa como d'antes. Por fim ajoelhou aos pés d'elle, e pozse-lhe a beijar a mão, repetindo muitas vezes:

— Meu menino!... meu querido menino!...

Alvaro fitou-a sorrindo tristemente, passou-lhe a mão pela cabeça, e depois, puxando com a ponta do pé um escabello que estava debaixo da meza, fel-a sentar junto de si.

— Margarida... minha pobre Margarida!— disse elle afagando-a — tu és ainda mais desgraçada do que eu. Soffres das minhas desgraças, e soffres d'esse rancor infundado, que te rala a alma de contínuo, que te martyrisa sem razão. Não te quero convencer do contrario — accrescentou, vendo o movimento de impaciencia que fez estremecer a velha — bem sei que é impossivel conseguil-o. Esse odio encarnou-se em ti, tomou-te posse de todas as potencias da alma, é o pensamento em que exerces contínua

a vingança das minhas desgraças. Sem elle serias duplicadamente infeliz... terias de amaldiçoar Deus.

Alvaro parou um momento, e depois continuou, afagando-a:

— Mas porque o odeias a elle, minha boa Margarida? Porque odeias aquelle pobre rapaz, tão bom e tão nobre, que creaste desde que nasceu, que viste crescer, que de ti recebeu os carinhos e os affagos, que a mãe lhe não podia dar?

— Filho da vibora — rosnou a velha rancorosa que nasceu entre nós, como o áspide entre as flores... para as envenenar.

— Filho da desgraça — exclamou Alvaro — filho da desgraça; e diz antes assim, Margarida. Que culpa teve elle de brotar do seio da nossa familia? Odeia o pae; odeia-o cem mil vezes mais do que o fazes, mas não o odeies a elle.

Alvaro levantou-se, e poz-se a passear agitado no meio da casa.

— O teu odio, Margarida — continuou — ainda faz mais cruel a minha desgraça. Odiando-o, avivas em mim a cada instante a recordação do passado, amaldiçoas a memoria d'aquelles que te tractaram como filha, e em cuja casa comeste o pão desde a infancia. O teu odio recahe sobre a causa da infelicidade de Manuel... Sabes porque Manoel é infeliz, Margarida? Porque lhe gira nas veias o sangue do Sardoal, sangue que Deus amaldiçoou, não sei pelo quê.

— Menino!... Meu querido menino!... — exclamou a velha, arremessando-se de joelhos e estendendo os braços para elle com a maior afflicção.

Alvaro veio sentar-se outra vez perto d'ella, e poz-se de novo a afagal-a.

— Olha, Margarida — disse então — Manoel não merece o teu odio. Amou-te, e respeitou-te sempre; e Deus ainda não creou homem com alma tão formosa, nem com espiritos mais altos nem mais fidalgos do que os d'elle. Manoel não deshonra o sangue que lhe corre nas veias; o sangue é que o infelicita

a elle. Deus vasou-o n'este mundo com o ferrete da desgraça impresso na fronte... com o sangue do Sardoal no coração. Que culpa tem elle d'isso? A hora do nascimento n'aquelle moço foi a hora desde quando começou a correr a desgraça para mim; mas quando nascia a criança, predestinada por Deus com tal fado, nascia tambem um desgraçado, e desgraçado porque Deus o fadára com aquella terrivel missão.

Alvaro callou-se de repente. Nas bellas feiçoens do infeliz conde do Sardoal, resplandecia radiosa a serena expressão do valor varonil das grandes almas, quando em frente da desgraça.

— Se eu seguisse os dictames do teu odio, Margarida — accrescentou depois de curta interrupção — abandonava-o. Tôrpe e deshonroso alvitre por Deus minha bôa ama¡ Tôrpe... torpissimo! O genio mau, que persegue a minha raça, exultaria de contente. O ultimo conde do Sardoal seria um infame; a familia que durante seculos não produziu senão fidalgos, terminaria n'um bargante... n'um villão. Não, Margarida, a casa do Sardoal não ha de findar com infamia. Não abandonarei o desgraçado só porque é desgraçado; não sacrificarei Manoel á esperança illusoria de tornar a ser feliz, arredando de mim o filho da desgraça. Não, mil vezes não, Margarida.

Ao dizer estas palavras, que proferiu com enthusiasmo indescrivivel, Alvaro ergueu-se, e poz-se a medir de novo o comprimento do salão com passos agitadissimos. Margarida seguiu-o com os olhos, fascinada e sem forças para explicar a si mesmo o que estava acontecendo.

Alvaro serenou por fim, e veiu sentar-se outra vez junto d'ella.

— Olha, Margarida — disse então — Deus fadou-me desgraçado, mas deu-me o valor e os espiritos de todos os meus passados. Sinto-me capaz de luctar até contra a sorte; e no meio da minha desgraça, sinto consolação n'esta coragem, n'este poder sobre-natural, com que Deus me compensou, e com

que sinto que posso dizer affoitamente ao destino — accumúla sobre mim desgraças sobre desgraças; mas deante d'este moço pára, que o quero eu.— E passarás tu por ventura contra mim para o lá da sorte, minha boa Margarida? Quererás embaraçar, em favor do capricho d'ella, o cumprimento d'esta minha vontade, d'este desejo que ainda me póde fazer, por uma hora, feliz n'este mundo?

— Não... nunca; nem para ganhar o céu — bradou a velha, tomando-lhe freneticamente uma das mãos.

Alvaro poisou-lhe então commovido a outra sobre o hombro.

— Obrigado, Margarida — disse por fim, sorrindo tristemente — já contava com o amor que me tens. Oxalá que d'elle estivesse dependente a minha felicidade, assim como o está a realisação do plano que formei para salvar Manoel.

— Diga, diga, snr. D. Francisco — replicou a velha com anciedade.

— Pouco, quasi nada exijo de ti — continuou elle — apenas aquillo que não posso eu mesmo fazer. Manoel começa a olhar-me com desconfiança. Um caso deploravel fel-o saber quem sou; e esta descoberta e a impossibilidade de lhe satisfazer ás reiteradas perguntas que me faz ácerca da sua familia, tem-n'o desviado pouco a pouco de mim. Mas este desejo agita-o satanicamente. Pensa que lhe vae n'elle a realisação de uma ideia... louca... impossivel — desgraçado rapaz! Mais tarde te revelarei tudo, Margarida; agora não o devo porque não quero affligir-te mais, fazendo-te conhecer toda a medida da desgraça que me persegue.

Alvaro interrompeu-se; mas apoz alguns instantes de silencio, continuou:

— Afóra eu, és tu a unica pessoa, a quem elle póde recorrer n'uma afflicção do coração. N'esta recorrerá por certo. Não lhe desvendes a verdade do seu nascimento, não lhe digas quem é: mas deixa-o entrevêr mais claramente o passado, fortalece-o con-

tra aspiraçoens impossiveis deante da apparente baixeza do seu nascimento, e concita n'elle a ideia de se illustrar por grandes feitos, incendeando-lhe os sentimentos generosos e altivos, que Deus lhe insuflou na alma, e que tu lhe despertaste na infancia.

A estas palavras ouviu-se bater com força á porta, e uma voz que dizia impaciente pelo buraco da fechadura:

— Margarida, abre, abre, que sou eu.

— É elle — disse a velha, estremecendo.

Alvaro poz-se de pé.

— Não convém que me encontre aqui — disse em voz baixa — Vou-me esconder n'aquelle quarto. Não lhe reveles a minha presença, e não te esqueças do que te acabo de dizer. Lembra-te sobretudo que eu estremeço aquelle desgraçado sobre todas as coisas do mundo.

Alvaro escondeu-se dentro do quarto, e Margarida foi abrir a porta ao moço sargento.

Manoel entrou arrebatadamente, e sentou-se da mesma fórma, fitando a velha com olhar brilhante, mas vago. De repente estendeu para ella a mão aberta e espalmada.

— Margarida — exclamou — o mundo acredita que és feiticeira; que lês aqui n'esta mão?

— Vejo duas linhas fundadamente traçadas — replicou serenamente a velha — São os seus dois caminhos da vida. O primeiro vae direito á felicidade; o segundo á desgraça.

— E qual d'elles me impelle o destino a seguir?

— O destino não impelle ninguem; nós sômos que o impellimos a elle. Quem é superior ás paixoens, que enfermam a humanidade, leva-o de rastos por onde deseja; aquelle que se deixa dominar por ellas, esse volita desatinado na furia do turbilhão dos acasos incertos, e desculpa-se, chamando destino ao que é só resultado da propria fraqueza.

Manuel soltou uma gargalhada desasisada. Depois ergueu-se ferozmente, e poz-se a passear agi-

tado na sala, e assim permaneceu para mais de um quarto de hora, balbuciando de espaço a espaço frases extensas, mas de que apenas se podiam perceber palavras soltas de imprecaçoens e de pragas. Por fim dirigiu-se á velha, e obrigou-a a sentar na poltrona; depois tomou-lhe uma das mãos entre as suas, e disse-lhe em tom mavioso e quasi supplicante:

— Margarida, és minha amiga?

— Atreve-se a duvidal-o? Quem foi que lhe serviu de mãe?

— Foste tu. Dizes bem; não pódes deixar de me amar, e se me amas, não me pódes desejar infeliz. Eu preciso saber quem sou — accrescentou de repente, soltando um brado semelhante ao do condemnado, a quem, preso ao pôtro applicam um ferro em braza sobre o peito.— Escuta-me — continuou mais sereno — não me interrompas. Bem sei que vaes responder que não sabes. Já m'o disseste... já m'o repetiste uma e muitas vezes; todas as que t'o tenho perguntado. Mas é que da tua resposta vae-me agora a felicidade, o futuro, a vida, a honra... tudo...

Manoel parou com visivel intento de asserenar a exaltação que o dominava. Margarida fitava-o com o olhar sereno e austero, que lhe era habitual.

— Margarida — continuou elle por fim — repara bem no que te vou dizer. Tu dizes que não ha destino, e eu sinto que elle nos arrasta a nós todos pelos cabellos. Que é isto senão o destino? A minha felicidade está pendente d'um fio bem ténue; tu pódes cortal-o... elle póde anniquilal-o... com uma palavra... com um simples gesto... E recusaes-vos a isso... condemnaes-me com o vosso silencio á eterna desgraça! Até onde pensas que me póde arrastar o desespero?— bradou com novo grito lacerante — E não será isto destino?

— Louco!... louco!— balbuciou a velha, fitando-o cada vez mais austera.

— Louco!— repetiu elle, encolhendo os hombros e sorrindo com amargura — Chamas-me louco

por que busco a felicidade? E tu... e elle... dizeis que me amaes? Que amor!... que amor!...

E depois de curta interrupção, continuou d'esta fórma:

— Margarida, eu amo uma mulher... amo-a com todas as forças da minha alma, amo-a como se ama a felicidade. Sem ella a vida é impossivel para mim. Até hoje tenho-a entretido com as suspeitas do que me parece que sou; de hoje ávante é impossivel continuar assim. É preciso rasgar de todo a verdade, é preciso que eu lhe possa dizer ao certo de quem sou oriundo. Exige-o ella em nome da sua reputação; exijo-o eu em nome da minha honra e do meu brio. Não me digas quem são meus paes, não profiras o nome da minha familia, esconde-me tudo, se assim o queres, se assim o precisas; mas responde-me com certeza ao que te vou perguntar, convence-me de que é verdade a suspeita que ha muito me agita o espirito. Pouco exijo do teu amor, minha querida Margarida; responde-me a esta unica pergunta — nasci nobre?

— Então essa mulher é fidalga?

— É... muito.

— O seu amor é n'esse caso impossivel.

— Nasci, portanto, plebeu... sou filho de um villão?...

— Não; mas os seus pergaminhos não pódem ver a luz do sol. Mancha-os a ignominia de uma grande vergonha.

O rosto de Manoel contrahiu-se medonhamente, e os olhós fitaram-se-lhe no rosto da velha com olhar allucinado e sombrio.

— Tu mentes — disse por fim em voz surda — mentes como elle mente tambem... mentís-me como mentís ao mundo, quando fazeis passar por Alvaro Martins o conde do Sardoal, D. Francisco da Cunha. Tu mentes, Margarida; o que acabas de dizer é calumnia infame e impossivel. Não, não é assim. Se houvesse ahi alguem que nascesse sob o pezo de tamanha infamia, Deus, que é misericordioso, matava-o

logo ao nascer, não lhe deixava sequer abrir os olhos á vida. Tu mentes... mentes, velha; o que me dizes é falso... é impossivel...

E assim dizendo, poz-se a passear allucinado e verdadeiramente fóra de si. Por fim parou em frente de Margarida, e estendeu novamente a mão espalmada para ella.

— Repara bem n'essa mão, feiticeira—disse em voz surda — tu não lêste de todo n'ella o meu destino.

Margarida tomou-lhe machinalmente a mão, sem poder despregar d'elle os olhos.

— Repara bem — continuou — não vês ahi uma terceira linha, mais aberta... mais profunda? Sabes o que ella diz, Margarida?

A velha não pôde responder palavra.

— Diz *assassino*—terminou elle em voz de todo abafada pela paixão.

— Assassino!— balbuciou a velha quasi que imperceptivelmente.

— Assassino, sim; assassino, teu e d'elle—teu, Margarida, que me creaste, d'elle que me recolheu, que me deixou viver, para fazerdes da minha felicidade puro joguete dos vossos caprichos infernaes. Repara bem nas ultimas palavras que me ouvirás antes de eu ser o mais feliz ou mais desgraçado dos homens — continuou em voz solemne e de entoação medonha — Depois d'ámanhã decide-se a minha sorte; depois d'ámanhã irei falar pela ultima vez com ella... com D. Laura de Abranches...

— Laura!— balbuciou aqui a velha com visiveis signaes de pasmo e de terror.

— Dir-lhe-ei que sou nobre — continuou — que sinto que sou nobre, porque a minha alma é nobre e grande, e nobres e grandes são tambem as minhas aspiraçoens e os meus sentimentos. Mas se ella se não satisfizer com isto; se me mandar arredar eternamente de si.... porque tu e porque elle não quereis revelar-me a verdade... Ai de ti e ai d'elle!. . A vingança fará de mim o vosso assassino...

por que não consentirei por mais tempo no mundo quem possa gabar-se de que me tem a felicidade fechada na mão... quem possa brincar impunemente com o meu desespêro e com a minha vergonha.

Assim dizendo, arremessou-se como louco para fóra da sala, e d'ahi a pouco ouviu-se troar a porta de encontro ao batente, impellida pelas forças da raiva e do desespêro.

Margarida ergueu-se com o rosto decomposto pelo terror, que lhe agitava o espirito, e com as mãos cerradas convulsivamente uma na outra, correu para Alvaro, que sahia n'essa occasião para fóra do quarto.

— É Laura... é Laura — balbuciou ella — é a filha do snr. Pero Coelho!...

— E que tem isso?— replicou elle serenamente — Pensas que o não sabia?

— Oh! é a verdadeira infelicidade... é até onde a nossa desgraça podia chegar! A maldição de Deus fulmina-nos por fim!...

— Louca! — exclamou então Alvaro, sacudindo-a pelo hombro — Pensas que o destino seja mais forte do que eu?

Depois apertou a velha com amor contra o peito, e disse-lhe sorrindo:

— Nada receies, minha pobre Margarida; tenho visto muitas vezes o céu mais encarrancado... e nunca tremi.

Assim dizendo, deu-lhe um beijo na fronte, e sahiu.

IX

Quem já se viu com gostos prosperado,
Vendo-se brevemente em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoado.
Mas quem já tem o mundo exp'rimentado,
Não o magôa a pena, nem o espanta;
Que mal se estranhará o costumado.

CAMOENS. Soneto LXXXV.

Em 1757 a Ramada Alta não era o que é hoje. Em logar da edificação quasi interrompida da actualidade, viam-se campos salpicados de arvoredo mais ou menos basto, d'entre o qual destacava aqui e alli uma casa de aldeia ou um quintalejo mais ou menos opulento, propriedade de algum habitador da cidade.

O quintal de Thomaz Pinto era um dos que mais avultava entre todos. Thomaz, que nascera alli tinha tido a mania de afidalgar o cortelho do pae, immundo e pobre jornaleiro da localidade; e, como era um dos mais poderosos taverneiros da cidade, podéra satisfazer o antojo tão abundantemente que o seu quintal era olhado com maus olhos de inveja pelos visinhos, que, se tinham por ventura mais dinheiro do que elle, tinham tambem muito menos coragem para o gastar.

E de véras o quintal de Thomaz Pinto era uma

pequena casa de campo aprazivel e bonita. Os que não sabem que um taverneiro do Porto, dos tempos anteriores á creação da Companhia, pouco menos era do que negociante de vinhos, hão de pasmar de que um tal fosse capaz de ser senhor de propriedade de tal ordem. Enganam-se, porém, redondamente; o taverneiro de então não era como o taverneiro de hoje; e Thomaz Pinto, que era um dos mais opulentos da época, não se lembrava sequer de que a bella casa de campo, que possuia, estivesse acima da sua posição, nem das suas circumstancias pecuniarias. Assim o casebre do pobre diabo jornaleiro da Ramada Alta tinha sido transformado muito naturalmente pelo filho, n'uma elegante casa-terrea commodamente dividida, e collocada quasi ao meio d'um vasto quintal, que na frente da casa era jardim — em todas as épocas amor natural da gente do Porto — e que para a parte de traz, que era a mais avantajada, estava cultivado em hortas e pomar. Todo este terreno estava cercado por um alto muro, erriçado de vidros de garrafa preta, para o qual se entrava por uma porta de rasoavel altura, que tinha aos lados, da parte de dentro, duas janellas de peitoril, com os seus competentes assentos de pedra.

A distancia d'elle, mas inteiramente a descoberto, havia um pequeno bosque de castanheiros e carvalhos, que bordavam, e até invadiam a aba da estrada, que da Ramalda Alta conduz a Ramalde. A sombra d'elle passeava desde a uma hora da tarde o sargento Manoel da Costa, agitado e impaciente, apesar de fazer todos os esforços possiveis para se apresentar naturalmente composto. Apesar de ser pleno fevereiro, passeiava de cá para lá debaixo das arvores, como quem se receiava dos raios do sol, e se achava encalmado com a rija nortada, que de quando em quando varria em lufada o terreno. De espaço a espaço sahiá para a estrada e alongava por ella fóra o passeio; mas, a poucos passos andados, voltava para traz, e vinha parar com o rosto virado para a cidade e alongando a vista pelo caminho adeante.

Eram quasi tres horas da tarde, e a impaciencia e a agitação de Manoel iam dando mais evidentes signaes de si, quando no caminho da cidade assomou uma esplendida cadeirinha, toda franjada de talha doirada, que trazia cerradas as cortinas de setim amarello, e que era precedida por um escudeiro todo empoado e de tricornio sobraçado, e conduzida por dois corpulentos marmanjos, cobertos de capotes em tudo e por tudo da mesma feição, que os que usam os gallegos, proprietarios das nossas cadeirinhas de hoje.

Ao vel-a assomar, Manoel sentiu um sobresalto, que o fez estremecer, e que lhe purpureou repentinamente até á raiz dos cabellos. A cadeirinha dirigiu-se ao portal de Thomaz Pinto, na qual o escudeiro bateu rijamente duas pancadas com uma pedra que apanhou. Minutos passados, a porta entre abriu-se apenas um palmo, e para fóra da porta entre-aberta sahiu curiosa a cabeça de Pascôa Angelica, que espreitou em todas as direcçoens; em seguida a porta abriu-se de par em par, a cadeirinha entrou para dentro, e tudo voltou ao estado primitivo.

Ao vêr desapparecer a cadeirinha, a encarnação do rosto de Manoel foi descahindo pouco e pouco para a pallidez do cadaver, e o pobre moço teve precisão de encostar-se a uma das arvores para não cahir no chão. Por mais de um quarto de hora Manoel esteve assim, com os olhos baixos, desalentado, indeciso e sem coragem para coisa alguma. Aquella cadeirinha, bem o sabia elle, conduzia D. Laura de Abranches. Antes d'ella chegar, o desejo de que viesse, e a desconfiança de que faltaria, tinham-n'o todo agitado e impaciente; mas ao ter a certeza de que ella estava alli, todo aquelle frenesim evaporou-se do espirito do pobre rapaz, que se sentiu apoderado de timidez irresistivel que se sentiu sem valor para se apresentar deante d'ella. De repente os olhos brilharam lhe, e a fronte contrahiu-se-lhe sevéra. Ergueu-se da prostração em que estava, tomou de junto de uma arvore um capote e uma espada, que tinha n'elle

embrulhada, e encaminhou-se para a porta de Thomaz Pinto, a que bateu decidido e com firmeza.

Pascôa Angelica abriu a porta. Antes, porém, de fazer entrar Manoel, vejamos o que se passou entre ella e Laura, depois que esta chegou.

Mal a cadeirinha entrou para dentro da porta, e esta se fechou, Laura sahiu para fóra, e acompanhada por Pascôa, dirigiu-se a uma pequena sala, que ficava no angulo direito da casa, e que tinha por conseguinte janellas para o lado e sobre o jardim, das quaes só estas estavam abertas, mas com as adufas descidas.

Laura, mal entrou, sentou-se. Estava pállida e um pouco agitada, mas no rosto transluzia-lhe resoção inabalavel, e que tinha sido profundamente meditada. Pascôa, que todas as vezes que Laura ia espairecer ao seu jardim, estava habituada a galhofar com ella logo desde a entrada, supposto reconhecesse a solemnidade da occasião, sentiu-se comtudo abalada pela seriedade desusada. Ficou portanto sem saber o que fazer, com os olhos fitos em Laura, que olhava com olhar vago e distrahido para as adufas, entretanto que ia descalçando as luvas brancas de fina camurça ingleza, que lhe trepavam até os cotovellos.

—Elle está alli... debaixo das arvores—aventurou-se Pascôa a dizer.

—Já sei... bem o vi...

—Quer que o chame?

—Não, elle virá.

As duas ficaram então calladas. Laura acabou de descalçar as luvas, e ficou a olhar distrahida para as adufas. De repente arrebentou n'um chôro copioso misturado de amiudados suspiros.

—Oh! minha senhora!... minha querida menina!—exclamou Pascôa, atirando-se de joelhos e enlaçando-a entre os braços, sobresaltada pelo inesperado desfecho d'aquelle silencio.

—O Pascôa, o que eu fiz!—respondeu Laura entre soluços—que loucura!... que loucura!... A

historia de Alvaro Martins está sempre deante dos meus olhos....

—Menina... menina... por Deus! tome animo...

—O que eu fiz!... O que eu fiz! — continuou Laura, entre soluços e torcendo as mãos com desespêro — que loucura a minha!... Que amor atraiçoei!... Desgraçado d'elle! Desgraçada de mim!...

—Laura, minha querida snr.ª D. Laura, eu vou dizer áquelle homem...

—Se ao menos Alvaro estivesse aqui! — continuou Laura, rodeando os olhos desvairados em torno de si. — Eu não sei que tem aquelle homem, mas quando estou junto d'elle, parece-me que tenho o anjo da guarda ao pé de mim. Se ao menos estivesse...

N'isto Manoel bateu á porta; Pascôa poz-se d'um salto em pé.

—Vou dizer-lhe que se vá embora — disse em tom decidido.

—Não, deixa-o entrar; isto deve findar d'uma vez — disse Laura, que estremecera, mas a quem o momento da crise tão receiada déra de repente o valor que as mulheres costumam ter n'estes lances.

Pascôa foi abrir, e Laura enxugou as lagrimas.

—Snr. Manoel — disse Pascôa ao sargento — a menina está lá dentro.

—Muito bem — respondeu elle sêccamente.

—Se soubesse como ella está afflicta!... Tome cuidado, que eu fico perto, e á mais pequena coisa...

Manoel, que caminhava na frente d'ella, encolheu os hombros e sorriu-se ironicamente. Mas este valor era apparente, porque o que era verdade é que o moço sargento, ao transpôr a porta do quintal de Thomaz Pinto, sentira fraquejar o coração, e á medida que se approximava da sala, onde Laura o aguardava, cada vez o sentia mais acovardado. Por fim fez um esforço sobre si, abriu a porta, e apresentou-se deante d'ella.

Laura estremeceu, e voltou-se machinalmente. Os dois ficaram a olhar um momento um para o outro.

— Manoel! — balbuciou Laura por fim em voz trémula e quasi sumida.

— Laura! — respondeu elle, e arrojou-se-lhe aos pés, tomou-lhe uma das mãos entre as d'elle, e fitou-a com os olhos e o rosto resplandecente de todo aquelle amor virgem e romanesco, que o dominava.

Mas os olhos de Laura principiaram a esvaecer-se vagamente e com vista quasi allucinada, e os labios encresparam-se-lhe ao de leve com sorriso cheio de amargura e d'uma quasi ironia tristissima.

Manoel poz-se de pé, e cravou os olhos n'ella com vista sevéra e rude.

— Minha senhora — disse por fim, cortejando — agradeço-lhe o ter cumprido por fim a sua palavra. Talvez que fôra melhor que eu desejasse o contrario; mas um homem de brio não se despede como se despede um cão, e com quanto ainda lhe não possa dizer quem sou, posso com tudo asseverar-lhe desde já que sou nobre, tanto pelo menos como v. exc.ª o é.

— Manoel, por Deus! — balbuciou Laura, pondo as mãos, e cravando n'elle um olhar cheio de afflicção.

— Permitta-me licença, minha senhora — continuou sereno, mas severo — escute-me, e não me interrompa por agora. E preciso que aclaremos bem o caminho que temos de percorrer; é necessario que hoje se defina, d'uma vez para sempre, esta situação, em que o seu capricho me arremessou sem dó e como brincando, e em que me acho ha quarenta dias louco... perdido... desatinado e joguete de desespêro, cuja causa é mysteriosa para mim.

Manoel levou aqui violentamente a mão ao peito, e parou um momento como abafado por crudelissima dôr. Depois continuou sereno e sevéro, como tinha principiado:

— Quando o destino, a desgraça, ou não sei o quê, me arremessou no seu caminho; quando se me infernou no coração este amor, que não sei como foi, mas achou ecco profundo e bem pronunciado no seu, estava eu bem longe de pensar o que ultimamente tem acontecido. Durante tres mezes, minha senhora,

Laura foi para mim o anjo da felicidade, o symbolo do amor que eu sonhava, o paraizo, tudo, tudo que a imaginação póde crear de venturas no céu ou na terra! Que felicidade, que tempo ditoso aquelle! Como era então radioso e brilhante o céu da minha vida! Aquillo sente-se, não se exprime; talvez que nem mesmo os anjos tenham palavras capazes para isso. Oh! se eu tivesse morrido então!...

Manoel parou como fascinado por aquellas recordaçoens, apoz as quaes bem mostrava que lhe avoejava a alma allucinada, tal era o sorriso de angelica doçura que lhe desconfrangia os labios, e que se lhe espraiava para assim dizer por todo o rosto. Laura contemplava-o com tristeza maviosa, e com as lagrimas a descerem-lhe mansamente pelas faces abaixo.

— De repente — continuou o pobre moço como voltando a si — aquella luz radiosa entibiou-se, e aquelle formoso céu começou pouco e pouco a escurecer. Eu não sei porque foi aquillo! Amava-a cada vez mais, Laura; cada vez mais se me affigurava vêr em si um anjo... um anjo... creado por Deus para ser adorado por aquelle amor que eu sentia crescer, augmentar cada vez mais, cada vez mais longe do amor d'este mundo... cada vez mais proximo do amor do céu. E então... foi então... Eu não sei como aquillo foi. Quem ama como eu amava, não comprehende aquillo... É verdade: quando Laura me falava... era a mesma, era Laura, a minha Laura... Mas para me falar, para me querer vêr, era preciso que eu rogasse de joelhos, que pedisse, que ameaçasse... Ameaçar!... eu!... Mas era o desespêro que falava por mim. Oh! que dias crudelissimos aquelles!... Eu não sei porque tudo aquillo se transformou!... Que dias, que horas de dôr... de desespêro... de inferno dentro de mim! Sem a vêr, sem a ouvir, porque ella fugia de me vêr e de me ouvir!... Mas aquelles dias eram ao menos compensados, de quando em quando, por uma hora de verdadeira felicidade. Em fim chegou um dia, e a felicidade cerrou-se de todo e para sempre. Lembra-se

Laura, lembra-se d'aquella noite, em que me impoz um capricho... um impossivel como condição para a tornar a vêr? E chorava... é verdade; senti-lhe cahir as lagrimas. Incomprehensivel! A razão perde-se-me... desatino... E chorava... e não quiz tornar a vêr-me!... E depois sentia-a alegre muitas vezes, contente, ditosa, como se eu estivera junto de si, como se o seu capricho não tivera lançado entre nós um impossivel!... Oh! que amor! que amor! Eu não sei porque foi isto!

E Manoel soltou uma gargalhada de verdadeira ironia, e ficou por um momento a olhar para Laura, sorrindo-se como louco.

— E passaram quarenta dias — continuou finalmente — sem eu a vêr... até hoje! E agora ahi está Laura... ahi está deante de mim. Mas como? A chorar... triste... desgraçada!... Mas porque é isto? Não podemos continuar a ser tão felizes como d'antes? Já nos não amamos? Não sômos nós os mesmos?

— Oh! piedade, Manoel; tenha piedade de mim! — exclamou com afflicção a pobre menina, com as mãos postas, e fitando n'elle os olhos empanados pelas lagrimas.

— Piedade! — exclamou elle, lançando-se-lhe arrebatadamente aos pés — piedade, sim, piedade, mas para mim, que para ti, anjo, só tenho amor que te dar.

O rosto de Manoel exprimia allucinação tão violenta, que Laura teve medo. Desprendeu as mãos de entre as d'elle, e balbuciou em voz trémula:

— Manoel, escute-me... por Deus! levante-se, e socegue.

O pobre moço ergueu-se machinalmente.

— Este amor é impossivel entre nós — disse Laura em voz sumida e a tremer.

Manoel estremeceu, e fitou-a como se a não percebera.

— Eu amo outro homem — continuou Laura balbuciando e como impellida, mau grado seu, por um poder superior — já o amava... antes de o conhecer a si.

A estas palavras, Manoel soltou um grito medonho, e o rosto desfigurou-se-lhe terrivelmente. Tomou Laura pelos braços, ergueu-a n'um momento em pé, e depois, approximando o rosto quasi a tocar no d'ella, bradou em voz surda e por entre os dentes convulsivamente cerrados:

—Então... este amor foi escarneo!...

—Oh! não... não—continuou Laura cheia de terror e deixando cahir a cabeça para traz.

—Foi uma comedia... para te divertires, mulher infame!

—Perdão!... perdão! ..

—Uma zombaria cynica... do sentimento mais nobre... do coração... mulher vil, prostituta da alma!...

E aqui Manoel soltou um grito dilacerante, tirou Laura com força para a cadeira, e cobriu o rosto com as mãos.

—Oh! não... não—disse por fim—não póde ser! Laura, tu mentes; não póde ser... não póde ser...

Depois arrojou-se arrebatadamente aos pés d'ella, e disse-lhe em voz em que o desespêro, a afflicção e a supplica se misturavam horrivelmente.

—Laura... minha Laura adorada... diz-me que mentiste... que me enganaste... que nunca amaste outro homem... que me amas...

—Laura de Abranches não póde dizer isso; se o dissesse, mentia—soaram então do lado da porta estas palavras em voz firme, e de entoação solemne e magestosa.

O moço sargento ergueu-se d'um sallo, tomou com a rapidez do relampago a espada, que tinha lançado para cima d'uma commoda, que estava ahi proxima, e, com ella em punho, correu desatinado para onde tinha soado a voz. De repente estacou.

Em frente d'elle estava Alvaro Martins, com o rosto contrahido pela dôr, mas aguardando-o sereno e sem se mover.

Manoel mediu-o umas poucas de vezes de alto

a baixo; soltou então uma gargalhada de escarneo e de ironia terrivel, correu á janella, arremessou por ella fóra a espada, depois foi-se encostar á commoda, e d'ahi ficou a olhar a scena com aspecto de escarneo e de zombaria diabolica.

Alvaro caminhou direito a elle, e parou-lhe defronte e fitando-o com aquelle olhar d'aguia, que penetrava até o fundo do coração dos mais audazes. Mas o moço sargento não se moveu, e continuou a olhal-o com o mesmo sorriso de escarneo, e com o mesmo aspecto de zombaria.

—Manoel, tu enlouqueceste—disse então severamente Alvaro Martins—Onde estão aquelles nobres e altivos sentimentos, com que Deus enriqueceu a tua grande alma?

—Morreram—balbuciou ferozmente o moço.

—É preciso que resuscitem—replicou Alvaro, tomando-o por um braço.

—Não me toques... não me toques—balbuciou elle por entre os dentes cerrados.

Alvaro cravou espantado os olhos n'elle.

—Manoel—disse então—não vês quem sou? não me conheces, filho do meu coração?

—Diz antes da tua maldição—bradou ferozmente o mancebo, e tornou a recostar-se na mesma posição de escarneo e de ironia selvagem.

Alvaro contemplou-o um momento com o rosto contrahido pela verdadeira dôr que punge n'alma depois balbuciou:

—Manoel!... Manoel!... Deus assim o quer! —accrescentou tristemente.

Dirigiu-se então a Laura, que presenciava esta scena paralysada e quasi estupida de terror.

—Laura, fez o seu dever—disse-lhe elle—Deus a abençoará.

Depois, voltando se de repente para o moço, exclamou solemnemente:

—Manoel, se ainda te restam vestigios dos teus nobres sentimentos de outros tempos, attende-me que appélo para elles pela ultima vez. Laura disse a ver-

dade; este amor é impossivel. Entre ti e ella ha de per-meio um abysmo, que nem Deus nem os homens consentem que se ultrapasse.

— Então quem sou eu? — replicou elle com ironia.

— Tu és filho de um crime — exclamou Alvaro Martins solemnemente e pondo-se repentinamente de pé — Nasceste nobre, tão nobre como ella, mas para esta mulher Deus não te consente mais que um sentimento. Ama-a como irmão, como pae, como protector; e para remires a ignominia do crime que te deu o sêr, e para que Laura se não envergonhe de te ter conhecido, conquista um nome glorioso, faz-te tão famoso por grandes feitos, como foram grandes e famosos os antepassados d'aquella que a desgraça fez tua mãe.

Laura cravou em Alvaro os olhos espantados; Manoel soltou uma gargalhada ferocissima de zombaria; e continuou encostado á commoda, a olhar para elles e a menear escarnecedoramente a cabeça.

N'isto a porta da sala abriu-se de par em par e de subito, e D. Manoel de Lencastre, com as feiçoens descompostas, os olhos a luzirem de colera, e na mão empunhada a espada que Manoel lançára pela janella fóra, appareceu no limiar d'ella.

— Em fim achei-os... a ambos — balbuciou elle por entre os dentes cerrados, e correu arrebatadamente para Laura.

Alvaro Martins atravessou-se de repente deante d'elle.

— D. Manoel, que fazes? — bradou em voz de trovão.

— Deixa-me passar, Alvaro Martins — replicou o moço em voz surda e abafada — Profeta de mau agoiro, é a historia de Richestein que se realisa.

E dizendo, livrou-se de repente do corpo de Alvaro, e apresentou-se junto de Laura, que o olhava como idiota e como fulminada de terror.

— Laura — dise então — olhe para mim. Conhece-me?... Que infamia, que ignominia a minha!... Eu... ter amado a barregã d'um villão!...

Ao ouvir estas palavras, Laura soltou um grito terrivel, e cahiu como morta deante d'elle.

D. Manoel mediu então ferozmente e com desprezo o sargento.

— Villão — disse por fim — a distancia entre nós é immensa; mas o verdadeiro fidalgo não méde distancias, quando se vinga. Toma e defende-te.

Assim dizendo, atirou-lhe aos pés com a espada que tinha empunhada, e desembainhou rapidamente a sua. Manoel fez um movimento de quem queria apanhal-a, mas conteve-se; soltou uma gargalhada de escarneo, e deixou-se ficar encostado á commoda a olhar com zombaria para elle. D. Manoel recuou fascinado por aquella gargalhada extraordinaria; e, ao recuperar-se d'aquelle abalo, achou entre si e o sargento, Alvaro Martins, com a espada em punho, terrivel e feroz como em dia de combate, turgidas as veias da cabeça, os labios contrahidos, os olhos chammejantes, e o rosto livido e esverdeado.

— D. Manoel — bradou em voz terrivel — se dás mais um passo, assassino-te; Manoel da Costa, se tocas n'aquella espada, mato-te.

Depois, como tendo a certeza de ser obedecido, embainhou a espada, deixou os dois em frente um do outro, tomou Laura nos braços, e poz-se a acaricial-a como pae extremoso.

Laura principiou pouco e pouco a voltar a si, debatendo-se porém de espaço a espaço em espasmos e convulsoens nervosas.

— Eis aqui a vossa obra — disse então Alvaro para os dois — eis aqui a vossa obra! E porquê? Loucos, porque vos convencesteis da existencia de um impossivel! Laura nunca amou, nem podia ser amada por elle.

O moço sargento soltou nova gargalhada, e D. Manoel sorriu-se com ironia.

— Este amor era impossivel — bradou então Alvaro Martins como em resposta á duvida dos dois — D. Laura de Abranches — exclamou repentimente apontando para ella — é irmã de D. Luiz de Carva-

lho da Cunha — accrescentou apontando para o sargento.

Ao ouvir estas palavras, Manoel endireitou-se machinalmente, e a expressão de zombaria transformou-se de repente na severidade do orgulho offendido. D. Manoel de Lencastre recuou dois passos atraz, e fitou Alvaro com pasmo e admiração. Laura soltou um pequeno grito, quiz erguer-se, e como não pôde, cingiu Alvaro com os braços pelo meio do corpo, e poz-se a olhar espantada para Manoel.

— Alvaro Martins — disse então D. Manoel — tu zombas de certo de nós.

— Juro-o pela minha honra — replicou Alvaro solemnemente.

D. Manoel contemplou-o um momento, e depois disse com severidade:

— O que dizes é já de si extraordinario; mas agora, n'este momento, só a palavra de um rei o faria acreditavel. E quem és tu, para que eu o creia, só porque ousas asseveral-o?

Alvaro soltou um grito terrivel, e como se lhe tivessem tocado com a ponta de um punhal em chaga dolorosa. Depois passou o braço em torno do pescoço de Laura, e disse em voz solemne:

— Eu sou D. Francisco da Cunha, sou o homem que foi o ultimo conde do Sardoal.

X

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e dôce tratamento
Dará saude a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui dôce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déstes. E vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

CAMOENS. Lusiadas. v. 85.

Alvaro Martins dissera as palavras, com que fechei o capitulo antecedente, em voz de entoação sobre-natural.

Depois de as dizer, o desgraçado, como fulminado pela revelação que fizera, cahiu com desalento sobre a cadeira, que estava junto d'aquella, em que Laura se sentára. Esta mal o ouvira, estremecera, e fitara-o espantada; depois escorregou para os pés d'elle, cahiu de joelhos, e poz-se a contemplal-o com viva expressão de ternura e quasi com adoração.

D. Manoel recuara impressionado como se vira deante de si um espectro; depois dominado pelo repentino d'aquella resurreição e pela expressão da dôr magestosa, que resplandecia no rosto d'aquelle infeliz, foi-se approximando sem o desfitar, e por fim ajoelhou junto de Laura, circulou com um braço o

corpo da pobre menina, e poz-se a olhar com respeito, mas como fascinado para elle.

Em quanto a Manoel, esse ficou recostado á commoda, impassivel e sereno, e com o rosto sevéro e carregado, a contemplar aquelle grupo.

— Vêde, já o sabia!— disse com amargura D. Francisco da Cunha, apontando para elle.

Depois poz-se a olhar os dois amantes com a mais radiante expressão de felicidade, metteu a mão de Laura na mão de D. Manoel, contemplou-os assim um momento, com os olhos banhados das primeiras lagrimas, que ha muitos annos chorava. Por fim voltou-se para o sargento, e disse-lhe com a expressão da fortaleza, de que a alma se sente inspirada quando se é verdadeiramente feliz:

— D. Luiz de Carvalho, de junto d'esta felicidade desafio o teu rancor.

Depois contemplou, por mais alguns instantes, os dois amantes, que estavam ajoelhados aos pés d'elle, enlaçados nos braços um do outro, e disse-lhes em voz dôce, e que reflectia toda a ventura de que se sentia possuido:

— Meus filhos... meus queridos filhos, agora que sabeis quem sou, é necessario tambem que saibais bem a fundo a minha malfadada historia. D. Luiz — continuou, voltando-se para elle — perguntaste-me muitas vezes quem era o plebeu e obscuro sargento Manoel da Costa; vaes sabel-o por fim, vaes ouvir a triste historia da minha e da tua familia. Depois de a saber, has de amaldiçoar a curiosidade, desgraçado!

Alvaro Martins, ou antes D. Francisco da Cunha, visto que n'esta occasião elle proprio se apresenta sem disfarce, ficou por alguns minutos callado, como a coordenar as ideias, e por fim continuou d'esta maneira:

— O penultimo conde do Sardoal teve apenas dois filhos — um filho e uma filha. O filho fui eu, que nasci predestinado para quebrar miseravelmente uma varonia illustre e ininterrompida durante doze

seculos; a filha foi tua mãe, minha querida Laura, que veio a este mundo com o triste condão de pagar com a desgraça a gloria de continuar nos seus descendentes a representação de um grande nome.

— D. Pedro da Cunha, meu pae, era homem austero, rude e imperioso, como deviam ser os despóticos e turbulentos ricos-homens, de quem se ensoberbecia de ser descendente. Egualava em forças Diniz de Mello, conde das Galveas, e em coragem André de Albuquerque, os quaes conhecêra pessoalmente, e de cuja gloria falava com tão illustre inveja, como era exaltado o enthusiasmo com que narrava os acontecimentos da batalha de Montes-Claros, batalha que consolidou a obra de 1640, e em que elle, com dezeseis annos apenas de edade, cahiu coberto de feridas, obrando prodigios de valor, que lhe mereceram os elogios do marquez de Marialva, e até os do proprio conde de Schomberg. Fez depois toda a guerra da successão de Espanha até á batalha do Almanza. N'esta ficou coberto de feridas no campo, d'onde foi retirado sómente no dia seguinte e trazido, despedaçado e quasi cadaver, para Lisboa. O abalo, que minha mãe soffreu, ao vêr o marido n'aquelle estado, adeantou a época natural do meu nascimento. Nasci quasi abôrto, nasci como devia nascer o homem predestinado para joguete de tamanhas e tão extraordinarias desgraças.

— O caracter de minha mãe era em tudo e por tudo o reverso do genio e da indole de meu pae. Como disse, o penultimo conde do Sardoal era duro, imperioso, e naturalmente guerreiro e amigo da vida agitada dos grandes acontecimentos; minha mãe, pelo contrario, era meiga, piedosa e lhana, e só se lembrava da sua fidalguia, no que egualava o marido, não para se ensoberbecer e tratar duramente os outros, mas para proteger os pobres e consolal-os nas afflicçoens. Esta differença tão saliente de genios tornava-se sobretudo salientissima na maneira por que os dois eram considerados pelo povo, especialmente nas povoaçoens, onde temos propriedades. Meu

pae era olhado e temido como tyranno; minha mãe amada e respeitada como santa.

— Da circumstancia que acabo de apontar-vos, tambem podeis tirar em conclusão, meus queridos filhos, que a união de dois genios tão oppostos não podia ser inteiramente feliz. E na verdade era assim. Meu pae tinha casado com minha mãe em 1701. Tinha então cincoenta e nove annos de edade, e ainda mesmo que aquelle genio rude fôsse capaz de se deixar vencer do amor, a edade já não era muito azada para elle. O casamento foi puro accordo de interesses de familia; os quaes lançaram uma pobre menina de dezoito annos de edade, que tantos tinha minha mãe quando casou, nos braços de um velho soldado, de genio tarimbeiro, que a recebeu como obrigação, que a sua posição social lhe impunha, e que em logar do amor e dos carinhos que o coração e o genio d'ella anhelavam, lhe deu unicamente o respeito profundo, mas frio e grosseiro, que a uma senhora muito fidalga era incapaz de negar o soberbo descendente de trinta avós nobilissimos, que vivera desde a infancia nos acampamentos, e que nascera pouco azado para as delicadezas da côrte.

— Este casamento não podia ser em verdade feliz. Meu pae não via na esposa outra coisa mais do que uma fidalga illustre, que com elle se unira com o fim de ambos contribuirem para a continuação de um grande nome. Minha, mãe, essa... Nunca da bôca d'aquella santa sahiu uma só palavra, que intentasse censura dos ignobeis interesses que lhe sacrificaram o futuro; mas aquella serenidade triste, que de continuo lhe assombreava o rosto, aquelle respeito glacial e inteiro, com que correspondia á frieza e á dura austeridade dos modos de meu pae, diziam tudo, apesar da magestade com que aquella nobre e santa mulher se esforçava por occultar o que soffria, vendo-se obrigada a recalcar no coração aquelle amor todo poesia, e aquella doçura angelical, com que Deus lhe formára o espirito. Durante quatro annos a unica compensação que Deus lhe

concedeu, foi o amor dos seus pobres, e, perdoem-me as cinzas de meu pae, a ausencia d'aquelle grosseiro marido, que a abandonou quinze dias depois de casado, para ir de novo tomar parte na campanha. Durante este tempo apenas esteve dois mezes em Lisboa, onde viera a negocios do exercito. No fim d'elles partiu, deixando a esposa gravida, e promettendo-lhe com o primeiro sorriso, que ella lhe viu nos labios, que voltaria quando chegasse a occasião de abençoar o futuro representante da casa do Sardoal.

— A ideia de que ia ter successor, de que n'elle não terminaria o nome illustre que herdára de tantos avós, commoveu-o com verdadeira satisfação. Disseram-me depois alguns dos seus camaradas d'essa época, que não falava então de outra coisa, que andava para assim dizer no ar, que despedia a cada passo correio sobre correio para Lisboa, e que emfim já o não viam arriscar-se aos perigos com aquella brutalidade e aquelle esforço cégo e quasi estupido, com que d'antes costumava lançar-se caprichosamente no coração dos combates.

— Com effeito oito mezes mais tarde appareceu em Lisboa, e veiu atormentar minha mãe com mil cuidados grosseiros e mil praticas plebeiamente supersticiosas. Não era por ella que o fazia; era tudo com a mira em não ser burlado na esperança lisongeira, e em que se revia, de que ia dar successor ao seu nome. O dia do parto chegou finalmente. Se o alarido e a vozearia destemperada matassem as mulheres n'estes lances, minha mãe morreria de certo; tal foi o barulho e o destempêro que meu pae fez, tudo com a ideia de que não faltasse a menor coisa para que fôsse feliz o nascimento do seu successor. Por fim nasceu elle, mas quando o levaram a meu pae, ficou como morto. Alli estava o successor da sua casa, alli tinha a certeza de que continuaria além d'elle o nome illustre que herdára; mas o successor não era filho, era filha; não era varão, era fêmea! Meu pae abençoou-a com mau modo, mandou preparar o

cavallo, e partiu immediatamente para o exercito, sem mesmo se despedir da mãe de sua filha. Tinha cahido verdadeiramente das nuvens; tinha successor, é verdade... mas fêmea!

— Tres mezes mais tarde viu-se obrigado a voltar a Lisboa; e passados mais sete mal completos entrou por fim de vez em sua casa, despedaçado pelas gravissimas feridas que recebera na batalha do Almanza. Nasci eu então. Quando me levaram ao leito, em que elle jazia moribundo, perguntou se o recem-nascido era varão, se era femea. Ouvindo dizer que era varão, ergueu-se de repente, tomou-me nos braços, beijou-me na bôcca, abençoou-me solemnemente, e declarou logo que não morreria d'aquellas feridas. Ao abalo, que a noticia lhe causou, attribuiram os medicos o ter elle escapado da morte; mas fôsse por influencia d'elle, ou fôsse em razão da solidez d'aquelle organismo de ferro, o que é certo é que tres mezes depois estava inteiramente restabelecido de ferimentos gravissimos, que n'outro levariam a curar um anno, e que talvez se não curassem de todo.

— Com a educação de minha irmã Leonor nunca meu pae se embaraçou em tempo algum; mas em respeito á minha foi preciso muito de Deus para que n'ella se não mettesse desde logo a legislar á sua moda. Mal fiz um anno, principiou a influenciar directamente na minha educação physica. O seu modelo era Henrique IV de França, de quem tinha ouvido contar prodigios e até impossiveis. Imaginae, pois, como fui educado. Tive porém a felicidade de escapar d'aquella primeira tormenta, e por conseguinte, ao entrar na puberdade, appareci com o vigor e com a robustez propria de quem tinha escapado de tão rude provação. Aos quinze annos poucos homens se podiam experimentar commigo, nem em forças, nem em exercicios varonis. Montava todos os cavallos por mais ardegos e fogosos que fôssem, atirava á barra, jogava as armas, nadava contra as correntes, e bebia e jurava como qualquer sol-

dado de leva. Revia-se meu pae na sua obra, mas tratava-me sempre com dureza e com asperidão. Tal era, porém, a força dos habitos e do caracter, que aquella educação me formára, que, apesar do respeito que a rudeza de meu pae me incutia, nunca lhe tive medo, e por mais de uma vez lhe affrontei de cara a cara a vontade, e lhe oppuz ao genio caprichoso um outro não menos indomavel que o d'elle.

— Tinha eu acabado de fazer vinte annos, quando meu pae morreu. Ao abrir-se o testamento que deixou, leu-se n'elle uma disposição, que encheu de espanto toda a gente, e me indignou a mim. Meu pae deixava-me emancipado, e pedia a el-rei que sanccionasse aquella disposição, *por que*, dizia elle, *não só meu filho tem todos os predicados precisos para se portar como homem, mas além d'isso a snr.ª condessa, falando com respeito devido á sua fidalguia, é incapaz de ser tutora d'aquelle que tem de representar, como cumpre, a casa dos condes do Sardoal.*

— A razão d'esta disposição extravagante era não só a antipathia, que havia entre o caracter dos dois esposos, mas, e principalmente, a recordação de um facto, que anno e meio antes tinha tido logar.

— D. Leonor da Cunha, minha irmã, tinha a belleza e a doçura da nossa querida mãe, e, como ella, nascera tambem com a necessidade de amar pelo coração, de amar com todas as potencias da alma. A educação, que recebera, tinha desenvolvido n'ella estas excellentes qualidades, tão proprias de uma senhora, e ao mesmo tempo tinham-lhe imprimido no espirito altos e nobres sentimentos, e aquella dignidade magestosa, a que a desgraça e a nobreza da resignação tinham elevado a sua querida educadora. Aos dezoito annos Leonor era um typo verdadeiramente ideal. Era formosa como tu, Laura — como tu a quem, para seres de todo o fiel transumpto d'ella, falta apenas aquella expressão de melancolia profunda, mas serena e resignada, que lhe reflectia

docemente das feiçoens, e que era resultado de certo da contínua contemplação da tristeza da nossa mãe com quem vivia intimamente, mais como irmã do que filha.

— A vida d'ellas era quasi rigorosa clausúra. Meu pae rarissimas vezes ia ao paço, e ainda mais raras frequentava os saraus, que eram n'essa época frequentes na côrte. Era elle homem de poucos amigos. Não lhe déra Deus genio capaz de associar-se com a época em que nascera; e esta circumstancia e o orgulho quasi brutal, com que tratava toda a gente, arredavam d'elle ainda os parentes mais chegados. D'esta insociabilidade as verdadeiras victimas eram minha mãe e minha irmã, que em quanto a elle nem mesmo julgava possivel soffrer-se com aquelle isolamento. Era muito feliz porque me via capaz de arcar braço a braço com um toiro ou com um leão, porque podia ralhar despoticamente com os creados e com os caseiros, porque era obedecido humildemente, por que só eu tinha audacia bastante para montar os seus cavallos quasi selvagens, e por que em fim podia desabafar com a coiraça, de que usára em Montes-Claros, o despreso que sentia pela geração que á d'elle tinha succedido.

— Pela minha parte vivia pelos saloens, e alimentava-me de rixas e de turbulencias de toda a ordem. Aos dezesete annos emancipei-me de facto da tutéla de meu pae. Reagiu elle ao principio; mas depois que viu, n'uma toirada, matar um toiro furioso que tinha despedaçado não sei quantos homens e cavallos; e depois que soube, por duas ou tres vezes, que eu tinha espancado a ronda, acutilado uns poucos de homens de noite, e feito fugir, n'uma romaria fóra de Lisboa, o povo que n'ella se juntára, e que tinha querido vingar em mim um desacato que eu e alguns amigos tinhamos commettido, resignou-se, deu-me por homem completo, e por conseguinte nunca mais me pediu satisfação dos meus actos.

— Entretanto que vivi sob a influencia directa de meu pae, nunca elle me deixou approximar muito

de minha mãe nem de minha irmã. A vida, que depois vivi por minha conta, arredou-me quasi que totalmente d'ellas. Apesar d'isso, e apesar de não saber apreciar bem n'essa época a triste sorte, a que o genio de meu pae, condemnára aquellas duas pobres mulheres, sentia por ellas certa affeição indefinida, mas profunda de véras mas instinctiva e tão forte, que o fazia irritar a elle pela maneira virulenta, com que muitas vezes lhe acoimei a frieza e o isolamento, com que as tratava, e em que as tinha. O acontecimento, porém, que deu causa á disposição testamentaria de que falei, fez-me approximar intimamente d'ellas, rompendo entre mim e meu pae um antagonismo que durou até á morte d'elle. Este facto, de que brotaram todas as desgraças da nossa familia, foi como vos vou contar.

D. Francisco parou alguns minutos, e depois continuou assim:

— Sebastião José de Carvalho e Mello era n'essa época mancebo quasi que desconhecido, e do qual não havia quem suspeitasse sequer que havia de ser um dia o ministro das mercês de el-rei D. José e o verdadeiro rei absoluto de Portugal. E comtudo havia já n'elle todo o preciso para justificar qualquer adivinhação n'este sentido. Era moço na flôr da edade, de bello aspecto, de costumes austéros, de porte soberano e de altos pensamentos. Pertencia ao exercito, mas, por influencia de D. Luiz da Cunha, nosso embaixador em Londres, tinha já sido empregado em alguns negocios diplomaticos, nos quaes demonstrára profunda intelligencia e alta perspicacia.

— O acaso fez travar entre mim e este homem estreita amizade. Encontrei-o um dia quasi victima de uns poucos de assassinos assalariados, e salvei-o da morte. Desde então nunca mais deixámos de nos considerar como dois verdadeiros irmãos; infelizmente, porém, esta amizade, incontestavel deante de mil provas de dedicação que me deu, nunca o obrigou a abrir-se inteiramente commigo e a fazer-me confidente dos factos da sua vida mais particular. Ou fôsse

em razão do caracter cerrado e pouco communicativo com que Deus o dotou, ou fôsse por que a minha leviandade lhe não inspirasse confiança, o que é certo é que eu ignorava a vida intima d'aquelle homem tanto como qualquer outro que d'elle nem ao menos tivesse ouvido falar.

— E comtudo Sebastião José de Carvalho era o amante querido de D. Leonor da Cunha, que amava, e por quem era amado extremosamente; era protegido por minha mãe que o estimava, e, o que é mais, os assassinos, de que estivéra em pontos de ser victima, tinham sido assalariados por ordem de meu pae, que, irritado por vêr passar aquelle moço frequentes vezes na rua e olhar-lhe para as janellas mais a miudo do que o seu orgulho podia soffrer, tinha dado ordem ao mordomo para o vigiar de noite, e mandal-o espancar rijamente para lhe castigar a ousadia de fitar os olhos audaciosos nas paredes da casa do conde do Sardoal. O mordomo exorbitára das ordens que recebera; comtudo na assallariação dos assassinos e na tentativa contra a vida de Sebastião de Carvalho, satisfizéra em parte, como vêdes, as ordens despóticas do amo.

— Tres mezes depois d'isto parti para o Minho. Eu andava então de amores com uma menina, formosa como tu, querida Laura... bella como tua mãe, de quem era amiga extremosa... que Deus fadára para ser annos depois condessa do Sardoal, e para ser mais tarde...

A voz de D. Francisco fôra pouco e pouco enfraquecendo ao dizer estas palavras. Ao chegar ás ultimas, extinguiu-se-lhe em um cicio, e o desgraçado deixou pender a cabeça sobre o peito, e empallideceu como um cadaver.

— Meu tio... meu querido tio!...— disse Laura com os olhos arrasados de lagrimas e beijando-lhe muitas vezes as mãos.

— Alvaro... D. Francisco!— balbuciou D. Manoel de Lencastre, sentando-se ao lado d'elle, e pondo-lhe commovido a mão sobre o hombro.

D. Francisco ergueu repentinamente a cabeça, e fitou-os com olhar sereno e cheio de dignidade. Depois continuou com voz firme, mas em tom rude e decidido:

— N'essa occasião a familia da snr.ª D. Marianna de Alvim partiu para o Minho, para onde a chamavam grandes interesses de familia. Parti apoz ella. Tres mezes depois recebi de Lisboa uma carta que pela letra do subscripto reconheci que era de Sebastião de Carvalho. Abri-a. Carvalho contava-me n'ella francamente os seus amores com minha irmã, as provas de verdadeira amizade que tinha recebido de minha mãe, e perguntava-me por fim se o julgava digno de ser esposo de D. Leonor da Cunha.

— Sebastião de Carvalho não pertencia á primeira nobreza, aquella nobreza de que o velho conde do Sardoal se imaginava unico representante; mas tambem não pertencia á ultima, e os seus titulos de fidalguia eram realçados pela generosidade do seu caracter, pela sua reputação de diplomata, e sobretudo pela verdadeira amizade que eu tinha por elle. Respondi-lhe, pois, que não só o julgava digno de ser esposo de Leonor, mas até que seria para mim inapreciavel felicidade o poder chamar-lhe irmão.

— Passaram dois mezes, durante os quaes não tive noticias de Lisboa. Já começava a impacientar-me de véras, quando um dia desmontou á minha porta um correio, que mostrava ter andado sem parar e a toda a brida, e que me entregou uma carta de Sebastião José de Carvalho. Dizia apenas estas palavras, pouco mais ou menos:

«D. Francisco, se prezas tua mãe e tua irmã, vem salval-as de uma grande desgraça.»

— Fui ter com D. Marianna, mostrei-lhe a carta, e incitado pelas lagrimas que ella derramava pela amiga e espicaçado pelos proprios cuidados, montei immediatamente a cavallo, e em tres dias, corri pela posta sessenta e sete legoas, sem parar até Lisboa. Tudo soube então.

— Sebastião de Carvalho, persuadido pelo amor

de Leonor e animado pela protecção de minha mãe, apresentára-se a meu pae a pedir-lhe a filha para esposa. O velho conde do Sardoal já era mais que octogenario. Mas pouco a edade lhe havia roubado do vigor primitivo, e esse mesmo pouco que perdera, fôra compensado em soberba e em irritabilidade de espirito. Ao ouvir o pedido de Carvalho, pareceu-lhe que estava sonhando, que era victima de pesadêlo agoniador. Mas, reconhecida a verdade, perdeu a cabeça, e inspirado pela soberba e pela vaidade dos seus pergaminhos, respondeu á proposta com insultos e com ameaças, e mandou sahir immediatamente da sua presença o homem, que se atreveu a fazer-lh'a.

— Esta recusa soberba e insolente feriu profundamente o justo orgulho do nobre mancebo. — «Desde aquelle momento — disse-me elle, dias depois da minha chegada — o meu casamento com D. Leonor tornou-se impossivel; para ter logar, era preciso que teu pae me pedisse perdão de joelhos, e que, sobretudo, eu me chegasse a convencer de que era tão nobre como ella.» — Eram duas circumstancias estas, meus filhos — accrescentou D. Francisco — ambas tão impossiveis de realisar, como o dar vida a um cadaver, ou chegar lume á polvora sem que ella se incendeie em explosão.

— Bem longe de pensar em reparar o que tinha feito, meu pae não cuidava em outra coisa senão em como se havia de vingar, e sobretudo em como havia de prevenir a possibilidade de realisar-se, contra sua vontade, uma união que reputava desairosa. O tão falado casamento do célebre pintor Vieira acontecera poucos annos antes, e meu pae empenhava-se em embaraçar, por todas as fórmas, que se désse na sua familia acontecimento egual áquelle. A proposta de Sebastião de Carvalho irritou-o violentamente contra minha mãe e contra minha irmã; e foi precisa toda a dignidade e toda a altivez d'aquella, para conter os impetos da cólera selvagem do velho e rude soldado de Montes-Claros e do Almanza.

— Mas o velho conde do Sardoal não era homem que desabafasse a ira sómente em palavras. Era-o de acção como poucos, e, depois de conceber qualquer plano, não socegava um minuto até o realisar. Aos olhos d'elle aquelle casamento era verdadeira deshonra, mancha indelevel no brazão da nossa familia. Tornal-o portanto impossivel, foi desde logo a sua resolução inabalavel. A primeira ideia que teve foi obrigar minha irmã a tomar o habito de freira; mas, vendo-se contrariado pela altiva pertinacia com que minha mãe se negou a ser cumplice de tão barbaro sacrificio, tomou outra resolução, contra a qual era impossivel affrontar a mesma resistencia.

— Meu pae tinha tido um irmão mais novo, que casára quasi na infancia, e que morrera aos vinte annos, deixando atraz de si um filho, herdeiro do rico morgado de que a mãe fôra senhora. Este homem, que n'esta occasião já tinha mais de cincoenta annos de edade, era nobre, soberbo e feroz como meu pae, com quem vivia em estreita amizade, em razão da semelhança dos genios, e da veneração com que humilhava o seu deante das cans do velho conde. Foi n'elle, pois, que meu pae procurou a possibilidade de realisar a resolução que tomára. Propoz-lhe, e persuadiu-o a casar com minha irmã, em nome da honra da familia ameaçada; e, depois de conseguir o consentimento d'elle, o que lhe foi mais que facil, porque meu primo era tão soberbo e tão zeloso da fidalguia da familia como meu proprio pae, ordenou a minha irmã para que se preparasse para o casamento. Nem rogos, nem lagrimas poderam com elle coisa alguma; e com o projectado noivo tambem foi inefficaz o appêlo, que minha mãe fez corajosamente para a honra e para a dignidade d'elle. O conde do Sardoal nunca sentiu por Leonor nem mesmo a affeição rude e grosseira que sentira por mim; e D. Filippe de Souza, meu primo, era incapaz de sentir coisa alguma, que não fôsse a opinião, que meu pae lhe presuadira, de que aquelle casamento era preciso para salvar a honra do brazão do Sardoal.

— N'esta época minha mãe e minha irmã recorreram á protecção de Sebastião de Carvalho. O primeiro pensamento d'elle foi matar D. Filippe, e depois raptar Leonor. Conteve-se, porém, deante da ideia de que o mundo apregoaria meios de se ligar com uma familia illustre, o que era apenas inspiração do amor extremoso e da compaixão que sentia por aquella pobre menina. Tomou portanto a resolução de escrever-me, reservando-se, porém, o direito de intervir n'aquelle monstruoso sacrificio, se por ventura eu não o quizesse fazer.

— «O dia mais cruel da minha vida — disse-me elle depois—foi aquelle em que luctei indeciso entre o amor e o orgulho, que ambos me dominavam com egual força, e com egual violencia. Oh! estes fidalgos!... estes fidalgos da côrte!... odeio-os! Espero em Deus que hei de ainda ter uma hora, em que os hei de esmagar com despreso, e fazer arrastar de rôjos deante de mim, mais humildes do que os mesmos villãos.

— Cheguei a Lisboa tres dias antes do projectado para a celebração d'aquelle nefando casamento. Mal desmontei, corri, primeiro que tudo, ao quarto de minha mãe. Achei-a abraçada com minha irmã, ella serena e com os olhos sem lagrimas, como quem estava affeita a soffrer no coração sem que o rosto désse signaes do soffrimento; e a minha pobre Leonor pállida, perdida em afflicção dolorosa, e abafada em lagrimas e soluços.

— «D. Francisco — disse-me minha mãe — teu pae obriga Leonor a casar com D. Filippe. O casamento é de hoje a tres dias.

— Minha mãe disse-me apenas estas palavras; mas foram bastantes. Puz os olhos no rosto d'ella, fitei depois o de Leonor, e comprehendi tudo. Senti-me de repente apossado de uma raiva satánica e inspirado por ella corri furioso ao quarto de meu pae.

— Abri a porta de repellão, e com a força inspirada pelo demonio de que ia agitado. O conde estava

conversando com D. Filippe. A minha apparição repentina e o meu aspecto enfurecido fizeram profundo abalo nos dois.

— «Snr. conde — disse eu em voz abafada pela colera — chego, graças a Deus, ainda a tempo para embaraçar a realisação de um crime projectado por um velho insensato e approvado pela alma negra de um miseravel. D. Filippe, és um infame... és um villão...

— E dizendo, assentei-lhe em cheio uma bofetada na face.

— Meu primo soltou um grito de raiva, e arremessou-se sobre mim com a espada empunhada; meu pae correu ao logar onde tinha a sua, que tirou da bainha com raiva egual á d'elle. Antes, porém, de se poder juntar em auxilio de meu primo, desarmei este, e, tomando-o pela góla da casaca, arrastei-o ao alto da escadaria do nosso palacio, e atirei-o por ella abaixo, gritando aos creados:

— «Ponham-me fóra esse villão a chicote.

— A queda foi fatal a D. Filippe. Levantaram-n'o desanimado, e conduziram-n'o a casa n'uma das nossas cadeirinhas. Vinte dias depois morreu victima da raiva e do odio, que d'elle se apossára em frenesim.

— Eu voltei para junto de meu pae. O velho conde estava sentado, impassivel e sereno, em uma poltrona; e a espada que empunhára, estava para o lado, do chão, mostrando que tinha sido arremessada com raiva.

— Dirigi-me a elle, e disse-lhe rudemente e com imperio:

— «Snr. conde, a velhice extrema fez-lhe perder o juizo. Em outro tempo v. exc.ª não praticaria uma acção d'estas. Avise-se pois que nos dê mais razoens de pedirmos a el-rei que lhe nomeie tutor para a sua segunda infancia.

— E depois de um momento de reflexão, continuei:

— «D. Leonor ama Sebastião José de Carvalho, e eu prezo-o como devo prezar um homem, que é

nobre porque nasceu nobre, e porque é inspirado por altos e generosos espiritos que são mais do que a fidalguia do nascimento. Este casamento ha de fazer-se...

— «Nunca!... nunca! — balbuciou elle em voz abafada pela soberba e com os olhos incendiados, mas sem se levantar da cadeira.

— «Ha de fazer-se — bradei então inteiramente perdido da cabeça — ha de fazer-se... que o quero eu, e que o exige a felicidade de Leonor. Ha de fazer-se, porque o futuro de minha irmã não ha de continuar a ser por mais tempo joguete de caprichos ignobeis de um velho tonto e descoroçoado.

A intenção, com que eu disse aquellas palavras, era santa; mas não era assim que devia tratar meu pae, nem as cans venerandas de um velho. Na minha desgraça Deus attendeu tambem á punição d'este crime.

A estas palavras, D. Francisco parou em nova pausa, durante a qual se conservou engolfado em profunda meditação.

XI

Em tanto preparai a tanta magoa
Pezar nos coraçoens, nos olhos agua.

V. M. DE QUEVEDO. Aff. Africano. Cant. IV.

Em seguida o conde continuou assim:

—Ouvindo-me dizer aquellas palavras, meu pae fitou-me com olhar tão feroz e soberbo, que bem mostrava que, por estar affeito a ser obedecido cegamente, duvidava da realidade do que estava acontecendo. Mas aquelle olhar soberbo e imperioso não me fez o menor abalo. O velho conde do Sardoal educara o filho para ser capaz de desprezar maiores influencias ainda. Voltei-lhe pois as costas, e corri a casa de Sebastião de Carvalho.

—A minha presença tirou-lhe, para assim dizer, uma grande montanha de cima do peito. Leonor já tinha quem a defendesse, já não precisava de ser protegida por elle. Mas em que estado fui achar aquelle moço generoso! Nas feiçoens naturalmente austeras e incapazes de atraiçoar o espirito, havia comtudo n'aquella occasião não sei que reflexo singular de magoa profunda, de afflicção, que lhe dilacerava a

alma. Contei-lhe tudo, e terminei chamando-lhe esposo de D. Leonor, e abraçando-o como irmão.

—O orgulho de Sebastião de Carvalho entumeceu-se ainda mais com a narração que lhe fiz do acontecido entre mim e meu pae. Disse-me então o que já vos contei ácerca do impossivel, que considerava surgido entre elle e a sua querida Leonor. Combati tenazmente aquella ideia, mas debalde. Carvalho foi inabalavel, e eu nem mesmo me achei com direito de me considerar offendido por aquella resolução, por que presenciava uma a uma todas as torturas do meu pobre amigo, ao sentir o brio recalcar-lhe, pedaço a pedaço, no coração o amor immenso que tinha pela minha desgraçada irmã.

—Voltei a casa, e dei parte a minha mãe e a Leonor de tudo que tinha acontecido. Leonor ouviu a resolução que o brio inspirara a Sebastião de Carvalho, resignada e orgulhosa de ter amado um homem capaz de abrigar tão nobres pensamentos. Minha mãe foi injusta pela primeira vez na sua vida. Áquelle sentimento de brio e de pundonor chamou soberba malcabida e prova radical de que aquelle amor não era amor, mas puro capricho. Depois voltou-se para Leonor, e aconselhou-lhe que esquecesse aquelle homem como indigno de ser amado por ella com o santo e poetico amor, que lhe dedicara. Como bem podeis prevêr, pouco fiz para o defender d'aquellas accusaçoens. A occasião não era deveras zada para isso. Sahi d'alli, e recolhi-me ao meu quarto para viver n'elle durante anno e meio a vida mais aborrecida que vivi, antes que a desgraça me fulminasse de todo.

—Trinta dias depois Sebastião de Carvalho partiu repentinamente para Inglaterra, sem mesmo se despedir de nós. Leonor tinha ido pouco e pouco descahindo em certa atonía moral, que a tornara indifferente a todas as coisas d'este mundo. Seis mezes mais tarde, meu pae propôz o casamento d'ella com Pero Coelho de Abranches, com teu pae, minha querida Laura, que havia pouco tempo que chegara da

America, e com quem eu me tinha ligado intimamente.

—Minha mãe declarou-se a favor d'esta união; Leonor disse que estava por tudo, e respondeu á paixão louca, que teu pae concebera por ella, declarando-lhe que não podia prometter-lhe mais do que ser-lhe esposa fiel e dedicada. Todas as difficuldades estavam portanto vencidas; restava uma só — o conseguir o meu consentimento, que depois do que tinha acontecido era considerado por todos como indispensavel.

—Depois d'aquelle dia fatal, em que tão criminosamente me houve para com meu pae, nunca mais tornámos a dar palavra um ao outro, e se acaso nos encontravamos, elle passava por mim como se me não visse, e eu cumprimentava-lhe a sombra, deixemme servir d'estra fraze. Foi portanto minha mãe que veiu ao meu quarto dar-me parte do projectado casamento, e consultar a minha approvação. Respondi-lhe com rudeza que me admirava da facilidade, com que ella e minha irmã haviam esquecido Sebastião de Carvalho, e disse-lhe terminantemente que, apesar de ser intimo amigo de Pero Coelho, oppôr-me-ia com todas as forças a tal união, entretanto que me não certificasse de que Sebastião de Carvalho abdicava todo o direito, que tinha á mão de D. Leonor da Cunha.

—Ninguem se oppôz a esta exigencia. Fiz partir immediatamente para Londres um proprio com uma carta para Sebastião de Carvalho. Contava-lhe n'ella todo o succedido, e pedia-lhe que me communicasse a sua resolução definitiva áquelle respeito. Mez e meio depois chegou a resposta. N'ella se liam estas palavras:

—«És amigo leal e verdadeiro fidalgo, D. Francisco da Cunha; mas cumpre ao socego de nós ambos que esqueçamos de todo o passado. Em Sebastião de Carvalho não deves tornar a imaginar mais do que um amigo dedicado e capaz de por ti sacrificar tudo o que lhe é mais caro — tudo, menos a honra.

— Esta resposta arrancou pela raiz todos os motivos do embaraço que eu punha. Realisou-se o casamento; D. Leonor foi finalmente esposa de Pero Coelho de Abranches. Quatro mezes depois o conde do Sardoal morreu. A razão d'aquella singular clausula testamentaria está nos factos que narrei. D'ella deduzi em conclusão — que meu pae nunca perdoara a minha mãe a protecção que dera a Sebastião de Carvalho, e que o orgulho de vêr em mim digno successor a seu modo, fizera esquecer ao pae a affronta que recebera do filho.

— Minha mãe sobreviveu apenas tres mezes ao marido. Um anno depois da morte d'ella casei eu com a snr.ª D. Marianna de Alvim.

Aqui D. Francisco parou novamente, e depois de brevissima pausa continuou assim:

— Durante anno e meio fui o homem mais feliz d'este mundo, e tenho a consciencia de que minha esposa me acompanhava n'esta felicidade. Minha irmã não era porém tão ditosa; a sorte que tivera minha mãe, parecia que seguia apoz ella ainda que por differente caminho. Pero Coelho de Abranches era homem de excellente coração e de opinioens verdadeiramente fidalgas; mas era amigo dos prazeres, do arruido da côrte, respirava sómente folguedos e divertimentos. Sabeis a historia e a educação de D. Leonor, e por isso podeis imaginar quão pouco a minha desgraçada irmã o podia seguir nos vôos d'aquelle caracter todo agitação e todo rosas. Os primeiros tres mezes Pero Coelho viveu unicamente para a esposa, mas por fim acordou n'elle aquella imaginação que Deus lhe déra, e acordar e arremessar-se apoz as phantasias que sonhava foi tudo um. Pero Coelho amava a esposa de todo o coração, por isso esforçou se para arrastal-a comsigo para o turbilhão, em que a vida lhe era sómente agradavel. Mas Leonor não podia — coitada! — e o marido cançou-se por fim de luctar contra aquella melancolia dôce e resignada, que era a feição principal do caracter de minha pobre irmã. Por fim aborreceu-se, e deixou-a só com a sua

tristeza e com as recordações do passado, que este abandono tornou mais crueis e mais vivas

— O caracter romanesco e imaginativo da snr.ª condessa do Sardoal comprehendeu, primeiro do que eu, esta desgraçada situação da sua querida amiga. O que Pero de Abranches fazia á esposa por causa do seu amor pela vida airada, fez-m'o a snr.ª D. Marianna a mim por causa de minha irmã. Quasi me abandonou para viver inteiramente para ella, e com ella, partilhar da tristeza e da melancolia com que tanto sympathisava a sua imaginação exaltada. Ao principio affligiu-me aquelle abandono, mas depois que lhe reconheci a causa, resignei-me com o nobre sacrificio, e para me esquecer d'aquella solidão a que elle me condemnava, lancei-me apoz de Pero Coelho na vida dos prazeres e dos grandes arruidos.

— Por esta occasião Sebastião de Carvalho appareceu repentinamente em Lisboa, e, como era natural, principiou a frequentar a minha casa, ao principio com grandes intervallos, depois mais assiduamente, e em seguida quasi todos os dias.

— O que vos vou relatar agora, meus filhos, só o soube mais tarde... mais tarde do que cumpria que o soubesse.

— Sebastião de Carvalho entrou inesperadamente em minha casa, um dia que eu estava acompanhando minha esposa e minha irmã. A repentina apparição d'elle fez-me abalo profundissimo em razão da companhia em que estava; mas este abalo serenou completamente, ao vêr que nem elle nem Leonor desdiziam da fortaleza d'animo, que eu desejava que demonstrassem n'este lance. D. Leonor continuou triste e melancolica como d'antes; Sebastiãou de Carvalho apresentou-se o mesmo homem sizudo e austero de outro tempo, mais grave, porém, agora e talvez mesmo que mais concentrado e mais pensador.

A chegada d'elle foi verdadeira felicidade para mim. Estimava-o, como o estimo ainda hoje, com todas as véras do coração. Desde aquelle dia principiei de novo a viver mais em familia, porque a presença

d'elle, que, como vos disse, se tornou em pouco quasi que diaria, dava-me motivo para isso. Passado porém algum tempo, a monotonia das nossas conversas melancolicas, e pouco condicentes com o meu genio naturalmente folgazão, começou a aborrecer-me, e lembrei-me então com saudade da vida ruidosa, a que a sociedade de Pero Coelho me tinha habituado. Por fim não pude resistir á tentação, e emprehendi arrastar Carvalho commigo. Foi baldado porém o empenho. O caracter sizudo e grave d'aquelle moço casava-se mais com a seriedade d'aquellas conversações de familia, do que com as loucuras e com os folguedos que me enlevavam apoz de si. Pouco e pouco fui-me desatando d'aquella companhia, e a tal ponto chegou a minha separação d'ella, que, apesar de Carvalho vir todos os dias a minha casa, raras vezes o via, a não ser em algum sarau ou em alguma festa da côrte, onde minha mulher me acompanhava tambem.

— Assim correram as coisas durante seis mezes. Ao fim d'elles achei um dia no bolso de um dos meus colletes um bilhete de letra desconhecida, que dizia apenas estas palavras — «Olha por tua casa, conde do Sardoal.» — Espantei-me do bilhete, sobretudo pelo achar em tal logar. Quem o teria metido alli? Estava claro que só pessoa de familia o podia ter feito. Mas então quem, e o que quereria dizer? Resolvi fingir-me alheio ao achado, e a esperar do tempo a explicação do mysterio.

— Passaram semanas, e durante ellas fui acommettido por mil ideias e mil suspeitas diversas. Todas ellas recahiam, porém, sobre a imaginação de que se me annunciava alguma tentativa de roubo projectado por algum dos meus creados. Mas um dia, estando eu n'um baile da côrte, o velho bailio de Leça, que fôra camarada de meu pae, homem rude e austéro como elle, chegou-se a mim, e apontando para a turbilhão da dança, em que minha mulher figurava com Sebastião de Carvalho, disse-me severamente e com maus modos:

— «Aquillo é que seu pae não consentiria nunca, snr. conde.

— E separou-se, mostrando-se indignado de vêr a satisfação com que eu olhava para aquella scena.

— Aquellas palavras levantaram-me de repente terrivel suspeita no espirito. Olhei para minha mulher, e pareceu-me que entre ella e Carvalho havia mais intimidade do que a decencia permittia. Corri então apoz do bailio, e chamei-o para o desvão de uma janella.

— « Snr. bailio — disse-lhe eu — que queria v. exc.ª dizer com as palavras que ha pouco proferiu?

— «Um conde do Sardoal que tem olhos e não vê, que tem ouvidos, e não ouve — replicou elle — não merece ter um amigo, que o arranque da lama, onde voluntariamente se deixou enterrar.

— «Mas, senhor, que significa isso? — repliquei irritado.

— « Significa — respondeu severamente — que se diz aqui, e repete-se em toda a parte, que a esposa do conde do Sardoal é amante do villão, que a protecção de D. Luiz da Cunha e o favor da rainha, nossa senhora, fez entrar para dentro do paço; e todos se espantam — acrescentou — que v. exc.ª não receie ao menos que o espectro de um dos mais valentes soldados do Almanza se levante do tumulo, e venha vingar no filho degenerado a tolerancia ignobil, com que soffre, e com que applaude tão deshonrosa affronta.

— Ao ouvir estas palavras, a luz fugiu-me dos olhos, soltei um grito abafado de raiva, e corri como louco para a sala do baile. No caminho Deus illuminou-me com um raio da sua graça, de outra sorte desgraçado e cruento fôra de certo o espectaculo que eu teria dado, e deante d'elle morreria depois de dôr e de vergonha. De repente, porém, parei, interrogado pela propria razão, que me bradava — onde corres louco? por ventura as palavras de um só homem são provas sufficientes contra a amizade

e contra o amor? por ventura a simples asserção de um velho rude e disparatado são motivos bastantes para acreditar na existencia do crime mais ignobil, que se póde commetter contra ti?

— A estas razoens, que não sei como me irromperam da alma, e que me parecia troarem aos meus ouvidos em voz sobre-natural, parei e senti desabar a cólera satanica de que ia dominado. Voltei então ao logar, onde tinha deixado o bailio, e, tomando-o por um braço, disse-lhe em voz serena, mas em que eccoava manifestamente a tenção concentrada, que me ia no espirito:

— «Snr. bailio, agradeço-lhe o aviso que acaba de dar-me. Se fôr verdade o que me disse, fique persuadido que o conde do Sardoal ha de lavar a nodoa, com que lhe mancharam o nome, de fórma que d'ella ninguem possa achar vestigio; mas se o não fôr... Ai de v. exc.ª, snr. bailio de Leça, ai de v. exc.ª que ousou suspeitar tão desafogadamente da honra da condessa do Sardoal!

— O velho bailio sorriu-se.

— «Muito bem, snr. conde — replicou então — muito bem; assim é que o quero vêr, assim é que v. exc.ª é digno do pae honrado que teve. Em quanto ao mais, mancebo — acrescentou rudemente — creia que quem na edade, em que a vida é bella, não receiou a morte nos campos de batalha, tambem não morre agora, aos noventa annos, de abafas.

— Voltei para o salão de baile, e puz-me a espreitar o procedimento de minha mulher e de Sebastião de Carvalho. Coisa singular! eu que até então não via coisa alguma, agora cada vez mais se me afigurava que as palavras do bailio diziam a verdade. E de facto minha mulher tratava Carvalho com familiaridade e com galanteria tão pouco encoberta, que dava nos olhos de todo o mundo. Da parte d'elle, porém, havia a mais fria e a mais completa austeridade, e ás maneiras galantes, com que ella parecia querer provocar acinte a attenção de toda a gente, correspondia elle com frieza cortezã e com in-

teireza, que mais parecia offendida que lisongeada. Algumas vezes até afigurou-se-me lêr-lhe nos olhos o aborrecimento e o tédio. Em quanto a minha irmã essa assistia a tudo aquillo triste e indifferente, e como alheia ao que se passava em redor d'ella.

— Para tornar ainda mais desgraçada aquella noite fatal, a rainha, a snr.ª D. Marianna d'Austria, que era senhora austéra e de virtude áspera e sentenciosa, offendida das maneiras provocadoras de minha mulher, chamou-me, quando eu ia a passar junto d'ella, e disse-me em voz, que poucos ouviram, mas que me soou nos ouvidos como se fôra pregão de carrasco:

— «Conde, sua esposa sabe de mais o adagio portuguez que diz, que os amigos dos nossos amigos nossos amigos são.

— Não pude, nem ousei responder. Meia hora depois sahi do baile com minha mulher; mas resolvido tençoeiramente a vigiar até ás ultimas a verdade d'aquillo que se me afigurava tão claro, apenas disse á snr.ª condessa que a rainha tinha notado, por causa d'ella, que era de véras profunda a amizade, que me ligava a Sebastião de Carvalho. Minha mulher não mostrou o menor abalo, antes respondeu, sorrindo com a maior innocencia, que lhe prazia que todos reconhecessem o amor, que me tinha, pelo muito que manifestasse desejar agradar-me em tudo o que eu estimava.

— Passaram-se dias e dias sem que a snr.ª condessa me désse mais provas contra a sua virtude do que outras eguaes ás que ouviste. De Carvalho tambem não pude conseguir mais do que o presenciado no baile — muito respeito, muita civilidade, e de quando em quando notaveis signaes de aborrecimento das demonstraçoens exageradas de affecto, com que, como por acinte para assim dizer, o tratavam. Oh! meus filhos, que dias infernaes aquelles passados entre a duvida e a suspeita da deshonra! Mil e mil vezes estive tentado pelo desespêro a romper por aquelle disfarce traiçoeiro, com que acobertava o que

me ia no espirito! Oxalá que o tivera feito! Teria então conhecido a verdade, e não teria desfechado em tragedia sanguinolenta o que não passava de pura e inconveniente comedia, forjada pela imaginação exaltada de uma mulher romanesca.

— N'aquelles lances da attribulação, em que me via, chamei um dia Margarida, a minha velha ama, a mulher que me creára, e cuja coragem eu sabia experimentada nas luctas que, na minha infancia, travára a favor meu contra a brutalidade, que meu pae empregava para me robustecer o corpo a seu modo. Contei-lhe tudo, e desabafei com ella as minhas suspeitas e as minhas magoas.

— «Eu já o sabia — respondeu-me ella — já o sabia, e ha muito.

— «Então — exclamei, lembrando-me do bilhete que achára no bolso do colête — era teu aquelle aviso?

— «Era.

— «Porque me não advertiste, pois ha mais tempo? Porque me tens deixado ser até hoje ludibrio do escarneo e da censura dos outros?

— «Porque não tinha, nem tenho ainda certeza; e porque uma condessa do Sardoal está em esphera muito alta para poder ser accusada por uma creada, com méras suspeitas em prova do crime.

— Estas palavras tornaram-me a vasar novamente na dilacerante e anciosa duvida passada.

— «Margarida — disse-lhe, pois, inspirado por ella — não te parece que tudo isto se póde reduzir a engano dos nossos sentidos? não se te afigura que no que se passa não se acha, pensando-se bem, motivo nem mesmo de suspeita desairosa?

— «Não sei — respondeu ella — já lhe disse que por agora não tenho certeza de coisa alguma. Sobretudo o proceder d'elle mata todas as suspeitas possiveis. Mas aquelle é homem infernal! Eu bem lh'o dizia, snr. conde; de amizade com um villão tençoeiro nenhum bem lhe podia provir. Deus queira que tudo isto não passe de pura suspeita sem razão,

Deus queira que nos tenhamos de accusar de uma illusão, e não de castigar uma affronta. Se para isso é preciso o sacrificio da minha vida, que Deus a tome, que me mate e já, que não quero viver nem mais um momento, a troco da deshonra da familia, com quem me creei. Mas se o crime existe... Eu vigiarei, e confie em mim; a gloria do meu pobre amo não ha de ser impunemente affrontada ás escuras por um villão refolhado e traidor.

— Aquella tortura continuou, pois, por bastantes dias ainda. Cada vez mais se me infernava o espirito, cada vez mais se me cegava o juizo, porque ao mesmo tempo que os dias passavam, augmentavam tambem os motivos da minha suspeita.

— A funesta occasião chegou finalmente. Margarida surprehendeu uma carta de Carvalho dirigida a minha mulher. Era escripta com a mais viva expressão de amor quasi louco, e n'ella se amaldiçoava o destino que tinha entreposto na felicidade d'elles o impossivel de uma união eterna e inseparavel. Carvalho terminava por jurar que amaria toda a vida o anjo de soffrimento e de amor, de que o destino lhe tinha negado a posse.

— Ao lêr aquella carta perdi a cabeça e corri como louco ao quarto de minha mulher. Mostrei-lhe o nome da pessoa a que era dirigida, e perguntei-lhe se conhecia aquella letra.

— Conheço — respondeu-me ella serenamente, e estendeu a sorrir-se a mão para a carta.

— Maldito destino o meu — bradou aqui D. Francisco da Cunha — e fatal a cegueira da imaginação romanesca d'aquella desgraçada, que lhe não deixou prevêr que, á vista d'aquella carta e depois d'aquellas palavras, o que se seguia era a morte!

— Aquella serenidade pareceu-me total prostituição do espirito, e aquelle sorriso escarneo e zombaria que me provocava. A cólera cegou-me de todo; lancei-lhe de repente a mão á garganta, e, sem lhe deixar proferir mais palavra, levei de um punhal

de que me tinha armado, e cravei-lh'o desatinadamente no seio.

— Depois... depois...— continuou D. Francisco, em voz que parecia sahir de dentro de um tumulo — depois recuei espavorido deante do que tinha feito... e como louco, sem saber por onde ia, corri... fugi para o meu quarto.

— Margarida aguardava-me alli.

— «Vae vêr... vae ver o que aconteceu — disse-lhe machinalmente e em voz quasi imperceptivel.

— Ella sahiu, e poucos minutos depois tornou a apparecer deante de mim, fria e sevéra como hoje a vejo todos os dias.

— «A honra do seu nome está vingada — disse-me ella — Não tem de que se arrepender. Agora falta o villão.

— Aquellas palavras e aquella serenidade restituiram-me o sangue frio e o proprio dominio, e concentraram-me todo na ideia do que me restava a fazer. Mandei apparelhar um cavallo, metti dinheiro na algibeira, e depois de dar algumas ordens a Margarida para o caso de eu não voltar por muito tempo a casa, sahi em procura de Sebastião de Carvalho.

— Não o encontrei. O creado, que me fallou disse-me que o amo sahira aquella ante-manhã para fóra de Lisboa, sem deixar dito o para onde, e á pergunta que lhe fiz se o esperavam á noite, respondeu que sim, pois que nenhumas ordens tinha deixado, que fizessem suspeitar o contrario.

— Esporiei o cavallo, e sahi á brida para fóra de Lisboa. Não vos direi as ancias infernaes, que me revolveram durante aquellas longas horas, que mediaram até á noite. Ao cahir da tarde tomei o caminho de Lisboa A um quarto de legoa da cidade encontrei um homem correndo n'um cavallo, á redea solta. Mal me reconheceu, parou, e disse-me:

— Snr. conde, meu amo, o snr. bailio de Leça, fez hoje sahir uns poucos dos seus creados em procura de v. exc.ª, com ordem de que o primeiro que o encontrasse, lhe dissesse que cumpre á sua honra

fallar-lhe antes de entrar na cidada. Elle está aguardando-o em Bemfica, para onde guiarei o snr. conde, se assim o mandar.

— O meu primeiro pensamento foi voltar-lhe as costas e continuar o meu caminho; mas lembrando-me de que o bailio fôra o primeiro a revelar-me aquelle crime e a achacar-me a tolerancia d'elle, decidi-me a ir procural-o, e deixei-me conduzir pelo creado. Ao chegar a Bemfica, encontramos o rude amigo de meu pae, passeando agitado á entrada da povoação, a pé, e acompanhado de um creado, que lhe tinha o cavallo de redea. Apenas me viu, cavalgou impetuoso, e, ordenando ao creado que me acompanhava, que ficasse até que se reunissem os outros, voltou-se para mim, e disse-me:

— «Snr. conde, é preciso partir immediatamente; é preciso que me acompanhe.

— «É preciso partir para Lisboa — respondi seccamente.

— «Não ha tempo a perder — replicou elle — D'aqui por duas horas saberá tudo. Agora a sua honra e a vingança completa de um nome illustre exigem que me acompanhe.

— O velho soldado disse-me estas palavras com tal intimativa, que cedi machinalmente, e segui-o. O creado, que nos acompanhava, tomou-nos a deanteira, e nós fômos apoz elle. Galopámos assim duas ou tres horas, por caminhos desconhecidos por mim, e por fim fômos parar em densa e copada matta, onde o creado nos disse que era o logar convencionado para esperar pelos outros. Era já ha muito noite cerrada.

— «Estamos por fim na estrada do Porto; passa alli, a vinte passos — disse o bailio, apontando por entre as arvores para um logar que a escuridão me não deixava distinguir.

— Eu e elle descavalgamos, e entregamos os cavallos ao creado. Depois o velho trouxe-me para distancia, e disse-me apertando-me com força uma das mãos:

— «Snr. conde, v. exc.ª é digno do nome de seu pae. O que fez é um feito de homem; só assim é que se podia lavar a deshonra da sua familia. Cumpre, porém, prevenir agora as consequencias fataes, que n'estes tempos degenerados os actos de honra acarretam a quem os pratica. Oiça o que aconteceu depois da sua sahida de casa. A creada grave d'aquella mulher — continuou rudemente, e eu, ouvindo taes palavras, estremeci de cólera contra elle — mal v. exc.ª sahiu, correu logo a dar parte aos parentes d'ella. Tocou-se campa a rebate nos arraiaes da parentella; e, depois de verificado o facto, foram acompanhados pelo patriarca D. Thomaz e pelo proprio confessor fr. Gaspar, lançar-se aos pés de el-rei a pedir em altos brados vingança contra um crime, que por gente de melhores tempos seria apregoado feito glorioso e fidalgo. A rainha, nossa senhora, juntou tambem os seus aos clamores d'aquelles refeces sem brio. Tristes, degenerados tempos são estes por certo, snr. conde; o pundonor, o sentimento de honra fugiram até do paço dos nossos reis! Não era assim que pensavam os homens do meu tempo, os homens que se crearam com os heroes do Montijo e do Ameixial. Tudo vae de mal em peior, tudo! E el-rei deixou-se vencer d'aquelles queixumes, irritou-se, e jurou que havia de vingar solemnemente a condessa. Expediram-se ordens e gente para toda a parte em busca de v. exc.ª; e a cada hora aguardam vêr chegar o criminoso. Pobre gente! que se não lembrou de que ainda ha ahi um homem capaz de comprehender nobres sentimentos, e que esse homem sou eu — eu capaz de burlar a vingança ignobil d'elles todos, e de minar á rainha o intento de salvar ao menos o seu tôrpe valído Sebastião de Carvalho.

— O bailio parou aqui. Eu ouvia tudo isto como se estivesse sonhando.

— É preciso partir immediatamente — continuou elle — as velhas muralhas do castello do bailiado de Leça ainda estão de pé, e a sagrada ordem de Malta ainda tem um cento de serventes e de sol-

dados esforçados para auxiliar um dos seus capitães a defender a honra e o brio de um verdadeiro fidalgo portuguez. Dentro d'elle se azylará v. exc.ª com segurança até vêr em que param os tempos revoltosos que vão. El-rei não saberá onde é o seu azylo; e que o saiba, que importa? Que venha... que venha, e que traga um exercito; a consistencia d'aquelles muros de granito, a solidez d'aquella obra gloriosa dos nossos passados está comprovada pela dura mão dos seculos, e junto d'ella — acrescentou, apertando-me aqui a mão com mais força — os cabos de guerra de el rei, nosso senhor, hão de confessar tambem que um velho soldado do Almanza não morre aos noventa annos de abafas.

— Minutos depois de elle dizer estas palavras ouviu-se grande tropel de cavallos, que corriam a trote rasgado pela estrada fóra, e que pararam pouco mais ou menos em frente do logar, onde estavamos. Mal pararam, sentiu-se um assobio estridente e prolongado, a que o nosso creado correspondeu logo com outro egual. Cavalgamos então, e sahimos para o caminho. Aguardavam-nos alli doze homens, serventes do bailiado que tinham acompanhado o bailio a Lisboa. Pozemo-nos á frente d'elles, e pela estrada do Porto fóra caminhamos tres dias successivos, e, ao quarto chegamos por fim ao antigo castello dos hospitalarios.

— Durante oito dias não soube coisa alguma de Lisboa. Ao fim d'elles, ao pôr da tarde, Sebastião de Carvalho appareceu deante de mim — grave e austéro como foi sempre, mas então mais carregado e severo como homem a quem a consciencia dá o direito incontestavel de censurar os factos dos outros. Eu fiquei verdadeiramente surprehendido por aquella repentina apparição.

— «D. Francisco — disse-me serenamente — não venho acoimar-te coisa alguma; venho só dizer-te que D. Marianna estava innocente, e que eu não sou nem traidor nem villão. Lê, ahi tens as provas.

— Com estas palavras entregou-me um masso

de cartas que trazia comsigo. Recebi-as, e abri-as machinalmente... reconheci logo a letra de minha irmã... e depois de alguns minutos de leitura, as cartas escorregaram-me insensivelmente das mãos, e fiquei a olhar para elle, embobado de pasmo e de terror.

—Tinha assassinado uma innocente... que eu amava, que eu adorava, por quem déra a vida.. e até a salvação! Oh! meus filhos, que hora medonha aquella! Tinha, porém, uma compensação. Algoz, assassino, infame e miseravel, tudo eu era deante dos proprios olhos; mas ella, mas Marianna, morrera innocente, fôra sempre... não deixára de ser um só instante o anjo de pureza e de amor que eu tinha amado, e que devia adorar por toda a vida¡

Ao acabar de dizer estas palavras, o conde do Sardoal estava livido, e n'aquelle rosto altivo e varonil notavam-se visivelmente os signaes dos esforços sobre-humanos, que a alma fazia para refrear as manifestaçoens da tortura que a estava dilacerando. Laura abraçou-se n'elle abafada em lagrimas e soluços, e D. Manoel levou ao coração a mão, com que elle lhe apertava com agonia uma das d'elle. Em quanto a Manoel, esse fez um movimento de impaciencia, que demonstrava quanto aquella pausa lhe incommodava a curiosidade de saber quem era.

Laura, minha querida filha—disse por fim D. Francisco—que o que te vou dizer fique fundamente estampado na tua memoria, d'onde tambem nunca mais deve sahir a recordação do que acaba de acontecer n'este logar ha poucos minutos. Mulher virtuosa não é só a que o é realmente; para que o mundo a tenha por tal, cumpre que ella mostre tambem que o é. A virtude de uma mulher vale ainda mais pela apparencia do que pela realidade. A consciencia d'ella é muito para Deus; mas não é coisa alguma para o mundo, se a não acompanha a boa reputação; e esta alcança-se por aquillo que o mundo vê, e não por aquillo que lhe dizem á boa fé que acredite. Minha Laura, a prudencia do comportamento é util ao ho-

mem desde os primeiros annos; mas á mulher é precisa, é necessaria, é essencial. O homem desconceitua-se hoje, mas póde rehabilitar-se ámanhã; a mulher, se cae uma vez, nunca mais se levanta. A reputação do homem tem sempre por fiador o futuro; a da mulher não tem nem mais um instante além do presente, que marcha implacavel, lado a lado, com ella. Laura... minha querida Laura, traz sempre deante dos olhos estas verdades, e quando a tua imaginação romanesca pretender offuscal-as, lembrate de ha pouco... recorda-te sobretudo da tua desgraçada tia.

D. Francisco limpou aqui o suor, que a afflicção lhe fizera correr da fronte, e depois continuou assim:

— A leitura d'aquellas cartas, meus queridos filhos, varreu-me de deante dos olhos a illusão com que o procedimento leviano da snr.ª condessa me tinha deslumbrado. Tudo alli estava patente, tudo alli estava claro como o dia. O facto acontecera assim.

— A continuação de se vêrem quasi diariamente tinha ido despertando em minha irmã e em Sebastião de Carvalho todo o fogo do amor, que haviam sentido. Por fim chegou ao ponto de se não poder refrear por mais tempo. Carvalho arredou-se immediatamente de junto d'ella, mas antes de fugir para sempre de Leonor, retirando-se para paiz estrangeiro, que foi esta a resolução que formou, quiz explicar-lhe a razão porque o fazia. Endoideceria se ao menos não desabafasse com ella aquella dôr violenta. Escreveu-lhe, pois, informando-a da resolução que tomara, e do motivo que lh'a havia inspirado.

— Ao receber esta carta, Leonor sentiu uma agonia mortal, sentiu a verdadeira desgraça. Como em Carvalho, o amor fôra pouco e pouco revivendo n'ella; mas aquella alma habituada desde a infancia a soffrer e a presencear a infelicidade, era pouco exigente, e por isso a presença do homem que amava, era sufficiente para a fazer ditosa. Quando porém a carta d'elle lhe fez vêr que mesmo esse pouco lhe ia ser roubado, Leonor espavoriu; deante d'ella ficava

a vida como vacuo enorme, sem uma roza nem um espinho, indefinido e infindo, e até sem que a imaginação lh'o horisontasse proximamente com a pobre e triste esperança dos nossos ultimos sete palmos de terra.

— A carta de Carvalho foi o primeiro rebate que entre elles se deu do resurgimento d'aquelle fogo. Até então diziam-n'o os olhos, os sorrisos, a cabeça e o coração, mas não o tinha dito ainda a bocca. A este primeiro brado de agonia despedaçadora, que é ao que se reduzem as illusões impossiveis quando sahem do mundo da imaginação e entram no da realidade, Leonor correspondeu como quem estava affeita a soffrer, mas como naufrago que se aférra com todas as forças á ultima taboa, que o ajuda a emergir ao lume d'agua a cabeça.

— «Para que me foges? — dizia ella n'uma das cartas que li — porque motivo me queres roubar a unica ventura que me resta, a de vêr-te, a de ouvir-te, a de te dizer que te amo, como amei em outros tempos, e como amarei toda a vida? A honra obriga-te a fugir, dizes tu! Então de que te arreceias? De ti? Por ventura na alma heroica de Sebastião de Carvalho, no grande espirito do homem que pôde sacrificar a felicidade do coração ao seu brio e ao seu orgulho, caberá por ventura tal medo? Temes então da minha fraqueza? Não o receies, meu amigo; sei muito bem até onde chegam os deveres, que a honra me impõem, e tenho alma capaz de vigiar pelo inteiro cumprimento d'elles. Amo-te muito, muito; mas se sentisse capaz de esquecer que Pero Coelho de Abranches confiou de mim a honra do seu nome, matava-me logo que o reconhecesse. Eu posso amar-te, mais não: mas amar-te posso, e não devo deixar de o fazer. Quando casei com meu marido disse-lhe logo que só lhe promettia que lhe havia de ser esposa fiel e dedicada. O coração não lh'o prometti, porque já t'o tinha dado, já tu eras senhor d'elle. Guardarei pois inviolavel a minha promessa; o meu corpo é d'elle, mas o coração é teu. Posso dar-t'o, porque

não o empenhei á honra de Pero Coelho. Fica pois; amar-nos-emos assim, e seremos felizes, como pódem sêl-o aquelles que Deus marcou com o stigma da desgraça, e separou da verdadeira felicidade por uma barreira eterna e impossivel de ultrapassar.

—Sebastião de Carvalho ficou, e mezes depois Leonor era aos olhos d'elle um anjo, uma creatura celestial. A serenidade d'aquelle rosto formosissimo acrisolou até á divina essencia o amor que elle sentia; e era o espelho em que mirava os proprios deveres, e que lhe recordava continuamente a vergonha de succumbir deante da coragem, com que aquella mulher angelica sabia amal-o a elle e respeitar a honra do marido. Aquelle amor chegou a ser a realisação do que é reputado impossivel, fóra da quasi loucura do ascetismo; chegou a ser o puro amor contemplativo, o amor divinisado pelos poetas. Assim correu por alguns mezes, occulto no coração dos dois, que o desabafavam sómente por escripto e pela eloquencia dos olhares. Por fim minha mulher surprehendeu-o, e a sua imaginação exaltada entumeceu-se, e remontou logo em azas de anil e oiro até o ultimo céu do romance, ao qual chegou atravessando por entre as poeticas mas reaes peripecias d'aquelles infelizes amores. Mas a imaginação não lhe parou desgraçadamente aqui. A situação de Leonor tinha largas para mais alentados vôos. A snr.ª condessa passou portanto das rozas, que enfeitam os idyllios, para os ciprestes funerarios, que coroam as peripecias tragicas. Encadeou logo uma série ininterrompida de negras probabilidades, nas quaes Leonor, Carvalho, Pero Coelho e até eu iamos passando ensanguentados. Deante d'aquellas visoens aterrou-se, e na exaltação da sua imaginativa, agradeceu ao acaso o ensejo, que suppoz que lhe era offerecido, de glorificar-se, desviando aquelles sonhados perigos. Para o conseguir, traçou logo enredo leviano, em que imaginou acobertar os amores de Leonor com a apparencia dos seus, e, desviando assim a attenção de Pero Coelhc, suppunha-se ao cabo, surgindo do meio d'aquelles

cahos romanescos como victima gloriosa do amor e da amisade. Oh! minha pobre Marianna! meu anjo, meu pobre anjo; nos sonhos doirados da tua imaginação o mundo não entrava por coisa alguma; e, desconhecendo-o a elle, não viste deante de ti a terrivel realidade, que ameaçava esmagar-te, sem respeito pela innocencia da machina pueril dos teus fascinadores castellos no ar! E o mundo, o mundo que não sabia como era boa e generosa a tua intenção; o mundo, que julga pelas apparencias, que não póde julgar por outra coisa, que sentenceia só pelo que vê, e não pelo que é, porque o não sabe, e porque não suppoem senão o que é mau, o mundo condemnou-te... e matou-te!

D. Francisco parou aqui, e depois de brevissima pausa, referiu o que passou por esta occasião com Sebastião de Carvalho, e como, por conselho d'elle, tinha saido para fóra do reino, com intenção de, passado pouco tempo, espalhar o boato da sua propria morte, a fim de fazer esvaecer a memoria do crime que commettera, e punir-se d'elle com a perda de tudo o que lhe podesse recordar que fôra o brilhante e poderoso conde do Sardoal.

—A batalha de Friedberg—continuou elle—serviu-me optimamente ao intento. Cahi n'ella ferido gravemente no campo, onde fiquei com os sentidos perdidos no meio dos mortos. O frio da noite fez-me tornar a mim. Apalpei-me e achei-me na verdade muito ferido; tinha duas cutiladas na cabeça, e o peito atravessado por uma bala. Não eram porém ferimentos mortaes, mas apenas de perigo, como depois se conheceu. Arrastei-me como pude para fóra do logar onde fôra a batalha, e na direcção d'uma aldeia, onde nos dias anteriores estivera aquartelado. A pouca distancia de povoação, não pude continuar pelo muito sangue que tinha perdido, e que continuava a sahir-me das feridas, em razão dos esforços que era obrigado a fazer para caminhar. Apesar do meu organismo de ferro não fui superior áquelle enfraquecimento; tive de parar, e pouco depois senti-me tomar pouco

e pouco de um deliquio, de um frio que me paralisava inteiramente. Suppuz que era chegada a minha hora extrema, e agradeci a Deus aquella morte, para a qual nada tinha contribuido. Via-me proximo a ficar livre da vida, que me era odiosa, sem morrer com os remorsos do suicida. Ao sentir esvair-se-me o ultimo lampejo da consciencia da vida, lembrei-me de Marianna e de Sebastião de Carvalho, e tive saudades do céu do meu paiz, tão differente d'aquelle céu brumal, que abobadava o solo coberto de neve, onde Deus me fazia morrer.

— Não aconteceu, porém, como eu pensara. Aquella hora não era a ultima que soava para mim. A providencia não o podia consentir, porque o meu crime precisava de mais longa expiação. Morrera de certo se ella não dirigisse para o logar onde cahi desanimado, os passos do creado fiel e dedicado que me acompanhara na minha peregrinação. Pedro era um negro que meu pae comprara ainda joven para ser meu companheiro na infancia. A sua côr preta fez suppor ao rude conde do Sardoal que contribuiria poderosamente para me alentar a coragem, e que, habituando-me desde a infancia a espancar um homem d'aquella côr, iria pouco e pouco afazendo-me a alma, á soberba que elle tanto presava, e á ousadia que me desejava para affrontar ainda os typos de maior ferocidade. Mas, não sei porquê, bem longe de na infancia espancar o meu negro, defendia e irritava-me se meu pae o espancava deante de mim; e depois que fui homem, nunca mais consenti que lhe puzessem a mão, e forrei-o, e fil-o livre, como julgava que elle tinha direito a sel-o. Pedro não me amava, estremecia-me; á minha voz era um cão ou era um tigre, sem comtudo perder a consciencia da sua liberdade, e sem que eu exercesse sobre elle outra influencia mais do que a da dedicação extremosa que tinha por mim. Educado commigo, era meu rival em forças e em destreza; nos perigos não punha os pés uma linha atraz do logar onde eu tivesse os meus, e quando eu entrava nos circos a correr os mais furiosos

toiros, que se creavam nas nossas campinas do Riba-Tejo, saltava elle inesperado para dentro da arena, e armado de uma faca ou de uma espada, roubava-me muitas vezes a louca gloria do perigo extremo, fazendo cahir morto a meus pés o toiro enfurecido. Meu pae não lhe podia perdoar estes atrevimentos, que suppunha desacatos á minha reputação; mas tinha ao mesmo tempo por elle certa veneração, que se revelava, a pezar d'elle, tanto mais, quanto o desejava tratar com maior soberba e mais imperio. Tal era o amigo fiel e dedicado que me acompanhára na minha viagem, e que em Friedberg me salvou da morte.

—Em todas as cargas, que durante a batalha foram dadas pelo regimento de cavallaria, em que ambos nos alistaramos voluntarios, Pedro pelejou sempre ao meu lado, defendendo-me como as féras defendem os filhos. N'uma d'ellas cahiu mortalmente ferido o barão de Reichestein de que eu era extremosamente amigo. Por ordem minha, e mau grado seu, Pedro sahiu do meio da refrega para o conduzir á rectaguarda. N'esta occasião o regimento entrou de novo em combate. Era ao pôr da tarde, e esta carga, que démos, decidiu, para assim dizer, a victoria. Não fui tão feliz d'esta vez, como o fôra de todas as outras. D'esta fiquei, como vos disse, por morto no campo. Pedro, quando voltou, soube da sorte que eu tinha tido. Metteu-se então pelo meio dos esquadroens inimigos, procurando morrer tambem. Mas a providencia, que o destinava para salvador do homem, que não queria felicitar com a morte que elle tanto apetecia, baldou-lhe a intenção suicida. No fim da acção, Pedro procurou-me por toda a parte, sem me poder encontrar no meio de tantos centos de mortos. No dia seguinte dirigiu-se portanto á aldeia, onde estiveramos aquartelados, com a esperança, dizia elle, de que me encontraria alli. O instincto não o atraiçoou, ou antes Deus empurrou-o pelo verdadeiro caminho, que devia trilhar para achar. Encontrou-me quasi cadaver no meio de um descampado. Tomou-me então

nos braços, e levou-me para casa de boa gente, onde tinhamos estado alojados, e onde fui tratado com amor e com verdadeira caridade christã.

— Durante o curativo, o exercito avançou em seguida do inimigo, e concluiu por fim o armisticio que precedeu a paz de Dresde.[1] Foi n'esta occasião que me resolvi a dar o passo decisivo que ha muito meditava. Conferenciei-o, como devia, com Pedro, da parte de quem achei desde o principio tenacissima resistencia; mas a despeito d'ella não recuei deante dos tristes resultados da intenção que formára. Ordenei-lhe então que partisse de novo para o exercito, e que n'elle espalhasse a noticia da minha morte, e que depois seguisse d'ahi para Berlim com uma carta minha dirigida a um meu venerando amigo, o conde de Schlenitz, na qual lhe pedia, como escrevendo-a no momento extremo, que empregasse todo o seu valimento para que fôssem entregues ao meu creado as sommas avultadas, que eu tinha depositado nas mãos de differentes banqueiros prussianos. D'esse dinheiro ordenei a Pedro que me enviasse uma pequena somma por um filho dos meus hospitaleiros amigos, que se prestou a acompanhal-o, e que fizesse entrar o resto no banco de Inglaterra, á ordem do nome supposto que desde esse momento adoptei. Depois de dispôr d'esta maneira os meus negocios, Pedro devia partir immediatamente para Lisboa, onde havia de espalhar a noticia da minha morte, confiando unicamente de Margarida a verdade, que eu lhe confirmava por uma carta que lhe

---

[1] Ao leitor instruido e zeloso pela chronologia, pede-se aqui pelo amor de Deus, que não embique na adoptada pelo auctor na combinação d'estes factos historicos com a época em que possivelmente se imaginam estes successos da minha novela. Aos muitos pechosos n'este ponto, roga elle que se lembrem que isto é um romance e não uma historia, e que o facto aqui alludido é um pequeno incidente, que nada implica com a verdade d'aquelles, que são os legitimos assumptos d'este livro.

escrevi, e na qual lhe impunha o mais rigoroso segredo. Pedro cumpriu rigorosamente as minhas ordens, mas tal foi o abalo que lhe causou a resolução que tomei, que dias depois de chegar a Lisboa, cahiu gravemente doente, e esteve em pontos de morrer, quando Margarida lhe disse que vinha de assistir aos funeraes, que minha irmã mandou fazer por mim. O meu fiel negro escapou d'aquella gravissima affecção moral; mas um dia desappareceu, deixando uma carta a Margarida em que d'ella se despedia para sempre. Quando me vim estabelecer no Porto, encontrei-o um dia a pedir esmola a uma esquina. Estava completamente desfigurado; os cabellos tinham-lhe encanecido de todo e o rosto cortava-se-lhe em rugas sulcadas não pela edade, mas pelas amarguras. Vi quem era sómente depois que elle, ao estender para mim a mão mendicante, me fitou uma e muitas vezes, e, ao reconhecer-me, manifestou tal abalo que o vi em pontos de me cahir fulminado aos pés. A emoção que senti, foi egual á d'elle, mas tive forças bastantes para com um olhar lhe reanimar os espiritos. N'essa mesma noite Pedro foi ter commigo á torre da porta do Olival. Quiz obrigal-o a deixar aquella vida, e a viver d'alli por deante á minha custa. O meu fiel creado abanou a cabeça, e disse-me em voz solemne e com as lagrimas nos olhos, mas com resolução inabalavel:

— «Não, snr. D. Francisco, isso não póde ser. Na casa dos condes do Sardoal foi creado um negro, que lá bebeu o nobre orgulho de não ser pesado a ninguem. Pedro, se vivera, não se abaixava a receber beneficios senão do seu querido amo. Mas o conde do Sardoal e o seu creado Pedro morreram ambos na batalha de Friedberg... e o negro mendigo não tem nada com o snr. Alvaro Martins. Para viver os poucos dias que restam de vida, basta-lhe a caridade dos fieis.

— Pedro foi mais que inabalavel n'esta resolução; foi o que eu devia suppor que seria aquelle homem, a quem Deus concebera heroicos espiritos, e

cuja natural firmeza de caracter se havia acrisolado nas duras provaçoens, por que o fizéra passar o genio soberbo e imperioso do ultimo conde do Sardoal. Não teve coragem para abandonar a terra, onde parecia que a providencia nos tinha outra vez reunido; mas fugia de mim para me não acceitar esmola, e por mais de uma vez tive de percorrer, durante o dia inteiro, por toda a cidade, para ao fim da tarde poder encontrar aquelle fiel amigo, e entregar-lhe a quantia, que diariamente o obrigava a receber. Depois da minha ultima viagem perdi o inteiramente de vista, e por mais que fiz não me foi possivel achal-o. D. Luiz póde-vos informar do logar onde elle esteve n'essa epoca — accrescentou D. Francisco, relanceando com olhar sevéro o moço sargento — Felizmente porém — continuou — encontrei-o hontem, e espero em Deus que ninguem me poderá tornar a esconder aquelles ultimos restos das minhas affeiçoens do tempo da felicidade.

Aqui o moço sargento sorriu-se melancolicamente, e, depois de brevissima pausa, D. Francisco continuou:

— Mezes depois da partida de Pedro, as saudades da terra natal trouxeram-me outra vez a Lisboa. Fôra pasmosa a transformação, por que as magoas me tinham feito passar, a qual auxiliada pelo desusado do trage e pela convicção, radicada geralmente, de que eu tinha morrido em Friedberg, fez com que ninguem me conhecesse.

— Sebastião de Carvalho, que duvidou ao principio do boato, acreditou por fim n'elle, em razão de lhe eu não escrever, e chorou amargamente a minha morte. Quando appareci inesperadamente deante d'elle, e o convenci de que debaixo da apparencia excentrica e quasi grotesca do bufão e grosseiro Alvaro Martins estava o brilhante conde do Sardoal, Carvalho recuou vivamente impressionado, e depois arremessou-se suffocado nos meus braços. Contei-lhe tudo o que me tinha succedido até então; elle, da vida que durante aquelle tempo vivera, só me reve-

lou as suas aspiraçoens e projectos de ambição, por entre os quaes irrompia de quando em quando, e fuzilava com a rapidez do relampago, o plano concentrado, a ideia fixa e pertinaz que n'elle incendiára aquellas tendencias de seu caracter naturalmente altaneiro, e vasado nos moldes d'aquelles que miram certeiros ás altas posiçoens. Carvalho fôra então nomeado, por influencia da rainha a snr.ª D. Marianna d'Austria, nosso embaixador em Londres. A esta nomeação não foi estranho o valído cardeal da Motta, cujas boas graças soubera grangear, a ponto de dominar por via d'elle o ministro Diogo de Mendonça. Na occasião em que cheguei a Lisboa, estava em vesperas de partir para Inglaterra; o navio, que o havia de levar, devia dar á vela d'ahi por tres dias. Carvalho não me falou n'outra coisa senão na importancia do cargo que conseguira, deixando-me entrevêr até onde esperava que o seu talento o faria subir, se por ventura não falhassem as intrigas politicas, que fazia jogar com a maior habilidade. De Leonor não me disse nem uma só palavra. Era como se a ambição lhe tivesse seccado na alma todo o sentimento do amor. Mostrava-se duro, positivo e frio, como deve ser um grande ambicioso politico, mas como nunca póde ser um homem de coração. Quiz eu por mais de uma vez chamal-o para aquelle assumpto; mas de todas me fugiu habilmente das mãos, parecendo-me até que o fazia de acinte, e que se desgostava da recordação. Depois de o tentar duas ou tres vezes, abandonei de todo a teima para lhe não fazer pesada a minha presença.

— Carvalho partiu com effeito no dia assignalado; e eu, alguns mais tarde, quando em vesperas de partir para o Porto, onde resolvera estabelecer-me, fui esbarrar por acaso com um acontecimento, que se me não desvendou de todo o motivo por que Carvalho se esquivara a falar de minha irmã, me fez comtudo conceber a suspeita, que annos depois se realisou em certeza.

— Uma noite ao passar em Santa Apollonia...

E aqui D. Francisco contou o mesmo que o leitor já lhe ouviu narrar na torre do Olival, por occasião da sua entrevista com o sargento, entrevista de que reza o primeiro capitulo d'esta novéla; e depois continuou assim:

—Mas sabeis o que mais me maravilhou n'este extraordinario successo? Foi que o palacio, por cuja porta me cahiu sobre os braços aquella creança recem-nascida, era a habitação em que vivia meu cunhado Pero Coelho de Abranches e minha irmã D. Leonor da Cunha. De quem podia portanto ser filho aquelle menino? De minha irmã não, que seu marido estava, havia mais de um anno, ausente do reino, d'onde sahira para França pouco tempo depois da minha emigração. Era portanto de alguma creada. Mas aquelles ricos pannos em que vinha embrulhada a creança? Mas aquella necessidade de o pôr assim a deshoras fóra de casa, e de o entregar ao primeiro que o acaso deparasse a passar? Mas não... não póde ser — dizia eu — Leonor é filha do conde do Sardoal, e Sebastião de Carvalho é incapaz de manchar a mulher que ama, e de atraiçoar infamemente o amigo, que lhe abre as portas da sua casa, confiado na honra e na nobreza dos sentimentos d'aquelle, a que para dentro d'ella concede tão franca entrada.

— Passaram quasi nove annos — nove annos passados por mim, solitario no meio do universo, frente a frente com a minha desgraça, de que eram unico lenitivo as caricias infantís do filho, que o destino tão extraordinariamente me dera. Durante elles, Carvalho viera apenas duas vezes a Lisboa. A primeira para se unir com a snr.ª D. Thereza de Noronha, sobrinha do conde dos Arcos, com quem a rainha nossa senhora o casou para amordaçar a maledicencia dos zoilos, que, irritados pela protecção que ella lhe dava, lhe escarneciam dos pergaminhos, cuspindo ás gargalhadas sobre elles a soberba, com que o velho conde do Sardoal lhe negára a mão da filha. A segunda para receber as instrucçoens, com

que devia partir para Vienna, para onde foi embaixador, em razão do papa Benedicto XIV ter reclamado a mediação da côrte de Lisboa para compôr as inimizades, que havia entre elle e a casa de Austria por causa do patriarcado de Aquileia. De ambas as vezes o fui abraçar a Lisboa, e de ambas ellas nunca lhe pude fazer sahir dos labios uma unica palavra a respeito de Leonor.

— Ao cabo, pois, d'esta solidão de tantos annos, recebi de Lisboa uma carta, cujo sobre-escripto me pareceu de letra de minha irmã, e que dizia assim:

— «D. Leonor da Cunha está para morrer, mas antes de comparecer deante de Deus precisa de falar com o snr. Alvaro Martins.

— Ao lêr estas palavras fiquei perdido de afflicção. D. Leonor sabia do meu segredo, soubera-o de certo de Sebastião de Carvalho, não o revelára... e eu durante tantos annos occultára-me d'ella, tivéra a coragem de estar morto tambem para ella! E estava a morrer... ella, a minha Leonor, a minha santa e querida irmã! Não parei do Porto até Lisboa. A afflicção dava-me azas, e assim mesmo a brida solta, a que fazia correr os cavallos, que de posta em posta tomava, parecia-me o illimitado da eternidade.

— Era noite, quando cheguei á porta do palacio de Pero Coelho de Abranches, que n'essa occasião estava fóra de Lisboa, entretido n'uma d'essas festas dissolutas e ruidosas, em que gastou a vida e a fazenda. Lancei-me do cavallo abaixo, e corri como louco pelas escadas acima. Um creado interpoz-se-me na passagem.

— «Faz dizer á snr.ª D. Leonor da Cunha — gritei-lhe eu — que Alvaro Martins está aqui, chegado agora mesmo do Porto.

— «Minha ama está muito mal... não fala a ninguem — respondeu o creado.

— «Vae — bradei-lhe eu em voz tal, que o creado obedeceu machinalmente.

— Minutos depois abriram-se de par em par as

portas, e eu atravessei como Alvaro Martins, desconhecido e plebeu, aquellas salas, que tantas vezes pizára como conde do Sardoal, irmão da poderosa senhora d'aquella casa.

— Leonor estava de cama, encostada a travesseiros. O rosto tinha-o coberto da pallidez de quem vae morrer. Mal entrei, fez sahir todos os creados, e ficou commigo a sós.

— «Francisco, meu irmão adorado — disse-me então — vem aqui para junto de mim.

— «Leonor, perdoa-me! — balbuciei, tomando-lhe uma das mãos, sobre a qual me lancei de bruços e suffocado pela afflicção.

— «Tu não tens de que me pedir perdão — replicou ella — eu era indigna de saber o teu segredo.

— Áquellas palavras a minha antiga suspeita illuminou-se de repente no meu espirito. Endireitei-me, e fitei-a curioso e pasmado.

— «Francisco — disse-me ella — poucas horas me restam de vida; talvez mesmo que poucos minutos, pois que sinto desfallecer pouco e pouco... talvez que nem tenha tempo para te contar tudo... e pedir-te perdão... por alma de nossa mãe... pela memoria de minha triste sorte!...

— «Anjo... anjo... — balbuciei, beijando-lhe muitas e muitas vezes as mãos.

— «Irmão... perdoa-me... Fui criminosa... e Deus puniu-me... Elle abandonou-me, e fugiu-me... e nosso filho... Ai! nosso filho! — exclamou, soltando um grito já abafada pela morte — meu filho... não sei d'elle... foi para poder de estranhos... Que será feito d'elle? Meu filho!... meu pobre filho!... Francisco, vae ter com elle... com Sebastião de Carvalho... diz-lhe que nosso filho... oh! aquelle desgraçado! Que o procure... que o faça feliz... que o procure... Deus não me perdoará sem que elle o encontre... Perdoa-me tu... pela triste sorte de nossa mãe... O meu filho!... o meu filho!

— «Leonor... minha Leonor — exclamei então — teu filho está em meu poder... fui eu que o recebi...

— «Tu!...

— «Juro-t'o por nossa mãe... pela minha honra...

— «Como sois misericordioso, Senhor!— exclamou, levantando para o ceu os olhos já ennuveados — Francisco — continuou, tentando apertar-me a mão — abençoado tu sejas!... Entrego-t'o... elle e Laura... a minha filha... véla por elles .. como teus... Ai os meus filhos... os meus pobres filhos!... Perdoa-me... por nossa mãe... O meu filho... Laura... são teus... véla por elles...

— E não pude perceber-lhe mais nada. A voz tinha-se-lhe ido reduzindo pouco e pouco a um murmurio, depois a um cicio, depois apenas mexia os labios quasi que imperceptivelmente... Passado um instante, deante de mim estava só o cadaver da que fôra minha irmã.

D. Francisco interrompeu-se então verdadeiramente commovido. D. Luiz endireitou-se pouco e pouco, á medida que elle ia narrando os ultimos momentos de D. Leonor, e pallido como um defunto fitava-o, com os olhos luzente de anciedade e de dôr.

— D. Luiz — disse o conde, por fim — eis aqui os paes que a providencia te deu. Tu és filho de D. Leonor da Cunha e de Sebastião José de Carvalho; és filho de um grande homem e de um anjo... mas és filho de um crime.

Ao ouvir estas palavras, o moço sargento soltou um grito cheio de agonia, e cobriu o rosto com as mãos. Laura, abafada em soluços, occultou o d'ella no seio de D. Francisco da Cunha. Este, passados alguns minutos, despertou-os d'aquella dôr, dizendo-lhes assim:

— Agora attendei ao que fiz, e ao que aconteceu depois da morte de minha irmã. Passado um mez parti para Vienna. Fui achar Sebastião de Carvalho viuvo, havia quasi um anno, e enredando habilmente o céu e a terra para realisar o seu casamento com a snr.ª D. Leonor Ernestina de Daum, filha do marechal conde de Daun, actualmente gene-

ralissimo das tropas imperiaes contra Frederico da Prussia — fidalgo illustrissimo, mas tão soberbo e tão altivo como o velho conde do Sardoal. Carvalho recebeu-me como verdadeiro amigo, e como tal descreveu-me plenamente todos os seus projectos. Aquelle casamento era mais um meio para realisar as suas aspiraçoens ambìciosas; por elle prendia inteiramente a snr.ª D. Marianna d'Austria, que fazia todos os esforços para que o consorcio se realisasse, lisongeada de que o seu protegido escolhesse esposa no paiz, onde ella nascera, e se creára. Carvalho estava todo absorvido na machina, com que trabalhava para a realisação dos seus sonhos de grandeza e de poder. Não falava em outra coisa, não via diante de si mais nada, não vivia de outros pensamentos. Deixei-o falar e espraiar-se á vontade sobre o assumpto, e no fim disse-lhe sêccamente:

— «Muito bem; mas a minha vinda a Vienna tem outro fim. Venho encarregado de uma missão, de que me incumbiu uma mulher á hora da morte. D. Leonor da Cunha já não existe.

— Ao ouvir estas palavras, Sebastião de Carvalho recuou dois ou tres passos atraz, e fitou-me como se me não comprehendera bem. Depois soltou de subito um grito doloroso, levou as mãos ao peito com força, e cahiu sobre uma cadeira com os olhos espantados em mim.

— «Morreu!... morreu!... — balbuciou elle.

— «Morreu — repliquei eu — e ao morrer...

— «Morreu!... morreu!... — repetiu, apertando mais os punhos cerrados contra o peito, como querendo penetrar para dentro d'elle, e arrancar o coração que o affligia com agonia intoleravel.

— Fiquei um pouco contemplando aquella dôr agudissima, sem saber o que havia de dizer. Sentia-me simpathisar com ella, porque presava aquelle homem como irmão; mas a morte de Leonor, a sua deshonra e o ferino abandono, a que elle a condemnara, inspiravam-me certo prazer satanico ao considerar aquella tortura como punição de um crime.

— Carvalho tinha as feiçoens contrahidas, as mãos apertadas contra o peito, e os olhos esgazeados fitos em mim.

— «E meu filho? — balbuciou por fim.

— «Teu filho! — repliquei, vencendo o primeiro impeto que me inspirava occultar tudo o que sabia — teu filho nunca o verás. A ignorancia da sorte d'elle será o teu castigo. D. Leonor incumbiu-te a missão de velares por elle; mas nunca a poderás cumprir, porque entre ti e elle Deus interpoz a vontade do desconhecido, em cujas mãos aquella desgraçada se viu obrigada a abandonar o fructo do teu crime.

— Carvalho fitou-me então com olhar aterrado. Soltou novo grito, e, tapando as faces com as mãos, assim ficou alguns minutos tremendo convulsivamente. Depois levantou-se, e sem me dizer palavra sahiu da sala. Alguns minutos mais tarde, entrou um creado, que me veiu dizer que o senhor embaixador se tinha achado doente, e que, por consequencia, não podia falar-me n'aquelle dia, mas que me rogava que o procurasse no seguinte. Assim o fiz, e encontrei-o sereno e frio como se nada tivera acontecido!

— Mal me viu, veiu direito a mim, e disse-me com voz firme:

— «D. Francisco da Cunha, não tornemos a evocar as recordaçoens do passado. A historia d'aquelles tempos é um livro terrivel, cujas folhas não devo nem mesmo encarar, senão no momento em que quizer endoidecer. Juro-te por Deus — accrescentou, estendendo solemnemente o braço para mim — juro-te pela eternidade mysteriosa, para onde todos caminhamos, e cuja incerteza e ignorancia enfreia a coragem dos mais ousados, que amei. D. Leonor primeiro como anjo, depois como mulher... quando ella cahiu. Eu não tive culpa d'aquella falta: quiz fugir da tentação, porque sabia que era homem, e não queria macular o anjo que amava; ella não o consentiu, porque se suppunha mais que mulher... e não o era. Cahimos, e depois d'aquella queda, o anjo fugiu deante dos

meus olhos, e ficou sómente... a peccadora. Não pude mais supportar aquella vista; olhar para aquelle rosto, que me recordava o sonho mais formoso da minha vida, era agonia dilacerante, com que a minha alma não podia. Fugi d'ella, e tentei esquecel-a... Mas não pude... não pude! Em quanto a meu filho...

—Carvalho não pôde continuar, e lançou-se-me de repente nos braços a soluçar como uma creança. Depois de asserenado, disse-me como envergonhado d'aquella fraqueza:

—«Bem vês que é impossivel conversarmos hoje por mais tempo. Adeus. Desde ámanhã por deante tornar-nos-emos a ver, mas sem falar mais no passado.

—Não respondi palavra; voltei-lhe as costas, e sahi. Chegando a casa, preparei a minha bagagem, e parti para Portugal, deixando-lhe esta carta:

—«Sebastião de Carvalho, não te posso odiar, porque te lastimo. Continúo pois para ti o mesmo que era hoje. Mas para isso é preciso que cumpras á risca o que me recommendaste tão afincadamente—não falemos mais no passado. D. Leonor da Cunha era minha irmã. Á primeira palavra que te saia da bocca a respeito do tempo que se encerrou com a morte d'ella... assassino-te. Parto hoje mesmo para Inglaterra, e de lá vou immediatamente para o Porto.»

—Por alguns annos não tornei a ter noticias d'elle. Alvaro Martins nada tinha com os enredos da côrte, e o conde do Sardoal morrera até para mim mesmo, excepto deante do filho de D. Leonor da Cunha. Que me importava portanto com o que se passava no mundo, a que eu já não pertencia? Como nada indagava, nada tambem sabia, excepto aquillo que o rumor popular me trazia aos ouvidos. D'elle soubera pois que Carvalho vivia em Lisboa, e que luctava auxiliado pela rainha contra o valimento de fr. Gaspar; mas não sabia nem tratava de saber mais coisa alguma. Por fim el-rei o snr. D. João v morreu, e, pouco mais ou menos um mez depois da morte d'elle, Sebastião de Carvalho foi nomeado ministro

de el-rei D. José, nosso senhor. Pouco tempo depois, escreveu-me a pedir-me que lhe fôsse falar a Lisboa. Fui, e por motivos particulares, meus e d'elle, reatamos desde então a frequencia da nossa antiga amizade. Mas até hoje nunca me disse uma só palavra a respeito do passado. É como se nada tivesse acontecido. Sebastião de Carvalho esqueceu o filho de D. Leonor da Cunha no estrepitar barulhoso das suas ambiçoens de poderio, e no revolver das vastas combinaçoens dos meios precisos para reorganisar a nação e tornar inabalavel a sua influencia sobre o animo de el-rei.

D. Francisco da Cunha parou de repente aqui. O filho de D. Leonor tinha os olhos fitos n'elle, com olhar severo e abstracto.

—Eis aqui a minha e a tua historia, D. Luiz de Carvalho—disse por fim o conde—agora podes apreciar o motivo, porque eu não queria infelicitar o sargento Manoel da Costa com a triste revelação do nome d'aquelles que lhe deram o ser.

Seguiu-se aqui comprida pausa; por fim D. Luiz sahiu do logar, d'onde ouvira a historia do conde do Sardoal, e dirigiu-se para Laura, deante de quem parou, com os olhos arrasados de lagrimas.

—Laura... Laura... minha irmã!—disse por fim, e depois de a fitar um momento, deu-lhe um beijo na fronte, e accrescentou em voz sumida—Perdoa-me... e esquece-me.

Depois voltou-se para D. Manoel, e disse-lhe com voz firme:

—D. Manoel, D. Luiz de Carvalho vae deixar de existir desde o instante em que eu sahir aquella porta, mas reapparecerá no momento em que D. Laura de Abranches precisar do braço do irmão para a defender do triste destino, que persegue as filhas da casa do Sardoal.

Em seguida dirigiu-se a D. Francisco, mediu-o de alto a baixo, e disse-lhe rudemente:

—Snr. conde, de hoje ávante nada mais de commum entre nós. D. Luiz de Carvalho nunca existiu,

e o sargento Manoel da Costa deixou de existir desde agora. O meu nascimento foi a causa da sua desgraça; mas o orgulho de v. exc.ª tem sido até hoje o motor de todas as minhas. Estamos quites um para com o outro. Nada nos devemos... nem nos conhecemos, porque nunca existimos um para o outro.

E dizendo, o sargento dirigiu-se com passo firme para a porta, e desappareceu por ella fóra sem mesmo voltar a cabeça. D. Francisco deixou-se cahir desalentado sobre uma cadeira.

—Perdi-o... para sempre! — balbuciou elle em voz sumida e dolorosa.

—Resto-lhe eu, meu querido tio — murmurou Laura, a soluçar e circulando lhe o pescoço com os braços.

—E eu — balbuciou D. Manoel em voz dôce e apertando-lhe uma das mãos entre as suas — deverei de todo abandonar a esperança de substituir no teu coração o logar que elle occupava até hoje?

D. Francisco metteu a mão de Laura na mão de D. Manoel.

—Resta-me esta felicidade — disse, por fim, abanando tristemente a cabeça, e ao mesmo tempo que dos olhos se lhe desprendia uma lagrima, que veiu cahir sobre as mãos unidas dos dois noivos.

XII

Sussurante chuveiro nos ares cerra,
Luz sulphureo clarão de quando em quando,
D'imminente procella os negros vultos
Féro estrago ameaçam.

BOCAGE. Ode. IV.

Poucos dias depois d'aquelle em que tiveram logar as scenas que descrevi nos ultimos capitulos, chegou o dia 22 de fevereiro, dia de entrudo em 1757.

O carnaval foi sempre festejo muito favorito da gente do Porto; mas o carnaval n'aquella epoca era muito differente do que é hoje. Bailes não os havia, nem sequer ideia d'elles; e gente mascarada muito pouca e rarissimos os grupos. As mascaras eram pessimas, ou antes de mascaras só tinham o nome, que se dava graciosamente a um panno com dois buracos por vistas, com o qual se cobria o rosto, ou a uma folha de papel pardo, esburacada pela mesma feição, á laia do que hoje usam as creanças, filhas de gente tão pobre que não póde dispôr de 40 réis para divertir os filhos n'aquelle dia. Não era porque as mascaras já não fossem conhecidas no Porto, mas é porque o eram sómente dos ricos; e d'esses raros se

mascaravam, e os que o faziam, mandavam as *caretas* escondidas para os portaes das casas, que queriam surprehender e lá as iam pôr na cara depois de bem cerrada a noite. Estas eram mascaras muito finas, que se mandavam vir de Italia, e que ficavam a peso de oiro. Era esta a rasão porque o povo as não usava; e não só o povo portuguez, mas o de quasi toda a Europa, exceptuando a Italia onde assim mesmo eram extraordinariamente caras em comparação do que valem hoje. A grande baixa de preço, que as trouxe até ás forças da bolsa popular, é devido ao italiano Marassi, que em 1799 fundou em Paris a primeira fabrica de mascaras, que deu á França o quasi monopolio que hoje tem de as malbaratear por toda a Europa.

Mas se no Porto ainda não havia n'aquella epoca a multidão de mascaras que hoje o atulha sem graça, e para desgraça dos que lhe aturam a chalaça chuleira e os uivos boroeiros, havia em compensação lautissimas comesainas, em que os ricos e os pobres, cada um á medida das suas posses, se despediam fartamente da carne, e se preparavam para entrar corajosamente na magra pitança da quaresma. A curia romana ainda não tinha tido o caridoso pensamento de dispensar da obrigação do bacalhau os fieis, a troco de um santo papel que custa a miseria de um vintem. A bulla dispensatoria já então existia; mas era como as mascaras, custava muito dinheiro, e a bolsa do povo não chegava até ella. Hoje quem é que não quer ter por um vintem o direito de comer carne quando se *deve* comer peixe? A bulla de vintem é uma das glorias do cardeal Antonelli. Bem haja o philanthropico cardeal, que inspirou a Pio IX o caridoso pensamento de nos facilitar os meios de ganhar o céo sem a dura obrigação de comer bacalhau na quaresma. Mas o povo d'aquella epoca, que não teve a gloriosa felicidade de ser contemporaneo de tão sancto e piedoso sacerdote, não tinha remedio senão aguentar a indigerivel obrigação, e por tanto preparava-se para ella com as substanciaes comesainas re-

feridas, findas as quaes, saltava para o meio da rua, onde se vinha enfarruscar, empoar, molhar e jogar a laranjada com frenesim e com delirio. O uso das cascaveis estava tambem muito em vóga; e as mulheres ricas, parapeitadas por traz das adufas, disparavam sobre os raros transeuntes, da sua *egualha*, um sem numero dos chamados *ovos de cheiro* — projectil antiquissimo, cuja fórma e primor me faz suspeitar que já era conhecido do tempo dos celtas, e a cuja invenção não posso conceder epoca menos remota que a dos antigos romanos, que se deleitavam com os perfumes da assafetida. O Porto afigurava então, em dia de carnaval, vasto campo de batalha, em que os ovos, as laranjas, a agua, a farinha e a cinza do borralho eram armas de um combate ferocissimo, de que no fim só havia a lamentar o trabalho de limpar o cabello e lavar a cara, o que nem todos faziam n'esse mesmo dia.

Tal era então o carnaval no Porto, e o do anno de 1757 não desdizia em coisa alguma o dos annos anteriores. Os cascaveis, descendo aqui e alli das janellas, barulhavam inesperados sobre as costas do incauto, que, ao sentir rastulhar a matinada, saltava, de um pulo para o meio da rua, rindo-se ou praguejando, conforme o seu genio, da insolente brincadeira. De quando em quando os *ovos de cheiro* voavam despedidos do alto de uma janella, e vinham despedaçar-se tão certeiros e tão successivos sobre uma cabelleira ou sobre um chapeu, que o proprietario dos dois objectos via-se obrigado a refugiar-se no portal mais proximo, onde ficava encurralado toda a tarde, se não tinha a felicidade de poder parlamentar e transigir por signaes com os seus conhecimentos, que o atalaiavam por traz das taboinhas da adufa. Aqui uma rua estava impenetravel, em consequencia do denso chuveiro de laranjas que cortavam os ares em mil direcçoens encontradas; e acolá, em outra, a agua cahia a potes sobre os alegres festeiros do santo introito, que se revolviam baralhados uns com os outros entre espessa nuvem de farinha, soltando gargalha-

das e gritos de enthusiasmo festival. Em outras havia de todas estas coisas, e estas eram as mais perigosas, sobretudo quando algum abelhudo com a cara tapada, de botas velhas do seculo XVII e de véstia do avêsso ousava apresentar-se n'ellas, que então, ai Deus do céu! a coisa transformava-se em verdadeiro inferno, porque todos se voltavam contra elle, e o desgraçado feito monte de farinha empastada a cantaros d'agua, via-se obrigado a fugir espavorido deante do rapazio da rua, que o perseguia á laranjada, e lhe fazia pagar cara a audacia de se apresentar de cara alta por a trazer coberta com um trapo.

Era uma hora da tarde; o povo acabava de jantar, e principiava a embarulhar-se, por toda a parte, nos seus brutaes e queridos folguedos, quando uma exhibição carnavalesca, uma mascarada superior ao usual da epoca, os veiu interromper nas ruas, por onde passava, attrahindo atraz de si galhofeiramente os festeiros. Era um robusto carro maiáto, puxado por dois alentados e anafadissimos bois, conduzindo sobre si uma pipa, pintada a vermelhão e coberta de copados ramos de carvalho, engrinaldados de flores. Na parte posterior levantava se um poste com uma taboleta arvorada, na qual se lia em grandes letras de almagre — *Viva a Compauhia dos Vinhos do Alto Doiro* — e na anterior havia outro mais baixo, cuja taboleta dizia — *Vinho da Companhia, bom e barato* — A este carro servia de lavrador um fauno notavelmente bicornio, que trazia a cara coberta com uma boa mascara italiana, e que vinha soffrivelmente caracterisado. Precediam-n'o dois estafermos, um d'elles vestido á laia de *fagote* da procissão dos Passos, e o outro de capa e volta como official de justiça. Ao lado do carro caminhavam seis moiros, de lança e adarga em punho, e atraz d'elles dois velhos de grandes barbas brancas, trajando compridas lobas roçagantes, os quaes se abordoavam em dois formidaveis paus de cerquinho, da raça d'aquelles que, em Enxara, pozeram tal medo ao nosso Nicolau Tolentino, que chegou a duvidar da coragem dos heroes de Carlos

Magno. Esta machina entrara pela porta do Olival, acompanhada de immenso rapazio, que por lá se revolvia á laranjada; e, caminhando vagarosamente pelas Taipas abaixo, descera a Bellomonte, e quando entrou na rua das Flores já trazia atraz de si tanta gente, que mal se cabia na rua. De quando em quando parava, o homem do fagote tangia a busina, e o da capa e volta apregoava — Vinde, nobres; vinde, povos; vinde todos provar do excellente vinho com que os ministros de el-rei, nosso senhor, houveram por bem fazer mercê a esta muito leal cidade do Porto. — E acabando de dizer estas palavras, elle e o fagote tiravam d'entre os ramos dois bojudos copos de folha de Flandres, e, desandando a torneira da pipa, enchiam-n'os de um liquido fétido e avinagrado, que offereciam aos circumstantes, cada um por seu lado. Os mais abelhudos afferravam soffregos as alentadas vasilhas, mas apenas as chegavam aos labios, retrocediam encaretando-se nauseados. Então os dois começavam a accommetter os narizes dos espectadores, approximando-lhes os copos, e ás visagens e tregeitos que elles faziam, os moiros callavam as partazanas, e fingiam arremetter com os populares, que descahiam uns sobre os outros, dando urros estridentes, alguns com causa justificada, porque, apenas os moiros accommettiam, os velhos erguiam os cajados, e punham-se a dar ás cegas para a direita e para a esquerda, e bradando ao mesmo tempo: — Justiça que manda fazer el-rei nosso senhor n'estes villãos recefes e traidores que não gostam do vinho bom e barato da Companhia dos Vinhos do Alto Doiro. — O povo respondia com tumultuoso alarido de uivos e de assobios prolongados por alguns minutos, durante os quaes as laranjas, a farinha e os potes de agua ferviam por cima dos mascarados, que, ao chegarem á rua das Flores, já vinham mais que rasoavelmente empoados e molhados. Depois a exhibição continuava a caminhar, para de novo ir parar mais adeante, e de novo representar a scena, que acabei de descrever.

Assim veiu a mascarada até á porta de D. Bar-

tholomeu de Pancorvo, defronte da qual parou. Repetiu-se aqui a scena tantas vezes representada, demorada porém agora com reconhecida intenção. O povo prolongava os uivos e os assobios, e os garotos atiravam de quando em quando laranjas para as janellas do honrado biscaínho, das quaes quebraram mais d'um vidro. A barulheira já ia a descambar para a assuada acintosa, e os velhos que, de certo não queriam levar tão longe a brincadeira, amiudavam ao fauno signaes sobre signaes para continuar para deante, quando um incidente imprevisto fez reanimar o enthusiasmo popular, e veiu dar novo tom ao arruido. Um frade dominicano, fr. José de Mansilha n'uma palavra, subia pela rua do Souto acima, quando o prestito veiu parar defronte da porta de D. Bartholomeu de Pancorvo. Fr. José apressou o passo, e chegou a tempo de poder occupar, encostado á esquina, um bom logar, d'onde podia commodamente presenciar o espectaculo. O bom do frade ria a bom rir da pantomima, que se representava. As feiçoens reluziam-lhe intimo contentamento; ria-se de tudo, e ria-se especialmente quando ouvia tirlintar os vidros das janellas de D. Bartholomeu, despedaçados pelas certeiras laranjas dos populares. Duas coisas faziam rir e alegrar fr. José de Mansilha. Ria-se e alegrava-se, porque via n'aquillo os preludios da revolta de que tanto precisava para salvar os privilegios da Companhia, ameaçados pelo bom senso e pela vontade de ferro de Sebastião José de Carvalho; e ria-se de vêr a cegueira do povo, que attribuia a D. Bartholomeu de Pancorvo o monopolio injusto e arruinador, em que haviam transformado o judicioso plano do estabelecimento liberal, que se fôra realisado, teria por ventura felicitado a nação. Ora D. Bartholomeu não quizera assignar os novos estatutos, por isso mesmo que inauguravam um monopolio que esmagava o povo, e o povo quebrava-lhe as vidraças. Fr. José ria-se por isso, e ria-se maliciosamente, ao ver a licção que a populaça estava dando ao seu amigo ácerca do que significa a justiça e a infallibilidade do que chamam

opinião publica. É muito natural, que o erudito dominicano, que tanto amava as citaçoens classicas, estivesse n'aquella occasião repassando na memoria aquellas palavras do nosso Plauto portuguez, que dizem —

Mui muito me espanto eu
De mundo tão albardeiro,
Que por eu ser prazenteiro
Me tem todos por sandeu,
E por sizudo, janeiro. [3]

Fr. José estava dando todos os signaes do mais vivo contentamento, quando um infezado e travesso garoto, que, para ver melhor, trepara de salto para cima dos hombros de um alentado festeiro, que debalde tentava sacudil-o de si, deu por elle a rir no meio da multidão, e, soltando um uivo e logo apoz um assobio sibilante, bradou em voz aflautada e secca:

— Senhores, em cortezia, cheguem d'esse vinho a sua reverencia o padre mestre fr. José de Mansilha. Eil-o acolá está encostado á esquina do Souto, e a rir com cara de quem gosta da festa em honra da sua Companhia.

O garoto ainda queria dizer mais, mas aqui o encavalgado conseguiu derribal-o dos hombros, cortando-lhe assim o fio do discurso. Fôra porém o sufficiente. Áquellas palavras o povo soltou um grito misturado de prolongados assobios, e todos se voltaram para o logar apontado. N'um momento a populaça abriu aos lados, e fr. José achou-se na orla da vasta clareira, que tinha por horisonte a pipa e os mascarados. Ao mesmo tempo restrugiram por sobre os alaridos os brados seguintes:

— Deem vinho ao padre fr. José de Mansilha.

— Honra e louvor ao procurador da Companhia!

— Vinho... vinho, dêem-lhe do seu vinho, bom e barato.

---

[1] Gil Vicente. Auto da Lusitania.

Fr. José sentiu então correrem-lhe por duas ou tres vezes ao longo da espinha dorsal aquelles calefrios de especie particular, que se costumam sentir em lances d'estes. Mas o frade não era homem que succumbisse com facilidade. Reanimou-se immediatamente, e continuou a mostrar-se satifeitissimo, e com cara de quem gostava, e até approvava a brincadeira. Mas o fagote embocou a busina, e o homem da capa e volta lançou novamente o pregão. Em seguida tomou um dos copos de lata, encheu-o, e depois dirigiu-se com elle empunhado para o frade. Os dois velhos mexeram-se então, depois de terem trocado algumas palavras um com o outro. Um d'elles atalhou o caminho do homem da capa, e tomou-lhe o copo das mãos; o outro dirigiu-se a fr. José, e convidou o em falsete a vir beber para o meio da clareira. A primeira ideia de fr. José foi resistir, mas um uivo popular avisou-o da impotencia de resistencia, e o frade deixou-se conduzir com a melhor feição d'este mundo. O velho, que empunhava o copo, approximou-lh'o dos labios, fazendo-lhe muitas cortezias e reverencias. A esta prova é que o frade não poude resistir; deu um salto para traz, e arredou de si o copo com tal força, que o fez voltar na mão do velho e vasar-se todo no chão. Os moiros callaram para elle as partazanas, e a populaça, soltando tremendissimo apupo, fez chover sobre elle e sobre os mascarados uma nuvem de laranjas já quasi todas esmagadas. A onda popular rolou então; a clareira desappareceu n'um momento, e fr. José achou-se aos trambulhoens sem saber nem ter folego para indagar por onde, isto no meio de espessa nuvem de farinha, e debaixo de terrivel tempestade de agua frigidissima, que sentia cahir continua e sem cessar como se escorresse por calleira, que lhe estivesse a prumo sobre o craneo. Empoado desde os pés até á cabeça e molhado até á camisa, assim andou fr. José em bolandas e sem respirar por mais de dois minutos. De repente o alarido cessou, e o frade achou-se firme sobre o sólo. Sem indagar d'onde lhe provinham

aquellas treguas, fr. José, desesperado e como um toiro, arremetteu de cabeça baixa com a multidão, e por ella fóra e sem achar quem ousasse resistir-lhe, abriu caminho até ao portão de D. Bartholomeu de Pancorvo, para dentro do qual se arremessou cegamente, e onde lhe aconteceu o que mais tarde lhe ouviremos contar

Entretanto aquelle silencio e aquella quietação, de que o erudito padre mestre se aproveitara para fugir, era devido a uma causa naturalissima. Fôra ella o repentino apparecimento do escrivão do crime, que, acompanhado por um meirinho e vinte quadrilheiros, rompera, ás contoadas, caminho por entre a multidão, e viera cercar a pipa e os amotinados no logar onde mais accesa andava a referta, em razão da chacota em que fr. José volitava a seu pezar. A vinda dos quadrilheiros não era tambem obra do acaso. A policia portugueza ainda n'aquella epoca não sabia rondar os arraiaes e as festas, e o apparecimento d'ella n'esta conjuctura era por consequencia devido a outra causa. Esta causa fôra as ordens do chanceller, que informado da assuada, com qne os mascarados tentavam escarnecer da instituição da Companhia, déra ordem ao juiz do crime, e este ao seu escrivão para que prendesse os amotinadores, pipa e tudo, onde quer que os podesse encontrar. O escrivão partiu in-continente a cumprir as ordens recebidas; mas como era homem sizudo e intelligente, entendeu que, visto a assuada ter começado na alameda da Cordoaria, era por lá que devia começar a correição. Em vez pois de lhe sair ao encontro, como faria outro qualquer homem menos sério e de espirito mais volteiro, foi de casa do juiz para a Cordoaria, e d'ahi entrando pela porta do Olival, seguiu até á rua das Flores na pista dos desordeiros. Facil e rapido lhe foi o encontral-a, pois que a exhibição caminhava de vagar e com grande companhia. Ao topar o coice d'ella, o escrivão tomou folego, e animado pelo meirinho, homem assomado e rixoso, poz animo aos quadrilheiros, e arremeteu com a multidão a contoadas

de partazana. Como é bem de vêr, os mais pacatos eram os que vinham no fecho da turba-multa. Facil foi pois o espavoril-os, e, como o medo indefinido é contagioso, toda a turba começou a pôr-se em fugida. Os quadrilheiros sentiram dobrar os brios; cada um d'elles rivalisava então em esforço com Galafre da ponte de Mantible. É verdade que já no meio da turba acharam frio o respeito e o pavor que incutiram no principio. Como é natural, o medo quanto mais se approximava d'onde os folgares eram mais vivos, tanto menos achava em quem se acoitar. Mas os quadrilheiros iam sempre ávante. O povo não fugia, mas abria aos lados, persuadido por aquelles argumentos de cacete, que lhe cahiam inesperados sobre as costas. Começava-se já a murmurar, a remexer, a praguejar, quando o escrivão e os esbirros lograram em fim chegar até ao coração da desordem, isto é, até á pipa e fr. José de Mansilha.

—De par de el-rei está tudo preso—gritaram então á uma o escrivão e o meirinho, brandindo com caras de papoens as catanas.

Seguiu-se profundissimo silencio e completa quietação.

—De par de el-rei está tudo preso—gritaram elles de novo, sem saberem já o que haviam de fazer, porque a maior parte dos mascarados estava misturada com o povo.

A situação tornou-se indefinida; o fauno porém encarregou-se de a esclarecer.

O fauno, pobre diabo! fôra até então o mais sórna e sem-sabôr de todos os mascarados. Limitára-se a puxar pela sóga e a presenciar com cara de asno o espectaculo, de que fazia parte importantissima em razão do vestuario, posição porém de que parecia que não tinha consciencia alguma. O seu procedimento fôra portanto o mais regular e o mais innocente. Mas ou fôsse em razão do vistoso do traje, ou por que as coisas d'este mundo andam sempre ás avéssas, foi com este desgraçado borrêgo, com quem os quadrilheiros embirraram primeiro. Um d'elles, de

peiores figados, filou-o por um dos ramaes do bicornio, e sem mais ceremonia convidou-lhe as costellas com uma contoada, gritando ao mesmo tempo:

— Rende-te, perro, rende-te, senão mato-te.

O pobre do fauno, apesar de aggredido, deixou ir a cabeça á mercê do quadrilheiro, certamente por que a resistencia traria comsigo o desmascaramento, que era o que elle não queria. *Torto collo* e com o corpo tambem retorcido, exorou em voz humilde o quadrilheiro:

— Largue-me, deixe-me, pelo amor de Deus!— rosnou elle em tom plangente.

— Rende-te, bilhardão!— replicou o quadrilheiro cada vez mais esforçado, e applicando nova contoada ás costellas do supplicante.

Isto na verdade já era de mais. Era querer achar paciencia demasiada n'um fauno. A' nova contoada o representante dos antigos companheiros do Pan ergueu de repellão a cabeça, e deixando o bicornio e a mascara nas mãos do quadrilheiro, assentou nos queixos d'este punhada tão de peito, que o fez ir de pernas ao ar com a cara deitada abaixo.

Foi o signal de combate.

Os velhos, os moiros, o fagote, o ex-fauno e a populaça rolaram sobre o escrivão, sobre o meirinho, e sobre os quadrilheiros. Aqui vejo o leitor arrepiar-se suppondo que vae assistir a scena sanguinolenta, em que os pobres diabos serão despedaçadds pela furia popular. É desconhecer de mais o caracter da gente do Porto. O povo portuense, se toma as coisas a serio, não é na verdade muito para graças; mas a sua boa indole faz-lhe tomar geralmente todas as coisas a rir, e expande-se por mais na chalaça do que na ira. Foi o que aconteceu d'esta vez. Escrivão, meirinho e quadrilheiros viram-se de repente, nos trances por que fr. José passára havia pouco. Desarmados n'um momento, sentiram-se revolver, sem saber como, ao grado da multidão. A farinha, a agua e as laranjas choviam por cima de tudo aquillo. Os pobres nem tinham sequer tempo para tomar o fô-

lego; assim mesmo o sentimento dos deveres, que tinha a cumprir, não abandonou o escrivão. De quando em quando emergia a cabeça, coberta de farinha, a cima da turba-multa, e gritava suffocado e quasi cégo:

— Rapazes, sentido com a pipa... que não fuja.

E lá continuava a remoinhar em turbilhão, sem saber como nem por onde.

N'isto a pipa estoirou com o estampido de uma peça de artilheria, e o liquido derramou-se pelo chão, toldando os ares com fedor insupportavel. Ao mesmo tempo ouviram-se gritos dolorosos, e algumas pessoas baquearam impellidas por força mais que humana. As primeiras filas dos contendores tornaram de novo a espavorir. O caso, como o leitor vae vêr, não era para menos. O novo incidente era na verdade sério, e succedera repentinamente assim.

Á porta de D. Bartholomeu de Pancorvo, quando se approximou a mascarada, estava um lacaio, segurando dois cavallos pela rédea. Já ao tom longiquo da barulheira, os cavallos tinham principiado a inquietar-se, pelo que o lacaio, vendo-a approximar cada vez mais, entendeu que era prudente metter os cavallos para dentro do átrio. Foi o que fez, collocando-os, para mais segurança, de garupa para a porta. Fôra porém baldada a precaução para acalmar de todo aquelles brutos ardegos e irrequietos. Durante o alarido chegou a ponto a inquietação dos animaes, que as forças do lacaio tornaram-se insufficientes para conter os dois, no que foi felizmente auxiliado a tempo por um preto reforçado e já idoso, que vestido de jornada descera, ao som do barulho, ao portal. Entretanto os animaes continuavam a jogar de garupa cada vez com mais forças. O preto, cujas forças gigantes se revelaram desde logo, continha com difficuldade aquelle de que se incumbira; o lacaio esse andava aos solavancos, sem comtudo desaferrar o animal que segurava por junto do bocado. O cavallo, alcançada a consciencia da sua superioridade de forças, redobrou de violencia nos

galoens. Começou então a recuar, a recuar, disparando a cada solavanco uma parelha de coices monumentaes. Ás arrecuas foi sahindo pela porta fóra, arrastando comsigo o pobre do lacaio, pendurado do bocado. A pipa, que, no ardor da refrega, ficara atravessada no meio da rua, estava-lhe mesmo em linha recta da retranca. No recuar o cavallo approximou-se d'ella a tiro de coice; assim, n'um dos golpes successivos que atirava, as ferraduras encontraram por fim a opposição dos tampos, e logo tampos, e patas entrou tudo para dentro do espaçoso bojo da pipa com o estampido mencionado. Ao som inesperado, o cavallo espavoriu, fitou a orelha e arremessou-se de golpe para dentro do portal; os bois amedrontaram-se, e partiram a correr pela rua do Loureiro acima, arrastando apoz de si o carro e a pipa, que ia com os resíduos do liquido, que contivéra, alfazemando toda a rua.

Ao primeiro impeto d'este terrivel incidente o populacho espavoriu. Ao pavor succedeu a gargalhada e o apupo, e os quadrilheiros foram postos em mais apuradas talas, como verdadeiros causadores d'aquelle desaguisado feito á alegria popular. A referta revolveu-se então com mais furor. N'isto pela pela porta de D. Bartholomeu fóra sahiram a cavallo dois cavalleiros, que se dirigiram para a multidão allucinada; um d'elles era o preto, e outro era o nosso antigo conhecido da torre do Olival, que nada apresentava agora de commum com o altivo e melancolico conde do Sardoal, mas que era de novo em tudo e por tudo o excentrico e galhofeiro Alvaro Martins. Antes porém que digamos como elle representou o papel de el-rei Sobrino no meio da tumultuosa discordia d'este novo campo de Agramante, é bem que retrocedamos á occasião, em que fr. José de Mansilha, desprendendo-se das garras da populaça, invadiu espavorido a casa de D. Bartholomeu de Pancorvo.

Depois de entrar de repellão pelo portal dentro, e depois de desembaraçar-se da nova peripécia

que elle logo contára, arremessou-se cégamente pela escada acima, e entrou para dentro da sala de espera, estonteado e como se trouxera todos os diabos no corpo.

Alvaro Martins estava alli de pé, de chapeu na mão, e em acto de despedir-se da familia que o rodeava com visiveis signaes de dôr, sobretudo Laura, por cujas faces corriam as lagrimas em fio.

— Vamos, D. Laura — dizia elle, simulando ar folgazão, mas sem poder de todo reprimir a tristeza de espirito, que o opprimia — eu não vou para os antípodas, e não sou homem tambem por quem se devam nutrir taes receios. Estou affeito a passear o mundo, e tão indifferente e facil me é ir da rua das Flores a Roma, como da rua das Flores á porta do Olival. Não sei quando voltarei — continuou, voltando-se para D. Manuel — mas escreverei sempre de toda a parte onde me achar. Eu não quizera que se tivesse commigo esta deferencia; a minha maior felicidade é vêr realisado este casamento, embora não me seja dada a ventura de a elle assistir; mas visto que a querem ter, visto que exigem a minha presença a elle, peço-te, meu caro D. Manoel, que não esperes por mim mais de dois mezes. Os negocios de que estou incumbido, pódem protrahir-se, e n'esse caso...

N'isto fr. José de Mansilha arremetteu de repellão pela porta dentro. A figura do frade era eminentemente burlesca. Era uma verdadeira pilha de farinha. Os cabellos, as pestanas, a cara, o habito, tudo estava mais que sufficientemente empoado. Além d'isso, a capa, despedaçada no meio dos encontroens, pendia-lhe em farrapos, que se arrastavam apoz elle, quando caminhava.

A'quella apparição inesperada, todos se voltaram para elle, e Alvaro interrompeu a despedida, e fitou pouco satisfeito aquella figura anormal, que á primeira vista não reconheceu; mas, ao vêr que era fr. José, soltou uma gargalhada profundissima, e exclamou:

— Bravo, padre fr. José de Mansilha, bravo! Então já os frades domínicos jogam o entrudo?

N'este intervallo fr. José readquiriu a consciencia das coisas. Conhecendo o logar onde estava, lançou sobre si um olhar indagador, e ao vêr-se n'aquelle estado, desandou tambem a rir como doido.

— E esta! — exclamou por fim em tom jocoso — e esta! Agora é que eu vejo como os malditos estropiaram o texto — *Tollet sacerdos pugillum similae, quae conspersa est oleo &c.*[1]

Era tão comica a figura do faceto fr. José ao repetir estas palavras, que Alvaro Martins desandou de novo a rir, no que foi acompanhado por todos os outros, apesar de não saberem latim.

— Mas que foi isso fr. José? — disse Alvaro finalmente — Quem foi que o poz n'esse estado?

— *Flagrans dementia sœve furiat plebem* — replicou fr. José — que se póde traduzir com propriedade *a plebe traz hoje o diabo no corpo.* Ora vejam como me pozeram! Diz vm.ce, snr. Alvaro, quem me poz assim? Pois não ouve o que lá vae na rua? Vae tudo em polvorosa; até nem o pobre de mim escapou.

— Um sacerdote! Que indignidade! exclamou D. Beatriz, pondo as mãos, e revirando os olhos para o ceu — O mundo está perdido.

— Perdido, snr.a D. Beatriz! diga v. s.a perdidissimo — replicou em tom jocoso fr. José de Mansilha — Puzeram as mãos no ungido do Senhor, sem respeito pela dignidade sacerdotal, e agora *ecce ego abscondar in campestris deserti, donec veniat sermo a vobis indicans mihi*[2] quero dizer, agora tenho de incommodar v. s.a, até que me venha do convento outro habito, com que possa sahir decentemente para a rua.

— Isso é o menos, snr. fr. José — replicou D.

---

[1] Lev. VI. 5.
[2] Reg. 2. II. 18.

Beatriz — o peior é o seu incommodo e a irreverencia...

— Mas ha de desculpar, fr. José — atalhou aqui D. Bartholomeu — foi uma imprudencia sahir hoje a estas horas...

— Como imprudencia, D. Bartholomeu! Pois eu podia lá imaginar que o populacho havia de implicar com um padre da ordem do meu patriarca S. Domingos, e pôr-me assim *tanquam pistorem?*... Foi imprudencia, foi: mas não foi em attenção ao dia; foi por outro motivo. Sabe o que se está passando lá na rua, D. Bartholomeu? Sabe quem lhe tem quebrado a vm.ce as vidraças?

— Descuidos do entrudo, fr. José; coisa naturalissima.

O frade sorriu-se maliciosamente.

— Não o convido a chegar á janella, D. Bartholomeu — replicou por fim — porque o meu sagrado ministerio recommenda-me mais que a ninguem o amor do proximo. Mas olhe que não é descuido, é proposito. A' sua porta está parada uma pipa com uma taboleta que diz — Vinho da companhia, bom e barato.— Bom! eu que o diga; é uma mistura de vinagre pôdre, ourina e arruda. Deus de misericordia! Só a lembrança do cheiro me tolda o estomago.

D. Bartholomeu fez-se pallido.

— Pois vm.cê cheirou-a, fr. José? — bradou Alvaro Martins, rindo como um perdido.

— Eu cheiral-a! — replicou indignado fr. José — *Et dederunt ei vinum bibere cum felle mixtum*, chegaram-m'a elles ao nariz, mas eu repelli-a com todas as forças, *et cum gustaret, noluit bibere.*[1] Os indignos depois encurralaram-me, mantearam-me...

— Mantearam-n'o!

— Quero dizer, andaram commigo aos empurroens...

— Mas como foi vm.cê metter-se entre elles, fr. José?— perguntou gravemente D. Bartholomeu.

---

[1] S. Matt. XVII. 33.

— Ora que outro o perguntasse, D. Bartholomeu!... Aquella mascarada tinha relação...

— Ah! entendo...

— Muito bem. *Sapienti dictum sat est*, a bom entendedor meia palavra basta, diz o adagio. Quiz eu vêr onde aquillo iria parar; mas o que é certo é que eu nunca viria a saber onde pararia aquella brincadeira, se a ronda não chegasse, e muito a proposito, porque, a falar-lhe a verdade, eu já não tinha fôlego. Mas oiçam o barulho que lá vae!— interrompeu-se aqui o frade, ouvindo troar o alarido na occasião do arrombamento da pipa — Aposto que os brutos dos quadrilheiros não empregaram as medidas convenientes... Desaproveitaram a primeira impressão, e a plebe teve tempo de reconhecer quem é que póde mais. Que alarves! Não sabem que n'estes lances a vantagem está no primeiro impeto, depois não ha poder valer-lhe, como diz o poeta —

> Dum trepidant nullo firmatae robore partes,
> Tolle moras; semper nocuit diferre paratis[1]

Houve um momento de silencio, em que todos estiveram attentos ao barulho.

— Deixal-os lá — disse por fim fr. José — a salvo já eu estou ao menos. Mas olhe que não cheguei até aqui sem trabalho. Ao entrar da sua porta, D. Bartholomeu, dei de frente com embaraço egualmente perigoso. *Bestia alia similis urso*, como diz o profeta;[2] dois grandes cavallorios aos coices puzeram-me em pontos de maior damno. Aqui vinha a pêlo Scylla e Carybdes; de um lado o populacho embriagado, do outro as duas féras com o diabo no corpo. Trouxeram-me aos zig-zags mais de meia hora; por fim pude furtar-lhes o corpo, e eis-me aqui.

N'isto ouviu-se dentro do portal um alarido in-

---

[1] Lucanus. Phars. Lib. x. 281.
[2] Dan. vii. 7.

fernal. D. Manoel e Alvaro correram immediatamente a defender a entrada, imaginando que o povo invadia a casa. Ao chegarem porém ao alto da escada, viram que o barulho provinha dos esforços, que faziam os creados, para sujeitar os cavallos.

— Eu não torno a subir — disse então o conde ao amigo — acaba tu as despedidas, que felizmente não pude terminar. Adeus; repito o que já te disse. Se dentro em dois mezes eu não estiver de volta, ultima o casamento. É inconveniente, é perigoso talvez demoral-o mais tempo. Até lá vigilancia e muita. Aquelle homem é um grande infame, e esse frade que lá está em cima um intriguista perigoso. Cautella e muita. Adeus.

Assim dizendo, abraçou D. Manuel, desceu a escada a correr, e, chegando a um dos cavallos, faloulhe, e, lançando-se de um salto na séla, fel-o sahir para fóra da porta. O negro fez o mesmo, e seguiu immediatamente apoz elle.

XIII

E como contrarios são
O receio e mais o gosto,
Um ao outro contraposto
Pelejam no coração.
Vivem sempre n'este enleio,
E nenhum leva victoria,
E se ás vezes vence a gloria,
Mil vezes vence o receio.

F. R. Lobo. *Primavera.*

Deixemos fr. José de Mansilha a incommodar a familia de D. Bartholomeu de Pancorvo com os desconcertos, que lhe eram inspirados pela excitação em que estava — excitação que o dementára o preciso para lhe fazer perder um pouco a gravidade e o sangue frio de que sabia tão bem aproveitar-se, — e acompanhemos o conde do Sardoal, que, outra vez Alvaro Martins, dirigira o cavallo para o turbilhão, em que a populaça galhofeira, fazendo espantoso alarido, envolvia o escrivão e os quadrilheiros.

— Passagem, senhores; deixem passar que vou de jornada e á pressa, em serviço de el-rei, nosso senhor — bradou elle, puxando o cavallo para perto da multidão, e fazendo-o entrar, ainda irrequieto mas sopeado pela destresa do cavalleiro, para o seio do reboliço.

A populaça, demovida pelo instincto da conservação, abriu aos lados, recuando sobre si mesma, e largando, com este cuidado, as victimas do seu enthusiasmo. Alvaro approximou-se então do escrivão, que a offegar e com a figura desauthorisada pelos resultados d'aquella pulverulenta brincadeira, balbuciava palavras inintelligiveis, que ora pareciam invectivas contra o povo, ora ameaças contra os quadrilheiros.

— Snr. escrivão — bradou-lhe rudemente Alvaro Martins — quem não sabe cumprir o seu dever, não se mette a desempenhar cargos como o seu.

— Senhor — balbuciou o escrivão — veja vm.cê o estado em que me puzeram. Não respeitaram...

— Foi muito e muito bem feito — interrompeu Alvaro Martins — em vm.cê tudo foi pouco. A não ser a desauthorisação da justiça de el-rei, nosso senhor, quizera eu que ainda fôsse mais. Se não medeára a sua incapacidade, tudo se teria arranjado, e a plébe acalmaria na loucura que commetteu insultando as determinaçoens régias, e fazendo unioens revoltosas e contrárias ás leis do reino.

— Uihé! Viva a léria! Abaixo o sacripanta da Companhia! — gritou a populaça, soltando terrivel apupo.

E ao mesmo tempo uma nuvem de laranjas cahiu sobre Alvaro Martins e o negro. Ao estrepitoso da apupada os cavallos espantaram de novo. Os dois cavalleiros, cravando-lhes as esporas, arremessaram-n'os então sem mais esperar para a frente, não lhes importando sobre quem, e distribuindo para a direita e para a esquerda formidaveis chicotadas, com que abriram vasta clareira em roda de si.

A esta corajosa e inesperada resistencia, a populaça apavorou-se. Os gritos dos feridos pelos chicotes e pelas patas dos cavallos ainda deram mais forças ao espanto. A multidão começou a abalar em retirada, e a vasar-se pelas ruas transversaes. Os mais audazes, que não eram poucos, retiravam porém lentamente, e fazendo ouvir ameaças e palavras,

que preludiavam scena violenta. N'esta occasião sahiu do meio da turba uma voz que gritou em tom rijo:

— Que diabo de medo é este? Quem é este marinello que se atreve a insultar-nos e a vir-se metter com os nossos folguedos?

A estas palavras não correspondeu um apupo, mas um murmurio surdo e ameaçador, que principiou a crescer, a crescer a ponto de chegar ao tom de pronunciada revolta, sobre o qual irrompiam de espaço a espaço gritos e brados de cólera. O povo começou então a oscillar como ariete, que vae ser impellido contra muralha, que pretende derribar. Alvaro soltou um brado terrivel, arrancou da espada, e seguido pelo negro, que se armára com um bacamarte, que trazia pendente do arção-trazeiro, impelliu de novo o cavallo para sobre a multidão.

Seguiu-se o silencio que precede as grandes lutas. Alvaro, cujo aspecto sevéro e corajoso bem o demonstrava homem desaffeito a ter medo, aproveitou-o para bradar em voz firme e tão alta que se ouvia a distancia:

— Eu não quero offender ninguem, nem me affronto com os folguedos do povo. Sentido porém nos primeiros que ousarem approximar-se de mim.

Estas palavras foram ditas com tal cara e com tal voz, que fizeram viva impressão na populaça, que continuou a premanecer deante d'elle sem se mover. Então Alvaro embainhou a espada, e fez signal ao negro que desaperrasse o bacamarte; depois disse em tom amigavel, mas soberano:

— Eu não sou inimigo do povo; os que me conhecem, sabem que sou povo tambem. O que disse foi para bem de todos. Conheço que o que fazem não é com mau sentido: mas mau ou bom é um crime, e os crimes, bem o sabem, têem forcas e cadeias para os punir. Acham que é inimigo do povo quem lhe quer fazer vêr, que os seus folguedos innocentes vão descampando para crimes monstruosos? A mascarada é uma brincadeira que diverte, mas reparai

bem, homens do povo, aquella mascarada era um attentado contra as leis do reino, e contra as determinaçoens de el-rei, nosso senhor.

Aqui sentiu-se um murmurio de descontentamento.

— Eu digo-lhes a verdade — continuou Alvaro Martins — demais façam o que quizerem; mas lembrem-se que el-rei pode mandar, e que o povo deve obedecer. Se se acham opprimidos, suppliquem ao soberano que os desopprima; mas não façam assuadas, não insultem a authoridade d'el-rei nos seus ministros, nem nas suas instituiçoens. Eu digo-lhes isto, porque não quizera vêr os tristes resultados d'estes commettimentos. A cidade do Porto foi sempre leal; era bom que não désse motivos para lhe tirarem o titulo. Não pensem que el-rei dorme, nem que a justiça tem medo. Não se animem com a covardia de um escrivão do crime e de meia duzia de quadrilheiros bebados. El-rei tem tropas que se não vencem á laranjada, nem com pós de farinha. Isto por ora não passa de brincadeira; mas póde desandar em caso serio, e depois o peior é para o povo.

— O homem tem razão — disse do lado um alentado arraes, dos que mais enfadados se mostraram ao principio.

— Abaixo o prégador!

— Fóra o advogado da Companhia!

— Uihé! Viva fr. José de Mansilha a cavallo!

— Deixem ouvir, deixem ouvir.

Alvaro, interrompido pela algazarra, calou-se, e deixou-a despeitorar-se em brados estrepitosos, mas por isso mesmo, pouco de receiar, que foram por fim abafados pelas ultimas exclamaçoens, que se tornaram quasi geraes, e que por conseguinte lhe demonstraram que tinha a maioria a seu favor. Callado o barulho, Alvaro fez andar o cavallo um pouco mais para a frente, e continuou:

— Querem um conselho de amigo? Vão folgar para outra parte, e separem-se, não continuem a estar em união. Vejam que os quadrilheiros e o escri-

vão do crime desappareceram. A estas horas estão já em casa do chanceller, que mandará parte ao governador das armas, e este enviará tropas a cercal-os aqui. E depois? Lembrem-se que as leis do reino punem sevéramente as assuadas, e que as assuadas contra as ordens de el-rei e contra os seus ministros têem por final a cadeia, o confisco, o carrasco e a forca.

Assim dizendo, Alvaro voltou de repente o cavallo, e arremessando-o a galope, subiu á rédea solta pelo largo de S. Bento acima, e acompanhado pelo negro, desappareceu por fim pela porta dos Carros fóra.

A multidão ficou um momento em silencio, que breve se desfez n'um grande apupo, por entre o qual se ouviam distinctamente estes brados?

— Que nos importam a nós as tropas de el-rei!

— Abaixo a Companhia!

— Uihé! Viva a léria!

— Liberdade! Viva o povo!

Mas apesar d'estes e de outros gritos sediciosos, o enthusiasmo da populaça foi pouco e pouco esfriando, e a multidão diminuiu, escoando-se pelas unicas quatro ruas que n'aquelle tempo desembocavam na rua das Flores. Tres quartos de hora depois o tumulto continuava ainda, mas das oitocentas ou mil pessoas, que a mascarada e o reboliço chamara alli, restavam apenas oitenta ou quando muito cem. Estas tumultuavam comtudo tão desabridamente que os habitantes da rua fecharam aterrados as portas. De repente appareceram alguns homens e mulheres fugindo, amedrontados, do lado da Misericordia.

— Ahi vem a tropa... ahi vem a tropa — gritavam elles correndo sempre.

O pánico fez abalar a multidão em carreira aberta pela rua das Flores fóra. Mas por fim os mais corajosos pararam.

— De que diabo fogem vocês?— gritou aqui Thomaz Pinto, que na mascarada representava de musulmano. — Que nos importa a nós a tropa. Aqui do povo! Viva o povo!

— Abaixo a Companhia!

— Morram os traidores do povo!

O barulho recomeçou incitado por estes gritos. Mas n'isto o regimento da guarnição do Porto, que minutos antes tinha assomado á Misericordia approximou-se marchando em columna e varrendo d'esta fórma toda a rua.

— Viva o povo! viva o povo! — gritou a populaça, para não desmentir a indole bellicosa e opiniatica da gente do Porto. Ao mesmo tempo cahiu sobre a tropa um sem numero de pedras.

— Regimento, callar baioneta. Passo dobrado — ouviu-se então bradar ao tenente-coronel Vicente da Silva, velho militar, que estava commandando o corpo, em logar do coronel João de Almada e Mello, governador das armas do partido d'esta cidade do Porto.

O regimento fez n'um instante a manobra ordenada. A turba multa arredou-se então em debandada por todas as direcçoens, e com tal pressa se moveu, que a tropa, ao chegar á bocca da rua, do lado de S. Bento, não encontrou já viva alma n'aquellas redondezas.

Thomaz Pinto ainda quizera loucamente concitar o povo á resistencia; mas Domingos Nunes dissera-lhe ao ouvido:

— Thomaz, por hoje basta, já houve que farte. Isto é fóra de tempo, e o que se não faz em dia de Santa Luzia, far-se-á no outro dia.

E dizendo, tomou-o por um braço, e fel-o, mal seu grado, descer pela rua do Souto abaixo, e d'ahi entrou na Bainharia, onde, em casa de um amigo, os dois depozeram os trages de entrudo, Thomaz o de moiro e Filippe o de velho.

O tumulto findára por aquelle dia, e os folguedos carnavalescos terminaram tambem por toda a cidade, por onde o regimento se espalhou d'ahi a pouco em fortes patrulhas, que obrigaram os enthusiastas do entrudo a metterem-se resmungando em casa. A primeira palavra de revolta estava, porém,

dada. Os conspiradores calculavam sobre os effeitos d'ella para o dia seguinte; os negociantes da feitoria esfregavam as mãos de contentes; e fr. José de Mansilha, ao voltar, á noite cerrada, para o convento, ia já de antemão meditando quaes, d'entre os muitos privilegios desejados, convinha que a Companhia se lembrasse de pedir n'esse ensejo favoravel, em que a desobediencia popular necessariamente havia de espicaçar a indole despótica e pertinaz do terrivel ministro de el-rei D. José.

Entretanto, Alvaro Martins, sahindo a galope pela porta dos Carros fóra, assim se dirigiu pela rua do Bomjardim acima, atravessando por entre as poucas casas de alinhamento informe, que principiavam a formar esta rua ainda hoje tortuosa, até que chegou ao alto de Santo Antonio, em cujo largo se via solitaria e a um lado uma pequena casa térrea, elegantemente construida, e cercada por um jardim, por cima dos muros do qual se erguiam os lilazes, os martyrios, os limonetes e outras flôres e arbustos, ainda na maior parte apenas com folhas.

Alvaro desmontou, e, atirando com as rédeas do cavallo ás mãos do negro, foi bater duas ou tres aldrabadas na porta d'aquella casa. D'ahi a pouco a porta abriu-se, e appareceu no limiar d'ella um lacaio vestido com luxo e com esmero.

— Teu amo está em casa?— perguntou Alvaro.

— Está sim, meu senhor; mas está...— respondeu o creado.

— Muito bem; vou ter com elle.

— Mas... está dormindo a sésta.

— Que me importa?

E dizendo, Alvaro entrou despejadamente para dentro da porta, e subiu, como muito familiar do dono da casa, as escadas que levavam ao andar superior, o qual mal se descobria da rua por se levantar apenas sobre os dois terços do telhado para o lado das trazeiras.

No alto da escada havia um pequeno patamar, sobre o qual se abriram tres portas — uma no meio,

e as duas lateraes de frente uma para a outra. Alvaro empurrou sem hesitar a do meio, e entrou para dentro d'ella sem ceremonia alguma.

O repartimento, para que esta porta dava entrada, era uma sala regular, adornada sumptuosamente e com todas as commodidades inventadas pelo luxo da época. Uma estante com livros e uma meza sobre a qual se via um elegante tinteiro de prata, papeis a granel e livros abertos, mostravam que aquella sala servia de gabinete de estudo. Junto d'esta meza estava sentado em commoda poltrona Paulino Cabral de Vasconcellos, que era o habitador d'aquella casa.

O elegante abbade poeta tinha deante si uma rica salva de prata, sobre que estava um assucareiro e uma chicara de café, e dormia recostado sybariticamente na fôfa volteriana, como quem adormecera entre os deliciosos vapores da aromática bebida, cujo uso depois do jantar se tinha então generalisado por toda a Europa. Paulino Cabral estava aconchegado entre as amplas dobras de um farto roupão de velludo aleonado, com bordaduras de largas ramagens nas mangas, derredor do pescoço e pelo peito abaixo.

Paulino Cabral acordou de sobresalto ao arruido que Alvaro Martins fez ao abrir a porta.

— A pé, dorminhoco, a pé e depressa — exclamou este, dirigindo-se a elle — a pé para dares o abraço de despedida a um amigo, que parte aforrado para Lisboa, para ir de lá até... até aos antípodas naturalmente.

— Para Lisboa!— exclamou Paulino Cabral, arregalando os olhos, como quem ouvia uma nova inesperadissima.

— É como te digo—replicou Alvaro—vou para Lisboa, onde tenho de estar necessariamente d'aqui a tres dias. Recebi ha duas horas uma carta de Sebastião de Carvalho, em que diz que é preciso que eu esteja no dia 25 em Lisboa, para partir no dia 26 para Roma.

— Para Roma!

— Para Roma, sim; e provavelmente d'ahi para Pariz. O duque de Choiseul tem grande vontade de me dar um abraço, e Sebastião de Carvalho deseja que eu o vá abraçar na minha volta de Roma. Ah! padres, padres! Se não fôsse por pertenceres á classe, Paulino, amaldiçoava-os.

— Mas o casamento?— exclamou o poeta, cada vez mais atrapalhado e fóra de si.

— Eis ahi o que mais cuidado me dá, meu caro Paulino — respondeu Alvaro, sem poder desfarçar no tom quasi jocoso, em que encetára a conversa, a agitação que o possuia — Este casamento é um dos negocios que mais a peito tenho tido em toda a minha vida. Ver Laura unida para sempre a D. Manoel, presenciar o casamento d'elles, era para mim a suprema ventura. Mas parece que o destino está apostado a contrariar-me. Todas as cousas me correm assim. Este meu muito querido desejo, esta minha verdadeira felicidade estava em pontos de realisar-se. Mais dez ou quinze dias passados, e estavam vencidos todos os embaraços legaes do casamento. Revia-me eu já n'esta feliz imaginação; eis se não quando a sorte dispara sobre mim a necessidade de partir immediatamente, logo, logo e tão de subito, que apenas me concedem o tempo preciso para me despedir dos meus queridos noivos, e para vir dar um abraço ao meu leal e corajoso amigo Paulino Cabral, a cuja vigilancia e energia me é preciso delegar a missão espinhosa, que tenho cumprido até hoje com felicidade.

— Má peste venha por todos os negocios repentinos!— disse então Paulino Cabral com ares de enfadado e dando visivelmente a conhecer que os inconvenientes d'aquella partida forçada o contrariavam a elle tanto como ao proprio Alvaro Martins — Não é por me esquivar a servir-te, Alvaro Martins, sobre tudo em coisa de que esteja pendente a tua felicidade, e em que tanto vá a paz do teu espirito. Para isso oxalá que me fôra possivel escalar o proprio céu, que de bom grado e sem pestanejar me

arremessava a tentar a empreza. Mas, por vida minha Alvaro, que a estar em teu logar, não haveria ahi ministros de estado capazes de me fazerem sacrificar em taes lances por elles, ainda mesmo que fôsse para os livrar das mãos do carrasco.

A estas palavras Alvaro Martins relampejou sobre o poeta um olhar penetrante e prescrutador; depois respondeu em tom jovial:

— Se estiveras em meu logar, Paulino, farias o mesmo. Nunca sentenceies o procedimento alheio sem saberes bem a fundo os motivos que o inspiram. Ha ligaçoens que obrigam até a tentar impossiveis; e se tu, amigo, eras capaz de escalar o céu para me fazer feliz, não tens razão de me acoimar este sacrificio que faço por um homem, por quem sinto egual amizade á que sentes por mim. Coisas ha ahi, meu Paulino, tão secretas, tão pertinentes unicamente ás combinaçoens e aos interesses particulares meus e d'elle, que nem mesmo a ti os posso dizer. Não me queixo portanto, nem tu te deves queixar d'esta necessidade que me obriga a partir em tal occasião; queixemo-nos mas é do destino que parece emperrado no proposito de contrariar-me em todas as coisas, em que se vê que levo gosto.

Alvaro callou-se um momento, depois disse sem já tentar disfarçar a tristeza que o dominava:

— Francamente te digo que estou verdadeiramente aborrecido com esta pirraça da sorte. Parece que a providencia se compraz em fazer-me a peste de todos os que de mim se approximam. Este casamento realisava um dos mais bellos sonhos da minha vida, era para mim como o alvorecer de aurora formosissima apoz noite tempestuosa e de trevas. E de mais ha motivos poderosos para eu não o desamparar... ha perigo em qualquer demora, sobre tudo não estando eu presente, não vigiando eu... Mas Laura e D. Manoel resistem com todas as forças a casarem-se na minha ausencia. Por mais que fiz não pude vencel-os. Teem a superstição de que a minha presença é o talisman da felicidade do futuro d'elles.

Pobres filhos! A minha presença... a minha presença!...

E aqui Alvaro callou-se, encolhendo os hombros e sorrindo tristemente. Depois, levantando repentinamente o rosto, disse em tom faceto e jovial:

— Talvez que o senhor malicioso esteja lançando veneno e preparando mais uma estrophe para as suas *Verdades singelas*, com respeito a esta dedicação extremosa de duas pessoas, que me são inteiramente estranhas. Pois olhe que se engana redondamente. Aqui não ha senão amisade e gratidão de parte a parte. Elles estimam-me e presam-me sobre todas as coisas do mundo, por que sympathisaram commigo, e por que os livrei de uma cilada, em que um grande infame os quiz fazer cahir; eu amo-os mais do que a salvação, porque emfim um homem n'este mundo precisa de amar alguma coisa, e não é de admirar que eu escolhesse a elles para isso, porque, depois de os salvar, não é muito que se me mettesse em cabeça que elles são para mim assim a modo de filhos, de coisas que me pertencem... E de mais D. Manoel é um perfeito cavalheiro, um verdadeiro fidalgo; e Laura é um anjo... um anjo, verdadeiramente um anjo...

Paulino Cabral escutava-o meio abstracto, e como oppresso por um pensamento, que desejava despeitorar, mas que se acanhava de exprimir. Aqui porém tomou um aspecto jovial, e interrompeu Alvaro, sorrindo e abanando facetamente a cabeça:

— Ora cartas na mão e jogo liso, snr. conde do Sardoal; deixe-se d'essas apparencias.

Alvaro levantou-se d'um salto, e fitou n'elle os olhos com tal viveza e tão carregados, que bem mostrava que lhe não agradava aquella apostrophe, e que desejava penetrar até ao amago dos motivos que a tinham inspirado.

— Conde do Sardoal! — disse depois de fitar um momento o amigo — creio que estás a zombar de mim, Paulino, que te estás divertindo á minha custa,

fulminando-me com uma de tuas imaginaçoens de poeta.

— Esse fingimento insulta a amizade que te dedico, D. Francisco da Cunha — disse Paulino Cabral, descahindo para a seriedade, que o facto inspirava de per si, e que elle forcejara por vencer, desviando-o para o caminho da jovialidade.

— Mas quem t'o disse?

— Tu mesmo.

— Eu!...

— Sim, tu. A primeira vez em casa de D. Bartholomeu de Pancorvo, n'aquella noite em que nos contaste a historia do barão de Richestein. As allusoens d'aquella narrativa não passaram ao de leve por mim; e factos posteriores demonstraram-me, que me não enganara quando me pareceu ver o conde do Sardoal nos gestos, nos olhos e nas palavras do mysterioso Alvaro Martins. A segunda vez... d'essa ouvi-t'o contar.

— Ouviste-m'o? Mas onde?

— Para que possas apreciar devidamente os motivos que me fizeram teu confidente, sem tu o saberes e de certo muito a pesar teu, é preciso que saibas primeiro que eu estava em casa de D. Manoel de Lencastre, quando elle recebeu a carta anonyma, que lhe explicava o verdadeiro sentido da historia de Richestein, annunciando-lhe a entrevista que n'essa mesma tarde Laura havia de ter com o sargento. Mal acabôu de lêr, D. Manoel amarrotou-a entre as mãos, e sem me dizer palavra, arremessou-a, e sahiu com a cabeça perdida pela porta fóra. O inesperado do caso surprehendeu-me, mas o gesto violento de D. Manoel fez-me antevêr acontecimento muito desagradavel. Corri á carta, e vi o que era. Receioso do genio violento do nosso amigo, lancei-me immediatamente apoz elle. Quando cheguei á rua já o não vi, mas como a carta me informára do local da entrevista, dirigi-me para lá com toda a pressa que a decencia me permittia. Abri a porta, e entrei para dentro do jardim. Pelas janellas, que estavam abertas,

ouvia-se a tua voz troando por cima das demais. Approximei-me então, e, collado ao parapeito de uma das janellas, puz-me a escutar. Ouvi tudo como se estivera lá dentro. N'aquelle momento declaravas que D. Laura de Alranches era irmã de D. Luiz de Carvalho, e momentos depois, quando D. Manoel mostrou duvidar da veracidade do facto, descobriste que eras D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal. Seguiu-se a historia da familia. Leio no teu rosto que és de parecer, que n'este momento o pundonor de cavalheiro exigia que me retirasse. Não discuto comtigo esse ponto, mas no que tambem deves concordar é que não pódes discutir que a amizade extremosa, que me liga aos personagens d'aquelle drama mysterioso, me dava direito a satisfazer a curiosidade tão justamente concitada. Fiquei pois, e ouvi tudo. Eis, portanto, como foi de ti mesmo que soube que és o conde do Sardoal, embora entendas que deves continuar a ser Alvaro Martins para mim.

D. Francisco esteve um momento com os olhos pregados no abbade de Jazente, abstracto e todo concentrado nos seus pensamentos.

— Não posso, nem devo negar o que ouviste, Paulino Cabral — disse por fim — e embora não fôsse muito curial o meio por que te apoderaste do meu desgraçado segredo, não devo tambem occultar-te que n'este momento me não peza de o vêr á mercê de um amigo como tu. O que te recommendo é que o feches bem occulto no teu coração. O destino persegue-me a tal ponto que até se compraz em remexer no cadaver da minha antiga posição social. Tem-n'o já com meio corpo de fóra da campa, onde com tanto cuidado eu quiz sepultal-o; não sejas tu, Paulino Cabral, quem o auxilies a lançal-o de todo fóra d'ella.

— Sou homem de honra e de brio. Nada tens que receiar de mim, Alvaro Martins.

— Chama-me conde do Sardoal, chama-me D. Francisco da Cunha — replicou o conde, estendendo-

lhe a mão — pois que o sabes, agora mais que nunca convém que m'o chames. A missão que quero delegar-te, valerá mais aos teus olhos, sendo-te incumbida por D. Francisco da Cunha, do que por Alvaro Martins.

— D. Francisco, suppoens que valha mais para mim o titulo de conde do Sardoal do que a amizade que me liga a Alvaro Martins?

— Não; conheço-te de sobejo, e sei que és homem de brio. Mas é que o pedido, que preciso fazer-te, interessa directamente á felicidade do conde do Sardoal, emquanto que de Alvaro Martins apenas implica com a excentricidade ou com um capricho do coração. De hoje ávante Alvaro Martins deixa de existir para ti; sou D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal.

— Comprehendo-te. Fala confiadamente; diz o que exiges de mim.

O conde passeou então umas poucas de vezes a todo o comprimento da sala, meditabundo, callado e com as mãos atraz das costas. Por fim parou defronte do abbade de Jazente, e rompeu d'esta maneira o silencio:

— Em poucas palavras te posso dizer tudo. Sabendo tu o que sabes de mim, e tendo assistido ao que se passou em casa de D. Bartholomeu são desnecessarios rodeios. Diz-me, porém; sabes de quem era a carta anonyma que foi dirigida a D. Manoel de Lencastre?

— Não; a letra era inteiramente desconhecida.

— Aquella carta era escripta pelo dr. José Mascarenhas.

— Pelo Mascarenhas! Então...

— Então era elle o infame, a que eu alludia na historia do barão de Richestein.

— Ah! agora percebo. Por isso elle se exaltou tão inesperadamente e tão fóra de proposito, na opinião de todos que assistiram áquella scena.

— E por isso se acalmou ou fingiu acalmar-se

aos cotoveloens e ás meias palavras, que lhe segredou o seu amigo fr. José de Mansilha.

— Oh! D. Francisco, vejo agora tudo! Que infames! é a mão e o dote de Laura que questionam...

— É mais ainda; é ao titulo de conde do Sardoal que aventa aquelle miseravel. Mas para o conseguir — balbuciou aqui o conde por entre os dentes cerrados — era preciso que eu me esquecesse de todo que o fui. Só a audacia de conceber tal projecto... ha de pagal-a.

O abbade de Jazente não soube responder áquella terrivel expressão de vingança premeditada. O conde deu mais alguns passeios agitados ao longo da sala, e por fim continuou:

— Agora já pódes antevêr o que pretendo da tua amizade. Eu já devia ter morto aquelle infame; mas não tenho podido resignar-me a fazel-o, porque a morte d'elle não é bastante para satisfazer o odio que lhe tenho. Preciso de mais, preciso infernar-lhe o espirito e o corpo para me poder dar por satisfeito do que elle me tem feito soffrer, e da insolencia affrontosa com que ousou encarar o nome e o brazão dos meus antepassados. O tempo da minha vingança ha de chegar, Paulino, e então...

D. Francisco interrompeu-se aqui de novo um momento, dando alguns passos abstracto e balbuciando palavras que o poeta não poude perceber.

— Pódes comprehender o quanto a reconciliação de D. Manoel e de Laura o contrariou — continuou por fim. — Pelo menos esperava um rompimento total, e viu que de todos os seus manejos resultava sómente o apressar-se o casamento. Mascarenhas perdeu a cabeça de raiva, mas o padre conservou todo o sangue frio, e prepara novas machinações. A minha presença tem-n'os contido até hoje. Receiam-se de mim, em quem se lhes afigura vêr a terrivel espada da justiça de Deus. Mas sou obrigado a partir. E depois?

— Fico eu em teu logar.

— E preciso, é necessario que fiques. Se o ca-

samento se fizesse já, como aconselhei, nada ou pouco receiava eu para depois. Mas nem Laura, nem D. Manoel quizeram ceder n'este ponto, e o casamento será portanto protrahido, até que eu volte. Eil os ahi expostos em toda a nudez ás machinações surdas, á perseguição calculada d'aquelles dois miseraveis. D. Manoel é um moço audaz e valente, mas não tem a experiencia do mundo que é precisa para luctar com vantagem n'um campo, onde se briga não com a espada, mas com o enredo traiçoeiro e villão. De Mascarenhas não me receio eu; tem a coragem dos assassinos ferozes, que se arremessam cégamente, e sem repararem na espada, que o aggredido corajoso lhes põe ao peito, e na ponta da qual se cravam portanto. D'este não temo...

— E nem tens que temer — interrompeu o abbade, abanando a cabeça e sorrindo com a ironia d'aquelles que teem a consciencia do que são capazes de fazer.

— Mas fr. José de Mansilha... Oh! d'esse temo-me, tenho medo. Fr. José é um inimigo perigosissimo, um inimigo terrivel, porque nunca se encontra frente a frente, porque nos resvala das mãos, quando parece que o temos mais seguro. Trabalha nas trévas; d'elle nem mesmo se percebe o rumor. Implora quando ameaça, e humilha-se á medida que mais vae enterrando o punhal no peito da victima. Ri, e chora a tempo; é grave ou folgasão conforme lhe convém; arrasta-se sem pejo, e exalta-se sem ostentação; sabe emfim conquistar até a benevolencia d'aquelles que mais o odeiam, que mais prevenidos estão contra elle. Oh! é um inimigo terrivel, terrivel tanto mais que nunca é possivel derrotal-o de todo, porque a cada plano, que lhe fazem falhar, a sua inventiva fertilissima inspira-lhe logo outro ainda mais perigoso e mais certeiro.

Não tenhas receio, amigo — tornou a dizer Paulino Cabral, continuando a sorrir e a abanar ironicamente a cabeça — deixa-me com elles. Emquanto a Mascarenhas tenho alli uma espada que está affeita

a encontrar os valentoens pela frente; em quanto a fr. José de Mansilha, veremos qual de nós é mais frade.

— Entrego-t'os, pois, ou antes entrego á tua vigilancia a felicidade da minha Laura e de D. Manoel de Lencastre. Sei que és homem de coragem e de energia, Paulino; mas se algum dia te sentires fraquejar deante das maquinaçoens obscuras d'aquelles dois grandes infames, chama por mim; e não te pejes de o fazer, por que no momento em que eu chegar junto de ti, trarei commigo a prova de que fraquejaria tambem, virei armado com o poder do omnipotente ministro de el-rei D. José.

— Não ha de ser preciso tanto, amigo.

— Mas se o fôr, por Deus, Paulino Cabral, lembra-te que sacrificas a um falso pundonor a unica, a derradeira felicidade que resta n'este mundo ao homem mais desgraçado, que Deus vasou n'elle. Quando o perigo fôr superior ás tuas forças, chama por mim em nosso auxilio. Virei logo, esteja onde estiver, e sacrifique o que sacrificar. Escrever-te-ei de toda a parte, dir-te-ei o que faço, onde estou, e para onde vou. O encarregado dos negocios do ministro de el-rei D. José na côrte de Roma tem á sua disposição todos os postilhoens de que precisar para te dar novas e recebel-as de ti, todas as vezes que lhe aprouver, todos os dias e todas as horas. Mas se apparecer occasião repentina, em que precises de me chamares, sem esperares pelos meus correios, não te affrontem despezas de qualidade alguma; gasta sem medo, gasta fartamente. Alvaro Martins, recolheu de cima da campa do conde do Sardoal alguns centos de mil crusados, que de nada lhe servem senão para satisfazer ou os caprichos ou as necessidades.

— Vae, vae, sem cuidado, D. Francisco da Cunha — disse o poeta, pondo-se de pé — espero que não precisaremos de recorrer aos meios extremos, mas se precisarmos, palavra de cavalheiro, empregarei todos os recursos, chamar-te-ei, e a nada sacrificarei a tua felicidade.

O conde sentou-se então na poltrona, d'onde o poeta se levantára, tomou uma folha de papel e uma penna, e escreveu meia duzia de linha, que assignou na ultima extremidade do papel. Depois dobrou-a, e sobescriptou-a.

— Lê esse bilhete — disse elle, entregando-o a Paulino Cabral, e tirando ao mesmo tempo de um dos fartos bolsos da casaca uma enorme carteira de marroquim vermelho, de dentro da qual tomou um grande anel de oiro, em que se viam abertas a buril duas mãos cravadas por um punhal uma á outra.

O poeta leu.

— «Sebastião de Carvalho, exijo de ti que cumpras á risca o pedido que aqui fôr escripto sobre o meu nome, que muito voluntariamente, e para deixar espaço mais lato, escrevo na extremidade d'este papel.

Conde do Sardoal».

— Se por ventura — disse então D. Francisco — a necessidade instar por tal fórma, que até lhe seja prejudicial a demora de me avisares, toma essa carta, sélla-a com este sinête, e fal-a partir em mão propria e immediatamente para Lisboa. A satisfação do que pedires não se demorará mais do que o tempo preciso para a ida e volta do proprio, por quem a remetteres. É bom prevenir tudo.

O poeta tomou o sinête que D. Francisco estendia para elle. Este deu então algumas voltas distrahido na sala, e disse por fim em tom, em que queria apparentar jovialidade:

— Sabes que mais, Paulino Cabral, apesar de toda a confiança que tenho na tua coragem e na tua amizade, ainda assim não posso varrer de todo este receio. Aquelle padre... aquelle padre...

— Ora essa! — exclamou Paulino Cabral dando uma gargalhada — esqueces que o abbade de Jazente é padre tambem.

— Mas padre honrado, padre cavalheiro, padre

mais azado para manejar a espada do que o breviario. Mas em fim que lhe hei de fazer. Adeus.

O conde do Sardoal abraçou então cordealmente o amigo, dirigiu-se á porta, acompanhado por elle.

— Não te lembras de mais coisa alguma D. Francisco? — disse então Paulino Cabral.

— Por vida tua! não — replicou o conde, voltando-se, e como quem receiava ter-se esquecido de coisa essencial.

— Pois recorda-te bem.

— Mas o que?

— E D. Luiz de Carvalho?

O conde deixou pender a cabeça para o peito, e ficou um momento sem responder.

— Esse... Deus vigiará por elle. Já me não pertence — disse por fim, e continuou a andar.

— Então assim o deixas de todo entregue a si proprio? — replicou o poeta, sem se mover d'onde estava.

D. Francisco tornou a parar um momento, depois, voltando para traz, approximou-se do amigo, e disse-lhe, pondo-lhe a mão sobre o hombro e visivelmente commovido:

— Dizes bem, Paulino; tu tens coração mais nobre do que eu. É verdade; aquelle rapaz devia-me ser tão caro como Laura e como D. Manoel. Mas que queres? A desgraça fez-me egoista. Vigia tu por elle; já que eu não posso, antepara-o tu dos perigos a que aquella imaginação romanesca o póde levar. Vigia por elle... como se fôra meu filho, ou mais ainda... É o filho de minha pobre irmã... orphão de mãe, orphão de pae, orphão de todos os carinhos e de todos os sentimentos do coração. Deus não foi justo com elle. Oh! não, não foi!... Entrego-t'o tambem, Paulino; com tanto afinco, com tanto amor como te entrego os outros dois, talvez que o devera fazer ainda com mais... Mas não posso. Adeus.

Assim dizendo desceu a correr as escadas, cavalgou d'um salto, e desappareceu a toda a brida.

XIV

Ergue-se n'isto em todos clamor tanto,
Que estimulos lhes dá ao vencimento.
O ar co'os grito retumba, e mette espanto,
E estes não tendo freima ou soffrimento
Para a honra perder quasi adquirida,
Antes querem perder por ella a vida.

BARRETO. *Eneida*. Liv. v est. 54.

Estava para alvorecer o dia 23 de fevereiro — quarta-feira de cinza, dia festivo na sempre leal cidade do Porto, em rasão da pomposa procissão de penitencia que n'esse dia era de uso sahir da egreja dos Terceiros franciscanos.

Eram cinco horas da madrugada, ainda noite cerrada. Um leste frigidissimo soprava para sobre a cidade lufadas de gêlo; mas, apesar d'elle, era grande a multidão de pessoas, que, da egreja do mosteiro de S. Bento de Ave Maria, sahia de assistir á *missa das almas*. E que a arraia miuda, que é quem se utilisa d'estas missas, não tem frio, nem mesmo occasião para o ter. O frio é molestia só dos ricos, consumidores ociosos, que teem creados para os servir, e que precisam de *matar* o tempo e não de o aproveitar.

A multidão sahia, como é de uso, lentamente e comprimida, até que ao arrebentar para fóra da porta

da egreja, se espraiava em semi-circulo, d'onde cada um tomava a direcção que lhe parecia. Eram homens de capote, muitos; mulheres de mantilha, poucas; a maioria consistia de mulheres com as saias pela cabeça, officiaes de officio vestidos de grosseiras japonas de saragoça, gallegos, caixeiros, marçanos, e outra mais gente que queria ficar com a consciencia e o dia livres para applicar durante elle todo o tempo conforme as diversas necessidades de cada um. Pouco e pouco a turba-multa despejou inteiramente todo o vasto e formoso pateo ladrilhado da frontaria do mosteiro. Então sete ou oito homens de capote, que tinham ficado parados aqui e alli, convergiram para o angulo que fórma o muro do convento com a casa dos capellaens, e ahi se congregaram como reunidos por convenção anterior. Nenhum se desembuçou, nem deixou vêr o rosto.

— Está tudo prompto?— disse um d'elles, que fôra o primeiro a dirigir-se para aquelle local, e apoz o qual todos os outros se tinham movido.

— Pela minha parte avisei todos os amigos.

— E os negociantes da feitoria?

— Teem trabalhado toda a noite. Ás nove horas os arraes estarão todos a ponto, desde a porta do Olival até á sua casa, compadre. Não se tem poupado dinheiro. Ha de apparecer gente para a berra. De rapazes mais de um cento.

— E a cadeirinha?

— O Mosqueira e o Naire hão de estar com ella á entrada da Rua Nova, mal dêem nove horas.

— Bom; é preciso que não falte coisa alguma. As mulheres que não dêem o brado senão depois de ter entrado muita gente da aldeia na cidade.

— Tudo está a ponto, não tenha receio, compadre.

— O que me temo é do genio vivo da comadre Micaéla, e do de sua mulher, Domingos. Se rompem mais cedo...

— Já dei ordem a tudo. Não romperão sem eu lhes dar signal.

— Ora bem; é ir outra vez avivar os amigos. Em quanto a mim, vocês vem bradar á minha porta que os acompanhe a casa do chanceller. Eu negome a isso, finjo-me doente, vocês instam, trazem a cadeirinha...

— Sim, sim, vá descançado compadre.

— Ora pois, vão com Nossa Senhora e até logo. Animo, que se d'esta vez ella não fôr abaixo, não irá nunca, por vida minha! Agora é não descançar. E, é verdade, as bandeirinhas para os rapazes? E quem vae tocar os sinos a rebate?

— Para a Sé vae o Missola, e para a Misericordia o Pedro Costa. São ladinos, e lá arranjarão companheiros. As bandeirinhas fizeram-se esta noite; são tres que ha de levar o escravo do Roza, e mais outros dois rapazes que elle se incumbiu de trazer comsigo.

— Pois então vamos a isto; e animo! Abaixo a Companhia!

— Abaixo, com um milhão de diabos!— trovejou colericamente um dos colligados, que pelos modos e pela voz mostrou que era Thomaz Pinto.— Abaixo, que se não fôr hoje abaixo, ha de a cidade arder pelos quatro cantos. Mas olhem lá, não quero que se embaracem com o meu compadre D. Bartholomeu.

— Pois tu queres pôr fóra aquelle ladrão que foi author de toda esta pouca vergonha?

— Vocês são uns asnos, e eu era-o tambem quando hontem fiz de moiro na mascarada. O meu compadre não foi chuz nem buz n'esta grande maroteira. Bem estariamos nós, se elles fizessem o que elle queria. Mas esse ladrão do ministro, e esse perro do padre Mansilha é que fizeram tudo. Se caçarmos o dominíco, é malhar como em ferro frio. Elle é que é o author de tudo isto: o meu compadre está innocente...

— Mas, Thomaz...

— Tenho dito, está innocente. Sei-o de boa parte, vi toda a papelada. Quem tocar no meu compa-

dre... que tome cuidado. Tenho dito. E com isto, adeus...

E sem admittir mais discussão, Thomaz Pinto dirigiu-se pela rua do Limoeiro acima para sua casa, que, como o leitor já sabe, era na rua Chã quasi de fronte da do chanceller interino.

O dia appareceu finalmente, e o povo das aldeias visinhas começou a entrar pouco e pouco para dentro das portas da cidade. Quanto mais ia crescendo a manhã, tanto mais a multidão ia augmentando. Attrahiam-n'a as festas das egrejas e a procissão que devia sahir de tarde, depois das quatro horas. As ruas da velha cidade estavam litteralmente atulhadas de gente, que as percorria em magotes, visitando todas as egrejas, assistindo aqui ás missas, e acolá aos sermoens declamados em canto-chão mais ou menos chorado.

Eram dez horas e meia da manhã. Quinze ou vinte rapazes, capitaneados por outros tres, mais alentados, que traziam nas mãos compridas cannas com bandeirólas vermelhas, retouçavam aos trambolhoens na alameda da Cordoaria. De quando em quando vinham em onda até a porta do Olival, e ahi, rolando sobre o povo que entrava, e que pareciam procurar de proposito nas occasioens de maior enchente, entremettiam-se desordenadamente por elle, soltando brados e apupos, e fazendo sahir aqui um grito e um esconjuro da bocca de uma mulher que pisavam, ou provocando acolá algum cachação, applicado por homem menos soffrido, cujo equilibrio fôra ameaçado por elles na força dos estonteados zig-zags. Depois corriam outra vez em esquadrão cerrado para o centro do campo, conduzidos pelos das bandeirinhas, que de todas as vezes se roçavam por quatro matronas de caras de arremetter, que estavam paradas a poucos passos da porta, dirigindo de quando em quando palavras entrecortadas umas ás outras, e olhando com olhares inflammados e modos agitados ora os rapazes ora a multidão.

Estas arremengadas e insoffridas matronas eram

nem mais nem menos que as senhoras Micaéla Quiteria, Custodia Maria, de alcunha a *estrellada*, Anna Joaquina e Maria Pinto, dignas e bellicosas esposas dos taverneiros Caetano Moreira da Silva, Domingos Nunes Botelho, José de Sá e Antonio de Souza, vulgo o *negres*, que, além de taverneiro, era tambem soldado, o que n'aquelle tempo era coisa vulgarissima, porque o nosso exercito tinha então chegado ao extremo da desorganisação.

Estavam, pois, estas quatro veneraveis senhoras dando os mais notaveis signaes de irritabilidade de espirito, ou antes de que estavam n'aquelle estado de violenta agitação nervosa, que se assenhorêa das mulheres, quando estão para encontrar n'algum lance de antemão premeditado, quando Pascôa Angelica assomou apressada do lado de dentro da cidade, e, mal as viu, dirigiu-se immediatamente para ellas.

— Ui, mana!— disse-lhe a snr.ª Micaéla, fincando nas ilhargas os dois punhos reforçados, e abanando a cabeça com ironia provocadora — Essa sois vós? A boa hora vem a senhora á funcção. Bem aviadas estavamos nós, se tivessemos tido necessidade d'este papinho d'anjo.

— Meu pae disse-me que viesse ter com vm.cês

— E teu pae ainda agora te mandou, filha?

— E você que tem com isso?—replicou Pascôa, que, como o leitor sabe não era para graças — Ora eis ahi, aqui estou! para que vim eu aqui?

— Para que viestes aqui! Deixa que nós faremos as contas depois, minha sórna. Agora vamos ao que serve; tu soffres de peito, mina dóna?

— Ai que você parece que está a mangar commigo. Sabe você que mais, sôra Micaéla...

— Ora vejam a delambida! Vem a deshoras e ainda por cima diz que estamos a mangar com ella! Boa vae a festa. Tens tu boa ronca? Olha acolá está a Palaia e a Carinha de meio tostão...

— Scio, mana, que lá dá signal o meu home— interrompeu a Estrellada, apontando para um embuçado, que estivera até então encostado fleugmatica-

mente ao arco e que deitára n'aquella occasião um lenço branco para fóra do capote.

N'este tempo uma turba de cincoenta ou sessenta aldeoens, convergindo de differentes partes, invadiam unidos a porta do Olival, envolvendo no meio de si as quatro mulheres. Os rapazes rolaram tambem em onda sobre a turba, por entre a qual se metteram n'um momento.

— Ó Custodia... sus, cachopas, é agora — bradou a snr. Micaéla, encarnando-se de vermelhão até á raiz dos cabellos.

E as quatro puzeram-se então a gritar todas á uma no tom mais rijo que podiam, e que na verdade, apesar de ser de vozes de mulheres, não ficavam muito a baixo do barulho que podiam produzir quatro trombetas desafinadas, mas bem reforçadas.

— Aqui do povo!

— Viva o povo!

— Morra a Companhia dos Vinho!

Taes eram os gritos que ellas soltavam. Ao som d'elles a multidão parou curiosa; mas os rapazes, que se haviam entromettido por entre ella, começaram a berrar com as mulheres, fazendo sahir do meio da turba-multa um alarido infernal. N'isto trinta ou quarenta homens, que pelos trages mostravam ser gallegos, arraes de barcos do Douro e alguns poucos officiaes de officio, reuniram se para alli, correndo de diversas direcçoens, e, misturando-se com a gente do campo, começaram tambem a bradar, dando áquella grita chilreadora um tom mais esforçado e varonil.

Depois aquelle todo começou a ondular, e vasou-se então em massa compacta para dentro da porta, atroando os ares com espantosa assuada. Mas dentro da porta parou. Os rapazes das bandeirinhas, que por entre a turba se haviam escoado até á frente do tumulto, principiaram deante ás voltas e ás reviravoltas, dando morras á Companhia e vivas ao povo. N'isto Domingos Nunes appareceu offegante.

— Viva o povo! Morra a Companhia! — gritava elle tambem.

Depois, saltando para cima d'um penedo, exclamou agitando o chapéu:

— Vamos a casa do nosso juiz, vamos a casa do juiz do povo. Justiça, queremos justiça! Viva o povo!

— Viva el-rei, nosso senhor!

— Abaixo a Companhia!

— Morra a Companhia!

— Viva el-rei!

— Viva a léria!

E com estes gritos, por entre os quaes os rapazes faziam sobresahir o ultimo mais repetidas vezes do que convinha á seriedade do caso, a multidão, reforçada pela gente que transitava pelas tres ruas das Taipas, de Traz dos muros e da Ferraria, abalou correndo pela rua de S. Bento da Victoria adeante, precedida pelos rapazes das bandeirolas, e arrastando comsigo a turba dos aldeons, cuja curiosidade não oppunha resistencia.

— Viva el-rei, nosso senhor!

— Viva o povo!

— Morra a Companhia!

Assim gritava a populaça revoltada, correndo pelas Escadas da Esnoga abaixo, engrossada cada vez mais pela gente que desembocava apressada das ruas transversaes em frente das quaes passava. Ao estender-se fóra das escadas, a turba dos amotinados foi recebida por innumeravel gentio, que parte correra pelas Taipas abaixo a esperal-a a Bellomonte, e parte viera do lado de S. Crespim e da rua das Flores, attrahido pela novidade do alarido.

A populaça parou então por um momento. Depois, ondulando um instante, arremessou-se com estrepitoso arruido de *vivas* e de *morras* por junto do Murinho fóra, e foi parar no largo de S. Domingos, sobre o qual se espraiou, como onda que se estende por cima de desafogado areal. Já eram então mais de quinhentas pessoas.

Aqui no largo, defronte do chafariz, morava o nosso conhecido José Fernandes da Silva, por alcu-

nha o Lisboa, alfaiate e taverneiro, e de mais a mais juiz do povo da muito leal cidade do Porto.

— Viva o nosso juiz! Viva o povo! — bradou a multidão em grita.

Então uma duzia dos amotinados, á frente dos quaes marchavam Caetano Moreira, Domingos Nunes, o Negres, Balthazar Nogueira e outros dos principaes agentes da revolta invadiram a porta do Lisboa.

— Viva o povo! Viva o nosso juiz! A casa do chanceller! Uhi! A casa do chanceller! Venha por nosso cabecel o juiz! — continuava a gritar a populaça em tumultuoso alarido, entretanto que se ouvia de quando em quando as vozes, dos que tinham entrado em casa do Lisboa, como altercando violentamente.

— O juiz diz que não vae. Que não póde ir, porque está doente — bradaram então com gestos enraivecidos alguns dos que estavam apinhados sobre a porta do Lisboa.

A populaça respondeu com um brado terrivel e ameaçador.

— Morra o juiz!

— Viva o povo!

— Morra o juiz!

— Morra a Companhia!

— Abaixo tal juiz!

— Uhi! morra quem tem medo!

— Deitem-lhe fogo á casa!

E assim bradando, a multidão rolou-se furiosa contra a porta do juiz do povo, fazendo entrar de repellão por ella dentro os curiosos, que alli estavam apinhados.

O Lisboa assomou então a uma das janellas da casa. Apesar de estar no segredo da funcção, e d'aquella sua resistencia não passar de pura comedia, o pobre diabo appareceu amarello como um defunto, porque conhecia que, se a resistencia era da parte d'elle méra brincadeira, o povo não o sabia, e brincar com povo amotinado, não é lá das coisas mais faceis

nem das de melhor digestão — das que nos podem succeder n'este mundo.

— Viva o povo! Viva o povo! — tartemudeou elle ao principio, acenando com um lenço branco, e encolhendo a cabeça ao tirlintar de duas ou tres pedras qne lhe bateram nas vidraças — Viva o povo! Eu sou pelo povo! Mas, senhores, eu estou muito mal... estou muito doente. Tomei hoje uma purga... não posso ter-me em pé...

A multidão abafou-lhe aqui a voz entre espantosa apupada.

— Viva o nosso juiz!

— Coitadinho do pobre homem!

— A casa do chanceller! A casa do chanceller!

— Vão buscar uma cadeirinha para ir o nosso juiz.

— Ó Zé Grande — disse então do meio do povo um soldado do regimento da cidade por nome José Paulo de Azevedo, que pelos gestos parecia ser um dos encarregados de animar e dirigir a gritaria — onde deixaste a cadeirinha?

A estas palavras José Rodrigues, o Grande de alcunha e taverneiro de officio, que era um dos mais accesos revoltosos, que gritavam apinhados á porta do juiz do povo, despediu de lá como uma xara, e elle e o Azevedo, atravessando aos cotovelloens por entre o povo, partiram correndo para a Rua nova de S. João, que estava em construcção n'essa época. Cinco minutos depois Jacob Mosqueira e Domingos Naire, dois membrudissimos gallegos, de cara asselvajada e féra, appareceram carregando com enorme cadeirinha, com os varaes da qual arremetteram com a multidão, que abriu immediatamente aos lados, temendo-se do primeiro impeto dos brutos.

N'este entretanto o juiz do povo, ou porque o amor que tinha á revolta lhe não consentisse mais o disfarce, ou porque se receasse da ira popular, havia descido á loja, e falava todo risos para os companheiros, já são e escorreito, como quem nunca tomára purga.

N'sto a cadeirinha chegou á porta d'elle.

— Ora vamos a ver se ella cahe ou não d'esta vez — disse o juiz, lançando olhos satisfeitos por sobre a grande multidão que estava apinhada no largo — El-rei vae saber que quem manda é o povo. Viva o povo! Morra a Companhia! — accrescentou em voz alta, e abanando com o chapeu.

A populaça respondeu com um grito atroador e prolongado. O juiz metteu-se na cadeirinha, e a multidão começou então a mover-se pela rua das Flores acima, precedida por elle, e soltando gritos ferozes e ameaçadores.

N'isto os sinos da Misericordia principiaram a tocar a rebate. A multidão callou-se de repente, e durante os dois ou tres minutos, que se passaram de profundissimo silencio, ouviram-se de dentro da egreja as harmonias melancolicas da musica, com que a meza da Santa Casa solemnisava a funcção da funebre allegoria da Cinza; e mais ao longe o som lugubre e troador do sino grande da Sé, que, do alto das torres dos paços acastellados dos antigos senhores do burgo, concitava á revolta os descendentes dos homens livres, que n'outras éras haviam por mais de uma vez cercado aquelle ninho de despotas, sobre cujas muralhas elle se baloiçava agora em nome das liberdades populares.

Um grito subito, cavernoso e prolongado, como o de enorme rolo de mar tempestuoso, que se despedaça de encontro a uma costa erriçada de rochedos gigantes, irrompeu do seio da populaça, abafando a voz do rebate. A turba-multa continuou a caminhar, commandada pelo marche-marche das cadeirinhas. Dez minutos depois a rua estava despejada. A multidão desapparecera cada vez mais apressada, na volta da rua do Loureiro. Durante estes dez minutos os sinos tocaram sempre; mas tres ou quatro depois que a populaça despejou a rua, suspenderam de tocar. Ouviu-se então alto clamor na torre, e minutos depois o Costa, famigerado garoto da época, magro, esguio, de nariz descarnado e ponteagudo, e de olhos

encovados pequenitos e luzentes, sahia, seguido por mais tres collegas, de repellão pela porta da secretaria da Misericordia fóra, preseguidos por dois gatos-pingados da irmandade, que armados de possantes varas de junco, lhes vinham fustigando as costellas, á voz de um homem togado, que, do alto da escadaria, gritava como um possesso, que dessem cabo d'aquelles marinellos. D'aqui se colligiu depois que os garotos se tinham embetesgado na torre para fazerem aquella obra, a qual lhes fôra até alli tolerada com medo do terrivel braço popular. Ao mesmo tempo cessaram tambem de tocar os sinos da Sé. Aqui fôra por um outro motivo; fôra porque o sacristão, apesar de compromettido na revolta, ouvindo calar os sinos da Misericordia, julgou prudente fazer calar tambem os da Sé, para os quaes dera accesso aos garotos, segundo convencionara no conciliabulo, a que o leitor assistiu n'um dos capitulos passados.

O Costa e os companheiros, ao acharem-se no meio da rua, voltaram-se como uns dragoens, para se vingarem d'aquelle azorragamento. Armaram-se de repente de pedras, e cahiram denodados sobre os salafrarios. Estes recuaram deante d'aquelle arremettimento inesperado, e os garotos, lançando-se dentro do pateo da Misericordia, despediram de si uma tão espantosa tormenta de pedradas, que os obrigaram a acolher-se açodados, seguindo o exemplo que lhes fora dado pelo homem togado que os commandava, e que era nada menos que o desembargador Fernando Leite Lobo, corregedor do civel da Relação do Porto. Então os garotos vingaram-se despedaçando as vidraças da casa; mas, ouvindo por fim grande reboliço lá dentro, suspeitaram sortida de importancia, deitaram a fugir, e n'um momento acharam-se no coração da revolta, isto é, no seio da populaça, que com o juiz do povo á frente, tumultuava á porta do chanceller, regedor das justiças.

Este alto e importantissimo cargo era então interinamente exercido pelo desembargador Bernardo Duarte de Figueiredo, corregedor do crime, que o

leitor já conhece, e que sabe que vivia na rua Chã, na casa do Arco da Cadeia. O chanceller, mal fôra informado da revolta, a primeira lembrança que teve foi de pôr em segurança a pessoa, e por isso mandou cerrar e trancar a sua grossa e forte porta de castanho. Mas depois de reconquistar o animo, poz a veneranda cabelleira de cachos, vestiu a toga, mandou dizer ao tenente coronel Vicente da Silva da Fonseca, que puzesse a tropa em armas, e que se conservasse no quartel até receber novas ordens. N'esta época deve o leitor saber que o regedor das justiças era a suprema authoridade, a quem estavam subordinadas todas as outras, civis e militares, do Porto.

Depois de abrir a porta para despedir este emissario, o chanceller mandou-a outra vez fechar, e tratou de officiar a todas as authoridades civis, ordenando-lhes que não sahissem por fórma alguma á rua, não só para que não se misturassem com o povo, dando azo a algum desaguisado, mas tambem para as ter certas no caso de lhe ser preciso a coadjuvação d'ellas. Em seguida mandou sahir o destacamento do Corpo da Guarda ao encontro dos revoltosos, ordenando ao capitão, não que fizesse fogo sobre elles, mas que visse se os podia persuadir a dispersarem-se, impondo-lhes respeito com a vista dos soldados armados.

Não sei bem se estas medidas eram as mais convenientes. Afigura-se-me que o chaaceller ou era pasteleiro de mais, ou tinha muito medo do espirito bellicoso da arraia miuda do Porto. O que é certo é que antes de elle poder despedir o portador d'estas ordens, a populaça arrebentou pela bocca da rua do Loureiro, e veiu bater-lhe de encontro á casa entre tumultuoso alarido e tirando-lhe toda a vontade de mandar abrir a porta.

N'esta occasião a turba-multa já era composta de para mais de cinco mil pessoas. Pede, porém, a verdade que se diga, que d'este numero metade, pelo menos, era de méros curiosos, uma quarta parte de volteiros por chacota e gosto de barafustar, e que

ainda da outra quarta parte restante, que se podia suppôr mais ou menos interessada na revolta, alguns havia que não acompanhavam o arruido senão com bons desejos e com a presença inactiva e ainda de menos proveito do que a d'aquelles desordeiros, que nada interessavam com o bom ou mau desfecho da empreza, mas que, apesar d'isso, berravam, e obravam como os mais interessados n'ella.

Ao bater de encontro á casa do chanceller, a populaça ficou um momento em silencio; depois ergueu espantoso e confuso alarido, por entre o qual mal se percebiam os gritos de — Viva el-rei! Viva o povo! Viva o chanceller! Liberdade! Morra a Companhia!

Depois de tumultuar alguns minutos, a multidão cançou-se d'aquelle berreiro improficuo e sem fim, e começou a bradar pelo chanceller. O juiz do povo, que n'esta occasião já tinha sahido da cadeirinha, batia fortes aldrabadas na porta, ladeado de Caetano Moreira e de Domingos Nunes, que de quando em quando lançavam olhares furiosos para as janellas inteiramente desertas, e fulminavam com pragas repetidas o silencio sepulcral com que aquella casa correspondia ao alarido clamoroso, com que pretendiam chamar a attenção dos moradores d'ella.

O juiz do povo batia, e tornava a bater, cada vez mais de rijo, sem que de dentro recebesse resposta. O povo começava já a encolerisar-se.

— O homem não está de certo em casa — gritou então uma voz do meio da turba.

— Como não está em casa, por S. Beelzebut! — respondeu em grande brado Thomaz Pinto, que, plantado athleticamente no limiar da porta da sua taverna, assistia a esta scena, praguejando encolerisado contra a tenacidade, com que aquelle silencio se protrahia — Como não está em casa, pelo inferno! Se ainda não ha dez minutos que sahiu de lá um homem correndo!

— Uihé — bradou então unísona toda a turba, já reforçada com mais uns poucos centos de pessoas,

que a curiosidade attrahira para alli — Uihé! Viva o povo!

— Morra o chanceller!

— Arrombem-lhe a porta! arrombem-lhe a porta!

A este ultimo brado, sahido como de combinação do seio de differentes grupos da turba, a multidão soltou um uivo pavoroso, e, atirando-se contra a porta, fel-a gemer, abalando todo o edificio.

N'isto uma das janellas abriu-se, e o chanceller assomou a ella, vestido com toda a solemnidade do alto cargo que exercia.

Bernardo Duarte de Figueiredo era homem já de edade madura, alto, de figura magestosa, e de feiçoens illuminadas por aquella expressão aberta e franca, que inspira simpathia e veneração ao mesmo tempo. Não tinha a coragem dos espadachins, mas tinha a precisa para nas occasioens solemnes fazer respeitar a dignidade do cargo. Ao offerecer-se aos olhos da turba amotinada, estava sereno e magestoso, e sereno e magestoso passeou os olhos por sobre ella, como se nada presenciasse de extraordinario, ou antes como homem de espiritos superiores a tudo o que presenciava.

Ao vêr o chanceller, a populaça descobriu-se maquinalmente, e callou-se em silencio profundissimo. Elle vagueou de novo com a vista por cima d'ella, como para lhe demonstrar mais cabalmente a superioridade da posição que occupava, e por fim disse em voz firme, e clara e tam cheia, que se ouviu distinctamente por cima do surdo borborinhar da turba:

— Homens do povo, que me quereis?

O juiz conheceu desde logo que era a elle a quem tocava responder á pergunta; mas o pobre do homem que estava ainda sob a pressão do abalo, que soffrera com a repentina apparição do magistrado, cuja alta dignidade o esmagava, entalou-se, e suffocou totalmente, ao ouvir-lhe a voz e ao conhecer que era elle que tinha obrigação de responder. O pobre taverneiro-alfaiate, tão matreiro e tão audacioso no

meio dos seus eguaes, quizera-se n'aquelle momento a cem braços pelas profundezas da terra dentro. Fez porém um esforço sobre a commoção que o dominava, mexeu-se, desimpediu a garganta com ronco arrastado profundamente de dentro do peito, moveu uns papeis que tinha na mão, mas por fim de contas não pôde proferir palavra.

— Homens do povo do Porto, que pretendeis do chanceller?— segundou o desembargador Figueiredo em tom mais áspero e mais severo.

O juiz do povo encolheu a cabeça como se ouvisse estalar o raio por cima d'ella. A populaça começava a agitar-se e a murmurar. Então Domingos Nunes, arrancando os papeis da mão do juiz, levantou-os a toda a altura, e disse affoitamente e em voz, cuja audacia affrontava condignamente a severidade da do chanceller.

— Queremos fazer certos requerimentos a bem do povo.

— Requerimentos! Queremos fazer requerimentos! — bradou a multidão —Viva el-rei! Viva o chanceller! Viva o povo! Liberdade! Morra a Companhia!

— Aguardae, que mando abrir — replicou Bernardo Duarte com a mesma serenidade e impavidez.

E recolheu-se para dentro.

Momentos depois, a grossa porta de carvalho rangeu sobre os gonzos, e abriu-se de par em par. O Lisboa tinha entretanto reconquistado a coragem, e, envergonhado da primeira fraqueza, arremeteu denodado com o portal, e entrou acompanhado por Caetano Moreira, por Domingos Nunes, por Balthazar Nogueira e pelo Negres.

Da turba ninguem mais se atreveu a seguil-os.

O juiz e os companheiros subiram decididos a escada. No tôpo d'ella estava o chanceller. Os plebeus pararam, e, descobertos, aguardaram que elle lhes dirigisse a palavra.

— Então que me querem?— disse por fim o magistrado com a mesma serenidade, mas em tom conciliatorio e de familiaridade.

O Lisboa engoliu em sêcco, mas, avivado por um beliscão que o Caetano lhe deu á surrelfa, logo respondeu denodadamente:

— Senhor, venho em nome do povo do Porto apresentar a v. s.ª estes requerimentos.

E dizendo, offereceu ao chanceller os papeis que tinha na mão. Bernardo Duarte poz no olho a grossa luneta de oiro que trazia pendente, examinou durante um minuto os papeis, sorriu-se com um risinho que debalde forcejava por não parecer amarello e replicou em seguida:

— Mas em fim para que são estes papeis!

— Para que são! Essa pergunta não cheira a doutor — disse grosseiramente do lado Domingos Nunes — Pois não vê o que elles dizem?

— Porém não os entendo — replicou sem se mover o chanceller.

— Snr. juiz, quizera dizer claramente ao que viemos aqui — accudiu do lado Caetano Moreira em tom dôce e assucarado, mas que mal se compadecia com o olhar e o rosto encolerisado, que o taverneiro mostrava.

— Snr. chanceller — disse então o Lisboa — em nome do povo d'esta cidade do Porto requeremos a v. s.ª a extincção da Companhia.

— Porém...

— E requeremos mais que haja por bem nomear juiz do povo o meu compadre Thomaz Pinto, para o caso de eu por qualquer accidente me ausentar da cidade.

O chanceller ficou um momento sem responder, e com a vista pregada n'elles.

— Valente pedir é esse, senhores! — disse por fim — Mas attentae, e vêde que não sou eu quem posso deferir a taes requerimentos.

— Não é v. s.ª! Então a quem havemos de requerer — exclamou o Negres em tom enfurecido.

— A el-rei — replicou serenamente o magistrado.

— A el-rei — replicou o Negres em tom amea-

çador — Bem aviados estavamos, se aguardassemos que el-rei nos deferisse. Agora el-rei é o povo, e o povo não quer a Companhia.

— E quer que v. s.ª decrete a extincção d'aquella grande maldade — accrescentou aqui docemente o Caetano.

O chanceller fez nova pausa. O povo acompanhava toda esta scena apupando e dando morras á Companhia do lado de fóra da porta.

— Meus amigos — disse por fim Bernardo Duarte — como sabeis, eu não sou inimigo do povo.

— Não, não — exclamaram todos os cinco á uma — V. s.ª tem sempre sido em tudo pelo povo. Por isso é que lhe vimos rogar que nos liberte d'este grande vexame.

— Mas ainda que eu vos liberte, o que importa? — replicou o chanceller — El-rei mandará tropas sobre esta cidade, e no fim de tudo, da liberdade que eu vos dér resultará unicamente o eu perder-me comvosco. Attendei-me por quem sois, que falo para o vosso bem, para bem do povo. Quem vos póde deferir a estes requerimentos de modo que seja estável o deferimento, é el-rei. Desfazei esta união que fizestes, e que as leis do reino classificam de rebellião contra as ordens do soberano, e como tal de crime de leza-magestade de primeira cabeça. Ide para vossas casas, fazei dispersar o povo, e depois requerei-me socegadamente, para que eu interceda em vosso favor perante el-rei, que eu vos prometto...

— Qual prometto, nem meio prometto! — exclamou aqui Thomaz Pinto, que impaciente de tanta demora viera lá de sua casa reunir-se aos cinco representantes — Deixemo-nos de farelório. El-rei é el-rei, e o povo é o povo. Se el-rei se achar offendido do que faz o povo, o povo já ha muito que o está pelo mal que el-rei lhe fez com a instituição d'esta damnada Companhia. Guarde-se pois de apertar mais com a corda, que está repuxada. Se el-rei quizer opprimir-nos... ha mais reis n'este mundo, e a cidade do Porto nunca se receiou de medos nem

de avejoens. Portanto decrete v. s.ª a abolição da Companhia.

— Mas attenda visinho, el-rei é quem governa.

— E o povo não quer ser mal governado. Portanto snr. chanceller, queremos já a abolição da Companhia...

— E o meu compadre Thomaz Pinto para juiz do povo substituto — accrescentou aqui o Lisboa.

— Portanto — continuou Thomaz respeitoso, mas com grande vehemencia — decrete v. s.ª a abolição e decrete-a já. O povo não gosta de esperar. Oiça o que lá vae na rua. Depois não se queixe. Assigne pois esses papeis, snr. chanceller...

— Esses não assigno, eu visinho — interrompeu serenamente o magistrado.

— E porquê?

— O snr. chanceller póde assignal-os, sem se desauthorisar — disse aqui em tom de escarneo o Caetano — Estão muito bem feitos; são obra de advogado.

— Não os assigno, repito.

— Não os assigna! E porquê?— bradou Domingos Nunes, com os punhos cerrados e gestos de furioso.

— Porquê — replicou o chanceller, voltando-se para Thomaz Pinto — por que estão escriptos em fórma de decretos, e decretos só el-rei os póde lavrar.

Houve aqui um momento de pausa terrivel; por fim Thomaz Pinto exclamou com a cabeça inteiramente perdida, mas dominado ainda pela influencia que exercia sobre elle o bondoso chanceller, que sempre o tratára com amizade, e o protegera como bom visinho:

— El-rei!— exclamou elle pois — Que nos importa a nós o rei de Lisboa? No Porto o rei é o povo. Assigne, snr. visinho, assigne e já se não saio ali fóra, o vou dizer a todo aquelle povo que o chanceller é nosso mortal inimigo, que está vendido aos ladroens da Companhia.

— Faça o que quizer. Não assigno — replicou magestosamente o corajoso desembargador.

A estas palavras ouviram-se troar dois tiros a pequena distancia, e momentos depois o povo soltou um bramido terrivel, e parte d'elle invadiu furioso o páteo da casa e as escadas, no tôpo das quaes se passava esta scena.

O chanceller empallideceu.

XV

PEDRO GIL. — Quem viu aqui tanta brega
Cada dia mata, mata,
Hoje estas festas lobrega.
JÃO BRAZ. — Ço Cunha não se jogata,
E bom bicho onde elle chega.
BRAZ PIREZ.— Quove aqui brega travada
Cos Mafomas.
JÃO BRAZ. — N'esta rua.
Que vedes alcatifada,
Joguei já co a espada nua
Muita infinda coitelada.

S. MACHADO. *Comedias de Diu.* P. II.

Antes de finalisar a descripção da polemica, que se travou entre o chanceller e o juiz e mais representantes do povo, faça-nos leitor a mercê de nos acompanhar a outro logar, não longe d'aqui, onde estão acontecendo factos mais violentos, o ecco dos quaes foi quem nos interrompeu no final do capitulo passado.

Mal o juiz do povo entrou em casa do chanceller, os dois gallegos cadeirinhas, Mosqueira e Naire, ou por antojo de rapina, achaque muito vulgar nos gallegos, ou por desforra de alguns pontapés recebidos algures, lembraram a um alentado e mal encarado roto, chamado Manoel José, por alcunha o Torto dos matadoiros, que Luiz Belleza de Andrade, provedor da Companhia, vivia d'alli a pequena

distancia, logo á entrada da rua da Bainharia, nas casas onde tambem estava o escriptorio da administração do estabelecimento querido de Sebastião de Carvalho e do padre fr. José de Mansilha.

O Torto dos matadoiros, a quem esta lembrança fôra communicada ao ouvido, foi correndo participal-a ao snr. José Antonio, o Lá-vae, aparvoado mestre çurrador, que totalmente se andava pavoneando no meio do povo, como quem tinha feito muito para o levante. Mal o Lá-vae sentiu a primeira palavra d'aquella lembrança, gritou em voz alta a um taverneiro, que andava azafamado, berrando e dirigindo as coisas de fórma que não arrefecesse a gritaria:

— Ó compadre Manoel Cozido, então o Belleza ha de escapar d'esta feita?

Ao ouvir estas palavras, o snr. Manoel Francisco, de alcunha o Cozido, cuja cara de velhaco bem demonstrava que o que elle tinha a peito era acabar com a Companhia e nada mais, respondeu prudentemente:

— Qual Belleza, nem meio Belleza! Deixemo-n'os de asneiras. O que queremos é a Companhia em terra, e para isso só com o chanceller é que nos devemos haver.

— Toma que te dou eu! — gritou então alli do lado José Ribeiro, o Cheta, oleiro e marinheiro de officio, homem furioso e volteiro — Ó Cozido, tu estás tolo! Abaixo o Belleza! Ó rapazes, morra o Belleza!

— Morra! — respondeu em grito a multidão.

E com isto parte da turba, isto é, a canalha, a pura ralé e escória do povo, dividiu-se com o instincto do roubo, do resto da turba composta de curiosos e interessados, e, em massa compacta e cerrada, dirigíu se, correndo, para o lado da Sé.

Luiz Belleza de Andrade tinha já mandado fechar e trancar as portas. A populaça, mal chegou de fronte da casa d'elle, soltou um grito medonho, e assaltou-lhe á pedrada as janellas.

— Abaixo a Companhia!
— Morra o provedor dos ladroens!
— Viva o povo!
— Deitem-lhe fogo ás casas!
— Queime-se esta Belleza!

Assim exclamava a turba, apedrejando as janellas e arremessando-se, de quando em quando, de encontro ás rijas portas do provedor, que rangiam, mas que mostravam que não cederiam facilmente.

A resistencia excitou cada vez mais os animos. Já não havia um só vidro inteiro nas janellas. A populaça raivava furiosa, atroando os ares com espantoso alarido. Alguns amotinados já tinham chegado carregados de carqueija e lenha, e pediam em altos gritos que viesse lume para se incendiar a casa do chefe dos *salteadores da Companhia*. Grande desaguisado estava de certo eminente, sem que todavia de dentro d'aquella casa se desse um unico signal de que alli havia fôlego vivo.

De repente uma das janellas sacadas do segundo andar abriu-se de par em par, e a ella assomaram o desembargador José Mascarenhas e o seu creado Thadeu, armados de bacamartes. Mal assomaram, voltaram as armas contra o povo, e desfecharam... Algumas pessoas cahiram feridas.

— Ah! ladrão que me mataste! — gritou ao cahir mestre Trindade, rixoso sapateiro das Congostas, que era um dos mais accesos enthusiastas do levante.

— Aqui d'el-rei que mataram o mestre Trindade! Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei! — começaram a bradar voz em grita as mulheres, fazendo clamoroso alarido.

A multidão respondeu com um brado de ferocidade medonha, e arremetteu ao mesmo tempo com as casas de Luiz Belleza, como querendo derribal-as de um golpe. O frenesim popular, tão tresloucadamente provocado, tocou o ultimo apuro. Restrugiam os brados e as ameaças de expressão mais feroz e terrivel, e a populaça, armada de enormes penedos

e de tudo que pôde haver á mão, lançou-se sobre as portas do provedor da Companhia, forcejando por arrombal-as. Mas as robustas portas de carvalho mostravam não haverem de ceder a taes armas. A impaciencia popular tornou-se furia. Alguns tentaram subir ás altas janellas, outros gritavam por escadas, e muitos corriam em differentes direcçoens para fóra da turba, em procura de instrumentos mais proprios para effectuar o arrombamento. Entretanto a multidão raivava furiosa. Os gritos dos feridos, que a pouco e pouco foram recolhidos nas casas visinhas, augmentavam aquelle frenesim. O leão popular bramia sedento de sangue, e rugia furioso de impaciencia por vêr espaçado o momento de saciar-se de vingança.

Então appareceu Manoel da Costa, rompendo desatinado pelo meio da turba, com um rijo machado na mão. O rosto do joven militar estava animado de expressão de tão selvagem ferocidade, que aquelles de quem se approximava recuavam espavoridos ao lado. Manoel apparecera alli casualmente. Subia pela rua da Bainharia acima, quando a populaça amotinada se approximou da casa de Luiz Belleza. Não podendo continuar ávante, parou, e poz-se a olhar com indifferença o motim. Mas a janella de Luiz Belleza abriu-se, e Manoel viu o desembargador Mascarenhas fazer fogo sobre o povo. A presença do homem, que mais odiava n'este mundo, despertou-lhe os desejos de vingança, que lhe referviam no coração. Entrou de um salto para dentro de uma loja visinha, e tomando d'alli um robusto machado, que acaso descortinára, lançou-se no coração do levante como qualquer dos mais furiosos e mais interessados amotinadores.

Manoel da Costa achou-se em poucos minutos pegado com uma das portas da casa. Jogando o machado com ambas as mãos, e, impellindo-o com as forças gigantescas que possuia, o moço militar poz em poucos instantes a porta incapaz de resistir á onda popular, que de quando em quando se rolava

contra ella, no meio de infernal alarido. Por fim a porta estoirou de par em par, e a multidão, sequiosa de sangue, arremessou-se para dentro d'ella, atropellando-se e bradando furiosa. Manoel voava na frente, armado do terrivel machado. N'um momento a turba esquadrinhou toda a casa em procura do provedor e do Mascarenhas. Mas na casa não se achava pessoa alguma. Logo apoz os tiros, os moradores haviam fugido amedrontados pelo lado das trazeiras, que tinham sahida para o largo do Corpo da Guarda.

A multidão bramia furiosa. A fugida das projectadas victimas enlouquecera-a totalmente. Voltou-se raivosa contra tudo que a rodeava. Em poucos minutos a rica habitação de Luiz Belleza era um montão de ruinas. A mobilia, os espelhos, as louças, a baixéla de prata, as tapeçarias, tudo foi despedaçado e lançado em pedaços á rua, sobre a multidão que já não cabía lá dentro, e que recebia aquellas provas da vingança popular com uivos medonhos e aterradores. Todas as portas do interior da casa ficaram em pedaços, o formoso jardim do provedor foi desolado, tudo n'uma palavra ficou assignalado pela terrivel mão da ira do povo. Os escriptorios da Companhia não podiam escapar d'esta furia destruidora. Arrombados e invadidos como todos os outros repartimentos da casa, n'elles foi que a raiva do povo fez maior gala da destruição. Os papeis e os livros foram rasgados, e as escrevaninhas e cadeiras voaram em pedaços pelas janellas fóra. Restavam apenas os dois fortes cofres de ferro macisso, onde estavam os capitaes do estabelecimento nascente. O povo arremetteu furioso com elles, e teimou com a tenacidade do rancor e da raiva em lhes vencer a robustez da segurança, com que tinham sido fabricados.

Era natural que não poucos contos de réis, que a Companhia tinha eutão em cofre, sahissem tambem dentro em pouco, por onde tinham sahido os moveis de acaju e as tapeçarias e baixélas. Foram, porém, salvos pela chegada do forte destacamento, que estanceava no Corpo da Guarda.

A vinda do destacamento não fôra fortuita; fôra obra de Luiz Belleza. Entretanto que José Mascarenhas e o creado se escapavam á ira popular, correndo a asilar-se ne convento de S. Domingos, para onde se acolheram pelas ruas e viellas mais escusas do bairro, Belleza correu a casa do juiz de fóra, que vivia em frente da estação da guarda, e requereu-lhe da parte de el-rei, que fizesse acudir a tropa. O juiz vacillou ao principio, em razão das ordens que recebera do chanceller, mas por fim cedeu, fez a requisição, e o destacamento partiu.

O capitão, que o commandava, era militar decidido e esforçado. Mandou armar baioneta, e, atravessando a marche-marche por entre o povo, chegou em breve á casa do provedor, para dentro da qual se lançou acompanhado por cento e cincoenta soldados. O coração do reboliço, que ia n'aquella casa, era então no escriptorio, onde estavam os cofres. O capitão não hesitou; deu ordem aos soldados de se assenhorearem de todas as estancias, e, acompanhado apenas por dois granadeiros, arremessou-se, de espada em punho, por entre a turba, e abriu caminho até aos cofres, junto dos quaes se collocou, repellindo aquelles que forcejavam por arrombal-os.

— Senhores, que se perdem! — bradou então — Este dinheiro é d'el-rei.

— D'el-rei! — exclamaram os revoltosos recuando.

— D'el-rei, sim. Sua magestade adiantou-o á Companhia. Quem lhe tocar, rouba el-rei, não rouba o estabelecimento.

— Mas nós não temos nada com el-rei. Viva el-rei! Morra a Companhia! — bradaram os amotinados, evacuando immediatamente a sala.

O capitão correu a postar-se junto da porta, acompanhado pelos dois granadeiros, que n'este intervallo prepararam as granadas de mão, de que vinham munidos, e accenderam os murrões.

N'este tempo os soldados tinham occupado definitivamente toda a casa, e expulsavam d'ella os

vadios, que tripudiavam sobre os moveis quebrados, e que desciam agora mal seu grado as escadas, murmurando enraivecidos, mas sem oppôrem resistencia, que reconheciam inutil dentro de tão apoucado recinto.

Entretanto que os amotinados fartavam a sanha na mobilia e no jardim de Luiz Belleza, Manoel da Costa, desesperado por não encontrar Mascarenhas, correu pela escada que levava para o Corpo da Guarda, e por ella se arremessou para o largo atraz do homem que procurava. Com os cabellos em desordem, as feições demudadas, e o machado em punho, Manoel dirigiu-se a casa do juiz de fóra, onde se lembrou de repente que Mascarenhas se teria acoitado. Mas antes de chegar a ella encontrou pela frente D. Manoel de Lencastre, que vinha açodado para a guarda, e que, ao vêl-o d'aquella fórma, correu a prevenir alguma desgraça.

— D. Luiz, aonde vae d'essa maneira?— exclamou elle, pondo-se-lhe deante.

O moço sargento parou de repente, mediu-o de alto a baixo, mas, reconhecendo-o, exclamou em voz rouca e concentrada:

— Deixe-me passar, D. Manuel; vou matar José Mascarenhos.

— Desgraçado, que se perde, e a nós todos comsigo! — exclamou D. Manoel — Socegue, deixe esse machado e acompanhe-me. José Mascarenhas não está aqui; fugiu para o convento de S. Domingos. Eu mesmo o vi passsar. A estas horas já deve ir caminho de Lisboa. Fuja, venha commigo.

O sargento esteve um momento sem responder; depois arremessou de si o machado, e disse em tom mais socegado:

— N'esse caso arrede-se de mim. A minha companhia é perigosa. É preciso que não nos vejam juntos. Separemo-n'os.

— Não; é preciso que me siga, é preciso que ninguem o veja assim. Acompanhe-me.

— Já fui visto por muitas mil pessoas; é inutil

portanto occultar-me agora. Emquanto a si retire-se, não se perca por minha causa. Não me acompanhe, ordeno-lh'o em nome de Laura. Não receie por mim, eu não volto para lá. Adeus.

Assim dizendo, deitou a correr pelo Corpo da Guarda, e, entrando na rua dos Pelames, desappareceu em poucos minutos. D. Manoel seguiu pela calçada abaixo, e d'ahi dirigiu-se á rua das Flores a casa de D. Bartholomeu de Pancorvo.

Agora que o leitor já sabe ó que foram os tiros, e o que motivou o espantoso alarido, que interrompeu a scena, que se passava em casa do chanceller, voltemos nós até lá para assistir ao desfecho d'ella.

O corregedor empallideceu, ao ouvir aquelle terrivel e medonho bramido da populaça desenfreada.

— Assigne, assigne, sr. chanceller — exclamou então quasi aterrado o Lisboa — assigne senão morremos aqui todos.

— Não assigno, já disse — replicou Bernardo Duarte, pállido como um cadaver, mas sem que a voz nem os gestos atraiçoassem receio.

— Homem ou diabo! — exclamou então Thomaz Pinto — ou assigna ou então, com um milhão de diabos...

Aqui uma linda e delicada menina, filha do chanceller, appareceu transida de medo, e atirou-se aos joelhos do pae, sem poder dizer palaxra.

— Assigne, assigne, sr. chanceller — exclamou então uma creada velha que a acompanhava — assigne, senão o povo mata-nos. A plébe acaba de apedrejar o sr. corregedor do civel, Fernando Leite Lobo, e os mezarios da Misericordia, que vinham a entrar cá para a casa.

— E onde estão elles? — disse serenamente Bernardo Duarte.

— Acolheram-se ahi a uma casa defronte.

— Estão salvos?

— Estão... estão — replicou a creada, sem saber que o povo estava apedrejando a casa onde os

dois se tinham refugiado — Assigne... assigne pelo amor de Deus!

— Senhores, assigno tudo; perder-me-hei comvosco — disse então Bernardo Duarte.

— Ao mesmo tempo abriu a porta do seu escriptorio, junto do qual se achava, e entrou para dentro acompanhado dos representantes do povo.

— Viva o nosso chanceller governador! — exclamou Domingos Nunes, descendo pela escada abaixo.

N'um momento a populaça atroou toda a rua com brados prolongados e estrepitosos, sobre os quaes sobresahiam os vivas a el-rei e ao chanceller.

Bernardo Duarte tomou a penna para assignar os decretos que os revoltosos traziam já lavrados e promptos, e pelos quaes era abolida a Companhia, e estabelecida a antiga liberdade de comprar e vender. Então Caetano Moreira disse do lado docemente e passando o cotovello por sobre o felpo da cópa do seu velho chapéu tricornio:

— Com perdão de v. s.ª, sr. chanceller; mas o povo não fica seguro d'esta maneira...

— Então que exige mais?

— Parece-me que para segurança do povo seria bom que v. s.ª se obrigasse, por escriptura publica lavrada nas notas de um tabellião, o que fará com que el-rei cumpra os decretos, e que ademais esta escriptura fosse assignada pelo senado da camara e pela nobreza de cidade.

— Então faça-a reunir — disse severamente o chanceller, largando a penna.

— Homem, tu estás tolo, Caetano? — acudiu aqui o Thomaz Pinto — Duvidar da palavra honrada do nosso chanceller!...

— Eu não duvido; mas em fim, com perdão de v. s.ª, assim era maior segurança.

— Assigne v. s.ª, sr. chanceller — disse então com ares de protecção o Lisboa — Assigne, e não faça caso do que diz o meu compadre Caetano Moreira. Quem fala aqui sou eu, que sou o juiz do povo.

— Façam lá o que quizerem — replicou o Caetano — mas assim parece-me que não temos nada feito.

— Calla a bôca, Caetano — resmungou o irritavel Thomaz Pinto, para não desdizer a indole do povo, sempre prompto a contender comsigo mesmo, até n'aquelles momentos em que a concordia é da maior necessidade.

Caetano Moreira encolheu os hombros com ares de despreso e de compaixão, e o chanceller assignou as papeletas, sorrindo desdenhosamente da farça que o obrigavam a representar.

— Viva v. s.ª! Viva o nosso chanceller, viva e mil vezes! — gritou o Lisboa, aferrando os papeis como quem receiava ainda vêr fugir uma grande preciosidade.

E depois de se despedir do chanceller com grandes encarecimentos da gratidão popular, sahiu para a rua, onde entoou um novo viva, que foi estrepitosamente repetido.

Domingos Nunes, que como o leitor viu, sahira logo que o chanceller se prestára a assignar, mal chegou á porta, tinha gritado:

— Viva o nosso chanceller governador! Está abolida a Companhia. Morra a Companhia! Quem vae buscar os tambores para lançar o bando? Eu pago tudo.

A multidão victoriou esta noticia, e o taverneiro Bocarra e outro companheiro dos mais interessados na revolta correram a bom correr á rua do Loureiro, d'onde, de casa de um tamborileiro de festas, trouxeram dois tambores, de um dos quaes foi encarregado o Missola e do outro lançou mão o Torto dos matadoiros, que os tiros tinham feito arredar de junto da casa de Luiz Belleza.

Mal o Lisboa sahiu da porta do chanceller, e acabou de victorial-o, o bando organisou-se de súbito, e o povo abriu aos lados para o deixar passar. Na frente caminhavam o Missola e o Torto, rufando com quantas forças tinham; logo apoz seguia-se um

alentado marmanjo, que apregoava em altos bérros a abolição da Companhia, e em seguida vinha o juiz do povo, a pé e todo sorrisos, ladeado pelo Caetano e pelo Nunes, apoz dos quaes caminhava innumeravel gentío, dando espantosos vivas. O bando correu assim a maior parte das ruas da cidade, pelas quaes o grande numero de garotos, que o acompanhava, ia arrancando todos os ramos das tavernas da Companhia com infernal algazarra e gritaria. Era quasi uma hora da tarde quando o prestito chegou á porta do juiz do povo. Ahi, no largo, os rapazes amontoaram os ramos, e pondo-lhes o fogo, armaram uma grande fogueira, em derredor da qual a populaça se poz a dançar desatinadamente.

O fim da revolução, ou antes os desejos dos inimigos da Companhia estavam de facto satisfeitos; mas a populaça que haviam concitado, e que a favor d'elles tinha concorrido, não achou razão de apaziguar-se na satisfação dos desejos dos taverneiros. Era hora e meia da tarde. Para cima de vinte mil pessoas tripudiavam n'essa occasião como loucos furiosos nas ruas do Porto. Os gritos e os alaridos punham espanto, e as vinganças particulares e a rapina ameaçavam a cidade. Os taverneiros chegaram por fim a arrepender-se do que haviam feito.

O chanceller conheceu immediatamente, que a sua condescendencia de nada tinha servido para aquietar o tumulto. Seguro da coadjuvação dos taverneiros, que tivera até então por inimigos, Bernardo Duarte fez partir Thomaz Pinto, Balthasar Nogueira e mais dous ou tres dos que tinham concitado a revolta, a vêr se podiam aquietar os animos da plebe amotinada. Ao mesmo tempo deu ordem ao juiz de fóra e ao juiz do crime, que cada um por seu lado, e das janellas que lhes parecessem mais convenientes, arengassem o tumulto nos logares, onde elle estivesse mais accêso, e persuadissem ao povo que se pacificasse.

Os magistrados e taverneiros foram porém apupados e apedrejados. O chanceller julgou então con-

veniente fazer intervir a tropa. O proprio Thomaz Pinto, furioso por causa de uma pedrada que de soslaio lhe acertára na cabeça, foi quem levou ao tenente-coronel Vicente da Silva o officio, em que o chanceller lhe ordenava, que fizesse dispersar o povo, mas sem empregar os meios extremos.

Já passavam de duas horas, quando o regimento, rodeando a cidade por fóra das muralhas, entrou n'ella pela porta de Cima de Villa, e, deixando ahi um piquete de vinte homens, avançou em columna cerrrada para o centro da cidade, varrendo na passagem tudo o que encontrava deante de si.

Mas a populaça amotinada encolerisou-se cada vez mais com esta medida, que imaginou ameaça. Mais de doze mil pessoas accumularam-se em frente do regimento, o qual accometteram á pedrada, e com tal ousadia que o fizeram recuar e perder a fórma. Entretanto um grupo de oitocentos a mil revoltosos assaltaram o piquete de Cima de Villa, e fizeram descer sobre elle uma tal nuvem de pedras, que o obrigaram a acolher-se á torre, levando comsigo sem sentidos um granadeiro gravemente ferido de uma pedrada na cabeça. Depois correram pela rua abaixo, e arremetteram com a tropa pela rectaguarda.

Vicente da Silva mandou fazer alto ao regimento, depois deu as vozes de carregar armas e calar baionetas. Em seguida mandou uma forte patrulha a casa do chanceller, a participar-lhe o que ia acontecendo, e que elle estava em pontos de se vêr obrigado a fazer fogo para se defender. Mandou então dividir o regimento em duas partes, uma das quaes avançou sobre o povo pela rua das Flores fóra, e a outra correu a marche-marche pela rua do Loureiro a defender as casas de Manoel Bernardo, secretario da Companhia, e de Custodio Santos, deputado d'ella, as quaes o povo pretendia arrombar, bradando enfurecido e ameaçador. Uma nuvem de pedras choveu outra vez sobre a tropa; o regimento parou novamente, mas d'esta vez a voz de fogo ia a sahir definitivamente da bôca do tenente-coronel, que se

via verdadeiramente apertado, quando os sinos da egreja dos terceiros franciscanos começaram a tanger, chamando os irmãos á procissão de Cinza.

Foi feliz esta lembrança do chanceller. Mal ouviu os sinos, o povo soltou um grande grito de regosijo, e de repente mais de oito ou dez mil pessoas escoaram-se pelas differentes ruas e avenidas da rua Chã, da do Loureiro e da das Flores, em direcção a S. Francisco. A curiosidade da procissão era superior no espirito ocioso d'aquella gente á irritação vertiginosa e momentanea de uma assuada, com que ella nada lucrava, e que continuava sem saber pelo quê.

Pouca gente ficou pois em frente da tropa, e essa varreu-a ella facilmente, marchando e contramarchando em columna em differentes direcçoens. Ás tres horas o regimento achou-se de todo desapresado da revolta. Vicente da Siva dividiu-o então em fortes patrulhas, que espalhou por todas as ruas da cidade.

Ás quatro horas da tarde a procissão de S. Francisco sahia da sua egreja, e caminhava seguramente pelas ruas, que tinha de transitar. A cidade estava em completo socego. Da revolta apenas restavam vestigios em algumas janellas com as vidraças quebradras, em algumas portas assignaladas a golpes de machado, e na rua Chã, em frente da casa de Luiz Belleza, no montão de trastes despedaçados, que jaziam a granel no meio da rua.

Nos dias seguintes, a Companhia esteve abolida de facto, os taverneiros abriram de novo as suas tavernas, os vinhos da Companhia foram vendidos a alvederio do juiz do povo ou do seu delegado, e os almotacés da cidade, que eram dois advogados dos de mais fama, faziam obra pelos decretos do Lisbôa, referendados pelo chanceller, como se fossem assignados por el-rei. As coisas continuaram assim, até que aconteceram os factos que relatarei no capitulo seguinte.

Na noite d'esse mesmo dia da revolta José Mas-

carenhas e o padre Mansilha partiram a toda a pressa para Lisboa, levando comsigo a informação ou parte official e circumstanciada, que o chanceller enviava ao ministro ácerca do acontecido. O primeiro ia impando de soberba irritada e combinando vinganças e desforços; o segundo esfregava as mãos de contente, porque a Companhia dos Vinhos estava finalmente a salvo das projectadas reformas do implacavel ministro de el-rei D. José I.

XVI

Quem canta dentro no pégo
Como passado o perigo;
Ou faz do perigo prego
Ou busca o perigo cego
Ou é de perder-se amigo.

D. Francisco Manoel. *Obras metricas.*

Tinham passado vinte e dois dias, depois que o povo do Porto se proclamára soberano, e abolira, em nome do direito da revolução, a Companhia dos Vinhos, sem que se sentisse que el-rei D. José governava em Portugal, e que era ministro das mercês Sebastião José de Carvalho.

Cahia a tarde do dia 17 de março de 1657. Thomaz Pinto, aquelle rixoso concitador da assuada de Vairão, e activo conspirador do motim de 23 de fevereiro, estava doente e sem poder sahir de casa. Encadeára-o de portas a dentro a demorada convalescença de uma gastrica provocada por demasias gastronomicas no enthusiastico banquete, com que os taverneiros do Porto solemnisaram a boa andança do audacioso commettimento, que haviam tentado.

Thomaz, homem de genio ardente e tempestuoso, soffria mal aquella suspensão temporaria da plena liberdade de movimentos. Estava de mau humor e

impertinentissimo. Ralhava por tudo, gritava contra tudo e ameaçava todos e todas as coisas. Pascôa Angelica, apesar de rapariga de figados alentados, soffria resignada e sem se atrever a protestar contra a irritabilidade, sempre perigosa, do pae.

Pascôa estava fiando, a um lado da sala, sentada sobre uma grande arca de pinho, que se fechava com dois robustos ferrolhos. Thomaz, sentado junto da janella em enorme cadeira forrada de sóla e cravejada com grandes botoens amarellos, olhava de quando em quando pelas taboinhas da adufa, com cara de arremetter, ora compondo o farto capote em que estava embrulhado, ora aconchegando o barrete de malha de algodão branco, com que resguardava a cabeça.

Por mais de uma vez o insoffrido e insoffrivel taverneiro tentára abrir polemica com a filha; mas Pascôa, avisada do que era o genio do pae em taes momentos, declinava sempre a responsabilidade de toda e qualquer referta, fugindo-lhe com monosillabos inoffensivos, pronunciados em voz assucarada e melliflua.

A noite approximava-se a toda a pressa, auxiliadas as trévas pela estreiteza da rua. Thomaz, depois de lançar uma olhadella raivosa pela janella fóra e em seguida outra sobre a filha, gritou em voz destemperada e sibilante:

— Então rapariga, com um milhão de diabos, não ha luzes em casa?

— Vou buscar o candieiro, senhor pae — replicou Pascôa, largando a róca e levantando-se.

— Ah! desavergonhada, é preciso que t'o lembre! — bradou Thomaz, fazendo menção de querer levantar-se com ar ameaçador.

Pascôa sahiu, e Thomaz ficou regougando, sem ter contra quem vasar a bilis superabundante, que o incommodava. Por infelicidade d'elle até Pascôa não tardou com a luz mais que um minuto. Thomaz enfureceu-se cada vez mais, e, á falta de victima sensivel, praguejou contra uma das lapellas do capote,

que n'esta occasião lhe escorregou de cima dos joelhos.

N'isto bateu-se á porta.

— É ella... é a senhora — resmungou Thomaz por entre os dentes.

Pascôa foi abrir, e minutos depois entrou accompanhada por uma mulher gorda e de cara bonacheirona, que nada menos era que Thereza Pinto, sua mãe e esposa do enraivado Thomaz.

— Então isto são horas, velhaca!— gritou elle em voz concentrada e com gestos que bem manifestavam que se não dava mais vivas demonstraçoens da cólera, era porque a imbecilidade, em que estava lh'o não consentia.

Thereza Pinto não respondeu. Sacudiu de si o capote com desespero, deixou-se cahir sobre uma cadeira, apertou as mãos na cabeça, e exclamou em voz de terror e de desesperação:

— Ai, homem, que estamos perdidos!

— Perdida andas tu, bilhardona!— replicou Thomaz, dando azas plenas á ira — perdida andas tu, desavergonhada, que me deixas aqui só n'este estado, e vaes de flaino até estas horas com outras vaganoas como tu. Com um milheiro de diabos! deixa estar que eu te prometto...

— Ah, que estamos perdidos... que estamos perdidos!— interrompeu de novo, voz em grito, a pobre Thereza sem fazer caso do marido — Ó meu Senhor dos Afflictos, prometto-vos uma lampada de prata e dezesseis tostoens em oiro para azeite, se nos escapaes d'este perigo. Ó meu Senhor dos Affliactos valei-nos!

A esta coarctada declamatoria, cujo tom exprimia com toda a sinceridade o terror e o desespero, Thomaz voltou-se vivamente impressionado para Thereza, e disse em voz de curiosidade anciosa:

— Mas que diabo, tens tu mulher?

— Ai que estamos perdidos... estamos perdidos!...

— Mas, com um cento de demonios, que estás

tu ahi a bradejar, mulher infernal?—bradou Thomaz, a quem a raiva prestou as forças precisas para se pôr agilmente de pé.

Thereza fitou-o um momento espantada, e depois disse em voz sumida e trémula:

— Está a alçada no Porto!...

— Está a alçada no Porto!— eccoou Thomaz Pinto, cahindo de novo na cadeira em que estava sentado — Isso é impossivel. Tu estás louca, Thereza.

— Não estou, não, Thomaz. Estamos perdidos... estamos perdidos!

— Mas isso não póde ser — balbuciou novamente Thomaz — Uma alçada no Porto! El-rei não o ousaria. E de mais, depois de tanto tempo...

— Está... está, Thomaz; está a alçada no Porto — exclamou de novo a mulher — E dizem que é por causa do levante. Estamos perdidos! estamos perdidos!

Thomaz ficou um momento a olhar fito para Thereza, atordoado pelo espalhafato das exclamaçoens, que ella soltava aterrada. Por fim a indole audaciosa e volteira dominou-lhe a imbecilidade corporea, e o iroso revolucionario bradou em tom desafogado e seguro:

— Que diabo estás tu a gritar, mulher louca? Qual alçada, nem qual demonio! Isso não póde ser. Foi pulha que te disseram. Não póde ser tenho dito. El-rei não o ousaria. O povo do Porto não o soffrera, e el-rei sabe que o povo do Porto não é para graças.

— Mas eu vi a tropa, homem.

— A tropa! Mas que diabo de tropa...

— A tropa, sim, muita tropa, formada no campo das Hortas. E quando eu sahia da egreja dos Congregados de assistir ao lausperenne, entrava pela porta dos Carros uma caleça, cercada de lacaios armados e acompanhada de muita cavallaria, na qual vinham uns fidalgos, que me disseram que eram os da alçada.

Thomaz soltou uma gargalhada nervosa e cheia de desespero, com a qual enganou a vontade de esmurrar a cara á mulher, vontade que a fraqueza lhe não deixava satisfazer.

— Olha que bruta! — exclamou por fim com os olhos incendiados de cólera — Porque viu dois homens n'uma caléça, já cuida que é a alçada que vem sobre nós!

— É a alçada, é. A Estrellada ia commigo, e tambem os viu. Ella ahi vem logo e mais o Domingos; elles t'o dirão.

— Que pódem elles dizer, mulher dos diabos!

— Que estamos perdidos, que está a alçada no Porto, Thomaz No largo da feira encontrei depois o Cheta, que ia com o Lá-vae e com o Torto dos matadoiros, e o Cheta disse-me — Ó tia Thereza, vá dizer ao seu homem que fuja. Ahi vão os ladroens da alçada; vae haver grande mortandade. Eu parto ámanhã para Liverpool no navio de que sou marinheiro. Vão commigo estes dois; se elle quizer ir tambem, que appareça. O navio é do Diogo Wood; o patrão, que já sabia esta manhã da pouca vergonha que vae cahir sobre nós, mandou-me que desse parte a todos os que quizessem fugir. Ande, vá depressa. Eu já dei parte ao Cozido, ao Caetano Moreira, ao Estanqueiro, ao Matheus e ao Tativitate. Agora vou outra vez falar com o Lisboa e com o Balthazar, que estão ambos teimosos em não quererem fugir. Vou lá por ordem do patrão, dizer-lhes que fujam em quanto é tempo. O inglez já mandou avisar outros muitos; talvez seu marido ainda o não fôsse por estar doente, e não o terem achado. Vá você dizer-lh'o depressa tia Thereza.

— Um raio parta o Cheta, o inglez e a ti, calaceira! — gritou Thomaz Pinto com a cabeça inteiramente perdida — Má peste vos tome a todos que andaes a mostrar medo e a dar azo aos officiaes d'el-rei para fazerem o que nunca ousariam, se nos não conhecessem fraqueza.

— Como o não fariam, Thomaz! Pois não vês a

muita tropa que já mandaram sobre a cidade? E dizem que vem ahi o poder do mundo d'ella. O mulato hollandilheiro disse-me que o Wood o tinha avisado de que ámanhã ou depois ainda chega mais tropa. Thomaz, toma o conselho dos que sabem mais do que nós. Vae com o Cheta para Inglaterra.

— Não póde ser... não póde ser — atalhou aqui Thomaz Pinto, falando comsigo mesmo — El-rei não se atrevia a fazel-o. Com um raio de diabos! E eu aqui amarrado a esta cadeira! Não póde ser, não póde ser. Depois de tantos dias, sem que os de Lisboa se tenham mexido... Nada, não póde ser; elles têem medo de nós, e se o não têem, nós lh'o faremos ter.

O soliloquio de Thomaz Pinto foi interrompido por duas rijas pancadas na porta da rua. Antes, porém, de introduzir os que chamavam assim a attenção dos donos da casa, cumpre dar aqui algumas explicaçoens ao leitor, para que elle não labore na mesma ignorancia, que fazia com que o taverneiro julgasse impossivel a chegada da alçada ao Porto.

Vinte e dois dias, como dissémos, haviam decorrido depois do levante de 23 de fevereiro, e durante elles não se tinha tornado sensivel a existencia d'el-rei D. José, nem do seu ministro Sebastião de Carvalho. Por todo este espaço de tempo a Companhia esteve abolida de facto; os decretos do Lisboa, assignados pelo chanceller e proclamados pelo bando revolucionario, regeram como leis de origem competente. Os almotacés da cidade, que eram *ambos advogados de boa nota*,[1] como a camara do Porto asseverou a el-rei, faziam muito pacificamente obra por elles. Os armazens da Companhia foram devassados; os vinhos postos á venda pelo preço que lhes taxou Domingos Nunes, que n'este caso fez de juiz do povo, e os taverneiros da cidade compravam e vendiam

---

[1] Vide Nota 1, na primeira informação official dada a el-rei pela camara do Porto.

como d'antes, e partiram para o Doiro a ajustar vinhos como se a abolição da Companhia fôsse facto consumado e incontrariavel

Esta inercia governamental, emparelhada com a energia e caracter despotico de Sebastião de Carvalho, do terrivel marquez de Pombal, ha de pôr certamente em suspensão o leitor. Nada, porém, de mais natural, como vae ver em seguida.

O motim foi a 23 de fevereiro. No dia 28 de manhã o padre Mansilha e o doutor Mascarenhas chegaram a Lisboa com as primeiras noticias officiaes da revolta. A fama, porém, que anda com a ligeireza da electricidade, já tinha, havia dois dias, espalhado na côrte os primeiros rumores do acontecimento. De bôcca em bôcca correra a noticia de que o Porto se tinha levantado contra el-rei e contra a Companhia dos Vinhos. A distancia, porém, e a morosidade das communicaçoens, se por uma parte carregavam o rumor com côres mais negras, por outra tiravam-lhe tambem todo o caracter de certeza, que em razão d'ellas era impossivel conceder-lhe. Mas Sebastião de Carvalho, que não desconhecia a velocidade com que corriam os boatos, estava ancioso. Alguma coisa tinha havido de certo. No dia 27 os rumores cresceram de ponto; já se asseverava com certeza.

O ministro despediu então um postilhão pela posta para saber o que havia. Mas do Porto a Lisboa a jornada era então de seis dias, e pela posta o mais a que se podia encurtar era a quatro.

O padre Mansilha e José Mascarenhas chegaram, como disse, no dia 28.

José Mascarenhas foi logo procurar Carvalho á barraca da Calçada da Ajuda, onde vivia desde que o terramoto de 1755 o fez abandonar a sua casa da rua Formosa, e onde viveu sempre até que morreu el-rei D. José. Na mesma barraca, que n'aquella época memoravel foi construida assim como outras muitas, para se alojarem a côrte e as pessoas do serviço de el-rei, tinha tambem Carvalho a secretaria

da sua repartição. [1] Ahi o foi pois encontrar José Mascarenhas, que era, como o leitor sabe, portador da informação official, que o chanceller interino da relação do Porto dava da revolução ao ministro. Bernardo Duarte escrevera sob o peso de duas graves influencias; a impressão recente que n'elle havia feito a colera popular, e o receio da responsabilidade que por ventura lhe irrogaria o ministro, por se não ter deixado despedaçar pela ira do povo, antes do que assignar os decretos, pelos quaes foi illegalmente abolida a Companhia dos Vinhos. O chanceller pintava pois a revolta com tintas que punham horror. Mascarenhas, interrogado, ainda carregou mais a mão na narrativa. O ambicioso doutor levava dois interesses em mira: lisongear o poder do ministro e impôr-se como homem que tinha luctado em favor d'elle contra o que chamava insolencia popular. Para isso pintou esta ao ministro como tendo tocado o auge de toda a licença; narrou o que tinha acontecido com o chanceller, a desolação da casa de Luiz Belleza, e affirmou que tinha ouvido impropérios e ameaças atrevidissimas contra el-rei, e sobre tudo contra elle ministro das mercês. Por fim cerrou a narração engrandecendo a coragem, com que fizera fogo sobre o povo, insulto que foi causa principal de toda a ruina, que soffreram as casas do provedor da Companhia.

A colera do despotico e omnipotente ministro tocou o apogeu. O doutor Mascarenhas abonára-se por mais de uma vez com o padre Mansilha. O padre Mansilha foi, portanto, chamado. Era o padre hypocrita e velhaco, e, como o leitor já sabe, interessava mais que ninguem, em atiçar aquelle incendio no animo irritavel de Sebastião de Carvalho. Para preparar o terreno fez ir adeante o bota fogo Mascarenhas. Depois, quando chegou, apresentou-se ainda com cara de medo, e disse mais em palavras

---

[1] J. Raton. Recordações, pag. 184.

de mel, do que o doutor havia dito em palavras de fel. Além de falar na revolta e pintal-a como quem a suppozera o dia do juizo final, falou na mascarada, e avivou a natural soberba e ciume despotico de Carvalho com palavras cahidas a tempo e adrede disfarçadas no tom, em que se revelam antes as impressoens do que a intenção de qualquer.

Carvalho sorriu-se como o padre Mansilha desejava que elle se sorrisse n'aquella occasião. Depois mandou chamar, pelo seu guarda-roupa Leithjeb, o seu intimo Lopes, que lhe servia de secretario, e ditou-lhe logo tres cartas regias.

A primeira foi dirigida a João Pacheco Pereira de Vasconcellos, desembargador do paço e do conselho de el-rei, ordenando-lhe que partisse immediatamente para o Porto, em alçada de que o nomeava presidente, para tirar exactissima devassa dos acontecimentos de 23 de fevereiro; e que depois de averiguar os factos e os instigadores e cumplices d'elles, os fizesse prender immediatamente, *ainda antes da culpa formada*, e os processasse a todos *em processos verbaes e summarissimos*, pelos quaes constasse *do mero facto da verdade da culpa, observados só os termos de direito natural, sem attender ás formalidades civis, que todas dispensava por aquella vez sómente, e sem limitação de tempo, nem determinado numero de testemunhas; por que todas as vezes que houvesse prova bastante, para por ella proceder, sentenciaria todos e a cada um dos reus que achasse culpados.* [1] Por esta mesma carta regia José Mascarenhas foi nomeado escrivão da alçada, que tinha de julgar os revoltados, e adjuntos todos os desembargadores da Relação, que Pacheco julgasse necessarios. O presidente vencia 8$000 réis por dia, durante a sua estada fóra da côrte; o escrivão 4$000 réis, e cada um dos officiaes menores nas

---

[1] Vide, na Collecção das LL. Josephinas, a carta regia de 28 de fevereiro de 1857.

diligencias dentro das portas da cidade 400 réis diarios e fóra d'ellas 800 réis, *pagos pelos bens dos culpados que se averiguassem e se nenhum se averiguasse*, el-rei providenciaria. Esta ultima circumstancia não era a menos notavel. O economico Sebastião de Carvalho, que zelava os cofres publicos como se tudo o que d'elles sahia fôsse tirado dos seus, era n'esta occasião prodigo até o excesso; e era prodigo por que tinha a conviccão de que a alçada havia de saber achar os culpados, e *aquelles pellos no coração*, de que falava D. João v, inspiravam-lhe o desejo de esmagar por todos os meios os que tinham ousado contrariar-lhe a vontade despotica.

A segunda carta foi dirigida ao mesmo desembargador presidente. N'ella se lhe dava plena jurisdicção sobre todas as auctoridades das provincias do territorio do Relação do Porto, a quem se impunha estricta obrigação de lhe obedecerem cegamente, sob pena de suspensão *ipso facto* e da responsabilidade perante o monarcha.

A terceira foi endereçada ao chanceller interino, accusando a recepção do officio enviado por José Mascarenhas, e dando-lhe parte da nomeação da alçada, que devia funccionar no mesmo edificio da Relação, de tarde, e sentando-se o presidente em cadeiras de espaldar.

Recebidas estas ordens, João Pacheco preparou-se para partir immediatamente, como lhe ordenava o terrivel ministro. Mas durante os tres dias que lhe foram concedidos para se preparar, chegou a humilissima informação da camara do Porto, que se achava então com mais medo de Sebastião José de Carvalho, do que o chanceller havia tido do povo. A informação da camara, escripta no dia 25 de fevereiro, chegou a Lisboa no dia 2 de março. No dia 3 o presidente e o escrivão da alçada partiram para o Porto, levando comsigo a resposta, que o ministro deu ao senado. O tom da carta regia, em que ella veio, é secco e peremptorio. O ministro accusa a recepção da informação da camara, e dá parte a esta

da nomeação da alçada, ordenando-lhe ao mesmo tempo que, a despeito de todos os privilegios que a cidade possuisse, aquartelasse n'ella todas as tropas, que Pacheco julgasse conveniente convocar para cumprir a missão de que fôra encarregado.

Pacheco partiu pois no dia 3 para o Porto. Antes, porém, d'elle partir, e no mesmo dia 28 de fevereiro, o ministro tinha officiado a João de Almada e Mello, coronel do regimento da guarnição do Porto, para que prevenisse os animos do regimento para obedecerem cegamente ás ordens do presidente da alçada; e officiado egualmente a Sebastião Pinto Rubim de Sottomayor, tenente coronel da cavalleria de Chaves, e a Luiz de Mendonça Furtado, coronel de um regimento de infanteria de Vianna, para que marchassem immediatamente para o Porto — este com todo o regimento do seu commando e o outro com um forte esquadrão d'aquelle de que era tenente coronel. Ao mesmo tempo mandou tambem marchar sobre o Porto um dos regimentos de Traz-os-montes, de que nomeou coronel Vicente da Silva da Fonseca, o qual, bem o sabe o leitor, era tenente coronel do regimento do Porto. Além d'esta força, Pacheco partiu logo de Lisboa, acompanhado pelo regimento de dragoens da Beira, de que era coronel D. Antonio Manoel de Vilhena, que estava n'esse tempo de guarnição na capital.

Mas, n'essa epoca, o exercito portuguez estava quasi tão desorganisado, e ainda muito menos acostumado ao movimento do que hoje. Em consequencia d'isso, o presidente da alçada, que sahiu no dia 3 de Lisboa, viu-se obrigado a esperar em Aveiro desde o dia 6 até ao dia 20, para dar tempo a que as forças que foram mandadas marchar sobre o Porto, se apromptassem para poderem entrar com elle no mesmo dia na cidade. E ainda assim não o conseguiu totalmente, porque o regimento de Traz-os-montes e o esquadrão de cavallaria de Chaves só chegaram alguns dias depois de elle chegar.

Eis aqui as razoens porque a justiça do min istro

de el-rei D. José tardou tanto tempo em cahir sobre o Porto. As providencias tomadas por elle não tinham sido inteiramente desconhecidas na cidade, logo desde o principio; mas a demora da realisação das noticias, que a tal respeito correram, fizeram tomar a estas o caracter de rumores, que o povo lançou á conta de atoardas banaes, chegando, em razão do apparente bom resultado do seu commettimento, a julgar-se temido pelo governo de Lisboa.

Era pois sob o peso d'este despauterio vanglorioso que o revolucionario Thomaz Pinto se recusava a acreditar que a alçada de Sebastião de Carvalhe estivesse já dentro dos muros do Porto. Mas o desengano chegou-lhe breve, porque indo Pascôa Angelica abrir a porta aos que tão rijamente a ella batiam, entraram-lhe em casa Domingos Nunes e sua mulher, a sr.ª Custodia Maria, vulgarmente conhecida pela alcunha da Estrellada — elle cabisbaixo e trombudo, e ella vermelha até á raiz dos cabellos e agitada por violenta irritação de espirito.

Ninguem se lembrou de dar as boas noites, nem o caso em verdade era para menos. Domingos foi sentar-se macambuzio ao lado de Thomaz, que o fitava com olhar investigador, e a Estrellada parou no meio da casa, abalada por aquella suspensão de amabilidades, e passeando os olhos incendiados sobre cada um dos circumstantes.

— Sabem vocês que mais — exclamou ella por fim em tom agitado, vendo que ninguem se resolvia a tomar a palavra — Vocês estão doidos. Então porque chegaram dois homens de caléça com caras de arremetter, ha de a gente ficar como quem tem defuncto de portas a dentro?

— Calla-te, Custodia — rosnou Domingos com mau modo.

— Então sempre é verdade a chegada da alçada? — balbuciou Thomaz por entre os dentes.

— É verdade — replicou Domingos da mesma maneira.

Depois tudo tornou a cahir no silencio de ha pouco.

N'isto tornaram a bater á porta, e minutos depois entraram o Lisboa e o José Antonio Estanqueiro, ambos cabisbaixos e nada contentes. Ao fitarem-se uns aos outros, os que entravam e os que estavam, os olhares disseram mais do que podiam dizer as palavras, e ninguem se atreveu portanto a ser o primeiro a falar.

Thereza, que olhava espantada essa scena, passeando os olhos por um e por outro, a vêr se na cara de algum topava com allivio ao terror que sentia, ao deparal-os todos assim, acabou de apavorar-se.

— Ai que estamos perdidos! ai que estamos perdidos!— rompeu ella o silencio, voz em grito e apertando a cabeça entre as mãos.

A esta interjeição inesperada um calafrio violento trepou horrivelmente pelos dorsos de todos os circumstantes.

— Calla-te, mulher infernal!— bradou por fim Thomaz Pinto — calla-te ou arrebento-te cadella!

— Ai, você está tola, tia Thereza!— disse em seguida a Estrellada — Estamos perdidos, por quê? Você não se lembra do que disse o advogado? O levante começou por mulheres e rapazes; não nos pódem enforcar. E então que póde acontecer? Prenderem-n'os? D'essa me rio eu. Tenho muito dinheiro; faço figas á justiça. E, se apertarem muito commigo, sou capaz de comprar gente para fazer ainda maior levante na cidade.

— Calla-te, diabo!—exclamou Domingos Nunes, com ares de quem receiava que as tolices da mulher fossem ouvidas.

Seguiu-se novamente silencio profundo.

— Então sempre é certo estar a alçada no Porto?— re-perguntou por fim Thomaz Pinto em tom de ironia ameaçadora.

— Chegou hoje ás cinco horas — disse o Lisboa.

— E você que diz a isto, compadre?

— Que digo? Eu sei lá o que hei de dizer!

— Com um milheiro de diabos!— exclamou vio-

lentamente Thomaz Pinto — então havemos de soffrel-a assim sem mais nem mais?

— Sem chuz nem buz — disse o Estanqueiro — Agora o mais acertado é acolher-se um homem a seguro. Aqui não ha resistencia. A tropa é muita.

— Não ha resistencia — bradou de novo Thomaz Pinto — Isso dizem vocês! Eu aqui pregado a esta cadeira!

— É que a tropa é na verdade muita, Thomaz — replicou gravemente Domingos.

— E já deu aviso dos humores com que está — accrescentou o Estanqueiro.

—Como deu? accudiu o Domingos.

— Boa vae ella! Pois não sabes o que já aconteceu na praça das Hortas?

— Mas, pelo inferno! bradou Thomaz Pinto — que tropa, que alçada, que diabo de gente é que veiu? E eu aqui, sem poder sahir á rua! Digam-me o que ha, com todos os diabos!

— O que ha?— disse o Lisboa — Toda a cidade o sabe já. Mas você não o sabe, e é preciso que o saiba...

— Olha, Thomaz, o que ha é que está a alçada no Porto, e com isto está tudo dito — retrucou Domingos Nunes.

— Mas como ousaram mandal-a? Depois de tanto tempo...

— O caso é que a mandaram.

— Mas como chegou?

— Chegou esta tarde, eram cinco horas — disse o Lisboa — Eu vinha a sahir do lausperenne dos Congregados, e eis que oiço tocar tambores, e, olhando para a calçada da Natividade, vejo descer por ella abaixo o regimento da guarnição com o coronel João de Almada á frente. Todos estavam a olhar sem saber o que aquillo era, porque, por vida minha! ninguem esperava similhante coisa. O regimento chega, e posta-se em columna no campo das Hortas. E vê você, compadre, toda a gente se ajuntou deante dos soldados a vêr o que aquillo era, e

eis senão quando elles carregam a espingarda, e armam baioneta...

— Mas a alçada? a alçada? Onde está a alçada?

— A alçada? Eu lhe digo. Os soldados ficaram assim por mais de meia hora. N'isto encontro o Estanqueiro, e digo-lhe — Ó compadre, isto que é?— Que é — disse-me elle — ... Não foi assim, compadre?

— Foi — replicou o Estanqueiro — por signal que não pude dizer-lhe mais, ainda que me pareceu logo o que era. Porque n'esse comenos sahiu pela Porta dos Carros...

— É verdade. Foi mesmo assim... Sahiu pela Porta dos Carros a caléça...

— Mas que caléça? Que diabo de historia é essa? exclamou Thomaz, esbravejando contra as interrupçoens.

— A caléça dos desembargadores — disse Domingos Nunes.

— É verdade, a caléça com os desembargadores — continuou o Lisboa — cercada por dez lacaios agaloados e armados de bacamartes, e acompanhados por um regimento de dragoens de espadas desembainhadas.

— Então era...

— A alçada, já se sabe. Depois...

— Mas quem são os desembargadores?

— Um era um velhote, baixo e muito magro; o outro é o doutor Mascarenhas conservador da Companhia.

— Ora que lérias me estão vocês a contar, pelo inferno?— gritou Thomaz — Ahi está a vossa alçada, alarves! E' o ministro que nos quer impôr outra vez a Companhia á força. Bem me parecia a mim que a alçada era impossivel.

— Pois enganas-te, Thomaz — disse sempre em tom casmurro o Domingos — E' alçada, e boa alçada, fica certo d'isso. O velho é o desembargador do Paço, João Pacheco, que vem de presidente d'ella, e o Mascarenhas é o escrivão. Disse-me o Diogo Wood

que o velho é bom homem, mas já incapaz pela sua muita velhice; e que o filho é que ha de governar tudo. Ora tu já sabes o que é o Mascarenhas. E' alçada e boa alçada.

— Isso bastava olhar para a cara do conservador — acudiu o Estanqueiro.

— Santo nome de Deus, que cara! — continuou o Lisboa — Parecia que queria comer o povo. Depois foram alojar-se no palacio dos Amorins, onde o senado da camara lhes deu aposentadoria.

— O senado da camara! E sem fazer constar nada ao povo!

— Ora tu estás tolo, Thomaz — disse o Estanqueiro — Pois esperavas outra coisa? Os fidalgos são todos uns pelos outros: e demais não sabes que o Belleza é vereador?

— O que é certo é que a alçada está no Porto, e que o Mascarenhas é quem manda n'ella — resmungou do lado Domingos.

— Eu não vi mais nada — continuou o Lisboa — porque depois fui para casa do inglez, que me tinha mandado chamar. E de lá venho agora.

— Então que succedeu depois no campo das Hortas? — perguntou Thomaz, voltando-se para o Estanqueiro.

— Succedeu que estando a praça apinhada de povo, embasbacado a olhar para a tropa, abriu-se uma das janellas dos Amorins, e o Mascarenhas assomou a ella, e bradou arrogantemente — Snr. coronel Vilhena, faça arredar essa canalha do povo.

— Pelo inferno! — accudiu aqui Thomaz Pinto, fulo de cólera.

— O coronel voltou-se então para o capitão da primeira companhia, que é aquelle amigo do teu compadre D. Bartholomeu... Como se chama?

— O D. Manuel de Lencastre!...

— Esse mesmo; por signal que o pobre rapaz bem mostra que tem bom coração, por que marchou sobre o povo a passo. Mas n'isto ouviram-se alguns gritos dos que se achavam apertados e calcados no

meio da multidão, que ao retirar da cavallaria, cahiu sobre si mesma, e ouviu-se sobre tudo um brado — maldito seja quem o deu! — que dizia aqui do povo!...

— E quem o deu? — exclamou Domingos Nunes.

— Foi o padre Luiz de Santo Ildefonso — respondeu o Estanqueiro — Diz o doutor Nicolau, que se não fôsse aquelle grito, do passado pouco mal podia vir. Porém, aquelle ladrão d'aquelle padre, que está sempre doente para cumprir os seus deveres de sacerdote, e parochiar os freguezes que lhe estão encommendados, mas que tem a melhor saude d'este mundo para andar a vaganear até altas horas da noite, para jogar o voltarete e para metter-se em coisas de reboliço, estava no meio da turba, e deu-lhe o diabo na cabeça para gritar — Aqui do povo! — Olhae vós aquelle vaganão! Sabem o que aconteceu?

— Então, por Deus!...

— Então o Mascarenhas, que estava á janella, gritou de lá — Snr. coronel, aquelle official não cumpre o seu dever, — e o coronel respondeu, bradando — Regimento, a galope — E com isto lançou-se a galope sobre todo aquelle gentio; e cuidae vós outros bem o que por lá houve com tanto povo, que tinha concorrido a vêr as tropas, e que vinha sahindo do lausperenne.

— Ai que estamos perdidos! Ai que estamos perdidos! — gritou aqui Thereza Pinto arrepiando-se.

— Ah doiderrão de padre Luiz! — bradou Domingos Nunes — A culpa teve quem o trouxe para cá para lhe metter Santo Ildefonso nas unhas. Beleguinaço! Melhor o deixassem ficar lá na aldeia a lamuriar sermoens aos camponios, que assim não viera para aqui desacreditar o sacerdocio... e perder-nos.

— Dizes bem, Domingos — disse então o Estanqueiro — mas em fim o mal está feito, e agora o que cumpre é vêr como nos havemos de remediar.

Aqui ficaram todos a olhar uns para os outros; por fim o Estanqueiro rompeu o silencio:

— Eu por mim já estou decidido — disse elle — e para lhe dizer o que tenciono fazer, é que venho aqui. Quero ser leal camarada até ao fim. Parto ámanhã para Liverpool no navio do Diogo Wood, que dá passagem de graça á todos os que quizerem fugir. Eu aconselho-lhes que fujam. Isto já agora não póde ter bom fim. A vinda do Mascarenhas na alçada bem mostra os intentos com que elle vem. Isto cheira a forca e a degredo. E' fugir em quanto é tempo. O navio do Wood parte ámanhã; eu á cautella vou já n'elle. Mas ahi estão mais navios a partir por estes dias, e os inglezes dão passagem de graça a todos os que quizerem ir d'aqui para fóra. Quem não póde ir já, esconda se, por que eu não creio que a alçada nos deixe muito tempo para nos prevenirmos. Isto é o que me parece que se deve fazer; agora cada um faça o que quizer.

O Estanqueiro callou-se depois d'este longo esforço oratorio. Houve em seguida alguns minutos de silencio.

— Eu cá por mim fico — disse por fim Domingos Nunes com ar negro.

— E eu tambem — accudiu exaltadamente Thomaz Pinto.

— Eu... eu — disse o Lisboa tartamudeando — eu não sei que faça. Parece-me, porém, que o diabo não ha de ser tão feio como o pintam. O inglez mandou-me chamar, e elle e outros que estavam com elle, quizeram persuadir-me que eu, por ser juiz do povo, tinha obrigação de aconselhar a todos que fugissem, e dar-lhes o exemplo, fugindo tambem...

— Isso não, pelo inferno — gritou Domingos Nunes — Você, compadre, não deve por modo nenhum abandonar o seu logar. Se o fizesse, seria enxovalhar o povo do Porto e deshonrar-se para sempre.

O Lisboa coçou aqui na cabeça.

— Isso é conforme — replicou em seguida — Isso é conforme, compadre Domingos. Eu já sou velho, e desejo morrer descançado na minha cama. Ora deixar-me enforcar por capricho, parece-me asneira. Isso

é conforme, compadre Domingos, isso é conforme.

— Qual forca, nem qual diabo, homem — bradou Thomaz — Pois póde por ventura el-rei enforcar-nos por termos sahido pelos nossos direitos...

— Homens — atalhou aqui o Estanqueiro — attendam que está uma alçada no Porto, e que o levante é crime de lesa-magestade.

— Isso devia você dizer-me, sôr Zé, quando me andava a espicaçar para eu ser cabeça de motim — interrompeu, irritado, o Lisboa — Mas em fim o que lá vae, lá vae, e a mim parece-me que, apesar do que você diz e do que dizem os inglezes, não vou.

— Sôr Lisboa, na sua edade...

— Na minha edade custa a deixar a patria e a casa, em que se vive. Eu pensarei. Ir-me por esse mundo de Christo fóra sem esperança de tornar a vêr a minha terra, deixar tudo o que tenho por ahi ao Deus dará, abandonar mulher e filhos, e isto porque me dizem os inglezes — fuja, senão enforcam-n'o... Nada, não me cheira. Eu pensarei, eu pensarei... Sabe que mais, sôr Zé, a mim quer-me parecer que os inglezes teem mais medo da alçada do que nós; e o que querem é pôr-nos fóra da cidade, porque se receiam que dêmos com a lingua nos dentes. Hein! E que lhe parece isto, sôr Zé Estanqueiro?

— A mim o que me parece é que você já cheira a defuncto, tio Lisboa, e que já sinto o carrasco a cavallo nos meus hombros...

— Homem, isso é medo de mais. Emquanto a eu cheirar a defuneto, não admira; aos setenta annos toda a gente cheira a defuncto. E vocês que dizem?

Thomaz e Domingos estiveram alguns momentos sem responderem; por fim Domingos tomou a palavra:

— Você tem razão, compadre; todos estes medos são postos pelos inglezes, que nos querem vêr pelas costas...

— E o Zé Estanqueiro é um covarde — gritou

fulo de cólera Thomaz Pinto. — Antes do levante ninguem enchia mais a bôcca com o povo do que elle; agora deante da alçada ninguem tem mais medo de el-rei e da tropa. Pois quem tem medo compra um cão. Se estivesse n'outro estado, bem soubera eu como ensinára os medrosos. Mas emfim basta... Quem diabo tem medo das forcas de el-rei e da alçada? Pois o povo do Porto é por ventura algum cordeirinho, que se ate assim sem mais nem mais ao matadoiro? Pois vocês que tanto medo teem de el-rei, que fazem, que não sahem á rua a concitar o povo contra elle, como eu concitei o da Maia contra as freiras que el-rei, a camara e a tropa protegiam? E eu... eu aqui amarrado a esta cadeira! Isto é para um homem arrebentar desesperado!... De que diabo teem vocês medo?...

— Tambem não é tanto assim, Thomaz — interrompeu o Lisboa — Isto de levante foi uma vez. O povo não se leva duas vezes da mesma fórma; e depois a tropa é muita, e ninguem quer morrer de um tiro. O Estanqueiro em parte tem razão, mas o que me parece é que os medos são avejoens d'esta vez, porque, bem pensado, o caso não é de forca. Porque em fim o que fizemos nós? Fizemos um levante, em que não morreu ninguem, e deitámos abaixo a Companhia, que nos fez mal. Vem el-rei e que faz? Torna a pôr a Companhia em cima, e, em paga de andarmos a gritar por essas ruas, mette-nos na cadeia alguns dias e faz-nos pagar alguma multa. Isto quanto a mim é o mais que se póde fazer; e pela minha parte antes quero morrer na cadeia do Porto, e ficar a pedir esmola nas ruas do Porto, do que ir viver vida folgada e morrer em cama de marfim em terras estranhas... Eu pensarei... eu pensarei...

— Pois eu cá por mim já pensei — disse rudemente Domingos Nunes — não fujo... ainda que tenha de ser esquartejado por isso.

— Nem eu, nem eu — bradou immediatamente Thomaz Pinto. — Se fôr enforcado, é o mesmo. Ah! quem me déra sã!

O Estanqueiro, cujo rosto retratava a energia de Thomaz e de Domingos, e ao mesmo tempo viveza e finura de espirito, que elles não possuiam, estivera sorrindo e meneando ironicamente a cabeça, desde que Thomaz Pinto lhe chamára covarde. Por fim pôz-se de pé, embrulhou-se no capote, e disse-lhes, tomando o chapeu para sahir:

— Então estão decididos! Muito bem. Eu cá por mim parto, e parto hoje mesmo, por que antes quero dizer *bem fiz eu* do que *se eu soubera*. O que me admira é de si, sôr Lisboa. Na sua edade um homem tem obrigação de pensar mais maduramente. Pois que diabo podem os inglezes ter medo de nós? Temem-se que digamos que nos auxiliaram, que nos deram dinheiro para o levante? Mas onde estão as provas? Nem um só d'elles appareceu lá, nem temos papel, com que lh'o possamos provar. Depois, tio Lisboa, são estrangeiros e basta. Emquanto á alçada, verão o que ella faz. Todos sabem quem é o ministro que a manda, e o Mascarenhas que a governa. Mas querem ficar — elles porque não se temem de el-rei e crêem no povo, e você porque deseja morrer na sua terra, prefere acabar os seus dias morto de fome no Porto a ir viver á farta em Inglaterra. Pois fiquem, eu cá não sou assim. A minha terra, e eu com a corda ao pescoço, não me agrada; o Porto, e eu a morrer de fome n'uma cadeia, não me parece coisa para desejar. A minha terra, diz o ditado, é onde me vae bem. Eu cá penso assim. São coisas. Cada um pensa como quer. Eu cá, torno a dizer, parto e parto ámanhã mesmo, porque depois de ámanhã póde ser que já seja tarde. Se fosse juiz do povo, nem mesmo me demorava em ir a casa, sôr Lisboa; partia d'aqui mesmo. E olhe que se você quizesse fugir agora para Inglaterra, já não ia só. A bordo do navio encontrava muitos dos amigos; porque, esta noite, já lá dormem o Hollandilheiro, o Matheus, o Sequeira, meu cunhado Manoel, o Cozido, e eu e outros. Mas vocês não querem fugir; pois não fujam. E então adeus... até o outro mundo.

E a estas palavras, o Estanqueiro fez-lhes uma mesura ironica, e sahiu.

Passada a primeira impressão, que durou alguns minutos, Thomaz prorompeu em improperios e imprecaçoens contra os que fugiam. Desfeita a tempestade, a situação foi devidamente discutida e apreciada. Por fim resolveram esperar a pé firme os acontecimentos. Estes provaram em poucos dias que o Estanqueiro e os inglezes tinham razão.

Na madrugada do sexto dia, depois da chegada da alçada, um grande numero de casas do Porto amanheceram cercadas por soldados e por quadrilheiros. Ao mesmo tempo os regimentos, que acompanharam Pacheco, e os que chegaram depois, appareceram, occupando em columna, os sitios principaes da cidade. Duzentas pessoas foram presas n'esse dia, das quaes cento e setenta foram mandadas para o castello da Foz, e o resto ficou encarcerado na Relação e no Aljube. Entre os que foram para a Foz contavam-se os principaes chefes da revolta — o Lisboa, Thomaz Pinto, Caetano Moreira, Domingos Nunes, o Negres, e todos os mais notaveis. Os que ficaram nas prisoens da cidade foram os menos influentes e menos poderosos. Todos os presos pertenciam litteralmente á classe popular, aos *homens de capote*, como a camara lhes tinha chamado na sua informação ao ministro. Entre elles, porém, sobresahiam dois, que pertenciam a classes mais elevadas. Estes dois eram D. Bartholomeu de Pancorvo e D. Manoel de Lencastre.

D. Bartholomeu foi encarcerado na Relação, e dos rigores, com que foram logo desde o começo tratados os seus companheiros de infortunio, partilhou apenas a completa incommunicabilidade, a que a alçada os condemnou a todos. No mais era tratado com disvelo e com solicitude, que parecia querer adivinhar-lhe os desejos. D. Manoel, esse foi mandado para o castello da Foz. Não o metteram nas casas-matas, nem nos calabouços da velha fortaleza, não o reduziram ás palhas como fizeram aos outros

presos; mas vigiavam-n'o, e tratavam-n'o com severidade estudada e capaz de fazer fraquejar qualquer animo menos robusto que o d'elle. Esta prisão não foi, porém, feita pela jurisdicção da alçada; a ordem partiu, a requisição d'ella, do poder do governador das armas, a quem foi requerida em nome de suspeitas, a que se alludia vagamente, e sobretudo em razão da frouxidão do procedimento de D. Manuel, quando o mandaram carregar o povo na tarde, em que chegou João Pacheco. Esta deferencia guardada para com o governador das armas em relação a D. Manoel, por quem nenhuma entendeu dever ter com relação aos outros militares presos no mesmo dia, tinha intenção bem clara e bem combinada, que o leitor adivinha de certo.

XVII

Um que por outro se vende,
Lança a pedra, e a mão esconde,
O damno longe se estende;
Aquelle, a quem doe e entende,
Com só suspiros responde.

SÁ DE MIRANDA. Carta x, est. 23.

Estamos na manhã do penultimo dia de setembro. Haviam decorrido quasi seis mezes, depois que a alçada chegara ao Porto, e os prognosticos do Estanqueiro tinham-se ido verificando á risca.

A alçada fôra, desde o primeiro dia, o que elle dissera que havia de ser. José Mascarenhas sujeitara-a totalmento ao despotismo da sua vontade. O presidente, João Pacheco, timido por quasi octogenario, subscrevia a todos os caprichos do filho, por que lhe tinha medo da ferocidade e da soberba altaneira. Os outros desembargadores não ousavam affrontar-lhe francamente os intentos, porque tinham reconhecido, desde o principio, que não haviam sido convocados para mais que para comparsas d'aquella tragedia de antemão premeditada, e receiavam-se ao mesmo tempo do caracter despotico de Sebastião de Carvalho, que por mais de uma vez lhes fizera co-

nhecer que depositava no escrivão a mais plena confiança.

O leitor já conhece bem o caracter de José Mascarenhas, por isso póde fazer ideia perfeita do que soffreria a cidade, entregue indefeza e manietada ao poder d'aquelle homem feroz. Foi lenta e angustiosa a agonia dos habitantes do Porto, durante aquelles tão compridos seis mezes. Ás numerosas prisoens, que se fizeram no primeiro dia, seguiram-se outras muitas em serie interrompida. De dias a dias appareciam cercadas algumas casas; e homens, mulheres e creanças eram arremessados para as casas-matas do castello da Foz, ou para as masmorras do Aljube ou da velha Relação dos Filippes. Passavam já muito de quatrocentas as pessoas encarceradas; e d'estas a nenhuma tinha sido até então permittido communicar com as familias, que só a peso de oiro e ainda assim a muito custo alcançavam dos guardas noticias incertas e vagas. Os rigores do encarceramento eram, porém, sabidos de toda a gente; e Mascarenhas parecia comprazer-se em entenebrecer a ideia d'aquelles soffrimentos, passeando diariamente as ruas principaes da cidade, com aspecto insultuoso e feroz e acompanhado de grossa escolta de cavallaria.

Todos viviam na mais angustiosa suspensão de terror. A alçada funccionava com a devassa ainda em aberto, e ninguem, ao deitar-se á noite na cama, tinha a certeza de que na noite seguinte havia de tornar a dormir n'ella e não sobre as palhas das masmorras e das casas-matas da alçada. Ninguem ousava falar sobre o assumpto que afigurasse á mais remota allusão ao procedimento do tribunal; ninguem se atrevia a parar no meio da rua para conversar com um amigo, com medo de ser suspeitado de discutir a maneira por que a justiça d'el-rei procedia; ninguem tinha animo de communicar os seus pensamentos a outro, porque receiava de ser malsinado pelos seus mais intimos, tal era a multidão de espioens que o medo, que todos tinham á ferocidade

de José Mascarenhas, conseguira espalhar por todas as ruas do Porto. Ainda os mais honrados e os que mais desejavam o anniquilamento dos homens da alçada, nem esses mesmo escapavam á covardia de se prestarem a ser meios vilissimos da devassa. O raio trovejava por cima de todas as cabeças, e o desalento e o terror, que dementavam os mais corajosos, anteparavam-se d'elle com as confidencias mais ou menos veridicas, com que se lhes afigurava captar a confiança e a benevolencia do homem, que dominava a bel-prazer aquelle medonho tribunal.

Os rigores da carta regia, dirigida á camara com data de 10 de abril, avivaram ainda mais a agonia d'esta torturante incerteza. Por ella o aboletamento das tropas, que tinham vindo para o Porto, foi severamente regulado, e a cidade condemnada a pagar-lhes o soldo e a alimental-as durante todo o tempo que n'ella permanecessem. Estas medidas, porém, apesar de muito significativas da animosidade e do rancor do severo ministro de el-rei D. José, talvez que passassem desapercebidas no meio dos soffrimentos, por que o Porto estava passando, se o rigor lhes não fôsse acondimentado por outra determinação, que de todo esmagou os altaneiros burguezes.

Desde os primeiros tempos da nossa vida nacional, o Porto tornou-se famoso na historia portugueza pelo espirito liberal que sempre animou os seus naturaes. Estes altivos e orgulhos burguezes nunca abaixaram voluntariamente a cabeça a desegualdades que rebaixam o homem deante do homem, e que inspiram sempre os vexames e as baixezas, que, requintadas pela rudeza brutal da edade média, ainda hoje são como nódoas indeleveis, que hão de manchar eternamente as paginas da historia das naçoens, que mais valem na Europa da actualidade. Desde os nossos primeiros tempos, o Porto luctou continuadamente para realisar, para fazer entrar na ordem dos factos indiscutiveis a liberdade, que o animava como instincto e como qualidade essencial. Luctou contra

os bispos, luctou contra os nobres, e obrigou os reis a reconhecel-a. No seculo XIV a grande obra estava consummada. D. Diniz, expulsando os nobre para fóra dos muros do Porto, deu-lhe a ultima de mão. O municipalismo, tal qual era entendido n'aquellas épocas, tocou aqui a perfeição. Dentro dos muros do Porto todos eram eguaes; as superioridades, que se reconheciam, eram unicamente aquellas que tinham por fiador a experiencia alcançada no decurso de uma longa vida honrada e benemerita por serviços ao municipio ou á patria. A manifestação da ideia municipal, do unico symbolo da verdadeira liberdade, da liberdade possivel, da liberdade que não descahe na utopia, condizia generosamente com o espirito que a havia inspirado. Esta grande associação de homens que *viverom ssempre em grande asseseyo* (como diz um acto de vereação do anno de 1440)[1] *por sserem todos assy como som misticos em linhagees, parentescos e conhadias*, eram administrados pelos *homens bons*, de entre os quaes se elegiam popularmente os juizes, os vereadores, e o procurador da cidade, que conjunctamente com os demais *homens bons visinhos do concelho* formavam a corporação ou senado municipal, que presidia á administração d'elle. No seculo XVI o despotismo centralisador de D. Manoel deu arteiramente golpe profundissimo n'esta constituição liberalissima do municipio do Porto.[2] A febre conquistadora e o brilho das nossas conquistas deixavam pouco tempo para pensar na grave questão, que sobre este assumpto se travou entre o rei e os representantes do municipio; mas ainda assim o pouco que se salvou n'essa crise, mais momentosa do que foi talvez reputada pela maioria dos homens da época, foi sempre depois venerado e respeitado pelos habitantes do Porto como o paladio da liberdade, que a energica altivez dos seus antepassados

---

[1] Vide no cartorio da camara do Porto o L.º 2.º das Vereaçoens f. 142.

[2] Vide nota XVII no fim do volume.

havia conquistado, e que tinha descido de paes a filhos como padrão recordatorio das altas e nobres aspiraçoens, que sempre o demoveram.

Sebastião José de Carvalho, que sabia quanto estas instituiçoens municipaes eram queridas dos habitantes do Porto, e quanto d'ellas se ensoberbeciam e tinham orgulho, quiz provar ao espirito audacioso e altaneiro, que inspirára o motim de 23 de fevereiro, tudo o que podia e de quanto a sua omnipotencia era capaz. Para o fazer, provocou-o no amor fundamente arreigado, que os habitantes do Porto tinham ás suas instituiçoens municipaes. Aboliu a Casa dos vinte e quatro e os procuradores da cidade, que era tudo a que D. Manoel tinha reduzido o democratissimo senado dos homens bons; e, como por escarneo e para tornar mais sensivel a provocação, decretou a abolição, lavrou esta medida importantissima em meia duzia de palavras e no fundo de uma carta régia, em que se espraiava largamente ácerca de um aboletamento de tropas! Esta medida do ministro acabou de completar a obra de José Mascarenhas; e este, por via de quem a carta régia foi remettida á camara, incumbiu-se de tirar a prova real do desalento, a que o terror da alçada reduzira a gente do Porto. No acto da desauctoração, a que se procedeu em virtude da ordem do rei, o pobre Lisboa, mandado vir accintemente do castello da Foz para comparecer na camara á frente dos mesteres e dos procuradores, como juiz do povo que era, foi por elle arrastado a uma janella, onde, á vista de milhares de pessoas, lhe rasgou as insignias, cuspiu na cara, e arrancou da cabeça a cabelleira, bradando, ao mesmo tempo que lhe açoitava as faces com ella,—*Povo, eis aqui o teu juiz!*

E o povo do Porto não se atreveu então a responder uma só palavra ao miseravel beleguim togado, que se não pejava de se encarregar da covardia infame de dar o coice do asno no leão moribundo! O povo é assim. Os mesmos que seis mezes antes tinham obrigado o chanceller a obedecer-lhes, e as tro-

pas de el-rei a recuar desairosamente, não ousaram então responder palavra ao despresivel marinello que assim se atrevia a insultal-os!... Leão ou boi? Leão popular chama ao povo a phrase lisongeira dos politicos e escriptores de jornaes; quanto a mim ainda é caso duvidoso se leão se boi se lhe deve chamar.

O leão ou boi, como quizerem, estava pois totalmente esmagado. O desalento e o terror apossara-se-lhe até das medulas Este ultimo acontecimento rematou o desanimo da população. Um grande numero de familias sahiram para fóra do Porto, fecharam-se centenares de casas, e outras foram abandonadas, e ficaram desertas, como se a peste as tivesse varrido. José Mascarenhas triumphava; e Sebastião de Carvalho, illudido por elle, persuadia-se de que era a todos estes rigores, que a gente do Porto devia por fim a funda convicção de quanto era perigoso desafiar-lhe a omnipotencia.

Mas o triumpho de José Mascarenhas não era tão completo como se afigurava. De facto aquella ferocidade de genio e aquella soberba satanica gloriavam-se fortemente de vêr humilhado e de rojos aos pés d'elle os audaciosos revolucionarios do Porto. José Mascarenhas impava de satisfação, ao sentir que fazia tremer de medo uma população de sessenta mil habitantes; mas este sentimento brutal estava subordinado á realisação de um pensamento, deante do qual se tornava de interesse mediocremente secundario. Nos seus sonhos de ambição desabrida o grande dote de Laura de Abranches e a corôa de conde, que o acompanhava, entravam como principaes auxiliares para a realisação d'ella. O leitor já sabe quantos embaraços e mesmo impossiveis se interpozeram ultimamente entre elle e o conseguimento de uma e outra cousa. Mascarenhas, que os conhecia, imaginou no poder de que estava disfructando o meio incontrariavel de os desviar, senão de os destruir.

Prendendo D. Bartholomeu e enfraquecendo-lhe a energia do caracter com a completa sequestração de tudo o que lhe era caro, o infame escrivão da

alçada premeditava fazer d'elle poderoso auxiliar para a realisação do seu plano. Arredando D. Manuel e ameaçando Laura com a sorte d'elle, que suppunha ter fechada na mão, pensou conseguir do amor da pobre menina o sacrificio do futuro a troco da vida do homem que amava. Mas duvidoso ainda se o amor de Laura pertencia ao joven fidalgo ou ao plebeu Manoel da Costa, reservou servir-se d'este para o ultimo caso, se por ventura Laura continuasse a resistir deante dos perigos, que ameaçavam Lencastre. Apesar de se ter tornado tão saliente, Manoel nem foi preso nem foi inquietado. Mascarenhas trazia-o cercado de espias e de vigias, de que elle menos podia desconfiar; mas reservava a prisão para o ultimo caso, para a occasião em que o que chamava indifferença por D. Manoel lhe persuadisse que o amor de Laura pertencia ao plebeu e não ao fidalgo. Não se pense, porém, que no animo de Mascarenhas havia intenção de largar todas estas pessoas das mãos, logo que conseguisse o consentimento de Laura para a realisação do seu plano. N'aquelle animo negro tudo estava previsto. D. Manoel e o sargento seriam sacrificados á vingança de injurias que lhe tinham feito; e D. Bartholomeu, apesar de protegido pelo padre Mansilha, seria de tal maneira compromettido, que se veria obrigado a sahir para fóra de Portugal.

Combinado por esta fórma o plano e combinado com o padre Mansilha em tudo aquillo em que elle consentia, Mascarenhas metteu mãos á obra. Mas estes meios não produziram os resultados que elle esperava. D. Bartholomeu, apesar dos graves desgostos pór que passava, nunca perdeu a coragem, e nunca deu logar a mais que insinuaçoens, que foram por elle repellidas; e Laura, a quem o infame teve a audacia de se apresentar como amigo da familia, e amigo que lhe ia manifestar o quanto sentia as desgraças, que a affligiam, recebeu-o tão desabridamente que Mascarenhas, a não ser o frade, não poderia conter os impulsos da soberba. Mas fr. José aconse-

lhou a mansidão, e, em razão do conselho, o escrivão da alçada apertou mais os incommodos do generoso biscaínho, e teimou pertinaz em conquistar a benevolencia de Laura. Para isso a alçada foi-se protrahindo de mez para mez. Mas as coisas não mudavam de face. De repente apresentaram nova phase. De um dia para outro, Laura fez tal differença nas maneiras com que recebeu o villão, que este chegou a conceber esperanças mais risonhas. D. Bartholomeu, porém, não cedia; e Laura mostrava-se toda dependente da vontade do seu tutor. N'isto um facto importantissimo veiu dar novos alentos á empreza. O caracter tímido e delicado de D. Beatriz não pôde resistir áquelles gravissimos desgostos; a pobre sensitiva morreu. O escrivão da alçada exultou, porque suppoz que a alma do pobre biscaínho succumbiria deante d'esta nova desgraça: e entretanto que Laura se preparava para recolher-se ao mosteiro de S. Bento de Ave Maria, apertava elle por todos os meios com o espirito de D. Bartholomeu para o decidir a dirigir a favor d'elle a vontade de Laura, que porfiava em a declarar inabalavelmente pendente da do extremoso amigo de seu pae. Mas ao contrario do que Mascarenhas calculava, a morte de D. Beatriz, bem longe de enfraquecer D. Bartholomeu, pareceu ter-lhe dado maior energia e maior pertinacia. O biscaínho não só não cedia, mas até recusava-se a ouvir qualquer proposta de transacção a favor do seu verdugo.

José Mascarenhas dementava-se de soberba e de raiva, sem poder explicar a razão de tamanha coragem, e sem ousar tomar medida alguma definitiva. A esperança encadeava-lhe a ferocidade e a ousadia, que lhe era natural. N'isto arrebentou de Lisboa uma carta régia, que mais lhe veiu emmaranhar a posição. Por ella Sebastião de Carvalho ordenou ao presidente da alçada que largasse do seu poder D. Manoel de Lencastre, e que o passasse ao de governador das armas, a quem, logo que se encerrasse a devassa, entregaria todos os documentos que respeitassem áquelle preso.

Esta resolução do ministro, cahida para assim dizer das nuvens, posta a par da pertinacia e da ousadia com que D. Bartholomeu ousava affrontar o poder do homem que dominava a alçada, fez suspeitar a Mascarenhas que alguma potencia occulta protegia o biscaínho e os que lhe diziam respeito; e que era d'ella que D. Bartholomeu recebia os espiritos que o alentavam e que de outra fórma eram inexplicaveis n'um caracter debil, como Mascarenhas lhe suppunha. N'este presupposto Mascarenhas intentou por todas as fórmas descobrir a influencia que o contrariava, e, ao mesmo tempo, apertou mais com o biscaínho para o obrigar a ceder. Mas nada conseguiu das duas tentativas; D. Bartholomeu resistia cada vez mais impavido e pertinaz a todas as ameaças e a todas as demonstraçoens de rigor que o seu verdugo exercia sobre elle; e fr. José de Mansilha, que se encarregara de surprehender ao ministro uma palavra, ao menos, d'onde podesse deduzir um indicio, escrevia carta sobre carta a participar ao amigo que cada vez desesperava mais da empreza. E tinha razão para desesperar, porque o proprio Sebastião de Carvalho, ainda que o quizesse, não era capaz de lhe informar coisa que servisse para desvendar o mysterio.

E comtudo era junto de Mascarenhas, era ao proprio lado d'elle que se armavam os enredos, que lhe contraminavam os planos, e que deviam inutilisar-lh'os por fim. O leitor lembra-se de certo que o conde do Sardoal,deixando precipitadamente o Porto para partir para Roma, tinha confiado a Paulino Cabral o vigiar pela ventura de sua querida Laura. Paulino Cabral era homem de quem ninguem suspeitava que servisse para mais do que para dizer banalidades ás damas, fazer versos, e brigar com a ronda em qualquer aventura amorosa. Este era em verdade o conceito em que os homens da época tinham o mordacissimo auctor das *Verdades singelas;* mas, se elles assim pensavam d'elle, o conde do Sardoal conhecera-o melhor, e não se enganara quando o escolhera

para a delicada missão que lhe confiou. O abbade de Jazente, ao ver chegar a alçada ao Porto, e ao vêl-a dominada por José Mascarenhas, aventou immediatamente o que havia de succeder. Depois das prisoens de D. Bartholomeu e do noivo de Laura, Paulino apparentou-se ainda mais leviano do que era até alli, e, abroquelado com a reputação de incapacidade para todas as coisas serias, conseguiu collocar-se ao lado de José Mascarenhas, cuja confiança grangeou pavoneando-lhe a soberba, elogiando-lhe a energia do procedimento, e desvairando-o com a leviandade apparente com que apreciava todos os factos, ainda os de maior importancia. Á custa de obsequios e até de lisonjas logrou callar-se na confiança do escrivão da alçada cuja soberba nem sequer imaginava desconfiar de tal homem. Mascarenhas chegou a ter n'elle plena confiança; e Paulino, depois de ter bem segura na mão a rédea que enfreava aquella féra, viu-se nas circumstancias de obrar livremente e sem receio de ser suspeitado. Assim, ao mesmo tempo que pavoneava os planos do amigo fr. José de Mansilha, proclamando grande felicidade e honra para Laura o unir-se ao homem que tinha nas mãos a vida de D. Bartholomeu e D. Manoel, ao mesmo tempo combinava com o biscaínho e com Laura o procedimento que os dois deviam seguir, para em occasião opportuna poderem descarregar golpe certeiro no inimigo commum. Era pois o abbade de Jazente quem os inspirava, e quem os animava nas horas da desesperança e do desalento; e foi elle tambem que, fazendo constar ao ministro as razoens da perseguição, que Mascarenhas fazia a D. Manoel, déra causa á carta régia de que acima fallei. O poeta servira-se para isso de cartas anonymas; mas tantas vezes espicaçou com ellas o animo de Sebastião de Carvalho, que o resolveu a indagar occultamente ácerca da verdade do que lhe era annunciado. O resultado da averiguação foram méras suspeitas, porque outra coisa se não podia alcançar então da gente do Porto contra o terrivel escrivão da alçada; mas as suspeitas foram

bastantes para resolver o ministro a tirar a Mascarenhas os meios de se servir da justiça de el-rei para alcançar o conseguimento dos seus fins particulares.

Debaixo d'estas circumstancias Mascarenhas não se resolvia a fechar a devassa, por que não podia vencer-se a arredar totalmente de si a esperança, compromettendo D. Bartholomeu ou largando-o imteiramente das mãos. Entretanto o ministro apertava pela solução da contenda, e o presidente, opprimido pela vontade do filho, desculpava-se com o complicado d'ella, protrahindo assim de dia para dia o acto final da projectada tragedia.

Tal era o estado das coisas nos fins do mez de Setembro d'aquelle anno de 1757, seis mezes depois da chegada da alçada, e no dia em que levo o leitor á velha casa da Relação do Porto, na qual estava preso D. Bartholomeu de Pancorvo.

O quarto, que servia de prisão a D. Bartholomeu, ficava no ultimo andar do edificio. Era uma quadra fria, humida e triste, de vinte palmos de largo e outros tantos de comprido, com uma pequena janella de grades, que tinha em frente o muro da antiga synagoga dos judeus, que Filippe II transformou no seculo XVI em convento de frades benedictinos. Por aquella janella apenas se avistava para sudeste, uma estreita nêsga do céu, por cima dos telhados das casas do lado esquerdo da rua de S. Bento da Victoria. Era aqui que o proprietario do elegante e commodo palacete da rua das Flores vivia, havia seis mezes, isolado systematicamente da conversação de toda a gente, e tendo da sua familia apenas as noticias, que Paulino Cabral lhe fazia chegar occultamente, mas todos os dias, ou que elle proprio lhe levava, quando José Mascarenhas lhe pedia que fôsse tentar o biscaínho em seu favor.

Eram onze horas da manhã. D. Bartholomeu estava sentado junto de uma pequena meza, que tinha no quarto, e com a cabeça recostada ás mãos e os braços firmados na meza, fitava distrahido a nêsga azul do ceu, que se via da janella.

O rosto do honrado biscaínho dava manifestos signaes do muito que soffria, e tinha soffrido até então. Os cabellos estavam inteiramente brancos, e as faces macilentas e cortadas de rugas profundas, que as lagrimas tinham lavado muitas vezes. O vestuario de luto pesado, que trajava, fazia-lhe sobresahir a melancolia e a pallidez, pondo ao mesmo tempo em maior relêvo com ellas aquella serenidade fascinadora, que irradia do rosto do homem, que, alentado pela pureza da propria consciencia, póde dizer, sem vacillar nem de leve—

> Ouvi sempre dizer que o mór perigo
> Para o homem era o homem; mas tenha eu
> Credito com Deus n'alma, e só commigo
> Paz boa, e seja o mundo inimigo meu.[1]

D. Bartholomeu estava n'aquella posição, havia mais de uma hora. Ás nove horas da manhã o carcereiro, que era a unica pessoa com quem lhe consentiam falar, entrara-lhe no quarto para ir buscar a louça, em que ás oito horas lhe servira o almoço; e depois de lhe dizer meia duzia de banalidades consolatorias, e de lhe entregar uma carta volumosa do abbade de Jazente, sahira, fechando sobre si a porta á chave, como a alçada lhe ordenava que fizesse.

Depois do carcereiro sahir, D. Bartholomeu abriu a carta com precipitação anciosa, e leu-a uma e muitas vezes com a soffreguidão de quem, havia seis mezes, que só por aquella maneira podia communicar com a sua familia e com os seus amigos. Depois de a lêr muitas vezes, ora soluçando, ora sorrindo, ora beijando-a nos logares onde appareciam os nomes de Laura, de Manoel e de Paulino, D. Bartholomeu poz-se a olhar para ella muito tempo com ar triste e com um sorriso melancholico; de repente levou-a muitas vezes aos labios, e por fim despedaçou-a em pequenos pedaços com gestos arrebatados,

---

[1] A. Ferreira. Cartas Liv. I Cart. V.

e que bem demonstravam o esforço com que precisava vencer-se para o fazer! Depois ajoelhou no soalho, e começou a fazer desapparecer os pedaços de papel por uma fenda que havia entre duas taboas. Findado este trabalho, D. Bartholomeu levantou-se e poz-se a passear de um para outro lado da sala; de quando em quando as lagrimas saltavam-lhe pelos olhos fóra, e elle parava para as estancar e abafar os soluços com um lenço, que tirava da algibeira. E' que de quando em quando passava-lhe pela memoria a lembrança da sua Beatriz, e o pobre homem succumbia ao recordar-se de que não tornaria a vêl-a, e de quanto estivera longe de pensar que o abraço e o beijo, com que se despediu d'ella para vir para a Relação, seria o ultimo que lhe havia de dar n'este mundo.

Depois foi sentar-se á meza, firmou os cotovelos n'ella, reclinou as faces nas mãos, fitou a nêsga do ceu, que lhe era permittido vêr, e descahiu pouco e pouco para aquella abstracção profunda e melancholica, que se póde dizer atonia que paralysa a vida moral, em que se vive sem se sentir que se vive, em que, para assim dizer, se dorme acordado, e de que ao despertar não restam vestigios na memoria, por mais longo que fôsse o espaço de tempo que assim vivemos desapercebidos da vida.

De repente a chave da porta voltou-se com força na fechadura, e acordou D. Bartholomeu d'aquelle somno moral. A porta abriu-se então, e fr. José de Mansilha arremessou-se de repellão para dentro do quarto com as faces cobertas de lagrimas, abafado em soluços e com os braços estendidos para a frente.

Ao vêr o frade, D. Bartholomeu estremeceu deante d'aquella apparição inesperada; e teria apenas o tempo preciso para assenhorear-se novamente de si e levantar-se, quando fr. José se lhe arremessou nos braços, apertando-o fortemente n'elles, e sem que as lagrimas lhe consentissem dizer palavra. A alma bondosa do honrado biscaínho sympathisou com

aquella eloquente manifestação de magoa. D. Bartholomeu abraçou-se tambem com o frade, e, como elle, ficou em breve assoberbado pelas lagrimas.

Por fim os dois sentaram-se. Fr. José cobriu o rosto com um lenço, por traz do qual chorava ruidosamente, como creança. D. Bartholomeu tirou o d'elle da algibeira, e esforçou-se por suffocar a dôr.

— Oh! meu amigo!... meu pobre amigo!... meu querido amigo!...—soluçava fr. José de Mansilha sem poder dizer mais palavra.

D. Bartholomeu conseguiu por fim assocegar-se.

— Vamos, fr. José — disse então — tenhamos animo. Deus assim o quer; seja feita a sua divina vontade. A consciencia esforça-me a esperar melhores tempos.

— Oh! sim... sim... a consciencia... *Habe bonam conscientiam, et habebis semper laetitiam...* [1] — respondeu fr. José sem poder suspender o pranto ruidoso — Deus... sim... Deus prova-nos ás vezes com a força da sua mão omnipotente, para confusão dos impios que ousam duvidar d'elle...

Ao ouvir estas palavras, D. Bartholomeu, que no tempo da felicidade dera mais que sufficientemente ouvidos ás idéas philosophicas da época, estremeceu, e tornou-se grave e severo.

— Diz bem, fr. José, diz bem — replicou elle. — Deante da desgraça ninguem se atreve a negar a existencia de Deus, E' ella a sua prova mais terrivel e concludente. O auxilio divino é a estrella polar da esperança, do desgraçado, que, se um momento a perdesse de vista, esmagava a cabeça contra as grades d'aquella janella. Eu confio n'elle, fr. José, porque a Misericordia de Deus é infinita.

— E' infinita, sim, diz bem, D. Bartholomeu, é infinita. Sim, confie n'ella... confie n'ella... Mas ah! que a prova ás vezes é rude de mais! Quando me lembra... aquella sua perda... irremediavel...

---

[1] De imitatione Christi. L.º II, cap. 6.

E aqui fr. José cobriu de novo a cara com o lenço, e poz-se a chorar estrepitosamente. Ao ouvir-lhe as ultimas palavras as lagrimas rebentaram dos olhos de D. Bartholomeu; mas, fazendo logo esforço corajoso contra a natural fraqueza, venceu-a, e disse serenamente:

— Deus m'a deu, Deus m'a tirou. Seja feita a vontade do Senhor.

— *Deus dedit*... sim, sim. Ah! meu bom amigo!... meu querido amigo!... meu santo amigo!... — exclamou o dominico, erguendo-se de repente e arremessando-se a D. Bartholomeu, sobre o qual, em razão de o achar sentado, cahiu estendido ao comprido, empinado sobre a enorme barriga.

D. Bartholomeu tomou o folego entalado, desviou de repellão o corpo, e abraçou por cortezia o o frade.

Fr. José, depois de dar por alguns momentos vazão áquella superabundancia incommoda de sentimentalismo, sentou-se, limpou as lagrimas com o lenço, e esteve ainda alguns instantes á espera que lhe passassem os soluços. Depois de se achar mais socegado disse em tom ainda sentimental:

— Ah! D. Bartholomeu, meu bom amigo, mal pensava eu, quando ha seis mezes parti para Lisboa, que, ao voltar, o havia de encontrar aqui! Mas emfim, não falemos mais n'isto. Ninguem sabe o que tem de lhe succeder. Temos a cruz sempre apparelhada e em qualquer logar podemos topar com ella, *crux ergo semper paratа est, et ubique te expectat.*[1] O que me lastima é não ter podido até hoje mostrar-lhe o quanto sinto os seus desgostos. Grandes negocios me teem retido em Lisboa. De dia para dia dizia eu ao coração — socega, que ámanhã partirás para junto do teu amigo. — E no dia seguinte cresciam os embaraços, e via-me obrigado a demorar-me. Mas agora aqui estou, não para consolar, mas para obrar, para me empregar todo no seu serviço,

[1] De imitatione Christ L.º II. cap. 12.

porque, como diz o comico latino, o verdadeiro amigo é o que obra e não o que consola. —

Nihil agit qui diffidentem verbis solatur suis,
Is est amicus qui in re dubia, re juvat, ubi re opus est [1]

Veja, pois, aquillo em que lhe posso ser util e mande-me que de hoje por deante pertenço-lhe inteiramente.

D. Bartholomeu, apesar de fatigado pela longa expansão e pelo muito latim do frade, commoveu-se com o offerecimento.

— Muito obrigado, amigo snr. fr. José — respondeu elle — nunca esperei outra coisa de vm.cê, nem de ninguem me posso queixar, porque estes senhores da alçada nem mesmo me deixaram occasião de poder conhecer os verdadeiros amigos. De si nunca podia duvidar, snr. fr. José; mas diga-me, como foi que conseguiu licença para vir até aqui?

— *Amor vincit omnia*, D. Bartholomeu, o amor e a amizade vencem todas as difficuldades — replicou fr. José. — Como eu sabia os rigores que o ministro mandou usar com todos os complicados n'este desgraçado negocio, muni-me de uma ordem d'elle, para que a alçada quebrasse em meu favor o preceito, que lhe fôra imposto. Custou-me muito a conseguil-o; mas tanto instei, tanto roguei, tanto importunei que por fim venci... Ah! D. Bartholomeu, mal sabe quanto o nosso amigo Mascarenhas se lastima da posição em que se tem achado para comsigo! O pobre tem feito tudo o que póde; mas emfim sabe como é o snr. Sebastião de Carvalho... A não ser elle, já o nosso doutor o tinha vindo vêr; mas se o fizesse... Aquelle ministro é uma féra, D. Bartholomeu — accrescentou fr. José de Mansilha em voz ôca, abaixando a voz e curvando-se para o honrado negociante.

Ao ouvir o nome de José Mascarenhas, o bis-

---

[1] Plauti Epidicus. Act. I, sec. 2.ª

caínho fitára o frade com o olhar desconfiado, mas de tão rapida duração que fr. José não deu por elle; ás ultimas palavras do dominico sorriu-se, e meneou ironicamente a cabeça.

Fr. José fingiu não dar por tal.

— E' uma féra, D. Bartholomeu, é uma féra — continuou. — Se a alçada se prestasse a satisfazer-lhe os desejos, enforcava metade da cidade do Porto...

— Mas diga-me uma coisa snr. fr. José — interrompeu aqui D. Bartholomeu de Pancorvo — que tive eu com o levante para me mandarem prender?

— Assim diz o nosso doutor, assim disse eu ao ministro, e assim lh'o mandou elle tambem dizer. Mas o snr. Sebastião de Carvalho respondeu — D. Bartholomeu não quiz assignar os nossos estatutos, D. Bartholomeu é negociante de vinhos, logo D. Bartholomeu folga, e lucra com a revolta. Procurem, procurem que hão de achar. — E todas as vezes que o nosso doutor quer intervir em seu favor, continua a dizer, continua a dizer — procurem, procurem que hão de achar.

D. Bartholomeu tornou a fitar o frade rapidamente, agora não com desconfiança, mas sim com despreso e deixando assomar de relance nos labios um sorriso de ironia.

— Vm.cê parece-me que culpa de mais o ministro, snr. fr. José — disse então, retomando a primitiva gravidade.

— De mais, D. Bartholomeu! Se vm.cê soubesse... Emfim sou seu amigo, e não venho aqui para outra coisa senão para lhe prestar os serviços que estiverem ao meu alcance. Saiba, pois, que el-rei... — el-rei! o ministro — está resolvido a dar um exemplo que ponha de uma vez freio aos animos inquietos d'esta gente do Porto. Vae haver sangue... muito sangue; e para que o exemplo aterre mais, pretende-se fazer figurar n'elle gente graúda. Ora, como vm.cê bem sabe, *lupus est homo homini, non*

homo [1], o maior inimigo do homem é o homem... todos temos inimigos; e na devassa appareceu gente... appareceu gente. .

— Que disse que eu tive parte no levante!...

— Que disse até que vm.cê déra dinheiro para elle. As suas relaçoens com Thomaz Pinto, a muita entrada que a doida da filha tinha em sua casa...

D. Bartholomeu interrompeu o frade, soltando grande gargalhada cheia de escarneo e de ironia.

— Vm.cê está de certo a zombar commigo, snr. fr. José. Eu dar dinheiro para o levante!... Visto isso, estou culpado... serei enforcado... Homem, vm.cê zomba commigo.

O frade tomou gravemente uma pitada da caixa, offereceu-a aberta a D. Bartholomeu, e disse em tom de quem se affligia:

— Esse seu modo de ver as coisas, D. Bartholomeu, esse seu modo de ver as coisas!... Já por causa d'elle não assignou vm.cê os estatutos, offendeu o ministro, e está aqui. E agora... agora...

— Serei enforcado, porque não quiz assignar a ruina do commercio dos vinhos do Porto, não é assim?— interrompeu D. Bartholomeu com exaltação.

— Não digo isso, meu caro snr. D. Bartholomeu, não digo isso. Socegue, e tome as minhas palavras no verdadeiro sentido em que as deve tomar. Vm.cê deve persuadir-se que tudo que lhe digo é para seu bem. Parece-me que a obrigação de verdadeiro amigo é indicar os perigos ao amigo, é dizer-lhe as verdades, nuas e cruas, sem tratar de saber se o que diz lhe desagrada. Inimigo e não amigo se deve chamar quem assim não pratica —

Hostis est, quisquis mihi
Non monstrat hostem...[2]

como diz o tragico latino. Portanto o que acabo de

---

[1] Plauti Asinaria. Act. III, sce. I.ª
[2] Seneca, Hercules furens, act. III.

dizer não é para amedrontal-o, mas para que vm.cê se previna...

— Mas emfim que quer vm.cê que eu faça, snr. fr. José?— exclamou D. Bartholomeu, visivelmente enfastiado com o sermonario de frade.

— Quero que vm.cê empregue a protecção dos amigos, que lh'a pódem dar, para demonstrar evidentemente ao ministro que não teve parte no levante. Ora, vm.cê tem amigos que pódem fazer-lh'o; por exemplo, Jacome Ratton... e, é verdade, Alvaro Martins, Alvaro Martins que póde tanto com o ministro, que o verga como vime...

D. Bartholomeu lançou aqui sobre o frade um olhar de rancor, que o fez recorrer á caixa do rapé.

— Ora vm.cê está de certo a zombar commigo — disse o biscainho.— Vm.cê sabe muito bem que Alvaro Martins está longe de Portugal...

— Está! Não o sabia.

— E que Jacome Ratton já falou ao ministro, e nada mais pôde conseguir d'elle, do que a certeza de que n'este caso quem governa é a alçada que veio para o Porto.

— Devéras, D. Bartholomeu! Não o sabia.

— Não o sabia!

E aqui D. Bartholomeu fitou de novo o frade por tal fórma, que se durasse mais que um relance a olhadela que lhe deitou, fr. José de Mansilha teria de sahir pelas grades fóra ainda que fôsse em quartos.

O dominico aguentou aquelle olhar em cheio, mas ficou firme. Fitou D. Bartholomeu com gravidade offendida, e depois disse-lhe em tom de resentido:

— Vejo que vm.cê desconfia de mim, D. Bartholomeu. Perdôo-lhe a desconfiança, porque é natural em quem está ha seis mezes incommunicavel n'uma prisão. Creia, porém, que tudo o que lhe tenho estado a dizer não me foi inspirado senão por sincera amizade que lhe tenho... Mas não falemos mais n'isto, não falemos mais n'isto...

— Desculpe, snr. fr. José — replicou o biscaínho ainda com modo rude — eu não desconfio; mas emfim, franqueza, franqueza, o que vm.cê me tem estado a dizer não é para inspirar muita confiança.

— Assim vae o mundo, D. Bartholomeu, assim vae o mundo. Não se lhe falando ao paladar, eil-o a esbofetear para a direita e para a esquerda, cego e sem querer saber se tem ou não a razão da sua parte. *Veritas odium parit*, a verdade cria inimigos; não era assim em outros tempos, mas como diz o poeta —

Quod fuit in pretio, fit nullo denique honore. [1]

Não falemos mais n'isto, D. Bartholomeu, não falemos mais n'isto.

— Mas, emfim, o que quer que eu faça n'este caso?

— Vm.cê quer que lhe fale com franqueza?

— Fale, fale, snr. fr. José.

— Se eu estivesse nas suas circumstancias ganhava para o meu partido o nosso doutor Mascarenhas.

D. Bartholomeu relanceou o frade rapidamente, e estremeceu; mas, vencendo-se por um esforço violento que fez sobre o sentimento desagradavel, que o assaltára, disse com a maior ingenuidade possivel:

— Mas se o doutor é meu amigo, de que preciso eu mais?

— Homem, não é assim, não é assim — disse o frade, meneando a cabeça com intenção e tirando ao mesmo tempo da caixa uma pitada de rapé — ha muita differença; e se vm.cê se dér ao trabalho de pensar, ha de encontral-a.

— Por vida minha, snr. fr. José, não me occorre. Se o doutor é meu amigo, como diz, nada tenho a recear; e se é homem recto, como deve ser, então

---

[1] Lucret. De rerum natura, L. v. vers. 1276.

ha de fazer justiça, e, fazendo-a, o meu livramento é indubitavel.

O frade recostou-se commodamente na cadeira, fungou a pitada, e disse pausadamente:

— Vejo que é preciso desvendal-o de todo, D. Bartholomeu; está claro que vm.cê não entende meias palavras. Ora oiça. O ministro está furioso contra si por vm.cê se recusar a assignar os estatutos, e quer á fina força que saia culpado da devassa... e dos mais culpados, entende? Ora José Mascarenhas é, em verdade, seu amigo e homem recto e imparcial, d'aquelles emfim de quem se póde dizer como o grande poeta romano —

Nec bene promeritis capitur, nec tangitur ira; [1]

mas n'estes tempos calamitosos que vão, nos quaes um homem traz a vida pendente da vontade despotica de um valido, e de um valido que tem *pellos no coração*, como dizia el-rei, que Deus haja, o caso é muito sério. Ninguem se quer comprometter, ninguem se atreve a assanhar as iras da féra; curva-se a cabeça, e corta-se a direito, ainda que seja por cima das proprias affeiçoens e da propria consciencia.

— Boa theoria em verdade, snr. fr. José. Mas n'esse caso que importa que José Mascarenhas me queira valer, se não póde?

— Ora ahi é que está a habilidade do poeta, *hoc tangendum punctum*. José Mascarenhas, pura e simplesmente seu amigo, terá medo do ministro; mas José Mascarenhas, identificado com vm.cê por taes laços, que a sua causa seja a causa d'elle, não terá medo do proprio diabo *Hoc tangendum punctum*, D. Bartholomeu, *hoc tangendum punctum;* em conseguir isto é que está a habilidade.

D. Bartholomeu ficou um minuto callado, como receoso de dizer o que lhe oscillava na ponta da lin-

---

[1] Lucret. De rerum natura L. I. vers. 62.

gua; mas por fim respondeu em voz ligeiramente abafada:

— Mas então o que me cumpre fazer para isso?

— Eu sei um meio.

— Então diga-o.

— Case-o com a sua pupilla, com D. Laura.

O frade ainda não tinha acabado de dizer estas palavras, quando D. Bartholomeu bateu furiosa punhada sobre a meza, e exclamou em voz de trovão:

— Não pensei que vm.cê ousaria levar tão longe o desafôro. Não falemos mais n'isto, sr. fr. José, não falemos mais n'isto—accrescentou, forcejando por serenar-se, e sentando-se a tremer e com as feiçoens ainda contrahidas pela colera.

O frade, que ia a tomar uma pitada, ficou com a mão sobre a tampa da caixa e com os olhos carregados fitos no biscaínho.

— Já vejo que me não enganaram no que me disseram — replicou por fim, meneando gravemente a cabeça — agora já vejo que não é falso o fundamento da grande ira em que o doutor está contra vm.cê

— E que me importa a mim a ira de José Mascarenhas? — exclamou D. Bartholomeu arrebatadamente.

— José Mascarenhas tem-lhe a vida na mão — replicou severamente o frade — segundo elle o quizer, vm.cê sahirá honradamente d'esta prisão, ou subirá as escadas de uma forca. E vm.cê tem insultado José Mascarenhas, tem-no apodado de epithetos que lhe não cabem, e tem-se recusado a dar o seu consentimento ao casamento d'elle com D. Laura...

— Elle casar com Laura! — bradou D. Bartholomeu fulo de colera e pondo-se novamente de pé.— Nunca, entretanto que eu fôr vivo, entretanto que eu poder dizer não, não e não mil vezes... Repito, snr. frei José, nem mais uma palavra sobre isto, nem mais uma palavra...

— Hei de falar — replicou o frade serenamente — hei de falar, porque devo falar, porque, como seu

amigo, tenho obrigação de lhe dizer a verdade e de o desvendar, ainda que por isso o faça meu inimigo mortal.

O biscaínho relanceou o dominico com olhar terrivel; depois fitou-o por alguns minutos distrahido, e por fim soltou uma grande gargalhada, aconchegou-se na cadeira, e disse-lhe serenamente, mas em tom de escarneo:

— Ora fale, snr. fr. José, fale.

— D. Bartholomeu — disse o frade gravemente — condôo-me da sua cegueira. Vm.cê não conhece nem de leve os perigos da posição em que está, e em que a sua muita bondade o tem feito cahir todos os dias cada vez mais. Entre os homens que vm.cê mais estima — continuou o frade, erguendo a voz — ha um Judas, um traidor, que a titulo de amigo o tem vindo visitar, e que depois vae contar tudo ao escrivão da alçada. José Mascarenhas está furioso contra vm.cê; e vm.cê sabe bem o de quanto elle é capaz para conseguir os seus fins. Ora elle ama D. Laura perdidamente, e como vm.cê é o unico embaraço do casamento, olhe que se não cede a tempo... dê-se já por enforcado.

D. Bartholomeu soltou nova e atroadora gargalhada de escarneo.

— Não se ria, D. Bartholomeu, não se ria — continuou o frade severamente — vm.cê póde brincar com a sua vida, porque é sua; mas não tem direito a rir-se agora, porque na sua louca e caprichosa teima fará naufragar comsigo outro homem. D. Manoel está preso, sabe-o?

— Sei muito bem. está preso no castello da Foz — respondeu D. Bartholomeu em tom ironico e meneando ao mesmo tempo a cabeça.

— Pois bem; D. Manoel está compromettidissimo na devassa, e, como Mascarenhas attribue a sua recusa á amizade que lhe tem, D. Manoel subirá conjunctamente comsigo os degraus das forcas, que dentro em quinze dias, o mais tardar, a alçada fará levantar na alameda da Cordoaria. Eis aqui os resul-

tados da sua louca pertinacia, eis quaes serão os effeitos da sua cegueira, D. Bartholomeu.

O biscaínho soltou nova gargalhada de escarneo.

— Então com que eu e D. Manoel seremos enforcados? — disse por fim.

— Elle e vm.cê são os unicos obstaculos á união de Mascarenhas com D Laura.

— E se eu consentir n'essa união, escaparemos, seremos livres?

— José Mascarenhas póde tudo na alçada, e tem coragem bastante para arrostar com a ira do ministro.

D. Bartholomeu soltou nova gargalhada, mas agora ainda mais atroadora. De repente parou, bateu com o punho cerrado sobre a meza, levantou-se de pé, e fitando o frade disse-lhe com magestosa severidade:

— Basta, snr. fr. José de Mansilha, basta. Nunca pensei que a impudencia chegasse tão longe! Vá dizer a esse infame que o mandou cá, vá dizer a esse villão de quem vm.cê é villanissimo procurador, que o odeio e que o desprézo a elle, e que tenho nojo de vmcê. Vá dizer que D. Bartholomeu de Pancorvo, que nunca odiou ninguem, que nunca fez mal a pessoa alguma, sabe hoje, graças ás agonias porque elle o tem feito passar, o que é odio e o que é o desejo da vingança. Diga lhe tambem que a justiça de Deus está proxima e que n'esse dia não espere mercê nem compaixão. Vá dizer-lhe...

D. Bartholomeu parou de repente, como quem se arrepende no meio de revelação, que a colera lhe vae fazer sahir imprudentemente dos labios. Parou, fitou o frade, depois disse com auctoridade e apontando para a porta:

— Saia, senhor, a sua presença faz-me perder a razão, e causa-me nojo.

Assim dizendo, voltou-lhe as costas, e callou-se. O frade tinha-se posto de pé. Estava vermelho até á raiz dos cabellos. Ás ultimas palavras de D. Bar-

tholomeu sorriu-se diabolicamente, e disse-lhe em voz tremula de raiva:

—Adeus, D. Bartholomeu, adeus. Até o dia em que o hei de acompanhar á alameda da Cordoaria.

O biscaínho sorriu-se com ironia e com desprezo, e o frade sahiu.

XVIII

Tu lince infernal acceso,
Que graça, me dize, achaste?
Achaste-a tu no teu vezo,
No escandalo e desprezo,
Que d'ellas te namoraste?

D. Franc. Manoel. Obras metricas pag. 101.

Fr. José encaminhou-se apressado para casa de Luiz Belleza de Andrade. Como achasse a porta aberta, subiu sem ninguem dar por elle, e entrou carrancudo e sem dizer palavra, no escriptorio de José Mascarenhas.

O doutor passeava agitado de um lado para o outro.

— E então, fr. José? — disse elle, fitando o frade.

— Feche essa porta — respondeu o dominico com mau modo — é preciso que ninguem nos oiça.

Mascarenhas obedeceu machinalmente, e sem desfitar fr. José, para junto do qual voltou, depois de ter fechado a porta.

— Por sua causa — disse então o frade, fitando-o com vista carregada — acabo de ser insultado, como nunca pensei que o fosse. E' preciso que o senhor me desaffronte, ou de hoje ávante escusa de contar commigo.

José Mascarenhas carregou as sobrancelhas, e fitou o frade, como quem precisava de explicação do que ouvia,

— E' preciso que D. Bartholomeu seja enforcado; só assim é que fico satisfeito.

— Então nada conseguiu?

— Oiça, e saberá.

Fr. José historiou com rancor e que se passára entre elle e D. Bartholomeu.

— A' vista d'isto — accrescentou elle ao terminar — quero que D. Bartholomeu seja enforcado; quero-o... ouviu, snr. desembargador Mascarenhas.

O desembargador soltou uma gargalhada de ironia terrivel.

— Ah! o biscaínho conta com a justiça de Deus! Pois bem; vamos a vêr se ella lhe vale contra a justiça da alçada.

E dizendo, escreveu n'um papel umas poucas de linhas, que assignou tremulo de raiva. Depois tocou a campainha.

— Diz ao meirinho que suba — ordenou elle ao creado, que acudira á chamada.

O meirinho appareceu depois.

— Quero essa ordem cumprida em duas horas — disse o doutor, entregando-lhe o papel que acabara de assignar.

O meirinho cortejou e sahiu.

— Que papel é aquelle? — perguntou fr. José.

— E' a ordem de prender o sargento e a rapariga, filha do Thomaz. D. Bartholomeu vae saber o que póde o escrivão da alçada do Porto. Não tenha cuidado, fr. José de Mansilha; havemos de nos vingar bem vingados. Agora vou vêr se alcanço de Laura o que vm.cê não póde conseguir do insolente gallego.

Fr. José despediu-se, e Mascarenhas entrou no seu quarto. Depois de trajado aperaltadamente, desceu, e entrou n'uma carruagem que o esperava, e na qual, acompanhado de grossa escolta de cavallaria, partiu para a rua das Flores, e ahi se apeou á

porta do palacete de D. Bartholomeu, em que Laura ainda habitava, á espera que lhe desembargassem a licença de se recolher ao convento de S. Bento da Ave Maria.

Quando lhe annunciaram o escrivão da alçada, Laura, que estava no seu quarto a contemplar com os olhos cheios de lagrimas o retrato do seu noivo, estremeceu, e deixou vêr no rosto manifestos signaes de terror. Depois socegou; deu ordem que lhe abrissem a sala, e mandou-lhe pedir desculpa de o fazer esperar o tempo preciso para acabar de enfeitar-se. Esta razão não era mais que pretexto para ganhar o tempo preciso para asserenar-se de todo.

José Mascarenhas já esperava, havia cinco ou seis minutos, quando a porta se abriu e Laura entrou para dentro da sala.

Grave e notavel mudança se havia operado na formosissima filha de Pero Coelho de Abranches. Tinha-lhe desapparecido do rosto aquella alegria e aquella viveza inquieta, que a felicidade faz irradiar do rosto das mulheres na primeira quadra da vida; e que, nas de imaginação mais exaltada, toca certa petulancia agradavel, que torna mais feiticeiros estes sêres mimosissimos, cuja organisação e maneira especial de apreciar as coisas d'esta vida inspiraram a certo pamphletario impertinente, o epitheto que lhes deu, de *creanças em grande*. Em logar da encantadora e travêssa expressão de felicidade, com que brilhava, em outros tempos, o rosto de Laura reflectia agora frieza e gravidade, e a frescura da côr de rosa que lhe tingia a alvura da pelle mimosa e delicada fôra substituida pela melancolia da pallidez do marmore, que sobresahia fascinadoramente sobre o simples vestido de luto rigoroso que trajava, e, principalmente, sobre a côr negra do véu que lhe circulava as faces, apertado com um nó por baixo da barba.

Ao entrar na sala, Laura cortejou Mascarenhas, deixando vêr um sorriso, que, apesar de ella se empenhar em o afigurar prazenteiro, demonstrava-se

visivelmente forçado e melancolico. O doutor cumprimentou-a grave e pensativo, e collocou a cadeira junto do canapé, em que Laura se havia sentado.

Ambos ficaram por alguns minutos callados.

— Então, snr. doutor Mascarenhas — disse por fim Laura, rompendo o silencio e esforçando-se por dar á voz e aos gestos expressão agradavel — V. s.ª traz-me hoje alguma boa noticia?

— Não, minha senhora — respondeu elle gravemente — sou hoje portador de más novas... de pessimas novas.

Laura estremeceu, e fitou Mascarenhas com olhos em que mal se disfarçava o terror. Elle precebeu-o, e continuou no mesmo tom:

— É impossivel que as coisas continuem no mesmo estado em que teem estacionado até hoje; a minha posição não me permitte protrahir nem mais um dia a época dos sacrificios. É preciso resolver hoje de uma vez esta questão, snr.ª D. Laura.

— Mas, snr. doutor, eu não percebo... — disse Laura, dando cada vez mais notaveis signaes de anciedade.

— Peço a v. exc.ª que me escute attentamente — replicou Mascarenhas — e, antes de tudo, peço-lhe que acredite que não pretendo engrandecer os sacrificios, que tenho feito pelo amor de v. exc.ª O que lhe vou dizer é a verdade pura e tal como se tem passado. Já por mais de uma vez lhe tenho manifestado a paixão, com que a adoro; mas creia snr.ª D. Laura, não é para a resolver a favor d'ella que lhe vou pintar, como grandes sacrificios, tudo o que tenho feito por v. exc.ª e tudo o que tenho arrostado imprudentemente, sem attender á propria segurança, só para lhe agradar.

— Snr. doutor, eu não duvido de v. s.ª, nem desespero da sua protecção.

— A resposta que de v. exc.ª receber é que ha de decidir o meu comportamento futuro; v. exc.ª tem na mão a resolução d'esta questão de vida ou de morte. Attenda-me, e resolva-se como entender

que deve resolver-se. Eu não a obrigo, não a forço a coisa alguma, snr.ª D. Laura; o que pretendo, o que exijo de v. exc.ª é que me indique francamente o caminho que devo escolher, é que me tire d'esta posição indefinida, em que as circumstancias me não consentem permanecer por mais tempo.

Laura escutava a tremer José Mascarenhas, e pedia no coração a Deus coragem e força bastante para se mostrar digna de D. Manoel e do conde do Sardoal.

— V. exc.ª póde acreditar, snr. D. Laura — continuou o desembargador depois de breve pausa — que tenho mil vezes blasphemado contra Deus por me não ter morto na hora, em que o ministro se lembrou de me nomear para esta maldita alçada. Oh! minha senhora, v. exc.ª não póde imaginar, porque eu mesmo nunca lhe quiz deixar conhecer, o inferno em que tenho vivido desde que cheguei ao Porto; as torturas e as agonias por que tenho passado, desde que a devassa revelou factos, que, para desgraça minha, aconteceram n'esse malaventurado levante de fevereiro. De um lado as ordens severas e implacaveis de um ministro, que ninguem affronta impunemente; do outro a devassa a comprometter cada vez mais pessoas que v. exc.ª estima, e que eu por isso quero salvar a todo o custo.

— Então D. Bartholomeu...

— Sim, minha senhora, a devassa crimina-o medonhamente, e, ainda mais do que a elle, ao snr. D. Manoel de Lencastre.

— D. Manoel... tambem D. Manoel!... — exclamou Laura, juntando as mãos e fitando o doutor desvairada pelo terror.

Nos olhos de José Mascarenhas flammejou com a rapidez do relampago um olhar de raiva satanica. Conteve-se, porém, e continuou no mesmo tom grave e cordial:

— De semana para semana as ordens do ministro apertam cada vez mais; todos os dias chegam exigencias severas e terminantes de que se feche a

alçada, e se faça justiça nos culpados. Mas obedecer-lhes, minha senhora, é perder duas pessoas que quero salvar, porque v. exc.ª as estima do coração. Tenho portanto ido protrahindo de semana para semana, de mez para mez, o encerramento da devassa, a vêr se n'ella encontro por fim desculpa que attenue de alguma fórma os crimes accusados. Infelizmente, porém, a demora tem-se tornado cada vez mais fatal, e o ministro exige agora terminantemente que se conclua o negocio, o mais tardar, dentro em quinze dias.

Aqui Mascarenhas parou á espera que Laura dissesse alguma coisa, mas ella não pôde dizer palavra, e elle continuou:

— Ha um meio de salvar D. Bartholomeu e D. Manoel, mas a pratica d'elle importa a minha perdição. Para os salvar é preciso que eu viole as leis, é preciso que eu rasgue a devassa na parte que lhes diz respeito, é preciso emfim que eu arroste audaciosamente e sem me importar os resultados da cólera do terrivel ministro. É a minha perdição; mas affontarei tudo sem receio, se v. exc.ª m'o ordenar, se v. exc.ª quizer ser grata a tamanho sacrificio, se v. exc.ª emfim se decidir a galardoar o amor que me céga até este ponto.

— Mas el-rei... lançar-me-hei aos pés de el-rei... — balbuciou Laura desvairada pelo terror.

— El-rei!... — replicou Mascarenhas com um sorriso de ironia triste — El-rei!... O rei de Portugal, minha senhora, é infelizmente Sebastião José de Carvalho e Mello.

Laura fitou-o espantada e torcendo as mãos com desespêro.

— Snr.ª D. Laura — disse o doutor gravemente — se não lhe repugno, o sacrificio não será doloroso. Decida-se, portanto, minha senhora; na sua mão está a facil solução d'este negocio.

— Mas que exige v. s.ª de mim?

— Que decida qual a resolução que me cumpre tomar.

— Qual a resolução!...— balbuciou Laura, estupida de medo.

— Sim, minha senhora; segundo a sua vontade, assim ficarei de hoje ávante — ou esposo de Laura de Abranches, ou escrivão da alçada.

Laura ficou embobada com os olhos fitos no doutor sem lhe poder responder: este deixou-se cruelmente ficar callado até que ella rompeu de novo o silencio.

— Mas, snr. Mascarenhas — balbuciou Laura por fim — eu já disse a v. s.ª que a minha resolução depende da vontade do snr. D. Bartholomeu de Pancorvo.

Mascarenhas estremeceu de raiva, e arredou com força a cadeira para traz.

— D. Bartholomeu!— disse elle, podendo apenas conter-se — D. Bartholomeu é um homem sem alma, é um villão que paga com a mais negra ingratidão os sacrificios que tenho feito em favor d'elle. D. Bartholomeu obstina-se em recusar o seu consentimento. Ainda ha poucas horas cobriu de impropérios e de injurias um amigo, que o foi aconselhar prudentemente. Eu não faço, em attenção a v. exc.ª... Minha senhora, o ministro exige o negocio terminado em quinze dias, e eu não posso fazer mais sacrificios, não os devo fazer... depois do que acaba de ter logar com D. Bartholomeu.

— Mas então que quer v. s.ª que eu faça?

— Que consinta em ser minha esposa.

— Mas sem o consentimento de D. Bartholomeu!...

— E que importa D. Bartholomeu?— exclamou arrebatadamente o escrivão da alçada. Depois asserenando-se, disse em tom brando e quasi meigo — Decida-se v. exc.ª, snr.ª D. Laura, e salvaremos D. Bartholomeu contra a propria vontade d'elle. Consinta v. exc.ª em casar commigo, e hoje mesmo o snr. D. Fr. Antonio de Souza, bispo d'esta diocese, dará licença para que um sacerdote meu amigo nos receba. Hoje mesmo v. exc.ª será minha esposa, e

hoje mesmo D. Bartholomeu de Pancorvo e D. Manoel de Lencastre sahirão das prisoens, onde jazem, e partirão para Inglaterra ou para Hespanha, para onde em fim quizerem partir.

Laura ficou sem responder, e com os olhos fitos em José Mascarenhas. O rosto ia-lhe irradiando pouco e pouco visiveis signaes de desconfiança e despreso, e ao mesmo tempo de coragem e de dignidade de rainha offendida. Assim esteve quasi cinco minutos olhando distrahida e com aspecto severo o doutor.

Este impacientou se por fim, e disse, fazendo esforços sobre esforços para apparentar a maxima amabilidade:

— V. exc.ª duvida talvez da necessidade de resolver hoje mesmo este negocio: mas infelizmente não me é possivel esperar nem mais um dia por esta resolução. Decida, pois, minha senhora, acceita ou não a minha proposta?

—Não, snr. José Mascarenhas—respondeu Laura com voz sevéra e imperiosa.

— Então escolhe que eu fique sendo o escrivão da alçada do Porto?

— Seja o que qnizer, snr. doutor.

— E v. exc.ª comprehende os resultados da sua resolução?

— Comprehendo muito bem, senhor; D. Manoel e D. Bartholomeu serão complicados na sua devassa.

— E enforcados de hoje a quinze dias no campo da alameda da Cordoaria — accrescentou serenamente José Mascarenhas, e levantou-se

Laura soltou um grito de agonia terrivel; mas antes que tivesse tempo de responder, ouviu-se alta e provocadora gargalhada de escarneo da parte de fóra da porta, que se abriu do repente, para dar entrada ao abbade de Jazente, Paulino Cabral de Vasconcellos.

Paulino Cabral relanceou sobre o escrivão da alçada um olhar ameaçador e terrivel; mas, transformando-se de repente, correu para os dois e exclamou:

— Parabens, parabens, snr.ª D. Laura. Ah! meu querido doutor, quanto folgo de o encontrar aqui. Alviçaras, quero alviçaras, que lhe trago uma boa nova.

Laura pendurou-se do braço de Paulino, e fitou-o com olhar ancioso, com olhar de quem entrevia uma grande felicidade, cahida de repente no meio da extrema agonia por que estava passando.

— Parabens, parabens, snr.ª D. Laura; parabens e alviçaras meu caro doutor. Conheço a nobreza da sua alma. Oh! parabens, muitos parabens... — continuava Paulino Cabral, redobrando em estouvamento, á medida que se sentia abafar cada vez mais pela cólera.

— Mas parabens... por quê, snr. abbade? — balbuciou Mascarenhas, cravando no poeta olhar desconfiado e sevéro.

— Por quê? — exclamou o poeta — Por quê, pergunta v. s.ª, amigo doutor! Aposto que adivinha, mas o seu bom coração não o deixa acreditar... Mas não tenha duvida alguma... Oh! como estimo encontral-o aqui! Por vida minha! A sua posição no meio da alçada era devéras angustiosa. Comprometter dois amigos, e dois amigos muito queridos... Mas emfim tudo isso acabou. Parabens; então não acha que tenho razão de lhe dar parabens, querido doutor? — accrescentou o poeta já com os dentes cerrados e com os olhos a luzirem como dois carvoens accesos, mas com o rosto radioso de toda a alegria da malignidade que triumpha.

— Mas, por Deus! que o não entendo, snr. abbade! — exclamou Mascarenhas ancioso e cheio de impaciencia.

— Não me entende! Impossivel! Estão salvos... — continuou, chegando-se ao doutor, e puxando-lhe com força por um dos botoens da casaca — estão salvos... elles... D. Bartholomeu e D. Manoel... E a estas horas já soltos...

— Soltos! E quem passou a ordem de soltura? — bradou Mascarenhas, arredando enfurecido a cadeira para traz.

— Foi o snr. Sebastião José de Carvalho e Mello, ministro do reino de el-rei, o snr. D. José I — respondeu alegremente Paulino Cabral, esfregando as mãos.

Mascarenhas estremeceu, e fitou com desconfiança e com rancor o poeta.

— E quem recebeu essa ordem?—disse por fim.

— Eu, meu caro doutor.

A estas palavras, Mascarenhas fitou Paulino com olhar mais duro e investigador; mas reconhecendo, logo ao primeiro golpe, que o poeta falava sério, replicou arrogantemente:

— Tal ordem, se a recebeu, é falsa.

Paulino recuou dois passos atraz, e mediu Mascarenhas com olhar de ironia terrivel; mas de repente soltou uma sonora gargalhada de escarneo, tirou da algibeira um papel lacrado e dobrado de fórma que bem mostrava ter servido de subrescripto e ao mesmo tempo de envolucro de papeis volumosos, e, levando-o quasi a tocar na cara do desembargador, disse em tom jovial e ao mesmo tempo provocador:

— Ora veja se reconhece a lettra, e leia depois o nome da pessoa, a quem foi dirigida a carta.

Mascarenhas, sem attender á maneira affrontosa porque o poeta lhe offerecia o papel, lançou mão d'elle com anciedade, encarou-o, e afogueou-se repentinamente de raiva, porque reconheceu a letra do ministro.

Entretanto Paulino Cabral ria ás gargalhadas.

— Oh! não tenha duvida querido doutor — dizia abafado pela hilaridade que lhe inspirava o desapontamento satanico do grande perverso — Não tenha duvida... agora não a póde ter. O seu muito desejo de salvar D. Bartholomeu, e sobretudo D. Manoel fizeram-n'o duvidar... É naturalissimo, querido doutor, é muito e muito natural... Mas agora, já vê, não ha duvida alguma; e assevero-lhe por ultimo, para maior consolação sua, que a estas horas uma carruagem corre á desfilada pelo caminho da Foz,

levando D. Bartholomeu de Pancorvo e a ordem de soltura de D. Manoel de Lencastre. Então não mereço alviçaras, meu caro doutor?

Mascarenhas fitava o poeta com olhar negro e distrahido, e amarrotando machinalmente o papel entre as mãos. Paulino sem o desfitar, ria como louco, com a alegria de rapaz travêsso, que acaba de pregar grande logro mas ao mesmo tempo com bonhomia e cordealidade admiravelmente fingidas. O doutor dominou-se de repente, meneou ironicamente a cabeça, e disse por entre os dentes cerrados e com um sorriso diabolico:

— Mas o snr. Paulino Cabral não me dirá como conseguiu fazer executar as taes ordens? Porque, emfim, para serem postas em execução precisavam de serem rubricadas por... pela alçada...

— E pelo governador das armas uma d'ellas, como se sabe, querido doutor. D. Manoel está debaixo da jurisdição militar — interrompe aqui o poeta. E tomando de repente o tom da mais requintada leviandade, continuou — Eu lhe digo, eu lhe conto tudo. Esta manhã estava eu no meu escriptorio... Sabe a fazer o que? A escrever um soneto sobre as poucas vergonhas d'estes nossos tempos... entretido, enthusiasmado com o assumpto... quando n'isto sinto grande estrépito na escada, e momentos depois o creado entrou-me de repente no quarto. Eu estava fabricando o ultimo tercetto, o da chave de oiro, emperrado n'uma rima, n'uma desavergonhada rima em *ôto*, e não me vinham á memoria outras palavras senão marôto... garôto... marôto...

E a cada uma d'estas palavras o poeta caminhou, com o braço estendido, tres passos largos para o doutor Mascarenhas.

— Imagine a zanga que me tomou, ao vêr-me interrompido de sopapo em occasião tão solemne — continuou o poeta depois de fitar por um momento o doutor — Uma rima, uma rima e nada menos, e uma em *ôto*, uma rima que me livrasse de um garôto e de um marôto! Mas em fim, despeitorada em bra-

dos innocente aquella justissima colera, tomei o papel que o creado me offerecia com os olhos espantados em mim, e certamente indeciso sobre o estado sanitario das minhas faculdades mentaes. Relanceio o subrescripto, e leio com pasmo—Urgente. Ao snr. Paulino Antonio Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente. G.de D.a m.tos an.s Residente no Porto.— Volvo-o do outro lado, e que vejo! O sello real!... Fiquei embobado a olhar para o creado.

Paulino interrompeu-se aqui um momento, e fitou Mascarenhas com uma perfeitissima cara de quem havia cahido n'aquelle mesmo momento das nuvens.

— Emfim, para encurtar razoens — continuou — soube do creado que a carta tinha sido trazida por um correio, que esperava á porta pelo recibo; e do correio que ella lhe tinha sido entregue em mão propria pelo snr. Sebastião de Carvalho, que lhe havia dito por duas ou tres vezes — diz que é urgente, urgente, urgente.

— «Sabe que mais, snr. abbade — disse-me o homem — o ministro disse-me urgente, urgente com taes modos, que me parece acertado que vm.cê não demore nem um instante o cumprimento das ordens, que elle lhe dá.

— Eu não achei acertado, achei acertadissimo o conselho do bom do correio. Larguei o soneto, enfiei a batina, e corri a casa de Luiz Belleza, a procurar v. s.a, meu querido doutor, para lhe participar as boas novas que recebera a respeito dos seus amigos, e para lhe pedir que pozesse immediatamente o *exequatur* n'aquella ordem, que dependia da alçada. Infelizmente não o encontrei mas encontrei seu pae. O honrado fidalgo não me demorou nem um minuto. D'alli parti para casa do snr. João d'Almada, e de casa d'elle para a Relação. Ahi sem me importar com a atrapalhação de D. Bartholomeu, sem lhe deixar mudar de fato, metti-o mesmo sem chapéu dentro da carruagem, entreguei-lhe a ordem para o governador do castello, disse lhe em duas palavras o que tinha a fazer, e recommendei-lhe que não

viesse de lá sem D. Manoel. Depois gritei ao meu cocheiro:

— Isidoro, a galope, a toda a brida para o castello da Foz. Uma peça de oiro de alviçaras, se fôres e vieres dentro de uma hora. Se fôr preciso arrebenta-me os cavallos. Sou eu que o mando. Terás duas peças mais se m'os arrebentares, mas estiveres aqui dentro em tres quartos de hora.

— A carruagem despediu como um raio, e eu parti para aqui, para dar parte da feliz nova á snr.ª D. Laura... e chorar com ella a infelicidade de o não ter encontrado, caro doutor — accrescentou o poeta em tom lacrimoso, e ficando a olhar Mascarenhas com tristeza semi-comica.

Este nem o via. Estava a olhar para elle, mas distrahido, com olhar negro e feroz, mas vago e de quem se concentrára todo comsigo.

— Percebo, percebo — balbuciou por fim, como a responder á ideia que o dominava — A razão da resistencia era esta, a força estava aqui.

Paulino Cabral sorria com alegria diabolica e fitava o doutor com um olhar tão cheio de odio, que bem demonstrava o grande esforço que lhe era preciso fazer sobre si mesmo, para não apunhalar alli mesmo aquelle grande malvado. A expressão das feiçoens graciosas do poeta era tão ferina, que Laura, cheia de medo, agarrou-se-lhe com mais força ao braço, como para lhe estorvar os impetos da colera, que parecia estar a estalar por momentos.

Mascarenhas voltou então de novo a si, e erguendo-se a toda a altura da sua corpulencia magestosa, disse soberbamente e relanceando com olhar severo o poeta:

— Snr. abbade de Jazente, tenho a prevenil-o de que se as ordens fôrem falsas, vm.cê commetteu um crime de alta traição!...

— Falsas, doutor! — respondeu o poeta, sorrindo ironicamente — Pois nem a letra o convence!

— A letra falsifica-se, snr. abbade. Sentirei muito se a alçada tiver de proceder contra si.

Paulino soltou-se de repente do braço de Laura, approximou-se de José Mascarenhas, poisou-lhe a mão direita sobre o hombro, e disse-lhe amavelmente, mas em voz ligeiramente tremula:

— Pois sim, sim, querido doutor; mas tenho a prevenil-o de que D. Bartholomeu e D. Manoel não devem tardar. O meu cocheiro Isidoro é homem capaz de fazer voar um jumento; e espicaçado pela esperança de ganhar duas peças, e até capaz de o fazer galopar depois de morto. Não podemos portanto demorar-nos mais tempo aqui. Na scena que dentro em pouco vae ter logar, a nossa presença é de mais. Pede a cortezia que nos retiremos. Saiamos, saiamos, depressa, meu honrado amigo.

José Mascarenhas lançou sobre o poeta um olhar de soberba e de ferocidade terrivel.

— Muito obrigado, snr. Paulino Cabral, muito obrigado pelo seu conselho. Nunca me esquecerei de que lhe devo esta fineza — replicou elle em voz de entoação medonha.

Depois tomou o chapeu, fez a Laura uma mezura rude e sacudida, e sahiu.

Paulino ia a sahir apoz elle; mas Laura tomou-o pelo braço, e fel-o parar. Depois cahiu de joelhos deante d'elle, e, tomando-lhe as mãos, que cobriu de lagrimas e de beijos, balbuciou cheia de gratidão e de alegria:

— Oh! não... não snr. Paulino Cabral. A sua presença é-nos precisa. A nossa alegria seria imperfeita se não fôsse presenceada pelo nosso anjo da guarda.

As lagrimas rebentaram dos olhos do poeta.

— Por Deus, snr.ª D. Laura, que faz? — disse em voz commovida, e levantando-a. Depois, arrastado pelo enthusiasmo da alegria de que se sentia apossado, accrescentou, dando-lhe um beijo na fronte — Incredula! Não lhe dizia eu que deviamos confiar na omnipotencia de Alvaro Martins? É ao bilhete do conde do Sardoal que devemos este nosso querido milagre.

Duas horas depois D. Bartholomeu e D. Manoel apertavam nos braços Laura e Paulino; e n'essa mesma noite, por conselho d'elle, partiram com ella para Lisboa, onde. á sombra da justiça do sevérô ministro de el-rei D. José, foram esperar que terminasse o poderio de José Mascarenhas no Porto.

O abbade de Jazente ficou. Soubera n'essa mesma tarde que Manoel e Páscoa Angelica haviam sido presos. Resolvido a cumprir a todo o risco e em toda a plenitude a missão de que o julgára digno o conde do Sardoal, o corajoso e impavido poeta não vacillou nem um instante em affrontar a ira rancorosa do feroz escrivão da alçada. Ficou portanto; mas para se não inutilisar imprudentemente, deixou de frequentar os logares publicos, e, asylado na casa de um amigo intimo, seguiu de lá, com toda a energia de que a natureza o dotára, o procedimento de Mascarenhas, espreitando attentamente a occasião opportuna para lhe contrariar os enredos e arrancar de entre as garras o filho de D. Leonor da Cunha.

Como o leitor verá em seguida, nem o tempo, nem as circumstancias consentiram que Paulino fôsse tão feliz n'esta tentativa, como o foi na empreza de salvar D. Bartholomeu e D. Manoel de Lencastre.

XIX

Torvado e triste ante o tiranno chega,
Que ouvindo-o se enfiou mais perturbado:
E com effeitos de ira, á razão cega,
Taes rasoens solta, de furor levado;
A soberba logar á prudencia nega
A este vão arrogante confiado
Na boa fortuna que ategora teve,
Assi em meu reino a pôr-me leis se atreve?

MENEZES. *Malaca conquistada.* L. VI est. 62.

Manoel da Costa foi mandado para as casas-mattas do castello da Foz; Páscoa Angelica foi encarcerada na Relação.

Mal entrou, a filha de Thomaz Pinto foi encerrada n'uma prisão, onde se achavam ainda muitas mulheres das que tinham sido presas por suspeitas ou complicadas na revolta. Ahi encontrou ella a Estrellada, a tia Micaéla, a Palaia, a Carinha de meio tostão, e outras muitas das que na porta do Olival tinham levantado o primeiro grito revolucionario n'aquelle fatal dia 23 de fevereiro. A prisão, apesar de ser repartimento de vastas dimensoens, era estancia acanhada para o grande numero de pessoas, que n'ella estavam encerradas. Páscoa achou-se, portanto, no meio de uma grande multidão de mulheres, que, por falta de espaço, se acotovellavam umas ás outras no meio de uma atmosphera fria, humida e

fétida, e que, apesar de serem quasi todas suas conhecidas, estavam tão descarnadas, macilentas e rotas, que mal afiguravam espectros d'aquellas que haviam sido. Lagrimas, suspiros e pragas contra a alçada foi a salva que recebeu, mal entrou; desejos ardentes da morte e imprecaçoens contra Deus por os não satisfazer foram as consolaçoens que teve, apenas sentiu fechar sobre si a porta d'aquelle medonho calabouço.

Ao cahir da tarde, o carcereiro, homem mal encarado e ainda de modos peiores do que o aspecto, veiu chamal-a, e ordenou-lhe que o acompanhasse. Páscoa, de quem o terror se tinha apossado até ás medullas dos ossos, seguiu-o machinalmente. O carcereiro subiu com ella ao andar alto do edificio, abriu uma porta, e mandou-a entrar; depois entrou elle tambem, alumiando-se com a luz do candieiro de ferro que trazia na mão.

— Alli está onde ha de dormir — disse elle, levantando o candieiro á altura da cabeça e apontando para a cama que se via a um lado — aqui está a ceia — continuou, mostrando-lhe uma enorme brôa e uma bilha de agua, que estavam em cima de uma pequena meza, collocada no meio do quarto.

Depois sahiu, e fechou a porta pela parte de fóra, deixando a pobre rapariga em completa escuridão.

A prisão, onde o carcereiro deixára a filha de Thomaz Pinto, era aquella d'onde, poucas horas antes, havia sahido D. Bartholomeu de Pancorvo. Se a pobre rapariga estivesse em estado de fazer reflexoens, havia de vêr que o logar onde se achava agora, era suave paraizo em comparação do inferno, onde a tinham mettido ao principio, e havia por isso de dar graças a Deus pela mudança.

Mas Páscoa não sabia de si coisa alguma, depois que entrára para dentro das portas da Relação, ou, para dizer melhor, depois que a tinham prendido. Tudo o que tinha feito, praticára-o machinalmente e sem consciencia alguma de si. N'este estado

de completo torpôr sahiu ella da prisão das mulheres, seguiu o carcereiro, entrou na sua nova prisão e encostou-se á cama, com os olhos fitos na luz durante os poucos minutos que o carcereiro se demorou junto d'ella.

Na escuridão, Páscoa continuou no mesmo estado e na mesma posição, por mais de meia hora. Ao voltar a si, estremeceu sacudida por violento espasmo de medo, e os cabellos erriçaram se-lhe na cabeça. Á luz tibia da réstea de luar que lhe entrava no quarto por larga fenda, que havia n'uma das meias portas da janella, lançou com terror os olhos em volta de si, e depois correu desatinada por onde via luz. A velha portada mexeu-se aos esforços violentos, que Páscoa fez para a abrir; mas o grosso loquete, que, passado entre argolas de ferro, apertava as duas meias, portas, não cedeu. Páscoa soltou então um grito de terror e de desesperação, e cahiu sem sentidos no soálho.

A desgraçada esteve assim por muito tempo; depois voltou pouco a pouco a si, e pouco a pouco foi rehavendo a consciencia da situação, em que se achava. Poz-se então a chorar, e chorou por muito tempo. Apoz aquelle desalento, veiu a coragem da resignação — a verdadeira coragem, que, na extrema desgraça, as mulheres possuem em grau perfeitissimo e a par da qual, em lances similhantes, o valor enthusiastico ou estoico de nós outros os homens não passa de uma fanfarrice, alentada até o ultimo momento pela nossa vaidade satanica. Pascoa poz-se então de joelhos, e rezou com socego e com fervor, porque toda a sua esperança era Deus. Depois adormeceu, fatigada de combater com tão fortes abalos, como os que tinha experimentado desde o momento da sua prisão.

Quando despertou, no dia seguinte, a luz do sol alumiava-lhe o quarto, entrando pelas fendas da janella. Estava só, e, pareceu-lhe que até esquecida por todo o mundo, porque, por mais que applicasse o ouvido, não sentia rumor fóra da porta do quarto;

e só ouvia a distancia o susurrar medonho das grandes prisoens, interrompido de quando em quando por um grito, por um tinir de ferros, ou pelo ranger de uma chave ao voltar-se dentro de robusta fechadura.

Passaram horas apoz horas, e ninguem veiu ter com ella. Páscoa gastou-as a illudir a suave agonia da resignação, rezando e pedindo a Deus que a protegesse. Por fim sentiu fome; comeu então um bocado de pão e bebeu fartamente da agua da bilha. A restea do sol já tinha desapparecido ha muito e o quarto escurecia cada vez mais. Páscoa sentiu-se de novo tomada de medo. Saltou então para cima da cama, e foi acocorar-se ao canto, com olhos fitos n'aquella fenda da janella, por onde vira o dia, depois a noite e começava agora a vêr a luz da lua. Eram altas horas da noite, quando a pobre adormeceu.

O somno de Páscoa era inquieto e angustioso. Agitavam-n'a sonhos terriveis, e que harmonisavam com a situação da pobre rapariga. De repente a chave rodou com barulho na fechadura da porta. Páscoa acordou sobresaltada, e viu entrar para dentro do quarto um homem que se alumiava com um candieiro de ferro, que trazia na mão. Páscoa apertou-se contra a parede, cheia de medo e com os olhos a luzirem da allucinação do terror. Aquella apparição continuava no mundo dos factos as scenas, a que a imaginação a fizera assistir no dos sonhos.

Aquelle homem era José Mascarenhas.

O escrivão da alçada fechou a porta sobre si, poisou a luz sobre a meza, e depois sentou-se na cadeira, em que D. Bartholomeu tantas vezes se havia sentado A expressão da phisionomia de José Mascarenhas não era n'esta occasião a mesma, que habitualmente apresentava. Por sobre a ferocidade e a soberba satanica que lhe eram naturaes, reluzia a melancolia dura e severa dos caracteres despoticos, quando os punge a dôr do desespero. E n'esta occasião era n'elle tal a força d'este sentimento, que empanava quasi a manifestação d'aquelles dois, que

n'elle eram verdadeira natureza. A causa d'esta mudança era naturalissima. Mascarenhas amava Laura, e amava-a com o desespero de que são capazes os caracteres como o d'elle, quando amam uma mulher. Esse sentimento não era o amor; não era aquella sensação suavissima e delicada que faz qualquer homem poeta, tomando-lhe conta do espirito e tornando-o independente do natural predominio da materia; era o desejo feroz e brutal, que na ralé da plebe desperta instinctos de tigre, e que no homem de educação, no que chamam homem de sociedade, se disfarça ignobilmente com o nome e com as apparencias do sentimento mais suave e mais delicioso, com que Deus dotou o coração humano.

Mascarenhas, ao principio, não via em Laura senão o titulo de condessa do Sardoal, a representação de um nome illustre, e a fortuna de uma rainha; mas a frequencia das suas visitas, durante a prisão de D. Bartholomeu, fez com que a belleza e o desamparo da filha de Pero Coelho fossem pouco e pouco despertando n'elle outras aspiraçoens, além das que a ambição produzia. A principio toda a pertinacia e toda a energia, com que a perseguia, eram unicamente inspiradas pelo que Laura valia socialmente considerada; depois, apesar de elle o não reconhecer, foram tendo pouco a pouco motor mais poderoso e mais terrivel, tiveram por musa inspiradora o que Laura valia como mulher. Entretanto que o alentava a esperança de poder subjugar um dia aquella resistencia, Mascarenhas illudira-se a ponto de não vêr na pertinacia, com que pelejava na empreza, mais do que a realisação de um sonho ambicioso; mas no momento em que o livramento de D. Bartholomeu e de D. Manoel lhe fizeram sentir que não tinha futuro para que appellar em nome da esperança, a venda cahiu-lhe deante dos olhos, e o malvado conheceu que perdia não só um dote, mas uma mulher; sentiu que lhe fugia sem remedio não só a realisação de um plano ambicioso, mas tambem a satisfação de um desejo, que inteiramente o domi-

nava. A força d'esta paixão sobrepujava em muito a da outra. Na agonia do desespero Mascarenhas esquecera o titulo e a riqueza de Laura, e lembrava-se só da formosura do rosto d'aquella mulher, e do garbo e da magestade que tinha aquelle corpo.

O desespero não punge a panthera mais ferozmente, do que o pungia a elle. Primeiro desabafou em impetos de raiva selvagem; depois, reconhecendo a inutilidade d'ella contra a impotencia a que o reduzira Sebastião de Carvalho, cahiu n'aquella serenidade medonha, a que se soccorre a desesperação para supprir o sangue frio preciso para apreciar com justeza os meios, que restam de salvação. Perder D. Bartholomeu e D. Manoel era o unico meio possivel de reconquistar a esperança. Para o conseguir, era preciso urdir contra elles provas taes, que obrigassem o justiceiro ministro de el-rei D. José a intervir, com toda a dureza do caracter com que Deus o dotára, nos embaraços que a vida d'aquelles dois homens oppunham á satisfação do seu desejo. O desespero cegou Mascarenhas a ponto de acreditar na possibilidade da empreza, afigurando-se-lhe que Páscoa e o sargento, que tão intimas relaçoens tinham tido com os seus dois inimigos, poderiam ser obrigados a prestarem-se a ser manequins na realisação d'este plano.

Foi com este pensamento, e dominado por aquella violentissima paixão, que José Mascarenhas se apresentou na prisão de Páscoa. Quizera primeiro dispôl-a a seu favor, proporcionando-lhe commodidades que os outros presos não tinham, e suspeitára poder enfraquecer-lhe o animo e matar-lhe os escrupulos, torturando-a com a solidão e com a fome. Mas a agitação de Mascarenhas não o deixou espaçar os tres ou quatro dias que, ao principio, calculára que eram precisos para isso. Ao fim do primeiro dia, aquella medonha anciedade que lhe torturava o espirito, afigurou-lhe que já devia estar consummada a obra, que só muitos dias podiam consummar, se por ventura o podessem.

Taes eram, pois, as ideias e as paixoens que agitavam José Mascarenhas, quando se sentou deante de Páscoa Angelica, e a fitou todo concentrado do plano que havia imaginado.

Páscoa Angelica — disse ao cabo de alguns minutos, em que a pobre rapariga esteve continuamente tremendo, agitada pela fascinação d'aquelles olhos, que via fitamente cravados em si — eu sou o escrivão da alçada, que sua magestade mandou para castigar o levante do Porto. Não tenhas, porém, medo de mim. Apesar de saber que tu foste uma das mulheres, que se houveram mais petulantemente na assuada da porta do Olival, não venho aqui para te perder, venho para te salvar.

Mascarenhas parou um momento, arredou o candieiro mais para o lado, e continuou, dando á voz entoação severa, mas ao mesmo tempo de protecção sincera e decidida:

— Páscoa, se responderes a verdade a tudo o que te vou perguntar, se te não recusares a servir á justiça de el-rei nosso senhor de testemunha fiel e leal, prometto-te com o seguro da real palavra, que dentro em quatro dias tu e o sargento Manoel da Costa sereis soltos.

Ao nome de Manoel, Páscoa estremeceu, e atirou-se aos pés de Mascarenhas.

— Oh! senhor juiz — exclamou ella, pondo as mãos — Manoel não está culpado...

— Manoel foi um dos rebeldes mais insolentes e mais audazes — interrompeu severamente José Mascarenhas. — Foi elle que abriu a golpes de machado as portas da casa do snr. Luiz Belleza, e quem entrou para dentro, dando morras a el-rei e á Companhia. Pelas leis do reino, o sargento Manoel da Costa deve ser condemnado á forca.

— Senhor... senhor, isso não é verdade. Manoel nem sequer estava no levante... não sabia d'elle.

— Tu mentes, rapariga — bradou rudemente o o escrivão da alçada. — Eu estava n'aquella occasião

em casa do sr. provedor da Companhia; fui eu que fiz fogo sobre a plebe; vi-o pois, fui eu que o vi.

Páscoa recuou um passo para traz, e ficou com os olhos pasmados em José Mascarenhas, com a bocca semi-aberta, e as mãos apertadas com desesperação uma na outra.

Assim esteve por alguns minutos, entretanto que Mascarenhas, que se tinha erguido de repente, passeava de um lado para o outro em todo o comprimento do quarto, inteiramente concentrado em si.

— Não tenhas receio — disse por fim, adoçando a voz e os gestos. — Levanta-te, Páscoa; prometto-te, palavra de fidalgo, que tu e teu amante sereis perdoados, se me falares a verdade.

Assim dizendo, fez levantar Páscoa, que ficou encostada á cama, com os olhos fitos n'elle e assoberbada por violento terror.

— Que ia teu pae fazer a casa de D. Bartholomeu de Pancorvo? — disse emfim Mascarenhas, parando de repente defronte d'ella.

— Meu pae! disse Páscoa a tremer. — Oh! snr. juiz, pelo amor de Deus!... Eu não sei nada... não devo falar de meu pae...

— Então é certo que D. Bartholomeu conversava com teu pae ácerca do levante?

— Não, snr. juiz; eu não digo isso — accudiu Páscoa, cada vez mais embaraçada pelo terror. — O snr. D. Bartholomeu não teve nada com o levante... Juro-o pela minha salvação... jural-o-ei sobre umas Horas. Meu pae quando lá ia ou falava a respeito dos vinhos do snr. D. Bartholomeu, ou lhe falava no nosso quintal, ou... Meu pae ia lá muito poucas vezes.

— E atreves-te a jurar isso rapariga? — interrompeu José Mascarenhas em voz rude, e fitando-a com olhos de tigre.

— Juro-o, snr. juiz; juro-o porque é a verdade. Que Deus me castigue, se assim não é.

Mascarenhas calou-se, e continuou por mais alguns minutos a passear em todo o comprimento do quarto.

— E que sabes tu de D. Manoel de Lencastre? — perguntou elle, tornando a parar de repellão deante da rapariga.

— Do sr. D. Manoel? respondeu ella. — Eu não sei nada. O fidalgo ia lá todos os dias, mas d'elle não sei outra coisa, senão que namorava a menina, e que estava para casar...

— E que me importa a mim isso? — bradou Mascarenhas em voz de trovão e batendo furioso com o pé na casa. Depois serenando, continuou — Eu não te pergunto a esse respeito, Páscoa: o que quero que me digas é o que sabes da parte que D. Manoel teve no levante.

— A isso não posso responder, sr. juiz. Mas jurarei... sim, jurarei, pela virgem Nossa Senhora, que o sr. D. Manoel não teve nada com o levante... E' muito fidalgo para se metter em negocios de homens de capote.

— Então não sabes que foi por elle que D. Bartholomeu mandou trezentos mil réis ao Lisboa?

— Trezentos mil réis ao tio Lisboa!... isso é falso, sr. juiz; se alguem o disse, mentiu. Isso não podia ser.

— Foi o proprio Negres que assim o jurou na devassa.

— O Negres mente, sr. juiz, o Negres falta á verdade. Nem o snr. D. Bartholomeu mandou dinheiro, nem o snr. D. Manoel o levou.

— Então tambem não sabes que elle quiz embaraçar os soldados da estação do Corpo da Guarda de accudirem a casa do sr. Luiz Belleza, no dia do levante, como eram instantemente requeridos pelo snr. doutor juiz do crime?

— Eu não sei nada d'isso; nunca em tal ouvi falar.

José Mascarenhas deu alguns passos distrahido, depois disse em tom grave, mas sem azedume:

— Tu mentes, Páscoa; a devassa revelou á alçada tudo o que se passou, e, embora o negues, não deixa ella por isso de o saber. Mentes, e mentes

sem proveito e, o que mais é, perdes-te mentindo. A alçada não quer que lhe reveles os crimes de D. Bartholomeu nem os de D. Manoel; esses sabe-os ella. O que quer, o que deseja, aquillo em troca do que te offerece o teu perdão e o perdão do teu sargento, é que lhe circumstancies os factos, que lh'os contes como se passaram á risca, para ella poder fazer justiça inteira e sem que lhe fiquem remordimentos de consciencia.

E depois de curta pausa continuou:

— A alçada sabe tudo, tudo. Não lhe tem faltado quem a informe de toda a verdade. D. Bartholomeu deu conselho e forças ao levante, porque não queria a Companhia; e não a queria porque não era o que elle desejava que fosse, porque tal qual o ministro a fez lhe contrariava planos de especulaçoens calculadas. D. Bartholomeu aconselhou a revolta, concitou teu pae a fazel-a, deu dinheiro, e até comprou gente para ella. Para o lisongear, para lhe captar o consentimento em favor do seu projectado casamento com D. Laura, D. Manoel não só se prestou a ser agente d'elle para a revolta, mas até induziu grande numero de militares, para n'ella apparecerem. No dia em que teve logar, quiz embaraçar ao destacamento da estação do Corpo da Guarda que fosse accudir á casa do provedor; e, quando a alçada chegou ao Porto, ainda manifestou quanto estava complicado n'este crime, no momento em que o mandaram carregar com a companhia do seu commando sobre a canalha, que principiava a amotinar-se. Tudo isto sabe a alçada, Páscoa; e ainda que o negues, não deixará de acreditar na existencia d'estes crimes.

José Mascarenhas calou-se de repente, e fitou a filha de Thomaz Pinto com olhar severo e grave.

— Mas eu nada sei d'isso, snr. juiz! — balbuciou ella a tremer.

— Nada sabes!... — bradou em voz terrivel o desembargador. Depois, refreando-se, disse em tom de protecção — Sabes qual é o castigo do crime que

commetteste, e dos que commetteram teu pae e o sargento?

Páscoa não pôde responder, mas fitou grandes olhos de terror em José Mascarenhas.

— Sereis condemnados á forca — continuou elle duramente — e de hoje a quinze dias será executada a sentença, com que a alçada vae encerrar o processo. Restam-vos, portanto, quinze dias apenas de vida — a ti, a teu pae e ao sargento.

Mascarenhas parou de novo para deixar actuar plenamente sobre a pobre rapariga o effeito d'estas terriveis palavras. Depois continuou:

— Tudo isto, porém, tem remedio. A alçada promette salvar-te, e por tua causa, salvar a vida de teu pae e de Manoel da Costa, se não te recusares a cumprir o teu dever. Escolhe, pois — ou a forca ou seres sincera e leal para com o justiça de el-rei.

— Mas o que querem de mim? — balbuciou Páscoa em voz abafada e tremula de medo.

— Que digas sómente a verdade — replicou Mascarenhas. — A'manhã vaes ser chamada a perguntas. Certifica com o teu juramento os crimes de D. Bartholomeu e de D. Manoel; e, depois de ámanhã, tu, teu pae e o sargento estareis todos no meio da rua.

— Mas eu não posso jurar... não sei coisa alguma! — exclamou Páscoa, soltando um grito de agonia terrivel, e atirando-se de joelhos deante do malvado, torcendo as mãos e com os olhos brilhantes de desespero.

Mascarenhas carregou as sobrancelhas.

— Páscoa — bradou elle ferozmente — tu mentes; mas repara que a tua mentira armará a tua forca, e a forca de teu pae e a do sargento.

— Não, não minto, snr. juiz; eu não posso jurar porque sei que D. Bartholomeu e D. Manoel estão innocentes... porque jurar seria assacar-lhes crimes falsos... seria perdel-os e perder tambem a minha alma... Não juro... não posso jurar... não...

— Não juras? — bradou Mascarenhas, soltando um terrivel rugido de raiva.

— Não... não... não juro...

— Serás enforcada, desgraçada; e serás a causa de o serem teu pae e o teu amante!

Páscoa correu rapidamente as mãos pela fronte; depois levantou-se de um pulo, e fitou Mascarenhas com o sorriso e o olhar luzente dos doidos.

— Não... não... não juro... não... não — balbuciou por fim em voz sumida.

— Não juras... não juras — bradou José Mascarenhas, desorientado pela raiva e saccudindo a ferozmente pelo braço que aferrára com a mão direita, e que esmagava, apertando-o com todas as forças que tinha, agora contuplicadas pela raiva.

— Não... não... não juro — rouquejou ella de novo por entre os dentes cerrados pela tortura da dôr que sentia, e fitando-o com toda a audacia do desespero e do frenesim da verdadeira loucura.

A raiva dominava por tal fórma Mascarenhas, que o corpo tremia-lhe como azougado, e os olhos volviam-se-lhe medonhamente nas orbitas. Por um minuto affrontou d'esta fórma o olhar allucinado da pobre rapariga, e por fim largou-lhe o braço, arremessando-o com força de si. N'aquelle momento parecia que Mascarenhas procurava na alma satanica uma inspiração que inventasse um genero de morte capaz de o vingar d'aquella mulher, cujo capricho lhe matava a unica esperança que lhe restava,

Depois por mais de um quarto de hora e a passos agitadissimos pôz-se a passear de um lado para o outro, e em todo o comprimento da sala. Por fim conseguiu serenar-se, sentou-se, e de novo fitou os olhos em Páscoa, que, reconquistando durante aquelle intervallo toda a energia de que a alma lhe era capaz, o observava com medo, mas serena e inabalavel no proposito que havia formado.

— Páscoa — disse elle finalmente — perdoa-me o excesso, a que me deixei arrastar. E, por Deus! ouve-me, e resolve-te como te peço que o faças. Páscoa — continuou depois de curto espaço — da tua resolução está pendente a tua sorte, a de teu pae, e a

do sargento... e a minha. Attende-me sem me interromperes, — accrescentou, erguendo a voz, ao vêr que Páscoa queria falar — attende-me, por Deus! attende-me. Se te recusares a obedecer-me, nada te poderá salvar da forca. Juro-te pela minha honra, juro-te pelo meu nome, juro-te pela memoria dos meus antepassados, que tu, teu pae e o teu amante morrereis enforcados; mas se satisfizeres ao que te peço, se jurares contra D. Manoel e contra D. Bartholomeu, prometto-te a vida, e, além d'ella, riquezas e felicidade.

Aqui José Mascarenhas tornou a levantar-se agitado, e deu assim alguns passos na casa.

— Eu amo Laura de Abranches... Entendes-me? — disse por fim, parando deante de Páscoa, e fitando-a com olhar terrivel e significativo.

Páscoa sorriu-se com ironia, e meneou com escarneo a cabeça.

— Amo-a... amo-a — continuou elle quasi allucinado — amo-a como ninguem amou mulher alguma. Ajuda-me a ser senhor d'ella, e depois... depois exige tudo de mim. Teu pae sahirá hoje mesmo da cadeia, e partirá para onde quizer. Tu serás esposa de Manoel da Costa, e depois de eu ser senhor d'ella... de Laura... Ah! Páscoa realisa esta felicidade; de ti só depende a minha suprema ventura. Eu serei feliz com Laura, e tu serás ditosa com o o homem que amas. Para o seres, não te faltará coisa alguma; far-te-hei rica, e teu marido terá no exercito um posto que vos levante até mim... até aos nobres.

Acabando de dizer estas palavras, Mascarenhas fitou Páscoa com olhar ancioso e prescrutador; mas Páscoa sorria, e meneava ironicamente a cabeça, como quem escarnecia d'elle.

— Páscoa, tu amas Manoel?

— Amo... amo-o com todas as forças da minha alma.

— Então em nada reparas de certo para conseguir a felicidade de te veres unida a elle.

— Não a quero a troco de perder dois innocentes — replicou ella serenamente.

— Oh! tu não o amas, tu não o amas — disse Mascarenhas por entre os dentes cerrados.

Páscoa sorriu-se com desdem, e Mascarenhas principiou de novo a passear allucinado de um lado para o outro. Por fim parou de novo deante d'ella.

— Que respondes? — disse-lhe em tom entre a supplica e a raiva.

— Que não juro falso, nem mesmo para salvar Manoel — replicou ella inabalavel.

Mascarenhas soltou um grito terrivel e recuou dois passos atraz, com o aspecto de novo incendiado pelo furor da desesperação.

— Mulher infernal!... — bradou elle. — Mulher insensata, o inferno fez-te assim para seres a minha desgraça. Morrerás enforcada...

— E que importa? — interrompeu ella serenamente. — Não quero a vida a troco de tal infamia; não vendo a salvação da minha alma por mais meia duzia de annos de vida, que me quer fazer resgatar com a morte de quem me tratou sempre como pae.

Mascarenhas ficou por alguns minutos com os olhos fitos n'ella, paralysado pela desesperação.

— Páscoa... Páscoa, não me mates para sempre a felicidade! — bradou por fim, suffocado pela agonia; e atirou-se de joelhos, e estendeu com desespero os braços para ella.

— Oh! que nôjo me causa este villão! — disse Páscoa, sorrindo e medindo-o de relance com um olhar de desprezo terrivel.

Aquelle olhar acordou em Mascarenhas toda a sua natural soberba. Deante d'elle era impossivel tambem deixar de reconhecer que a resolução de Páscoa era inabalavel e incapaz de ceder a coisa alguma. Levantou-se sem dar palavra, e sem mostrar sensação alguma no rosto, que se tornou de repente frio e sereno. Tomou depois o candieiro e sahiu.

— José Alves — disse ao carcereiro, a cujo quarto se dirigiu, e onde tomou o chapeu e um capote, em

que viera embrulhado — faça conduzir immediatamente aquella mulher para a prisão, onde a metteu quando ella entrou na cadeia.

Depois de dar esta ordem sahiu.

Cinco minutos depois a desgraçada rapariga achava-se de novo n'aquella medonha enxovia, d'onde o carcereiro a havia tirado no dia anterior; na qual, para repoisar a cabeça e o corpo fatigado por tantos abalos, mal lhe tocava uma nesga estreita do frio, humido e fétido lagêdo. Mas adormeceu e dormiu socegada; porque tinha a consciencia tranquilla, e porque a certeza da sorte, a que estava condemnada inspirava-lhe a coragem da resignação, com que as grandes almas encaram sem estremecer os lances extremos.

XX

Mas eu que fui castigado
Da força e não da razão,
Vou, mas vou como forçado;
Se o castigo pára então,
Eis-me outra vez obstinado.

D. FRANC. MANOEL. Obras metricas.

São onze horas da noite, de 13 para 14 de outubro — dez dias depois que teve logar a scena a que o leitor assistiu no capitulo passado.

Havia dois dias que o Porto estava de luto profundo. A cidade laboriosa, a activa capital da industria e do commercio portuguez parecia uma grande povoação abandonada. As lojas e as portas das casas estavam quasi todas fechadas, as ruas desertas, e as poucas pessoas, que, de quando em quando, transitavam por ellas, caminhavam como que a medo, e falavam-se em voz baixa e abafada pela impressão produzida por aquelle silencio funerario.

Era uma verdadeira paralysia moral; e a causa d'ella fôra o terror e o espanto causados pela sentença da alçada, que tinha sido publicada no dia 12, pelas 11 horas da manhã.

Ao romper d'alva d'esse dia, os dragoens da Beira e o regimento de infanteria, do commando de

Vicente da Silva, tinham partido para a Foz. A's oito horas estavam de volta, escoltando todos os presos, que se achavam no castello, os quaes foram recolhidos á Relação, para onde, meia hora antes, tinham tambem sido trazidos os que estavam no Aljube.

A's 10 horas, José Mascarenhas chegou acompanhado por todos os officiaes de justiça, que serviam a alçada. Os presos foram chamados á sala grande, e a sentença foi lida. Um quarto de hora depois era sabido por toda a cidade que vinte e um homens e cinco mulheres tinham sido condemnados á forca e a serem esquartejados; que, d'estes, oito homens estavam ausentes, mas que os treze que restavam e as cinco mulheres tinham entrado immediatamente no oratorio; e que duzentas pessoas mais tinham sido condemnadas a degredo, a açoites, a confisco e a multas pecuniarias. A sentença havia de ser cumprida, segundo o estylo, quarenta e oito horas depois, isto é, no dia 14. Os condemnados tinham interposto embargos, mas ninguem acreditava que d'este derradeiro apêgo da esperança se tirasse resultado favoravel.

Deante d'esta noticia, todo o Porto ficou como embobado de terror e de espanto. Esperava-se muito da ferocidade do escrivão da alçada e da severidade das ordens do terrivel ministro d'el-rei D. José; mas tanto, nem ainda os mais assustadiços, tinham chegado a suspeitar na mais mal agoirada hora, em que a imaginação lhes ennegrecia o terror.

São, pois, onze horas da noite, anterior ao medonho 14 de outubro. A scena, a que o leitor vae assistir, passa-se no quarto de dormir do abbade de Jazente — quarto, como se póde bem imaginar, perfumado e arrebicado com todo o luxo, com todas as commodidades e com todos os aromas, que a época então conhecia,

O quarto era uma pequena sala com alcova. Dentro d'esta, que tinha abertas de par em par as portas de vidros, estava a cama do poeta — de ma-

gnifico pau preto, luzente como o setim, e sobre a qual se erguia em finissimos columnelos, lavrados em espiral, um sobrecéu, de que pendiam magnificas cortinas de seda, com franjas entremeadas de fios de oiro. As cortinas estavam cerradas, mas não tão unidas, que não deixassem entreaberta sufficiente para vêr-se, que sobre a cama estava lançado um homem, que parecia dormir profundamente, mas cujo somno devia ser agitadissimo, a julgar pelos movimentos convulsivos, com que, de espaço a espaço, fazia oscillar o leito.

Paulino Cabral passeava agitado de um lado para o outro da casa — pallido, com os sobr'olhos carregados, as feiçoens contrahidas e as mãos atraz das costas. Estava sem cabelleira, e o cabello, que tinha cortado curto, trazia-o descuidado. Trajava uma sotaina de panno preto, não muito fino, e, em logar do apurado sapato de fivella á *la Chartre* e de salto esguio e alto, que costumava usar, calçava n'esta occasião umas botas

Sentados junto de uma meza redonda, que havia no meio do quarto, e sobre a qual ardiam umas poucas de vélas de cêra n'uma serpentina de prata, estavam dois outros personagens. Eram dois padres jesuitas. Um d'elles era já de edade, e tinha o aspecto grave e significativo de altas qualidades de profundo pensador, e de homem resoluto e capaz de pôr em pratica as resoluçoens, que pensadamente tomasse. O outro era mais moço, e ainda o parecia mais do que o era na realidade. Era homem que passava dos cincoenta annos, mas que parecia ter apenas quarenta. Era alto, e de corporatura elegante e bem talhada. O rosto reluzia-lhe com todo o fogo da intelligencia, e ao mesmo tempo deixava vêr a indifferença cynica e soberba do homem nascido em alta posição, da qual por mais de uma vez abusara nos impetos de um caracter inquieto e nos lances de uma vida devassa. Tão auctorisadas eram as feiçoens do outro jesuita, como as d'este eram repellentes pela expressão de sarcasmo e de cynismo, que reflectiam. Os

gestos e o porte dos dois companheiros condiziam em tudo e por tudo com a expressão das feiçoens. O primeiro estava sentado socegadamente, e, quando falava, dava força ao que dizia mais com a luz, que lhe irradiava dos olhos e com a expressão da physionomia, do que com gestos e meneios. O segundo era pelo contrario; a posição que tomára na poltrona onde estava sentado, a gesticulação com que de quando em quando acompanhava o que dizia, o sorriso sarcastico e a expressão zombeteira dos olhos que apparecia ainda antes das palavras lhe sahirem da bôcca, tudo o afigurava mais um devasso da côrte desfarçado em jesuita, do que verdadeiro socio da Companhia de Jesus. Comtudo havia um não sei quê de malicia e de actividade no rosto d'aquelle homem, que bastava olhar para elle uma vez para se ficar conhecendo que debaixo d'aquella apparencia de estouvamento e de leviandade cynica havia alguma coisa que era mais para temer, que a energica sisudez do outro. Sentia-se instinctivamente n'elle um homem de acção e dotado da fertil imaginativa dos expedientes; sentia-se um caracter pertinaz e de ferro, que, no conseguimento de fim emprehendido, não parava deante de consideraçoens algumas, não soffria do mal da consciencia, porque consciencia era coisa que elle não tinha.

O mais velho d'estes homens era o reitor do collegio dos jesuitas do Porto, collegio que os antigos padres da Companhia fundaram, não sei com que fim, no mais fundo das entranhas do velhissimo burgo de D. Moninho Viegas. O outro era um simples religioso d'ella. Nuno da Silveira, que assim se chamava, era filho segundo de uma das mais antigas casas titulares de Lisboa. A vida d'este homem era enredado tecido de crimes e de devassidoens. Encetara primeiro esta carreira em Lisboa, depois em Paris, onde viveu por mais de dez annos, e onde, entre os devassos da côrte de Luiz xv, era respeitado como o representante das mais dissolutas tradiçoens da regencia. Naturalmente bellicoso, apaixonou-se

pela vida militar, e batalhou em toda a parte onde houve guerra durante os vinte e tantos annos que esteve ausente de Portugal. Ao cabo d'elles voltou e fez-se jesuita. Este passo não foi porém resultado de uma conversão. Nuno da Silveira escarnecia das virulencias fanaticas do Padre Malagrida e do beaterio insensato de D. Leonor de Tavora. Não bateu portanto ás portas de S. Roque por suggestoens da consciencia. Fez-se jesuita, porque já não sabia o que havia de fazer de si na vida secular, porque estava aborrecido do conflicto dos prazeres d'este mundo, porque odiava Sebastião José de Carvalho, e porque a campanha, travada entre o ministro e a Companhia, offerecia-lhe campo de batalha de completa novidade para elle, e onde podia exercer á vontade a actividade, a pertinacia e a fortissima inventiva, de que Deus o dotara. Os jesuitas tinham conhecido o que valia um homem d'esta tempera, e que reunia ás qualidades do espirito a nobreza do sangue e a influencia das mais altas tradiçoens genealogicas. A entrada de Nuno da Silveira na ordem foi, pois, festejada como acontecimento importante. Talvez que em outra occasião as portas da casa professa de S. Roque se tivessem fechado na cara do grande devasso, incapaz de disciplina e de se submetter á cega obediencia dos estatutos da ordem; mas na crise presente saltou-se por cima de todas as consideraçoens, e Silveira foi recebido com os braços abertos, elle e as suas excentricidades, má reputação e espirito insubordinado.

Tal fôra e era ainda o padre Nuno da Silveira. O sorriso sarcastico, a que o habituara o cynismo, que se lhe apossára da alma, não o abandonava nunca, por mais graves e mais angustiosas que fôssem as circumstancias, em que se encontrasse. A presente occasião offerecia mais uma prova de quanto o sentimento estava callejado n'elle. A scena, que se estava passando em casa do abbade de Jazente, irradiava toda a uncção da angustia afflictiva, que esmaga os espiritos mais fortes. Na cama debatia-se um ho-

mem em convulsoens de agonia; Paulino passeava agitado por pensamentos dolorosos; e o reitor assistia a estas angustias sereno e grave, mas melancolico e pensativo como quem partilhava os soffrimentos de que era espectador. No meio de tudo isto o padre Silveira ia alliviando com toda a fleugma e com todo o appetite um taboleiro cogulado de trouxas d'ovos e de toucinho de ceu, que estava em cima da meza, e ajudava estas gulodices a descerem-lhe ao estomago, fazendo frequentes arremetidas a uma garrafa de vinho da feitoria, que approximara para junto de si.

Era profundo o silencio dos circumstantes. Por fim o reitor reparou no procedimento do Padre Silveira.

— Padre Nuno, desculpe — disse-lhe por fim a meia voz — mas olhe que não vá ser de mais. Bem sabe que a occasião é grave, e que precisamos de todas as nossas faculdades mentaes...

— Não tenha cuidado, padre reitor — respondeu elle, avolumando mais o seu sorriso sarcastico e sem desfitar o taboleiro, sobre o qual estava de mão alçada, entretanto que escolhia com os olhos — não tenha cuidado. Este é um velho conhecimento e amantissimo familiar. Creia, reverendissimo, que esta roupeta não fez em Nuno da Silveira outra mudança mais do que passar o amor que elle teve ás coisas mundanas, para os interesses e para a prosperidade da Companhia de Jesus. No mais sou o mesmo homem.

— Isso creio eu piamente — replicou o reitor, sorrindo — mas por isso mesmo é que eu quizera que vossa reverendissima tivesse agora mais em vista a gloria da nossa Companhia...

E ao mesmo passo que rosnava estas palavras, o jesuita passou significativamente os olhos por Paulino Cabral, e depois fitou-os um momento na alcova.

Nuno da Silveira meneou brandamente a cabeça, e respondeu, avivando mais o sorriso e depois de esvasiar mais um copo de vinho:

— Percebo, percebo; mas torno a dizer, não tenha cuidado. Aquelle homem que alli jaz deitado, se, por ventura, estivesse em estado de reparar em alguma coisa, quando fitasse os olhos em mim, não via um padre da Companhia, via um homem que elle sempre conheceu, sempre o mesmo homem. Aquelle é um camarada de outros tempos, discipulo em verdade fraquissimo da minha escola, mas que em fim, se não era capaz de me seguir no arrojado dos feitos, era capacissimo para os admirar, e por fim admirava-os por habito. Creia-me, padre reitor, se aquelle homem me fitasse agora, as recordaçoens de outros tempos não lhe consentiam vêr a roupeta, mostravam-lhe sómente a minha cara.

— Mas isso passou, e bem sabe...

— Percebo, percebo — continuou o padre Silveira, meneando a mão com gesto de socegar o companheiro — Vossa reverendissima refere-se á ultima missão d'elle?... Percebo, percebo; mas creia que deante de mim, e que para commigo o emissario de Sebastião de Carvalho ao santissimo padre Benedicto XIV e ao excommungado Choiseul, não póde ser outra coisa mais do que D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal. E até, padre reitor, se assim não fôra, bem vê que seria absurda a vinda de dois jesuitas aqui. De mais veja bem o estado em que está aquelle pobre homem!... Agora não póde vêr coisa alguma d'este mundo. Repare, repare — accrescentou, apontando para o leito, que n'este momento extremecia sacudido por violenta convulsão, que repentinamente agitara o homem que estava deitado.

O padre reitor fez um gosto de impaciencia, e que bem demonstrava o esforço que lhe era preciso fazer para soffrer a sangue frio este cynico quebrantamento da tradicional obediencia e humildade da ordem para com os superiores; e, voltando-se para Paulino Cabral, que parára junto do leito, por entre cujas cortinas vigiava, disse com certa anciedade:

— Fr. Antonio tarda, senhor abbade; haveria por ventura algum embaraço?...

— Não ha motivos para o temer — replicou o poeta com aspecto melancolico — Como sabe, padre reitor, o guardião dos franciscanos é intimo amigo do conde, e fr. Antonio serve-o com toda a dedicação de um velho creado.

— Comtudo, Paulino — disse o padre Silveira — o negocio vae-se complicando um pouco. É quasi meia noite, e, ás tres horas temos de ir render os padres que estão na Relação. Eu não sei a confiança que o conde deve depositar no guardião do convento de S. Francisco; mas, aqui para nós, isto de franciscanos é fraca gente, gente de cordel e sapata. Demais os reverendos estão um pouco azedados pela preferencia que os condemnados deram aos padres da Companhia. Só dois d'elles quizeram morrer agarrados aos cordoens dos masmarros de S. Francisco; todos os outros foram bater ás portas do nosso collegio.

— Mas isso que faz ao caso, Nuno da Silveira? — disse Paulino em tom duro e enfastiado.

— Ui, dom abbade! — replicou o jesuita, depois de esvasiar um outro copo do velho feitoria — A modo que sua mercê está soffrendo n'este momento de miopia intellectual. Que tem! Repara bem, poeta. Suppõem como coisa possivel, que os franciscanos se querem vingar dos padres da Companhia. Nada mais facil na actualidade, se os jesuitas fôssem tão alarves como os filhos do bemaventurado S. Francisco. A coisa era simplissima; era demorar fr. Antonio o tempo preciso para que os padres da Companhia se desauctorisassem aos olhos do vulgo, apparecendo tarde e a más horas juuto dos condemnados, que lhes pedem as suas consolaçoens espirituaes. Que prova de falta de amor do proximo! Que indifferença pelas agonias dos padecentes! Olhem que aquelles masmarros são capazes de tudo; e por isso se o tempo apertar, padre reitor — continuou, voltando-se para elle — sou de voto que não devemos sacrificar a boa fama dos padres da Companhia de Jesus.

Paulino Cabral relanceou o jesuita com olhar de ironia e de desespero.

— Queres dizer, Nuno, que entendes que deves partir, embora fiquemos nós, e embora a vossa deserção faça falhar todos os nossos planos — respondeu o poeta — Não tenhas, porém, receio; fr. Antonio não póde tardar. Os franciscanos não são tão maliciosos como a tua imaginação os suppõe. Habituaste-te a julgar por ella a humanidade, desconfias de tudo, e essa desconfiança ha de fazer-te muitas vezes dar passos, que não abonarão muito lisongeiramente a clareza da tua razão.

O padre Silveira sorriu-se.

— Eu nunca me tive por esperto — replicou — por isso não admira que tombe, onde os espertos escorregam. Mas, mudando de assumpto, Paulino — accrescentou, acompanhando estas palavras com um sorriso de sarcasmo e de malicia — sabes que ainda me não pude acostumar á ideia de que D. Francisco da Cunha não fôsse capaz de desprender das garras de Sebastião de Carvalho o homem, que tanto a peito tem em salvar? É para mim incomprehensivel! A omnipotencia de Alvaro Martins sobre aquelle villão, que Deus confunda — e perdoe-me o meu padre S. Ignacio, mas praguejo com a consciencia de que não blasphemo — é geralmente admirada. Eis senão quando Alvaro Martins corre, vôa de Pariz, onde, por ordem de Sebastião de Carvalho, estava combinando com Choiseul a ruina dos jesuitas: chega, dirige-se ao monstro, pede, exora, exige a vida de um homem que estremece como filho: e apesar d'elle, esse homem sóbe ao oratorio, e deve ser enforcado ámanhã, se Alvaro Martins o não salvar das mãos do carrasco com o auxilio dos padres da Companhia. Por vida minha, Paulino Cabral, não comprehendo!...

O abbade de Jazente não respondeu palavra.

— Padre Nuno — disse o reitor, carregando o sobr'olho — peço-lhe encarecidamente que não avive n'esta occasião desgostos. Agora a nossa missão é ajudar o conde do Sardoal a salvar aquelle pobre rapaz, a arrancar uma victima á ferocidade do malvado, que governa o animo fraco de el-rei D. José.

Nuno da Silveira soltou uma grande gargalhada, e fitou com ironia o velho jesuita.

—A nossa missão é ainda mais vasta do que isso, padre reitor—disse por fim—a nossa missão chega mais longe, muito mais longe do que vossa reverendissima imagina. Creia, meu padre, que isto é zero no meio do que nos cumpre fazer para salvar a Companhia. Arrancar um homem das mãos do carrasco d'aquelle villão é coisa que pouco interessa á nossa Companhia. Ri a humanidade; mas os padres de S. Ignacio não lucram coisa alguma com a desfeita, que vae soffrer o villão. Depois d'ella Sebastião de Carvalho ficará o mesmo Sebastião de Carvalho, e a Companhia de Jesus a mesma que d'antes era. A nossa missão tem balisa mais alta e mais grandiosa. O penedo já oscilla no alto da montanha. Domina-o a vontade dos jesuitas; e, no ultimo apuro, rolará impellido por nós, e esmagará debaixo de si reis, ministros e até povos. Ai d'elle, ai d'elle, padre reitor, ai do villão que ousa cuspir nos pergaminhos da nobreza, e ai do rei fraco que se rebaixa até metter a cabeça debaixo das solas dos sapatos do filho de villoens! A Companhia não lhe imitará a abjecção... Nós mandamos nas quatro partes do mundo—exclamou elle de repente, batendo com o pé na casa—não obedeceremos aqui.

De repente callou-se, e, voltando-se para Paulino Cabral, disse-lhe estendendo-lhe a mão:

—Abbade de Jazente, se alguma das minhas palavras te offendeu, franca e lealmente te peço perdão. Mas agora pertenço á Companhia de Jesus, e a Companhia de Jesus sustenta hoje luta de morte com o algoz dos desoito desgraçados, que devem ser justiçados ámanhã. D'esta lucta alguem ha de sahir vencido. Ai da Companhia, se Sebastião de Carvalho conseguir dominar o papado e a França; mas ai de Sebastião de Carvalho, entretanto que houver um fidalgo portuguez, e entretanto que houver um homem, que traje a roupeta dos filhos de S. Ignacio de Loyola. Desculpa-me pois se com alguma palavra te

offendi; mas acredita que me sahiu sem intenção dos labios, e que o padre Nuno da Silveira tem o animo tão prompto, e está tão decidido a auxiliar-te, como no tempo em que arriscava a vida a qualquer lance estouvado da sorte, por que a vida d'elle não era então precisa á salvação da Companhia de Jesus. Prometti-te sómente auxiliar os franciscanos para te introduzirem a ti e ao conde junto do malfadado Manoel da Costa; mas, se no lance arriscado que ides commetter, fôr necessario mais um braço, repara bem — accrescentou, abrindo a roupeta e mostrando um par de pistolas que trazia á cinta por baixo d'ella — o braço está prompto, e as armas como vês, não estão a muita distancia.

Paulino Cabral apertou affectuosamente a mão, que o jesuita lhe estendia.

— Obrigado, Nuno — respondeu elle — agradeço-te por mim e por D. Francisco. Mas, querendo Deus, não será preciso comprometter-te. E eu tenho esperança que Deus o ha de querer; porque, para tentar esta empreza, temos motivos taes que me parece impossivel que Deus nos abandone.

O reitor dos jesuitas tinha seguido este dialogo, cravando vista d'aguia nos dois interlocutores d'elle. Por fim disse pausadamente:

— Snr. abbade, do que se acaba de dizer, percebo que o snr. conde de Sardoal pretende alguma coisa mais do que communicar com aquelle infeliz...

— E vossa reverendissima — interrompeu Paulino Cabral, fitando-o sevéramente — negar-nos-ha por isso a coadjuvação que nos prometteu?

— Não, snr. abbade — replicou gravemente o jesuita — mas desejo saber a que aventuro os padres da Companhia, por que não quero passar pela covardia de ficar em salvo, entretanto que elles arriscam as vidas, desafiando a ira e o poder de Sebastião de Carvalho em serviço do snr. conde do Sardoal.

O poeta ficou um momento pensativo.

— Vossa reverendissima tem razão, padre reitor — disse por fim — e confesso-me em verdade culpa-

do por lhe não ter desde logo participado o nosso segredo. Perdoe-me vossa reverendissima, mas não foi por falta de confiança. N'esta questão os interesses da Companhia de Jesus caminham a par com os interesses do conde do Sardoal. Desejamos todos abater o terrivel ministro. Abatel-o-hemos aqui; será obrigado a confessar que a sua omnipotencia pára no ponto onde ella transforma a justiça em capricho.

Paulino Cabral callou um momento, e o padre Silveira sorriu com ironia.

—A nossa empreza—disse minutos depois, o poeta—é salvar da forca o sargento Manoel da Costa, e o plano formado para o levar a effeito, é o seguinte. O conde, disfarçado em franciscano, acompanhará fr. Antonio ao quarto, onde formaram um dos oratorios, e no qual, a peso de ouro, comprámos do carcereiro o ficar só o nosso protegido. Pegado a elle está outro oratorio; n'esse estarei eu com Nuno da Silveira, e á porta d'esse me conservarei. Entretanto o conde terá entregue ao sargento as armas de que ha de ir munido; e depois sahiremos todos tres de subito com a espada em punho, e, aproveitando-nos do panico d'esta arremettida tão audaciosa como inesperada, abriremos caminho até á porta, onde nos estará esperando o creado Pedro com cavallos, que não sejam faceis de alcançar na carreira. Apenas sobre elles, fugiremos a toda a brida; e Deus será depois comnosco, será comnosco. E se não fôr, morreremos... mas morreremos todos.

Ao terminar estas palavras, Paulino Cabral recomeçou agitado o passeio de um para outro lado da sala. O padre Silveira ria entretanto com sorriso tão cynico e tão sarcastico, que bem demonstrava que as nobres palavras, que ha pouco pronunciára, eram mais resultado do genio ardente e volteiro, que Deus lhe déra, do que de generosos sentimentos, que de quando em quando lhe revivessem na alma.

O velho jesuita esteve por alguns minutos calado.

—Deus ha de abençoar-lhes a empreza, snr.

Paulino Cabral—disse por fim—porque a intenção é justa e santa. Quando as leis esmagam a humanidade, a humanidade tem direito de resistir ás leis. Oxalá que podessemos salvar todos os outros infelizes.

N'esta occasião sentiu-se abrir a porta da rua, e d'ahi a pouco um franciscano, homem já de edade, alto, magro, e de rosto austéro, entrou para dentro da sala, trazendo sobraçado um habito da ordem.

—Fr. Antonio, está tudo prompto?—perguntou anciosamente Paulino Cabral.

—Agora mesmo estavam a sahir do convento os dois padres da minha ordem, que, segundo se convencionou, hão de esperar em Bellomonte os padres da Companhia. São horas; não podemos perder tempo, é preciso partir.

O franciscano moveu se então em direcção da alcova, mas antes de ter dado dois passos, sentiu-se saltar abaixo da cama o homem, que estava deitado, e em seguida desviou as cortinas, e appareceu no meio d'ellas.

Era o conde de Sardoal—pálido como um cadaver, com os cabellos em desordem, e os olhos encovados e luzentes como duas tochas. Apenas deu com os olhos no frade, dirigiu-se serenamente para junto da serpentina, tirou da algibeira um dos relogios, e, depois de o consultar, disse em voz sêcca, mas firme:

—Fr. Antonio, trouxe o habito?

—Eil-o aqui, snr. conde—respondeu o frade respeitosamente.

D. Francisco envergou n'um momento o habito que fr. Antonio lhe entregou; depois metteu debaixo d'elle duas espadas, que estavam sobre a meza, lançou o capuz para deante do rosto, e disse em voz de quem está affeito a mandar:

—Já deu meia noite; partamos, meus amigos.

Paulino Cabral lançou aos hombros uma capa e poz na cabeça um chapéu egual aos que os jesuitas traziam; depois metteu debaixo da capa uma espada, e seguiu com os religiosos apoz o conde do Sardoal.

XXI

Eu que sempre exp'rimentei
Em tudo o que commetti
Aventura contra mi,
Pergunto se a buscarei?

F. Rod. Lobo. *O pastor peregrino.*

O oratorio da velha Relação do Porto era pequeno para o grande numero de condemnados, que a alçada havia sentenciado á morte. Para obviar a este inconveniente, José Mascarenhas deu ordem que se armassem em oratorios quatro prisoens, que mandou esvasiar, e por ellas fôram distribuidos os desgraçados, que tinham de se preparar para morrer.

O quarto onde estivera D. Bartholomeu de Pancorvo, foi um dos preparados para este fim; e n'elle foi recolhido Manoel da Costa, que, ao achar-se só, reputou o isolamento mais uma tortura inventada pela vingança de José Mascarenhas. Comtudo o escrivão da alçada em nada contribuira para isso. Manoel estava só, mas é porque o conde do Sardoal quizera que elle ficasse só, e, para o conseguir, comprára o carcereiro a peso de ouro.

Quasi todos os condemnados tinham pedido padres do collegio para lhes assistirem n'aquellas derradeiras horas da vida. Apenas dois, Manoel e Tho-

maz Pinto, requereram padres de S. Francisco. Os religiosos das duas ordens tinham corrido ao chamamento d'aquelles desgraçados, e não os tinham desamparado desde que lhes havia chegado a noticia de que eram requeridos por elles. Para poderem presenciar com animos inteiros aquella terrivel agonia de quarenta e oito horas, decidiram revezar-se uns aos outros, uma vez de dia e outra de noute. A's tres horas da noute devia chegar a ultima turma, aquella que tinha de acompanhar os sentenciados ao logar do supplicio.

As tres horas bateram por fim, e minutos depois os religiosos appareceram, e dividiram-se pelos differentes oratorios. Dois franciscanos, com os capuzes descidos sobre os rostos, entraram para dentro do oratorio, em que estava Manoel. Ao vêl-os chegar, os frades, que até alli o acompanhavam, levantaram-se. Manoel ajoelhou então, e elles abençoaram-n'o. Depois o moço sargento conduziu-os cortezmente á porta, e despediu-se d'elles, abraçando-os.

Ao voltar para dentro, Manoel encontrou os dois recem vindos, em pé um ao lado do outro, no meio da casa. Tinham ambos ainda os capuzes descidos. O moço sargento chegou-se a elles, e beijou-lhes as mãos com fervor e com piedade.

Manoel estava pallido, mas sereno; mostrava que estava sentenciado a morrer, mas tambem mostrava que não tinha receio da morte, nem sentia saudades da vida. A humildade das suas acçoens era puramente religiosa; no mais estava tão firme e tão direito como se tivesse no dia seguinte, não de subir a um patibulo, mas sim de se erguer sobre um throno.

Depois de beijar piedosamente as mãos dos dois religiosos, Manoel ajoelhou deante d'elles.

— Padres meus — disse então serenamente — abençoae-me, como vossos irmãos tambem me fizeram; e, pois que sois os destinados a acompanhar-me até ao meu ultimo instante, fazei-me a caridade de me ouvir de confissão. A vós, que representaes

n'este mundo a misericordia d'aquelle, perante cuja justiça tenho de comparecer em poucas horas, cumpre que eu revele todo o meu passado, para que a vossa absolvição me anime a esperança de que no terrivel tribunal do alto juiz serei tratado misericordiosamente.

— Irmão — respondeu um dos franciscanos — a misericordia do Senhor é infinita, e o homem, até o momento extremo, não deve abandonar a esperança. Padre meu — continuou, voltando-se para o companheiro — vá vossa paternidade ouvir por caridade a confissão d'este afflicto, que implora as consolaçoens dos ministros do Senhor.

Assim dizendo, tocou no hombro do outro frade, que estava immovel como estatua, e apontou-lhe ao mesmo tempo para uma cadeira, collocada a pequena distancia do altar, que provisoriamente tinha sido armado. O frade estremeceu, e dirigiu-se machinalmente para o logar indicado.

Manoel beijou com gratidão as mãos do frade que falára, e que havia lançado para traz o capuz; e depois foi pôr-se de joelhos deante do que estava sentado, e que ainda se não tinha descoberto. Ao vêl-o ajoelhar, o franciscano que se descobrira, tomou uma cadeira, e foi sentar-se a distancia, quasi no limiar da porta.

Manoel persignou-se, e disse em voz alta e sonora o acto de contricção.

— Padre — disse por fim, abaixando a voz — antes que vos narre a historia da minha vida, e que exponha os meus erros á vossa censura e á vossa misericordia, permitti-me que vos faça uma pergunta sobre uma duvida, que me traz abalado o espirito, e que ha mezes me tortura a alma. Por ventura são os filhos responsaveis pelos crimes dos paes? Por acaso a justiça recta e inteira do Senhor pune no filho do crime a culpa, de que foi resultado involuntario?

Manoel parou, mas o frade nem se descobriu nem respondeu. O moço sargento esperou alguns m

nutos, e depois cravou os olhos n'elle com anciedade e com impaciencia.

—Padre meu—disse por fim—esta pergunta não é ociosa. Se por ventura é crime o não poder acreditar que Deus fulmine o homem por culpas de que é innocente, e de que mesmo foi victima, o mais grave peccado de que tenho a accusar-me, é não o crêr. Tenho ouvido dizer que Deus pune nos filhos os crimes dos paes. Eu não o acredito. Se assim fôsse, Deus não seria o sol da justiça, e no céu commetter-se-hia um crime que a terra condemnaria com horror. Padre, dizei-me: tal asserção é falsa, é dicto desasisado do vulgacho, não é assim?

O frade estremeceu, mas não deu resposta. Manoel fitou-o com angustiosa anciedade.

—Eu sou filho de um crime, padre meu—exclamou então—A minha existencia tem corrido envolta n'um mysterio, que nem agora, a poucas horas do momento extremo, revelarei a ninguem. Padre, respondei-me: por ventura o filho da adultera, o homem cujo nascimento infelicitou uma familia inteira, e causou a morte de uma mulher innocente, é responsavel perante Deus por estes crimes? Padre, padre, respondei-me, por caridade.

O frade estremeceu convulsivamente, deu um gemido, e apertou os punhos cerrados contra o peito. Manoel fitou o com espanto, recuou, levantou-se, depois lançou-lhe rapidamente a mão ao capuz, e descobriu-o.

Deante d'elle estava o conde do Sardoal—pallido como um cadaver e com os olhos a luzirem com a luz da agonia, que o estava ralando.

Manoel recuou espantado; depois fitou-o um momento com a mais viva expressão de affecto e de gratidão, e por fim arrojou se lhe nos braços.

—Alvaro... Alvaro...—balbuciou o pobre moço, apertando-o contra o coração.

O conde poz-se de pé, e arredou-o de si.

—D. Luiz—disse então soberanamente—tenho aqui duas espadas. Lá fóra Paulino Cabral aguarda

ancioso um signal de fr. Antonio. Pedro espera-nos com cavallos á porta do Olival. Cumpre abrir caminho por meio d'esses guardas. É preciso fugir; não ha tempo a perder.

Assim dizendo, tirou debaixo do habito as duas espadas, e entregou uma a Manoel. Este aferrou-a com anciedade e o rosto resplandeceu-lhe de alegria. O conde dirigiu-se então direito á porta, e o moço sargento seguiu apoz elle. De repente parou, e fez parar o amigo, poisando-lhe a mão sobre o hombro.

— Snr. D. Francisco da Cunha — disse então serenamente — antes de arriscar nobremente a vida pela liberdade, cumpre a v. exc.ª me responda a algumas perguntas que devo fazer-lhe, e sem a resposta das quaes não devo adeantar mais um passo.

— O tempo urge, D. Luiz; mais tarde...

— Mais tarde é impossivel — continuou o moço.—A honra exige de mim que eu as faça aqui n'este logar.

Assim dizendo, voltou para dentro, e foi collocar-se junto da cadeira, onde D. Francisco estivera sentado.

— Sentemo-n'os — disse então placidamente — o que tenho a dizer é assumpto para poucos minutos; e para salvar-me ainda temos muitas horas. O dia ainda vem longe.

D. Francisco sentou se machinalmente, e sem poder desfitar os olhos d'aquelle homem, que parecia comprazer-se em brincar com a vida e sobre tudo com as torturas, porque elle estava passando.

— Diga-me, sr. conde — começou por fim o sargento — não é verdade que Alvaro Martins exerce sobre o ministro de el-rei D. José um poder illimitado?

— Assim dizem — respondeu em voz sumida D. Francisco.

— Então porque é que Alvaro Martins, entregou á espada do conde do Sardoal o que uma palavra d'elle podia conseguir sem perigo?

D. Francisco não respondeu por alguns momen-

tos; depois disse lhe em voz afflicta e supplicante:

— D. Luiz.. D. Luiz, a justiça de Deus cégate, para me punir com a tua perdição. Desgraçado, matas te, e matas-me.

— Perdoe-me, snr. conde, mas v. exc.ª, se pensar, ha de vêr que é a honra que exige de mim que faça estas perguntas. Eu sou filho de Sebastião de Carvalho. Qual é pois a razão porque o conde do Sardoal entende que é a sua espada que me deve arrancar das mãos do carrasco, e não o amor de meu pae, os remorsos do homem que foi assassino da honra de D. Leonor da Cunha?

D. Francisco, durante este intervallo, tinha vencido a agitação, que lhe enfraquecia o espirito.

— D. Luiz — disse por fim em voz firme — Sebastião de Carvalho está convencido de que as obrigaçoens de um ministro de estado devem ser superiores ás affeiçoens de um pae.

— Não o entendo, snr. conde.

— Ha quatro dias que cheguei a Lisboa — continuou D. Francisco — Uma carta de Paulino Cabral fez me saber que a alçada ia erguer forcas no Porto, e que a tua vida era das mais ameaçadas. Corri por cima de todas as difficuldades, e cheguei por fim a Lisboa. Mal chegado, soube que a sentença da alçada já estava no poder do ministro, e que tu estavas condemnado a morrer. Fui ter immediatamente com elle.

— «Sebastião de Carvalho — disse-lhe eu — venho pedir-te a vida d'um homem.

— «Quem é? — perguntou elle.

— «É um dos sentenciados pela alçada do Porto.

— «Como se chama?

— «Manoel da Costa».

— O ministro folheou os autos, demorou-se a reler o que já tinha lido, e respondeu-me:

— É impossivel, amigo; esse homem foi um dos chefes do levantamento do Porto, foi o mais saliente da revolta. Foi elle quem arrombou a machado as portas do provedor da Companhia.

—«Amigo — repliquei — agradeço-te o recordares-me que a minha obrigação não é pedir só a vida de Manoel da Costa, mas a vida de todos os condemnados pela alçada. Sebastião de Carvalho, illudem-te. O levantamento do Porto não passa de um motim de populacho embriagado. A pena de morte está muito distante da culpa commettida. A sentença da alçada é um crime monstruoso. O que te acabo de dizer, sei-o de consciencia certa, e assevero-t'o com a minha palavra de honra.

— Sebastião de Carvalho fitou me com serenidade.

—«D. Francisco — disse-me por fim — estimo-te como nm irmão, e respeito a fidalguia dos teus sentimentos. A tua palavra vale para mim tanto ou mais do que a palavra de el-rei; mas n'este negocio não devo ser outra coisa mais do que o ministro das mercês de el-rei, nosso senhor; e como tal não devo fazer obra senão pelas informaçoens dos ministros, que sua magestade houve por bem nomear para devassarem do indigno e audacioso atrevimento do populacho do Porto.

—«Mas illudem-te, ministro das mercês — bradei-lhe eu — A alçada não passa de ser um phantasma: a alçada, o verdadeiro tribunal é um villão que por motivos de vingança propria e para allegar serviços deante de ti, quer fazer-te acreditar revolução audaciosa o que pouco mais foi do que arruido de feira. José Mascarenhas é um grande infame, sem honra nem coração. Para se tornar benemerito, avultou até ás proporçoens da pena de forca o que na realidade pouco mais merecia do que a pena de alguns dias de cadeia; e para se vingar de Manoel da Costa, que um dia lhe avergalhou as faces n'uma rua publica, envolveu-o entre os criminosos, e vinga-se com o poder que lhe confiaste, visto que não pôde vingar-se com a espada.

—«Amigo — respondeu me depois de breve pausa — tu esqueces que sou ministro d'el-rei. Como Sebastião de Carvalho estou prompto a fazer por ti o

que a honra me não prohiba que faça; como ministro não devo fazer senão aquillo que os deveres do meu cargo consintam. A alçada sentenciou este homem; e eu não devo calcar aos pés a sentença da alçada. Céga-te a amisade que lhe tens, e céga-te a ponto de acreditar José Mascarenhas capaz de um crime, que me parece que ninguem ousaria commetter em Portugal. Infelizmente, porém, não posso attender ao teu desejo. A devassa prova exuberantemente o crime do teu protegido, e todo o Porto o presenciou. A lei condemna este homem á morte; e a lei está acima dos dictames das minhas affeiçoens. É um homem irremediavelmente condemnado. O meu dever, a auctoridade das leis, e o respeito devido a el-rei prohibem-me salval-o por amor de ti.

— Sebastião de Carvalho disse-me estas palavras com tal entoação, que conheci que era impossivel vencer-lhe a resistencia.

— «Mas nem eu... nem tu devemos deixar enforcar aquelle homem — bradei então, inspirado pela agonia do desespero.

— «E por quê?— replicou elle gravemente.

— «Por quê?— respondi eu — Porque é o filho de D. Leonor da Cunha.

— A estas palavras Sebastião de Carvalho soltou um grito terrivel, e deixou cahir a cabeça sobre a meza, a que estava sentado. Depois levantou-se, e mostrou-me o rosto contrahido e coberto da pallidez dos mortos.

— «D. Francisco — disse-me elle rudemente — perdôo-te o mal que me fizeste com essa revelação, perdôo-te a agonia a que me condemnaste a vida de hoje por deante. Devias lembrar-te que sou o ministro de el-rei e que um homem, a cujo cargo estão os destinos de uma nação, não deve ter consideraçoens nem affectos. Paes, filhos, amigos, todos para elle valem tanto como qualquer outro homem. Este é o dever que o cargo lhe impõe; e Sebastião de Carvalho é incapaz de faltar ao seu dever, é incapaz de

sacrificar a nação aos interesses das suas affeiçoens particulares.

— Depois ergueu-se, tomou a sentença que tinha deante de si, e, correndo á porta do gabinete, chamou em altos brados o seu moço da guarda roupa, e ordenou-lhe que immediatamente a remettesse á alçada por um proprio.

—«Agora — disse elle, voltando para dentro — arranca da espada que tens á cinta, e vinga D. Leonor da Cunha.

— Eu estava tremendo de raiva; mas ao mesmo tempo assombrado de respeito deante de tão alta austeridade.

—«Não — respondi-lhe por fim — vive... vive para seres eternamente desgraçado, e para testemunhares o que a justiça de Deus é capaz de fazer pelo meu braço.

D. Francisco poz se de pé, e depois exclamou, esforçando-se por fazer erguer o moço sargento:

— Fujamos, fujamos, D. Luiz; fujamos emquanto é tempo. O ministro de el-rei D. José condemna-te á forca; mas Sebastião de Carvalho deseja que fujas. Fujamos, fujamos.

— Não — respondeu placidamente o moço — eu não saio d'aqui. Quero morrer enforcado.

— D. Luiz, enlouqueceste?

— Falo com perfeita consciencia do que digo, snr. D. Francisco. A honra e a vingança mandam-me que me deixe morrer n'uma forca.

— Louco!... louco!...—exclamou o conde fóra de si—Que significam essas palavras? Que vingança é essa de que falas? Que honra, que honra é essa? Que te ordena essa honra?

— Que legue a Sebastião de Carvalho e Mello o remorso de ter dependurado de uma forca o filho de D. Leonor da Cunha, da mulher de cuja honra elle foi infame assassino.

Manoel disse estas palavras com uma serenidade horrivel. D. Francisco encarou-o um momento com

a mais viva expressão de agonia e de dôr a irradiar-lhe do rosto.

— E por isso — disse finalmente em voz trémula — condemnas-me a beber até ás ultimas fézes o calix da minha desgraça! E por isso sacrificas á suprema agonia o homem que te creou como filho!

Ao dizer estas palavras, D. Francisco cahiu sobre a cadeira, onde, ha pouco, estivera sentado; cobriu o rosto com as mãos, e apesar dos violentos esforços que fez, não pôde impedir que a dôr se lhe despeitorasse em soluços e gemidos.

Ao vêr chorar pela primeira vez aquelle homem de ferro, Manoel estremeceu, e as lagrimas saltaram-lhe pelos olhos fóra. Atirou-se de joelhos junto d'elle e exclamou, apertando-lhe as mãos com força nas suas:

— Alvaro... Alvaro... meu amigo, meu bemfeitor, meu pae... meu verdadeiro pae... perdoa-me, perdoa-me, mas eu não devo viver.

— Que te faz odiar a vida, Manoel?

— Acaso, diz-me, tenho motivos para a estimar? Por ventura tenho tido durante toda ella uma hora de socego, de felicidade, de paz intima, de paz commigo? Que é o que posso antevêr no futuro? Não sou eu o filho da adultera? Não sou por ventura a causa da morte de D. Marianna de Alvim? Pensas que é possivel esquecel-o? Pensas que quem nasceu debaixo dos auspicios de tamanhas desgraças, tem direito a confiar no futuro? E queres que continue a viver assim? Ah! deixa-me morrer... deixa-me morrer com a consolação... com a unica felicidade a que posso aspirar n'este mundo. Deixa-me morrer, vingando a deshonra de minha mãe.

— Manoel, meu filho, meu amigo, filho do meu coração — exclamou o conde, tomando-lhe as mãos e apertando-as contra o coração — na tua edade, com a alma generosa com que Deus te fez nascer, o futuro é todo de esperanças e não de desesperos. A vingança mais nobre que pódes offerecer á memoria de tua mãe, é tornares-te por teus feitos tão famoso e

tão illustre, como o foram aquelles de que ella descendia. A Europa está em pontos de se incendiar em guerra pavorosa. Iremos procurar a gloria dos combates, serei teu companheiro...

— Não, não, Alvaro, é impossivel — exclamou o moço arrebatadamente — eu já não tenho futuro, eu nasci para morrer assim. E demais... eu devo morrer... devo morrer. Eu amo Laura de Abranches — accrescentou aqui em voz surda e como a medo — amo-a... amo-a como a amei, mais do que a amei .. com delirio, com frenesim, com raiva!... Alvaro... Alvaro, eu devo morrer... deixa-me morrer.

— Insensato! — exclamou D. Francisco severamente, e pondo-se de pé, com o rosto a resplandecer-lhe de espanto e de horror.

— Amo-a... amo-a assim — continuou Manoel fóra de si — Amo Laura... oh! amo-a... amo-a. Se vivesse, este amor, este delirio... eu sei lá até onde elle me levaria?... Queres que eu venha a ser um miseravel? Queres que eu venha a ser um villão abaixo de todos os villoens?... Queres-me ver réu de algum crime de quem a propria luz se envergonharia? Alvaro... Alvaro, deixa-me morrer; eu devo morrer.

— Morre... morre, desgraçado: morre que deves morrer — exclamou D. Francisco, arredando-se d'elle.

Depois dirigiu-se ao franciscano, que presenceava espantado esta scena.

— Fr. Antonio — disse-lhe com severidade magestosa — aquelle homem não póde, nem deve continuar a viver. Entrego-lh'o.

O frade levantou-se e dirigiu-se para onde Manoel estava ainda de joelhos e com o rosto occulto entre as mãos.

— Irmão — disse o franciscano — tenha animo. A bondade do Senhor é infinita; se n'este mundo a esperança se cerrou de todo para si, resta-lhe a da felicidade immarcessivel que se vive no mundo, onde a illimitada misericordia do Altissimo recompênsa aquelles que os homens repellem.

— Diz bem, padre, diz bem — balbuciou o condemnado, arrastando-se para junto do sacerdote — Aqui eu sou de mais... eu nasci para morrer assim.

D'ahi a pouco ouvia-se o cicío da confissão, em que o desgraçado despeitorava a agonia, que lhe dilacerava o espirito, e ouviam-se as consolaçoens de fr. Antonio, que o esforçava em nome do Deus da esperança, do Deus da misericordia sem limites.

O conde tinha ido sentar-se afastado a um dos cantos da casa. Correra o capuz para cima do rosto, cruzára os braços, e deixára pender a cabeça para cima do peito. Foi assim, immobil e silencioso, que passou aquella noite, que para tantos assimilhava o espaço instantaneo de um relampago.

Uma hora depois, Manoel conversava placidamente com o confessor, e lembrava-se, de que apenas tinha poucas horas de vida, com o sangue frio do homem verdadeiramente corajoso, e com a satisfação que sente o desgraçado, para quem a morte é a derradeira esperança de paz e de repouso.

XXII

Fique de tão cruel e féra historia
Para sempre no mundo esta memoria.

CORTE REAL. Nauf. de Sepulveda. Canto XVII.

Amanheceu o medonho dia 14 de outubro de 1757.

Dia de maior horror jámais raiára no Porto. Silencio profundissimo reinava em toda a cidade. Parecia que o anjo da morte a tinha fulminado com o extremo rigor da justiça de Deus, transformando a ruidosa e activa capital do norte do reino em enorme cemiterio, onde as casas se erguiam como cenotáphios de grande população extincta.

Desde a meia noite até o romper d'alva differentes bandos de serventuarios da Misericordia tinham percorrido, segundo o estylo, as ruas, pedindo oraçoens pelas almas dos condemnados. De quando em quando, á esquina ou no meio de uma rua, soava o tinido funerario de uma campainha, e uma voz bradava em tom lamentoso — «Rezae um padre nosso e uma ave-maria pela alma dos nossos irmãos, que hão-de padecer ámanhã.» — Mal raiou o sol, grande numero de irmãos da santa casa espalharam-se por toda a cidade, pedindo esmola para suffragios pelas almas dos padecentes. Os sinos da Misericordia come-

çaram então a dobrar a finados, e, minutos depois, todos os campanarios do grande numero de egrejas do Porto, dobravam no mesmo tom. Ao mesmo tempo uma grande multidão de aldeãos e de gente da ralé caminhava apressada para a alameda da Cordoaria, a vêr quem primeiro se apossava dos logares, d'onde melhor se podia presenciar a carnificina, e saciar d'esta fórma o instincto selvagem, que arrasta o populacho para as scenas de sangue.

Jámais condemnado havia sahido para o logar do supplicio antes das onze horas da manhã. Mas d'esta vez o grande numero que havia d'elles, e o extenso giro que a ferocidade de Mascarenhas tinhaor denado que déssem pelas ruas da cidade, em conformidade com o determinado pela sentença que elle proprio lavrára, obrigou a antecipar a hora da sahida da funebre procissão.

—A *obra* é muita e os carrascos são pouços — dissera placidamente o grande malvado — E' preciso que o prestito percorra, para exemplo, grande numero de ruas. *Elles* não hão-de caminhar muito depressa. Depois, enforcar e esquartejar dezesete, e açoitar os que têem de ser açoitados é obra para muitas horas. E' necessario que o prestito principie a sahir, pelo menos ás oito e meia; d'outra fórma não jantaremos senão alta noite.

A's oito horas menos um quarto um grande numero de pessoas estava agglomerado na então denominada praça das Hortas, defronte da porta nobre do, hoje, palacio municipal, onde a Relação funccionava provisoriamente n'aquella epoca.

A alçada estava reunida para decidir os embargos interpostos, em nome dos condemnados, pelo licenceado Luiz Gomes da Costa, que era então advogado da Misericordia. Ninguem acreditava na efficacia d'este ultimo recurso; mas era o ultimo, e por isso todos estavam suspensos d'esta derradeira esperança. Por fim, ás oito horas, José Mascarenhas sahiu acompanhado pelos officiaes da alçada, e tomou o caminho da Relação. Minutos depois soube-se que os

embargos tinham sido despresados, e que apenas se tinha suspendido, por quatro mezes, a execução da Estrellada, em razão de allegar e de se ter verificado por exame que andava gravida de sete mezes.

Os padecentes na forca estavam pois reduzidos a treze homens e quatro mulheres.

Os homens eram:

O juiz do povo, José Fernandes da Silva, o Lisboa;

Caetano Moreira da Silva;

José Antonio de Bessa;

Domingos Nunes Botelho;

Filippe Lopes de Araujo;

Thomaz Pinto;

Balthazar Nogueira;

Marcos Varella;

José Rodrigues, o grande;

João Francisco, o Mourão;

Manoel da Costa, sargento do regimento de infanteria da guarnição do Porto, e

José Pinto de Azevedo, e

Antonio de Sousa, o negres, ambos soldados no mesmo regimento.

As mulheres eram:

Michaela Quiteria, mulher de Caetano Moreira da Silva;

Maria Pinta, mulher do soldado Antonio de Sousa, o negres;

Anna Joaquina, mulher de José de Sá;

Pascoa Angelica, solteira e filha de Thomaz Pinto.

Além d'estes réus e da Estrellada, que escapou, d'esta vez pelo motivo da gravidez, mas que foi effectivamente enforcada quatro mezes depois; e que o foi, não por que o ministro já não tivesse a consciencia da injustiça d'aquelle julgamento, mas para salvar a infallibilidade da justiça de el-rei, principio a que o severo Sebastião de Carvalho sacrificava todas as consideraçoens e todos os sentimentos! — além, pois, d'estes réus foram condemnados á forca mais oito ho-

mens, que, felizmente para elles, tinham acreditado nos conselhos dos negociantes da feitoria ingleza, e tinham-se ausentado a tempo.

Os ausentes condemnados foram:

Matheus Francisco;

Antonio de Sequeira Teixeira;

José Antonio, estanqueiro, alfaiate e vendeiro;

Manoel de Sousa, cunhado do precedente;

Francisco de Araujo;

Manoel Francisco, o cozido;

João Baptista, mulato, hollandilheiro de officio.

José Ribeiro, o chêta, oleiro e marinheiro.

A'cerca d'estes dizia a sentença — *mandam que a pena de morte natural seja executada em estatuas de suas figuras, e os julgam bannidos, e ordenam ás justiças do mesmo senhor* (de el-rei) *appellidem contra elles toda a terra para os prender; e qualquer do povo os poderá matar não sendo seu inimigo.* Esta miseravel reproducção do formulario da edade média foi, para vergonha nossa, empregada legalmente em Portugal na época do governo do maior homem de estado que temos tido; e foi-o nos meados do seculo XVIII, trinta e dois annos antes de rebentar em França a famosa revolução, que em nome da liberdade e da soberania do povo, anniquilou, afogando-os em sangue, os imaginarios direitos, deante dos quaes se prostrava Sebastião de Carvalho, e obrigava os portuguezes a deixar-se enforcar, esquartejar e bannir, e a soffrer resignados e humildes os caprichos despoticos de um homem, que foi, na verdade, grande ministro, mas que, egualmente em verdade, tinha *pellos no coração.*

Mal a noticia do não recebimento dos embargos se espalhou pelo povo, dispersou este, e foi reunir-se á grande multidão, que já estava aguardando no campo da Cordoaria.

Apenas José Mascarenhas chegou á Relação deu immediatamente ordem para sahir o prestito; e logo que os officiaes e mais pessoas, que tinham de caminhar na frente acabaram de ordenar-se, principiaram

a sahir dos oratorios os padecentes, e cada um foi collocado segundo a ordem em que tinha de caminhar. Foi uma scena horrorosa aquella. As mulheres. que tinham passado aquellas quarenta e oito horas em gritos e em desmaios, mal podiam ter-se de pé. Dos homens apenas Manoel da Costa, Caetano Moreira, Domingos Nunes e Thomaz Pinto estavam serenos e inteiros como se nada fôra com elles. Os outros tinham todos succumbido. O velho Lisboa mal dava signaes de vida. Estava de tal fórma, que para conduzirem aquelle quasi cadaver, foi preciso amarral-o a uma cadeira de pinho, que dois gallegos apenados levaram a pau e corda. A scena redobrou de horror, quando os condemnados se encontraram, ao tempo de entrar no prestito. Até os mais corajosos estremeceram, ao baterem com os olhos de chapa uns nos outros, e ao verem aquella multidão, que alvejava com o ultimo traje dos suppliciados. As mulheres levantaram um brado pavoroso. As duas que tinham os maridos ali, e Páscoa, que alli tinha o pae, desprenderam-se de repente dos braços d'aquelles que as ajudavam a caminhar, e arrojaram-se instinctivamente nos dos seus defensores naturaes, como a procurar n'elles abrigo e protecção. Ao sentir-se cingido pelos braços de sua mulher, o Negres, que era um dos que ia mais succumbido, cahiu como fulminado; Caetano Moreira repelliu brandamente a sua, e ficou de pé e altivo como estava; mas as faces empallideceram-lhe mais, e viram-se-lhe rolar pela primeira vez as lagrimas por ellas abaixo. Thomaz, ao vêr a filha entre os braços, apertou-a machinalmente contra o peito como se a quizesse defender. Nos olhos do audacioso revolucionario appareceram, e desappareceram instantaneamente as lagrimas. Arredando magestosamente com o braço esquerdo um dos officiaes de justiça, que acudira, de puro compassivo, a separar d'elle a filha, apertou Páscoa com o direito contra o coração, e disse-lhe em voz firme e em nada alterada do que era naturalmente:

— Animo, filha; por agora lembra-te só de Deus.

D'aqui a pouco estaremos ambos deante d'elle; mas ambos, entendes? e junto de tua mãe que nos espera.

— Andar com isto — gritou aqui ferozmente Mascarenhas — ponham as prisoens aos condemnados, e adeante, que se faz tarde.

Ao ouvir a voz do escrivão da alçada, Páscoa endireitou-se como cadaver posto de pé pela pilha galvanica. Voltou-se de repente para elle, fulminou-o com um olhar terrivel, e bradou em voz medonha e de entoação sobrenatural:

— Infame juiz, traidor e villão, maldito tu sejas! Deante de Deus não acharás misericordia; serás condemnado ás penas eternas. Que o meu sangue, n'este e no outro mundo, caia sobre a tua cabeça! Eu não te perdôo.

— Andar com isto — bradou Mascarenhas, batendo furioso com o pé na casa — andar com isto. Não temos tempo a perder.

Páscoa mediu-o com um olhar de ironia terrivel; depois deixou-se conduzir para onde a quizeram levar.

Collocados os condemnados, ataram-lhes, segundo o costume, os punhos um ao outro. Depois prenderam lhes aos pescoços enormes gargalheiras, d'onde pendiam pesadas cadeias, que iam arrastando apoz elles. Esta innovação era digna da ferocidade do escrivão da alçada. Era, segundo elle dizia, preciso dar sevéro exemplo ao espirito revolucionario da gente do Porto; e, para que o exemplo surtisse o effeito desejado, nada o malvado poupou do que lhe suggeria a natural ferocidade do caracter. Pendurar grossas correntes de ferro ao pescoço de homens, que caminhavam para a forca, accrescentar á agonia do espirito a agonia do corpo, é facto tão horroroso, que ninguem o poderia acreditar acontecido e tolerado no meio de uma sociedade civilisada, se o não attestassem os contemporaneos,[1] e se a tradição nol-o

[1] Ratton. Recordaçoens, pag. 320.

não transmitisse acompanhado do opprobrio e da reprovação, que merece. Tal facto presenceou-se pois no Porto no dia 14 de outubro de 1757; e foi obra e invenção de um grande malvado, cujo nome tem passado aqui de pais a filhos como anathema tradicional do odio e da execração popular. Este homem foi o escrivão da alçada, mandada por essa occasião ao Porto por Sebastião José de Carvalho e Mello, e chamava-se José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello.

É sacrilegio remecher nas cinzas dos mortos; é covardia accusar quem já se não póde defender; mas quando um homem commette crimes assim, quando d'esta maneira se ostenta verdugo da humanidade, pede a justiça, e exige a moralidade, que de seculo a seculo se levante uma voz que recorde á execração da sociedade o nome d'aquelle que a deshonrou, e que lhe manchou as paginas da historia com uma infamia indelevel.

Quando os officiaes de justiça se approximaram com as gargalheiras, ninguem fez resistencia, porque quasi todos estavam em estado de a não poder fazer. O proprio Thomaz deixou-se acorrentar n'ella com um sorriso de ironia e de despreso. Manoel, porém, ao vêr approximar o quadrilheiro que a andava apertando, fez um movimento de espanto e de horror, e o frade, que caminhava ao lado d'elle com o rosto occulto no capuz recuou um passo atraz, e levou violentamente a mão ao peito. Os olhos de fr. Antonio brilharam com terrivel expressão de anciedade, e cravaram-se supplicantes em Manuel, cahindo ao mesmo tempo significativamente sobre o companheiro, a cujo braço tinha rapidamente lançado a mão.

— Paciencia, filho, paciencia; mais soffreu o Senhor pelos homens — disse elle em voz forte ao condemnado, e fitando-o com olhar ancioso.

Manoel voltou-se para o frade do capuz, e fitou-o com olhar severo e de reprehensão. Depois deixou-se acorrentar pacientemente.

O prestito poz-se então em movimento; desceu

as escadas, e d'ahi a pouco estava na rua. Ás nove e meia já elle caminhava de todo organisado pela Rua detraz dos muros, d'onde pelos Caldeireiros tinha de descer á das Flores, e d'ahi seguir pela rua Chã, Bainharia, largo de S. Domingos, Bellomonte, Taypas, e finalmente á alameda da Cordoaria, que era o local onde se tinha de terminar aquella tragedia sanguinaria e medonha.

Rompia a marcha um forte pelotão, de trezentas praças do regimento do commando de Vicente da Silva, e o resto do corpo caminhava em alas aos lados, até o couce da procissão, que era fechado pelo regimento de dragoens da Beira. Logo em seguida ao pelotão caminhava a bandeira da Misericordia arvorada nas mãos de um irmão, e precedida por um serventuario, que, nas paragens, tangia funebremente uma campainha. A irmandade ia em alas aos lados. No centro caminhavam os condemnados. O primeiro era o juiz do povo, conduzido ás costas dos gallegos, sem acordo e já meio cadaver, e em tal estado que o crucifixo, que levava nas mãos, ia-lhe cahido sobre os joelhos, e as consolaçoens dos dois jesuitas, que o ladeavam, eram inteiramente perdidas. A grossa cadeia, que lhe pendia ao pescoço, foi de rastos ainda até o meio da Rua detraz dos muros; mas alli um dos padres, vendo-o com a cabeça toda pendida áquelle grande peso, levantou-a nos hombros, e carregou-se por caridade com ella.

Seguiam-se as mulheres; primeiro Páscoa, que caminhava resignada, com os olhos fixos no crucifixo, que de quando em quando levava aos labios, sobre tudo quando as exhortaçoens dos padres, que lhe iam ao lado, lhe recordavam os trances, porque Jesus Christo passou no transito longo e doloroso desde o pretorio até o Calvario. A cadeia, que lhe pendia do pescoço, e que ia arrastando apoz ella, mal a deixava caminhar; mas apesar do grave peso que a vergava, fazia por endireitar-se, e por não precisar do auxilio dos braços dos sacerdotes, que caridosamente lhe diziam que se encostasse a elles.

Em seguida vinham as outras tres mulheres, mais mortas do que vivas; mais conduzidas em peso nos braços dos jesuitas, que as confortavam, do que caminhando por seu pé. Traziam os rostos macilentos como se já fôssem defuntas, e os olhos espantados e fitos firmemente nos crucifixos, que levavam nas mãos.

Apoz ellas seguiam-se os homens, e o primeiro que rompia a marcha era Manoel. Resplandecia lhe no rosto a verdadeira coragem, a coragem que não resulta do brio, nem da vaidade que espera elogios, mas que brota espontanea do organismo, alentado ademais pela resignação. Vinha sereno e grave: caminhava firme e seguro como se não marchasse para o supplicio, e não levasse, arrastando do pescoço, a grossa cadeia, que lhe pendia da gargalheira, em que ia acorrentado aos outros. Ao lado d'elle caminhavam os dois franciscanos. Um d'elles com o rosto envolto no capuz, e por isso reputado, pelo vulgo que o via passar, homem penitente e obrigado por alguma promessa terrivel, mas santa. O outro era fr. Antonio. Trazia tambem o capuz sobre a cabeça, mas vinha com o rosto descoberto. Falava continuamente ao condemnado, mas em voz sumida, e este respondia-lhe ás vezes respostas soltas, mas em voz tão baixa que não se podiam ouvir; e quando respondia, chegava frequentes vezes aos labios o crucifixo, que tinha nas mãos, e no qual levava os olhos serenamente fitados.

Apoz Manoel seguiam-se uns atraz dos outros os demais padecentes. Vinham depois os condemnados a açoites e a presencear as execuçoens. Atraz d'elles os tres carrascos vestidos de vermelho e com gorros da mesma côr na cabeça. Seguia-se o escrivão da alçada com o rosto a irradiar-lhe de ferocidade, de soberba e de satisfação satanica. Acompanhavam-n'o grande numero de officiaes de justiça, o ultimo dos quaes era um que se tornava distincto pela vara que trazia na mão, e por vir rodeado por uns poucos de serventuarios da cadeia, rotos e porcos, e que

traziam grandes baldes pendentes de paus, que a dois a dois sustentavam pelas extremidades. Era o meirinho das cabeças. Seguia-se uma longa fileira de salafrarios da Misericordia, conduzindo as tumbas. Apoz elles vinham o regimento de dragões com as espadas empunhadas.

Era espectaculo horroroso aquelle, a marchar vagarosamente por meio de ruas inteiramente desertas e ao som dos brados fervorosos dos padres, e ao terlintar metalico e vibrante das cadeias, que saltavam sobre o lagedo, ao arrastado caminhar dos condemnados. Depois aquella longa fileira de infelizes vestidos d'alvas, cingidos de esparto, de corda ao pescoço, e engargantados n'uma gargalheira, uns mal podendo caminhar, outros quasi desfallecidos, e todos macilentos como cadaveres, e com os olhos fitos nas imagens do redemptor, que levavam entre as mãos algemadas. Ao horroroso d'esta scena accrescentava mais ainda o grande numero de condemnados a açoites e a assistir á execução; todos quasi tão macilentos como os padecentes, e não poucos encostados aos companheiros para poderem caminhar. Accrescentava a vista d'aquelles tres homens vestidos de vermelho, e cujas barbas e cabellos crescidos eram calculados para os tornar medonhos e repellentes. E ao cabo dezesete tumbas em fileira, dezesete tumbas que haviam de servir em poucos momentos para aquelles mesmos dezesete homens, que lá caminhavam ainda por seu pé no meio das alas, e que tinham em breve de ser cadaveres nas mãos d'aquell'outros que alli iam vestidos de vermelho.

Vagarosa e pausadamente caminhava o prestito, parando não poucas vezes, ora para descançar aquelles sobre que iam encostados os condemnados quasi desfallecidos, ora porque desmaiava um padecente, ou á esquina de uma rua, onde um pregoeiro lia em voz alta o *Portanto* da sentença, ou *O que tudo visto e o mais que dos autos consta* como se dizia n'esta, terrivel paragrapho que conclue a narração da culpa com applicação da pena, paragrapho ao chegar

ao qual estremece o sentenciado, porque n'elle está a decisão definitiva da sorte que o está esperando. Assim com estes vagares, com esta terrivel prolongação de agonia, foi o prestito caminhando pela Rua detraz dos muros, Flores, Loureiro, e chegou emfim á rua Chã. Aqui devia de ser doloroso o transe porque passou o robusto espirito de Thomaz Pinto. De cada vez que o pregoeiro lia o *portanto*, ouvia elle *condemnam os réus... a que com baraço e pregão, pelas ruas publicas d'esta cidade, sejam levados ao campo da alameda fóra da porta do Olival, onde principiou esta horrenda sedição; e nas forcas, que para este supplicio se levantaram, morram morte natural para sempre, depois do que lhes serão as cabeças separadas e postas nas ditas forcas; e seus corpos, feitos em quartos, serão postos das outras forcas, que tambem se levantarão de fronte da porta do dito infame juiz do povo, na rua Chã, fóra das portas de Cima de Villa, e no terreiro de Miragaia, onde tudo estará ate que o tempo o consuma.* Isto ouvia o desgraçado Thomaz Pinto, e ao chegar defronte da casa d'elle, viu a primeira forca erguida; alli, defronte d'aquella casa onde elle vivera tantos annos feliz, onde lhe nascera a filha que elle tanto amava, e que, por causa d'elle, ia alli tambem, condemnada a morrer na forca, a ser esquartejada, e cujos membros, assim como os d'elle, haviam, dentro em poucas hóras, de estar pendurados do alto d'aquelle triangulo. Terrivel devia ser pois a agonia d'aquelle homem deante d'aquelle espectaculo. O rosto não se lhe demudou porém ao dar com os olhos na forca, nem ao fital-os na casa onde tantos annos vivera; e apesar de Mascarenhas fazer parar o prestito e lêr o *portanto* da sentença, não mostrou o menor abalo. O que fez apenas, foi estender a cabeça e olhar para a filha por cima dos hombros dos outros. Mas Páscoa não se mostrara mais abalada que o pai, e este não conheceu mudança alguma nos gestos da filha. Fitou pois de novo os olhos no crucifixo, e caminhou serenamente ávante quando o prestito continuou a andar.

Ao desembocar em S. Crispim, começaram a vêr-se as forcas do largo de S. Domingos; mais acima destinguia-se a que estava em frente da porta do Lisboa. Mas o pobre juiz do povo ia em tal estado que não deu por isso, e, mais feliz do que Thomaz, não tinha forças para gastar n'aquelle transe angustioso.

Por fim a procissão chegou á Cordoaria. Os regimentos, que tinham occupado militarmente o Porto, formavam em quadrado na praça, deixando no meio de si vastissima clareira. Pelo lado de fóra d'esta muralha humana tumultuava a multidão do populacho. Ao chegar o prestito, a tropa abriu aos lados, e deixou-lhe larga entreaberta, por onde entrou para dentro, e que foi occupada pelo regimento de Vicente da Silva e pelos dragoens da Beira, com grave detrimento dos curiosos, que se viram obrigados a cederem terreno; porque o quadrado, com a chegada dos dois regimeutos, alargou muito pelas quatro faces.

O prestito entrou portanto para dentro da praça. No meio d'ella estavam erguidas seis forcas, e ao lado quatro. A distancia das forcas havia um enorme taboleiro formado de taboas de pinho, no meio do qual avultava um grande cepo, a que estavam encostados tres manchis. Para o lado do sul, a dez passos da frente da tropa, estavam bancos para os condemnados se sentarem, entretanto que os carrascos lhes davam tempo para isso.

Leu-se primeiro o *portanto*, e em seguida os algozes dependuraram das forcas lateraes as oito figuras de palha vestidas de alvas e cobertas de capuz, que representavam os condemnados ausentes, e que ficaram baloiçando ao grado do rijo nordeste que soprava. Era a comedia a par da tragedia, era o burlesco a par do horrivel, era a prolongação da agonia dos sentenciados, era emfim escarnecer dos soffrimentos d'aquelles infelizes.

Depois começou a carnificina. Era uma hora da tarde. O prestito tinha gastado quatro horas no longo giro que tinha sido obrigado a dar.

Os primeiros que foram entregues ao carrasco, foi o quasi cadaver do Lisboa, Páscoa Angelica e a mulher de Custodio. Páscoa subiu a escada fatal vagarosamente, mas com firmeza. O ultimo olhar que lançou sobre o mundo, cahiu sobre a fileira dos condemnados, cahiu sobre Manoel. Depois...

Não continuarei mais a descrever esta scena de horror; não seguirei mais os condemnados, acompanhando-os a par das exhortaçoens fervorosas dos sacerdotes, nem descrevendo os choros da populaça ao elles voltearem na forca, e as bofetadas que os paes batiam com toda a força nas faces dos filhos, para lhes avivar a memoria e fazel-os ter horror ao crime. Triste paiz onde a moralidade dependia de uma forca e de uma bofetada!

Em breve chegou a vez de Manoel. O moço sargento caminhou serenamente para o patibulo, ladeado pelos dois franciscanos. O do capuz caminhava como automato; fr. Antonio exhortava fervorosamente a fé do condemnado. Ao chegar á escada fatal, Manoel levou pela ultima vez o crucifixo aos labios, e depois entregou-o a fr. Antonio. Ia já a pôr o pé no primeiro degrau, mas de repente retirou-o como assaltado de novo pensamento. O que fez, porém, foi tomar com fervor as mãos do frade do capuz, e beijal-as, uma e muitas vezes. O frade deixou-as beijar immovel e como estatua. Manoel lançou-se-lhe então aos pés. O franciscano estremeceu, poisou-lhe as mãos sobre a cabeça, e esteve assim um momento; depois ergueu-o, e beijou-o na face, Manoel abraçou em seguida fr. Antonio, e subiu á pressa até ao ultimo degrau da escada.

O carrasco preparou a corda, e cobriu-lhe o rosto com o capuz. Fr. Antonio exhortava-o em voz alta, e chamava os anjos a receber aquelle justo.

—Rezae um padre nosso e uma ave maria pela alma d'este nosso irmão—bradou então o carrasco, e empurrando-o para o lado de fóra da escada, cavalgou-lhe de um pulo nos hombros.

A estas palavras o frade encubertado deu um

salto, como se o mordesse uma vibora, Voltou de repente as costas, atravessou a praça a passo accelerado, e, abrindo caminho por entre os soldados, desappareceu no meio da multidão.

Ao cahir da noite a obra de José Mascarenhas estava completa. A essa hora cahia a ultima gôtta de sangue, com que Sebastião José de Carvalho e Mello baptisava a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, a ruina do paiz vinhateiro e do commercio de vinhos do Porto.

As cabeças foram postas no alto das forcas e os membros esquartejados ficaram pendurados d'ellas Mas no dia seguinte a cabeça e os membros de Manoel desappareceram, e por mais esforços que fez Mascarenhas para descobrir os auctores d'aquelle roubo insultante para a justiça d'el-rei, não lhe foi possivel descobril-os.

XXIII

Não se póde chamar prosperidade,
A que d'antes não é purificada
No fogo de qualquer adversidade
Com que fique depois mais realçada;
Que a coisa que com mais difficuldade
Foi adquirida, sempre é a mais procurada.
Nenhuma muito facil se sublima,
Que o que pouco custou pouco se estima.

MASCARENHAS. *Viriato tragico.* Canto XI, est. 6.

Pouco mais de um mez depois da carnificina do memoravel dia 14 de outubro, Alvaro Martins estava em Lisboa, e trotava em possante e fogoso cavallo pela calçada da Ajuda acima.

No cimo d'ella vivia Sebastião José de Carvalho.

Por occasião do terramoto de 1755, e quando se tratou de reconstruir regularmente Lisboa, Carvalho, ministro do reino ou das mercês, como então se dizia, fizera construir rapidamente um grande numero de casas abarracadas de madeira para alojamento de el-rei e da côrte. Essas barracas, onde D. José então se alojou, continuaram por muito tempo a servir de habitação realenga, até que um incendio as devorou no tempo da senhora D. Maria I, e obrigou a familia real a ir viver para o palacio da quinta de Queluz, que D. Pedro III havia edificado, ainda no tempo que era infante. Derredor e arruadas com o abarracamen-

to que servia de palacio a el-rei D. José, haviam outras barracas tambem de madeira, para onde tinham ido viver os ministros, os altos dignatarios e empregados do paço. A maior parte das occupadas pelos primeiros e pelos segundos já estavam quasi todas abandonadas, e pouco a pouco o iam sendo cada vez mais, á medida que se reconstruiam os differentes edificios, que o terramoto havia arruinado.

A Sebastião de Carvalho tocára tambem uma d'essas barracas; e, apesar de o terramoto ter respeitado o excellente predio da rua Formoza, que elle herdara de seu tio, o chanceller Paulo de Carvalho, ainda ahi vivia em 1757, e ahi continuou a viver e a ter a secretaria da sua repartição, durante todo o longo periodo que governou Portugal el-rei D. José. Uns attribuiam isto a desejos de economisar, porque o palacete da rua Formoza rendia-lhe quatro mil cruzados, que lhe pagava de aluguel a casa de commercio inglez, que girava debaixo da firma de Purry, Mellish e de Vismes [1]: outros diziam que a razão de Carvalho continuar a viver na barraca da Ajuda e a soffrer os incommodos de tão estreita accommodação, era o querer estar o mais perto do paço, que lhe fosse possivel, não só para vigiar mais facilmente o que por lá se fazia, mas para poder estar junto d'el-rei a todas as horas e a todos os minutos. Fosse porém uma ou outra razão, ou fossem ambas, como parece mais provavel, o que é certo é que n'aquella pequena e mesquinha habitação viveu por muito tempo o maior homem politico que teve Portugal, viveu elle e a sua familia, viveu com elle seu filho depois de casado, e viveram sempre seus dois irmãos Paulo de Carvalho e Francisco Xavier de Mendonça — dos quaes, o primeiro era já monsenhor da patriarchal, e devia de ser, em muito pouco tempo, commissario geral da bulla da cruzada e presidente da camara, e alguns annos depois cardeal da egreja de Roma, di-

---

[1] Vid. nota XVIII.

gnidade de que não chegou a ter conhecimento, porque morreu antes de chegar a noticia de ter sido nomeado pelo papa Clemente XIV, para demonstrar ao omnipotente ministro quanto presava a renovação das relaçoens de Portugal com a curia romana; — e o segundo, Francisco Xavier de Mendonça, era n'esse tempo official de marinha, e, annos depois, foi nomeado governador da capitania do Grão-Pará, para onde o mandou seu irmão como capaz de esmagar o poder dos jesuitas, o que effectivamente conseguiu. Depois de voltar d'esta commissão, Francisco Xavier foi nomeado ministro da marinha, e como tal fez á nação serviços relevantissimos. Morreu ministro d'esta repartição, e a causa da sua morte é um facto curioso, que se prova por um lado a muita prudencia e o severo escrupulo com que os ministros de estado devem pesar as palavras que soltam, por outro prova igualmente o que era o sentimento da veneração, com que n'aquella epocha era acatado o principio da suprema auctoridade do rei [1].

Alvaro Martins, ao chegar á porta d'esta casa, descavalgou de um golpe, e atirando as redeas para a mão de um creado, que ao conhecel-o, correra, já fóra de tempo, a tomar-lhe o estribo, entrou para dentro d'ella, como se fôra para dentro da sua. Alvaro atravessou até á pequena sala de espera, que era commum aos tres irmãos para receber visitas e pretendentes; e d'ahi, depois de apertar a mão a Paulo de Carvalho, que n'ella estava em conversação com um homem, dirigiu-se ae gabinete particular do ministro, para dentro do qual entrou.

Sebastião de Carvalho era homem de corporatura alta e magestosa, as feiçoens nobremente talhadas, e o olhar, as palavras e os gestos seccos, ceremoniosos e cheios de auctoridade. Quem olhava aquelle rosto frio e austéro nunca mais o esquecia. Raros casos lhe alteravam a expressão. Soffria a imperti-

---

[1] Vid. nota XIX.

nencia das pártes com a placidez e sem as interromper; e quando lhes repellia a insolencia, a que esta paciencia animava algumas, fazia-o sem mudar de voz nem de semblante, mas de maneira que as obrigava a arrepender-se e a avisar-se para sempre. Nos lances mais difficeis, nas occasioens mais apuradas era sempre o mesmo homem — o mesmo homem frio, impassivel e energico, que sabia esperar e que nunca desesperou, nem conheceu impossiveis; que nunca tratou mal pessoa alguma, mas de quem ninguem se approximava sem se sentir acanhado pelo respeito e não poucas vezes até por certo sentimento indefinido de medo. Os animos mais ousados encolhiam-se deante do olhar penetrante d'aquelle homem, e baqueavam submissamente, quando elle, sem se alterar e como casualmente, levava aos olhos a enorme luneta, e se recostava na cadeira, fitando placidamente o objecto da sua observação. Tratava a todos com respeito e cortezia; mas de volta exigia para comsigo a veneração devida a um ministro de el-rei, e de um rei cuja auctoridade elle obrigou a nação a acatar como principio infallivel e quasi divino. Da bocca d'elle ninguem era capaz de colher uma palavra que atraiçoasse as suas intençoens politicas; falava pouco, respondia em breves palavras, e decidia peremptoriamente. Era aferrado á sua opinião, mas só depois de se ter decidido; porque antes d'isso ouvia os entendidos na materia, colligia todos os alvitres e d'elles escolhia aquelle em que o seu grande genio descobria a melhoria, ou de todos elles extrahia um, que era inteiramente seu. Mas depois era inabalavel, pertinaz e despotico.

Tal era Sebastião José de Carvalho e Mello, homem de grandes qualidades como estadista, mas em quem o caracter frio e duro inutilisou por mais d'uma vez os grandes predicados, que possuia para deixar á posteridade a reputação de um grande ministro. Desde aquelle grande rei, D. João II, o marquez de Pombal foi indubitavelmente o maior homem de estado que Portugal possuiu, e a quem mais deveu.

Desde o dia em que morreu o illustre filho de Affonso V, a decadencia de Portugal começou. O reinado de D. Manoel refulge na historia como ponto culminante da nossa gloria e do nosso poder. Não nos deixemos porém illudir com o brilho, em verdade, esplendoroso, d'aquelle rapido meteóro, que se D. João II tivesse vivido mais annos, teria sido sol vivificador e de fulgor tão intenso, que o calor dos raios teria chegado até nós. Examinemos friamente aquella gloria deslumbrante, atravessemos com olhos de aguia aquelle vivido resplendor, e por detraz d'elle não encontraremos senão corrupção, desatino e despotismo. Tudo o que n'aquelle reinado se fez de famoso, os grandes acontecimentos que transformaram a face politica da Europa, e que tornaram a nossa historia d'essa epocha uma das paginas mais gloriosas da civilisação, foi tudo resultado do que o grande genio de D. João II tinha preparado. Até os homens que os praticaram, pertenciam á escola d'aquelle rei, que sabia fazer heroes, porque sabia recompensar o merito, de fórma que não inspirava o amor do lucro, mas o amor da gloria. Foi D. João II que destruiu o poder dos nobres, que encravava a roda da civilisação portugueza, e que, com os costumes semi-feudaes d'essa época, enredava o povo no obscurantismo, que era preciso para a existencia do poderio d'aquelles pequenos reis; foi elle quem approximou o povo do throno despotico que esmagara a nobreza chamando-o para auxiliar na empreza e fazendo-se amar não pelo poder, mas pelos beneficios; foi elle quem preparou a descoberta da India, legando ao successor a idéa de passar para além do cabo da Boa Esperança, e deixando-lhe os grandes meios necessarios para isso; foi elle que creou os grandes homens, do meio dos quaes surgiram Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque; foi elle emfim que grangeou para Portugal aquelle respeito e aquella veneração da Europa, que, annos depois, lhe deram a tranquillidade precisa para commetter desafogado as grandes emprezas, que gloriosamente levou a cabo. D. Manoel

foi quem fruiu os resultados de todos os trabalhos do seu illustre antecessor. E que nos legou D. Manoel? Viu-se senhor das riquezas da Azia e do Brazil: viu Lisboa emporio do commercio do mundo e Veneza incapaz de luctar com ella; viu-se á frente de um grupo de capitaens famosos e chefe de uma nação de conquistadores; viu pullular em torno de si uma geração opulenta de intelligencia e de saber, e como aproveitou tudo isso? Que resultados tirou Portugal das enormes riquezas, das illustres conquistas e das grandes intelligencias de que dispunha D. Manoel? Que nos legou o reinado d'elle? Legou-nos Belem, legou-nos a vaidosa recordação da embaixada a Leão x, legou-nos emfim o despotismo dos reis enthronisado sobre as ruinas das liberdades municipaes. Sob a influencia do governo d'aquelle venturoso parlapatão, de quem a historia reza que foi um rei bondoso, mas que fazia morrer de desgostos Affonso d'Albuquerque, condemnava á miseria Duarte Pacheco, e ria de Gil Vicente como de qualquer truão de arraial, Portugal transformou-se. O soldado austéro, tornou-se mercador ignobil; o conquistador audaz, tornou-se salteador e perseguidor; o christão tolerante e despreoccupado, transformou-se em fanatico ferocissimo; o povo activo e laborioso, transformou-se em vaidoso mandrião, que deixava morrer a agricultura e a industria nacional, porque odiava o trabalho, e que repotreado na crapula da ociosidade, ordenava soberbamente á actividede industrial da Europa que lhe creasse prodigios de commodidade, com os quaes dispendia prodigamente os milhoens, que ia roubar aos mares da India e ás costas da China e do Japão. De todas aquellas riquezas não nos ficou nem uma só estrada, nem uma só fabrica, nem uma só instituição, nem um só edificio de verdadeira utilidade publica. De fórma que no momento, em que se exhauriu a fonte, que arrojava de si ás golfadas e em borbotoens a torrente de oiro, que n'aquelle tempo correu sobre o nosso terreno, o que ficou foi o solo escalvado e nú, mirrado pelo ardor d'aquella lava, e

incapaz de fructificar durante muito tempo. Tudo o que era bom, foi anniquilado por aquelle reinado. A' rudeza austera e virtuosa succedeu a corrupção effeminada; á actividade e ao amor do trabalho succedeu a miseria e a ociosidade ignominiosa; ao espirito audaz e conquistador succedeu a ignavia que soffre a conquista e a escravidão, á sinceridade religiosa seguiu-se o fanatismo barbaro e intolerante, aos grandes homens succederam os homens pequenos, e aquellas das paginas da ordenação affonsina, que eram liberaes e philosophicas, foram rasgadas e substituidas na manuelina por outras gordas de despotismo cesariano e de crenças e abusoens absurdas.

Foi assim que D. Manuel, *o venturoso*, continuou a obra de D. João II, *o principe perfeito*. O povo vingou-se com estes dois epithetos: ao rei sem tino governativo chamou *feliz*, ao rei illustre pelo genio chamou *perfeito*. A historia sanccionou os dois epithetos, e no futuro ha de ainda levar mais longe a imparcialidade severa da sua justiça.

Os mesquinhos resultados de um tal systema governativo deviam sentir-se por muito tempo. E assim foi. Duraram seculos, atravessaram por muitas phases diversas até ir esbarrar com o talento administrativo e com a vontade de ferro de Sebastião José de Carvalho e Mello.

O marquez de Pombal era digno e era capaz de reorganisar a nação do grande D. João II. Quiz fazel-o, e mostrou que não lhe faltavam, nem talento nem actividade. A agricultura renasceu, a industria alentou-se até altas proporçoens, e o commercio extendeu-se por mais dilatado campo. A instrucção publica organisou-se esplendidamente. Infelizmente porém o genio de D. João II desconformava n'um ponto essencial com o genio do marquez de Pombal. D. João, filho de rei e neto de reis, era despota para os nobres e liberal para o povo; Pombal, vassallo e de fidalguia pouco apurada, era despota para ambos. D'esta disparidade resultou a differença com que os dois são conhecidos na historia. D. João II grangeou

a reputação de grande rei e a illustre nomeada de *principe perfeito;* morreu chorado pelo povo e a sua memoria foi coberta de bençãos e de lagrimas. O marquez de Pombal alcançou a reputação de grande estadista, e o triste epitheto de tyranno, morreu odiado pelo throno, pelos nobres, pelo clero e pelo povo, que, até depois de morto, lhe insultaram a sepultura com blasphemias e com improperios e calumnias. O reinado de D. João II ficou registrado na historia como governo sabio e excellente; os contemporaneos elogiaram-n'o, e a posteridade fez a justiça devida ao nome do grande rei. O reinado do marquez de Pombal será sempre considerado como uma das epocas mais prosperas e um dos melhores governos que em Portugal tem havido; mas o odio dos contemporaneos era tal que lhe destruiu a grande obra quasi até aos ultimos alicerces; e a posteridade ha de sempre descobrir-se deante da recordação do genio administrativo d'aquelle grande ministro, mas dizendo sempre — antes a desgraça do que a prosperidade com a tyrannia d'aquelle homem que tinha *pellos no coração.*

Tal era Sebastião José de Carvalho e Mello, que poucos annos depois da epoca, em que d'elle estamos falando, foi creado conde de Oeiras e depois marquez de Pombal, por el-rei D. José I, que elle chamava seu senhor, mas que em verdade pouco mais era do que o escravo submisso do talento e do tino governativo do ministro.

Quando Alvaro Martins lhe entrou para dentro do gabinete, Sebastião de Carvalho estava profundamente absorvido na leitura de despachos que lhe tinham chegado de Pariz e de Roma. Agitava-se então surdamente a guerra contra a poderosa Companhia de Jesus; e Lisboa era o centro e Sebastião de Carvalho a alma da vasta colligação que lhe estava cavando a ruina.

Ao sentir ranger a porta, Sebastião de Carvalho voltou-se com aspecto irritado e sombrio; mas ao vêr deante de si Alvaro Martins, o terrivel minis-

tro estremeceu, e deixou cahir das mãos olapis, com que estava contando os despachos.

Sensivel e muito era em verdade a differença, que apresentava o rosto do conde do Sardoal. Estava magro e cadaverico, os cabellos tinham-lhe embranquecido quasi que totalmente, e a expressão zombeteira, que de continuo lhe volitava nas faces, fôra substituida por uma certa rudeza de aspecto, que abalava os animos mais robustos, que com elle encarassem um momento.

O abalo, que a sùbita apparição de Alvaro Martins produziu em Sebastião de Carvalho, durou-lhe apenas momentaneamente no rosto. O espirito continuou-lhe porém vivamente impressionado. E não era sem motivo, que isto acontecia. Sete dias depois da execução da sentença da alçada, Carvalho expedira uma carta régia[1] ao presidente d'ella, censurando duramente alguns desembargadores, que tinham opinado que o motim de 23 de fevereiro não podia ser classificado crime de lesa-magestade da *primeira cabeça*. Mas dias depois de ter sido expèdida esta carta régia, começaram a crescer em Lisboa os rumores de que a sentença da alçada fôra rigorosa e contra justiça; que o motim não passára de puro arruido de feira, e que José Mascarenhas tinha abusado da auctoridade régia, para se apparentar grande benemerito do estado, captar o favor do ministro, e exercer vinganças particulares. Estes rumores foram crescendo pouco e pouco. Por fim o ministro recebeu cartas de pessoas, em quem acreditava, as quaes lhe insinuaram o mesmo; alguns dos seus collegas disseram-lh'o com franqueza; el-rei chegou a duvidar do que elle dizia ácerca da justiça da sentença; e, para cumulo de desapontamento, o proprio fr. José de Mansilha foi queixar-se-lhe do procedimento de José Mascarenhas, clamando que a grave injustiça da sentença da alçada havia de fazer odiar a Companhia,

[1] Vide na collecção das LL. Josephinas a carta régia de 21 de outubro de 1757.

e que este odio havia de dar cabo do estabelecimento que, para se sustentar de pé, tinha precisado de amassar os cimentos com sangue e lagrimas de innocentes, e que servira de capa á ferocidade desalmada de um grande malvado.

Sebastião de Carvalho irritou-se com os primeiros rumores, que reputou atoardas de ociosos e imaginaçoens do populacho sempre propenso a explicar pelo maravilhoso os grandes factos. Mas depois a repetição dos avisos e das cartas, todas escriptas no mesmo sentido, e sobre tudo o desgosto de fr. José de Mansilha, fez-lhe profundo abalo. Apesar d'elle, o caprichoso ministro não cedia; e até comsigo mesmo forcejava por convencer se da falsidade de taes informaçoens. O orgulho e o despotismo feroz d'aquelle caracter reluctavam em tel-os sequer na conta das coisas possiveis. Não podia acreditar que houvesse ahi homem capaz de tal crime, e sobre tudo que se atrevesse a commettel-o em Portugal, sendo elle ministro e senhor de toda a omnipotencia de el-rei.

O espirito de Carvalho baloiçava entre estas sensaçoens encontradas no momento da repentina apparição de D. Francisco da Cunha. O conde do Sardoal tinha sobre elle grandes e incontestaveis direitos, que haviam augmentado em consequencia da carnificina da Cordoaria. O apparecimento, portanto d'elle, a tão curto espaço de tempo d'aquelle triste acontecimento, devia ser inspirado por motivo importante, do qual Sebastião de Carvalho tinha tudo a receiar para o socego do seu espirito.

Um momento depois da entrada de D. Francisco, o rosto de Sebastião de Carvalho não atraiçoava nenhum abalo, nem sentimento. Mas o que lhe ia no espirito era de certo muito forte, porque o omnipotente ministro não se atreveu por muitos minutos a romper o silencio. Entretanto D. Francisco passeava a passos largos e como allucinado em todo o comprimento da sala.

Por fim parou deante d'elle. Sebastião de Carvalho tinha-se recostado ao espaldar da cadeira.

D. Francisco fitou-o, e os dois estiveram assim alguns momentos sem darem palavra.

— Que tens, que tão commovido me pareces, amigo?— disse por fim o ministro, cravando n'elle o seu olhar d'aguia, e sem mostrar o mais pequeno abalo nas feiçoens.

— Venho de assistir ao supplicio do filho de D. Leonor da Cunha — respondeu o conde em voz secca e convulsa — e acabo de me levantar de uma cama, em que estive vinte dias á morte.

A voz de D. Francisco da Cunha tinha medonha entoação ao dizer estas palavras. Carvalho não deixou vêr no rosto os mais leves signaes de commoção de espirito, mas não se atreveu a responder. O conde deu mais algumas voltas agitadas na sala, e por fim parou defronte d'elle, e poz-se a olhal-o com vista incendiada e feroz.

— Justiça, ministro de el-rei D. José!— bradou de repente em voz terrivel, e atirando para deante d'elle uma carta sellada, que de subito arrancou da algibeira.

Carvalho estendeu machinalmente a mão para o papel: mas o conde poisou de subito a sua sobre ella, e disse em voz solemne e vibrante:

— Antes de abrir essa carta, Sebastião de Carvalho, escuta-me que tenho que te dizer.

Depois D. Francisco deu mais alguns passos agitados, e murmurejando palavras soltas e inintelligiveis. Por fim parou de novo.

Sebastião de Carvalho — disse então solemnemente — ha trinta annos que te amo como se ama um irmão, que te estremeço como estremeço a propria honra. Por ti tenho feito sacrificios similhantes aos quaes ella jámais custou a ninguem. Por ti insultei meu pae; por ti aborreci minha mãe; por ti assassinei minha esposa; por ti esqueci que D. Leonor da Cunha era minha irmã. Tenho-te sacrificado tudo: os preconceitos da minha raça, o brio do meu nome, a gloria dos meus passados, e a minha felicidade n'este mundo. Entre o teu peito e o punhal assassino que

se ergue na mão de cada nobre, o peito do conde do Sardoal, do mais nobre entre os mais nobres, tem sido a barreira salvadora. Por ti sacrifiquei honra, poder e riquezas; por ti deixei de ser o opulento conde do Sardoal, para ser o ignorado e o infeliz Alvaro Martins. O meu braço e a minha vida tem sido o primeiro agente da tua ambição e da tua gloria. Por ti a tenho exposto ao perigo das batalhas, por ti a tenho arrastado miseravelmente por todas as tropezas da diplomacia, a mais villã de todas as sciencias. Não tenho vivido para mim, tenho vivido para ti. Sebastião de Carvalho, estás convencido de que tenho cumprido até ao ultimo ponto os deveres de verdadeiro amigo?

— Conde do Sardoal — replicou serenamente o ministro — eu tenho a intima consciencia de quanto te devo, e de quanto a tua amizade tem feito por mim. Mas tambem te certifico que tu és o unico homem por quem sinto verdadeira affeição n'este mundo.

D. Francisco deu um salto como se o mordesse uma vibora.

— Tu mentes, assassino, tu mentes! — bradou em voz rouca e batendo terrivel punhada sobre a meza — Se assim fôsse, não farias da minha desgraça joguete dos teus infames caprichos; não assistirias com a tua indifferença cinica ao estorcer das minhas agonias... que tu mesmo preparaste, miseravel!

Acabando de dizer estas palavras, ficou alguns momentos com os olhos fitos n'elle e ferozmente illuminados. Depois deu um grito agudissimo, e cobriu o rosto com as mãos. Sebastião de Carvalho levantou-se de repente, tomou-o entre os braços, e sentou-o n'uma cadeira. Estiveram assim alguns momentos; por fim o conde serenou, e disse placidamente.

— Perdôa-me, Sebastião de Carvalho, e torna a sentar-te para me ouvires, que é longo o que tenho a dizer-te. É preciso que te diga tudo... tudo.

O ministro tornou a sentar-se na poltrona, d'onde se levantára, e D. Francisco, depois de dar algu-

mas voltas agitadas, parou, e rompeu d'esta fórma o silencio:

— Sebastião de Carvalho, durante os vinte dias que luctei com a morte, não tive outro pensamento se não... matar-te. Eu acompanhei D. Luiz de Carvalho ao campo da Cordoaria — bradou de repente e em voz terrivel — e junto das escadas d'aquella forca jurei assassinar-te, algoz de teu proprio filho.

E aqui D. Francisco interrompeu-se de novo, e de novo procurou asserenar-se, medindo a passos largos a sala.

— Jurei matar-te — disse por fim — jurei matar-te, resolvi-me irremediavelmente a fazel-o. Mas fatal influencia esta! Fatal o laço que me une a ti! Nos impetos do desespero, nos accessos da raiva satanica, em que te despedaçaria se estivesses presente, sentia sempre uma voz aqui... aqui — gritou, batendo com furia sobre o peito — aqui, sempre a desculpar-te, sempre! De quando em quando chegava a admirar-te a propria malvadez, a extasiar-me deante da severidade, com que mandaste enforcar teu filho. Mas depois... depois... Eu preciso de sangue, Sebastião de Carvalho, preciso de apagar este fogo infernal que me enlouquece com uma vingança feroz, terrivel, sanguinaria. Justiça, ministro de el-rei D. José; não te peço senão justiça, mas justiça que vingue o sangue do teu filho, que vingue as ferocidades commettidas em dezesete desgraçados, que José Mascarenhas fez enforcar e esquartejar no Porto, na alameda da Cordoaria.

Sebastião de Carvalho esteve um momento callado; depois respondeu serenamente:

— D. Francisco da Cunha, repara que, mais que nunca, precisas agora da tua admiravel serenidade de espirito. Se achas que cumpri o meu dever, de que me accusas? E em nome de quem pedes justiça ao ministro de el-rei D. José? Onde está a prova do crime, que queres que eu castigue?

— A prova? — bradou D. Francisco, rasgando de repente o subscripto da carta que entregára a Car-

valho, e tirando de dentro um papel — A prova eil-a aqui. É o proprio pae que o accusa, é o proprio pae que pede vingança contra o filho villão e desalmado, que o opprime, que o avassalla, que o condemna á terrivel tortura do remorso eterno. Lê, lê, Sebastião de Carvalho — continuou, desdobrando rapidamente o papel — Lê... eis aqui a prova. O proprio João Pacheco foi quem a escreveu. Eis a letra d'elle. Aterrado pelas torturas do remorso, e pelo temor da justiça de Deus, o pobre velho, no dia seguinte ao da execução, suppoz que morria, e chamou um confessor, a quem contou tudo, a quem disse toda a verdade. O confessor recusou-se a absolvel-o, sem que elle fizesse por escripto a confissão do seu crime. O desgraçado reluctou deante da idéa de revelar os crimes do filho... Tinha-lhe medo á ferocidade... ainda então tremia d'elle. Mas a idéa de que ia morrer, e o terror das penas eternas decidiram-n'o por fim. Justiça, ministro de el-rei D. José, justiça; vinga-me... vinga teu filho... ou mato-te — rouquejou elle, atirando com o papel aberto para deante de Sebastião de Carvalho.

Este, cujos olhos reluziam por fim cheios de anciedade, apanhou a carta ainda no ar, e fitou-a com ardor. O papel dizia assim:

— Eu João Pacheco Pereira de Mello, desembargador do paço, do conselho de sua magestade, e presidente da alçada do Porto, achando-me prestes a apparecer deante de Deus para que elle se amerceie de mim, julgo em minha consciencia dever fazer a seguinte declaração, cuja verdade juro pela salvação da minha alma e pela minha honra de cavalheiro. O processo da devassa do Porto é tudo obra de meu filho José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. O motim que ahi se pinta tão carregadamente, não passou de um simples arruido, digno sómente de leve punição. Eu assim o disse a meu filho; mas obrigado pelo receio, tive a fraqueza de me prestar a assignar tudo o que elle quiz, e o mesmo fizeram os outros desembargadores, a quem ameaçava com a ira

do snr. Sebastião José de Carvalho e Mello. Em consequencia d'isto todos consentimos na maneira iniqua como se inqueriram as testemunhas da devassa, e nas injustas alteraçoens que se fizeram nos depoimentos. A mesma influencia nos levou a assignar aquella terrivel sentença, que foi executada no dia 14 do corrente. Tudo isto foi obra do dito meu filho, para fins seus particulares, e, segundo elle proprio me disse, para se fazer benemerito da benevolencia do dito senhor ministro, que queria captar, fazendo-o crêr que a revolução fôra um grande attentado, e que elle, reprimindo a, tinha feito um grande serviço a el-rei.

— Esta é toda a verdade do que se passou. E rogo a Nosso Senhor Jesus Christo, pela sua sagrada paixão e chagas sacrosantas, que me tome em desconto dos meus peccados esta confissão, verdadeira da minha fraqueza e da minha culpa. Porto 15 de outubro de 1757.

João Pacheco Pereira de Mello.

Em seguida a esta assignatura, assignavam todos os desembargadores da alçada, que diziam ser verdade o que o presidente confessava, e que se desculpavam com o medo que tinham ao Mascarenhas e ao ministro.

Mal acabou de lêr este papel, Sebastião de Carvalho fitou o conde com olhar allucinado. Depois ergueu-se de um salto, e correu a elle.

— Conde do Sardoal — rouquejou em voz surda — este papel é verdadeiro? Não é uma impostura? uma falsidade?

— Sebastião de Carvalho — balbuciou o conde, fitando-o com olhar feroz — quando te dei atrevimento para me insultares d'essa fórma?

— Impossivel!... impossivel! — bradou com rancor o ministro.

E rasgou com desespero o papel em mil pedaços.

Os olhos do conde do Sardoal brilharam como

os olhos de um tigre, e a mão procurou convulsiva o punho da espada. Mas, apenas rasgou o papel, Sebastião de Carvalho deu machinalmente uma volta sobre si, dirigiu-se para a poltrona, e tornou a sentar-se.

— Impossivel!... impossivel...— balbuciou, com o olhar allucinado fito no conde.

De repente deu um grito, atirou com o corpo para cima da meza, a que estava sentado, e contra a qual lhe bateu em cheio a cabeça. Esteve assim alguns momentos, durante os quaes o conde lhe ouviu soltar alguns gemidos e alguns surdos bramidos de raiva. Por fim ergueu a fronte; tinha o rosto sereno e impassivel como costumava. Recostou-se então na poltrona, levou ao olho a terrivel luneta, e disse serenamente:

— Snr. Alvaro Martins, sua magestade el-rei meu senhor, ordena que vm.cê se prepare para partir dentro em quinze dias para o Rio de Janeiro, a bordo da nau *Perola*, que irá commandando, e na qual conduzirá o desembargador José Mascarenhas Pacheco Pereira, a quem sua magestade ha por bem ordenar que se vá apresentar ao sr. marquez de Lavradio, vice-rei do Brazil, para quem vm.cê levará uma carta de prego, na qual lhe será dito o que terá de encarregar ao dito desembargador.

O conde sorriu com alegria verdadeiramente infernal. Sebastião de Carvalho fitou-o com olhar distrahido alguns minutos, e depois disse a meia voz e como falando comsigo:

— Pendural-o de uma forca... podia-o fazer; é réu de lesa-magestade da *primeira cabeça*. enganou el-rei. Mas não... uma morte só... não. Vinte... trinta annos de tortura... ainda é pouco para me vingar.

Depois tornou a debruçar o corpo sobre a meza, e assim esteve alguns minutos com a cabeça repousada sobre os braços.

Por fim ergueu-a com o rosto sereno e tranquillo.

— D. Francisco — disse então — até d'aqui a quinze dias.

O conde do Sardoal sorriu-se, e estendeu-lhe a mão que elle apertou affectuosamente, e deixando confranger os labios com um sorriso de ironia terrivel.

O conde sahiu. Meia hora depois cingia nos braços Laura e D. Manoel de Lencastre, e apertava contra o coração D. Bartholomeu, que soluçava, sem lhe poder dar palavra.

No dia seguinte, o conde chamou Laura e D. Manoel, e disse-lhes:

— Meus filhos, é preciso que o vosso casamento se faça dentro em oito dias. De hoje a quinze tenho de partir para muito longe, e talvez que por muitos annos.

A influencia omnipotente de Alvaro Martins fez despachar em poucos dias os papeis necessarios para desembaraçar o casamento. Dez dias depois da sua chegada a Lisboa, Laura uniu-se para sempre a D. Manoel de Lencastre. Alvaro foi o padrinho de D. Manoel e D. Bartholomeu o de Laura. O honrado biscaínho fizera no dia anterior o seu testamento, e n'elle instituira a sua querida pupila, a filha querida de Pero Coelho de Abranches, herdeira de toda a sua grande fortuna.

Duas horas antes do casamento, um correio da secretaria das mercês procurou a snr.ª condessa do Sardoal, e entregou-lhe um volumoso officio, sellado com as armas reaes. Laura abriu-o. Continha dois alvarás. Um conferia a D. Manoel de Lencastre o titulo de conde do Sardoal, logo desde o momento do seu casamento com Laura. O outro nomeava o futuro conde do Sardoal coronel de um dos regimentos da Beira.

Era o presente do noivado que offerecia Sebastião José de Carvalho e Mello á filha de D. Leonor da Cunha.

Aquelle dia do casamento foi dia de verdadeira felicidade para o infeliz Alvaro Martins. Aquelle ros-

to carregado pela contínua agonia do espirito, descontrangeu-se, encheu-se de jubilo. Era então o mais feliz de todos os homens; e foi inspirado por esse supremo sentimento de ventura, que abençoou os dois noivos, ao acabar a ceremonia matrimonial.

Aquella alegria interrompeu-se porém passados quinze dias. Alvaro Martins partiu, depois de se despedir, para muito tempo. Ao partir, entregou a velha Margarida á protecção e aos cuidados da nova condessa. O velho Pedro recusou-se a ficar, e teimou pertinaz em acompanhal-o na nova peregrinação.

Oito annos depois d'este acontecimento, D. Manoel abandonou o exercito, e recolheu-se com Laura a uma formosa quinta do Minho, que fôra do conde D. Francisco, e de que Laura era agora senhora, como legitima herdeira d'elle. É escusado dizer que os dois esposos foram completamente felizes um com o outro. Basta terem casado por amor para o podermos acreditar. O que é preciso, porém, é informar o leitor de que esta felicidade não foi completa; e não o foi nunca, porque o motivo d'esta imperfeição acompanhou-os durante os longos annos que viveram.

Laura e D. Manoel nunca foram paes. A nobre e antiga estirpe dos condes do Sardoal acabou á morte d'elles.

XXIV

Pagae, pagae, ó almas carniceiras,
E sêde em vossos damnos as primeiras
Que os tormentos proveis:
Porque então para exemplo ficareis
A humanos pensamentos,
Para que ponham freio a seus intentos.

M. DA VEIGA. *Laura de Anfriso*. Od. Liv. x. Ode 5.

Para completar a historia da revolução de 23 de fevereiro de 1757, resta-me relatar ao leitor o que aconteceu a José Mascarenhas na missão, de que o severo ministro de el-rei D. José o encarregou, para lhe premiar a benemerencia de ter illudido el-rei e abusado da confiança que n'elle tinha sido depositada.

Cinco dias depois da scena a que o leitor assistiu no capitulo antecedente, Mascarenhas recebeu ordem de partir immediatamente para Lisboa; e quinze dias depois de chegar, embarcou na nau *Pérola* para o Brazil, soberbo e vanglorioso de se vêr nomeado para missão, que o ministro lhe declarára ser tão importante, que só d'elle se atrevia a confial-a, para lhe remunerar os serviços que tinha prestado ao estado no castigo dos revoltados do Porto.

Quando José Mascarenhas entrou para dentro do portaló da nau, o official que a commandava, veio recebel-o com todo o ceremonial. Mascarenhas estremeceu ao vêl-o. O commandante era Alvaro Martins, como o leitor já sabe, assim como sabe tambem as razoens que tinha o doutor para não gostar do que elle reputou méra pirraça da casualidade.

Mas em breve deixou Mascarenhas de receiar da companhia, a que se via irremediavelmente condemnado. Alvaro Martins tratou-o durante a viagem com affabilidade e consideração, e a tal ponto conseguiu disfarçar o que verdadeiramente sentia por elle, que José Mascarenhas chegou a esquecer o passado, e a bem dizer Sebastião de Carvalho por lhe ter proporcionado tão agradavel companhia.

Quando a nau ancorou na bahia do Rio de Janeiro, Alvaro Martins mandou lançar o escaler ao mar, e foi elle proprio conduzir a terra o commissario d'el-rei. José Mascarenhas foi alojar-se n'essa tarde em casa de um parente proximo, que exercia no Brazil um dos mais altos cargos do estado; e Alvaro, depois de se ter despedido affavelmente d'elle, dirigiu-se a casa do vice-rei, e entregou-lhe a carta de prégo, que levava.

No dia seguinte, José Mascarenhas apresentou-se ao marquez de Lavradio. O marquez tratou-o com toda a consideração e affabilidade, e mandou-lhe prestar taes honras, que o soberbo desembargador impava de orgulho e de vaidade.

Quando chegou a occasião de lhe communicar as ordens, que havia recebido ácerca d'aquella missão, o marquez disse-lhe que el-rei ordenava que s. s.ª partisse para a ilha de Santa Catharina, e ahi presidisse á construcção de uma prisão, que fosse digno castigo de um grande criminoso, de um homem emfim que tinha enganado el-rei e abusado, em prejuizo do povo, da auctoridade que sua magestade lhe tinha confiado.

A alma perversa de José Mascarenhas sentiu-se satisfeita com a medonha commissão, de que só elle fôra julgado capaz. Dois mezes depois o vice-rei recebia d'elle carta sobre carta, dando-lhe parte de estar concluida a obra, e rogando-lhe que sem perda de tempo fosse examinar — se elle tinha ou não cumprido satisfatoriamente as ordens de el-rei.

Passados tempos o marquez partiu para Santa Catharina. José Mascarenhas levou-o, dias depois de elle chegar, a vêr a obra, que tinha sido construida debaixo da sua inspecção e conforme o seu plano. Segundo contam os contemporaneos era um medonho calabouço subterraneo, que apenas recebia luz e ar por uma pequena fresta, aberta ao rez da abobada que lhe servia de tecto. A tradição portuense, que nos legou o nome de José Mascarenhas como anathema da execração e do odio publico, accrescenta que a prisão foi construida nos subterraneos do antigo castello, á beira mar, e que a maré, quando enchia, a inundava por tal fórma, que quem n'ella estivesse encerrado, era obrigado a conservar-se em bicos de pés e com os dedos das mãos aferrados ás fendas da parede para conservar a bocca ao lume d'agua e não morrer afogado.

— Parece-me, senhor marquez — disse Mascarenhas ao vice-rei, depois de lhe fazer observar todas as medonhas condições da prisão — parece-me que cumpri as ordens de el-rei, e que este carcere é digno do crime que sua magestade quer punir.

— De certo, snr. doutor, de certo — balbuciou o marquez — é de mais... é até demais.

— Creio, portanto, que sua magestade ficará contente, e que v. exc.ª informará o ministro de que fiz o meu dever. Agora falta o criminoso.

— O criminoso está perto, está á mão — replicou o marquez, indignado da ferocidade d'aquelle cynismo — o criminoso é o traidor e infame escrivão da alçada do Porto. Guardas, lançai este homem n'esse calabouço. El-rei prohibe que pessoa alguma se approxime d'esta porta, senão aquelle a quem elle

encarregou de vigiar que o condemnado não fuja, nem morra de fome. [1]

Mascarenhas recuou hirto de espanto e de terror. Dois homens approximaram-se d'elle, para executar as ordens do vice-rei; mas o desespêro accrescentára lhe as forças. Os dois homens fôram parar a distancia, e o malvado tentou fugir. Estava porém cercado por todos os lados, estava como o tigre encerrado dentro da arena. Ainda assim devia de ser terrivel a lucta que ia travar aquelle homem de forças herculeas, animado pela raiva da desesperação. Mas um outro homem, que era inspirado por sentimento ainda mais feroz, appareceu de repente deante d'elle. Este homem era Alvaro Martins, que tinha vindo no séquito do vice-rei. Ao vêl-o deante de si, o grande malvado ficou como entorpecido e a tremer convulsivamente. Alvaro arrojou-se de um salto sobre elle, cingiu entre os braços nervosos, e, levando-o n'um relance á porta do medonho calabouço, arremessou-o do alto da escada, que descia para elle, e gritou-lhe depois cá de cima:

— Não tenha cuidado, snr. escrivão da alçada do Porto. O carcereiro sou eu. Não o hei-de deixar morrer.

Tal foi o medonho castigo, a que a sevéra e terrivel justiça de Sebastião de Carvalho condemnou aquelle grande infame. E' de certo exagerada de mais a pintura que a tradição portuense fez da prisão; com taes condiçoens nenhum homem poderia n'ella viver quatro dias. Mas tal qual era na realidade, o calabouço de José Mascarenhas parecia não consentir longos annos de vida, a quem fôsse condemnado a viver n'elle. Comtudo ali viveu aquelle preverso durante vinte annos, até que os ministros da snr.ª D. Maria I abriram as portas de todos os calabouços do reino, sem indagar quaes eram os dos verdadeiros cri-

---

[1] Vid., na nota I, a passagem copiada das Recordaçoens de Jacome Ratton.

minosos e quaes os das victimas dos caprichos despóticos do ministro de el-rei D. José.

Agora quer o leitor de certo que eu lhe diga o que foi feito de Alvaro Martins, ou antes D. Francisco da Cunha, Conde do Sardoal. Eu lhe digo o pouco mais que ácerca d'elle se sabe.

D. Francisco da Cunha habitou a ilha de Santa Catharina durante os primeiros cinco annos da prisão de José Mascarenhas. Vivia no Castello, e era elle o unico a quem era permittido approximar-se do calabouço do grande criminoso. Durante os primeiros mezes a ninguem confiou o cuidar d'elle. Por fim enfastiou-se, e delegou aquella commissão em Pedro, o seu negro e fiel creado. Ao cabo de cinco annos Pedro morreu, e, poucos dias depois de elle morrer, Alvaro Martins desappareceu, e nunca mais se soube d'elle.

Quinze annos depois um velho venerando, mas de feiçoens duras e modos ríspidos, bateu á porta do palacio, onde viviam os condes do Sardoal. Interrogado ácerca do que pretendia, respondeu em voz imperativa e soberana, que queria falar com D. Manoel de Lencastre e com D. Laura de Abranches. Depois, sem esperar, subiu a escadaria do palacio, e atravessou por differentes salas, até onde encontrou os dois esposos.

Ao vêr aquella figura rude e venerandamente magestosa, os dois ergueram se cortezmente e ao mesmo tempo impressionados por aquella apparição inesperada. Elle parou deante d'elles, e ficou de pé, fitando-os fixamente, mas sem proferir palavra.

— Quem é, e o que quer?— balbuciou por fim D. Manoel, dirigindo-se a elle.

— Tão desconhecido estou eu portanto!— exclamou elle rudemente — Eu sou o homem, que foi D. Francisco da Cunha, conde do Sardoal.

Laura e D. Manuel arrojaram-se como loucos nos braços d'elle, e apertaram-n'o contra o coração com o frenesim do amor. Elle correspondia sêcca e rude-

mente áquellas vivas manifestaçoens de sentidissimo affecto. Por fim os beijos, os carinhos e as lagrimas, de que Laura o cobria, pareceram movel-o. Arredou-a de si, fitou-a firmemente um minuto, e depois apertou-a com força contra o coração, e cobriu lhe o rosto de beijos freneticos. Em seguida cingiu D. Manoel contra o peito, como quem pretendia abafar com a força d'aquella pressão os soluços, que lhe queriam irromper d'elle. Por fim colheu-os ambos de dois entre os braços, apertou-os n'elles convulsivamente, encostou sobre elles a cabeça e as lagrimas começaram a rolar-lhe pelas faces abaixo.

Durante dois annos D. Francisco viveu como Alvaro Martins, junto de Laura e de D. Manoel, objecto de todos os carinhos, de todas as attençoens e de todos os affectos dos dois esposos, que o estremeciam, e vigiavam por elle mais ainda, do que filhos carinhosos vigiam pelo pae, que estimam com todas as potencias da alma. Um dia, ao cabo d'esses dois annos, desappareceu, deixando uma carta fechada sobre a meza do quarto, em que dormia. N'essa carta D. Francisco abençoava terna e fervorosamente os dois esposos, e dizia-lhes eternamente adeus.—«Devo separar-me de vós—terminava elle—porque receio que a ira de Deus vos fulmine por terdes feito sentir a verdadeira felicidade ao precito.»

Desde esse dia nunca mais poderam saber d'elle.

Tres annos depois, em 1782, o octogenario marquez de Pombal adoeceu da ultima doença. Ao sentir approximar-se a morte, escreveu uma pequena carta, e deu ordem de immediatamente a fazerem partir para o Bussaco, e entregar ao frade, a quem era dirigida.

O creado, que levou a carta, partiu com a convicção de que ia chamar um confessor para seu amo. Chegando ao Bussaco, entregou-a ao superior do convento, que mandou in-continenti procurar o frade, para quem vinha subscriptada.

Era este um homem septuagenario, de feiçoens

duras e austéras, de modos asperos e rudes, e de costumes excentricos e quasi selvagens. Ninguem melhor do que elle cumpriu o preceito do silencio, a que a communidade era obrigada; ninguem mais do que elle amava a completa solidão. Havia tres annos que aquelle velho viera bater á porta do convento, e pedira para falar ao guardião. A conversa entre os dois foi longa. O velho ficou essa noite no convento, e no dia seguinte o guardião vestiu-lhe o habito de noviço, deante de toda a communidade reunida. No fim do anno professou. A vida d'elle, logo desde o primeiro dia, fôra sempre modelo de austeridade e de privaçoens. A maior parte dos frades nunca o ouvira falar; o sustento que diariamente tomava, mal podera julgar-se sufficiente para uma creança; muitos dias não comia, e muitos a fio não entrava no convento, e dormia pela matta, ora debaixo das arvores seculares, ora encostado ás capelinhas, que commemoram a paixão do Redemptor. Toda a communidade o tinha em conta de santo, e como tal o venerava, e se curvava deante d'elle quando casualmente o encontrava errando por entre as arvores.

Era a este frade que se dirigia a carta do velho marquez de Pombal. Havia tres dias que não sabiam d'elle, que andava internado e errante na matta. Procuraram-n'o, e entregaram-lhe a carta. Mal a leu, tomou o bordão, e dirigiu-se á cella do guardião, com quem se demorou mais de meia hora. Depois sahiu, e, cavalgando n'uma velha mula, que pertencia ao convento, e que o guardião mandára apparelhar, poz-se a caminho de Pombal, e não parou até chegar lá. Durante a jornada não deu uma só palavra ao creado, em quem mesmo nem parecia reparar. Chegado a Pombal, descavalgou á porta do marquez, tão agil e tão inteiro que mais parecia mancebo chegado de curto passeio, do que ancião de muitos dias, que acabava de chegar de jornada de muitas legoas e feita sem parar e a marchas forçadas. Entrou, e sem dar palavra a pessoa alguma dirigiu-se directa-

mente ao quarto onde o velho ministro jazia quasi moribundo.

O rosto d'este irradiou a mais completa alegria, e tingiu-se momentaneamente das côres da vitalidade de um moço. Estendeu-lhe com affecto e familiarmente a mão, e depois ordenou que o deixassem a sós com o velho carmelita.

Ao cabo de quatro horas a porta abriu-se, e o frade sahiu com a mesma austeridade e aspereza de feiçoens, com que havia entrado. O marquez tinha, porém, os olhos humidos de lagrimas. Fôra longa a conversação d'aquelles dois homens; mas o que n'ella se passou nem o marquez o disse, nem pessoa alguma lh'o ousou perguntar. O que parece fóra de duvida é que o frade não fôra chamado para o confessar, porque no dia seguinte o velho ministro, achando-se peior, pediu confessor e os sacramentos, com modos que demonstravam claramente que era a primeira vez que se lembrava de o fazer.

N'esse mesmo dia 5 de maio de 1782 morreu o grande e temido Sebastião José de Carvalho e Mello, primeiro conde de Oeyras e primeiro marquez de Pombal.

O frade voltou para o convento, e continuou a viver, sem que se lhe notasse differença alguma nem nos costumes nem nos modos. Ao cabo de um mez déram fé de que faltava ha mais dias do que costumava; e, receiosos de algum acontecimento funesto, espalharam-se a procural-o na matta. Depois de muito tempo acharam-n'o por fim no mais embrenhado d'ella, deitado debaixo d'uma arvore secular. Os frades approximaram-se, mas elle não se mexeu; chegaram-se mais, e então conheceram que estava morto.

N'um momento correu por todo o convento a noticias da morte do *santo*. A communidade dirigiu-se de cruz alçada para o logar, onde o tinham encontrado, e trouxe o cadaver processionalmente para o convento, cantando em torno d'elle os hymnos dos justos.

Enterraram-n'o com toda a veneração nos claustros; e sobre a lage raza, com que costumavam cobrir as sepulturas dos monges, esculpiram este singelo epitafio:

AQUI JAZ O V. FREY ALV
ARO MARTINS: MORREU
A 8 DE JUNHO DE 1782.

FIM

NOTAS

NOTAS

NOTA I. PAG. 10

TESTEMUNHOS DOS CONTEMPORANEOS E DOCUMENTOS OFICIAES RELATIVOS AO MOTIM DE 23 DE FEVEREIRO DE 1757

I

— O terceiro, e ultimo Tumulto, que eu mesmo presenciei, sendo muito menor, que os passados, teve consequencias e castigos taes, quaes o Leitor poderá vêr no Mappa, que adeante transcrevo, e que extrahi da propria sentença proferida contra os RR. Eis-aqui a sua origem e formalidade: Tendo-se estabelecido n'esta cidade a Companhia Geral da Agricultura do Vinho do Alto Douro, de que já fallei no Cap. VI, e vendo-se alguns taberneiros privados por esta causa dos grandes lucros, que extrahião com as suas multiplicadas Tabérnas, romperão no desatino de se aggregarem algumas meretrizes, rapazes, escravos, e outra gente infame, para executarem todos juntos um motim, que parecesse justa consequencia do licor, que o provocava. Na manhã de 23 de Fe-

vereiro de mil setecentos e cincoenta e sete, que era a de quarta-feira de Cinza, ajuntou-se esta infima plebe, no largo da Cordoaria, e pelas nove horas partindo d'este sitio em differentes bandos, foi ajuntar-se defronte do Chafariz de S. Domingos. Todos em huma voz bradarão: *Viva o povo, morra a Companhia.* Neste mesmo sitio, he que morava o Juiz do Povo: entrarão em sua caza, e achando-o doente (na verdade ou fingido) fizerão conduzir uma cadeirinha, para o levarem a caza do Chanceller, que servia juntamente de Governador das Justiças.

Entretanto subirão alguns rapazes aos Campanarios das Igrejas da Misericordia, e Cathedral e tocando os sinos a rebate, attrahirão grande parte da plebe, de sorte, que indo o Juiz do Povo dentro da cadeirinha, e tendo já passado toda a rua das Flores, largo da Feira, rua do Loureiro, e rua Cham, quando chegou á porta do dito Chanceller, já o Povo que o accompanhava, excedia o numero de quinhentas pessoas. Não cessavão os gritos, *Viva El-Rei, viva o Povo, morra a Companhia.* Ouvindo o Chanceller Governador esta confusão, e instado pelo Juiz do Povo, que lhe pedia a extincção da Companhia; deu ordem para que cada um podesse comprar, e vender vinhos livremente. Então o Povo satisfeito, e transportado de alegria, acenando com lenços, e com chapéos, clamava: *Viva, viva temos liberdade.* Em quanto isto assim passava, um rancho dos amotinados, accommetteo a caza de Luiz Belleza, que era o Provedor da mencionada Companhia, e morador na mesma rua Cham. Não passaria a maior excesso este accommettimento, se hum homem furioso, que estava casualmente em caza do tal Provedor, e hum seu creado não disparassem dois tiros de bacamarte contra o Povo. Estes estrondosos tiros, que apenas ferirão algum rapazes, irritarão totalmente, e lançarão na maior desesperação os animos dos conspirados. Elles amotinão-se, lanção-se como enfurecidos lêoens aos espelhos, mezas, cadeiras, e outros moveis preciosos, que achão nas salas; fazem tudo em pedaços,

sobem aos segundos, e terceiros andares, procurão diligentes os que disparárão os tiros, não os encontrão, porque temendo a sua ruina, tinhão fugido a refugiar-se no Corpo da Guarda. Voltão a vingar-se no resto dos moveis, e papeis pertencentes á Companhia, que despedação, e calcão aos pés.

N'este tempo acudiu a Tropa com o seu Tenente Coronel Vicente da Silva, que servia de Governador das Antas com subordinação ao Governador das Justiças no que respeitava aos negocios, e regulamentos da Companhia do Alto Douro: porem recebendo deste Ordem expressa, para que não coartasse o Povo, veio a ser testemunha indifferente de tal desordem. Ás tres horas da tarde achava-se a Cidade em tal socego, que sahindo a esta hora a procissão dos Terceiros Franciscanos, nem signaes vio do que se tinha passado. Este foi na verdade todo o successo do referido Tumulto, que eu vi, e do qual ainda são vivas milhares de testemunhas. Os chefes, que o excitárão, forão quatro miseraveis *Taberneiros*, hum pobre *Alfayate*, que era Juiz do Povo, e hum desgraçado Sargento Supra. Á vista d'estes Chefes, que taes serião os sequazes? Julgue-o o Leitor. Para confirmação da idêa, que este deve formar, e do quanto este Motim em nada manchou a gloria dos Portuenses, leia o prefacio da Sentença proferida contra os Réos, e verá que sómente a plebe foi a aggressora: principia ella com estas palavras: *A rebellião da grande parte da Plebe de huma Cidade, que depois da Corte, he sem disputa a maior, e mais opulenta da Monarchia etc.* Porém como das informaçoens pessimas, ou benignas resultão os pequenos ou os grandes castigos, succedeu que pintárão a ElRei este successo com tintas, e côres tão denegridas, que o constrangêrão a mandar sobre esta Cidade huma Alçada composta do Regimento de Dragoens da Beira, de que era coronel *D. Antonio Manuel de Vilhena:* de dous de Infanteria, um do Minho de que era coronel *Luiz de Mendonça Furtado*, e outro de Trás os Montes, do qual foi nomeado coronel *Vicente da*

Silva: de hum Esquadrão de Cavallaria ligeira da Praça de Chaves commandado pelo Tenente Coronel *João Pinto Rubim:* alem do Regimento de mil e duzentos homens de Infanteria da Guarnição d'esta cidade, de que foi nomeado coronel *João de Almada e Mello.* Nomeou ElRei para Juiz da Alçada ao Desembargador do Paço *João Pacheco Pereira*, e para Escrivão seu filho *José Mascarenhas.*

Mappa das Pessoas que forão presas, condemnadas, e das que sahirão livres da culpa.

	Homens	Mulheres
Condemnados na pena ordinaria do delicto.....	21	5
Destes se executaram a pena de morte em 13; e oito que se tinhão ausentado do Reino, forão banidos: e das cinco Rés, se não executou a pena de morte em huma, por estar prenhe.		
Em açoutes, e galés, e confiscação de ametade do bens.....	26	0
Em açoutes com a dita confiscação, e degredos para os Reinos de Angola, e Benguella.....	8	9
Em degredo para Angola, e dita confiscação.....	3	1
Para Mazagão, confiscada a terça parte dos bens.....	9	0
Para Castro Marim, e penas pecuniarias.....	3	0
Dito degredo, e confiscada a quarta parte dos bens.....	0	9
Para Africa, confiscada a quarta parte dos bens.....	22	0
Para fóra da Comarca, confiscada a quinta parte dos bens.....	26	5
Em seis mezes de prisão, e diversas		

	Homens	Mulheres
penas pecuniarias, que constão da sentença.....	54	9
Impuberes condemnados em irem vêr as execuçoens etc.....	17	0
Absolutos.....	32	4
Mandados soltar em diversas audiencias de visitas, que fez o Presidente da Alçada, e o Escrivão seu filho.....	183	12
Facinorosos, que se remeterão á Relação para nella serem sentenceados por meios ordinarios.	16	0
Condemnados para os Estados da India.....	4	0
Somma...	424	54
Total...	478	

P. Agostinho Rebello. Descripção typographica e historica da cidade do Porto Capitulo VIII, § 8.º pag. 309. Porto, 1789.

II

Foi em consequencia deste privilegio exclusivo *(o das tavernas)*, seguido de augmento no preço, e qualidade arbitraria dos vinhos aquartilhados, que no principio houve huma certa agitação no povo baixo da Cidade do Porto, correndo em bandos pelas ruas, e gritando *abaixo a Companhia;* mas sem commetterem nenhuma violencia, segundo me informarão pessoas de credito, quando estive naquella cidade no fim do anno 1757, cuja agitação, a que derão o nome de levantamento do Porto, foi logo applacada pelas sabias providencias do Governador das armas, João d'Almada, que ao mesmo tempo fazia de

chanceller da Relação. Porem este accontecimento foi olhado na Corte, segundo as primeiras, e indiscretas informaçoens, como um levantamento formal; e logo se mandarão tropas, e os dous Magistrados Mascarenhas pay e filho com todos os poderes sobre o civil, e militar. O Desembargador filho, homem ambicioso de poder, e de caracter perverso, assumio a si toda a authoridade, não obstante ter ido em qualidade de ajudante de seu pay, que tinha reputação de douto, e bom; mas de idade avançada e doente. Encheo o tal filho de medo, e afflicção a todos os moradores do Porto; andava com huma guarda de cavallaria atraz de si; abrio uma devassa, na qual mostrava todo o empenho de involver pessoas graudas, para persuadir ao Governo que tinha applacado uma rebellião formal; mas, se implicou algumas, era a opinião geral ser com falsidade. Houverão alguns individuos condemnados á pena ultima, e outros a açoutes, etc.; fazendo-os primeiro andar pelas ruas em gargalheira, o que encheo aquella Cidade de luto, e fez de uma insignificante agitação hum caso de muito estrondo, com o fim de merecer premios, e os teve; por que chegando a verdade ao Trono, foi o dito Mascarenhas filho enviado ao Rio de Janeiro, creio que no Vice-reinado do Marquez de Lavradio, como encarregado de huma importante commissão, a qual alli lhe seria participada pelo dito Vice-rei; e este o encarregou de passar á Ilha de Santa Catharina, e la apromptar huma prisão, digna de hum homem que tinha abusado, em prejuizo dos povos, da authoridade, que o Soberano lhe tinha conferido; o que elle promptamente cumprio, segundo a maldade do seu coração; e depois se lhe ordenou que entrasse para ella, na qual jazeo até que sahio pelo perdão geral concedido na occasião da Exaltação da Rainha Que Deos Guarde ao Trono.

Jacome Ratton. Recordaçoens, § 56, pag. 29. Londres. 1813.

III

INFORMAÇOENS OU CONTAS DADAS PELA CAMARA DO PORTO E EL-REI ÁCERCA DO TUMULTO DE 23 DE FEVEREIRO DE 1757.

PRIMEIRA CONTA

Senhor.

No dia quarta feira de Cinza 23 do corrente pelas dez horas e meya da manhãa se congregarão varios rapazes com algumas mulheres no Terreyro da Cordoaria desta Cidade, e entrando amotinados pela porta do Olival com hum lenço alvorado em huma vara, romperão em altas vozes dizendo, Viva ElRey, Viva o Povo e morra a Companhia. Encaminhandose pela rua de S. Bento da Victoria com estes vivas e alaridos forão aggregando muitas pessoas de hum e outro sexo, e descendo pelas escadas da Victoria derão consiguo na Praça de S. Domingos, e d'ahi se encaminharão para a porta do Juiz do Povo que vive defronte do Chafariz da mesma Praça aonde já se lhe tinhão encorporado innumeraveis Pessoas, e convidando-o para que os accompanhasse, elle se lhe escusou com o pretexto de doente, e lhe mandarão buscar hua cadeyrinha, e metendo-o nella, continuarão com mayores alaridos, e nos repetidos Vivas pela Rua das Flores, Terreiro das Religiosas de S. Bento, Rua do Loureiro, e Rua Chãa encaminhandose para as Cazas em que vive o Desembargador Bernardo Duarte de Figueiredo, Corregedor do Crime desta Relação que serve de Chanceller e Governador da Justiças d'esta, aonde chegarão incorporados mais de sinco mil pessoas, cujo numero constava de rapazes, gallegos, marinheiros, mulheres, e alguns officiais e homens de Capote, que mostravão ser pes-

soas de baixa esfera, porem, a nenhum se vio arma de qualidade alguma, e á porta do mesmo Chanceller que serve de Governador, fizerão diligencia para lhe entrarem nas cazas, a tempo que elle lhe appareceo á janella, e perguntando que queriam, repetirão os mesmo Vivas, e que tinhão para fazerlhe seus requerimentos, e descendo ao fundo da escada para os receber, e socegar com a madura prudencia que mostrou nessa occasião, e nestas capitulações se gastou bastante tempo, e ultimamente para evitar a mayor ruina que ameaçava tão extraordinario tumulto, tumou resolução de lhe deferir ao que pedião, que era a liberdade de comprar e vender vinhos assim, e da mesma sorte que se praticava antes da instituição da mesma Companhia, e que esta suspendesse até á determinação de V. Magestade fazendo isto publico por pregoens e editaes por se não satisfazerem de outra sorte, como o mesmo Chanceller Governador terá posto na real presença de V. Magestade e com mais individuação.

Deferidos na referida forma, voltarão pela mesma rua Chãa, e como no fim d'esta mora Luiz Belleza de Andrade Vereador desta Camara, e provedor da mesma Companhia, chegando á sua porta levados do mesmo furor que os dominava, romperão no excesso de lhe atirarem varias pedradas ás janellas, fazendo forssa para lhe entrarem na mesma caza, e disparandose de dentro dois, ou tres tiros, dos quaes ficarão duas pessoas gravemente feridas, mas sem perigo de vida pelas noticias que correm, se accendeo no Povo mayor furor, e lhe entraram nas mesmas cazas estragandolhe todo movel que acharão nos quartos bayxos della, e todo o recreyo do seu jardim; e a mesma entrada fizerão na caza do Escriptorio da Companhia que fica unida ao do dito Luiz Belleza, onde fizeram o mesmo estrago lansando á rua varios papeis, e livros da dita Companhia, e não passou adiante o dito estrago por acudir a guarda com o Cappitão della a requerimento do Juiz de fora que vive defronte do Corpo da Guarda, e fazendose

o dito Cappitão com a guarda senhor das cazas rebateu prudencialmente as pessoas que achou nellas impedindolhe a resolução de deytarem á rua o dinheiro da mesma Companhia que nellas se achava com a voz de ser o mesmo dinheiro pertencente a V. Magestade, com o que suspenderão logo esta acção. Porem com tudo isto se não apaziguou o tumulto, que n'este tempo constava já de mais de 20:000 pessoas por succeder o caso em dia em que concorre toda a visinhança desta cidade a ver a procissão dos Terceyros de S. Francisco que nelle se costuma fazer; e por continuar mandou o Governador das Justiças ao Juiz de fora do Civel e ao Juiz do Crime ao mesmo tumulto para que de qualquer janella que julgassem mais proporcionada cappacitassem, e moderassem o povo para que dezistisse de similhantes excessos, o que prontamente executarão, e o povo os ouvio sem os aggravar, e ao mesmo tempo chegou tambem o Tenente Coronel que governa as armas, e mandou puxar as Companhias dos soldados que lhe parecerão necessarias, os quaes destribuio pelas partes mais convenientes trabalhando da sua parte quanto lhe foy possivel para socegar o mesmo tumulto, o qual ao mesmo tempo que se retirava dos soldados que hião alimpando a rua sem offenderem pessoa, lhe atirarão varias pedradas que alguas se empregarão em alguns soldados, e officiais, e foy tanta a copia dellas que obrigarão a perderem muitos a forma, e aos granadeiros que se tinhão mandado guardar a porta de Sima de Villa, os carregarão com tanta forsa com as ditas pedradas, que a um soldado o ferirão tão gravemente na cabeça que cahia por morto, e assim esteve mays de hua hora, e ainda se acha gravemente doente, e ao mesmo tempo inttentou o mesmo tumulto cometer a Caza de Manoel Bernardo Secretario da Companhia, e a de Caetano dos Santos Deputado da mesma, porem não chegarão a entrar em nenhua d'ellas, nem lhe fizerão damno algum.

E sendo tres horas da tarde, commessou a so-

cegar o mesmo tumulto, e se mandou avizo á Ordem 3.ª para que puzesse a sua procissão na rua em ordem a se divertir o povo para esta parte, cuja ideia produzio o desejado effeyto, e se tomarão as cautellas necessarias tanto pelos Ministros de Justiça, como pelos militares rondando uns e outros toda a Cidade para evitarem ajuntamentos, ficando sempre todo o regimento em armas the o prezente em que o povo se acha quieto, e socegado com a providencia que lhe deu o Chanceller Governador, e os Almotacés desta cidade tem executado com zello e prudencia por serem ambos advogados dos de boa nota desta mesma Cidade, e seguirem integralmente as Ordens que lhe deu o mesmo Chanceller Governador, como terá já representado a V. Magestade.

Este inopinado successo que pomos na real presença de V. Magestade sendo de universal sentimento para toda a nobreza e homens bons d'esta cidade, se nos faz mais sensivel, porque gloriando-se ella sempre de ter V. Magestade n'ella os mais obedientes e fieis vassallos, com esta acção de um povo ignorante, poderá ficar em duvida a obediencia de todos; porém, Senhor, dilatando nós esta conta mais hum dia para vêr se achavamos alguns indicios de que n'este tumulto se interessasse alguma pessoa d'aquellas que pódem fazer Cabeça ou figura na cidade, não podemos descobrir a minima presumpção contra homem algum bom d'ella, antes todos estranharão geralmente com magua este excesso enorme obrado pelas referidas pessoas, porque se não vyo outra de maior qualidade n'este tumulto.

E supposto nós não acudissemos em corpo de Camara, foy por ser tão repentino que não houve tempo para se poder congregar o corpo d'ella, porque um dos vereadores he Luiz Belleza de Andrade, Provedor da Companhia, que se achava refugiado, e o vereador mais velho José Cardoso de Carvalho e Fonseca se achava assistindo á funcção da Cinza na misericordia por ser irmão da Mesa, e outro Diogo Homem Carneiro de Vasconcellos estava fóra da cidade

da parte d'Alem do Douro na sua quinta onde assiste, e n'estes termos ficava sendo impossivel ajuntarem-se com a brevidade que pedia o caso; nem o Juiz de fora os podia convocar, porque logo que principiou o tumulto, se mandou offerecer ao Chanceller para toda a diligencia que lhe determinasse certificando-lhe estava certo ás primeiras Ordens, e elle lhe ordenou não sahisse de Caza sem novo aviso seu por não querer n'aquella occasião pessoa de respeito entre o povo, e lhe parecer que com a sua prudencia e efficacia o reduziria á razão.

E se verificou de que o mesmo povo julgava todas as pessoas de respeito a favor da Companhia, porque sahindo os irmãos da mesa da misericordia; que se compoem de pessoas graves, e entre ellas o dito Vereador mais velho, e o Dezembargador Fernando Leite Lobo, corregedor do Civel, darem conta ao mesmo Chanceller Governador que o toque do sino a rebate que na mesma occasião se fez na dita Misericordia, fôra por dois rapazes de pouca idade que occultamente se introduziram na Torre, a que logo acudiram impedindo-os, e castigando-os; e chegando á porta do Chanceller Governador a tempo que ainda ali se achava o povo, e despedindo-os sem lhes fallar, os correu o mesmo povo ás pedradas fazendo-os recolher a uma caza d'onde atiraram muitas pelas janellas e telhados entendendo que eram a favor da mesma Companhia.

Examinando nós a cauza que houve para este extraordinario excesso, não achamos outra mays do que o queyxar-se antecedentemente o povo de que a Meza da administração da Companhia, usava dos Capitulos d'ella para a sua utilidade, e que desprezava, e não cumpria os que eram em utilidade do publico, tanto no preço do vinho, como na má qualidade dos que se vendiam ao povo pelo miudo.

O que tudo pomos na real presença de V. Magestade a cujos pés prostrados com o mais profundo respeito ratificamos a nossa fidelidade e obediencia.

Porto em camara, 25 de fevereiro de 1757.

SEGUNDA CONTA.

Senhor.

Chegando o Desembargador João Pacheco Pereira de Vasconcellos a esta Cidade, nos fez entregar logo a resolução de V. Magestade de trez do corrente; em que nos ordena aquartellemos todas as tropas que trouxesse e chamasse o dito Ministro para seu auxilio e conservação de sua authoridade, que temos executado com a prontidão que devemos, e com obediencia dos mais fieis vassallos de que nos prezamos.

Toda a nobreza e homens bons da Cidade que receiosos que na alta comprehensão de V. Magestade se formasse hum discurso alheyo da realidade de que não tinhão entrado no tumulto que formou a gente plebea ignorante no dia 23 de Fevereiro proximo passado; se congratulão reciprocamente na intelligencia de que V. Magestade estará inteiramente persuadido de que não só não concorrerão para aquelle excesso, mas que sentirão, estranharão, e reprehenderão semelhante desatino; e confiados na muita piedade da Real Pessoa de V. Magestade, esperão lhes accredite estas expressões da sua obediencia que protestão mostrar sempre, sentindo a exemplo da fidelidade com que os antigos patricios desta Cidade forão sempre o modelo para todos os deste Reyno, e com esta confiança postrados de joelhos aos Reaes pés de V. Magestade lhe rogão todos que sem faltar o castigo aos delinquentes, attenda V. Magestade como Pay piedoso a vexação dos innocentes, por que reconhecemos que naquella alteração passada, foy mais poderosa a ignorancia que a vontade.

O que nos confirma o observarmos que no dia em que chegou a esta Cidade o dito ministro com as Tropas que o acompanhavão, concorrendo á praça das Ortas muito povo levado da curiosidade de vellas formadas naquella praça, e outra parte delle concorrendo junto á noite a visitar o sagrado Lausperenne que se achava exposto na Igreja dos Padres da Con-

gregação do Oratorio que ha no mesmo Citio, para apartar o povo da praça sahirão alguns soldados de Cavallo pelo meyo do Povo que com esta occasião impellindo o mesmo Povo uns aos outros, se ouvirão algumas vozes que parecerão de tumulto, sendo na realidade ocasionadas do impulso que fizerão uns com outros para se retirarem, e levantando-se a voz de que houvera ferimentos averiguada a verdade, nem houve ferimento nem rezistencia, e só parece ser certo que um clerigo que ahi se achava inebriado dissera ah do Povo; mas tudo ficou em socego, e no mesmo estado se acha como estava quando chegou o dito Ministro, que com a prudencia e capacidade que nelle reconhecemos, e no Coronel a cujo cargo está o governo das Armas desta Cidade, esperamos fique firme o socego publico, e sem alteração no governo, e nós concorremos com quanto nos fôr possivel para o bom effeyto desta diligencia, para o que ratificamos a nossa immutavel fidelidade e obediencia aos Reays pés de V. Magestade. Porto em Camara 18 de Março de 1757.

No cartorio da Camara do Porto; Supplemento ao livro 17 das Proprias fol. 3 a 5 inclusivè.

IV

§§ I E II DA SENTENÇA PROFERIDA PELA ALÇADA A 12 DE OUTUBRO DE 1757, CONTRA OS COMPLICADOS NO LEVANTE DE 23 DE FEVEREIRO DO MESMO ANNO.

Acordão em Relação os da Alçada etc. Vistos estes Autos, que se fizerão summarios aos duzentos e sessenta e cinco Réos conteûdos na Pronuncia da

Devassa de fol. 157. v. até fol. 160, Artigos e Razões por elles offerecidas etc.

§ 1 E como plenamente se prova, commetter-se nesta Cidade, por huma parte da Plebe della, o abominavel delicto de *Alta Traição;* por quanto se mostra, que em o dia vinte e tres de Fevereiro do presente anno, esquecidos alguns dos seus Habitantes da Religião, e devida fidelidade, em que sempre se distinguirão os vassallos Portuguezes, se atreverão a cõmover com a sua astucia uma grande parte do infimo Povo, que animado pelas vozes, dos que o concitárão, formou um Tumulto, e Rebellião tão temeraria, que depois de buscarem ao Juiz do Povo, para servir de Cabeça do referido Motim, forão com elle á testa invadir a Caza do Desembargador *Bernardo Duarte de Figueiredo*, Corregedor do Crime, a cujo cargo estava o Governo desta Relação, insultando, e violentando o dito Ministro com atrevidas vozes, e ameaços, para que desse por extincta a *Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do-Alto Douro*, que he da immediata, e Regia protecção do dito Senhor, pelo Alvará com força de Ley de dez de Setembro de 1756, no qual SUA MAGESTADE FIDELISSIMA a confirmou na fórma mais efficaz, debaixo da sua Real Palavra, em tão grande utilidade publica, dos Fieis Vassalos do mesmo Senhor nestas Provincias do Minho, Beira, e Traz os Montes, e especialmente desta Cidade, onde se perpetrou o delicto; que porisso causou o mayor horror, e escandalo na mesma Cidade, e Provincias adjacentes: Atrevendo-se os Rebeldes a tanto excesso, que não só tiverão a ousadia de prescrever Leys a hum ministro Presidente desta Relação, como se vê dos sediciosos papeis originaes *fol. 13 e fol. 14* da Devassa, os quaes lhe entregarão, chamando-lhes Requerimentos, e violentando-o a que os mandasse affixar, e publicar a som de caixas, e a que nomeasse para o caso de ausencia do Juiz do Povo actual, *Joseph Fernandes da Silva*, de alcunha o *Lisboa*, outro, tambem da sua facção, chamado *Thomaz Pinto*, determinando, que se fechassem as Ta-

vernas da mesma *Companhia*, e se devassassem os seus Armazens; mas continuando ainda em accumular absurdos e absurdos, forão assaltar as casas da dita *Compauhia*, e outras immediatas do Provedor da Junta da sua Administração, *Luiz Belleza de Andrade*, quebrando-lhe as janellas ás pedradas, arrombando-lhe as portas, e despedaçando, e rasgando, depois de se apoderarem das ditas cazas, não só os moveis, e alfayas, com que ellas se ornavam, mas até as Leys formadas pela Real Mão de SUA MAGESTADE FIDELISSIMA, e os mais papeis, e livros da referida *Companhia*, que descançava segura á sombra da immediata protecção do mesmo Senhor, pertendendo os Rebeldes arruinar tambem por este modo o cabedal dos Accionistas interessados na dita *Companhia Geral*. Excessos, que ao mesmo tempo intentarão executar em caza do Secretario da *Junta da dita Companhia*, e de alguns de seus Deputados. Rezistindo, e insultando á Guarda de Infantaria, que acodio a socegar os ditos Rebeldes, os quaes se atrevêrão a apedrejar, não só aos Soldados, e Officiaes de Guerra, mas tambem ao Dezembargador *Fernando Leite Lobo*, Corregedor do Civil desta Relação, unicamente por que veyo com o provedor, e Irmãos da Meza da Misericordia protestar a sua fidelidade na presença do dito governador das Justiças interino. Continuando os Reos nos dias seguintes, não só, atrevidamente amotinados, em comprar os Vinhos da referida *Companhia* pelos preços, que lhes pareceo arbitrar, e em vendelos nas Tavernas, que quizerão abrir em desprezo do Privilegio exclusivo, que SUA MAGESTADE FIDELISSIMA havia concedido á mesma *Companhia Geral*, e da provisão de 1755, passada a requerimento do Senado da Camara, que confirmou um Auto de Vereação do mesmo anno; em que se determinou, que houvesse numero certo de Vendas nesta Cidade; sendo evidente, que ainda antes das referidas Resoluçoens nenhuma pessoa podia abrir Tavernas sem licença da Camara, a qual nenhum dos Rebeldes obteve; por que se julgavam livres de toda a

sugeição; mas tambem passando ainda a mayores atrevimentos affixarão Pasquins, com os quaes pertendião, que grassasse o veneno da sua infidelidade por todas estas Provincias, como se vê a fol. 17 fol. 20, e fol. 150 *cum seqq.* Chegando alguns dos Amotinados á barbara temeridade de proferirem com a maior protervia vozes tão immediatamente offensivas do Summo Respeito, e Vassallagem, que devião ao seu Soberano, e da conservação dos seus Estados, que até faz horror o referilas, ainda, quando se trata do castigo: Pelo que é indubitavel, que os Réos se achão incursos no infame, e horroroso Crime de LEZA MAGESTADE da *primeira cabeça;* que sendo por si mesmo tão atroz, ainda se faz mais escandaloso entre uns Vassallos, que sempre forão louvaveis entre todos os da Europa, pela summa fidelidade, e cega obediencia que observarão ao seu Monarca; a qual violárão os Réos, pelos referidos insultos: aggravando mais o seu enorme delicto o ser este commettido muito de proposito, e caso pensado, precedendo confederação, que entre si fizerão os cabeças do referido Motim, logo que se estabeleceu a dita *Companhia*; tanto assim, que já em o mez de Outubro do anno passado se juntarão alguns dos Réos na Praça de S. Domingos desta cidade, para concitarem este mesmo Tumulto, que os ditos Traidores procurarão tambem executar em outras occasiões; ao que então se não atreverão, por dizerem alguns d'elles, receavão, que não os acompanhasse com a precisa constancia *Manuel de Sequeira*, que naquelle tempo servia de Juiz do Povo; pelo que diligencearão sobornar os votos a favor do sobredito *Thomaz Pinto* na nova eleição para o dito emprego, julgando, que o seu genio revoltozo era proprio para o referido absurdo, e não podendo conseguir este suborno o fizerão a favor do dito *José Fernandes da Silva*, que antes de exercitar o dito emprego, tinha ajustado com os Rebeldes, a sublevação, que depois executarão. Animando-se muito os Réos com a noticia de outro Tumulto, que no seculo passado succedeo nesta Cidade, e pelo qual

dizião, que o Povo não fora castigado, querendo executar este da mesma sorte, principiando o Motim por algumas mulheres, e rapazes, com o pretexto, de que pelo seu sexo, e idade conseguirião facilmente o perdão de tão execrando delicto, como referião nos seus conciliabulos, que acontecera em outras occasiões; no que vinham a abusar da piedade do Soberano, fazendo-se por isso mesmo mais indignos de o conseguir; pois que persuadião ao Povo a que confiado n'ella, os ajudasse a commetter tão proditorio delicto, ajustando entre si em varios conventiculos que fizerão os cabeças dos sublevados, concorrerem com os gastos precisos; para que o Juiz do Povo com todos os vinte e quatro, e mais alguns dos Amotinados fossem á Corte, ou com o fim de ali semearem novas perturbaçoens, ou ao menos de conseguirem do dito Senhor o perdão dos delictos, que primeiro se ajustarão a perpetrar, dando barbaramente a entender, que os ditos Juizes do Povo se podião oppor ás Reaes e independentes Resoluçoens da MAGESTADE; e chegando alguns dos Traidores a proferir, que se lhes não dava dos Ministros, e tropas; que o mesmo Senhor mandasse a castigar este barbaro insulto; por que se EL-REY N. S. determinasse o contrario do que o Povo tinha resolvido, concitarião outra mayor sublevação, pondo fogo ás casas de todos os moradores, que dellas não sahissem promptamente a encorporar-se com os Rebeldes para resistir ás mesmas Tropas, e Ministros, como se prova pelas testemunhas da Devassa fol. e fol.....
.....O que comprovarão com a temeraria ousadia, de que entrando n'esta cidade o desembargador do Paço *João Pacheco Pereira de Vasconcellos*, Presidente d'esta Alçada com plena, e illimitada Jurisdicção, para conhecer do dito insulto, escoltado por um Regimento de Dragoens, se concitou á sua porta novo Motim logo na primeira noite da sua chegada, oppondo-se o Povo á Cavallaria do Piquete da Guarda do mesmo Ministro, e gritando: *Ah que do Povo, Morra, Fogo, Viva o Povo, Viva a leria;* e as mais

vozes que a sua petulancia proferia no primeiro Tumulto, atirando pedradas á mesma Tropa, e proferindo outras palavras escandalosas, tanta multidão de pessoas, que enchião a grande praça chamada das *Hortas*, de que poderião resultar mayores disturbios, se o mesmo Ministro Presidente não ordenára sem demora ao Capitão de Dragoens Cõmandante do Piquete, que com a espada na mão fizesse despejar a dita Praça, immediata ás casas de sua aposentadoria, aonde se tinha congregado a revoltoza Plebe: o que logo se executou com actividade; como se prova das testemunhas da Devassa num. 100. 115. 118. 119 e 130 e de todas as da outra Devassa App. 168.

§ II. Desta Alta Traição se mostra serem os principaes Authores os Reos conteudos no § I da Pronuncia da Devassa fol. 157 etc. *seq.* por quanto, assim que a Camara reduziu as Tavernas desta cidade a numero certo se principiárão a cõmover os Taverneiros mais revoltosos, e obrigárão os outros a concorrer com dinheiro para as despezas de hum pleito, e outros requerimentos respectivos ao mesmo fim de fazer revogar a sobre dita Resolução, auxiliados pelo Reo *Thomaz Pinto;* e logo que tiverão noticia da confirmação da *Companhia do Alto Douro*, se tratou no Armazem de *Caetano Moreira da Silva*, de a destruir com um levantamento do Povo, dando-se parte ao dito *Caetano*, de que estava ajustado o Motim para o dia 10 de Outubro do anno passado, e com effeito se juntou grande numero de pessoas para o executar, porém julgando que erão poucos para huma acção tão temeraria, tratou depois o mesmo *Caetano* com *José Antonio de Beça*, e *Jose Fernandes da Silva*, de alcunha o *Lisboa*, que foy o ultimo Juiz do povo d'esta cidade, o modo, porque se havia de executar o projectado Motim, fazendo sobre essa materia largas, e repetidas conferencias, e o mesmo *Lisboa* grandes empenhos para vencer hum pleito, que teve com *Manoel Alves Pereira*, Oleiro, de alcunha o *Brazileiro*, em que disputarão, a qual delles pertencia o dito cargo, e nelle ficou com

effeito vencedor o dito *Lisboa*, como se vê do Appenso 172. Persuadindo o dito *Beça* aos revoltosos a precisão de darem bastante quantia de dinheiro ao dito Juiz do Povo para o mesmo fim; e com effeito o dito *Caetano* lhe levou algumas moedas de ouro em huma caixa de doce, as quaes juntarão entre si o dito *Caetano Moreira*, e *Felipe Lopes*, *Manoel da Costa*, Sargento do Regimento de Infanteria da Guarnição da Cidade, *Matheos Francisco*, *Thomé Gonçalves Guimaraens*, *Antonio de Sequeira Teixeira*, *Manoel Pereira dos Caldeireiros*, e *Antonio de Queirós*, em cujo nome deu a parte que lhe tocava o dito *Felipe Lopes* seu Compadre depois do que continuarão em fazer diversos conventiculos, até que ajustada a Rebellião para o dia 23 de Fevereiro do presente anno, foy o dito Réo *Caetano Moreira da Silva*, com *Domingos Nunes Botelho*, e *José Pinto de Azevedo*, Soldado do Regimento de Infantaria desta cidade fazer diligencia, por quem lhe escrevesse certo papel, que dizião, era pequeno, porém, que darião pelo trabalho de o copear algumas moedas de ouro, ou o que lhes pedissem: depois de que forão aconselhar-se com advogados, e rogarão ao Bacharel *Nicolau da Costa Araujo*, lhes fizesse o papel sedicioso, a que chamavão Requerimento; e se reconhece ser o atrevido papel original *num.* 1 *fol.* 13 da Devassa, o que concludentemente se prova pelas confissoens dos Réos *Caetano Moreira*, *Domingos Nunes*, *José Pinto*, e *Nicoláo da Costa Araujo;* pois, ainda que estejão discordes em algumas circumstancias, vem a convir no essencial, e a convencer se de mendacio na parte, em que suas confissoens são diminutas, pelas inverosimilidades, com que, sem negar o delicto, pertendião diminuir o conhecimento da sua gravidade: E suposto que haja duvida, em quem lavrou o dito sedicioso papel, principalmente entre o soldado *Jose Pinto de Azevedo*, e *Caetano Moreira*, como se vê das suas Perguntas, e *Acareaçoens* Appens. 8. e do Auto do Exame feito por conferencia da letra dos Réos no Appens. 166. Inclinando-se mais os Escri-

vaens a que a letra seja do mesmo *Caetano* como jurarão os dito *José Pinto de Azevedo*, e *Domingos Nunes Botelho*, posto que o contrario se fez mais verosimil, não só pelo que consta da declaração fol... do Appenso mas tambem por affirmar o dito Juiz, que foy do Povo, lho levára na vespera do Motim da parte do mesmo *Caetano* hum homem, que não conhecera; e lhe parecia ser o dito Soldado, declarando porém o filho do dito *Caetano Moreira*, ser o segundo Requerimento *num.* 2. *fol.* 15 da Devassa escrito por elle por ordem do dito seu Pay, o qual estivéra com algumas emendas disfarçando-lhe a letra, e depois mandára ao sobredito *Beça;* Vindo finalmente a concluir-se com evidencia, que este segundo papel foy certamente escrito pelo dito *Antonio Caetano Moreira*, por ordem de seu Pay *Caetano Moreira da Silva*, que assim o confessa, e diz, que lho dictou o referido *Beça*, e sendo innegavel, não só que, ou o dito Soldado, *José Pinto*, ou *Caetano Moreira*, fizerão o primeiro papel *fol.* 14 da Devassa, mas tambem, que estes dous Réos *Moreira*, e *Pinto*, e igualmente *José Antonio de Beça*, *Domingos Nunes Botelho*, e o Juiz do Povo todos tiverão muito de antes noticia do seu contéudo, o que se manifesta das suas respectivas confissoens, como tambem, que o dito *José Pinto* foy avizar para o Tumulto muitos dos Rebeldes, encontrando-se sómente em que declara, o fez por ordem do *Caetano Moreira*, o que este nega, e affirmando, que não sabia o fim, a que se encaminhavam aquelles avisos, defesa incrivel, e que nestes Autos está plenamente convencida de falsa, pois convocando os rebeldes hum conciliabulo para casa de *José Antonio Estanqueiro*, muito antes de executada a Sedição, nelle fez o tal soldado huma lista de vinte e cinco mulheres, que haviam de principiar o Tumulto, no qual os ditos Réos *Caetano*, e *Nunes* andarão como cabeças da Rebellião, tratando ao Governador das Justiças interino com a mayor incivilidade, petulancia, e despreso, seguindo a Plebe as vozes que elles davão, animando o mesmo *Caetano*

aos Rebeldes, para que voltassem á rua Chã, querendo estes fugir, quando acudio a Guarda de Infanteria, a qual elle segurou a gritos, não faria mal algum aos ditos Rebeldes, como declara a testemunha num. 86. do Appens. 3. Offerecendose o dito *Nunes*, a pagar aos Tambores, que pedio viessem logo para publicar o Bando sedicioso, e proferindo na ante-vespora do Tumulto arrogantemente, que não se lhe dava de coisa alguma; e que se fosse preciso hiria pela cidade a cavallo convocar o Povo com huma bozina. Chegando a ouzadia destes Rebeldes a requerer, que o dito chanceller se obrigasse por huma escritura a que extinguisse a *Companhia*, e que na mesma assignasse o Juiz de Fóra, o Senado da Camara e a nobreza d'esta Cidade. E publicando-se com effeito o referido Bando, veyo com elle o Juiz do Povo a pé, sem embargo de ter fingido ao principio do Motim, que hia a elle violentado, e que estava tão gravemente enfermo, que era preciso levarem-no em uma cadeirinha; simulação, que se descobre, não só pelos depoimentos dos Medicos e Cirurgioens, que lhe assistirão, mas tambem pela sua propria confissão, de que na vespora recebera o tal chamado Requerimento, e que mandando buscar huma purga no dia do Motim, não a chegara a tomar por estar com tosse, etc.; provando-se a antecedente noticia, que tinha deste successo, até pela serenidade de animo, com que almoçou na presença dos Rebeldes, que fingiu o forão levantar da cama com ameaças de morte; manifestando-se de sorte a sua má intenção, que, logo que se estabeleceu a *Companhia*, disse, que, se elle fôra Juiz do Povo, bem sabia o como a havia de destruir, e que da Camara, e dos Fidalgos d'esta Cidade se lhe não dava cousa alguma; porque já em outras occasioens se lhe oppuzéra, e os levára sempre vencidos, quando servira a primeira vez de Juiz do Povo.

Estes dois paragraphos, pondo de parte os numerosos e interessantes incidentes que se acham es-

palhados pelos seguintes até o numero trinta e quatro, compendiam a historia da revolta tal qual a alçada ou, segundo a tradicção, José Mascarenhas quiz fazer acreditar que ella foi. Para apreciar bem a verdade historica do facto compare-se com elles as informaçoens officiaes da camara e os testemunhos dos dois contemporaneos padre Rebello e Jacome Ratton, que acima vão publicados.

Esta sentença é uma das mais ominosas monstruosidades juridicas, que até hoje teem sahido dos tribunaes portuguezes; e uma das paginas mais negras e mais desairosas da historia da administração do grande ministro de el-rei D. José. Do espirito de injustiça e do proposito sanguinario que a inspiraram, encontram-se provas clarissimas em cada linha, para assim dizer, de cada um dos paragraphos. Entre todos torna-se notavel o que diz respeito a Marcos Varella. Este homem, *supposto* — diz a sentença na sua algaravia — *senão podesse averiguar, se foy ou não ao dito Motim, ou concorreu para elle*, foi condemnado a ser enforcado e esquartejado, porque era vendeiro e mercador de vinhos, e como tal era natural que andasse no tumulto; porque comprou oito pipas no armazem da Companhia, e depois comprou mais dezesseis no Doiro; porque lá deu a noticia da revolta do Porto mesmo diante do provedor da comarca de Lamego; porque era *gallego*, e porque nunca quizéra vender *os seus cascos das pipas!*

Para honra da humanidade, da justiça e do bom senso, é preciso accreditar que esta foi a primeira e a ultima vez que por taes *crimes* se condemnou um homem á morte.

NOTA II. PAG. 20.

É curioso o motivo por que á rua das Taipas se principiou a dar este nome nos fins do seculo XV. Até essa época era conhecida pelo nome de rua do Olival. Nos fins do anno de 1485 appareceu n'ella uma certa epidemia, uma *peste*, em consequencia da

qual a camara, por accordão de 14 de janeiro de 1486, a mandou *entaipar* nas duas extremidades. D'aqui o nome de *Taipas*. Pelo mesmo accordão foi ordenado que os doentes fossem recolhidos na antiga torre de Pedrossem, na qual seriam assistidos de medicos, botica e tudo o que lhes fosse preciso, á custa do municipio. Vid. no cartorio da camara do Porto o Livro das vereaçoens de 1486, fol. 26.

NOTA III. PAG. 21.

Nas muralhas de todas as terras afortalezadas, alem das portas principaes, havia differentes postigos, ou portas mais somenos, que não eram tidas em conta de entradas do burgo, mas que serviam para dar vasão ás differentes necessidades d'elle, e, não poucas vezes, em caso de cerco, tinham o prestimo das portas falsas ou *portas de traição*. Nos muros do Porto havia uns poucos destes *postigos*. Quem quizer saber o que elles eram, e estudar as differenças que os distinguiam das *portas* da cidade, ainda ahi tem de pé o *postigo dos banhos* e a *porta nova*, que são especimens d'estas duas qualidades de entradas das terras acastelladas.

Um dos postigos, que havia nas antigas muralhas do Porto, era ao nascente, para o lado de terra, e chamava-se o *postigo do sol*. Sobre elle, por se achar em extrema ruina, mandaram levantar em 1768 o arco de granito que ainda existe, e cuja utilidade ainda ninguem conheceu até hoje. Esta bugiaria foi mandada fazer por ordem de João de Almada e Mello, que era nessa época general das armas e governador das justiças; e foi feita por arrematação pelos mestres pedreiros Caetano Pereira e José Francisco, que o acabaram em agosto de 1768 e que, depois de trabalharem com muitos requerimentos para que lhe pagassem, conseguiram por fim receberem o importe d'elle a 28 de fevereiro de 1769. Custou 950$306 réis, como se vê da seguinte conta, que publíco para edificação d'aquelles que admiram a moralidade e

a boa administração das épocas, em que não havia jornalismo, que désse publicidade ás toleimas e ás poucas vergonhas.

Liquidação que importa a obra da porta do Sol feita pela ordem do Ill.mo e Ex.mo snr. General e Governador das Justiça

4982	palmos de esquadria lavrada de escada no soco, que corre em volta por baixo de toda a obra, superficie das pilastras, e na superficie da imposta architrave e frizo em rustico, e superficie do arco, tudo feito e acabado, posto em seu logar conforme a arrematação e plano— a preço de 79 réis.....	393$578
2475	palmos de moldura nas bazes das pilastras, capiteis e frizo, comprehendendo tudo em volta e seus membros particulares, como tambem o cronamento do timpano, tanto pela parte interior como exterior, e acabado conforme a arrematação, o palmo pelo preço de 130 réis.....	321$750
70	braças e mais 22 palmos no interior da porta no cheio de alvenaria argamaçada, a braça de 300 palmos, conforme a arrematação pelo preço cada huma de 2$280 réis...	159$765
1140	palmos de lagedo no pavimento da empena, o palmo a preço de 18 réis	20$520
3	braças e mais 175 palmos de alvenaria na parte que uniu o muro á porta da parte do Convento, a preço cada braça de 1400 réis.....	4$997
42	braças e mais 250 palmos no muro que fizeram no sitio onde foi a	

torre, cada braça a preço de 1400 réis..... 59$716 6/9

960$306 6/9

Somma a conta toda a quantia de novecentos e sessenta mil, trezentos e seis réis mais seis nonos de real que tanto se deve aos mestres. Porto 29 de agosto de 1768.

Vid. no Cartorio da Camara do Porto, Suplemento ao Livro 17 das Proprias fol. 6 a 10.

NOTA IV. PAG. 22.

O *miseravel e arruinado* pardieiro, de que falo, era o antigo edificio da Relação, mandado edificar em 1603, durante a usurpação de Filipe, II em Portugal e III em Espanha. Era edificio acanhado e mal construido. Em 1757 estava de tal maneira arruinado, que a Relação era obrigada a funccionar na casa, onde hoje é o palacio municipal.

Até á época em que a Relação de Filipe II foi edificada, o Porto nunca teve cadeia com localidade fixa, nem, o que mais é; reunida n'um só edificio. Assim em 1456 estava parte d'ella no antigo Hospital dos palmeiros, que tinha sido edificado, havia muito tempo, e servia então e ainda serviu muito tempo depois, de hospicio para recolher peregrinos. Este edificio ficava por traz da actual capella de S. Crispim, e tinha entrada pela Bequinha, entrada de que ainda actualmente se distinguem as ruinas. Parte d'elle é hoje propriedade da associação dos sapateiros, que tem ali o seu hospital. Em 1461 a cadeia estava junto com a torre do Bispo á Sé; e em 1606 estabeleceu-se definitivamente no edificio dos Filipes. Em muitas occasioens anteriores a esta época, esteve por differentes vezes nos armazens da casa da camara, quando esta funccionava no seu antigo edificio do largo da Sé.

NOTA V. PAG. 25.

O pensamento de demolir o inconvenientissimo murinho de S. Domingos não pertence á camara de 1845. No cartorio da camara existe um officio da junta das obras publicas do Porto, datado de 25 de agosto de 1803 e dirigido á irmandade de S. Domingos, a pedir-lhe licença para remover aquelle *passo*, que embaraçava a regularidade da rua das Flores. Parece que a irmandade negou-se a dar o consentimento pedido. Vid. no Cart. da Camara do Porto. Liv. III das sessoens das obras publicas, fol. 29.

NOTA VI. PAG. 26.

O hospital de S. Maria do Rocamador já existia no Porto, e n'esta mesma localidade nos principios do seculo XIII. De varios documentos, existentes no cartorio da camara d'esta cidade, vê-se que estava então a cargo de duas confrarias, a de Nossa Senhora da Silva e a do Corpo de Deus. Sobre estas é que a rainha D. Leonor instituiu a irmandade da Misericordia. A instituição da rainha deu maior latitude ao estabelecimento, que n'essa época ficou occupando todo o espaço entre a Misericordia e os Caldeireiros, d'onde seguia pela Ferraria de Cima. Estas duas ruas, Caldeireiros e Ferraria, formavam então uma só rua com a do Souto, e por este nome eram conhecidas. Na parte, que depois se chamou Caldeireiros, é que a camara fundou, em 1688, a primeira Roda dos expostos.

NOTA VII. PAG. 32.

A respeito da imagem de N. S. da Vandoma, Faria e Souza diz tambem (Europa, Tom, I, P.e IV, Cap. 14, § 4) que D. Nonego *collocola sobre una de las puertas de aquellos muros que reparava y que de nuevo erigia: y en ella permanece oy ol nombre de Nuestra Señora de Vandoma. Ali tienne Ara, ali se*

dize Missa, a que desde sus ventanas atiendem todos los moradores de una calle.

Este altar e este commodissimo modo de ouvir missa, se porventura existiram, desappareceram ha muito tempo, e por tal fórma desappareceram que nem mesmo deixaram vestigios, que abonem de qualquer forma a veracidade da asserção de Faria.

NOTA VIII. PAG. 33.

A maior parte do terreno, que forma hoje a praça de D. Pedro, era ainda, nos principios do seculo passado, propriedade particular do cabido da Sé do Porto, que o cedeu á camara por escriptura de 17 de fevereiro de 1721. A cedencia foi feita com a condição expressa de a camara aproveitar o terreno para fazer uma praça, e não para edificação alguma. O cabido reservou tambem o direito de edificar, *na mais terra contigua á dita praça, pela face do norte para a parte dos Lavadouros, e pela face do poente da parte da Fonte da Arca, casas de sobrádo com portas e janellas para a praça*, que não tomassem nada do terreno demarcado para ella, e *fazendo as fronteiras de sorte que lhe fiquem servindo de formozura e ornato.* Vid. no Cart. da Camara do Porto, supplemento ao livro 17 das proprias, fol. 35.

NOTA IX. PAG. 33.

Parece que até os meados do século XIII a camara do Porto funccionava dentro do edificio da Sé, em repartimento que lhe pertencia, e que era contiguo á egreja e á habitação do bispo. Pelo menos estava lá no anno de 1319 da éra de Cezar (1278 da éra vulgar), como consta de um antigo documento que possue o cartorio da camara do Porto, no livro da Demanda do Bispo D. Pedro Affonso. D'esse documento consta que, n'esse anno, o bispo D. Vicente Mendes, que governou a egreja do Porto desde 1261 até 1296, em que morreu, conseguiu fazer com

que a camara deixasse o edificio da Sé, allegando para isso que não só as conferencias camararias erão distinctamente ouvidas no paço do bispo, mas que nas occasioens, em que, por motivo de algumas investigaçoens, se applicava a tortura, o sangue dos padecentes salpicava os muros sagrados, tornando-os assim de alguma fórma interdictos.

Este documento, precioso para a historia do Porto, foi-me communicado em resumo pelo meu amigo Antonio Justino Pereira, distincto paleographo e laborioso cartorario da camara d'esta cidade, a cuja amizade, além da paciencia verdadeiramente evangelica com que me atura todas as vezes que me dá na vontade ir remexer nas antigualhas d'aquelle cartorio, devo muitos apontamentos historicos de grande valor, e devo tambem o seguinte ácerca das varias localidades, onde a camara tem funccionado, depois que se viu obrigada a deixar a sua casa do largo da Sé, em consequencia de estar em ruina.

1609 — A camara funccionava ainda na casa do largo da Sé.

1613 — No collegio da Companhia de Jesus, por estar o edificio da Sé muito arruinado, e ameaçando cahir.

1715 — N'uma casa do largo de S. Domingos, situada no local por onde depois se abriu a rua Ferreira Borges.

1764 — No collegio dos orphãos da Graça.

1784 — N'este anno a camara mandou demolir a casa da Sé, e, para fazer as sessoens, deliberou arrendar parte do convento dos padres agostinhos (antigo collegio da Companhia de Jesus) o que effectivamente fez pela quantia de 96$000 réis annuaes.

1805 — Passou a funccionar na Casa pia, em virtude do aviso régio de 14 de novembro de 1805.

1816 — No actual edificio da camara.

Este pertencia a Ignacio Leite Pereira Almeida Moraes, que o vendeu directamente á Companhia dos Vinhos a 13 de março de 1816. Esta compra teve logar cinco mezes depois da camara receber a provi-

são régia de 8 de outubro de 1815, que a authorisava a comprar o edificio para si. Não sei se a Companhia comprou de combinação com a camara, ou se o fez para especular com a morosidade que ella mostrava em usar da provisão de 8 de outubro. O que é certo é que dez dias depois de comprar a casa de Ignacio Leite, a Companhia cedeu-a á camara por escriptura de 23 de março de 1816. O preço de cedencia fôram 31:265$960 réis. Tudo isto consta de um livro especialmente feito para estes documentos. Em consequencia do edificio se achar muito arruinado, a camara teve de fazer obras, que duraram tres annos, durante os quaes continuou a funccionar na Casa pia. Concluidas as obras, passou para a sua actual residencia a 21 de agosto de 1819, como consta do Livro CII das vereaçoens fol. 75.

NOTA X. PAG. 34.

A constituição municipal do Porto; as differentes graduaçoens por que ella se foi pouco e pouco apurando até chegar a ser, no reinado de el-rei D. Diniz, um dos typos mais completos da liberdade municipal portugueza; a generosa energia de caracter; a indomavel pertinacia dos esforços, e as lutas heroicas, por meio das quaes os sempre liberrimos villoens-afidalgados d'este municipio a levaram a este apuro, são assumpto para muitas paginas gloriosas, e não para o curto espaço de uma nota.

Quando nos fins do seculo XV, o acaso fez sentar el-rei D. Manoel no throno portuguez, a administração economica e policial do Porto era exercida, sem dependencia de qualidade alguma, por um senado de pura eleição popular e escolhido de entre todos os *homens bons* do concelho. O povo elegia de entre elles um certo numero de juizes e vereadores e um procurador, os quaes, reunidos em *rollação* com grande numero de *homens bons* collocados para isso, governavam liberalmente a cidade, conservando n'ella aquelle espirito de independencia e de dignidade que

tantos serviços prestou á nação nos tempos antigos, e que, nos modernos, fez d'ella a atalaia vigilante e o campeão indomavel da liberdade portugueza.

Esta completa independencia de acção municipal, que acatava os reis como chefes da governação do estado, mas não como senhores feudaes da nação, não podia agradar ao espirito centralisador do governo de D. Manoel — governo que logo desde o começo manifestou o intento de acabar com as liberdades dos concelhos, e radicar o principio do despotismo dos reis. Mas romper abertamente a contenda era perigoso. Empregou-se portanto astucia, e empregou-se com toda a felicidade, porque a febre das descobertas gloriosas e das conquistas brutaes, d'onde o oiro manava em torrentes, fascinava o povo por tal forma que o cegava para tudo o que não fosse a Africa, a Asia e a America. Eramos então a nação mais poderosa da Europa, e aquella que mais riquezas possuia. Esta brilhante vangloria, arredando os olhos populares de cima das regalias dos seus velhos foraes e fazendo degenerar a rude pureza dos costumes primitivos, facilitou a D. Manoel occasião de tentar e completar a empreza, sem que o povo, na cegueira do enthusiasmo com que victoriava a gloria da nossa bandeira e as riquezas da India, sentisse a gravidade das reformas, com que arteiramente o algemavam. A revisão e reforma dos foraes foi o meio, que o governo de D. Manoel empregou, e com que logrou derribar o edificio secular da liberdade municipal. Depois da boa andança d'esta audaciosa provocação, tudo o demais era facil, tudo era possivel pôr-se impunemente em pratica. Os factos comprovaram que os nobres sentimentos de outro tempo haviam morrido em Portugal. Os sanguinarios e tôrpes mercadores do seculo XVI, tinham degenerado dos seus antepassados, os nobres e briosos soldados, que haviam ajudado o mestre d'Aviz a defender a independencia da monarchia de Affonso Henriques.

O primeiro passo, que D. Manoel deu para acabar com a liberdade municipal do Porto, foi em 1509

N'esse anno derogou elle o privilegio pelo qual era defeso aos fidalgos habitarem dentro das muralhas do Porto, privilegio que el-rei D. Diniz havia concedido á cidade. Esta regalia, que fôra o complemento das lutas liberaes dos antigos burguezes, os quaes, para a sustentarem, tinham desafiado as iras de muitos poderosos e até as do proprio rei D. Duarte na pessoa de seu irmão o primeiro duque de Bragança, perdeu-se agora sem um só queixume — tão alterado estava já n'essa época o rude e energico ciume, com que o Povo do Porto velava pelas suas franquias e liberdades! D. Manoel, conhecendo esta alteração, quiz aproveital-a em favor do seu poder absoluto, e entendeu que o conseguia assim, porque, abrindo aos nobres as portas da cidade, a grandeza d'elles havia de ganhar a maioria dos votos populares nas eleiçoens camararias. Fazer entrar os fidalgos na camara, era na verdade dominar absoluto sobre o espirito liberal da gente do Porto; porque os nobres eram n'essa época e foram quasi sempre em Portugal os interesseiros degraus da escada, por onde os reis subiram ao despotismo. O calculo falhou, porém d'esta feita ao astucioso monarca. O habito era mais forte do que a fascinação da nobreza nos animos dos descendentes dos terriveis inimigos de D. Martinho Rodrigues e do bastardo de D. João I. A eleição continuou pois a recahir nos *Homens bons* da cidade.

Treze ennos se passaram em tentativas inuteis. No fim d'elles reconheceu-se a impossibilidade de mudar o habitual caminho da eleição popular. D. Manoel resolveu-se então a dar o golpe decisivo; e a 1 de janeiro de 1518 despediu de Almeirim uma provisão régia, que fez desaparecer quasi que totalmente o antigo systema municipal do Porto. Por esta provisão, que se encontra no cartorio da camara no Liv. 1 das Proprias, fol. 109, e no Liv. 1 das Chapas fol. 302, tirou-se ao povo o direito de eleger. Para cegar a vaidade dos laboriosos e independentes burguezes simulou-se que a alteração era feita para os honrar. D. Manoel, tirando ao povo o direito de ele-

ger a sua camara, criou a casa dos vinte e quatro mesteres á similhança da organisação municipal de Lisboa. D'esta maneira o Porto ficava equiparado á capital. Aos vinte e quatro mesteres, com mais outros vinte e quatro que para esse fim erão eleitos, ficava d'alli por deante pretencendo a eleição camararia. Os vinte e quatro não podiam, porém, como os de Lisboa, assistir ás sessoens da camara; mas deviam escolher de entre si um procurador, que só nas occasioens, em que o interesse do povo o demandasse, havia de ser lá chamado, e que em caso de necessidade devia até ser representante d'elles perante o rei. Como se vê, o governo centralisador de D. Manoel entendeu que no Porto era preciso lançar no espirito liberal do povo cadeias mais apertadas do que eram necessarias em Lisboa. A eleição dos primeiros mesteres foi feita, conforme o determinado pela previsão de 1 de janeiro, pelo licenciado Pero Vaz, corregedor da comarca, a quem se ordenou que os elegesse de entre o povo, segundo o regimento dos mesteres de Lisboa, mas que d'alli por deante a eleição fosse feita pelo povo, segundo o mesmo regimento, do qual se lhe devia dar um traslado em publica forma. É facil conhecer a razão, por que convinha a D. Manoel substituir a eleição popular pela feita pela casa dos vinte e quatro mestres. Vinte e quatro homens são mais faceis de seduzir do que uma população inteira. E de facto a medida produziu o resultado calculado. Desde aquella época a camara do Porto foi sempre dominada pelos nobres, e por consequencia pelo rei.

Mas se o enthusiasmo das conquistas e da mercancia fez com que a perda dos antigos privilegios não produzisse nos animos dos portuenses do século XVI o mesmo abalo, que de certo produziria nos dos seculos anteriores, nem por isso deixaram de haver entre elles alguns homens generosos, que tentaram embaraçar o total anniquilamento das liberdades do concelho. Era impossivel resgatal-as pela força. A' astucia oppoz-se portanto a astucia: e mezes depois

da provisão de 1 de janeiro, D. Manoel deixou, para assim dizer, escorregar sem o sentir uma outra das mãos, na qual se encontra a disposição mais liberal de que os procuradores, nomeados pelos mestres, fôssem dois, os quaes deviam assistir sempre em camara todas as vezes que se tratasse da administração economica do concelho, sobre a qual nada se podia resolver, sem que elles fôssem ouvidos, e sem que elles prestassem o seu consentimento. Mas acordando immediatamente d'esse descuido, D. Manoel expediu logo a carta régia de 10 de setembro de 1519, pela qual poz outra vez em vigor a 1 de Janeiro de 1518, queixando se altamente que a mais liberal lhe fôra subrepticiamente extorquida pela astucia dos mesteres. Assim ficou organisada a administração municipal do Porto, que D. João III, por morte do pae, confirmou pela carta regia de 24 de Julho de 1525. Os originaes d'estas cartas régias acham-se no cartorio da camara do Porto, L.º V. das Proprias fol. 108 (Cartas e Provisoens).

Mas a casa dos mesteres, que desde essa época, ficou representando a recordação das antigas liberdades do Porto, não curvou humildemente a cabeça ao jugo do despotismo, que impunemente roubára a cidade liberal. A cada passo se encontram vestigios dos esforços feitos por ella para reconquistar a perdida influencia, e das amiudadas e acintosas perturbaçoens, com que os representantes do antigo governo dos *homens bons* inquietavam o moderno senado dos fidalgos. Assim em 1537 os procuradores dos mesteres teimaram em que haviam de requerer sentados deante da camara, e recusaram-se a demorarem-se n'ella sómente o tempo preciso para requererem de pé, e depois sahirem, como, em vista da lei, exigia d'elles o orgulhoso senado dos nobres. A pertinacia, com que recusaram obedecer, foi de tal ordem que foi precisa uma sentença da Relação, para os obrigar a isso. A sentença foi proferida a 20 de Maio de 1536, e acha-se no Cartorio da camara do Porto, Liv. 1 das sentenças fol. 170. Outra prova não

menos curiosa da energia desenvolvida pelo espirito liberal do Porto n'esta luta gloriosa contra o despotismo centralisador, foi o requerimento feito pela camara do Porto nas côrtes de Lisboa de 1562. N'ellas a camara, em capitulo particular que se encontra no L.º II das Proprias fol. 209, que a el-rei que o numero dos quarenta e oito mesteres, que elegiam a camara, fosse reduzido a vinte e quatro, porque n'aquelle maior numero entravam sempre alguns homens *pobres e necessitados*, que se deixavam subornar, de forma que a eleição recahia muitas vezes em pessoas menos capazes e sufficientes. Estes eram indubitavelmente, no sentir dos fidalgos, os populares que apesar de tudo, erão eleitos para o senado, e que por este facto restituiam ao povo a influencla, e a importancia, que lhes roubára a célebre provisão de 1 de Janeiro de 1518.

Mais tarde, em 1661, quando appareceu a lei do papel sellado, a repellencia, que havia entre a camara e os mesteres, appareceu em plena luz. A camara approvou a medida, e os mesteres reprovaram-na. Não pararam porem aqui; por via dos seus procuradores requereram-lhe que pedisse a el-rei a extincção do novo imposto. A camara respondeu á provocação, prendendo os procuradores e obrigando-os a assignar a ordem, expedida aos ministros da justiça para que não usassem de outro papel, senão do que fosse sellado. Teve isto logar a 4 de maio de 1661. No mesmo dia rebentou uma terrivel revolução, que ameaçou por algumas horas a segurança dos vereadores e de toda a classe nobre, e que só se apaziguou quando os procuradores appareceram soltos no meio do povo. Em razão d'ella a rainha, a senhora D. Luiza de Gusmão, regente pela menoridade de Affonso VI, extinguiu a casa dos vinte e quatro e os procuradores da cidade pela carta regia de 26 de outubro de 1661; e por outra, datada de 17 de novembro do mesmo anno, nomeou, a requerimento da camara, dois zeladores e requerentes, que assistiam n'ella sem voto e dependentes em tudo das ordens

do senado, e que faziam o officio dos antigos procuradores, requerendo o que parecia necessario ácerca de posturas e de impostos.

A casa dos vinte e quatro foi de novo restituida ao Porto pelo regente infante D. Pedro (depois rei II do nome) pela carta regia de 25 de maio de 1668, em recompensa e agradecimento dos bons e leaes serviços prestados pelos habitantes do Porto na fronteira do Minho, durante o tempo da guerra da restauração. Tornou de novo a ser abolida pela carta regia de 10 de abril de 1757, em consequencia da revolução contra a Companhia dos vinhos; e outra vez restituida a 4 de abril de 1795 pelo principe regente, depois el-rei D. João VI, para festejar o nascimento do principe da Beira.

Ácerca das propinas e emolumentos recebidos pelos officiaes da casa dos mesteres, apenas sei o que consta do Alvará de 12 de agosto de 1597, cujo original se encontra no cartorio da Camara no Liv. III das Propinas fol. 261, e da informação dada a 19 de maio de 1795 pelo escrivão da Camara João Caetano Telo e Souza, que se acha no mesmo cartorio no supplemento ao Liv. XVII das Proprias fol 85.

O Alvará authorisou a Camara a que das rendas publicas da cidade se fizessem as despezas marcadas nos trinta e quatro apontamentos apresentados por ella a el-rei. D'estes só os dois seguintes dizem respeito aos mesteres:

Apontamento 13. Paga a cidade as varas que dá ao corregedor, juiz, vereadores, procurador e escrivão da Camara, e procuradores dos mesteres nas oito procissoens de sua obrigação, e as varas que dá aos vereadores velhos e cidadãos que accompanham, e governam a procissão do Corpo de Deus.

Apontamento 26. Paga aos dois procuradores do povo 2$000 réis a cada um cada anno de propina pelo muito tempo que perdem de suas tendas para acudirem ás coisas do bem commum, e assistirem nas camaras.

Da informação do escrivão Telo e Souza colhe-se o seguinte ácerca de emolumentos:

No Liv. II das Proprias fol. 96 está o alvará de 15 de setembro de 1548, o qual manda dar aos procuradores dos mesteres 4$000 réis cada anno, trazendo elles certidão do desembargador corregedor da comarca, a qual atteste que lhe deram conta de terem despendido essa quantia em coisas necessarias, e que essa conta lhes foi approvada.

Dos livros da receita e despesa pertencentes aos bens do concelho nos annos de 1749 até 1795, inclusivé, deduz-se que os ordenados e propinas dos procuradores importavam annualmente 31$900 réis.

O juiz do povo e o escrivão não tinham ordenado. Pelo menos não se acha documento que fale d'elle.

Nas funcçoens régias, de gala ou de luto, o juiz do povo tinha 20$000 réis de propina, e o escrivão 15$000 réis. Os procuradores tinham 30$000 réis cada um. Estas despezas eram pagas pelo cofre dos sobejos das sizas, como se vê do Livro do mesmo cofre pertencente ao anno de 1724. Dos bens do conselho tinham tambem os procuradores, n'estas occasioens, 10$500 réis cada um, como consta dos livros de receita e despeza dos mesmos bens. Além d'isso as despezas extraordinarias eram-lhes abonadas pelo cofre das condemnaçoens da almoteceria, de que existem não poucos documentos.

NOTA XI. PAG. 63.

ORIGEM PRIMARIA DA COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO. D. BARTHOLOMEU DE PANCORVO CARACTER DE FR. JOSÉ DE MANSILHA.

Entre muitos ramos de industria nacional que se achavam em decadencia, quando o Snr. Rei D.

José subio ao trono, erão os vinhos do Alto Douro: e por isso o mesmo Senhor foi servido crear uma Companhia, com o titulo de Companhia da Cultura dos Vinhos do Alto Douro, e não de Companhia dos Vinhos do Porto, como abusivamente a denominão em Inglaterra, e mesmo muitos Portuguezes. O seu verdadeiro nome mostra qual foi o seu destino. Na collecção das leis Josephinas se acha a da creação, e estatutos da dita Companhia: no preambulo da qual se declarão os motivos, que induzirão o Governo a tomar huma tal medida; e se bem me lembro, foi a penuria a que tinham chegado os proprietarios daquelles districtos, causada pela decadencia progressiva dos preços dos seus vinhos: decadencia proveniente em parte do conloio entre os compradores exportadores, e em parte das falsificaçoens, ou errados temperos que os lavradores fazião aos seus vinhos, tanto no augmento de quantidade, depois de exprimida a uva nos lagares, como no augmento da côr artificial com drógas estranhas á sua natureza. E vendo o Governo que este manancial de riqueza nacional, que merecera tanta contemplação no tratado de Methuen, em 1703, ao ponto de se admittirem os lanificios d'Inglaterra, a troco da importação dos vinhos de Portugal n'aquelle paiz com o favor do direito de entrada de hum terço menor que sobre os de França: vendo, outra vez digo, que este manancial se hia rapidamente a perder de todo; e que aquelles terrenos não admittião a cultura de outras producçoens, se resolveo a crear a referida companhia; devendo-se este establecimento a hum Hespanhol biscainho, negociante de vinhos na Cidade do Porto, chamado D. Bartholomeu de Pancorvo, o qual se correspondia, por via de meu tio Jacome Bellon, com meu Pai, a quem consignou 200 pipas de vinho, para se venderem por sua conta. Ouvi naquelle tempo, que o dito Pancorvo traçára o plano da Companhia, e o conferira com o Padre Frey José de Mansilha, Dominico conventural naquella cidade, cujo Padre o viéra propor a Sebastião José de Carvalho, o qual depois de

o examinar cuidadosamente, formalisou sobre elle a lei da creação, e estatutos da companhia, por cujo motivo ficou o dito Padre em Lisboa, feito Procurador da companhia em quanto viveo. Era homem vivo, e ambicioso de representação; e por aquelle seu çargo teve sempre entrada franca em casa do Ministro; e nenhuma duvida tenho que elle extorquisse obrepticiamente do mesmo Ministro algumas providencias favoraveis á Companhia, e contrarias ao fim da sua instituição; fosse suggerido pelos Directores de quem elle era apoio, e dominador; fosse por interesses particulares para manter a sua representação; achaque que depois continuou durante o reinado da Rainha Nossa Senhora nos successores de Mansilha, cujos resultados são bem dignos da consideração de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, a Quem unicamente compete providenciallos, depois de todas as devidas, e fieis informaçoens sobre objecto de tanta importancia.

Jacome Ratton. Recordaçoens § 56. pag. 223.

NOTA XII. PAG. 72

A localidade, que hoje se chama *Torre da marca*, tira a sua denominação de uma grande torre, mandada construir ali em 1537 para servir de baliza ou *marca* da barra. Esta torre ainda existia na época em que o padre Rebello publicou a sua descripção historica do Porto, isto é em 1789. Antes d'ella a baliza da barra era um pinheiro secular e gigantesco, que ali havia crescido, como consta da carta régia de 5 de junho de 1535, que mandou devassar de quem fôra, que esfolára n'essa occasião o *pinheiro da marca da barra*. Vid. no cartorio da camara do Porto o Liv. I das Provisoens fol. 248. No mesmo sentido se encontra outro documento no Liv. III das Proprias fol. 6.

NOTA XIII. PAG. 109

Ha por ahi muita gente, que pensa que os grandes dotes são *coisas* da nossa época, e que por conseguinte ha-de embicar lendo no texto, que um negociante do seculo XVIII deu a uma filha quarenta contos de réis de dote, cem mil cruzados como então e ainda ha bem pouco se dizia no Porto. Para socego d'estas consciencias, não sei se abelhudas, se escrupulosas, pede o author licença para citar a seguinte passagem do padre Rebello, contemporaneo da época a que pertence esta novella. Diz elle na Descripção topographica e historica do Porto cap. III. § 7.

«O dote ordinario, que hum Commerciante dá a huma filha para o filho d'outro Commerciante, he de trinta mil cruzados em dinheiro álem dos lucros, ou partes que lhe dá em Navios, rendimentos de Quintas &. Os grandes dotes são de oitenta até cem mil cruzados, e alguns há, que chegão a trezentos, e ainda a quatrocentos.»

Estes factos fizeram com que os fidalgos residentes no Porto e ainda alguns da provincia do Minho, se deitassem abaixo da opinião de que o commercio era trato villão e indigno da fidalguia. O desapparecimento d'este preconceito foi causa da classe nobre e a classe commercial se misturarem por casamentos, e por tal fórma que pode affoitamente dizer-se que metade do sangue, que corre actualmente nas veias dos mais antigos fidalgos, que residem no Porto, pertence áquelle sangue plebeu, que os seus antepassados reputavam sujo por incuravel villania.

NOTA XIV. PAG. 106.

Foi pouco mais ou menos pelos meados do século XVIII que o *dom e senhoria* principiou a generalisar-se pelas damas da burguezia ou classe média. As fidalgas começaram então a usar da *excellencia*,

Desde essa época principiou tambem a ser cortezia tratar por *senhoria* os fidalgos; a *mercê* ficou pertencendo exclusivamente aos burguezes. Aos versados na leitura dos nossos poetas satyricos d'aquella época não será difficil conhecer isto. Sobre todos dá completas e preciosas informaçoens ácerca d'este ponto dos costumes do seculo passado o celebre poeta Paulino Cabral, abbade de Jazente.

Com estas explicaçoens e á vista das differentes classes, a que pertence cada um dos personagens que figuram n'esta novella, conhecer-se-á de certo a razão da diversidade de tratamentos usados para cada um d'elles.

NOTA XV. PAG. 154

O livro, citado no texto, intitula-se — Medicina lusitana, socorro delfico, aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males; pelo doutor Francisco da Fonseca Henriques, transmontano, natural de Mirandella, medico do augustissimo rei de Portugal D. João v. Obra tripartida. Segunda edição correcta e augmentada pelo seu author. Em Amsterdam 1731.

Este é um dos especimens mais curiosos, que nos legou o seculo passado, do estado em que se achava a medicina em Portugal, antes da reforma da Universidade de Coimbra. É um composto extravagante de absurdos e abusoens plebeas, e ao mesmo tempo dos mais adiantados conhecimentos anatomicos e pathologicos, que a época possuia.

Fonseca Henriques era medico de D. João v. É pois de crêr que fôsse um dos mais abalisados medicos de Lisboa. Pelo seu livro póde portanto formar-se ideia exacta do estado, em que a medicina estava então entre nós. Para o apreciar basta saber que o medico de el-rei trata com a maior seriedade, no seu *Socorro delfico, do quebranto ou mal de olhado, das febres frias* e da razão por que os *filhos uns são mais similhantes aos paes outros ás mães;*

explica o motivo por que algumas mulheres *parem ovos e os chocam como gallinhas;* prova que ha mulheres *que parem trinta e mais filhos de um ventre;* discorre sobre os *sciopodes*, que são *homens de uma só perna com tão grande pé que lhes faz sombra a todo o corpo;* dá a razão porque as *mãos da raposa penduradas do pescoço preservam do quebranto;* explica a relação que ha entre os rins do homem e o signo de Leo, e entre as tibias e o signo de Aquario, e ensina até os remedios para tirar os dentes rem dôr! O compridissimo receituario para este fim termina da maneira seguinte:

«A agua de sal ammoniaco, destillada por alambique de vidro ou vidrado, faz cahir os dentes sem nenhuma dôr: a mesma virtude tem o coral vermelho feito em pó e mettido na cavidade do dente; e o dente de um defunto que morresse de pura velhice, sem doença alguma, tocando com elle o dente que se quer tirar, por que o faz cahir sem violencia, como escreveu Hortemanio e Curvo.»

D'este receituario e dos assumptos acima apontados póde bem deduzir-se o que era a medicina em Portugal no século XVII e principios do XVIII. O Curvo citado pelo doutor Henriques é o famoso João Curvo Semmedo, author de varios tratados de medicina, e entre elles da celebre *Polyanthea medicinal*, e da Atalaya da — vida contra as hostilidades da morte, fortificada e guarnecida com tantos defensores, quantos são os remedios que no decurso de cincoenta e oito annos experimentou João Curvo Semmedo. É uma especie de receituario diccionarisado pelos nomes das molestias. Foi publicado em 1720.

Tanto estes dois livros, como outros muitos escriptos na mesma época, são documentos preciosos para a historia da medicina em Portugal.

NOTA XVI. PAG. 155.

Vid. Nota III.

NOTA XVII, PAG. 370.

Vid. Nota x.

NOTA XVIII. PAG. 466.

Quando o marquez de Pombal foi nomeado ministro por el-rei D. José, era homem quasi pobre; quando sahiu do ministerio possuia uma casa de muitos mil cruzados de renda. Esta circumstancia deu occasião a que os muitos inimigos que o perseguiram, depois que deixou o poder, o accusassem de concussionario e de ladrão das rendas publicas. Esta accusação foi logo desde o principio olhada com despreso, por que ninguem se achava disposto a condemnar um homem que deixára a nação desempenhada e nos cofres do estado setenta e tantos milhoens de cruzados, apesar das avultadas despezas a que o obrigaram acontecimentos extraordinarios, e as grandes reformas, de que sahiu a prosperidade, de que Portugal gosou durante o longo tempo do seu ministerio. O ter sahido do governo millionario quem para elle havia entrado pobre, foi resultado de causas, algumas das quaes não são em verdade caracteristicos da perfeita austeridade de costumes, que lhe attribuem os seus panegyristas, mas que tambem, attendendo-se ao que eram os ministros nos governos despoticos, e aos grandes serviços prestados ao paiz pelo talento d'aquelle homem, não merecem a severidade da censura, com que o fulminaram os seus detractores. As razoens d'aquelle augmento extraordinario de fortuna estão cabalmente demonstradas na seguinte passagem do livro de Jacomme Ratton, tão mau pelo estylo e pela linguagem, como precioso considerado como documento para historia financeira e economica da administração de Pombal, e para a historia tambem dos homens, que por qualquer motivo se tornaram notaveis n'aquella época.

Diz nas Recordaçoens § 52 pag. 156:—

«Possuia mais o conde de Oeyras hum arranjo methodico, tanto na destribuição do seu tempo, como nas materias de que se achava encarregado; e foi por effeito d'este arranjo methodico que elle pôde dirigir bem todas as repartiçoens do Estado, a ponto de o fazer prosperar tanto que, apesar da reedificação da cidade, extincção dos Jesuitas, estabelecimentos de innumeraveis fabricas, escholas publicas, reforma dos Estudos, e guerras que occorrerão no seu tempo, deixou, quando sahiu do ministerio, 48 milhoens de cruzados no Erario Régio, e 30, segundo ouvi no cofre das Decimas: riqueza que jámais se tinha ajuntado depois da descoberta das minas. Este espirito methodico se mostra bem no arranjo economico de sua propria casa, a qual confirma o axioma de que quem não sabe bem governar a sua casa, não presta para governar o estado.

«Foi por effeito da sua stricta economia que elle pôde fazer a sua grande casa, e não á custa do Estado, como alguns terão pensado, regulando-se unicamente pelas apparencias. O conde de Oeyras viveu sempre na limitada barraca, de que já fallei, sem fausto, nem apparato. Servindo-se elle e seus irmãos da mesma cosinha. Sua meza, bem que farta, não era delicada, sua cavalharice era mui pouco dispendiosa; ainda nos annos de 1764 a 1766 andava, por Lisboa, na mesma carruagem de jornada em que tinha vindo de Vienna d'Austria. Os criados do seu quarto limitavão-se a hum pretinho, ou criado de libré, talvez lembrado do axioma Francez *Il n'y a point de grand homme pour son valet de chambre*. Teve por guarda roupa muitos annos, hum moço bem nascido chamado de Leithejeb que trouxe comsigo de Vienna; o qual fez depois official de secretaria, e lhe succedeu hum Francez, chamado Blancheville, que tambem servia de receber, e levar recados. A' vista de tão stricta economia não he de admirar que os reditos dos seus ordenados, e de seus dois irmãos, refundidos no casco da casa, que já possuia por herança, e empregados em predios urbanos e rusticos, viessem a produ-

zir a renda annual com que estabeleceu dous morgados; renda que pela sua sahida do ministerio baixou mais de metade; porque os lisongeiros não sustentarão os altos preços, porque arrendavão os predios, ou compravão os productos; caminho assaz trilhado para grangearem os favores do Ministro influente, sem parecer que o querem ganhar, de que produzirei aqui alguns exemplos, como; deixando Sebastião José de Carvalho a sua caza da rua Formoza, para hir viver na barraca da Ajuda, foi a dita casa arrendada por 4:000 cruzados annuaes a huma casa de commercio ingleza, a qual corria debaixo da firma de Purry, Mellish e de Vismes; excessivo aluguel para aquelle tempo; mas que os ditos commerciantes pagavão da mais boa vontade, pela conservação do contracto do Páo-Brazil, que julgo pagavão a 6$000 réis o quintal; e com que adquirirão huma immensa fortuna, que toda sahiu do Reino. O Padre Frei José de Mansilha, procurador Geral da Companhia dos Vinhos do Alto-Douro, comprava por bom preço todos os vinhos da Quinta de Oeyras, como muito necessarios, dizia elle, para lotar os da dita companhia, cuja necessidade acabou com o Ministerio do dono da Quinta. As propriedades urbanas mandadas fazer pelo Conde, ou por seus irmãos, ainda não estavão acabadas, quando os inquilinos, corrião á porfia, para obterem a preferencia, fosse qual fosse o preço. Por outro lado os vendedores lhe largavão os generos por diminutos preços; e nunca se apressavão em obter o pagamento; e se por acaso algum esquecia ao ministro influente, esquecia tambem ao vendedor até que o seu desterro para o Pombal despertou alguns que acudirão logo a pedir-lhe dividas, que promptamente pagou, não obstante ignorar, que taes dividas tivesse contrahido, Ora vender caro, e comprar barato he o meio mais seguro de accumular riqueza. Eis aqui como os ministros, ainda os mais rectos, se não podem livrar nos ardis d'aquelles que só estudão os meios de os enganar.

NOTA XIX. (PAG. 467.

FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA, MINISTRO DA MARINHA. CAUZA DA SUA MORTE.

«Falleceu Francisco Xavier de Mendonça em Villaviçosa, por occasião de ter acompanhado a côrte a huma jornada que alli fizéra; e succedeu poucos dias depois de hum disgraçado successo que occorreu; e vem a ser, que recolhendo-se El Rei da coutada para o palacio, hum rustico lhe atirou uma paulada, que roçando pelas costas do Monarcha, se foi descarregar na anca do cavallo; e mettendo alguem da comitiva a espingarda á cara para matar o rustico, gritou El-Rei, com a sua grande presença de espirito *Tenhão mão! Não matem este homem que é doudo! Bastará pollo em segurança para que não faça outra.* O que com effeito assim se executou; e não se ouvio mais fallar em tal acontecimento; mas divulgou-se, que este homem tinha huma pretenção por decidir, havia tempos; e que naquella manhã ou na vespera, tinha fallado descomedidamente a Francisco Xavier de Mendonça no seu negocio; e que este ministro lhe respondera. *Que queres tu que eu faça? A decisão não depende de mim, depende de El-Rei. Elle não te despacha; vai-lhe dar com um páo!* Isto para explicar ao rustico onde estava a difficuldade do seu despacho; e não para pôr em pratica tal conselho. Porem como o rustico não entendia sentidos figurados, foi pôr em execução as palavras que sahirão da boca do Ministro, o que custou a vida ao dito Ministro; porque em poucos dias morreu de paixão; deixando aqui um memoravel exemplo para que os Ministros de Estado sejão claros, graves, e não jocosos nas respostas que dão aos requerentes, que os procurão.

«Foi este Ministro muito activo na sua repartição; mui poucos erão os dias que faltava na Ribeira das náos; e no seu tempo se construiram muitas em-

barcações de guerra, tanto em Lisboa, como no Brazil. Estabeleceu huma casa de correcção na Ribeira das náos, com o nome de casa da estopa, na qual se recolhião, e empregavão as mulheres de má vida; mas esta não foi a unica utilidade deste estabelecimento; teve de mais a mais a virtude de affugentar os espiritos malignos dos corpos das possessas; porque logo que alli se recolheram algumas por ordem de Francisco Xavier de Mendonça, ficarão livres todas as vexadas de Lisboa; e parece que depois desta época nunca mais os demonios se apoderarão dos corpos dos habitantes d'aquella capital.»

Jacome Ratt. Recordaçoens § 53. pag. 502.

466

HW 3AAW H